

F A C U L D A D E D E L E T R A S

REVISTA DO LABORATÓRIO
DE
FONÉTICA EXPERIMENTAL



VOLUME VIII
ANO DE 1975

U N I V E R S I D A D E D E C O I M B R A

**REVISTA DO LABORATÓRIO
DE FONÉTICA EXPERIMENTAL**

F A C U L D A D E D E L E T R A S

REVISTA DO LABORATÓRIO DE FONÉTICA EXPERIMENTAL



VOLUME VIII
ANO DE 1975

U N I V E R S I D A D E D E C O I M B R A

OBJECTOS VERBAIS E SIGNIFICADO ELOCUCIONAL

TOEMAS E ENTOEMAS

ENTOAÇÃO

(Continuado do vol. VII)

(Obra parcialmente resultante de investigações subsidiadas pelo Instituto de Alta Cultura, Plano Intercalar do Fomento (1966) e III Plano de Fomento (1968 e 1969).

6 — TOEMAS E TEXTOS ELOCUCIONAIS TOEMÁTICOS E ATOEMÁTICOS

6.1 — *Toema*

Quando uma pessoa fala, origina um texto elocucional (2.40). Quanto mais vagarosa e precisamente for proferido, tanto mais distintos serão os decréscimos tensionais das sílabas componentes da sua «apresentação» (1.4; 2.9; 2.10). Destacam-se os decorrentes em sílabas acentuadas ou em sílabas finais — acentuadas ou átonas — de palavras ou de sequências de palavras coarticuladas.

Uma sílaba é, normalmente, um decurso elocucional que se caracteriza articulatoriamente por um acréscimo-decréscimo de «abertura» e de «tensão» e, acusticamente, por um acréscimo-decréscimo de «sonoridade».

Cada decréscimo tensional silábico e diminuição concomitante do grau de abertura motiva um decréscimo de sonoridade, decréscimo esse que origina um *recorte* da apresentação, se não ocorrer no seu final (11.1). Entenda-se por «recorte» um corte incompleto e não uma «segmentação».

Uma variante de realização, rápida e imprecisa, do texto vocabular (2.40) «É DIFÍCIL E PERIGOSO» apresentará uma sequência composta pelas 8 sílabas seguintes:

1	2	3	4	5	6	7	8
ε	di	fi:	sɔt	le	prɛ	yo:	zɔ

Teremos, neste caso, oito decréscimos tensionais que originam os sete recortes silábicos assinalados na fig. 73-1.

Como foi rápida e imprecisa a realização suposta, qualquer dos referidos decréscimos, excepto o final, terá um nível de actuação muito reduzido ou praticamente nulo.

Uma outra variante de realização de nível qualitativo elevado (3.18; 3.19), do mesmo texto vocabular, apresentará uma sequência composta pelas 8 sílabas seguintes:

1	2	3	4	5	6	7	8
ε	di	fi	siz	ɛ	prɛ	yo:	zɔ

Verificamos, como no caso anterior, oito decréscimos tensionais e sete recortes silábicos, mas, desta vez, destaca-se além do último, pelo seu nível de actuação, o terceiro e o sétimo decréscimos, como se assinala na fig. 73-2.

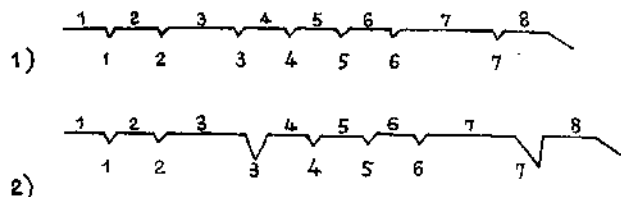


Fig. 73

E, agora, dir-se-á: um decréscimo tensional silábico e simultâneo decurso tonal, constituem uma entidade sonoro-articulatória que se denomina *toema* (1.5-d), a partir do momento em que a tonalidade (3.30) se mantém constante, ascendente ou descendente. Por outras palavras: um decréscimo tensional, silábico, e concomitante subida, descida ou constância de tonalidade, constituem um *toema*.

Diz-se que um toema é *impulsivo*, se é antecedido por um rápido e sensível acréscimo de tensão, que se distingue como um *ímpeto tensional* (6.7).

Um decréscimo tensional silábico é experimentado por um ouvinte não só por acção do decréscimo de sonoridade que motiva, mas também mediante a descaracterização qualitativa (3.23) que simultaneamente provoca.

Uma descaracterização qualitativa pode ser manifestada de modo muito sensível por uma vogal acentuada, sobretudo se essa vogal for aberta e a sua articulação se modificar durante o seu decurso, no sentido da posição exigida pela consoante que se lhe segue, como em /PASTA/ /, ou no sentido de uma posição de inactividade se a vogal referida constituir como em /FARÁ/ / (1.7), o som final da «apresentação».

Uma vogal final é articulável de modo a apresentar constância ou progressão qualitativa (3.23) e decréscimo tensional simultâneo. É o que se verifica em alguns comportamentos expressivos que traduzem «incompletude apresentativa» apesar de serem tensionalmente decrescentes (2.11).

Considerando a constituição da entidade sonoro-articulatória que se denominou «toema», é natural julgar-se que um texto elocucional tem tantos toemas quantas as sílabas que manifesta. Assim é, quando todas as sílabas manifestadas pelo texto apresentam um decréscimo tensional sensível.

Um decréscimo tensional manifestado por uma sílaba não coarticulada com uma sílaba seguinte, só excepcionalmente não é sensível ao ouvinte. Mas decréscimos tensionais de sílabas coarticuladas com sílabas seguintes, podem actuar, ou não, sobre ele, o que torna admissível uma distinção entre *toemas actuates* e *toemas inactuates*. Estabelece-se essa distinção e observa-se:

- é frequentemente actuate o toema de uma sílaba acentuada não-final; seja, por exemplo, a 1.^a sílaba de /DÁDIVA/.
- é normalmente actuate o toema da sílaba final — átona ou acentuada — de uma palavra não coarticulada com uma palavra seguinte. Servem, respectivamente, como exemplos, a sílaba final de /DÁDIVA/ e a sílaba final de /CANAPÉ/.
- são, geralmente, inactuates os toemas de sílabas não acentuadas, coarticuladas com uma sílaba seguinte. Servem, respectivamente, como exemplos, a 2.^a sílaba de /DÁDIVA/ e qualquer das sílabas átonas de /CANAPÉ/.

Outras concretizações: — a sequência 1 da fig. 73 assinala um só decréscimo tensional silábico componente de um toema actuate, o manifestado pela sílaba final.

Os restantes decréscimos tensionais representados figuraram em toemas inactuates. Correspondem-lhes os recortes 1,2,3,4,5,6,7,

- a sequência 2 da fig. 73 assinala 3 decréscimos tensionais silábicos componentes de 3 toemas actuates. Correspondem-lhes os recortes 3, 7, e a oblíqua final.

Os restantes decréscimos tensionais representados figuraram em 5 toemas inactuates. Correspondem-lhes os recortes 1,2,4,5,6.

Comenta-se: — a sílaba 8 foi coarticulada com a sílaba 7, anterior, mas não o foi com uma sílaba seguinte. Só excepcionalmente o seu decréscimo tensional não constituiria um toema actuate.

— a sílaba 7 não é final mas foi acentuada, constituindo um toema actuate o seu decréscimo tensional e a sua tonalidade concomitante. Está no mesmo caso a sílaba 3.

— nenhuma das 5 sílabas que apresentou um toema inactuate foi acentuada, e qualquer delas foi coarticulada com a sílaba seguinte.

A rematar este parágrafo, nota-se que o número de toemas — actuates e inactuates — de um texto elocucional pode ser maior do que o seu número

de sílabas. Ocorrem sílabas que apresentam um só toema ou uma sequência de dois toemas (6.3; 6.8; 6.39) conforme o seu condicionamento expressivo.

Sílabas com dois toemas são sílabas deformadas que apresentam dois decréscimos tensionais e um acréscimo, consequente, intercalar (6.7). Para se exprimir, apresentativamente, ou se valorizam ou se deformam estruturas vocabulares.

6.2 — *Toema e contoema*

Os aspectos apresentativos-auditivos (3.4) que um toema necessariamente manifesta, além dos aspectos tensional e tonal (3.5) que o definem, constituem o seu *contoema*.

São qualitativos (3.6) os aspectos apresentativos-auditivos de um contoema. O seu decurso qualitativo (3.23) quando regressivo no seu final, valoriza o aspecto de «completitude apresentativa» (2.11) conferido por um toema ao texto elocucional que delimita.

6.3 — *Toemas fundamentais e toemas secundários*

Um toema, manifestado por uma palavra, ou por uma interjeição, ou por qualquer outra apresentação, traduz «completitude apresentativa» (2.11), se marcar o seu final de modo a conferir-lhe um aspecto conclusivo ou inconclusivo, segundo o comportamento da sua tonalidade.

Um toema que actue de forma a demarcar, conclusiva ou inconclusivamente, a apresentação que o manifesta, classifica-se como *fundamental*.

Observe-se, agora, que um vocábulo monossilábico — “HÁ” ou “FÁ” ou “FAZ” — pode ser realizado de forma que a sílaba única que constitui a palavra resultante manifeste dois decréscimos tensionais, e, consequentemente, dois toemas. O último é um *toema fundamental* e o anterior é um *toema secundário*. Este particulariza a palavra que o revela, mas como ocorre em posição não-final, não a demarca conclusiva ou inconclusivamente.

Um vocábulo dissilábico, por exemplo «CASA», pode ser realizado de modo que a última sílaba da palavra resultante, manifeste um toema. Este será fundamental, visto demarcar, conclusiva ou inconclusivamente, a respectiva apresentação.

O referido dissílabo pode ser realizado de maneira a ocorrer um toema em cada uma das duas sílabas da palavra resultante, e, neste caso, o primeiro toema é secundário e o segundo é fundamental.

6.4 — *Actuação delimitativa-expressiva de um toema fundamental*

Um toema fundamental actua delimitativamente no plano sonoro-articulatório e exprime uma «modalidade de compreensão» no plano elocucional.

É delimitativo no plano sonoro-articulatório porque assinala o final de uma apresentação; exprime uma modalidade de compreensão no plano elocucional porque traduz pelo modo como delimita, se a apresentação foi motivada por um acto de compreensão concluído, ou por um acto de compreensão não concluído (2.3).

6.5 — *Palavras toemáticas e palavras atoeemáticas*

Palavras isoladas ou palavras finais de sequências de palavras coarticuladas são, normalmente, toemáticas, apresentando um ou mais toemas. Se apresentam um só toema, este é fundamental, e, sendo assim, manifestam um decréscimo tensional a partir do seu início ou a partir de um momento posterior ao seu início, com a consequente redução do grau de sonoridade.

Verifica-se um toema fundamental a partir do momento em que se iniciou o decréscimo tensional, se a tonalidade foi constante, ascendente ou descendente, a partir do referido momento.

Se a tonalidade foi constante, ascendente ou descendente, a partir de um momento posterior ao início do decréscimo tensional, é só a partir do referido momento que decorre um toema.

Admitamos que I, perante determinada interrogação de I', respondeu ≠VOU≠ e que depois de uma breve pausa, acrescentou ≠VOU JÁ LÁ≠.

Comenta-se: é muito provável, quase certo, que a primeira realização do vocábulo vou, bem como a realização do vocábulo LÁ, tenha manifestado um toema (fundamental).

Note-se que a palavra resultante da primeira realização do vocábulo vou, não foi coarticulada fonicamente (4.9) com qualquer outra, e que a palavra resultante de uma realização do vocábulo LÁ, se bem que tenha sido coarticulada com a palavra ≠JÁ≠, ocorreu em posição final.

Palavras isoladas e palavras em posição final, interrogativamente actuan-tes e exprimindo grande ansiedade, ou actuando informativamente com uma expressão de certeza irrefutável, manifestam, não raramente, um acréscimo tensional acelerado, final, em nível elevado, que as distingue como atoe-máticas (11.29).

Palavras coarticuladas com outras, em posição não final, tanto podem ser toemáticas como atoemáticas. Voltando a considerar a resposta de I, diremos que a segunda realização do vocábulo VOU, assim como a realização do vocábulo JÁ, pode ter manifestado ou não, um toema (secundário).

6.6 — *Interjeições toemáticas e interjeições atoemáticas*

A tradução configurativa dos comportamentos auditivamente discriminados, de determinada variante de realização da vogal «a» (5.12 — Magnetograma 4-2), foi a que seguidamente se reproduz (fig. 74):

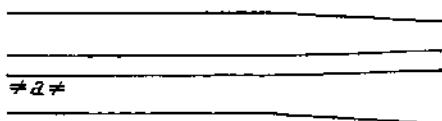


Fig. 74

Se a referida variante actuar como interjeição, esta será toemática, visto ter manifestado um trecho final tensionalmente decrescente.

A tradução configurativa dos comportamentos auditivamente discriminados de uma outra variante de realização da vogal «a» (5.12 — Magnetograma 12-1) foi a que seguidamente se reproduz (fig. 75):

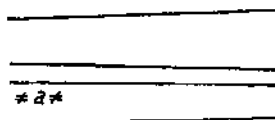


Fig. 75

Se a referida variante actuar como interjeição, esta será atoemática pelo facto de não ter manifestado um decréscimo tensional, final.

O decurso tensional final de uma apresentação toemática é sempre decrescente, exprimindo «completitude», ao passo que o decurso tensional final de uma apresentação atoemática é constante ou crescente, exprimindo, em qualquer dos casos, «incompletitude».

Interjeições toemáticas — mono ou politoemáticas — são muito mais frequentes do que as atoemáticas.

6.7 — Sequências de toemas e trechos atoemáticos transicionais

Dois ou mais toemas, sucessivamente ocorrentes, formam uma sequência de toemas.

Toemas sucessivos são mais ou menos próximos, mas nunca são contíguos. Entre cada toema de uma sequência de toemas e o próximo, ocorre um *trecho atoemático transicional* ou *intercalar* que manifesta um acréscimo tensional. Se este acréscimo se distingue como um «impeto tensional» (6.1), o toema decorrente a partir do seu cume, qualifica-se de «impulsivo».

Um toema impulsivo é um toema tensionalmente valorizado ou tensionalmente enfático. A valorização de um toema pode ser tonal, temporal, tonal-temporal, etc.

6.8 — Sequências primaciais de toemas

Sequências formadas por um toema fundamental antecedido de um ou de mais do que um toema secundário não pretónico, ocorrente na mesma palavra, distinguem-se, expressivamente, como *primaciais*. Apontam-se as seguintes:

- a) Um toema secundário precede um toema fundamental no decurso de uma palavra monossilábica:

Determinada palavra monossilábica, $\neq \text{HÁ} \neq$, pode manifestar um toema secundário e um toema fundamental conforme a notação $\frac{\neq \text{HÁ} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$ indica.

Verifica-se uma sequência primacial de toemas segundo o exposto na alínea a).

Observe-se que o toema secundário e o toema fundamental ocorrem, necessariamente, na mesma sílaba.

- b) Um toema secundário, não-pretónico, precede um toema fundamental no decurso de uma palavra polissilábica:

Determinada palavra aguda, $\neq \text{FAROL} \neq$, pode manifestar um toema secundário e um toema fundamental conforme o representado pela notação $\frac{\neq \text{FAROL} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$. Verifica-se uma sequência primacial de toemas

segundo o exposto na alínea b). Como a palavra é aguda, o toema secundário e o fundamental ocorrem, necessariamente, na mesma sílaba, como no caso anterior.

A sequência de toemas poderia ter correspondido à notação $\frac{\neq \text{F A R O L} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$,

mas neste caso o toema secundário seria pretónico. Teríamos uma sequência de toemas não classificável como primacial.

Considerando a ocorrência que a notação $\frac{\neq \text{F A R O L} \neq}{\text{Ts. Ts. Tf.}}$ traduz,

verificamos um toema secundário pretónico e uma sequência constituída por um toema secundário e um toema fundamental decorrentes na última sílaba.

Determinada palavra grave, $\neq \text{CASA} \neq$, pode apresentar um toema secundário e um toema fundamental conforme o representado pela notação $\frac{\neq \text{C A S A} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$. Ocorre uma sequência primacial de toemas. Observamos que o toema secundário é manifestado por uma sílaba anterior, contígua à que apresenta o toema fundamental.

Determinada palavra esdrúxula, $\neq \text{FÁBRICA} \neq$, manifestou, além de um toema fundamental, um toema secundário na antepenúltima sílaba, ou seja na sílaba estruturalmente acentuada (2.24). Correspondeu-lhe a notação $\frac{\neq \text{F Á B R I C A} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$.

Verificou-se uma sequência primacial de toemas. Observa-se que o toema secundário ocorreu numa sílaba anterior, não contígua à que apresentou o toema fundamental.

c) Dois toemas secundários, não pretónicos, precedem um toema fundamental no decurso de uma palavra polissilábica:

Admitindo que a notação correspondente a determinada palavra esdrúxula, $\neq \text{FÁBRICA} \neq$, foi $\frac{\neq \text{F Á B R I C A} \neq}{\text{Ts. Ts. Tf.}}$, ocorreu uma sequência primacial de toemas segundo o exposto na alínea c). O primeiro toema secundário teve lugar na sílaba tónica, isto é, na sílaba estruturalmente acentuada, e o segundo ocorreu numa sílaba anterior e contígua à que apresentou o toema fundamental.

Não podem figurar toemas pretónicos num trissílabo esdrúxulo, mas uma palavra esdrúxula de cinco sílabas como, por exemplo, $\neq \text{ANTIPÁTICO} \neq$, pode apresentar dois toemas secundários antes da sílaba tónica.

6.9 — *Modalidades delimitativas e toemas fundamentais correspondentes*

Considerando o modo como um toema fundamental delimita o final da palavra, ou da interjeição, ou de qualquer outra apresentação que o manifeste, discriminam-se duas «modalidades delimitativas»: a *conclusiva* e a *inconclusiva*. Correspondem-lhes dois toemas fundamentais: um *toema conclusivo* e um *toema inconclusivo*, respectivamente.

6.10 — *Constituição e significado do toema conclusivo*

Definem um toema conclusivo os dois seguintes aspectos fónicos simultaneamente actuates: *decréscimo tensional* e *tonalidade descendente*.

Mediante decréscimo tensional e consequente decréscimo de sonoridade, o toema conclusivo traduz completitude apresentativa (2.11); mediante descida *simultânea* de tonalidade, indica que a completitude assinalada significa uma «compreensão» concluída (2.3).

6.11 — *Constituição e significado do toema inconclusivo*

Definem um toema inconclusivo os dois seguintes aspectos fónicos simultaneamente actuates: *decréscimo tensional* e *não-descida de tonalidade*.

Mediante decréscimo tensional e consequente decréscimo de sonoridade, o toema inconclusivo traduz, como o conclusivo, completitude apresentativa (2.11); mediante não-descida *simultânea* de tonalidade, indica que a completitude assinalada significa uma «compreensão» não-concluída (2.3).

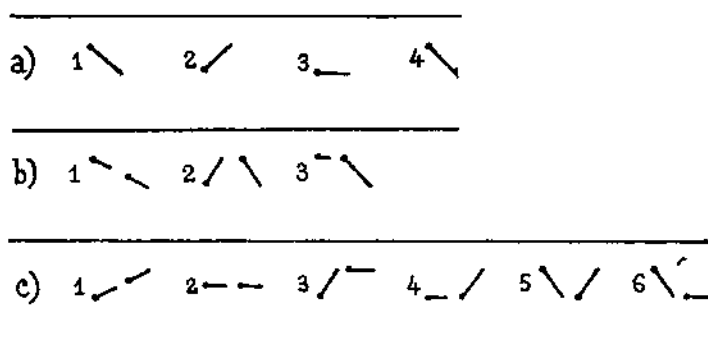
Como uma tonalidade não-descendente pode ser ascendente ou constante, distinguem-se as duas seguintes variantes de constituição do toema inconclusivo:

I decréscimo tensional	II decréscimo tensional
tonalidade ascendente	tonalidade constante

Para designar a primeira e a segunda variante, utilizam-se, respectivamente, as designações «toema inconclusivo ascendente» e «toema inconclusivo constante», ou, mais precisamente: «toema inconclusivo de tonalidade ascendente» e «toema inconclusivo de tonalidade constante».

6.12 — *Variantes de realização do toema conclusivo*

Distribuem-se as variantes de realização do toema conclusivo em dois grupos: conclusivas não-finalizantes e conclusivas finalizantes. Estas apresentam um aspecto de completitude finalizante (2.12) que as distingue das não-finalizantes.



Quadro I

São aspectos constantes das referidas variantes: decréscimo tensional e tonalidade descendente.

Figuram entre os aspectos variáveis: grau de decréscimo tensional, grau de descida de tonalidade, respectivos níveis de actuação, duração do toema.

O *contoema* da variante não-finalizante é, geralmente, regressivo, ao passo que o da variante finalizante é sempre regressivo.

Um toema conclusivo é gráficamente representado por uma oblíqua descendente como se vê no Quadro I, fig. a)-1. Se o toema é finalizante, a oblíqua é rematada como se vê na fig. a)-4 do quadro mencionado.

6.13 — *Variantes de realização do toema inconclusivo*

Uma tonalidade não descendente pode ser ascendente ou constante, distribuindo-se, conseqüentemente, as variantes de realização do toema inconclusivo, em dois grupos: variantes inconclusivas de tonalidade ascendente e variantes inconclusivas de tonalidade constante.

São aspectos constantes das referidas variantes: decréscimo tensional e não-descida de tonalidade.

Figuram entre os aspectos variáveis: grau de decréscimo tensional, grau de subida, ou de constância, de tonalidade, respectivos níveis de actuação, duração do toema.

O contoema (6.2) pode ser regressivo ou progressivo.

Um toema inconclusivo do tipo ascendente é gráficamente representado por uma oblíqua ascendente — Quadro I, a)-2 — e o de tipo constante por uma horizontal como se mostra na fig. a)-3 do mesmo quadro.

6.14 — *Variantes de sequências primaciais ditoemáticas e tritoemáticas conclusivas*

Como o toema secundário de uma sequência ditoemática pode ser de tonalidade descendente, ascendente, ou constante, distinguem-se as 3 sequências representadas pelas figuras 1, 2 e 3, da série b) do Quadro I.

Correspondem-lhes as seguintes designações:

- 1 — conclusiva cumulativa (descendente-descendente);
- 2 — » ascendente-descendente;
- 3 — » constante-descendente.

Observando que o toema fundamental é, ou não, finalizante (6.1), deduz-se: qualquer das sequências enunciadas pode apresentar, ou não, o aspecto de completitude correspondente.

Qualquer dos dois toemas secundários de uma sequência primacial tritoemática pode ser de tonalidade descendente, ascendente, ou constante. São, consequentemente, discrimináveis muitos tipos de variante.

São tritoemáticas conclusivas as 4 sequências representadas pelas figuras 1, 2, 3 e 4, da série a) do Quadro II.

6.15 — *Variantes de sequências primaciais ditoemáticas e tritoemáticas inconclusivas*

Distinguem-se as 6 sequências representadas pelas figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6, da série c) do Quadro I.

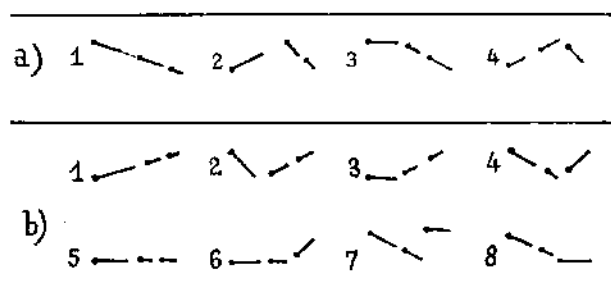
Correspondem-lhes as seguintes designações:

- 1 — inconclusiva cumulativa ascendente (ascendente-ascendente);
- 2 — » » constante (constante-constante);

- 3 — inconclusiva ascendente-constante;
- 4 — » constante-ascendente;
- 5 — » descendente-ascendente;
- 6 — » descendente-constante.

Como um toema inconclusivo pode ser de tipo ascendente ou de tipo constante, são muito numerosas as variantes de seqüências primaciais tritoemáticas inconclusivas.

São tritoemáticas inconclusivas as seqüências representadas pelas figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 da série b) do Quadro II.



Quadro II

6.16 — Representações de toemas e de seqüências de toemas

As representações que figuram nos quadros I e II, resultaram de uma simplificação de um sistema de simbolização anteriormente utilizado que implicava a tradução do decurso tensional e a do decurso tonal.

Como o decurso tensional de qualquer toema é sempre decrescente, simplificou-se a simbolização eliminando a sua representação. Assim, por exemplo, em vez de duas oblíquas descendentes, paralelas, passou a simbolizar decréscimo tensional e tonalidade descendente concomitante, ou seja um toema conclusivo, uma só oblíqua, como mostra a figura 1 da série a) do Quadro I.

Elucida-se: — o ponto que antecede o segmento representativo de qualquer toema, salienta o seu começo. Duplicação do referido ponto, como mais tarde se verá, assinala que o toema é impulsivo (6.1.).

— o espaço em branco que figura entre o final do segmento representativo de um toema e o ponto que antecede o segmento representativo de um toema seguinte, numa seqüência, assinala o respectivo trecho atoemático transicional (6.7), ou intercalar.

— o decurso da tonalidade de um trecho atoemático, transicional ou não-transicional, é representado, quando discriminável e interessa representá-lo, por uma linha pontuada ou tracejada, como se vê na fig. 76 (7.1).

6.17 — *Trecho toemático e trecho atoemático*

Quando um toema decorre durante uma parte do texto elocucional considerado (2.40), e não durante todo ele, constitui com o seu contoema (6.2) um *trecho toemático*. É *atoemático* qualquer trecho do referido texto elocucional que não apresente um toema.

Supondo que o texto elocucional considerado foi $\neq \text{LOGO} \neq$, e que a referida palavra apresentou um só toema que decorreu desde o princípio da sua última sílaba até ao seu final, dir-se-á: constituiu um trecho toemático do texto considerado a sua última sílaba; constituiu um trecho atoemático do mesmo texto, a sua sílaba inicial.

Qualquer texto vocabular polissilábico é frequentemente realizado de modo a originar um texto elocucional com um ou mais trechos toemáticos e um ou mais trechos atoemáticos.

Como o toema manifestado por um trecho toemático pode ser fundamental ou secundário, distingue-se, respectivamente, entre «trecho toemático fundamental» e «trecho toemático secundário».

6.18 — *Texto elocucional toemático e texto elocucional atoemático*

É toemático um texto elocucional — elocucional-vocabular, interjeccional ou onomatopaico (2.40) — que manifeste um ou mais toemas. É mono-toemático no primeiro caso e politoemático no segundo.

Classifica-se como atoemático, um texto elocucional que não apresente nenhum toema actuante (6.1).

6.19 — *Palavras mono-alofónicas que manifestam um toema fundamental*

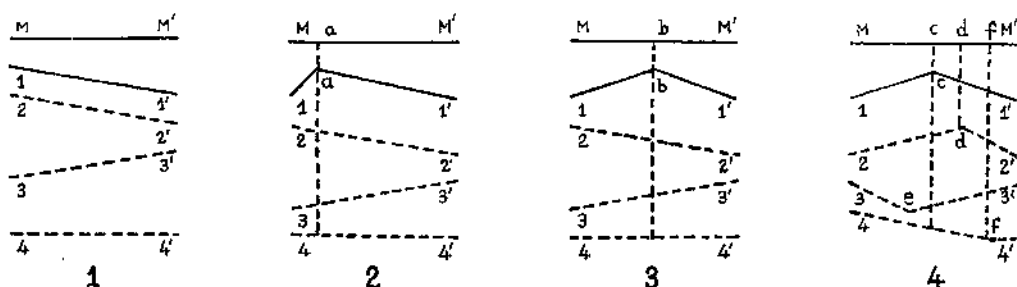
O segmento M-M' da fig. 1 do Quadro III, representa o decurso elocucional de uma palavra mono-alofónica, seja, por exemplo, o de $\neq \text{HÁ} \neq$ ou o de $\neq \text{É} \neq$ ou o de qualquer outra (1.7).

A oblíqua 1-1' traduz decréscimo tensional contínuo, e a oblíqua 2-2' indica descida contínua de tonalidade.

Os momentos marcados por M, por 1 e por 2, são sincrónicos, o que permite deduzir que a palavra foi totalmente toemática (6.5). A vogal proferida manifestou um toema a partir do seu início.

O toema manifestado foi conclusivo. Corresponde-lhe o símbolo 1 da série a) do Quadro I. Teria sido inconclusivo se o comportamento da tonalidade tivesse sido o representado pela oblíqua 3-3', ou pela horizontal 4-4'. E, como correspondentes, teríamos os símbolos 2 e 3, respectivamente, da série a) do quadro mencionado.

Admitindo que o comportamento tensional de uma nova palavra resultante da uma realização do vocábulo «HÁ» ou do vocábulo «É» ou de qualquer outro vocábulo monofonémico (2.18) foi o representado pela linha quebrada 1- α -1', da fig. 2 do Quadro III, e que o comportamento da tonali-



Quadro III

dade foi o assinalado pela oblíqua 2-2', teremos um trecho atoemático (6.17) M- α , durante o qual houve um acréscimo de tensão e descida de tonalidade. Se esta tivesse sido ascendente, como a oblíqua 3-3' assinala, ou tivesse sido constante, como a horizontal 4-4' indica, ter-se-ia verificado o mesmo trecho atoemático M- α . Resultaria um trecho atoemático M- b , como se vê na fig. 3, mais longo do que M- α , representado na fig. 2, se o decréscimo tensional tivesse o seu início num momento b , posterior ao momento α .

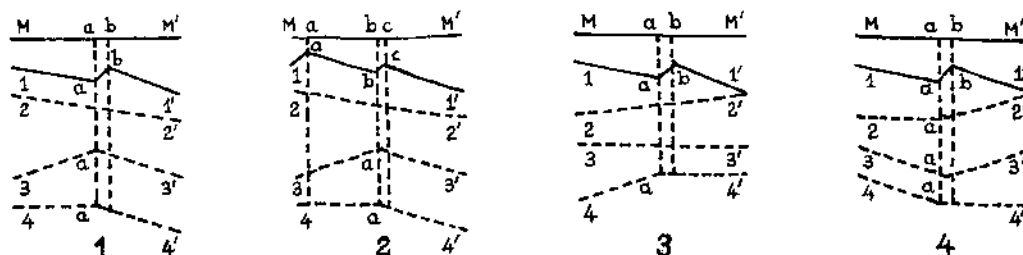
Considerando as variantes de realização que a fig. 4 traduz, e observando que o comportamento tensional foi igual ao representado na fig. 3, diz-se: o trecho toemático é d -M', se o comportamento da tonalidade for o indicado pela linha quebrada 2- d -2'; se for o representado pela linha quebrada 3- e -3', é c -M'. O trecho toemático é f -M' se o comportamento da tonalidade for o assinalado pela linha quebrada 4- f -4'. Por sua vez, o trecho atoemático será, respectivamente, M- d , M- c , e M- f .

Dissemos, anteriormente (6.5), que se a tonalidade for constante, ascendente ou descendente, a partir de um momento posterior ao início do decrés-

cimo tensional, é só a partir do referido momento que decorre o toema. Tendo presente esta afirmação, imposta pela definição de toema (6.1), poderá facilmente verificar-se: o toema correspondente ao trecho *c-M'* foi inconclusivo de tipo ascendente; o correspondente ao trecho *d-M'* foi conclusivo. Foi inconclusivo de tipo constante, o correspondente ao trecho *f-M'*.

6.20 — *Palavras mono-alofônicas que manifestam uma sequência, conclusiva, de toemas*

O segmento *M-M'* da fig. 1 do Quadro IV, representa o decurso elocucional de uma nova realização do vocábulo «HÁ» ou do vocábulo «É» ou de qualquer outro que origine uma palavra mono-alofônica.



Quadro IV

A linha quebrada *1-a-b-1'* traduz dois decréscimos tensionais e um acréscimo de tensão, intercalar, *a-b* (6.7). Se o comportamento da tonalidade for o indicado pela oblíqua *2-2'*, verifica-se uma sequência primacial ditoemática que se classifica como conclusiva cumulativa (6.14). Corresponde-lhe o símbolo 1 da série b) do Quadro I. Supondo que o decurso da tonalidade foi o indicado por *3-a-3'*, a sequência será conclusiva de tipo ascendente-descendente, correspondendo-lhe o símbolo 2 da série b) do quadro referido.

A sequência resultante será conclusiva, de tipo constante-descendente, se o comportamento da tonalidade for o assinalado por *4-a-4'*. Simbologização: b)-3 do Quadro I.

O decurso *M-M'* apresenta um trecho toemático *M-a*, correspondente ao toema secundário, e um trecho toemático *b-M'*, correspondente ao toema fundamental. Constitui um «trecho atoemático transicional» o segmento intercalar *a-b*.

Passando a considerar as realizações ditoemáticas expressas na fig. 2 do Quadro IV, cujo decurso tensional é o representado pela linha quebrada 1-a-b-c-1', observa-se: o decurso elocucional M-M', quer o comportamento da sua tonalidade seja o representado por 2-2', ou por 3-a-3', ou por 4-a-4', apresenta um «trecho atoemático inicial» M-a, e um «trecho atoemático transicional» b-c.

6.21 — *Palavras mono-alofônicas que manifestam uma sequência, inconclusiva, de toemas*

Encontram-se representados na fig. 3 do Quadro IV, um comportamento tensional (1-a-b-1') e um comportamento da tonalidade (2-2') de cuja actuação simultânea resulta uma sequência primacial, inconclusiva, cumulativa, de tipo ascendente. Simbolização: c)-1 do Quadro I.

Resulta uma sequência inconclusiva, cumulativa, de tipo constante, se o comportamento da tonalidade for o indicado pela horizontal 3-3'. Se for o assinalado pela linha quebrada 4-a-4', teremos uma sequência inconclusiva de tipo ascendente-constante. Símbolos correspondentes: 1, 2 e 3, respectivamente, da série c) do Quadro I.

Um comportamento tensional como o que a linha quebrada 1-a-b-1' da fig. 4 do Quadro IV, traduz, e um comportamento da tonalidade como o indicado pela oblíqua 2-a-2' da mesma figura, originam uma sequência inconclusiva de tipo constante-ascendente. Simbolização: c)-4 do Quadro I.

Se o comportamento da tonalidade for o expresso pela linha quebrada 3-a-3', teremos uma sequência inconclusiva de tipo descendente-ascendente. Simbolização: c)-5 do Quadro I.

Resulta uma sequência inconclusiva de tipo descendente-constante se o comportamento da tonalidade for o representado pela linha quebrada 4-a-4'. Simbolização: c)-6 do Quadro I.

6.22 — *Particularização do toema fundamental de uma sequência de dois toemas, originada pelo comportamento tonal do trecho atoemático transicional*

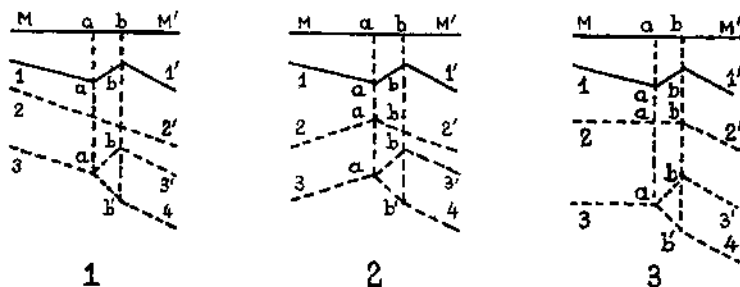
Um trecho atoemático transicional (6.7) (de tensão crescente) ocorrente entre um toema fundamental e um toema secundário que o precede, pode apresentar uma variação de nível tonal no sentido ascendente ou descendente,

de magnitude suficiente para particularizar o toema conclusivo ou inconclusivo da sequência.

Quando o nível tonal final do toema secundário se mantém durante o trecho atoemático transicional, ou não é sensível a sua variação, o toema fundamental não se destaca, tonalmente, do secundário, no seu início. Se, pelo contrário, o referido nível tonal varia sensivelmente, o toema fundamental destaca-se no seu início, do final do toema secundário que o antecede, como mais agudo ou como mais grave. Tem lugar o que designamos por «contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental».

6.23 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência conclusiva cumulativa*

O segmento M-M' da fig. 1 do Quadro V, traduz um decurso elocucional que apresenta:



Quadro V

- um trecho toemático inicial, ocorrente entre o momento M e o momento a;
- um trecho toemático final que decorre entre os momentos b e M';
- um trecho atoemático transicional (6.7) que vai de a até b.

Se o comportamento da tonalidade for o representado pela obliqua 2-2', não se fará sentir um destaque tonal do toema fundamental. Este destacar-se-á, porém, no seu início, do toema secundário que o precede, como mais agudo, se o decurso da tonalidade for o indicado pela linha 3-a-b-3', e como mais grave, se o comportamento tonal for o representado pela linha 3-a-b'-4.

São representações gráficas das três variantes consideradas as figuras 1, 2 e 3 do Quadro VIII. Representam, sucessivamente:

- uma sequência conclusiva, cumulativa, sem destaque tonal inicial do toema fundamental.

— uma sequência conclusiva, cumulativa, com destaque tonal agudo do toema fundamental.

— uma sequência conclusiva, cumulativa, com destaque tonal grave do toema fundamental.

6.24 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência conclusiva de tipo ascendente-descendente*

Uma realização ditoemática como a representada pela fig. 2 do Quadro V, manifesta subida tonal durante o trecho M-a do decurso elocucional M-M'.

Admitindo que o comportamento da tonalidade é o representado pela linha quebrada 2-a-2', não se destacará tonalmente o toema fundamental, no seu início, do final do toema secundário.

Se ocorre variação sensível do grau de aclave, o que é indicado pela linha 3-a-b-3' da figura 2 do Quadro V, ou do grau de declive, como a linha 3-a-b'-4 traduz, durante o trecho atoemático a-b, resulta, respectivamente, destaque tonal agudo, ou destaque tonal grave do toema fundamental no seu início.

As figuras 4, 5 e 6 do Quadro VIII, são representações gráficas das três variantes referidas.

6.25 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência conclusiva de tipo constante-descendente*

Um decurso elocucional como o representado pela figura 3 do Quadro V, manifesta constância tonal do toema secundário. Se o comportamento da tonalidade for o indicado pela linha 2-a-b-2', observa-se, também, constância tonal durante o trecho atoemático a-b. O toema fundamental não se destaca tonalmente, no seu início, do final do toema secundário. Distinguir-se-á, porém, como agudo ou como grave, se o comportamento da tonalidade for, respectivamente, o assinalado pela linha 3-a-b-3' ou o representado pela linha 3-a-b'-4.

Representam, graficamente, as três variantes consideradas, as figuras 7, 8 e 9 do Quadro VIII (6.31).

6.26 — *Variantes de realização de uma sequência
ditoemática conclusiva*

As variantes representadas no Quadro VIII são distribuíveis do seguinte modo: três variantes cumulativas — figs. 1, 2, 3 — e seis variantes não-cumulativas. Estas são redistribuíveis nos dois subgrupos que se apontam:

- 3 variantes do tipo ascendente-descendente — figs. 4, 5, 6;
- 3 variantes do tipo constante-descendente — figs. 7, 8, 9.

Relativamente ao Quadro VIII, observe-se:

- a fig. 1 representa uma sequência conclusiva, cumulativa, não particularizada por contraste de nível tonal do toema fundamental. Pode representar qualquer das três variantes discriminadas, de uma sequência conclusiva, cumulativa — figs. 1, 2, 3 —, no caso de não interessar assinalar se a variante é, ou não, particularizada pelo referido contraste;
- a fig. 4 representa uma sequência conclusiva, não-cumulativa, de tipo ascendente-descendente, não particularizada por contraste de nível tonal do toema fundamental. Pode representar qualquer das três variantes discriminadas, de uma sequência conclusiva, não-cumulativa, de tipo ascendente-descendente — figs. 4, 5, 6 — desde que não interesse assinalar se a variante é, ou não, particularizada pelo referido contraste;
- a fig. 7 representa uma sequência conclusiva, não-cumulativa, de tipo constante-descendente, não particularizada por contraste de nível tonal do toema fundamental. Pode representar qualquer das três variantes componentes do respectivo grupo — figs. 7, 8, 9 —, no caso de não interessar assinalar se a variante é, ou não, particularizada pelo referido contraste.

6.27 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema
fundamental de uma sequência inconclusiva
cumulativa de tipo ascendente*

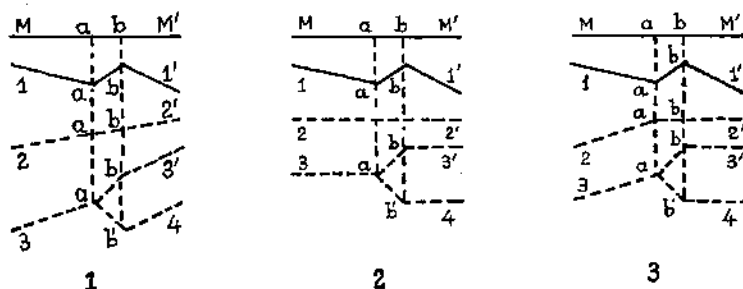
Da conjugação do comportamento tensional que a fig. 1 do Quadro VI traduz, com o comportamento da tonalidade expresso pela oblíqua 2-2' da mesma figura, resulta um toema fundamental que não se destaca, tonalmente, no seu início, do final do toema antecedente. Durante o trecho atoe-mático *a-b*, o nível tonal não sobe suficientemente para motivar o destaque. Ainda que o grau de aclave seja grande, admite-se que seja insuficiente a distância temporal entre o momento *a* e o momento *b* para que se distinga a particularidade considerada.

Se o comportamento da tonalidade for o representado pela linha 3-a-b-3', resultará um destaque inicial agudo do toema fundamental. O destaque será grave se o decurso da tonalidade for o assinalado pela linha 3-a-b'-4.

Representam, gráficamente, as três variantes examinadas, as figuras 1, 2 e 3, do Quadro IX (6.33).

6.28 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva, cumulativa, de tipo constante*

Da actuação conjunta de um comportamento tensional como a fig. 2 do Quadro VI traduz, e de um decurso da tonalidade como o expresso pela



Quadro VI

horizontal 2-2' da mesma figura, resulta um toema fundamental sem contraste de nível tonal inicial.

Se o comportamento tonal for o expresso por 3-a-b-3', ou por 3-a-b'-4, ocorre uma sequência inconclusiva cumulativa cujo toema fundamental se distingue do secundário como agudo no primeiro caso, e como grave, no segundo.

As figuras 4, 5 e 6 do Quadro IX, simbolizam as 3 variantes consideradas.

6.29 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo ascendente-constante*

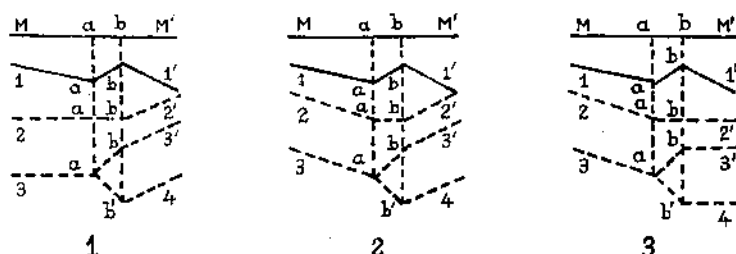
Da conjugação do comportamento tensional que a fig. 3 do Quadro VI representa, com o comportamento tonal expresso por 2-a-2', resulta uma sequência inconclusiva de tipo ascendente-constante, sem contraste de nível tonal do toema fundamental.

Da actuação do referido comportamento tensional e do comportamento tonal expresso por $3-a-b-3'$, resulta um toema fundamental que se destaca do secundário, como agudo. Destacar-se-á como grave se o comportamento da tonalidade for o representado por $3-a-b'-4$.

As figuras 7, 8 e 9 do Quadro IX, simbolizam as 3 variantes consideradas.

6.30 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo constante-ascendente*

O comportamento tensional representado na fig. 1 do Quadro VII, conjuntamente com o decurso tonal que a linha quebrada $2-b-2'$ traduz,



Quadro VII

origina uma sequência primacial, inconclusiva, de tipo constante-ascendente, sem contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental. Assim não sucede se o comportamento tonal for o expresso por $3-a-b-3'$ ou o expresso por $3-a-b'-4$. O toema fundamental distinguir-se-á, respectivamente, do secundário, como agudo ou como grave.

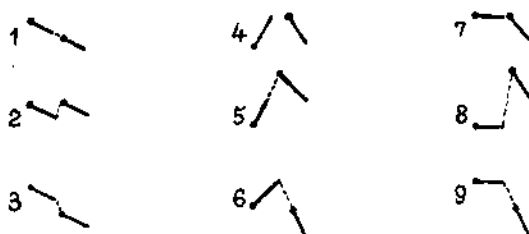
Simbolizam as três variantes consideradas as figuras 10, 11 e 12 do Quadro IX.

6.31 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo descendente-ascendente*

Da conjugação do comportamento tensional que a fig. 2 do quadro VII traduz, com o comportamento tonal expresso por $2-a-b-2'$, resulta uma sequência primacial, inconclusiva, de tipo descendente-ascendente sem contraste de nível tonal (inicial) do toema fundamental.

Se o comportamento tonal for o expresso por $3-a-b-3'$, ou por $3-a-b'-4$, ocorre um toema fundamental que se destaca do secundário que o antecede, respectivamente, como agudo ou como grave.

As figs. 13, 14 e 15 do Quadro IX, simbolizam as 3 variantes referidas.



Quadro VIII

6.32 — *Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo descendente-constante*

Da actuação conjunta de um comportamento tensional como o indicado na fig. 3 do Quadro VII, e de um decurso tonal como o representado na mesma figura pela linha quebrada $1-a-2'$, resulta uma sequência inconclusiva de tipo descendente-constante, sem mudança sensível de nível tonal, do toema secundário para o fundamental. Este destacar-se-á no seu início, como agudo ou como grave, se o comportamento tonal for, respectivamente, o expresso por $3-a-b-3'$, ou o indicado por $3-a-b'-4$.

As figs. 16, 17 e 18, do Quadro IX, representam as 3 variantes examinadas.

6.33 — *Variantes de realização de uma sequência ditoemática, inconclusiva*

As variantes representadas no Quadro IX, todas inconclusivas, são distribuíveis em 2 grupos:

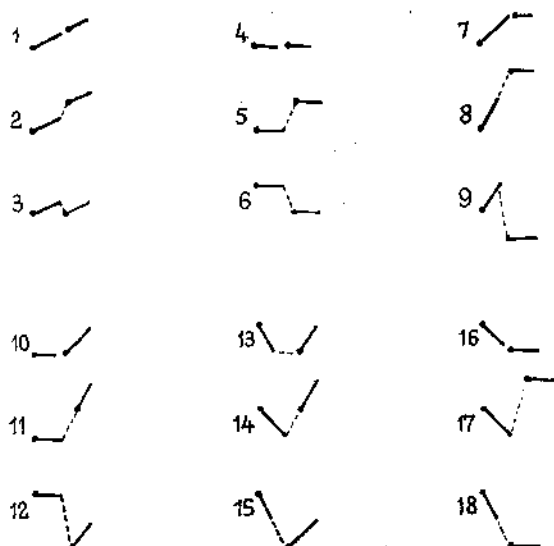
Grupo 1 — seis variantes cumulativas redistribuíveis em 2 subgrupos:

- a) 3 variantes cumulativas de tipo ascendente (1,2 e 3);
- b) 3 » » » » constante (4,5 e 6).

A fig. 1 do Quadro IX, representa a variante cumulativa inconclusiva de tipo ascendente, sem contraste de nível tonal inicial do toema fundamental.

Simboliza qualquer das 3 variantes do subgrupo *a)* se não interessar pormenorizar se a variante manifesta, ou não, o referido contraste.

A fig. 4 do quadro mencionado, representa a variante cumulativa inconclusiva de tipo constante, sem contraste de nível tonal inicial do toema fundamental. Simboliza qualquer das 3 variantes do subgrupo *b)* se não interessar pormenorizar se a variante manifesta, ou não, o referido contraste.



Quadro IX

Grupo 2—doze variantes não-cumulativas, redistribuíveis em 4 subgrupos:

- c)* 3 variantes não-cumulativas de tipo ascendente-constante (7, 8 e 9);
- d)* 3 variantes não-cumulativas de tipo constante-ascendente (10, 11 e 12);
- e)* 3 variantes não-cumulativas de tipo descendente-ascendente (13, 14 e 15);
- f)* 3 variantes não-cumulativas de tipo descendente-constante (16, 17 e 18).

Qualquer destes subgrupos apresenta uma variante não particularizada por contraste de nível tonal inicial do toema fundamental. As figs. 7, 10, 13 e 16 do Quadro IX, representam as 4 variantes não particularizadas, podendo cada uma delas simbolizar qualquer das três variantes do respectivo subgrupo, se não interessar distinguir entre variantes particularizadas e variantes não particularizadas pelo referido contraste.

6.34 — *Acento toemático e Acento atoemático*

Diz-se que um «acento estrutural», ou um «acento expressivo» (2.24), ou um «acento estrutural-expressivo» (2.25) é toemático, se a sílaba por ele valorizada manifesta um toema ou uma sequência de toemas. Se a referida sílaba não apresenta nenhum toema (actuante) classifica-se o acento como atoemático.

É toemático o acento estrutural da palavra $\frac{\neq \text{F A R O L} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$, porque a sílaba por esse acento valorizada, ou seja a última, manifesta — a notação o indica — um toema.

É também toemático o acento expressivo da referida palavra. Segundo a notação, é um toema (secundário) que acentua, expressivamente, a primeira sílaba.

6.35 — *Acento toemático fundamental e Acento toemático secundário. Acento toemático impulsivo*

É fundamental o acento estrutural toemático da palavra representada pela notação $\frac{\neq \text{F A R O L} \neq}{\text{Ts. Tf.}}$ (6.34), porque é fundamental o toema apresentado pela sílaba que o mencionado acento valoriza.

É secundário o acento expressivo toemático da referida palavra, porque é secundário o toema manifestado pela sílaba que o mencionado acento valoriza.

Um acento toemático, fundamental ou secundário, classifica-se como *impulsivo* se é impulsivo o toema que manifesta (6.1).

6.36 — *Sílabas que não comportam mais do que um toema*

Sílabas não finais, de polissílabos, com acento estrutural toemático, não apresentam mais do que um toema; são monotoemáticas.

Concretiza-se: a primeira sílaba de $\neq \text{CASA} \neq$ será monotoemática se o seu acento estrutural for toemático.

Sílabas não finais, de polissílabos, com acento expressivo toemático, são monotoemáticas.

Concretiza-se: a primeira sílaba de ≠ CAFÉ ≠ será monotoemática, se apresentar um acento expressivo toemático.

Sílabas finais, estruturalmente átonas, de polissílabos, apresentam um só toema, se forem toemáticas.

Concretiza-se: a última sílaba de ≠ CASA ≠ será monotoemática se for toemática.

6.37 — *Sílabas que podem apresentar um só toema ou uma sequência de dois toemas*

Sílabas finais, de polissílabos, com acento estrutural toemático, apresentam um toema ou uma sequência ditoemática.

Concretiza-se: a sílaba final de ≠ CAFÉ ≠ é mono ou ditoemática se for toemática.

Também a sílaba única que constitui um vocábulo monossilábico — «HÁ» / «PÁ» / «PÁS»... — pode ser realizada de modo a manifestar um só toema ou uma sequência de dois toemas.

6.38 — *Sílaba toemática*

Uma sílaba toemática (6.1) manifesta um ou dois toemas. Pode ser total ou parcialmente toemática. Se manifesta um só toema e é parcialmente toemática, apresenta um trecho atoemático que precede o toema; se manifesta dois toemas e é parcialmente toemática, apresenta um trecho atoemático entre os seus dois toemas, e um trecho atoemático antes do primeiro toema, ou, somente, o trecho atoemático transicional (6.7).

Se a sílaba considerada é totalmente toemática, apresenta um toema durante todo o seu decurso. O toema que apresenta pode ser precedido de um trecho atoemático, mas este fará parte de uma sílaba ou de uma sequência silábica anterior.

6.39 — *Sílaba toemática fundamental*

A sílaba única, ou final, de uma palavra isolada, é mono ou ditoemática, e o toema único ou o último toema que manifesta é fundamental (6.3), o que torna a citada sílaba classificável como «toemática fundamental».

Uma sílaba toemática fundamental distingue-se, por sua vez, como conclusiva ou como inconclusiva.

6.40 — *Sílaba toemática impulsiva*

Uma sílaba toemática, secundária ou fundamental (6.39), qualifica-se de *impulsiva* se for impulsivo o toema que manifesta (6.1; 6.7).

O comportamento tensional de um toema impulsivo distingue-se do apresentado por um toema não-impulsivo, por ser antecedido de uma subida de nível tensional (3.13) com uma magnitude de actuação de grau particularmente elevado. Constitui, como se disse (6.7), um *ímpeto tensional*.

A magnitude de actuação de uma variação tensional impulsiva, depende como a de qualquer outra variação tensional, do nível em que decorre a variação, do grau de variação e da sua extensão temporal (3.14).

Sílabas toemáticas impulsivas ocorrem frequentemente na elocução, como importantes elementos de particularização expressiva, quer de realce (8.7), quer sentimental (8.23). Destacam-se, também, como elementos de particularização idiofónica (8.2) e idiofonética (8.3).

7 — ENTOEMAS

1) ENTOEMA E VARIANTES DA SUA REALIZAÇÃO

7.1 — *Entoema*

Um texto elocucional formado por uma palavra ou por uma sequência de duas ou mais palavras, fônica e lexicalmente coarticuladas (4.9), que decorre a partir do momento final de um «período não elocucional» (3.54) // ou de uma «pausa interlocutiva» (3.52) ou «elocutiva» (3.48), até ao momento em que manifesta o final de um toema fundamental (6.3) // ou que decorre entre os momentos finais de dois toemas fundamentais sucessivos (6.7), realizados por um mesmo locutor, constitui uma unidade elocucional que se denomina *entoema*.

Para concretizar o exposto, principia-se por transcrever, ortograficamente, um trecho de diálogo entre dois indivíduos que se designam, como habitualmente, por I e por I':

- 1) I — Vais lá hoje?
- 2) I' — Eu? Vou. Vou lá hoje.
- 3) I — Ora!
- 4) I' — Vou! Sim!

Passando a examinar o referido trecho, mediante a simbolização fonética que se reproduz na fig. 76, observa-se:

- 1 — Momento final de um suposto período não-elocucional (3.54)
- 1-2 — Decurso atoemático de tonalidade constante
- 2-3 — Toema secundário descendente
- 3-4 — Trecho atoemático transicional ascendente
- 4-7 — Sequência primacial inconclusiva, cumulativa, constituída por um toema secundário, ascendente, entre 4 e 5 // um trecho atoemático transicional, ascendente, entre 5 e 6 // um toema fundamental inconclusivo, ascendente, entre 6 e 7
- 7 — Início de uma suposta pausa interlocutiva (3.52)

Verifica-se: o decurso elocucional ocorrente entre os momentos 1 e 7, constituiu um entoema. Foi uma sequência de palavras, fónica e lexicalmente coarticuladas, que decorreu a partir do momento final de um período não-elocucional — assim o admitimos — até ao momento em que manifestou o final de um toema fundamental. Foi inconclusiva a modalidade delimitativa deste toema. Supõe-se que actuou interrogativamente o entoema delimitado.

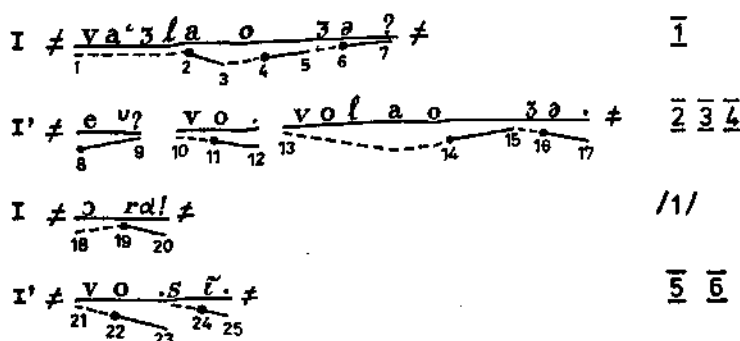


Fig. 76

Corresponde-lhe a notação $\neq \underline{VAIS\ L\grave{A}\ HOJE?} \neq$ (7.5). A continuidade da horizontal que sublinha a simbolização fonética (fig. 76), ou a ortográfica, traduz continuidade elocutiva. O ponto de interrogação indica que o entoema inconclusivo representado actuou interrogativamente. Prossegue-se:

- 8 — Final de uma pausa interlocutiva
- 8-9 — Toema inconclusivo ascendente
- 9 — Início de uma pausa elocutiva

Verifica-se: o decurso 8-9 constituiu um entoema. Foi uma palavra ocorrente entre o momento final de uma pausa interlocutiva e o momento em que manifestou o final de um toema fundamental. Foi inconclusiva a modalidade delimitativa deste toema. Supõe-se que foi interrogativa a actuação do entoema delimitado.

Corresponde-lhe a notação $\neq \underline{EU?} \neq$. Prossegue-se:

- 10 — Final de uma pausa elocutiva
- 10-11 — Trecho atoemático de tonalidade descendente
- 11-12 — Toema conclusivo
- 12 — Início de uma pausa elocutiva

Verifica-se: o decurso 10-12 constituiu um entoema. Foi uma palavra ocorrente a partir do momento final de uma pausa elocutiva até ao momento em que manifestou o final de um toema fundamental. Foi conclusiva a

modalidade delimitativa deste toema. Supõe-se que actuou informativamente o entoema delimitado.

Corresponde-lhe a notação $\neq \overline{\text{VOU}} \neq$. O traço perpendicular assinala que o entoema foi conclusivo; o ponto final traduz que a sua actuação foi informativa. Prossegue-se:

13 — Final de uma pausa elocutiva

13-14 — Decurso atoemático de tonalidade descendente, com terminal ascendente

14-17 — Sequência primacial, conclusiva, constituída por um toema secundário entre 14 e 15 // um trecho atoemático transicional, descendente, entre 15 e 16 // um toema fundamental, conclusivo, entre 16 e 17

17 — Início de uma pausa interlocutiva

Verifica-se: o decurso elocucional ocorrente entre os momentos 13 e 17, constituiu um entoema. Foi uma sequência de palavras coarticuladas, que decorreu a partir do momento final de uma pausa elocutiva, até ao momento em que manifestou o final de um toema fundamental. Foi, como já se disse, conclusiva a modalidade delimitativa deste toema. Supõe-se que actuou informativamente o entoema delimitado.

Corresponde-lhe a notação $\neq \overline{\text{VOU LÁ HOJE}} \neq$. Prossegue-se:

18 — Final de uma pausa interlocutiva

18-19 — Decurso atoemático de tonalidade ascendente

19-20 — Toema conclusivo

20 — Início de uma pausa interlocutiva

Verifica-se: o decurso elocucional ocorrente entre os momentos 18 e 20, não constituiu um entoema. Apresentou um toema fundamental e decorreu a partir do final de uma pausa interlocutiva, mas por determinação do seu contexto verbal não-adjunto anterior (4.20-3), actuou como interjeição e não como palavra. Constituiu uma interjeição toemática (6.6).

Corresponde-lhe a notação $\neq \text{ORA!} \neq$, notação esta que significa, apenas (1.7) determinada apresentação de qualquer interjeição que ortograficamente se transcreva por «Ora!»

21 — Final de uma pausa interlocutiva

21-22 — Decurso atoemático de tonalidade descendente

22-23 — Toema conclusivo

Verifica-se: o decurso da palavra ocorrente entre os momentos 21 e 23, constituiu um entoema. Apresentou um toema fundamental e decorreu a partir do final de uma pausa interlocutiva. Prossegue-se:

23-24 — Trecho atoemático de tonalidade descendente

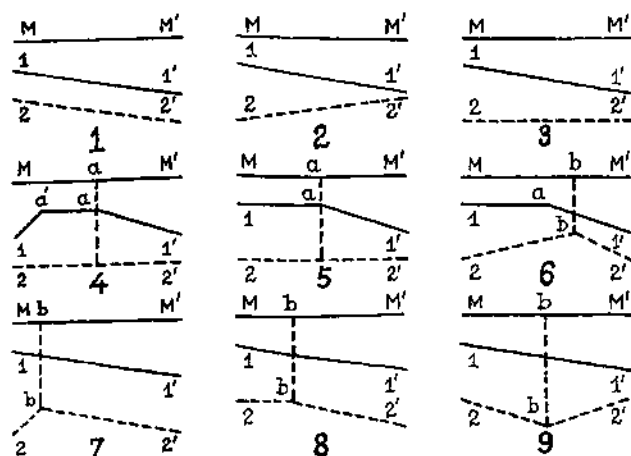
24-25 — Toema conclusivo

Verifica-se: o decurso da palavra ocorrente entre os momentos 23 e 25,

constituiu um entoema. Decorreu entre os momentos finais de dois toemas fundamentais sucessivos.

Como o entoema ocorrente entre os momentos 21 e 23 é contíguo do entoema ocorrente entre os momentos 23 e 25, corresponde-lhe a notação $\neq \overline{\text{VOU! SIM!}} \neq$. A continuidade elocutiva que a notação assinala, não impediu que a primeira palavra manifestasse um toema conclusivo.

Esclarece o conceito de entoema o que vai dizer-se com auxílio das representações gráficas reproduzidas nos Quadros X e XI. Em todas elas,



Quadro X

o segmento M-M' traduz um decurso elocucional antecedido de uma pausa elocutiva ou interlocutiva; em todas elas a linha contínua 1-1' e a linha tracejada 2-2' assinalam, respectivamente, o seu comportamento tensional e o seu comportamento de tonalidade. Supõe-se que o segmento M-M' representa o decurso de uma determinada palavra mono-alofónica. Esta será, por exemplo, $\neq \text{UM} \neq$, ou $\neq \text{É} \neq$, ou $\neq \text{HÁ} \neq$. Passando, agora, a examinar as figuras do Quadro X, observamos:

Fig. 1 — Tensão decrescente e tonalidade descendente desde o momento inicial até ao momento final do decurso.

Da actuação conjunta dos dois referidos comportamentos, resulta um toema conclusivo. A palavra proferida foi totalmente toemática.

Fig. 2 — Tensão decrescente e tonalidade ascendente desde o momento inicial até ao momento final do decurso. Verifica-se a formação de um toema inconclusivo de tipo ascendente.

Como no caso anterior, a palavra foi totalmente toemática.

Fig. 3 — Tensão decrescente e tonalidade de nível constante desde o momento inicial até ao momento final do decurso. Verifica-se a ocorrência de um toema inconclusivo de tonalidade constante.

Ausência de um trecho atoemático, como nos dois casos anteriores.

Qualquer dos decursos elocucionais, representados pelas figuras 1, 2 e 3 do Quadro X, constitui um entoema totalmente toemático. Qualquer desses decursos é uma palavra decorrente a partir do momento final de uma pausa elocutiva, até ao momento em que apresenta o final de um toema fundamental (7.1), toema esse que manifesta desde o seu início. Prossegue-se:

Fig. 4 — Tensão crescente-constante-decrescente e tonalidade constante durante todo o decurso. O comportamento tensional-tonal constitui um toema a partir do momento *a*, momento em que se inicia o decréscimo tensional. Corresponde-lhe o trecho *a-M'*.

Fig. 5 — Tensão constante-decrescente; tonalidade constante, como no caso anterior. Resulta um toema que se inicia no momento *a* do respectivo decurso.

Ainda como no caso anterior, o começo do toema é determinado pelo começo do decréscimo tensional, visto que a tonalidade se mantém constante até final.

Fig. 6 — Tensão constante-decrescente e tonalidade ascendente-descendente. O comportamento tensional-tonal a partir do momento *b*, momento em que principia uma fase final de descida da tonalidade, origina um toema. Corresponde-lhe o trecho *b-M'* do respectivo decurso.

Fig. 7 — Tensão decrescente e tonalidade ascendente-descendente. A partir do momento *b*, actuam, conjuntamente, um decréscimo tensional e uma fase final de descida da tonalidade, originando um toema. Corresponde-lhe o trecho *b-M'* do respectivo decurso.

Fig. 8 — Tensão decrescente, e tonalidade constante até ao momento *b* e descendente a partir dele. Ao toema originado corresponde o trecho *b-M'* do respectivo decurso.

Fig. 9 — Tensão decrescente e tonalidade descendente-ascendente. Ao toema originado corresponde o trecho *b-M'*, do respectivo decurso.

Qualquer dos decursos elocucionais representados pelas figuras 4, 5, 6, 7, 8 e 9, constitui um entoema parcialmente toemático (7.3). Nas realizações correspondentes às figuras 4 e 5, o início do toema é determinado pelo começo do decréscimo tensional, ao passo que nas correspondentes às figuras 6, 7, 8 e 9, é o começo da fase final do comportamento da tonalidade que marca o seu início.

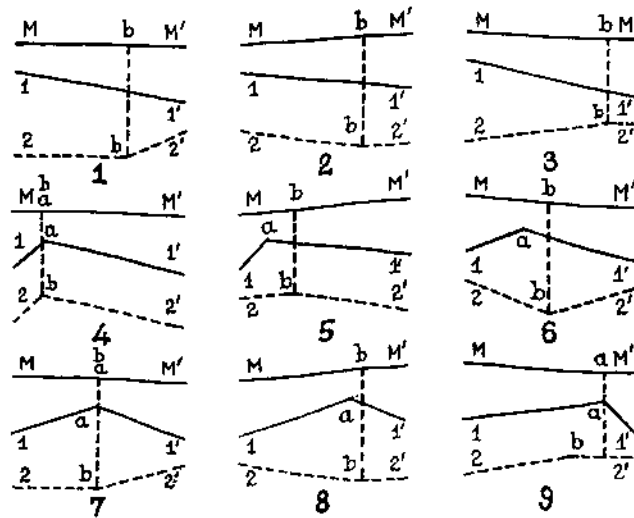
Segue-se o exame das figuras componentes do Quadro XI:

Figs. 1, 2, 3 — Decréscimo tensional durante todo o decurso elocucional, como nos casos correspondentes às figuras 1, 2, 3, do quadro X, mas apresentando, qualquer das realizações, duas zonas tonalmente diferenciadas. Os toemas resultantes iniciam-se no momento em que o decurso da tonalidade muda de sentido.

Figs. 4 e 7 — Os momentos iniciais dos toemas resultantes das realizações correspondentes foram simultaneamente determinados pelos comportamentos tensionais e

tonais. Os momentos *a* e *b*, que marcam, respectivamente, em cada uma das figuras consideradas, o início do decréscimo tensional e o início de uma fase final do comportamento tonal, foram sincrónicos.

Figs. 5, 6, 8 — Os toemas resultantes das realizações correspondentes, iniciaram-se no momento em que o decurso da tonalidade mudou de sentido, momento esse que nos três casos apontados foi posterior ao momento em que mudou de sentido o respectivo decurso tensional.



Quadro XI

Fig. 9 — O toema que manifesta princípio no momento em que o decurso tensional muda de sentido, momento esse que foi, neste caso, posterior ao momento em que mudou de sentido o respectivo decurso tonal.

Confronte-se o «cume tensional final» que esta figura traduz, com o «cume tensional inicial» representado pela figura 4.

7.2 — Momentos delimitativos de um entoema

Do exposto no começo do parágrafo anterior, deduz-se:

- a) Marca o início de um entoema um dos seguintes momentos:
 - 1 — o momento final de um período não-elocucional;
 - 2 — » » » » uma pausa interlocutiva;
 - 3 — » » » » uma pausa elocutiva;
 - 4 — o momento final do primeiro de cada dois toemas fundamentais sucessivos, se não for seguido de pausa ou de um período não elocucional.

Considerando o representado na fig. 76, observa-se:

1 — o momento 1, que marca o início de um entoema, é o momento final de um suposto período não-elocucional.

2 — o momento 8, que marca o início do entoema seguinte, é o momento final de uma pausa interlocutiva. O mesmo se passa com os momentos 18 e 21.

3 — o momento 10, que marca o início de um novo entoema, é o momento final de uma pausa elocutiva. Está no mesmo caso o momento 13.

4 — marca o início do último entoema o momento 23, ou seja o momento final do primeiro de dois toemas sucessivos (não contíguos). O referido toema não é seguido de pausa, nem de um período não-elocucional. Se o fosse, seria o momento final desse período ou dessa pausa o momento inicial do último entoema.

Os toemas respectivamente ocorrentes entre os momentos 8 e 9 e os momentos 10 e 12, são fundamentais sucessivos, mas não são contíguos. O segundo toema é precedido de um trecho atoemático demarcado pelos momentos 10 e 11, e, entre os momentos 9 e 10, tem lugar uma pausa elocutiva. É o momento final desta pausa que marca o início do entoema delimitado pelos momentos 10 e 12.

Além dos 4 casos apontados, deve ainda considerar-se a possibilidade de ocorrência de entoemas inicialmente demarcados pelo momento final de uma apresentação atoemática (6.5; 6.6).

b) Marca o final de um entoema, o momento final do toema fundamental que o delimita conclusiva ou inconclusivamente. É assim marcado o final de qualquer dos entoemas representados na fig. 76.

7.3 — *Entoema monotoemático e Entoema politoemático*

É monotoemático um entoema que não apresenta nenhum toema secundário (6.3). É classificável como politoemático um entoema que manifeste um ou mais toemas secundários.

Entoemas politoemáticos são distribuíveis em ditoemáticos, tritoemáticos, etc., conforme o número de toemas que apresentam.

O trecho de diálogo representado na fig. 76 faculta os seguintes exemplos:

— é	tritoemático	inconclusivo,	o entoema	ocorrente	entre os	momentos	1 e 7
—»	monotoemático	»	»	»	»	»	8 e 9
—»	»	conclusivo	»	»	»	»	10 e 12
—»	ditoemático	»	»	»	»	»	13 e 17
—»	monotoemático	»	»	»	»	»	18 e 20
—»	»	»	»	»	»	»	21 e 23
—»	»	»	»	»	»	»	23 e 25

Entoemas, mono ou politoemáticos, são distribuíveis em conclusivos e inconclusivos, conforme a modalidade delimitativa do seu toema fundamental.

7.4 — *Trechos toemáticos e atoemáticos de entoemas*

Um entoema parcialmente toemático como o representado entre os momentos 1 e 7, na fig. 76, apresenta um «trecho toemático» entre o momento 2 e o momento 3, precedido de um «trecho atoemático inicial» que decorre entre os momentos 1 e 2, e seguido de um «trecho atoemático transicional» que decorre entre os momentos 3 e 4. Entre 4 e 5, e depois entre 6 e 7 ocorrem trechos toemáticos, ao passo que entre os momentos 5 e 6 tem lugar um trecho atoemático transicional.

É, também, parcialmente toemático, o entoema ocorrente entre os momentos 10 e 12, assim como o entoema actuante entre o momento 13 e o momento 17. O primeiro apresenta um trecho atoemático inicial entre os momentos 10 e 11; o segundo apresenta um trecho atoemático inicial entre os momentos 13 e 14, e um «trecho atoemático transicional» entre o momento 15 e o momento 16.

É totalmente toemático o entoema decorrente entre os momentos 8 e 9.

Apresentam um trecho atoemático inicial os entoemas sucessivamente ocorrentes entre os momentos 18 e 20, 21 e 23, 23 e 25.

7.5 — *Notação de um entoema*

Imagina-se e emprega-se este ou aquele tipo de notação, conforme o grau de pormenorização com que se pretende representar o decurso elocucional do entoema considerado.

Notações como $\neq \overline{\text{VOU.}} \neq$, ou como $\neq \overline{\text{EU?}} \neq$, etc., introduzidas no primeiro parágrafo deste capítulo (7.1), assinalam, ortograficamente, o texto vocabular inerente de um determinado entoema, e dizem, gráfica e convencionalmente, se ele é conclusivo ou inconclusivo e se actua informativa ou interrogativamente.

Notações do tipo indicado, mais frequentes, e seu significado:

$\neq \overline{\text{HÁ}} \neq$ determinado entoema conclusivo, informativa ou interrogativamente actuante, cujo texto vocabular inerente seja «HÁ»

$\neq \overline{\text{HÁ.}} \neq$ determinado entoema conclusivo, informativamente actuante, cujo texto vocabular inerente seja «HÁ»

$\neq \overline{\text{HÁ?}} \neq$ determinado entoema conclusivo, interrogativamente actuante, cujo texto vocabular inerente seja «HÁ»

$\neq \overline{\text{HÁ}} \neq$ determinado entoema inconclusivo, informativa ou interrogativamente actuante, cujo texto vocabular inerente seja «HÁ»

$\neq \overline{\text{HÁ}} \neq$ determinado entoema inconclusivo, informativamente actuante, cujo texto voca-
bular inerente seja «HÁ»

$\neq \overline{\text{HÁ}}? \neq$ determinado entoema inconclusivo, interrogativamente actuante, cujo texto
vocabular inerente seja «HÁ»

Se o texto vocacular inerente é interrogativo, interessam duas notações: — a que traduz que o entoema é conclusivo e a que traduz que o entoema é inconclusivo. A modalidade comunicativa de qualquer deles é sempre interrogativa. Servem como exemplos as duas notações que se seguem:

$\neq \overline{\text{QUEM}} \neq$ determinado entoema conclusivo, cujo texto vocacular inerente, interrogati-
vamente actuante, seja «QUEM»

$\neq \overline{\text{QUEM}}? \neq$ determinado entoema inconclusivo cujo texto vocacular inerente, interrogati-
vamente actuante, seja «QUEM»

Convém fixar que segundo a convenção estabelecida, uma notação antecedida e seguida do sinal $\neq$, representa *um determinado* entoema, apresentativamente diverso de qualquer outro, como sucede com qualquer texto elocucional. Admite-se, sòmente, a possibilidade de actuação de um ou mais do que um outro entoema auditivamente equivalente.

Quando antecedida e seguida do sinal //, a notação representa *qualquer* entoema cujo texto vocacular inerente seja o que nela se transcreve, e cujas modalidades delimitativa e comunicativa sejam as que simboliza.

Se interessa assinalar que a modalidade delimitativa do entoema considerado pode ser conclusiva ou inconclusiva, ocorrem notações como as que seguidamente se traduzem:

// $\overline{\text{HÁ}}$ // qualquer entoema conclusivo ou inconclusivo, informativa ou interrogativamente
actuante, cujo texto vocacular inerente seja «HÁ»

// $\overline{\text{HÁ}}$ // qualquer entoema conclusivo ou inconclusivo, informativamente actuante, cujo
texto vocacular inerente seja «HÁ»

// $\overline{\text{HÁ}}?$ // qualquer entoema conclusivo ou inconclusivo, interrogativamente actuante, cujo
texto vocacular inerente seja «HÁ»

// $\overline{\text{QUEM}}$ // qualquer entoema conclusivo ou inconclusivo, cujo texto vocacular inerente,
interrogativamente actuante, seja «QUEM»

Considera-se, ainda, mas separadamente:

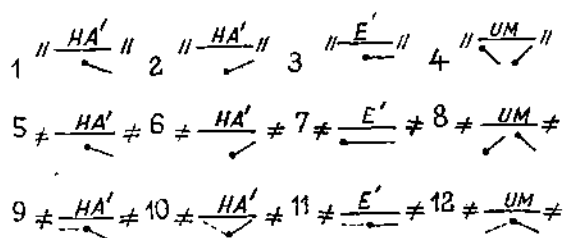
// $\overline{\text{QUEM}}?$ // qualquer entoema inconclusivo cujo texto vocacular inerente, interrogativamente
actuante, seja «QUEM».

Esta última notação considera-se separadamente das quatro anteriores por representar um entoema que só pode ser inconclusivo. Note-se que é vocacular e expressivamente interrogativo.

Um outro tipo de notação é o verificado na fig. 76. Transcreveu-se foneticamente o texto elocucional examinado e representaram-se gráfica e convencionalmente, toemas e sequências toemáticas ocorrentes, assim como os trechos atoemáticos manifestados. Esquemmatizou-se a representação do comportamento tonal dos trechos toemáticos ou atoemáticos.

7.6 — *Notações de entoemas com um reduzido grau de pormenorização do seu comportamento tonal*

Figuram no quadro XII, doze notações com um reduzido grau de pormenorização do comportamento tonal, que significam, respectivamente:



Quadro XII

- 1 — Qualquer entoema conclusivo cujo texto vocabular (t.v.) seja «HÁ»
- 2 — » » inconclusivo de tipo ascendente cujo t.v. seja «HÁ»
- 3 — » » » » constante » » » «É»
- 4 — » » » ditoemático, desc.-asc. » » » «UM»
- 5 — Determinado entoema conclusivo cujo texto vocabular (t.v.) é «HÁ»
- 6 — » » inconclusivo de tipo ascendente cujo t.v. é «HÁ»
- 7 — » » » » constante » » » «É»
- 8 — » » conclusivo ditoemático, asc.-desc. » » » «UM»
- 9 — » » » com um trecho atoemático de tonalidade constante e cujo texto vocabular (inerente) é «HÁ»
- 10 — Determinado entoema inconclusivo com um trecho atoemático de tonalidade descendente e cujo texto vocabular é «HÁ»
- 11 — Determinado entoema inconclusivo com um trecho atoemático de tonalidade constante e cujo texto vocabular é «É»
- 12 — Determinado entoema conclusivo com um trecho atoemático de tonalidade ascendente e cujo texto vocabular é «UM»

O segmento horizontal sotoposto à transcrição ortográfica (ou fonética) do texto, simboliza o decurso do entoema.

O começo de um toema é indicado pelo ponto que inicia o segmento de recta que o simboliza (6.15; 6.16).

A notação 7 indica que é totalmente toemático o entoema representado.

As notações 4 e 8 assinalam entoemas ditoemáticos sem qualquer trecho atoemático além do transicional.

Todas as outras notações representam entoemas parcialmente toemáticos, mas só as designadas pelos números 9, 10, 11 e 12, traduzem o decurso de tonalidade do trecho atoemático.

II) ENTOEMAS MONO E POLI-ALOFÓNICOS, MONOSSILÁBICOS, MONOVOCABULARES

7.7 — *Entoema mono-alofónico monotoemático*

Qualquer palavra mono-alofónica — //HÁ//, //É//, //UM// — que manifeste durante todo o seu decurso, ou na sua parte final, um decréscimo tensional, constitui um entoema mono-alofónico monotoemático.

Todos os entoemas representados no Quadro XII são mono-alofónicos mas nem todos são monotoemáticos.

7.8 — *Comportamento qualitativo do entoema mono-alofónico monotoemático*

Na discriminação do comportamento qualitativo de um entoema mono-alofónico, monotoemático, distinguem-se dois casos: a) entoema totalmente toemático; b) entoema parcialmente toemático.

a) — O segmento M-M' da coluna 1 do quadro XIII representa o decurso do entoema. O seu nível tensional — segmento 1-1' — baixou desde o início até final.

Considerando várias realizações do vocábulo «é» — seja este o exemplo — com um decurso tensional como o representado, admitamos um comportamento tonal descendente (2-2'), ou ascendente (3-3'), ou constante (4-4'). Em qualquer dos casos o entoema foi totalmente toemático.

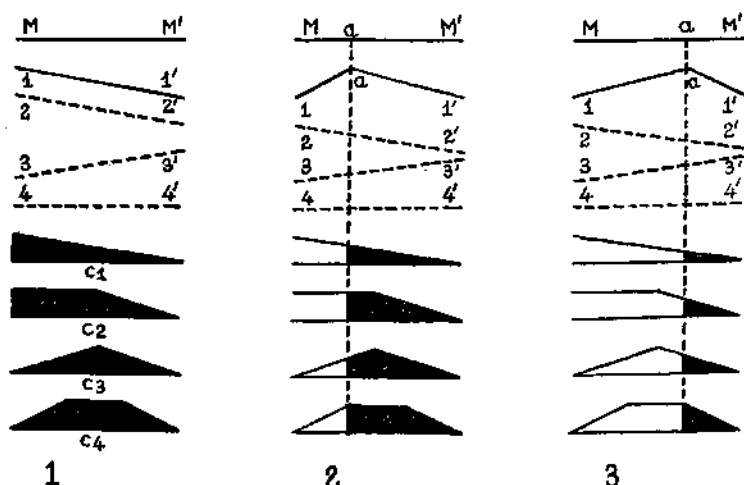
Apontam-se como normais os seguintes comportamentos qualitativos do entoema considerado: regressivo / constante-regressivo / progressivo-regressivo / progressivo-constante-regressivo (3.6; 3.23; 3.28).

Aos 4 referidos comportamentos qualitativos, correspondem, respectivamente, as configurações C1, C2, C3 e C4. Qualquer deles pode ocorrer com qualquer dos três comportamentos tonais representados.

b) — O segmento M-M' da coluna 2 do quadro XIII representa o decurso do entoema. O seu nível tensional — 1-a-1' — subiu a partir do início do entoema até ao momento a, e baixou a partir desse momento até ao momento final 1', originando um trecho atoemático M-a e um trecho toemático a-M'.

O comportamento qualitativo do entoema pode ser, como no caso anterior, C1, C2, C3 ou C4, quer o comportamento tonal seja descendente, ascendente ou constante.

Nas configurações da coluna 2 foram, também, demarcados a negro, os comportamentos qualitativos do trecho toemático.



Quadro XIII

Observe-se que o trecho toemático assinalado por qualquer das configurações da coluna 3 do quadro mencionado, só abrange o «terminal» do entoema.

7.9 — Entoema mono-alofónico ditoemático

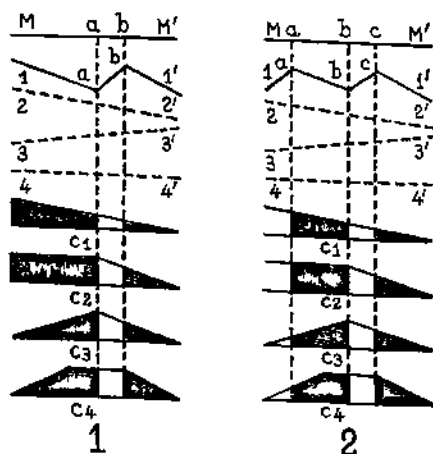
Uma palavra mono-alofónica, por exemplo $\neq \acute{e} \neq$ que manifeste dois decréscimos tensionais, constitui um entoema mono-alofónico, ditoemático. Pode apresentar, ou não, um trecho atoemático inicial.

7.10 — Comportamento qualitativo do entoema mono-alofónico ditoemático

Distinguem-se dois casos: a) Sem trecho atoemático inicial; b) Com trecho atoemático inicial.

a) O segmento M-M' da coluna 1 do quadro XIV representa o decurso de um entoema mono-alofónico, ditoemático, sem trecho atoemático inicial. Apresenta dois decréscimos tensionais, 1-a e b-1', e um acréscimo tensional intercalar a-b.

Considerando várias realizações do vocábulo «é» — seja, novamente, este o exemplo — com um decurso tensional como o representado, admitamos um comportamento tonal descendente (2-2'), ou ascendente (3-3'), ou constante (4-4'). Em qualquer das variantes, verifica-se um toema secundário a que corresponde o trecho M-a, um toema fundamental a que corresponde o trecho b-M', e um trecho atoemático transicional a-b.



Quadro XIV

As 4 simbolizações configurativas C1, C2, C3 e C4 da coluna 1, traduzem 4 modalidades de comportamento qualitativo, de tonalidade constante.

Conjugando, sucessivamente, C1, C2, C3 e C4, com o decurso tensional assinalado por 1-a-b-1', originam-se, respectivamente, os seguintes comportamentos qualitativos do primeiro e do segundo toema:

C1 — 1. toema :	regressivo	2. toema :	regressivo
C2 — » » :	constante	» » :	»
C3 — » » :	progressivo	» » :	»
C4 — » » :	progressivo-constante	» » :	»

Os comportamentos qualitativos dos dois toemas considerados seriam, possivelmente, análogos, se a tonalidade tivesse sido sempre ascendente ou descendente, em vez de constante.

b) O segmento M-M' da coluna 2 do quadro XIV, representa o decurso de um entoema mono-alofônico, ditoemático, com trecho atoemático inicial, 1-a, e trecho atoemático intercalar, b-c.

Apresenta dois decréscimos tensionais — a-b e c-1' —, um acréscimo inicial — 1-a — e um acréscimo intercalar b-c.

Interessa notar que o entoema permaneceria ditoemático com trecho atoemático inicial e trecho atoemático intercalar, substituindo qualquer dos dois acréscimos tensionais, ou ambos eles, por constância tensional.

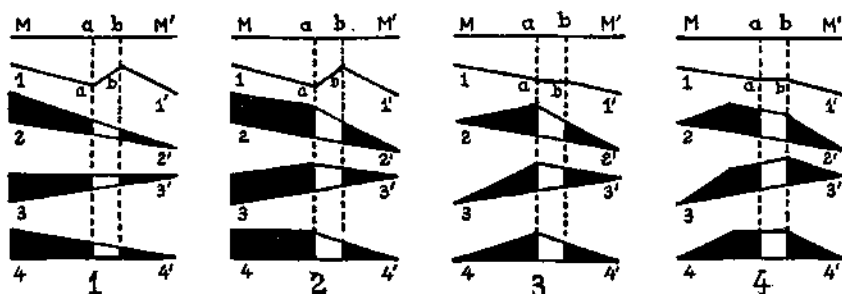
Considerando várias realizações de uma apresentação mono-alofônica, com um decurso tensional como o representado, admitamos um comportamento tonal descen-

dente (2-2'), ou ascendente (3-3'), ou constante (4-4'). Em qualquer dos casos, o entoema apresentou um toema secundário a que corresponde *a-b*, e um toema fundamental a que corresponde *c-M'*.

As 4 simbolizações configurativas — C1, C2, C3 e C4 — da coluna 2, traduzem 4 modalidades de comportamento qualitativo de tonalidade constante.

Conjugando, sucessivamente, C1, C2, C3 e C4, com o decurso tensional assinalado por *1-a-b-1'*, originam-se, respectivamente, comportamentos qualitativos do toema secundário e do toema fundamental, semelhantes aos configurativamente transcritos na coluna 1.

Como no caso anterior, os comportamentos qualitativos dos dois toemas considerados seriam, possivelmente, análogos, se a tonalidade tivesse sido sempre ascendente, ou descendente, em vez de constante.



Quadro XV

Os quadros XV e XVI assinalam decursos de um entoema mono-alofônico ditoemático, sem trecho e com trecho atoemático inicial, respectivamente, além de um trecho atoemático transicional. Mas a subida, descida ou constância de nível da tonalidade do decurso, é representada pelo perfil inferior (3.57) da conformação tonal-qualitativa, e não mediante uma linha (tracejada) complementar, como sucede no tipo de tradução utilizado nos quadros XIII e XIV.

Algumas concretizações segundo o Quadro XV:

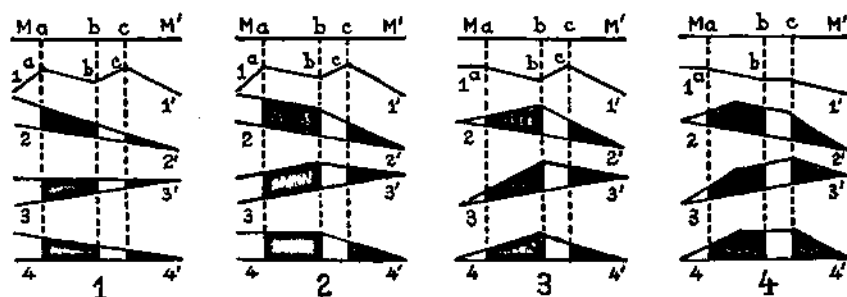
— o comportamento tensional do decurso de qualquer dos entoemas correspondentes às simbolizações da coluna 1, é o representado pela linha *1-a-b-1'*;

— a tonalidade que a figura 2-2' traduz em qualquer das 4 colunas, é descendente. É ascendente se a figura for marcada por 3-3' e é constante se for marcada por 4-4';

— o comportamento qualitativo assinalado por qualquer das figuras da coluna 1, é regressivo. É constante-regressivo o da coluna 2, progressivo-regressivo o da coluna 3, e progressivo-constante-regressivo, o da coluna 4.

Segundo o Quadro XVI:

— o comportamento tensional do decurso de qualquer dos entoemas correspondentes às simbolizações da coluna 1, é o representado pela linha 1-a-b-c-1'. Tudo o mais se processa como no Quadro XV.



Quadro XVI

7.11 — *O comportamento qualitativo final de um entoema mono-alofónico é, normalmente, regressivo*

Distinguem-se dois casos: a) O entoema é constituído por uma vogal oral; b) O entoema é constituído por uma vogal nasal.

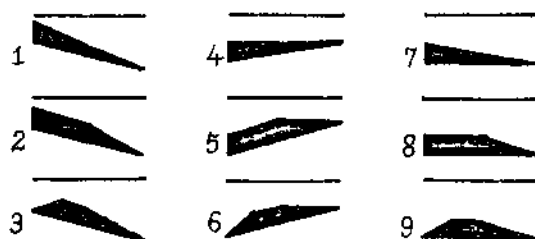
a) Uma vogal oral como, por exemplo, a de //HÁ// ou a de //Ê// (1.7) pode apresentar tensão decrescente e qualidade constante, ou tensão decrescente e qualidade progressiva até um momento mais ou menos próximo do momento final do seu decurso, mediante uma variação do ressoador oro-faríngeo de que resulte a referida constância ou progressão, apesar da descida de nível tensional do sopro fónico vozeado. Todavia, antes de ser atingido o momento final do decurso vocálico, ocorrerá um terminal regressivo, por muito breve que seja, se a vogal for normalmente realizada. O final de uma articulação terá de ser momentâneo para que não resulte um terminal regressivo. Sucede, normalmente, que uma vogal não é articulada com um final momentâneo se a sua tensão for decrescente.

b) Uma vogal nasal, como, por exemplo, a de //UM//, realizado com tensão decrescente reduz-se a um sopro fónico nasal vozeado (3.26) a partir de um momento mais ou menos distante do final do seu decurso. Verifica-se uma descaracterização qualitativa que constitui um final regressivo do tipo nasal.

Deduz-se do exposto em a) e b), que a qualidade final do toema fundamental de um entoema mono-alofónico é, normalmente, regressiva.

7.12 — *Representações de comportamentos tonais-qualitativos de entoemas*

Assinalam-se, configurativamente, no Quadro XVII, comportamentos tonais-qualitativos de entoemas mono-alofônicos, monotoemáticos, sem trecho atoemático inicial.



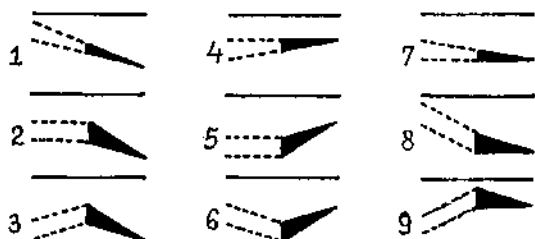
Quadro XVII

São regressivos os comportamentos 1, 4 e 7. A sua tonalidade, é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante.

São constantes-regressivos os comportamentos 2, 5 e 8. A sua tonalidade é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante.

São progressivos-constantes-regressivos os comportamentos 3, 6 e 9. A sua tonalidade é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante.

Assinalam-se, configurativamente, no Quadro XVIII, comportamentos tonais-qualitativos de entoemas mono-alofônicos, monotoemáticos, com trecho atoemático inicial.



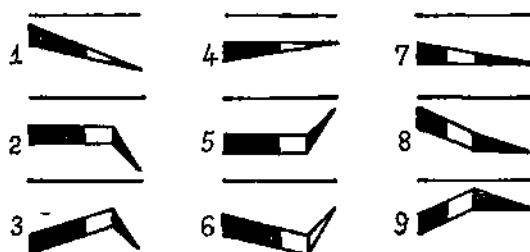
Quadro XVIII

São regressivos os comportamentos 1, 4 e 7, tanto do trecho toemático como do atoemático. A sua tonalidade é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante.

São regressivos os trechos toemáticos dos comportamentos restantes. A sua tonalidade é, respectivamente, descendente, ascendente e constante, tanto na série 2,5,8 como na série 3,6,9.

São qualitativamente constantes os trechos atoemáticos dos referidos comportamentos. A sua tonalidade é, respectivamente, constante, constante, descendente, em 2,5,8, e ascendente, descendente, ascendente, em 3,6,9.

Assinalam-se, configurativamente, no Quadro XIX, comportamentos tonais-qualitativos de entoemas mono-alofónicos, ditoemáticos, com trecho atoemático transicional.



Quadro XIX

Cada uma das configurações da série 1, 4, 7, do quadro mencionado assinala um toema fundamental e um toema secundário regressivos. A tonalidade de qualquer dos dois toemas é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante.

Cada uma das configurações da série 2, 5, 8, assinala um toema fundamental regressivo e um toema secundário qualitativamente constante. A tonalidade do toema fundamental é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante, ao passo que a tonalidade do toema secundário é, respectivamente, constante, constante, e descendente.

Cada uma das configurações da série 3, 6, 9, assinala um toema fundamental regressivo e um toema secundário qualitativamente constante. A tonalidade do toema fundamental é, respectivamente, descendente, ascendente, e constante. A tonalidade do toema secundário é respectivamente, ascendente, descendente, e ascendente.

7.13 — Realização de um entoema monossilábico, poli-alofónico, monotoemático

A forma de realização de um monossílabo poli-alofónico depende dos sons que o constituem. Interessa examinar os diversos tipos de monossílabo que seguidamente se apresentam:

D) Tipo CV

a) A consoante é áfona, como em // PÁ // PĀ // PĀ // SÉ // SIM // FIM //

O toema é manifestado pela vogal, podendo esta ser total ou parcialmente toemática. Se a vogal é nasal, o toema pode ser só manifestado pelo seu vozeamento nasal (7.11).

Uma consoante áfona, se é oclusiva não pode manifestar um decurso. Se é fricativa, o seu decurso, em posição inicial, só excepcionalmente é suficientemente audível, mesmo que se trate de uma sibilante.

b) A consoante é vozeada, como em //DÁ// VÁ// LÁ// MÁ// VÃ// LÃ// RÃ// RIM//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do início da consoante ou a partir de um momento mais ou menos posterior ao seu início, antes do começo da vogal;

— o toema é manifestado pela vogal, podendo esta ser total ou parcialmente toemática, quer seja oral quer nasal.

II) Tipo CD Consoante mais ditongo, como em //PAI//, //SAI//, //VAI//, //PÃO//, //SÃO//, //VÃO//, //TEM//, //MÃE//.

Quer o ditongo seja oral quer nasal, tudo se passa de modo semelhante ao observado com os monossílabos do tipo CV. Interessa, porém, notar que o ditongo é muitas vezes realizado como «imperfeito», isto é, com constância qualitativa antes ou depois do chamado «deslize», e, quando assim acontece, o toema é frequentemente manifestado a partir do momento em que se inicia o deslize, ou a partir do momento em que o deslize finda.

III) Tipo VC

a) Monossílabos tais como //ÁS//, //ÉS//. Formas ocorrentes:

— o toema principia, normalmente, a manifestar-se a partir do início da vogal ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início;

— o toema pode ser total ou parcialmente manifestado pela fricativa áfona, final, o que o torna fracamente audível.

b) Monossílabos tais como //AR//, //TR//.

Este caso é semelhante ao anterior, se a consoante final actuar fricativamente. Se actuar como vibrante simples, o toema é manifestado, principalmente, pela vogal.

Uma articulação como a da vibrante simples não pode apresentar um decurso tensional ou tonal. Só pode acusar um nível tensional ou tonal, ou tensional-tonal, superior, inferior ou igual ao da vogal no seu final.

IV) Tipo DC Ditongo mais consoante, como em //AIS//.

O exame de realizações toemáticas de um monossílabo como //AIS// mostra que o toema pode ser manifestado pela fricativa áfona final, ou a partir do início do ditongo, ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início.

V) Tipo CVC

a) Monossílabos tais como //PAS//, //FÁS//, //SÉS//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado por toda a vogal ou a partir de um momento mais ou menos posterior ao seu início, e pela fricativa final;

— o toema só é manifestado pela fricativa final.

b) Monossílabos tais como //DÁS//, //LÁS//, //MÁS//, //MÓS//, //NÓS//, LÃS//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do começo da consoante inicial ou de um momento mais ou menos posterior ao seu começo, antes da vogal;

— o toema é manifestado a partir do início da vogal ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início;

— o toema é manifestado pela fricativa áfona final a partir do seu início ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início.

Importa observar que uma fricativa áfona só em posição final ou isolada pode manifestar, normalmente, um comportamento tonal-tensional sensível.

c) Monossílabos tais como //DAR//, //MAR//, //LAR//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do começo da consoante inicial ou de um momento mais ou menos posterior ao seu começo, antes da vogal;

— o toema é manifestado pela consoante final, actuando esta como fricativa ou como vibrante simples;

— o toema é manifestado, principalmente, pela vogal, ou pela vogal e pela consoante inicial, se a consoante final actuar como vibrante simples.

d) Monossílabo //PAR//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do início da vogal ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início;

— o toema é manifestado pela consoante final, actuando esta fricativamente;

— o toema é manifestado, principalmente, pela vogal, actuando a consoante final como vibrante simples.

e) Monossílabo //MAL//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do começo da consoante inicial ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início;

— o toema é manifestado a partir do começo da vogal ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início.

VI) Tipo CDC Consoante mais ditongo, oral ou nasal, mais consoante.

a) Monossílabos tais como //FAIS// //CAIS// //FÃES// //CÃES//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do começo do ditongo ou de um momento mais ou menos posterior ao seu início;

— o toema é manifestado pela fricativa áfona final.

b) Monossílabos tais como //VAIS// //MAIS// //MÃES//. Formas ocorrentes:

— o toema é manifestado a partir do começo da consoante inicial, ou a partir de um momento mais ou menos posterior ao seu começo;

— o toema é manifestado a partir do começo do ditongo ou de um momento mais ou menos posterior ao seu começo;

— o toema é manifestado pela consoante fricativa final.

Não se considera qualquer outro tipo de monossílabo, por se julgar desnecessário.

7.14 — *Níveis e faixas tonais de entoemas monovocabulares monossilábicos*

O nível tonal de um entoema monossilábico, se este é mono-alofônico, é o nível tonal da vogal que normalmente o constitui. Se é poli-alofônico, o nível tonal que manifesta é, essencialmente, o nível tonal da vogal que nele figura, por ser a vogal o elemento silábico de maior sonoridade e, na generalidade, o de maior duração.

Compreende-se que se considere o nível tonal de uma sílaba constituída por uma vogal se esse nível for constante. Se é, porém, variável durante uma parte ou a totalidade do seu decurso, considera-se o «nível tonal silábico predominante», ou a «faixa tonal» (3.32) ou a sequência de faixas tonais abrangidas pela variação da tonalidade.

Admitindo que o número de faixas tonais discrimináveis é 5, o nível tonal predominante de uma sílaba será I, II, III, IV ou V. Cada faixa é uma classe de semelhança que abrange todos os níveis tonais experimentados como equivalentes segundo uma escala sensorialmente estabelecida (3.47).

Dizer-se, por exemplo, que o nível tonal constante de uma sílaba, ou que o seu nível tonal predominante, é I, não significa tratar-se de um determinado nível tonal; significa que o nível tonal considerado foi experimentado como particularmente grave. Qualquer nível tonal sentido como particularmente grave, é abrangido pela faixa I. Corresponde, respectivamente, à Faixa II, III, IV ou V, qualquer nível tonal sentido como grave / normal / agudo / particularmente agudo (3.47).

7.15 — *Nível tonal de um entoema monossilábico mono-alofônico*

Normalmente constituído por uma vogal, um entoema mono-alofônico, auditivamente considerado, é classificável como particularmente agudo / agudo / normal / grave / ou particularmente grave, se o seu nível tonal for constante ou variar dentro dos limites subjectivamente determinados de uma faixa tonal.

Se a variação de nível tonal ultrapassar os limites de uma só faixa tonal, o entoema será classificado segundo as duas ou mais faixas abrangidas, como agudo-grave, agudo-particularmente grave, grave-agudo-grave, etc..

7.16 — *Nível tonal de um entoema monossilábico
poli-alofónico*

Quando o monossílabo toematicamente realizado é do tipo CV, e a consoante é áfona — //PÁ//, //FÁ//, ... —, o nível tonal experimentado é, essencialmente, o manifestado pela vogal, muito especialmente no caso de a consoante ser «momentânea». Se a consoante é «vozeada» e «contínua» — //vÁ//, //LÁ//, ... — e apresenta uma variação de nível tonal, tal variação, desprovida de mudança qualitativa sensível, depende quase exclusivamente do comportamento da sua frequência fundamental, actuando sobre o ouvinte dum modo pouco distinto, a não ser que o grau de magnitude da variação tonal seja muito elevado. Nos casos normais predomina, ou domina inteiramente, o nível tonal manifestado pela vogal.

Se no seu início, a vogal manifesta uma rápida variação de nível tonal, como frequentemente sucede, o nível predominante será o experimentado depois dessa rápida variação inicial.

Tratando-se de um entoema monossilábico do tipo VC, cuja consoante é a fricativa palatal áfona, como no caso de //ÁS//, predominará o nível tonal vocálico. Admite-se que é normal o grau de magnitude de actuação da consoante, quer se considere o seu nível tonal, ou qualitativo, ou tensional, ou temporal (duração).

Se a consoante é uma sonante, como no caso de //AR//, as suas propriedades vocálicas fazem com que o monossílabo possa actuar como actuação uma só vogal.

Não se examinam, por se achar desnecessário, outros tipos de monossílabo, tais como os designados por CCV, CVC, etc.

Importa deduzir, como muito provável, que o nível tonal de um entoema monossilábico, poli-alofónico, seja sentido como particularmente agudo / agudo / normal / grave / ou particularmente grave, se o nível predominante da sua vogal for, respectivamente, experimentado como particularmente agudo / agudo / ... etc..

III) ENTOEMAS MONOVOCABULARES POLISSILÁBICOS

7.17 — *Classes de entoemas monovocabulares
polissilábicos*

Entoemas monovocabulares com duas ou mais sílabas são distribuíveis, segundo a sua acentuação estrutural (2.24), em agudos ou oxítonos, graves ou paroxítonos, e esdrúxulos ou proparoxítonos.

Em português, entoemas dissilábicos podem ser agudos ou graves; entoemas com três ou mais sílabas podem ser agudos, graves, ou esdrúxulos.

7.18 — *Entoemas monovocabulares, agudos, monotomáticos*

No Quadro XX encontram-se notações de 9 entoemas resultantes de 9 realizações monotomáticas do vocábulo ANZOL. Pode supor-se qualquer outro vocábulo dissilábico. Observa-se:

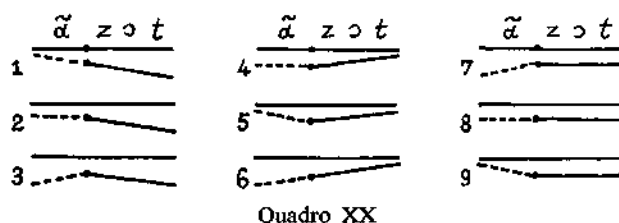


Fig. 1 — Síllaba átona: atomática com tonalidade descendente

» acentuada: totalmente toemática, manifestando um toema conclusivo

A tonalidade da síllaba átona é descendente, mas pode ser constante, ou quase constante (fig. 2), ou ascendente (fig. 3), ou apresentar outro tipo de comportamento — descendente-ascendente, ascendente-descendente, ascendente-constante, etc.

Fig. 4 — Síllaba átona: atomática com tonalidade constante

» acentuada: totalmente toemática, apresentando um toema inconclusivo-ascendente

A tonalidade da síllaba átona foi, respectivamente, descendente e ascendente, nas realizações correspondentes às figs. 5 e 6.

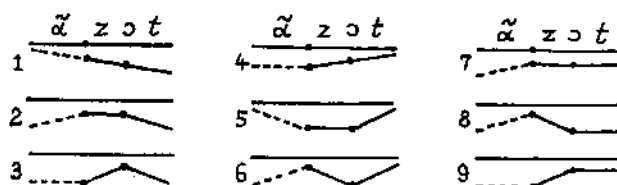
Fig. 7 — Síllaba átona: atomática com tonalidade ascendente

» acentuada: totalmente toemática manifestando um toema inconclusivo-constante

A tonalidade da síllaba átona foi, respectivamente, constante e descendente, nas realizações correspondentes às figs. 8 e 9.

7.19 — *Entoemas monovocabulares, agudos, ditoemáticos*

No quadro XXI encontram-se gráficamente representadas 9 realizações ditoemáticas do vocábulo ANZOL. Pode supor-se qualquer outro vocábulo dissilábico agudo. Observa-se:



Quadro XXI

- Fig. 1 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade descendente;
 » acentuada: sequência ditoemática cumulativa conclusiva
- Fig. 2 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade ascendente;
 » acentuada: sequência ditoemática, conclusiva, constante-descendente.
- Fig. 3 — Sílabas átonas: atoemática de tonalidade constante;
 » acentuada: sequência ditoemática, conclusiva, ascendente-descendente.
- Fig. 4 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade constante;
 » acentuada: sequência ditoemática cumulativa, inconclusiva, de tipo ascendente.
- Fig. 5 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade descendente;
 » acentuada: sequência ditoemática, inconclusiva, constante-ascendente.
- Fig. 6 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade ascendente;
 » acentuada: sequência ditoemática, inconclusiva, descendente-ascendente.
- Fig. 7 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade ascendente;
 » acentuada: sequência ditoemática cumulativa, inconclusiva, de tipo constante.
- Fig. 8 — » átonas: atoemática com tonalidade ascendente;
 » acentuada: sequência ditoemática, inconclusiva, descendente-constante.
- Fig. 9 — Sílabas átonas: atoemática com tonalidade constante;
 » acentuada: sequência ditoemática, inconclusiva, ascendente-constante.

Observa-se que nenhuma das notações deste quadro, nem do quadro anterior, assinala o trecho atoemático transicional (6.7) necessariamente ocorrente entre toemas contíguos.

7.20 — *Entoemas monovocabulares, agudos, tritoemáticos*

Qualquer dos entoemas dissilábicos, agudos, representados no Quadro XXI (7.19), teria sido tritoemático se a primeira sílaba tivesse apresentado um toema.

Um vocábulo agudo, trissilábico, como CONCLUSÃO, ou tetrassilábico, como IMPOSIÇÃO, pode ser realizado de forma a resultar um entoema tritoemático. Tratando-se de uma realização inconclusiva, corresponder-lhes-iam, respectivamente, as notações:

$$\frac{\neq \text{CONCLUSÃO} \neq}{\text{Ts.} \quad \text{Ts. Tf.}} \text{ e } \frac{\neq \text{IMPOSIÇÃO} \neq}{\text{Ts.} \quad \text{Ts. Tf.}}$$

7.21 — *Entoemas monovocabulares, graves, monotoemáticos*

Um vocábulo dissilábico, grave, como CASA ou como PALA, realizado monotoemáticamente, origina um entoema constituído por uma palavra com acento atoemático na primeira sílaba, e toema fundamental na última. O trecho atoemático abrange, além da sílaba estruturalmente acentuada, uma parte inicial da sílaba final, durante a qual se verifica uma acréscimo tensional. Se o vocábulo grave, monotoemáticamente realizado, tem mais de duas sílabas — CASOTA, CIDAELA, AVERMELHADO — os entoemas originados apresentam um trecho atoemático constituído por duas, três, quatro ou mais sílabas.

7.22 — *Entoemas monovocabulares graves, ditoemáticos e tritoemáticos*

Apresentam dois toemas os entoemas monovocabulares, inconclusivos, representados pelas notações: $\frac{\text{CASA} //}{\text{Ts} \quad \text{Tf}}$ $\frac{// \text{CASOTA} //}{\text{Ts} \quad \text{Tf}}$ $\frac{// \text{CIDAELA} //}{\text{Ts. Tf.}}$
 $\frac{// \text{AVERMELHADO} //}{\text{Ts. Tf.}}$

São tritoemáticos conclusivos, os que seguidamente se simbolizam:

$\frac{//CASOTA//}{Ts\ Ts\ Tf}$, $\frac{//CIDADELA//}{Ts.\quad Ts\ Tf}$, $\frac{//AVERMELHADO//}{Ts.\quad Ts.\ Tf.}$

7.23 — *Entoemas monovocabulares, esdrúxulos, monotoemáticos*

Um vocábulo esdrúxulo, trissilábico, como DÁDIVA ou LÍMPIDO, realizado monotoemáticamente, origina um entoema constituído por uma palavra com acento atoemático na primeira sílaba e um toema fundamental. O trecho atoemático abrangerá as duas primeiras sílabas e uma parte inicial da sílaba final que antecede o começo do seu decréscimo tensional, e, consequentemente, do toema demarcativo do entoema.

Se o vocábulo esdrúxulo, monotoemáticamente realizado, tem mais de três sílabas — REPÚBLICA, ANTIPÁTICO, IMPORTANTÍSSIMO... — os entoemas originados apresentarão, respectivamente, um trecho atoemático constituído por duas, três, quatro ou mais sílabas e uma parte inicial da sílaba final.

7.24 — *Entoemas monovocabulares, esdrúxulos, com dois ou três toemas*

Apresentam dois toemas os entoemas monovocabulares, esdrúxulos, representados pelas notações (6.8; 7.5; 7.22):

$\frac{//DÁDIVA//}{Ts.\ Tf.}$ $\frac{//REPÚBLICA//}{Ts.\quad Tf.}$ $\frac{//ANTIPÁTICO//}{Ts.\quad Tf.}$ $\frac{//IMPORTANTÍSSIMO//}{Ts.\quad Tf.}$

$\frac{//REPÚBLICA//}{Ts.\ Tf.}$ $\frac{//ANTIPÁTICO//}{Ts.\ Tf.}$ $\frac{//IMPORTANTÍSSIMO//}{Ts.\ Tf.}$

São tritoemáticos os que seguidamente se simbolizam:

$\frac{//REPÚBLICA//}{TsTs.\ Tf.}$ $\frac{//ANTIPÁTICO//}{Ts.\ Ts.\ Tf.}$ $\frac{//IMPORTANTÍSSIMO//}{Ts.\quad Ts.\ Tf.}$

7.25 — *Níveis e faixas tonais de entoemas monovocabulares possilábicos*

Tratando-se dos aspectos tonais de entoemas monovocabulares, monossilábicos, interessa considerar, como vimos (7.14), o «nível tonal silábico predominante», se esse nível for sensivelmente constante, ou a «faixa tonal» ou sequência de faixas tonais abrangida pela variação da tonalidade, se o nível desta for variável. Tratando-se dos aspectos tonais de entoemas monovocabulares polissilábicos, importa examinar as constâncias ou variações dos níveis tonais silábicos que mais distinguem, tonalmente, o seu decurso.

7.26 — *Nível tonal predominante de uma sílaba tónica*

Uma vogal que figure como componente numa sílaba tónica, como, por exemplo, a vogal da sílaba inicial de //LAÇO//, ou que a constitua, como sucede com a vogal inicial de //AÇO// manifesta um nível tonal (perceptual) constante, ou uma variação de nível tonal. Se é constante, o seu nível de constância tonal origina o respectivo «nível tonal silábico predominante». Se é variável, o respectivo nível tonal silábico predominante, é o manifestado pela vogal na sua plenitude qualitativa (3.24). Será, portanto, o manifestado no início da vogal, se esta for regressiva ou constante-regressiva; será o manifestado no final da sua progressão ou no início da sua constância qualitativa, se a vogal for, respectivamente, progressiva-regressiva, ou progressiva-constante-regressiva.

Se a sílaba tónica é constituída por um ditongo, como em //EIXO//, ou faz parte dela um ditongo, como em //DEIXO//, o nível tonal silábico predominante é o nível tonal que o ditongo manifesta na sua primeira plenitude qualitativa (3.25). Há casos diversos a observar, mas para não ampliar inconvenientemente a exposição, considera-se, apenas, determinado tipo de ditongo.

Nível tonal descendente ou ascendente e qualidade vocálica constante, ocorrem em certas formas de interjeição que não constituem sílaba. O que então predomina é a variação tonal e não um nível inicial, médio, ou final.

Nível tonal ascendente ou descendente e qualidade progressiva ocorrem em certas expressões elocucionais atoemáticas que também não constituem sílaba. Neste caso o nível tonal predominante é o nível tonal final.

7.27 — *Nível tonal predominante de uma sílaba átona*

Uma vogal ou um ditongo que figure numa sílaba átona — //PATIM//, //PAINEL// —, ou a constitua — //ATUM//, //UIVAR// —, só em determinados casos manifesta uma variação sensível de nível tonal. Na generalidade, o nível tonal predominante da sílaba átona é o nível tonal médio da vogal ou do ditongo que nela figura ou a constitui.

A brevidade de uma sílaba átona, quando não é particularizada expressivamente por «alongamento», e o facto de ser coarticulada com outra ou outras sílabas, contribui para que actue como tonalmente constante, ainda que o seu nível tenha realmente variado. A variação tonal de uma sílaba átona, por muito breve que seja, é muito sensível se essa sílaba manifestar um toema fundamental.

O nível tonal predominante de uma sílaba átona alongada é originado de modo semelhante ao verificado para a sílaba tónica (7.26).

Uma sílaba, átona ou tónica, portadora de um toema fundamental, manifesta o comportamento tonal do toema que apresenta, além de um nível tonal predominante. É notável a acuidade com que um ouvinte comum distingue um toema conclusivo de um toema inconclusivo, nos casos de mínima diversidade apresentativa.

É evidente que uma sílaba mono-alofónica tonalmente constante apresenta o nível tonal da sua constância tonal e não um nível tonal predominante.

7.28 — *Sucessão de níveis tonais silábicos no decorrer de um entoema polissilábico*

Um entoema com duas ou mais sílabas apresenta durante o seu decurso, níveis tonais silábicos sucessivos. Entre cada dois níveis tonais manifestados por duas sílabas contíguas e experimentados como diversos, ocorre uma subida ou uma descida de tonalidade que se denomina *deslize tonal silábico*, ou uma interrupção do decurso da tonalidade que se denomina *lacuna tonal*, ou uma e outra coisa.

7.29 — *Deslizes tonais silábicos*

A designação «deslize tonal silábico» traduz uma variação de tonalidade no sentido ascendente ou descendente (7.28), entre níveis tonais diversos, manifestados por duas sílabas contíguas. Importa sublinhar que um deslize

tonal silábico ocorre entre níveis tonais manifestados por duas sílabas contíguas e não entre duas sílabas. Se fosse intersilábico, teríamos a sequência: *sílaba — deslize tonal — sílaba*, em vez de duas sílabas contíguas.

O que se denominou «deslize tonal silábico» é apresentado pela primeira, ou pela segunda das duas sílabas contíguas, ou em parte pela primeira e em parte pela segunda.

Pode ser classificável como «vocálico», como «vozeado» ou como «consonântico». Por sua vez, um deslize consonântico pode ser classificável como consonântico vozeado, ou como consonântico áfono.

Qualifica-se como *vocálico* se é apresentado por uma vogal ou por um ditongo, e como *vozeado* se é apresentado por um vozeamento.

Diz-se que o deslize tonal silábico é consonântico no caso de ser apresentado por uma consoante. Esta tem de ser contínua, e se é áfona, é mínimo o grau de audibilidade do deslize. Um deslize consonântico áfono motiva, frequentemente, o efeito de uma «lacuna tonal» (7. 30).

Deve notar-se que um deslize tonal vocálico tem uma duração apreciável pelo facto de ser apresentado por uma vogal tónica ou por uma vogal átona alongada, durante todo o seu decurso ou grande parte do seu decurso, ao passo que um deslize vozeado ou consonântico é normalmente muito breve, resultando a impressão de que entre níveis tonais predominantes, diversos, não houve transição de um para o outro. Experimenta-se um nível tonal e, seguidamente, outro, como se entre as duas respectivas sílabas ocorresse uma solução de continuidade, uma pequena pausa.

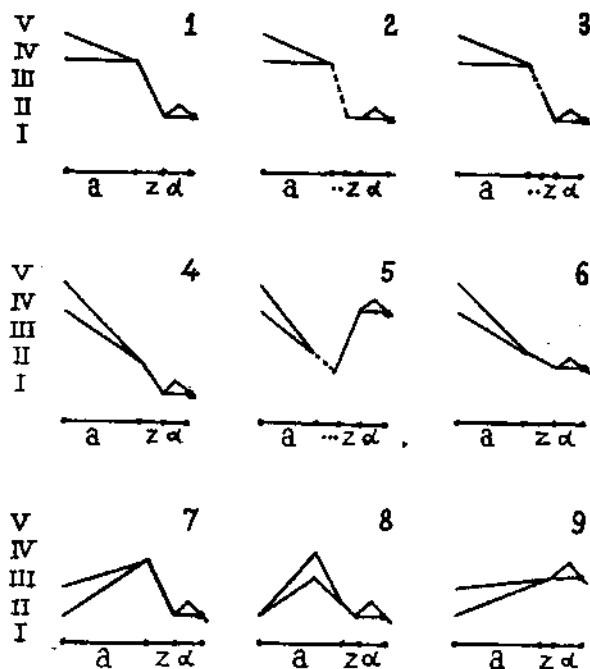
No Quadro XXII encontram-se esquematizados 9 entoemas resultantes de 9 realizações monotomáticas do vocábulo dissilábico «asa». É «tomática fundamental» (6.39) a última sílaba de cada realização.

Consideram-se as 5 faixas tonais representadas pelos números I, II, III, IV, V (3.32; 3.47; 7.14).

Apresentam os tipos de deslize tonal silábico que seguidamente se apontam:

- 1) — Nível tonal constante da sílaba tónica — na faixa IV
— Deslize tonal consonântico vozeado de IV para II
— Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa II
- 2) — Nível tonal constante da sílaba tónica — na faixa IV
— Deslize tonal vozeado de IV para II
— Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa II
- 3) — Nível tonal constante da sílaba tónica — na faixa IV
— Deslize tonal vozeado e consonântico, de IV para II
— Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa II
- 4) — Nível tonal predominante da sílaba tónica — na faixa IV
— Deslize tonal vocálico-consonântico de IV para II
— Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa I
- 5) — Nível tonal predominante da sílaba tónica — na faixa IV

- Deslize tonal descendente vocálico-vozeado de IV para II e deslize consonântico ascendente de II para IV
- Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa IV
- 6) — Nível tonal predominante da sílaba tônica — na faixa IV
- Deslize tonal descendente, vocálico-consonântico de IV para II
- Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa II
- 7) — Nível tonal predominante da sílaba tônica — na faixa II
- Deslize tonal ascendente vocálico nas faixas II e III e descendente consonântico nas faixas III e II



Quadro XXII

- Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa II
- 8) — Nível tonal predominante da sílaba tônica — na faixa III
- Deslize tonal descendente vocálico-consonântico nas faixas III e II
- Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa II
- 9) — Nível tonal predominante da sílaba tônica — na faixa II
- Deslize tonal ascendente vocálico-consonântico nas faixas II e III
- Nível tonal predominante da sílaba átona — na faixa III

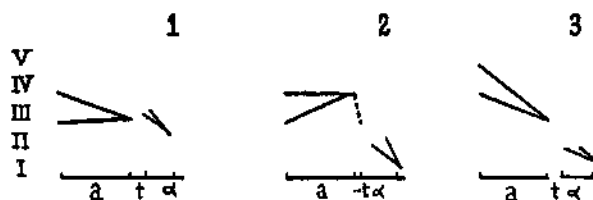
Qualquer das configurações do Quadro XXII poderia ter sido a mesma se o vocábulo monotomáticamente realizado tivesse sido «ASSA». O deslize tonal consonântico, em vez de vozeado, seria áfono.

7.30 — *Lacunae tonais*

Uma consoante áfona, momentânea, antecedida e seguida de um som contínuo, como, por exemplo, em //ATA//, origina um trecho de silêncio e, por consequência, uma interrupção do decurso tonal do entoema considerado, que se denomina *lacuna tonal*. É, muitas vezes, alongada para provocar um efeito expressivo, tornando-se, então, mais ou menos sensível conforme o grau do seu alongamento.

O nível tonal que antecede a lacuna é igual, inferior ou superior ao nível tonal que se lhe segue, o que explica que seja respectivamente classificável como *lacuna (tonal) de constância*, *lacuna de variação descendente*, e *lacuna de variação ascendente*.

Uma lacuna tonal resultante de uma articulação oclusiva, como no exemplo dado, é involuntária. É voluntária a que resulta de uma pausa intersilábica com função expressiva.



Quadro XXIII

No Quadro XXIII encontram-se esquematizados 3 entoemas originados por 3 realizações monotomáticas do vocábulo dissilábico «ATA». É fundamental conclusiva (6.39) a última sílaba de cada realização. Os 5 números romanos significam, como no quadro anterior, as cinco faixas tonais auditivamente discrimináveis.

Observa-se:

- 1) Decurso tonal vocálico constante, da vogal tônica, seguido de *lacuna tonal de constância*.

O nível de constância tonal da sílaba tônica e o nível tonal predominante da sílaba átona, manifestam a mesma faixa (III).

- 2) Deslize tonal vocálico ascendente e deslize tonal vozeado descendente da vogal tônica, seguido de *lacuna de variação tonal descendente*.

O nível tonal predominante da sílaba tônica (III) é superior ao nível tonal predominante da sílaba átona (II).

- 3) Deslize tonal vocálico descendente da vogal tônica, seguido de *lacuna de variação tonal descendente*.

O nível tonal predominante da sílaba tônica (IV), é superior ao nível tonal predominante da sílaba átona (I).

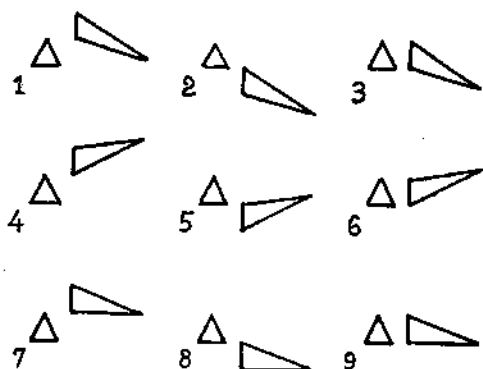
7.31 — *Níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular polissilábico*

Procurar discriminar as relações de níveis tonais, predominantes ou constantes, manifestados pelas sílabas de entoemas monovocabulares polissilábicos, induz a que se considerem, tratando-se da língua portuguesa (1.9), entoemas agudos, graves, e esdrúxulos, respectivamente com duas, três, ou mais sílabas.

Prefere-se o termo «oxítono» em vez de «agudo», e o termo «paroxítono» em vez de «grave», quando mediante a referida substituição se evitem inconveniências de linguagem. Dizer-se, por exemplo, que foi *grave* o nível tonal de determinado entoema *agudo*, é uma inconveniência de linguagem que se evita dizendo-se que foi *grave* o nível tonal de determinado entoema oxítono.

7.32 — *Níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular, polissilábico, oxítono*

a) *Entoemas dissilábicos* — O nível tonal (predominante ou constante) da sílaba átona de um entoema monovocabular dissilábico, oxítono, como, por exemplo, //ANZOL//, pode ser inferior, superior ou igual ao nível tonal inicial da sílaba tónica.



Quadro XXIV

Traduzem, graficamente, o que se disse, as 9 configurações exibidas no Quadro XXIV. As configurações 1, 2 e 3, correspondem 3 formas de realização conclusiva. Assi-

nalam que a sílaba átona — representada pelo triângulo menor — decorre, respectivamente, em nível tonal inferior, superior, e igual ao nível inicial (predominante) da sílaba acentuada. As configurações 4, 5 e 6, ou 7, 8 e 9, correspondem formas de realização inconclusiva.

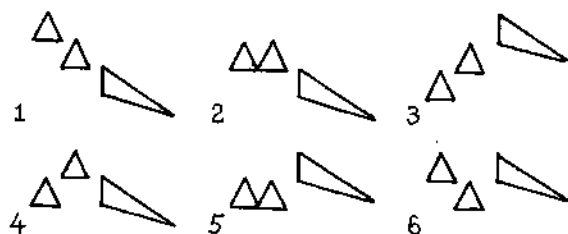
No Quadro XXVIII-A, os números romanos I, II, III, IV, e V, assinalam níveis tonais auditivamente discrimináveis a partir do particularmente grave, ou seja o nível I, até ao particularmente agudo, ou seja o nível V.

O diagrama A no quadro mencionado, traduz que o nível tonal da sílaba átona de um dissílabo oxítono pode ser I, II, III, IV ou V se o nível da sílaba tônica for III. Mas o mesmo se verificaria se o seu nível tonal fosse I, II, IV ou V.

Também não importa que o entoema seja conclusivo, como o diagrama A indica, ou seja inconclusivo. Diga-se, de passagem, que assinalar num só diagrama todos os casos possíveis, torná-lo-ia muito confuso.

Interessa notar: o nível da sílaba átona pode ser I, II, III, IV ou V, quer o nível inicial (predominante) da sílaba tônica seja I, II, III, IV ou V.

b) *Entoemas trissilábicos* — O nível tonal de qualquer das duas sílabas átonas de um entoema monovocabular trissilábico, oxítono, como, por exemplo, //DIRECÇÃO//, bem como o nível tonal inicial da sua sílaba tônica, pode ser I, II, III, IV ou V.



Quadro XXV

As seis configurações exibidas no Quadro XXV traduzem seis formas de realização conclusiva de um entoema trissilábico oxítono. Assinalam as seguintes relações dos seus níveis tonais silábicos:

configuração 1 — Nível da 1.ª sílaba átona superior ao da 2.ª, e o da 2.ª superior ao nível inicial (predominante) da sílaba tônica. Tipo *escalonado descendente*.

configuração 2 — Nível da 1.ª sílaba átona igual ao da 2.ª e superior ao nível inicial da sílaba tônica.

configuração 3 — Nível da 1.ª sílaba átona inferior ao da 2.ª e o da 2.ª inferior ao inicial da sílaba tônica. Tipo *escalonado ascendente*.

configuração 4 — Nível da 1.^a sílaba átona inferior ao da segunda e igual ao inicial da sílaba tônica.

configuração 5 — Nível da 1.^a sílaba átona igual ao da 2.^a e inferior ao inicial da sílaba tônica.

configuração 6 — Nível da 1.^a sílaba átona superior ao da 2.^a e igual ao inicial da sílaba tônica.

O diagrama B do Quadro XXVIII assinala: qualquer das duas sílabas átonas do trissílabo oxítono pode manifestar qualquer dos cinco níveis tonais auditivamente discrimináveis se o nível tonal da sílaba tônica for III. Mas, como no caso dos dissílabos, o mesmo se verificaria se o seu nível tonal fosse I, II, IV ou V.

c) *Entoemas tetrassilábicos* — O nível tonal de qualquer das três sílabas átonas de um entoema monovocabular tetrassilábico, oxítono, como, por exemplo, //TRIANGULAR//, bem como o nível inicial da sua sílaba tônica, pode ser qualquer dos cinco níveis tonais auditivamente discrimináveis.



Quadro XXVI

As 3 configurações exibidas no Quadro XXVI traduzem 3 formas de realização conclusiva de um entoema tetrassilábico oxítono. Assinalam seqüências de níveis tonais silábicos muito frequentes. A sua clareza dispensa uma descrição verbal.

São do tipo *escalonado*, respectivamente descendente e ascendente, as seqüências de níveis tonais silábicos assinaladas pelas configurações 1 e 3.

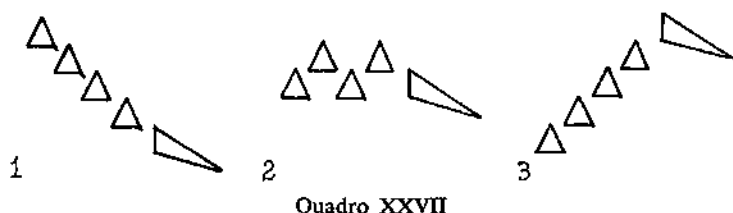
O diagrama C do Quadro XXVIII significa: qualquer das três sílabas átonas do tetrassílabo oxítono pode ocorrer no nível I, II, III, IV ou V se o nível tonal da tônica for III. Porém, como nos casos a) e b), o mesmo se verificaria se o seu nível tonal fosse I, II, IV ou V.

d) *Entoemas pentassilábicos* — O nível tonal de qualquer das quatro sílabas átonas de um entoema monovocabular pentassilábico, oxítono, como, por exemplo, //ENCADERNADOR//, bem como o nível inicial da sua sílaba tônica, pode ser I, II, III, IV, ou V.

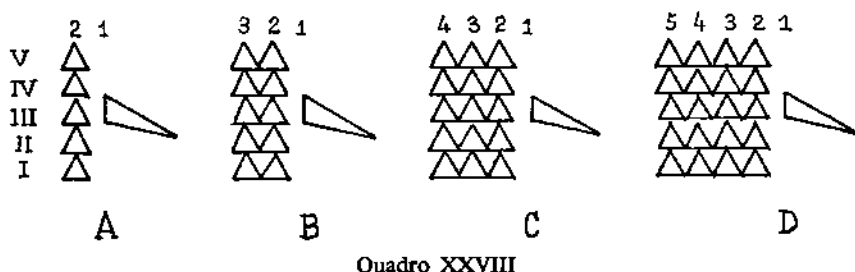
As 3 configurações apresentadas no Quadro XXVII simbolizam 3 formas de realização conclusiva de um entoema pentassilábico oxítono. As designadas pelos números 1 e 3

assinalam seqüências de níveis tonais silábicos frequentes, respectivamente do tipo escalonado descendente e do tipo escalonado ascendente.

É do tipo *ondulante* a seqüência assinalada pela configuração 2.



O diagrama D do Quadro XXVIII traduz gráficamente o que acima se disse a respeito do nível tonal de cada uma das quatro sílabas átonas de um entoema pentassilábico com acento estrutural (2.24) na última sílaba. Como nos diagramas A, B, e C, do mesmo quadro, assinala o nível III para o início da sílaba tônica, o que não significa que o seu nível não possa ser I, II, IV, ou V.



e) *Entoemas com mais de cinco sílabas* — Entoemas monovocabulares oxítonos, com seis ou mais sílabas, apresentam, naturalmente, um número tanto maior de diversas seqüências de níveis tonais silábicos quanto maior for a extensão silábica (2.41) do entoema considerado. Mas seja qual for o seu número de sílabas, verifica-se a possibilidade de qualquer delas apresentar qualquer dos níveis tonais designados pelos números I, II, III, IV, ou V.

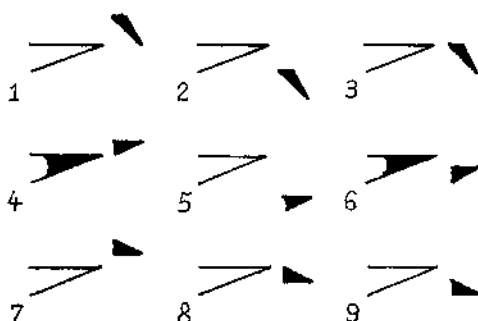
7.33 — *Níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular, (polissilábico), paroxítono*

a) *Entoemas dissilábicos* — O nível tonal, predominante ou constante, da sílaba átona de um entoema monovocabular dissilábico, paroxítono, como, por exemplo //CASA//, pode ser superior, inferior, ou igual ao nível

tonal inicial da sílaba tónica, quer o entoema considerado seja conclusivo ou inconclusivo.

A referida relação de níveis tonais silábicos é gráficamente indicada pelas 27 configurações que se encontram distribuídas em três grupos de nove, nos Quadros XXIX, XXX e XXXI.

Às configurações 1, 2, 3, do Quadro XXIX, correspondem entoemas conclusivos. São inconclusivos do tipo ascendente os correspondentes às representações designadas pelos números 4, 5 e 6; são inconclusivos do tipo constante os transcritos pelas configurações 7, 8 e 9.



Quadro XXIX

Qualquer das 9 representações que figuram no Quadro XXIX assinala que a tonalidade da sílaba tónica foi ascendente (3.37; 3.56) e que tanto a sílaba tónica como a átona foram qualitativamente regressivas (3.28; 3.56).

As transcrições 4 e 6 traduzem realizações ditoemáticas que originaram uma sequência primacial classificável como inconclusiva cumulativa (6.7; 6.8; 6.14), ao passo que todas as outras representam entoemas monotoemáticos (7.3).

Às configurações 1, 2, 3, do Quadro XXX, correspondem entoemas conclusivos. São inconclusivos do tipo ascendente os correspondentes às representações designadas pelos números 4, 5 e 6; são inconclusivos do tipo constante, os transcritos pelas configurações 7, 8 e 9.

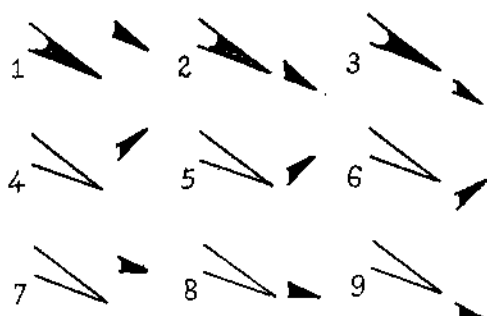
Qualquer das representações do Quadro XXX assinala que a tonalidade da sílaba tónica foi descendente e que tanto a sílaba tónica como a átona foram regressivas.

As transcrições 1, 2, 3, traduzem realizações ditoemáticas que originaram uma sequência primacial classificável como conclusiva-cumulativa. A sequência conclusiva-cumulativa que a transcrição 1 simboliza, manifestou destaque tonal agudo do toema fundamental (6.23).

Traduzem realizações monotoemáticas as restantes configurações do Quadro XXX.

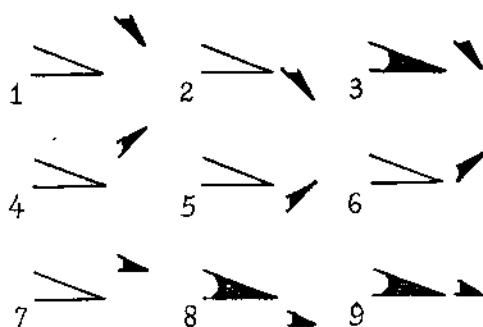
Às configurações 1, 2, 3, do Quadro XXXI, correspondem entoemas conclusivos. São inconclusivos do tipo ascendente os correspondentes às representações designadas pelos números 4, 5 e 6; são inconclusivos do tipo constante, os transcritos pelas configurações 7, 8 e 9.

Qualquer das representações do Quadro XXXI assinala que a tonalidade da sílaba tônica foi constante, se bem que fosse regressiva a sua qualidade (3.23; 3.30).



Quadro XXX

As transcrições 3, 8 e 9, traduzem realizações ditoemáticas que originaram sequências primaciais. A sequência simbolizada na transcrição 3 (Quadro XXXI) é conclusiva do tipo constante-descendente (6.14); é inconclusiva-cumulativa do tipo constante, com destaque tonal grave do toema fundamental, a sequência representada na transcrição 8.



Quadro XXXI

É também classificável como inconclusiva-cumulativa, mas sem destaque tonal do toema fundamental (6.27), a sequência toemática primacial (6.7) assinalada pela transcrição 9.

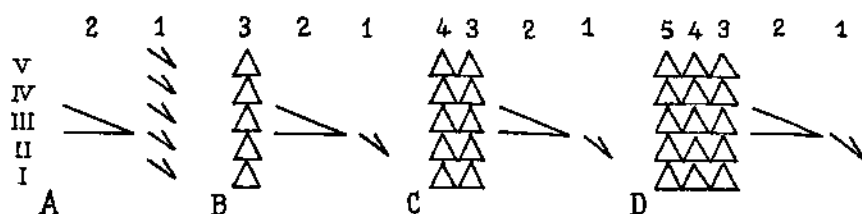
O diagrama A do Quadro XXXII traduz, gráficamente, que o nível inicial da sílaba átona de um entoema monovocabular dissilábico com acento estrutural na penúltima sílaba, pode ser I, II, III, IV ou V.

A sílaba tônica representada é atoemática, manifesta uma tonalidade constante e o seu nível tonal predominante é III, mas podia ter sido atoemática, ter apresentado uma tonalidade ascendente ou descendente e o seu nível tonal ter sido I, ou II, ou IV, ou V.

b) *Entoemas com três ou mais sílabas* — Paralelamente ao que sucede com os entoemas oxítonos, seja qual for o número de sílabas de um entoema

paroxítono, verifica-se a possibilidade de qualquer delas apresentar qualquer dos níveis tonais designados pelos números I, II, III, IV, ou V.

Sequências possíveis, de níveis tonais silábicos de um entoema paroxítono trissilábico, como //CASOTA//, tetrassilábico, como //CATARATA// pentassilábico como //INCOMPARÁVEL//, são, respectivamente, apontadas pelos diagramas B, C, D, do Quadro XXXII.



Quadro XXXII

Assinalam que o nível da sílaba átona pretônica, se o entoema é trissilábico, ou de qualquer das duas sílabas átonas pretônicas se o entoema é tetrassilábico, ou de qualquer das três sílabas átonas pretônicas, se o entoema é pentassilábico, pode ser I, II, III, IV, ou V, se o nível da sílaba tônica for III e o da átona final for II. Mas o mesmo se verifica se o nível da tônica for I, II, IV ou V, e o da átona final for I, III, IV ou V.

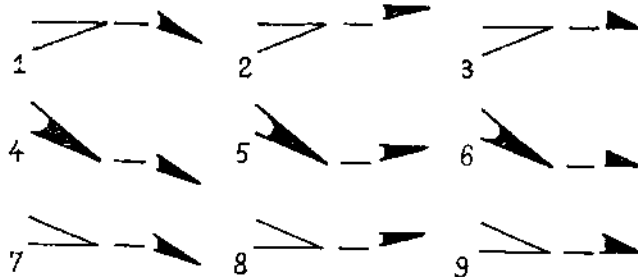
Entoemas paroxítonos com mais de cinco sílabas admitem, evidentemente, maior número de sequências diversas de níveis tonais silábicos, mas observa-se, igualmente, a possibilidade de qualquer das sílabas componentes apresentar qualquer dos níveis tonais designados pelos números I, II, III, IV, ou V. Servem de exemplo os entoemas //EVIDENTEMENTE// / //INTEMPESTIVAMENTE// / //COMUNICABILIDADE// / //INCOMUNICABILIDADE// com seis, sete, oito, e nove sílabas, respectivamente.

7.34 — Níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular (polissilábico) proparoxítono

a) *Entoemas trissilábicos* — O nível inicial da sílaba tônica de um entoema monovocabular trissilábico esdrúxulo (proparoxítono), como seja, por exemplo, //FÁBRICA//, pode ser inferior, superior ou igual ao da 1.^a sílaba átona (seguinte), conforme o expresse, gráficamente, no Quadro XXXIII. Por sua vez, o nível da 1.^a sílaba átona pode ser inferior, superior ou igual ao da sílaba átona final, portadora do toema fundamental.

As configurações 1, 4, 7, correspondem a entoemas conclusivos. São inconclusivos do tipo ascendente os entoemas correspondentes às configurações 2, 5, 8, e inconclusivos do tipo constante os correspondentes às designadas pelos números 3, 6, 9.

A tonalidade da sílaba acentuada dos entoemas simbolizados nas transcrições 1, 2, 3, foi ascendente. Foi descendente a dos simbolizados nas transcrições 4, 5, 6, e constante a dos entoemas correspondentes às configurações 7, 8, 9.



Quadro XXXIII

Traduzem realizações ditomáticas as transcrições 4, 5, 6. São monotoemáticas as assinaladas pelas restantes.

Um traço em vez de triângulo simboliza a primeira átona postônica, nas configurações do Quadro XXXIII.

O diagrama A do Quadro XXXIV traduz, graficamente, que o nível tonal da 1.ª sílaba átona postônica pode ser qualquer dos níveis designados pelos números I, II, III, IV, ou V.

A sílaba tônica representada no mencionado diagrama A, manifesta tonalidade de nível constante, designável pelo número III. Mas podia apresentar uma tonalidade ascendente ou descendente e o seu nível tonal predominante ser I, II, IV ou V.

O nível inicial da sílaba átona final, transcrita, é II, mas podia ser qualquer dos outros níveis da escala «particularmente grave — grave — normal — agudo — particularmente agudo».

b) *Entoemas com quatro ou cinco sílabas* — Sequências possíveis, de níveis tonais silábicos de um entoema esdrúxulo de 4 sílabas, como por ex. //RECTÂNGULO//, e de cinco sílabas, como //PATOLÓGICO//, são, respectivamente apontados nos diagramas B e C do Quadro XXXIV.

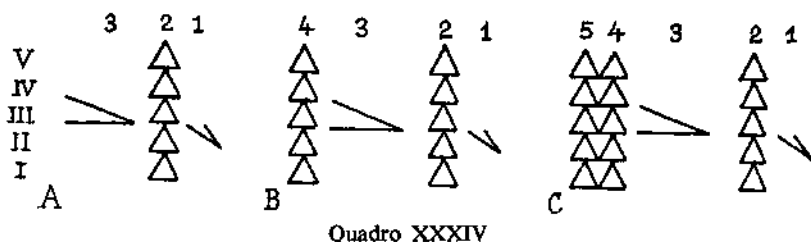
O diagrama B diz-nos que tanto o nível da sílaba átona pretônica como o da postônica pode ser qualquer dos níveis da escala I-V.

A sílaba tônica representada no referido diagrama manifesta constância de tonalidade no nível III, mas podia apresentar uma tonalidade ascendente ou descendente ou de outro tipo e o seu nível tonal predominante ser I, II, IV ou V.

Também o nível tonal inicial da sílaba átona final, transcrita, podia ter sido I, III, IV ou V, em vez de II, conforme o diagrama traduz.

O diagrama C assinala: tanto o nível tonal de qualquer das duas sílabas átonas pretônicas, como o da sílaba átona postônica, pode ser qualquer dos níveis da escala I-V.

Relativamente ao nível tonal da sílaba tónica e ao nível tonal da sílaba átona final, verifica-se o que se disse a respeito dos níveis tonais das sílabas homólogas transcritas no diagrama B, ou no diagrama A, do mesmo quadro.



c) *Entoemas com mais de cinco sílabas* — Seja qual for o número de sílabas componentes do entoema monovocabular, esdrúxulo, considerado, observa-se, como no caso dos entoemas oxítonos ou paroxítonos, ou dos esdrúxulos com menor número de sílabas, a possibilidade de qualquer delas apresentar um dos cinco graus da escala I-V.

7.35 — *Níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular, polissilábico, oxítono, ou paroxítono, ou proparoxítono*

O observado a respeito dos referidos níveis tonais silábicos, muito especialmente nos três últimos parágrafos, permite concluir: o nível tonal predominante, ou constante, de qualquer sílaba tónica ou átona, de um entoema monovocabular, polissilábico, pode ser qualquer dos cinco níveis da escala I-V, quer o entoema considerado seja oxítono, paroxítono ou proparoxítono.

7.36 — *Sequências possíveis e sequências particularizantes de níveis tonais silábicos de entoemas monovocabulares polissilábicos*

Interessou discriminar os níveis tonais silábicos de um entoema monovocabular polissilábico, classificáveis como *possíveis*, isto é, como possivelmente ocorrentes, e tirou-se a conclusão formulada no parágrafo anterior. Mas não foi tirar essa conclusão o propósito dominante da discriminação.

Em vez de se comunicar, muito simplesmente, a conclusão apurada, o que abreviaria a exposição além de a simplificar, procurou-se deduzi-la perante o Leitor, considerando, sucessivamente, entoemas monovocabulares

estruturalmente acentuados na última, na penúltima e na antepenúltima sílaba, e, respectivamente, com duas, três e mais sílabas (7.31).

Orientou o inquérito (7.32; 7.33; 7.34) o intuito de informar o interessado no estudo da expressão elocucional de modo a poder entender, convenientemente, o que adiante lhe vai ser exposto sobre a particularização apresentativa do entoema, sobretudo sobre a sua «particularização tonal de realce» (8.8).

Entre as sequências *possíveis* de níveis tonais silábicos, importa distinguir as classificáveis como particularizantes, examinar o significado da sua actuação e destacar as determinantes desse significado.

IV) MODALIDADE COMUNICATIVA DO ENTOEMA

7.37 — *Entoema e Comunicação*

Um entoema proferido por um locutor L, constitui para um ouvinte sobre o qual actue, uma *comunicação*, se o referido ouvinte não for L ao verbalizar elocucionalmente (2.45). Comunica-lhe o que significar lexical e expressivamente (7.39; 12.4), quer L lhe tenha «dirigido a palavra» ou a tenha dirigido a outra pessoa presente.

Um entoema que actue sobre um ouvinte A — a quem o entoema foi dirigido — e sobre um ouvinte B pelo simples facto de B se encontrar próximo de A, constitui para qualquer dos dois ouvintes designados, uma comunicação. O entoema considerado comunica eventualmente a B, o que é propositadamente comunicado a A.

Um entoema proferido por L e ouvido por L ao verbalizar (2.44), elocucionalmente (2.45) como sucede se L «falar sôzinho» ou «falar com os seus botões» como popularmente se diz, não constitui para L uma «comunicação» propriamente dita.

Verbaliza-se com frequência, mental ou elocucionalmente (2.45) com o fim de se pensar verbalmente, e não com o propósito de se comunicar a outrem o que se pensou ou se estava a pensar. Resultam entoemas que na maioria dos casos só são ouvidos pelo próprio locutor. Dizer-se que tais entoemas constituem «comunicações» é aceitável desde que se admita que uma pessoa pode comunicar a si própria o que verbaliza, proferindo um ou mais entoemas.

Entoemas soliloquiais como os ocorrentes quando L «pensa em voz alta» só podem constituir «comunicações» propriamente ditas, para qualquer ouvinte que não seja L.

Entoemas ocorrentes em elocuções resultantes de uma «leitura em voz alta» (2.49) ou em «elocuções recordadas» (2.50), são casos que se distinguem

como especiais quando se procura discernir se um entoema constitui, ou não, uma comunicação.

Entoemas que constituem comunicações, pròpriamente ditas, são dirigidos ao ouvinte ou aos ouvintes pelo respectivo locutor. Este, mediante gestos e atitudes, ou outros entoemas por ele proferidos, tais como

//OUVE CÁ!// //SABES UMA COISA?// //ESCUTEM!//

manifesta o propósito de lhe/lhes comunicar o que vai verbalizar elocucionalmente (2.45).

O primeiro e o terceiro entoemas, conclusivos e informativamente actuantes, distinguem-se como vocativos (7.39). O segundo entoema, se bem que inconclusivo e interrogativamente actuante, desempenha uma função semelhante — a de «apelo»

Qualquer dos três entoemas, além de traduzir interesse de quem fala em ser ouvido no que vai dizer, pode exprimir «constrangimento» /«admiração»/ «medo»/ etc.

7.38 — *Modalidade comunicativa de um entoema*

Considera-se, novamente, o texto elocucional foneticamente simbolizado na fig. 76 (7.1) e anota-se:

I ≠ <u>VAIS LÁ HOJE?</u> ≠	<u>1</u>
I' ≠ <u>EU?</u> ≠ ≠ <u>VOU.</u> ≠ ≠ <u>VOU LÁ HOJE.</u> ≠	<u>2</u> <u>3</u> <u>4</u>
I ≠ <u>ORA!</u> ≠	<u>11</u>
I' ≠ <u>VOU!</u> <u>SIM!</u> ≠	<u>5</u> <u>6</u>

O exame dos 6 entoemas assinalados, permite verificar:

- 1 — Entoema inconclusivo que é experimentado pelo ouvinte como uma interrogação.
- 2 — Entoema interrogativamente actuante como o entoema 1, e como ele inconclusivo.
- 3 — Entoema conclusivo que é experimentado pelo ouvinte como uma informação.
- 4 5 6 — Entoemas informativamente actuantes e conclusivos como o entoema 3.

Dir-se-á, agora, que a modalidade comunicativa dos entoemas 1 e 2, foi interrogativa, e que foi informativa a dos entoemas 3, 4, 5 e 6.

7.39 — *Distinção de um entoema monovocabular, conclusivo, informativamente actuante, segundo o que significa elocucionalmente*

Um entoema monovocabular, informativamente actuante, segundo o que significa lexical e expressivamente, isto é, segundo o que significa elocucionalmente, pode constituir:

a) Uma «invocação», um «chamamento», uma «ordem», um «pedido», etc. O respectivo entoema distingue-se como «invocativo» / «vocativo» / «imperativo» / «rogativo». Servem de exemplo entoemas ortografáveis do seguinte modo: Senhor! / Pedro! / Vai! O primeiro entoema será invocativo ou vocativo conforme a sua expressão e o seu contexto.

O segundo entoema será vocativo se a sua expressão, assim como o seu contexto, se conciliar com esse significado.

O terceiro entoema será imperativo ou rogativo conforme a sua particularização expressiva determinar.

b) Uma «afirmação», uma «negação», uma «dúvida» ou uma «suposição». O respectivo entoema distingue-se como «informativo-afirmativo», «informativo-negativo», «informativo-dubitativo» ou «informativo-suposto».

Servem de exemplo entoemas ortografáveis do seguinte modo: «É.» / «Não.» / «Talvez.».

Ainda que se considerem, apenas, entoemas monovocabulares, ocorrem muitas outras distinções.

7.40 — *Entoema informativamente actuante e compreensão*

Uma pessoa, enquanto vai compreendendo estes ou aqueles objectos reais-mentais ou mentais (2.1) como aspectos de um só objecto, experimenta o decurso de uma compreensão (2.2-B). Se o acto de compreensão (2.3) se conclui, a compreensão resultante (1.5-e) da unificação de dois ou mais objectos é experimentada como conclusiva. Se não se conclui, é experimentada como inconclusiva.

Um texto elocucional (2.40) resultante de uma verbalização, real-mentalmente actuante (2.45), de uma compreensão conclusiva ou inconclusivamente experimentada, constitui um entoema. Este distingue-se, respectivamente, como conclusivo ou como inconclusivo.

Uma verbalização elocucional de uma compreensão inverbal, conclusiva ou inconclusivamente sentida por um ouvinte, fá-lo discriminar um entoema.

Este, por sua vez, ou é experimentado *apresentativamente*, isto é, sonoro-articulatòriamente, sem *derivada* verbal ou inverbal, ou origina, total ou parcialmente, uma compreensão inverbal, actuando deste ou daquele modo ou de modos diversos — actuação sincrética, por identidade, etc. (4.8) — segundo o que significa lexical e expressivamente e, ainda, eventualmente.

Uma apresentação de um entoema é uma *presença* sonoro-articulatória. Como qualquer outra presença pode originar, ou não, no indivíduo sobre o qual actua, algo verbal, ou inverbal que constitui uma *derivada*. Esta, por sua vez, constitui uma nova presença que origina, ou não, no ouvinte sobre o qual actua, uma derivada inverbal ou verbal ou mista.

Discriminam-se, para concretizar, quatro possibilidades de compreensão de um entoema:

I — O entoema é *apresentativamente* compreendido.

Ouvindo $\neq$ SANCA $\neq$ num magnetofone, um indivíduo que desconheça o significado lexical do entoema conclusivo transcrito, e abstraia do seu significado expressivo, do seu possível contexto actuante, e de um seu possível significado eventual — ou, involuntariamente, dissocie a apresentação actuante de qualquer significado elocucional — experimenta um entoema *apresentativamente compreendido*, discriminando e unificando aspectos alofónicos, silábicos, acentuais, toemáticos, ou quaisquer outros componentes da sua constituição sonoro-articulatória.

Compreender um entoema *apresentativamente*, é compreender o que particulariza a constituição sonoro-articulatória da sua apresentação, abstraindo do seu significado elocucional, isto é, do que significa vocabular e expressivamente, bem como do seu possível significado eventual.

Abstrair inteiramente do que um entoema significa elocucional ou eventualmente, experimentá-lo, sòmente, como apresentação, implica circunstâncias especiais, ainda que se desconheça, como no referido caso de $\neq$ SANCA $\neq$, o seu significado vocabular. Certamente, o que em geral se verifica é uma compreensão mais ou menos *apresentativa*, reduzindo em maior ou menor grau a actuação do seu significado vocabular e do seu significado expressivo.

Difícilmente se abstrai da expressão delimitativa de um entoema (8.6) e, se não se abstrai ou não se discrimina, distingue-se o entoema como conclusivo ou inconclusivo. Se é como conclusivo que se distingue, pode fazer sentir *aceitação*, mediante a particularização *apresentativa* que lhe corresponde: descida de tonalidade do toema fundamental (6.3) ou da sequência primacial (6.8) que apresenta. Não pode ser uma consequência do que o entoema significa elocucionalmente quando se abstrai desse seu significado.

Importa, agora, notar-se que uma *compreensão predominantemente apresentativa* de um entoema conclusivo pode motivar um sentimento de *aceitação* que é uma consequência da sua particularização apresentativa, mas que é, porém, experimentado como se fosse uma consequência do seu significado. Este facto ocorre tanto mais facilmente quanto menor for o grau de actuação do entoema pelo que significa vocabularmente e mais se distinga como conclusivo.

A compreensão apresentativa de um entoema ou de qualquer outro texto elocucional-vocabular é tanto mais provável quanto maior for a sua extensão, a rapidez do seu andamento, a falta de atenção do locutor ou do ouvinte, o desconhecimento do que significa o seu texto vocabular inerente, etc.

A compreensão apresentativa — subentenda-se «predominantemente apresentativa» — permite que se entenda mais rapidamente um decurso elocucional extenso (7.41) e, por consequência se fale mais depressa, mas em contrapartida origina muita compreensão obscura ou errónea, assim como muito desentendimento na comunicação verbal.

II — O entoema é compreendido mediante uma «derivada verbal» por ele originada.

O entoema $\neq \overline{\text{DOIS E DOIS}} \neq$ actuando no plano vocabular sobre um ouvinte, motivará nele, muito provavelmente, uma derivada verbal constituída pelo entoema $\neq \overline{\text{QUATRO}} \neq$

III — O entoema é compreendido mediante uma derivada inverbal por ele originada.

O entoema $\neq \overline{\text{QUATRO}} \neq$ actuando no plano vocabular sobre um ouvinte, fá-lo ver, memorialmente, esta ou aquela variante gráfica do algarismo 4.

IV — O entoema é sucessivamente compreendido mediante uma derivada verbal e uma derivada inverbal.

O entoema $\neq \overline{\text{DOIS E DOIS}} \neq$ é sucessivamente compreendido como em II e como em III.

Uma pessoa quando fala transita inúmeras vezes, se a elocução é extensa, do inverbal para o verbal, verbalizando; quando ouve o seu interlocutor, passa do verbal para o inverbal, num sentido inverso ao da verbalização.

Como já dissemos (2.6), o facto de a palavra ser um objecto parcialmente verbal e parcialmente inverbal, e não totalmente verbal — faculta ao locutor a passagem do plano inverbal para o verbal, e ao ouvinte a passagem do plano verbal para o inverbal. Corresponde-lhe a esquematização:

Inverbal $\rightleftarrows$ Verbal

Qualquer pessoa, actuando ora como locutor ora como ouvinte, passa tão frequentemente do inverbal para o verbal e inversamente do verbal para o inverbal, que o inverbal e o verbal se substituem, dependente ou independentemente da sua vontade.

Admitindo que o inverbal é um rectângulo, desenhado, que se imaginou ou se recordou, e o verbal que o substitui é um entoema conclusivo representável pela notação: $\neq \text{RECTÂNGULO} \neq$, esquematiza-se:

$$\boxed{\phantom{\text{RECTÂNGULO}}} \Rightarrow \neq \text{RECTÂNGULO} \neq$$

Da unificação de aspectos oferecidos pelo objecto inverbal representado à esquerda, no diagrama, resulta uma compreensão (2.2-B) conclusivamente experimentada e cuja verbalização originou o entoema assinalado à direita. O observado torna aceitável esta outra esquematização:

$$\underline{\text{compreensão}} \rightleftarrows \underline{\text{entoema}}$$

Admitiu-se que actuou informativamente o entoema conclusivo originado.

7.41 — *Aceitação e grau de aceitação de uma compreensão expressa por um entoema conclusivo informativamente actuante*

Compreender implica *aceitar*. Um locutor compreendeu, conclusivamente, na medida em que «aceitou» a unificação resultante do seu acto de compreensão.

Um ouvinte, ou um leitor, *aceita* um entoema informativamente actuante que ouviu proferir ou que leu, se o seu significado elocucional se harmonizar com o seu saber, ou porque a pessoa que o proferiu ou o escreveu, lhe merece plena confiança.

Aceita-se qualquer entoema que por esta ou aquela razão não suscite dúvida, dificuldade de compreensão ou incompreensão. Basta, por vezes, ocorrer impresso, em «letra de forma» para originar o sentimento de aceitação.

Entoemas vocabularmente análogos e expressivamente semelhantes, frequentemente ocorrentes, como sucede com os provérbios mais conhecidos, fazem com que se experimente perante qualquer novo entoema semelhante a qualquer dos anteriores, um sentimento, quase simultâneo, de *aceitação* que pode valer, independentemente de um contexto, pelo seu elevado grau, como *certeza*.

Quem ouve ou quem lê qualquer entoema representável pela notação:

$\neq \text{NEM TUDO QUE LUZ É OURO} \neq$ aceita-o como aceita muitos outros, sem procurar saber se o sentimento de aceitação involutariamente experimentado, seria ou não mantido depois de ter reflectido sobre o seu significado.

O *reconhecimento* (2.2) que uma pessoa verifica quando o objecto resultante do seu acto de compreensão é seu conhecido, significa «aceitação» desse objecto como elemento do seu conhecimento.

Compreender, inconclusivamente, também implica *aceitar*. Aceita-se o entoema inconclusivo, informativamente actuante, //O CÃO LADRAVA, // compreendendo-o como parte de uma compreensão. As palavras que o constituem, apresentativamente unificadas por coarticulação fónica (4.9), unificam-se elocucionalmente porque são lexicalmente unificáveis. Assim não sucederia se o texto vocabular inerente do entoema fosse «O GATO LADRAVA».

Perante o trecho $\neq \overline{\text{LADRAVA}} \neq$, o decurso da compreensão motivado no ouvinte pelo trecho $\neq \overline{\text{O GATO}} \neq$, seria alterado por um sentimento consequente de *inaceitação*, sentimento este que é um aspecto de *incompreensão*.

Um entoema inconclusivo, informativamente actuante, resulta da verbalização do decorrer de uma parte de uma compreensão — a parte iniciante —, ou da verbalização do decorrer de uma compreensão que não se conclui, ou, ainda, de uma verbalização de uma compreensão concluída ou não concluída, voluntária ou involuntariamente suspensa. O ouvinte aceita, ou não, o decorrer de um entoema inconclusivo, informativamente actuante, ocorrente em qualquer dos casos apontados, mas se o aceita é por ter compreendido o que ele significa lexicalmente e não por ele traduzir, apresentativamente, *aceitação*. Só uma verbalização completa de uma compreensão experimentada como concluída, origina um entoema que traduz «aceitação» mediante a sua particularização apresentativa.

Mediante um maior ou menor grau de actuação da descida de tonalidade (3.30; 3.36) do toema fundamental (6.3) ou da «sequência primacial» (6.8) que apresenta, um entoema conclusivo denuncia, respectivamente, um maior ou menor grau de «aceitação» da compreensão por ele verbalizada. Exprime um maior ou menor grau de «aceitação» mas a particularização apresentativa que a exprime, não faculta medi-lo, tanto mais que o grau de «aceitação» depende de outros valores que não são objectivamente mensuráveis, tais como o nível e variação de nível tensional, o nível e variação de nível qualitativo, etc.

O grau de aceitação, ou de inaceitação, é uma grandeza que o ouvinte de uma elocução que a manifesta, avalia segundo uma escala sensorial resultante das suas vivências, à semelhança do que se passa com a distinção do grau de constância ou de variação tensional, qualitativa, etc. Como noutro lugar dissemos, a propósito de «particularização perceptual de grau» (3.47),

mercê de experiências linguísticas que se vão acumulando com o decorrer do tempo, dispomos, memorialmente, de escalas de valores que nos facultam distinções de grau, desta ou daquela espécie de actuação.

Discriminam-se, no máximo e muito precariamente, cinco graus de aceitação: grau particularmente elevado / elevado / médio / baixo / particularmente baixo.

O aspecto de aceitação, ou de inaceitação, experimentado pelo ouvinte de um entoema que o origine, é um sentimento consequente do significado elocucional desse entoema, muito especialmente do seu significado vocabular.

A *consequência* que origina o sentimento de aceitação, ou de inaceitação de um entoema informativamente actuante, pode ser *rápida* ou *morosa*. É rápida se o indivíduo sobre o qual actua o entoema, compreender e aceitar rapidamente o que esse entoema significa. É rápida, pode dizer-se imediata, tratando-se de um entoema como //DOIS E DOIS SÃO QUATRO.// (7.5) ou de um entoema como //DOIS E DOIS SÃO TRÊS.//. Origina no primeiro caso um sentimento de aceitação, e no segundo de inaceitação. A consequência seria morosa, originando um sentimento de aceitação, se o entoema fosse — //TREZENTOS E DEZANOVE MAIS CENTO E VINTE E UM SÃO QUATROCEN-
TOS E QUARENTA. //, a não ser que a pessoa sobre a qual actuasse, já tivesse feito a soma indicada, um número suficiente de vezes para dispensar verificação. Dispensaria, também, verificação qualquer entoema representável pela notação que se segue:

//NOVE VEZES NOVE OITENTA E UM.// actuando sobre um ouvinte que soubesse a tabuada.

São, com grande frequência, apresentativamente compreendidos, os entoemas com rápido aspecto consequente de aceitação.

Um texto elocucional, extenso, apresentativamente compreendido é uma sucessão de presenças sonoro-articulatórias desprovidas de qualquer significado elocucional. Mas o grau de compreensão apresentativa de um texto elocucional é muito variável, podendo ser todo o texto ou só parte dele, apresentativamente compreendido.

Entoemas apresentativamente compreendidos facultam a fluência dos textos elocucionais (7.40) em que figuram, sem prejuízo para a compreensão do seu significado elocucional, se o seu número e extensão não excederem os limites concedidos pela redundância normal de elementos significantes.

O sentimento consequente do significado de um entoema, conclusivo, denominado «aceitação» pode valer, conforme o texto, o contexto, ou o texto e o contexto desse entoema, como *convicção* / *certeza* / *afirmação* / *confirmação* / *concordância* / ou *discordância* / etc., (12.4-II).

7.42 — *Entoema interrogativamente actuante e compreensão*

Quando não entendemos e queremos entender o que nos dizem ou o que lemos / ou quando ignoramos aquilo sobre o que outros falam ou escrevem, e pretendemos sabê-lo, etc., etc., interrogamos.

Apontam-se três formas de uma pessoa interrogar elocucionalmente:

a) interroga mediante um entoema inconclusivo cujo significado vocabular, independentemente de um contexto, ou contextualmente ampliado (12.4), comunica o que se pretende saber e cuja expressão e contexto o tornam interrogativamente actuante.

Serve de exemplo o entoema inconclusivo $\neq \underline{\text{É?}} \neq$, ou este outro, polivocabular, $\neq \underline{\text{É BOM ESTUDANTE?}} \neq$ seja qual for a variante do seu toema fundamental (6.13), e actuando independentemente de um contexto.

b) interroga mediante um entoema conclusivo cujo significado vocabular, independentemente de um contexto, ou contextualmente ampliado (12.4), comunica o que se pretende saber e traduz que a sua actuação é interrogativa (7.45).

Serve de exemplo o entoema conclusivo $\neq \underline{\text{QUEM}} \neq$, ou este outro, polivocabular, $\neq \underline{\text{QUEM É}} \neq$, seja qual for a variante do seu toema fundamental (6.12).

c) interroga como em b), mas mediante um entoema inconclusivo, o que valoriza a sua actuação interrogativa.

Serve de exemplo o entoema inconclusivo $\neq \underline{\text{QUEM?}} \neq$, ou este outro, polivocabular $\neq \underline{\text{QUEM É?}} \neq$.

Verifica-se um grau de actuação interrogativa do entoema, de grande magnitude, se o seu toema fundamental, além de inconclusivo, for do tipo ascendente de grande aclave e o seu nível tensional for particularmente elevado.

Um entoema informativamente actuante é um texto elocucional resultante de uma verbalização de uma compreensão (7.40) ao passo que um entoema interrogativamente actuante pode resultar, ou não, de uma verbalização de uma compreensão.

Interrogar pode ser comunicar a outrem algo suposto como resposta ao que se pretende saber para se verificar se o suposto é experimentado pelo interrogado com um consequente sentimento de *aceitação* ou de *inaceitação* (7.41). Concretização:

I pergunta a I': «Ela volta hoje?»

Verifica-se: mediante o texto vocabular inerente a um determinado entoema representável pela notação $\neq \underline{\text{ELA VOLTA HOJÉ?}} \neq$ e a expressão

que manifesta, I comunica ao seu interlocutor a suposição que se transcreve ortograficamente: «Ela volta hoje.»

Tratando-se de uma suposição de I, este comunica a I' o que supôs, por meio de um entoema que actue interrogativamente — um entoema que sendo inconclusivo não traduz aceitação (7.41), e que actua interrogativamente porque I tomou uma atitude interrogativa — assim o admitimos — ao proferi-lo.

O interrogado reage perante a interrogação que lhe foi dirigida, exprimindo verbal ou inverbalmente, aceitação ou inaceitação. Observe-se que o entoema interrogativamente actuante, proferido por I, resultou de uma verbalização de uma compreensão admitida pelo interrogante como uma resposta mais ou menos aceitável ao que pretendeu saber.

Uma pessoa «interroga-se», muitas vezes, em vez de interrogar, isto é, pergunta a si próprio em vez de perguntar a outrem.

Interrogar-se é procurar saber o que é que constituiu ou o que é que constitui uma compreensão, na sua totalidade ou em parte, tornando actuan-tes, conhecimentos memorialmente latentes, que possam fazer supor uma resposta com um sentimento consequente de aceitação ou de inaceitação, ou sucessivamente com um e com outro.

O propósito de se esclarecer o significado de «interrogar-se» impõe a distinção dos três casos que se apresentam:

1) O indivíduo interroga-se verbalmente.

Neste caso a pessoa que se interroga, verbaliza mental ou elocucionalmente (2.45), algo por ele suposto como resposta ao que pretende saber, e experimenta o texto resultante, respectivamente mental ou real-mental, com um consequente sentimento de «aceitação» ou de «inaceitação». Exemplifica-se: — da verbalização elocucional do suposto por P1 como resposta ao que pretende saber relativamente a uma outra pessoa P2, chamada Alberto, resultou um entoema conclusivo informativamente actuante, representável pela notação $\neq \text{O ALBERTO FOI LÁ.} \neq$, que é experimentado por P1 — admitimos — com um consequente sentimento de «aceitação».

De uma verbalização mental em vez de elocucional resultaria um entoema mentalmente experimentado, e não proferido, por P1.

A verbalização elocucional do suposto como resposta podia ter sido antecedida de uma verbalização mental (2.45).

2) O indivíduo interroga-se inverbalmente.

Neste caso, a pessoa que se interroga experimenta algo in verbal por

ela suposto como resposta ao que pretende saber, com um consequente sentimento de aceitação ou de inaceitação. Exemplifica-se:

— Uma pessoa, P1, como resposta ao que deseja saber relativamente a uma segunda pessoa, P2, supõe esta, na sua imaginação, a esculpir um busto, e experimenta o suposto — admitimos — com um consequente sentimento de inaceitação.

3) A pessoa interroga-se verbal e inverbalmente.

Neste caso, a pessoa que se interroga actua com em 1) relativamente a uma parte do que pretende saber, e actua como em 2) relativamente à parte restante. Só verbaliza, portanto, uma parte do que supõe como resposta ao que deseja saber. Exemplifica-se:

— da verbalização elocucional do suposto por P como resposta ao que lhe interessa saber relativamente a uma segunda pessoa, chamada Alberto — como em 1) — e do facto de ter experimentado, complementarmente, algo in verbal — como em 2) — resultou, respectivamente, um entoema inconclusivo, representável pela notação $\neq$ O ALBERTO FOI LÁ $\neq$, que é experimentado por P com um sentimento consequente de *aceitação* — admitimos — e uma recordação posteriormente ocorrente, também experimentada por P com um sentimento consequente de *aceitação* e que se fosse verbalizada poderia ter originado um entoema conclusivo assinalável pela notação $\neq$ DE NOITE $\neq$.

Os dois entoemas, sucessivamente ocorrentes constituiriam um sequência conclusiva que a notação $\neq$ O ALBERTO FOI LÁ DE NOITE $\neq$ pode simbolizar.

Observámos que uma pessoa que se interroga, verbal ou inverbalmente, experimenta algo que supõe como resposta ao que pretende saber, com um consequente sentimento de *aceitação* ou de *inaceitação*.

Um indivíduo que pretenda saber, por exemplo, o que ortograficamente se indica por «O rapaz faltou à sua promessa?», supõe como resposta, se a verbaliza, mental ou elocucionalmente, um entoema conclusivo ortograficamente representável por «O rapaz faltou à sua promessa.», indagando, simultaneamente, se o experimenta com um sentimento de *aceitação* ou de *inaceitação*. Se experimenta a resposta suposta com um sentimento consequente de *aceitação*, julgá-la-á tanto mais certa quanto mais intenso for o sentimento de *aceitação* que experimenta; se a experimentasse com um sentimento consequente de *inaceitação*, julgá-la-ia tanto mais errónea quanto mais intensamente experimentasse o sentimento referido.

Notemos que no decorrer do dia a dia, qualquer pessoa se interroga como em 1), como em 2) ou como em 3), sucessiva e alternadamente.

Interrogar-se é, frequentemente, supor uma resposta ao que se pretende saber, indagando ou verificando se a experimenta com um consequente sentimento de aceitação ou de inaceitação. Vimos (7.41) que a consequência que origina um dos referidos sentimentos pode ser rápida, mesmo imediata, ou morosa.

Se o sentimento consequente é de inaceitação, a pessoa que o experimenta, interroga outrem, ou interroga-se, novamente, uma ou mais vezes até supor uma resposta que o faça experimentar aceitação; ou desiste de se interrogar após uma primeira tentativa ou depois de o ter tentado várias vezes.

A pessoa que se interroga procura unificar, reflectindo, aquilo que supõe a respeito de uma «coisa» com aquilo que ele sabe ou imagina a respeito dessa mesma «coisa», quando a unificação não se verifica espontâneamente. Reflectir é procurar compreender, e procurar compreender é procurar unificar conhecimentos discriminados, ou imaginados, ou discriminados e imaginados.

Muitas vezes, uma pessoa interroga outrem depois de já se ter interrogado, pelo facto de ter experimentado com um consequente sentimento de inaceitação, ou de aceitação em pequeno grau, o que supôs como resposta ao que pretende saber, ou por ter pensado que é sempre possível julgar-se erròneamente.

Concretização: P, interrogando-se, supõe como resposta ao que pretende saber, o que ortograficamente se indica por «Fica longe daqui».

P experimenta a suposta resposta, in verbal ou verbalmente, com um sentimento consequente que admitimos ter sido de *aceitação*. Pode experimentá-la in verbalmente, imaginando-se a olhar um local distante do ponto onde se encontra. Se experimenta verbalmente a resposta suposta, verbaliza mental ou elocucionalmente (2.45) o que primeiramente experimentou in verbalmente.

P experimenta a suposta resposta, como já se disse, com um sentimento consequente de aceitação. Todavia, ou porque fosse baixo o grau de aceitação (7.41), ou porque é sempre possível pensar-se erròneamente, P comunica a outrem, interrogativamente, a resposta por ele suposta. À sua comunicação pode ter correspondido, ortograficamente: «Fica longe daqui?»

Comenta-se: P interrogou-se e experimentou o que supôs como resposta ao que pretendeu saber, com um sentimento consequente de aceitação, sentimento esse que devido ao seu baixo grau de magnitude e ao significado global da resposta suposta, foi equivalente a *incerteza*.

P interroga outrem depois de se ter interrogado, por ter experimentado a suposta resposta ao que pretendeu saber, como uma *incerteza*, ou porque pensou na possibilidade sempre occorrente de julgar erròneamente.

Também frequentemente uma pessoa interroga outrem depois de já se ter interrogado, por ter experimentado o que supôs como resposta ao que pretendeu saber, *sem* um sentimento consequente de aceitação ou de inaceitação.

Concretiza-se: pretendendo saber se Fernando estuda Engenharia, Paulo interroga-se experimentando algo inverbal — seja, por exemplo, um decurso mental parcialmente imaginado, parcialmente recordado, em que figurou Fernando, à entrada da Faculdade de Engenharia, a falar com uns rapazes que o Paulo sabe que são alunos da referida Faculdade, etc., etc. — um decurso que induz Paulo a supor como resposta ao que pretendeu saber, um entoema conclusivo ortograficamente representável por «Estuda engenharia», que experimentou mentalmente sem um conseqüente sentimento de aceitação ou de inaceitação. E porque assim foi, Paulo deixa de se interrogar e, quando se lhe oferece oportunidade, interroga o seu amigo António.

Paulo comunica a António, o que supõe como resposta ao que pretende saber, proferindo um entoema inconclusivo, interrogativamente actuante, ortograficamente representável por «Fernando estuda engenharia?».

Perante a pergunta de Paulo, António interroga-se, experimentando como se fosse sua, mas com um conseqüente sentimento de aceitação, de grau particularmente elevado, a resposta suposta por Paulo. Constituiu-se, assim, parte de um contexto global (4.12) que fez com que António proferisse um entoema conclusivo ortograficamente representável por «Estuda.»

Admitimos que a particularização elocucional do entoema mencionado exprimiu, qualitativa e tensionalmente, um sentimento de *aceitação* que devido ao seu elevado grau de magnitude e ao seu significado contextualmente ampliado (12.5) traduziu *certeza* ou *convicção*.

A resposta suposta por quem se interroga é, por vezes, experimentada com um sentimento conseqüente de aceitação, ou de inaceitação, e logo depois, com um sentimento oposto ao anteriormente ocorrente. Denuncia aceitação seguida de inaceitação, o entoema conclusivo que se ortografa «É e não é.» e se examina no parágrafo 12-1 do capítulo 12. Denunciaria, sucessivamente, os dois sentimentos, em ordem inversa, se lhe correspondesse, ortograficamente: «Não é e é.»

Confrontando o acto de interrogar com o acto de interrogar-se, observa-se que o campo mental de uma pessoa interrogada é modificado pela interrogação de quem o interroga, ao passo que o campo mental de quem se interroga é automodificado.

Interrogar pode ser comunicar a outrem algo suposto como resposta ao que se pretende saber, para verificar se o interrogado a experimenta, ou não, com um conseqüente sentimento de aceitação.

Interrogar-se pode ser experimentar algo suposto como resposta ao que se pretende saber, para verificar se o experimenta, ou não, com um conseqüente sentimento de aceitação.

Deve notar-se: — interrogar pode ser comunicar a outrem duas ou mais respostas supostas para ver qual delas o interrogado experimenta como aceitável ou como mais aceitável. É o que se depreende dos seguintes entoe-
mas ortografados: «O oxigénio é mais leve ou mais pesado do que o ar?» / «Ele vai para o Porto, ou para Lisboa, ou continua em Braga?»

Interrogar-se pode ser experimentar duas ou mais respostas supostas para indagar qual delas experimenta como aceitável ou como mais aceitável. Exemplifica-se: certo indivíduo gostaria de saber se um seu conhecido iria viver no Porto, ou em Lisboa, ou se permaneceria em Braga. Interroga-se inverbamente — admitimos — imaginando, sucessivamente, numa e noutra ordem, a partida do seu conhecido para o Porto, para Coimbra, e a sua permanência em Braga, com estes ou aqueles pormenores, mais ou menos favoráveis a que se experimente um sentimento consequente de aceitação.

Interrogar pode não ser comunicar a outrem algo suposto pelo interrogante ao que pretende saber. Entoemas interrogativamente actuaes como os que se ortografam: «O que é granito?» / «Quem é?» / «Que meteste tu nessa caixa?» — não comunicam ao interrogado uma resposta suposta pelo interrogante.

Imagine-se o seguinte episódio: um indivíduo vê escrito «Hidrogénio» na capa de um livro. Se esse indivíduo só sabe ou só ficou a saber que há uma coisa assim chamada (4.2) e deseja saber o que é, perguntará a outrem «O que é hidrogénio?» proferindo um entoema interrogativamente actuante que não comunica ao interrogado nenhuma resposta suposta por quem interroga.

Um dos motivos por que o interrogante não supõe uma resposta, pode ter sido o facto de nada saber sobre o que o vocábulo HIDROGÉNIO denomina (4.2) e não o querer mostrar, supondo uma resposta que denunciava o seu desconhecimento ao interlocutor.

O interrogante, no caso de fazer uma ideia sobre o que seria o denominado pelo referido vocábulo, teria, por exemplo, perguntado: «Hidrogénio é um gás?» e sendo assim, proferia um entoema a comunicar, interrogativamente, uma suposta resposta.

Interrogar-se pode não ser experimentar-se algo suposto como resposta ao que se pretende saber. É muito provável que o indivíduo considerado no episódio acima imaginado e que designamos por X, ao ver escrito HIDROGÉNIO na capa de um livro, tenha experimentado uma elocução mental (2.48; 2.49) constituída por um entoema conclusivo, informativamente actuante, representável pela notação $\neq \text{HIDROGÉNIO}.$, entoema esse, de andamento lento, que foi seguido de novo entoema semelhante e que desprovido de significado vocabular pelo facto de X o ignorar, motivou, por sua vez, um entoema vocabularmente análogo, mas inconclusivo e interrogativamente actuante, representável pela notação $\neq \text{HIDROGÉNIO?} \neq$. Admitimos que apresentou uma sequência primacial ditoemática (6.8-c) que exprimiu *interesse* mediante o seu elevado nível tensional, e *estranheza* denunciando *incompreensão* mediante nasalização das vogais orais.

Considerando entoemas que actuam interrogativamente, dissemos que estes podem resultar, ou não, de uma verbalização de uma compreensão. *Não resultam*, acrescentamos agora, os que segundo o seu texto vocabular inerente só podem actuar interrogativamente, seja qual for o contexto.

São entoemas mediante os quais o interrogante não comunica ao interrogado, quando o interroga, uma resposta suposta sobre o que lhe pergunta. O interrogante nada supõe porque não sabe nem imagina o que seja aquilo que pergunta ou não deseja, por este ou aquele motivo, claro ou oculto, comunicá-lo a quem o ouve.

São entoemas que não podem resultar da verbalização de uma compreensão. O que os origina é o interrogante perguntar por nada saber ou como se nada soubesse nem imaginasse sobre o que interroga. Pergunta «O que é oxigénio?» por nada saber ou como se nada soubesse nem imaginasse sobre o que o vocábulo oxigénio denomina. Pergunta «Quem é?» por não saber ou como se não soubesse nem imaginasse quem era. Se soubesse ou imaginasse que era o Francisco ou o Pedro, seria como se o não soubesse nem o imaginasse, perguntando «Quem é» — subentenda-se o contexto adjunto: que está a bater à porta? — em vez de perguntar «É o Francisco?» ou «É o Pedro?»

A pergunta «O que é oxigénio» pode equivaler a perguntar-se: «Qual é o significado do vocábulo «oxigénio»?». O interrogante denuncia saber que se trata de uma *coisa* e não de um animal irracional, ou de uma pessoa, etc., etc., mas ignora o que é essa coisa. O que pretende saber é, precisamente, o que essa coisa é, e não o que essa coisa não é.

No caso de um entoema ortografável por «Quem é?», o interrogante denuncia saber que se trata de *alguém* e não de uma pedra, ou de um animal irracional, etc., etc., mas ignora quem é esse alguém. É, precisamente, saber quem é esse alguém, e não quem esse alguém não é, o que o interrogante pretende.

7.43 — *Modalidade delimitativa ou toemática do entoema e toemas delimitativos*

Distinguem-se duas modalidades comunicativas (7.38): a *informativa* e a *interrogativa*. Ocorrem na elocução entoemas informativamente actuates e entoemas que actuam interrogativamente.

São duas as modalidades delimitativas do entoema: a *conclusiva* e a *inconclusiva*. Diz-se modalidade delimitativa ou toemática porque um entoema é conclusivo se for conclusivo o toema fundamental (6.3) que o delimita, e é inconclusivo se o referido toema for inconclusivo.

Discriminam-se toemas fundamentais, ou delimitativos, classificáveis como conclusivos ou como inconclusivos, mas, contrariamente ao que se julga, *não há toemas classificáveis como informativos ou como interrogativos.*

7.44 — *Relaciona-se a modalidade comunicativa do entoema com a sua modalidade delimitativa ou toemática*

Cada uma das quatro notações que seguidamente se apresentam, traduz qualquer variante de realização de um entoema cujo texto vocabular inerente seja o que nela se encontra ortograficamente transcrito (7.5):

I //NÃO SEI O QUE ESSE RAPAZ FAZ AGORA//	Entoema: 7
I'//ESTUDA//	» 8
I //MEDICINA//	» 9
I'//MEDICINA//	» 10

Qualquer entoema apresenta, necessariamente, um toema conclusivo ou um toema inconclusivo. Pode, portanto, admitir-se:

determinada realização R1 do entoema designado por	7	foi conclusiva;
» » R2 » » » »	8	» »
» » R3 » » » »	9	» inconclusiva;
» » R4 » » » »	10	» conclusiva.

E sendo assim, verifica-se que R3 actuou interrogativamente, ao passo que R1, R2, R4, actuaram informativamente. R3 foi um entoema inconclusivo; R2, R3 e R4, foram entoemas conclusivos.

Segundo o observado, a modalidade comunicativa de um entoema é determinada pela sua modalidade delimitativa. Actuam informativamente os entoemas conclusivos e actuam interrogativamente os inconclusivos. Mas já no próximo parágrafo se vai ver que a modalidade comunicativa de um entoema, não depende, unicamente, da sua modalidade delimitativa.

7.45 — *Modalidade comunicativa de um entoema monovocabular conclusivo*

I)

Examinam-se, auditivamente, mediante magnetogramas, os entoemas 11 e 12; 13 e 14; 15 e 16. Representam-se na fig. 77 os correspondentes comportamentos de tonalidade. Observa-se:

— os entoemas 11, 13, 15, proferidos por I, classificáveis como *motivantes*, relativamente aos entoemas 12, 14, 16, proferidos por I' são vocabularmente idênticos e todos eles conclusivos.

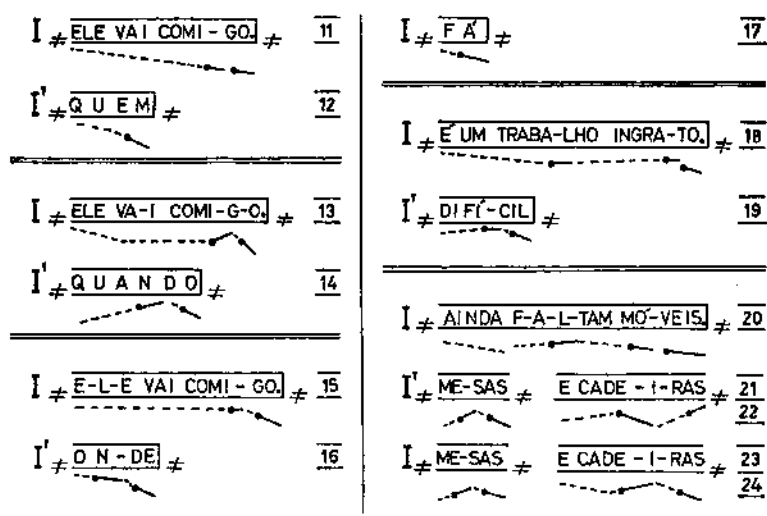


Fig. 77

Verifica-se: qualquer dos três entoemas apontados actua informativamente.

— os entoemas 12, 14, 16, proferidos por I', classificáveis como *motivados*, relativamente aos entoemas 11, 13, 15, proferidos por I, são vocabularmente diversos e são todos eles conclusivos.

Verifica-se: qualquer destes três entoemas, se bem que conclusivo, actua interrogativamente.

Em vez do entoema 12, interessa notar, poderia ter ocorrido um entoema vocabularmente idêntico, mas expressivamente inconclusivo. Actuaria, também, interrogativamente. Comentário semelhante é aplicável ao entoema 14 ou ao entoema 16.

Entoemas elocucionais-monovocabulares resultantes de realizações de determinados vocábulos, tais como «QUEM», «ONDE», «QUANDO» e muitos outros mais, podem actuar interrogativamente quer sejam conclusivos quer inconclusivos. Servem para exemplificar os trechos de diálogo que a seguir se assinalam:

A)	B)
$I \neq \text{ELE ESTEVE ONTEM CÁ.} \neq$	$I \neq \text{ELE ESTEVE ONTEM CÁ.} \neq$
$I' \neq \text{QUEM} \neq$	$I' \neq \text{QUEM} \neq$

Observa-se: o entoema proferido por I' é conclusivo no trecho A) e inconclusivo no trecho B), mas tanto num dos casos como no outro, actua interrogativamente. Corresponde, ortograficamente, a qualquer deles: «Quem?»

Outros trechos de diálogo para exemplificação:

A')	B')
$I \neq \text{ELE ESTEVE CÁ.} \neq$	$I \neq \text{ELE ESTEVE CÁ.} \neq$
$I' \neq \text{QUANDO} \neq$	$I' \neq \text{QUANDO} \neq$

A'')	B'')
$I \neq \text{ELE ESTEVE ONTEM CÁ.} \neq$	$I \neq \text{ELE ESTEVE ONTEM CÁ.} \neq$
$I' \neq \text{ONDE} \neq$	$I' \neq \text{ONDE} \neq$

Relativamente à sua modalidade comunicativa, diz-se que um entoema conclusivo é *inversivamente actuante*, se actuar interrogativamente. São inversivamente actuates os entoemas monovocabulares, conclusivos, designados por 12, 14, 16 (fig. 77).

O que se disse sobre «deslizes tonais silábicos» (7.29) e sobre «lacunas tonais» (7.30), auxilia a interpretação das notações dos entoemas acima designados.

Palavras resultantes de realizações de vocábulos como «QUEM» «ONDE», «QUANDO», ocorrentes em posição inicial de entoemas polivocabulares, conclusivos, actuam informativa ou interrogativamente, conforme o seu «contexto motivante» (4.22) ou o seu contexto adjunto (4.14) determinar. Confirmam o exposto os entoemas b, f / c, e / g, h

$I - \neq \text{DIZ-SE QUE ELE FOI DESONESTO} \neq$	Entoema: a
$I' - \neq \text{QUEM DIZ ISSO} \neq$	» b

I — <u>≠QUEM O PODE PROVAR</u> ≠	Entoema: c
I' — <u>≠DIZ-SE QUE ELE FOI DESONESTO</u> ≠	» d
I — <u>≠QUEM O PODE PROVAR</u> ≠	» e
I' — <u>≠QUEM DIZ ISSO</u> ≠	» f

Transcrições ortográficas correspondentes:

I — Diz-se que ele foi desonesto.	I' — Diz-se que ele foi desonesto.
I' — Quem diz isso?	I — Quem o pode provar?
I — Quem o pode provar.	I' — Quem diz isso.

Verifica-se:

— a palavra inicial do entoema conclusivo *b*, isto é, do entoema designado por *b*, actua interrogativamente se o seu contexto motivante for o entoema *a*, e actua informativamente se o seu contexto motivante for o entoema *e*.

Note-se que os entoemas *b* e *f* são vocabularmente idênticos e ambos conclusivos. O mesmo se pode dizer a respeito dos entoemas *a* e *d*.

— a palavra inicial do entoema conclusivo *c* actua informativamente se o seu contexto motivante for o entoema *b*, e actua interrogativamente se o seu contexto motivante for o entoema *d*.

Note-se que os entoemas *c* e *e* são vocabularmente idênticos e ambos conclusivos.

Admita-se, agora, que em vez do entoema *b*, ocorreu este outro, conclusivo:

g)

≠QUEM DISSER ISSO MENTE ≠ que se ortografa «Quem disser isso mente.»

Verifica-se: — a palavra que o inicia só pode actuar informativamente porque o seu contexto adjunto (4.14) impede que ela actue interrogativamente.

Ainda que se tratasse do entoema inconclusivo, interrogativamente actuante, correspondente à notação:

h)

≠QUEM DISSSE ISSO MENTE? ≠ e que se ortografa: «Quem disse isso mente?»

a palavra inicial teria uma actuação informativa se bem que a frase actuasse interrogativamente.

II)

1 — Examina-se a notação do entoema 17, reproduzida na fig. 77. É um entoema conclusivo. É experimentado por qualquer ouvinte informativamente, se actuar independentemente de qualquer contexto.

Admita-se a ocorrência dos seguintes factos:

— antes de proferir o entoema 17, o locutor I, um professor de música, disse ao seu aluno I': «Vou apontar uma figura nesta pauta musical e dizer o nome da nota. Tu dirás se é, ou não, a nota que eu disse.»

— após a elucidação, I aponta para uma figura da pauta, profere o entoema 17 e toma uma atitude expectante (7.47) que é notada por I'.

Os factos apontados constituíram um contexto (4.12) que determinou que o entoema 17 actuasse interrogativamente sobre I'.

O contexto anterior à realização do entoema (*contexto preposto*) foi predominantemente verbal, ao passo que o contexto posterior à sua realização (*contexto posposto*) foi inverbal, possivelmente mimico-fisionómico (4.24).

2 — Examinam-se as notações dos entoemas 18 e 19, reproduzidas na figura 77. O entoema 19 apresenta uma sequência primacial ditoemática, do tipo constante-descendente (6.14). É experimentado por I, informativamente.

Admitindo, porém, que I, ao proferir o entoema 19 manifestou ao seu interlocutor uma atitude expectante, admite-se, implicitamente, que o referido entoema actuará sobre I interrogativamente. Comentário semelhante é aplicável ao entoema 18. Uma «atitude expectante» constituiu em qualquer dos casos, um contexto inverbal com um significado equivalente ao de qualquer das seguintes interrogações: «Não é verdade?» / «Não é assim?» / «Não é?» /, que tornou o respectivo entoema interrogativamente actuante.

Diz-se que o contexto de um entoema conclusivo é *inversivo*, se determina que a sua actuação seja interrogativa. É inversivo o contexto inverbal do entoema 19.

III)

Supõe-se que um indivíduo I e o seu interlocutor I' estão empenhados em ultimar a instalação do mobiliário de um salão. A certa altura ocorre o fragmento de diálogo a que corresponde o seguinte texto ortográfico:

I — Ainda faltam móveis.

I' — Mesas e cadeiras?

I — Mesas e cadeiras.

Foram motivados os entoemas 20;21 e 22;23 e 24; que passamos a examinar mediante as notações auxiliares reproduzidas na fig. 77.

Verifica-se que o entoema 21 actua interrogativamente ao passo que o entoema 23 actua informativamente, se bem que ambos os entoemas sejam monovocabulares, conclusivos, e resultem de realizações dum mesmo vocábulo (2.15; 2.21).

Observando que o entoema 21 é seguido de um entoema inconclusivo, e que o entoema 23 é seguido de um entoema vocabularmente idêntico ao 21, mas conclusivo, deduz-se que os entoemas 22 e 24 constituem contextos que determinam, respectivamente, que a modalidade comunicativa (7.39) do entoema 21 seja interrogativa e que actue informativamente o entoema 23. Note-se que o entoema 22 é classificável como *contexto inversivo* do entoema 21.

Observe-se, ainda: os entoemas 21 e 22 foram proferidos por um mesmo locutor I'; os entoemas 23 e 24 foram proferidos por um mesmo locutor I. Poderá dizer-se que um entoema conclusivo, monovocabular, actua interrogativamente se for seguido de um entoema inconclusivo, interrogativamente actuante, com que se unifique, proferido por um mesmo locutor.

Conclui-se: a modalidade comunicativa de um entoema monovocabular, conclusivo, é informativa se o seu texto ou o seu contexto não for inversivo.

7.46 — *Modalidade comunicativa de um entoema monovocabular inconclusivo*

Os entoemas 25, 26, 27 e 28 cujas notações auxiliares se encontram reproduzidas na fig. 78, fizeram parte de um novo fragmento de diálogo travado entre I e I'.

São inconclusivos e actuam interrogativamente os entoemas monovocabulares 26 e 28. Mas vamos ver que a par de entoemas monovocabulares inconclusivos, interrogativamente actuantes, ocorrem outros inconclusivos, que actuam informativamente.

O entoema 31, ocorrente em outro fragmento de diálogo (fig. 78), apresenta uma modalidade comunicativa igual à dos entoemas 26 e 28, actuando como qualquer deles, interrogativamente. São também inconclusivos os entoemas 32 e 33, mas estes actuam informativamente.

Confrontando o entoema 31 com o entoema 32 — duas realizações inconclusivas de um mesmo vocábulo — observamos que o entoema 31 actua interrogativamente, ao passo que é informativa a actuação do entoema 32.

Observações como as relatadas e outras mais, assistemáticamente efectuadas, permitem dizer que um entoema monovocabular, inconclusivo, actua informativamente nos seguintes casos:

— quando seguido de um entoema conclusivo, com ou sem pausa intercalar, informativamente actuante, com o qual é elocucionalmente unificável (11.3) e que foi proferido por um mesmo locutor;

I ≠ SE - I QUANTOS LIVROS S-Á-O, ≠	25	I ≠ GOSTA-VA QUE FO-SSES LA, ≠	35
I' ≠ QUAREN-TA ≠	26	I' ≠ E-U S-E-I, ≠	36
I ≠ N-Á-O, ≠	27	I ≠ V-A-I-S ≠	37
I' ≠ CINQUEN-TA ≠	28		
I ≠ QUE FRUTA COMPRA-S-T-E ≠	29	I ≠ QUE-RO QUE VÁ-SLÁ ≠	38
I' ≠ PE-RA-S, ≠	30	I' ≠ EU SE - I, ≠	39
I ≠ P-E-R-A-S ≠	31	I ≠ V-A-I ≠	40
I' ≠ PE-RA-S MA-C-Á-S E LARAN - JAS ≠	32		
	33		
	34		

Fig. 78

Exemplifica-se: um entoema monovocabular, inconclusivo, representável pela notação //ESTUDA//, actua informativamente se for seguido, com ou sem pausa intercalar, do entoema conclusivo, informativamente actuante, representável pela notação //INGLÊS.//, com o qual é elocucionalmente unificável, e que foi proferido por um mesmo locutor.

— quando seguido de uma sequência conclusiva de entoemas (11.4), informativamente actuante, com a qual é elocucionalmente unificável e que foi proferida por um mesmo locutor, quer tenha ocorrido ou não uma pausa intercalar entre o entoema inconclusivo e a referida sequência.

Exemplifica-se: um entoema monovocabular, inconclusivo, representável pela notação //ESTUDA//, actua informativamente se for seguido, com ou

sem pausa intercalar, da sequência conclusiva de entoemas, informativamente actuante, representável pela notação //INGLÊS,// E FRANCÊS.// com a qual é elocucionalmente unificável e que foi proferida por um mesmo locutor.

7.47 — *Atitude expectante e condicionamento da sua actuação*

Atitude expectante de um locutor, actuando como *contexto inversivo* de um entoema conclusivo por ele realizado, pode ou não conferir ao referido entoema, função interrogativa.

Uma atitude expectante constitui um «contexto inversivo» de um entoema conclusivo, se for equivalente a uma interrogação do tipo «Não é verdade?», como sucede com o entoema 19 (7.45). Mas, muitas vezes, não se verifica o observado com o entoema referido.

Confrontando o entoema 37 com o entoema 40 (fig. 78), verifica-se que o entoema 36 pode ser seguido de «Não vais?» ou de qualquer interrogação do tipo «Não é verdade?», ao passo que o entoema 40 não se concilia, facilmente, com uma tal pergunta, se exprimir ordem ou pedido.

Uma atitude expectante associada ao entoema conclusivo 37, ou a qualquer outro entoema conclusivo elocucionalmente articulável com uma interrogação do tipo «Não é verdade?», constitui um contexto inversivo (7.45) do respectivo entoema, determinando que seja interrogativa a sua actuação.

O entoema conclusivo 40, contrariamente ao que sucede com o entoema conclusivo 37, tem um significado elocucional incompatível com a interrogação «Não é verdade?», ou qualquer outra do mesmo tipo. Seria compatível se o seu significado vocabular fosse equivalente a «Ele (ou a Ela, ou a Você, ou ao Senhor) vai.», mas o seu contexto elocucional não-adjunto, anterior, (4.15) é suficiente para excluir essa possibilidade. O entoema 38, mediante o seu texto vocabular inerente, implica que o entoema 40 constitua uma ordem ou um pedido inconciliável com uma interrogação do tipo «Não é verdade?». O vocábulo «QUERO» bem como o vocábulo «VAI» podem ser realizados de modo a resultar uma palavra equivalente a uma ordem ou uma palavra que equivale a um pedido.

I não pergunta ao seu interlocutor I' se ele (o interlocutor) vai, como no caso do entoema 37, mediante a sua atitude expectante; I comunica a I' o seu desejo, exprimindo pedido ou imposição.

Um locutor associa, frequentemente, a um entoema por ele proferido, uma atitude expectante que não é notada ou que não pode ser vista pelo seu interlocutor. Quando assim sucede, e é conclusivo o entoema, este actuará

informativamente, podendo daí resultar incompreensão para o ouvinte se o respectivo texto ou outro contexto não for inversivo (7.45).

Se I' associou uma atitude expectante ao entoema 19, fig. 77, que não foi notada por I, e I tiver conhecimento de que I' nada sabe sobre o trabalho qualificado como «íngrato» no entoema 18, I estranhará que I' o qualifique como difícil. Essa estranheza poderá motivar o prosseguimento do diálogo, originando os entoemas que seguidamente se ortografam:

I — Como sabe que é difícil?	Entoema	41
I' — Não sei se é difícil; pergunto se é.	Entoemas	42; 43

Evidenciam o mal-entendido motivado pelo facto de o entoema 19, fig. 77, ter actuado informativamente.

Do exposto sobre «atitude expectante» deduz-se:

a) Um entoema conclusivo, elocucionalmente conciliável com uma pergunta do tipo «Não é verdade?», associado a uma atitude expectante do locutor, actua interrogativamente. A referida atitude constitui um contexto inverbal inversivo do entoema conclusivo a que foi associado (7.45).

Um entoema que actua interrogativamente, denuncia ou sugere ao ouvinte que o locutor observa, aguarda, a sua reacção perante o que lhe diz, a solicitar-lhe uma resposta.

b) Um entoema conclusivo, elocucionalmente inconciliável com uma pergunta do tipo «Não é verdade?», associado a uma atitude expectante do locutor, não actua interrogativamente. Denuncia ou sugere que o locutor observa a reacção do ouvinte perante o que lhe diz sem lhe solicitar uma resposta. A referida atitude não constitui um contexto inversivo do entoema conclusivo a que foi associada.

c) Uma atitude expectante é a atitude natural de quem interroga e implicitamente aguarda do interrogado uma resposta. É, consequentemente, expectante a atitude que o locutor normalmente associa à pausa elocutiva ou interlocutiva, ou ao período não-elocucional que se segue a um entoema inconclusivo interrogativamente actuante.

7.48 — *Contexto mímico de um entoema*

É inverbal qualquer contexto (4.12; 4.24) de um entoema que não actue vocabular ou elocucionalmente. São mímicos — mímico-gesticulados, mímico-fisionómicos, etc. — os contextos inverbais que se distinguem como mais importantes.

Um contexto mímico de um entoema — atitude ou gesto, ou jogo de atitudes ou de gestos, que se discrimina como seu complemento — ocorre antes ou depois do entoema / ou simultâneamente / ou antes e simultâneamente / ou simultâneamente e depois / etc., etc. Certo olhar e determinado comportamento labial pode ser patenteado por I, antes ou depois de proferir um entoema, ou ao proferi-lo, para exprimir «inaceitação» do que lhe foi comunicado pelo seu interlocutor I'.

Um contexto mímico, simultâneamente actuante com um entoema, implica, ou não, determinado aspecto sonoro-articulatório que o particulariza elocucionalmente. O que se disse a respeito de particularização elocucional de uma palavra (2.10; 2.14; 2.23), aplica-se ao entoema, muito especialmente se este é monovocabular. Certo olhar do locutor ao realizar um entoema pode não ter implicado determinado aspecto sonoro-articulatório particularizante desse entoema, mas uma conformação labial pode tê-la implicado em grau elevado. A particularização elocucional de um entoema denuncia, frequentemente, actuação simultânea de um contexto mímico. É o que, por exemplo, acontece quando um locutor profere um entoema ou parte de um entoema com uma articulação particularmente labializada para exprimir uma forma de compreensão do que foi comunicado vocabularmente.

A par de contextos mímicos de significado relativamente claro, como seja o expresso pelo dedo indicador a traduzir *precisão*, ocorrem outros de significado ambíguo, interpretáveis de vários modos. Está nesse caso o «encolher de ombros» cujo significado depende da sua rapidez e do seu grau de amplitude, assim como do significado elocucional do entoema a que é associado.

O contexto mímico de um entoema é classificável segundo o motivo da sua ocorrência, quando tal motivo é discriminável. Uma pessoa que exprimiu ter pensado no que disse ao seu interlocutor, mediante um entoema, antes de o ter dito, ou ao proferi-lo, associou ao entoema proferido um contexto inverbal classificável como «ponderativo». Duas outras espécies de contexto mímico são o «indutivo» e o «expectante».

Um contexto *ponderativo* exterioriza, como se disse, reflexão. Um contexto *indutivo* associado a um entoema inconclusivo induz o ouvinte a

experimentar uma entoema conclusivo com o qual o primeiro forme uma «sequência conclusiva» (11.4). Um contexto *expectante* é uma atitude do locutor que actuando como complemento de um entoema (7.47) por ele proferido, lhe confere função interrogativa. Pode, por consequência, ser ou não *inversivo* como complemento de um entoema conclusivo (7.45).

7.49 — *Pausa elocutiva e contexto mímico*

Durante uma pausa elocutiva (3.48), respiratória (3.49), ou de verbalização elocucional (3.50), pode ter lugar uma exteriorização mímica que constitui um contexto de um entoema que antecede a pausa ou de um entoema que se lhe segue, ou de ambos eles. Também durante uma pausa interlocutiva (3.52) pode verificar-se uma exteriorização mímica do interlocutor I ou do interlocutor I', ou de um e de outro. Neste último caso, a exteriorização de I constituirá um contexto complementar *suffixativo* do entoema anterior à pausa, e a exteriorização de I' constituirá um contexto complementar *prefixativo* do entoema que lhe é posterior.

Uma pausa elocutiva ou interlocutiva, durante a qual não actua um contexto mímico nem qualquer outro contexto inverbal, é, simplesmente, *temporal*. Se durante a pausa elocutiva actua um contexto mímico, classifica-se a pausa segundo a classe a que o referido contexto pertencer. Considerando, apenas, as classes contextuais mencionadas anteriormente (7.48), designam-se três espécies de pausa elocutiva: *ponderativa*, *indutiva* e *expectante*.

7.50 — *Contexto global de um entoema*

Constitui o *contexto global* de um entoema, ou de qualquer outro texto elocucional que não seja um entoema (2.40), o que se discrimina como seu complemento e o que se discrimina ou imagina como motivo da sua ocorrência (4.12).

O discriminado como seu complemento, é — convém repeti-lo — um *contexto motivado* e o que se discrimina ou imagina como motivo da ocorrência do entoema, é o seu *contexto motivante* (4.22). Qualquer destes dois contextos parciais pode ser verbal ou inverbal (4.12; 4.13).

Admita-se que uma pessoa que se designa por *P*, ouviu o fragmento de diálogo que se transcreve ortograficamente:

I — É uma grande propriedade.
I' — Imensa!

Supõe-se que o proferido por cada um dos interlocutores constituiu um entoema conclusivo informativamente actuante.

P discrimina o entoema proferido por *I* como contexto verbal motivante do entoema proferido por *I'* e, também, como seu complemento. O que *I* disse é um complemento do que *I'* diz depois; — à palavra $\neq$ IMENSA $\neq$ associou a palavra $\neq$ PROPRIEDADE $\neq$ ampliando o seu significado.

P discrimina o entoema proferido por *I'* como um contexto verbal motivado pelo que *I* proferiu antes.

Para *P*, o contexto global do entoema proferido por *I'*, é o entoema proferido por *I*. É um contexto verbal.

Se o texto do entoema proferido por *I'* tivesse sido acompanhado de um contexto inverbal, por exemplo um gesto do braço, de grande amplitude, com que *I*, procurou exprimir grande magnitude, verificava-se um contexto global que era parcialmente verbal e parcialmente inverbal.

Note-se que o referido contexto inverbal, em vez de simultâneo, poderia ter sido anterior ou posterior ao entoema respectivo, ou parcialmente anterior e parcialmente simultâneo, etc., e que podia não ter sido visto pelo ouvinte.

Para *I*, o contexto global do entoema proferido por *I'*, é o entoema que *I* proferiu e mais o que *I'* tenha pensado. Recordou, supomos, a propriedade a que *I* se referira e cuja grande extensão originou o contexto inverbal e a particularização temporal-longa, do entoema proferido por *I'*, de modo a traduzir grande magnitude, inverbal e verbalmente.

O contexto global do entoema proferido por *I'*, condiciona o seu significado. É por isso classificável como relevante-actuante (4.12) ou *incidente* (12.4). No presente caso, amplia verbalmente e particulariza inverbal e verbalmente, o significado do entoema respectivo.

8 — PARTICULARIZAÇÃO APRESENTATIVA DO ENTOEMA MONOVOCABULAR

8.1 — *Aspectos apresentativos-auditivos particularizantes do entoema monovocabular*

Qualquer aspecto apresentativo-auditivo (3.4) — tensional, tonal, qualitativo ou temporal (3.5) — ou qualquer conjunto ou sequência de dois ou mais dos referidos aspectos, que torne a apresentação da palavra que constitui, um entoema monovocabular, particularmente diversa da apresentação do vocábulo que lhe corresponde, é *particularizante*. Compreende-se, assim, que a particularização de um entoema possa distinguir-se como tensional, tonal, qualitativa, temporal, ou como conjunta, por exemplo tensional-temporal, simultânea ou sucessivamente.

Os factores discriminados como determinantes da particularização elocucional da palavra (2.23), explicam que a particularização de um entoema seja classificável como *idiofônica*, ou *idiofonética*, ou *circunstancial*, ou como *expressiva*.

8.2 — *Particularização idiofônica*

Da actuação do locutor como «instrumento» resultam os aspectos apresentativos *idiofônicos* (2.14).

Cada locutor utiliza, quando fala, um aparelho fonador que sendo diverso de qualquer outro, apresenta características acústicas que individualizam qualquer entoema que realize, conferindo-lhe aspectos que se qualificam como idiofônicos. São, normalmente, involuntários.

Cada pessoa oferece uma «fisionomia sonora» a quem o ouve falar, assim como oferece uma fisionomia visual a quem o vê. Como traços componentes da fisionomia sonora de um locutor, mencionam-se:

— idiofônicos qualitativos: nasalidade deficiente ou excessiva de vogais nasais / bafejamento desta ou daquela vogal em qualquer posição, ou com determinado contexto fonético / Etc.

— idiofónicos tonais: espectros acústicos, vocálicos, predominantemente agudos ou predominantemente graves / Etc.

São «regulares» os mencionados aspectos idiofónicos. São «irregulares» os ocorrentes nos casos de rinofonia, pneumofonia, traqueiofonia, megafonia, microfonia, e outras disfonias.

8.3 — *Particularização idiofonética*

Da actuação do locutor como «executante» resultam aspectos particularizantes distribuíveis em dois grupos: involuntários e voluntários (2.14). São involuntários os classificáveis como *idiofonéticos*.

Cada indivíduo oferece, como dissemos (7.52) uma «fisionomia sonora» e esta, paralelamente ao que sucede com o semblante, assume as mais variadas expressões sem deixar de ser reconhecível como uma determinada fisionomia.

Aspectos idiofonéticos são particularidades de «pronúncia» e de «dicação» que distinguem um locutor de qualquer outro locutor como executante. Mencionam-se algumas dessas particularidades, distinguindo as «regulares» das «irregulares»:

— individuais, regulares, de pronúncia: sílabas átonas iniciais, ou finais, muito tensas / consoantes sibilantes muito longas / destacada independência das sílabas componentes de um entoema / regressões vocálicas muito sensíveis.

— individuais, irregulares, de pronúncia: dislalias glóssicas, dentais, labiais, etc.

— individuais, regulares, de dicação: ritmo silábico muito marcado / alongamento de vogais componentes de sílabas átonas finais.

— individuais, irregulares, de dicação: arritmias silábicas / gaguez.

8.4 — *Particularização circunstancial*

Particularizações elocucionais que denunciam a circunstância ou o conjunto de circunstâncias que provocou a sua ocorrência, classificam-se como *circunstanciais*.

Circunstâncias discrimináveis mediante particularização elocucional, são as que actuam de modo semelhante sobre qualquer locutor. Mencionam-se:

a) Distância entre o locutor e o ouvinte.

Elocuções com um nível tonal-tensional-temporal elevado denunciam, normalmente, que o ouvinte está longe do locutor, a não ser que o respectivo texto, ou um contexto, ou uma e outra coisa, revelem um estado de exaltação do locutor.

Um baixo nível de sonoridade denuncia, normalmente, proximidade do ouvinte. Se a distância entre o locutor e o ouvinte for mínima, mínimo será, também, o referido nível.

b) Condições acústicas do local onde se fala.

Podem ser desfavoráveis ou favoráveis à transmissão sonora, induzindo o locutor a falar, respectivamente «mais alto» ou «mais baixo», em nível qualitativo mais ou menos elevado, num andamento mais rápido ou mais lento. Etc.

c) Tempo disponível.

O andamento elocucional é, normalmente, tanto mais rápido quanto menor for o tempo de que dispõe o locutor para falar, e o ouvinte para ouvir.

d) Categoria social do locutor em relação à do ouvinte.

O decurso elocucional é, geralmente, tanto mais eufónico quanto maior for a importância social do ouvinte.

Relativamente às alíneas a) e b), observe-se que depende da vontade do locutor falar mais alto ou mais baixo; e no concernente às alíneas c) e d), dir-se-á que depende da sua vontade falar mais depressa ou mais devagar / ou de um modo mais ou menos agradável.

Considerem-se, ainda, particularizações elocucionais que denunciam se o locutor verbalizou elocucionalmente (2.45), ponderando, raciocinando, recordando ou imaginando simultaneamente, o que verbalizou.

Um locutor reage perante circunstâncias como as citadas, particularizando, ou não, voluntariamente, a sua elocução. Circunstâncias *acidentais*, ou factos ou contextos que as constituam, podem motivar particularizações que ocorrem independentemente da vontade do locutor. São particularizações *circunstanciais involuntárias*. Está neste caso qualquer facto inesperado que provoque uma pausa elocutiva de verbalização elocucional (3.50).

8.5 — *Particularização expressiva*

Um locutor, como *instrumento* (2.14) particulariza, involuntariamente, a sua elocução. Como *executante* (2.14) pode particularizá-la voluntária ou involuntariamente.

Particularizações voluntárias da elocução segundo o propósito comunicativo do respectivo locutor, *exprimem* um aspecto ou uma sequência de aspectos desse propósito e por isso se classificam como *expressivos*.

Particularizações involuntárias da elocução, alheias ao propósito comunicativo do locutor respectivo, são particularizações significativas, como quaisquer outras, mas os aspectos que originam classificam-se como não-expressivos.

São aspectos particularizantes voluntários, além dos circunstanciais cuja ocorrência depende da vontade do locutor (8.4), os *delimitativos*, os *de realce* e os *sentimentais*. São todos classificáveis como «expressivos» (2.14).

A particularização expressiva de um entoema é uma resultante de N particularizações em que é decomponível quando analisada. Correspondem-lhes as designações: particularização *delimitativa*, *de realce*, *sentimental*, *circunstancial*.

Importa repetir, agora, relativamente ao entoema, o que se disse (2.14) a respeito de qualquer texto: «a particularização elocucional individualiza, apresentativamente, um entoema, mediante os seus aspectos particularizantes involuntários e voluntários, e confere-lhe uma expressão mediante os seus aspectos particularizantes voluntários».

8.6 — *Particularização expressiva-delimitativa*

Particulariza delimitativamente um entoema, exprimindo conclusão ou inconclusão do acto de compreensão que o origina, o seu toema fundamental (6.3; 6.4).

Exprime *conclusão* um toema conclusivo (6.9) mediante os dois aspectos fónicos, simultâneamente actuantes, que o definem: decréscimo tensional e tonalidade descendente (6.10).

Exprime *inconclusão* um toema inconclusivo (6.9) mediante os dois aspectos fónicos, simultâneamente actuantes que o definem: decréscimo tensional e não-descida de tonalidade (6.11).

São conclusivos todos os entoemas representados na fig. 77 excepto o 22. Este entoema e os designados pelos números 26, 28, 31, 32 e 33 — fig. 78 — são inconclusivos, e todos eles, excepto o 26 que é de tonalidade constante, manifestam tonalidade ascendente.

8.7 — *Particularização expressiva de realce*

A particularização expressiva que põe em destaque ou *realça* um entoema, valorizando toda a sua apresentação ou parte dela, distingue-se como *tonal* / *temporal* / *tensional* / *qualitativa* / ou como *conjunta* (8.19).

Se um toema é realçado, tem lugar uma particularização toemática de realce, particularização essa que pode ser fundamental ou secundária. É fundamental se o toema particularizado é delimitativo; é secundária se for secundário o toema realçado.

A)

8.8 — *Particularização tonal de realce de um entoema monossilábico*

Um entoema monossilábico, e, por conseguinte, monovocabular, seja //HÁ//, //FÁ//, //FOZ// (7.5), ou qualquer outro, mono ou poli-alofônico, é tonalmente particularizado se o nível tonal, constante ou predominante da sua sílaba única for I ou V, ou se a referida sílaba manifestar uma variação tonal de I a V ou de V a I (7.14; 7.15; 7.16).

8.9 — *Particularização tonal de realce de um entoema monovocabular polissilábico*

I) ENTOEMAS OXÍTONOS

a) *Dissilábicos.* //ANZOL//, //FAROL//, //RAPAZ//, //ACÇÃO// (7.5)

Níveis relativos possíveis (7.32): nível tonal, predominante ou constante, da sílaba átona — I, II, III, IV ou V, como assinala o diagrama A do Quadro XXVIII, quer o nível inicial da sílaba tônica seja I, II, III, IV ou V.

Sequências particularizantes: uma das sílabas manifesta o nível I, que se distingue como particularmente grave, ou manifesta o nível V, que se distingue como particularmente agudo.

O grau de particularização da sequência é de grande magnitude se lhe corresponder qualquer das seguintes notações: I-V, V-I; I-I, V-V.

Variações com um alto grau de particularização: variação de I a V ou de V a I, manifestada por qualquer das duas sílabas; variação do tipo I a V e de V a I, ou de V a I e de I a V, abrangendo as duas sílabas.

b) *Trissilábicos.* //DIRECÇÃO// //CAPATAZ// //CARACOL//

Níveis relativos possíveis (7.32): o nível tonal de qualquer das duas sílabas átonas (predominante ou constante) pode ser I, II, III, IV ou V, como assinala o diagrama B do Quadro XXVIII, quer o nível inicial da sílaba tônica seja I, II, III, IV ou V.

Sequências particularizantes: uma das sílabas, ou mais do que uma, manifesta o nível I ou o nível V.

O grau de particularização da sequência é muito elevado se lhe corresponder qualquer das seguintes notações: I-V-I ou V-I-V; I-I-V ou V-I-I; I-I-I ou V-V-V.

Variações com um alto grau de particularização: variação de I a V ou de V a I, manifestada por qualquer das três sílabas, ou por mais de uma sílaba; variação do tipo I-V-I-V, ou do tipo V-I-V-I, abrangendo as três sílabas.

c) *Tetrassilábicos.* //TRIANGULAR// //APARADOR// //CELESTIAL//

Níveis relativos possíveis (7.32): o nível tonal de qualquer das três sílabas átonas (predominante ou constante) pode ser I, II, III, IV ou V, como assinala o diagrama C do Quadro XXVIII, quer o nível inicial da sílaba tônica seja I, II, III, IV ou V.

Sequências particularizantes: uma das sílabas, ou mais do que uma, manifesta o nível I ou o nível V.

O grau de particularização da sequência é muito elevado se lhe corresponder qualquer das seguintes notações: I-V-I-V ou V-I-V-I; I-I-I-I ou V-V-V-V.

Variações com elevado grau de particularização: variação de I a V ou de V a I, manifestada por qualquer das quatro sílabas ou por mais de uma sílaba; variação do tipo I-V-I-V-I ou V-I-V-I-V, abrangendo as quatro sílabas.

d) *Pentassilábicos.* //ENCADERNADOR//, //ENCARACOLAR//
//ILUMINAÇÃO//, //AMONIAL//

Níveis relativos possíveis (7.32): o nível tonal de qualquer das quatro sílabas átonas (predominante ou constante) pode ser I, II, III, IV ou V, quer o nível inicial da sílaba tônica seja III, como indica o diagrama D do Quadro XXVIII, quer seja I, II, IV ou V.

Sequências particularizantes: o nível tonal I ou V é manifestado por uma ou mais sílabas.

O grau de particularização de uma sequência é muito elevado se ela for do tipo ondulante, ou do tipo escalonado, ascendente ou descendente, com uma amplitude correspondente a duas ou mais faixas tonais (3.32).

Variações com destacado grau de particularização: variação de I a V ou de V a I, manifestada por qualquer das quatro sílabas, ou por mais de uma sílaba.

e) *Entoemas com mais de cinco sílabas* //INDETERMINAÇÃO// (seis sílabas); //PARTICULARIZAÇÃO// (sete sílabas)

Níveis relativos possíveis (7.32): o nível de qualquer das sílabas do entoema, pode ser I, II, III, IV ou V.

Sequências particularizantes: diferem, apenas, na extensão silábica, das consideradas na alínea d).

Relativamente ao grau de particularização da sequência, pode dizer-se aqui o que se disse a esse respeito na alínea anterior.

II) ENTOEMAS PAROXÍTONOS

Níveis relativos possíveis: o nível tonal, predominante ou constante, de qualquer sílaba, tónica ou átona, de um entoema paroxítono, pode ser, como se disse (7.35), I, II, III, IV ou V, quer tenha duas ou mais sílabas.

Sequências ou variações particularizantes de níveis tonais silábicos de entoemas paroxítonos, são análogas às dos entoemas oxítonos.

Considere-se, a título de concretização, um entoema de qualquer das séries de entoemas que seguidamente se assinalam, ou qualquer outro que seja estruturalmente acentuado na penúltima sílaba:

- a) Dissilábicos. //CASA//, //COPO//, //DIGO//, //FRÁGIL//
- b) Trissilábicos. //RIBEIRO//, //SOLDADO//, //CONFIRMO//
- c) Tetrassilábicos. //CAMAROTE//, //CONSIDERO//, //ACEITÁVEL//
- d) Pentassilábicos. //SIMPLICIDADE//, //AVERMELHADO//, //ANALFABETO//

Utilizem-se, respectivamente, os diagramas das colunas A, B, C, D, do Quadro XXXII.

Fácilmente se verifica que o entoema paroxítono considerado, seja ele qual for, apresenta uma sequência de níveis tonais silábicos particularizante, se manifestar:

- uma ou mais vezes, o nível I ou o nível V;
- uma ou mais vezes, uma variação de nível de I a V ou de V a I, etc., etc., como no caso dos entoemas oxítonos.

Exemplos de entoemas paroxítonos, com seis, sete, oito e nove sílabas, foram mencionados anteriormente (7.33).

III) ENTOEMAS PROPAROXÍTONOS

Níveis relativos possíveis: o nível tonal, predominante ou constante, de qualquer sílaba, tónica ou átona, de um entoema proparoxítono, pode ser, como se disse (7.35), I, II, III, IV ou V, quer tenha três ou mais sílabas.

Sequências ou variações particularizantes de níveis tonais silábicos de entoemas proparoxítonos, são análogas às dos entoemas paroxítonos ou oxítonos.

Considere-se, a título de concretização, um entoema de qualquer das séries de entoemas que seguidamente se transcrevem, ou qualquer outro que seja estruturalmente acentuado na antepenúltima sílaba:

- a) Trissilábicos. //FÁBRICA//, //DÁDIVA//, //PÂNTANO//, //CÂNTICO//
- b) Tetrassilábicos. //RECTÂNGULO//, //DINÂMICO//, //RELÂMPAGO//
- c) Pentassilábicos. //ELECTRÓNICO//, //SIMPLICÍSSIMO//, //SINTOMÁTICO//

Utilizem-se, respectivamente, os diagramas das colunas A, B, C, do Quadro XXXIV.

Observa-se que o entoema esdrúxulo considerado, seja ele qual for, apresenta uma sequência de níveis tonais silábicos particularizante, se manifestar:

— uma ou mais vezes, o nível I ou o nível V;

— uma ou mais vezes, uma variação de nível I a V, ou de V a I, etc., etc., como no caso dos entoemas graves ou dos entoemas agudos.

8.10 — *Sequências particularizantes de níveis tonais silábicos de entoemas monovocabulares, polissilábicos, oxítonos, paroxítonos ou proparoxítonos*

Segundo o exposto nas alíneas I), II) e III) do parágrafo anterior, pode dizer-se que a sequência de níveis tonais silábicos de qualquer entoema monovocabular polissilábico é particularizante se apresentar uma ou mais sílabas em nível I ou V, ou se manifestar uma ou mais vezes uma variação tonal de I a V ou de V a I.

Não se esqueça que os níveis tonais classificados como expressivamente particularizantes e designados pelos números I e V são grandezas aferidas segundo escalas sensoriais resultantes de vivências verbais do indivíduo que as experimenta. Uma particularização expressiva de realce é uma particularização perceptual de grau (3.47).

8.11 — *Particularização temporal de realce de um entoema monossilábico*

Um entoema monossilábico, e, por conseguinte, monovocabular, seja por exemplo //É// ou //SIM// ou //FOZ//, ou qualquer outro entoema monossilábico, mono ou poli-alofônico, é temporalmente particularizado se a duração da sílaba única que o constitui apresentativamente, for experimentada como particularmente longa ou como particularmente breve.

Um entoema monossilábico, mono-alofônico, temporalmente particularizado, é apresentativamente constituído por uma vogal que é experimentada como particularmente longa ou particularmente breve. Se o entoema monossilábico é poli-alofônico, verifica-se uma duração particularizante de qualquer dos seus alofones componentes, ou deste e daquele alofone, ou do seu conjunto, observando-se neste último caso uma duração particularizante do entoema sem destaque temporal de qualquer dos seus alofones componentes.

8.12 — *Particularização temporal de realce de um entoema monovocabular polissilábico*

Um entoema monovocabular polissilábico oxítono, paroxítono ou proparoxítono, manifesta um *ritmo silábico elocucional* mais ou menos diverso do ritmo do vocábulo que lhe corresponde, ritmo esse que actua como termo de confronto e se denomina *ritmo silábico estrutural*. Quanto maior for o grau de diversidade entre o ritmo silábico elocucional de um entoema e o seu ritmo silábico estrutural, maior será o grau da sua particularização temporal expressiva.

Mas um entoema pode apresentar um ritmo silábico elocucional perceptualmente análogo ao estrutural e ser temporalmente particularizado pela lentidão ou rapidez do seu andamento (3.43). Lentas ou rápidas, as suas sílabas apresentam, em tais casos, durações relativas perceptualmente análogas às do vocábulo correspondente. É a mesma a relação entre a duração da sílaba tónica e a da átona se o entoema é dissilábico, ou entre a duração da sílaba tónica e a de qualquer das sílabas átonas se o entoema apresenta mais de duas sílabas.

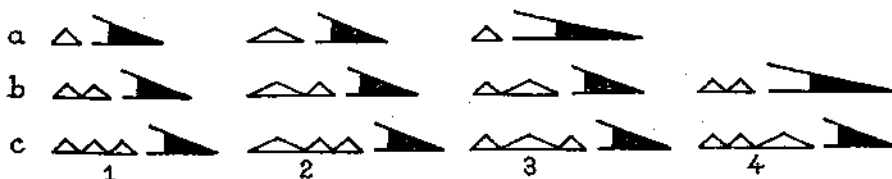
No Quadro XXXV encontram-se representados entoemas monovocabulares oxítonos, com 2, 3 e 4 sílabas, com ritmo silábico elocucional particularizante, excepto as que figuram na coluna 1. Estes apresentam um ritmo silábico elocucional análogo ao estrutural. Servem como termos de confronto. Observa-se:

a) Dissilábico oxítono, por ex. //RAPAZ// ou //ANDAR// (7.5)

1-a — Sem particularização temporal

2-a — Síllaba átona experimentada como particularmente longa, relativamente à tónica

3-a — Síllaba tónica experimentada como particularmente longa relativamente à átona



Quadro XXXV

b) Trissilábico oxítono, por ex. //ACENDER// ou //PROFESSOR//

1-b — Sem particularização temporal.

2-b — 1.ª síllaba átona experimentada como particularmente longa.

3-b — 2.ª » » » » » »

4-b — Sílabas tónicas experimentadas como particularmente longa.
Distingue-se pelo seu alto grau de particularização a forma 3-b.

c) Tetrassilábico oxítono, por ex. //MUNICIPAL//, //ADORMEÇA//, //ACONTECEU//

1-c — Sem particularização temporal.

2-c — 1.^a sílaba átona experimentada como particularmente longa.

3-c — 2.^a » » » » » »

4-c — 3.^a » » » » » »

Distingue-se como mais particularizante a forma 4-c.

Não figura no quadro a representação de um entoema tetrassilábico com uma sílaba tónica experimentada como particularmente longa.

São inconclusivos de tipo tonalmente constante, todos os entoemas representados no quadro considerado. É inconclusiva a sílaba toemática (parcialmente toemática) fundamental (6.39) de qualquer deles.

No Quadro XXXVI encontram-se representados entoemas monovocabulares paroxítonos, com 2, 3 e 4 sílabas. Exceptuando os que figuram na coluna 1, manifestam um ritmo elocucional particularizante. Observa-se:

a) Dissilábico paroxítono, por ex. //FRANJA//, //TENHO//, //LEVE//

1-a — Sem particularização temporal.

2-a — Sílabas tónicas experimentadas como particularmente longa.

Ocorrência excepcional de particularização temporal da sílaba átona em entoemas conclusivos.

b) Trissilábico paroxítono, por ex. //GAIVOTA//, //MAROTO//, //CALCULO//

1-b — Sem particularização temporal.

2-b — Sílabas átonas pretónicas, particularmente longa.

3-b — Sílabas tónicas experimentadas como particularmente longa.

Rara ocorrência da sílaba átona final temporalmente particularizada se o entoema não for inconclusivo.

Destaca-se como mais particularizante a forma 2-b

c) Tetrassilábico paroxítono, por ex. //ACROBATA//, //PATARATA//, //INEGÁVEL//

1-c — Sem particularização temporal.

2-c — 1.^a sílaba átona pretónica distingue-se como particularmente longa.

3-c — 2.^a » » » » » »

4-c — Sílabas tónicas experimentadas como particularmente longa.

Como sucede com os dissílabos e trissílabos, rara ocorrência de sílaba átona final, temporalmente particularizada, em entoemas conclusivos.

Destaca-se como mais particularizante a forma 3-c.

No Quadro XXXVII figuram transcrições de entoemas monovocabulares esdrúxulos, com 3, 4 e 5 sílabas. Só não manifestam um ritmo elocucional particularizante, os componentes da coluna 1. É conclusiva a sílaba toemática (totalmente toemática) fundamental de qualquer deles. Observa-se:

a) Trissilábico proparoxítono, por ex. //TÍMPANO//, //PRÓXIMO//, //CÓMODA//.

1-a — Sem particularização temporal.

2-a — Sílabas tónica experimentada como particularmente longa.

3-a — 1.ª sílaba átona, postónica, destaca-se como particularmente longa.

Distingue-se como muito particularizante a forma 3-a.

b) Tetrassilábico proparoxítono, como por ex. //PARÁBOLA//, //CENTRÍFUGO//

1-b — Sem particularização temporal.

2-b — Sílaba átona, pretónica, experimentada como particularmente longa.

3-b — Sílaba tónica destacada como particularmente longa.

4-b — 1.ª sílaba átona, postónica, sentida como particularmente longa.

Distinguem-se como mais particularizantes as formas 2-b e 4-b.

c) Pentassilábico proparoxítono, como por ex. //PROBLEMÁTICO//, //INDONÉSIA//

1-c — Sem particularização temporal.

2-c — 1.ª sílaba átona, pretónica, sentida como particularmente longa.

3-c — 2.ª » » » » » » » »

4-c — Sílaba tónica destacada como particularmente longa.

Distingue-se como muito particularizante a forma 3-c. Confere um elevado grau de particularização ao entoema pentassilábico, esdrúxulo, a sua 1.ª sílaba postónica, se esta for experimentada como particularmente longa.

Rara ocorrência de sílaba átona final temporalmente particularizada em entoemas esdrúxulos conclusivos que apresentem três ou mais sílabas.

8.13 — *Tipos de particularização temporal mais ou menos frequentes e de maior ou menor realce*

O tipo de particularização temporal provavelmente mais frequente do entoema polissilábico é o que apresenta uma sílaba tónica que é experimentada como particularmente longa. Acontece que a duração da sílaba tónica de uma palavra pode ser muito aumentada sem que a sua apresentação seja sentida como «desfigurada». Assim não sucede com sílabas átonas, muito especialmente em posição não inicial.

A particularização temporal resultante da ocorrência de uma sílaba átona inicial, particularmente longa, ocupa, possivelmente, o segundo lugar em frequência.

Entoemas monovocabulares com uma sílaba átona, postónica, temporalmente particularizada, devem ser pouco frequentes, e é, certamente, rara, como já se disse (8.12) a ocorrência de sílaba átona final particularizada pela sua duração.

Quanto menor for a frequência de ocorrência de um tipo de particularização, maior poderá ser a sua acção particularizante. Compreende-se, porém, que sejam evitadas particularizações elocucionais, temporais ou de

outra espécie, que desfigurem a estrutura fonémica dos vocábulos inerentes aos entoemas proferidos. Respeita-se a fisionomia sonoro-articulatória que identifica a palavra como «unidade significativa».

8.14 — *Particularização tonal-temporal, de realce,
de um entoema monovocabular*

Um entoema monovocabular monossilábico, como por ex. //UM//, //LÁ//, //FIZ//, ou qualquer outro entoema monossilábico, mono ou poli-alofônico, é tonal e temporalmente particularizada se a sílaba que o constitui for experimentada como particularmente aguda ou particularmente grave / ou fizer sentir uma variação tonal particularizante, como por ex. a designada por I-V / e for simultaneamente (8.19) sentida como particularmente longa ou particularmente breve.

Um entoema polissilábico é tonal e temporalmente particularizado se uma ou mais do que uma das suas sílabas componentes, ou toda a sua apresentação, for experimentada como particularmente aguda ou particularmente grave / ou fizer sentir uma variação tonal particularizante / e for sentida, também, como particularmente longa ou particularmente breve.

No Quadro XXXVIII encontram-se 4 esquematizações silábicas de 4 entoemas com particularização tonal-temporal; tonal-aguda e temporal-longa.

É inconclusivo, de tipo tonalmente constante, o primeiro entoema representado, e são conclusivos os três entoemas restantes. Observa-se:

1 — Entoema tetrassilábico oxítono, com a 2.^a sílaba experimentada como particularmente aguda e particularmente longa. Confronte-se com 1-c e com 3-c do Quadro XXXV.

Particularize-se, por ex., //TRIANGULAR, // — isto é (7.5), qualquer entoema inconclusivo, informativamente actuante, cujo vocábulo inerente seja «TRIANGULAR» — conforme o assinalado pelo fig. 1 do Quadro XXXVIII.

2 — Entoema tetrassilábico paroxítono, com a sílaba inicial marcada como particularmente aguda e particularmente longa. Confronte-se com 1-c e com 2-c do Quadro XXXVI.

Particularize-se, por ex., //CAMARATA, // — isto é (7.5), qualquer entoema conclusivo, informativamente actuante, cujo vocábulo inerente seja «CAMARATA» — conforme o assinalado pela fig. 2 do Quadro XXXVIII.

3 — Entoema pentassilábico esdrúxulo, com a 2.^a sílaba experimentada como particularmente aguda e particularmente longa. Confronte-se com 1-c e com 3-c do Quadro XXXVII.

Particularize-se, por ex., //AUTOMÁTICO, // conforme o assinalado pela fig. 3 do Quadro XXXVIII.

4 — Entoema de cinco sílabas, esdrúxulo, como em 3, mas com a 2.^a sílaba experimentada como particularmente grave e particularmente longa, e em seguida (8.20) a sílaba

tónica com destaque tonal agudo. Confronte-se com 1-c e com 3-c do Quadro XXXVII, e com 3 do Quadro XXXVIII.

Particularize-se, por ex., //SIMPLICÍSSIMO// conforme o assinalado pela fig. 4 do Quadro XXXVIII.

8.15 — *Particularização tensional, de realce, de um entoema monovocabular*

Um entoema monovocabular, monossilábico, distingue-se como tenso ou como frouxo (3.10), ou não é tensionalmente particularizado (3.12).

Quando o entoema é monossilábico e mono-alofónico, como por ex. //UM//, a vogal que constitui a sua apresentação, pode ter sido proferida com uma tensão articulatória (3.10) particularmente elevada ou particularmente baixa, ou de modo a manifestar uma variação tensional, particularizante, no sentido decrescente ou crescente-decrescente. Resulta, em qualquer dos casos, um entoema tensionalmente particularizado (3.12; 3.13).

Interessa notar que a referida vogal não constituiria uma apresentação de um entoema se fosse proferida com uma variação tensional de sentido crescente durante todo o seu decurso ou no seu final. Trata-se de uma vogal que apresenta um toema fundamental e um dos aspectos fónicos que define um toema, fundamental ou secundário, conclusivo ou inconclusivo, é o seu decréscimo tensional (6.1; 6.10; 6.11).

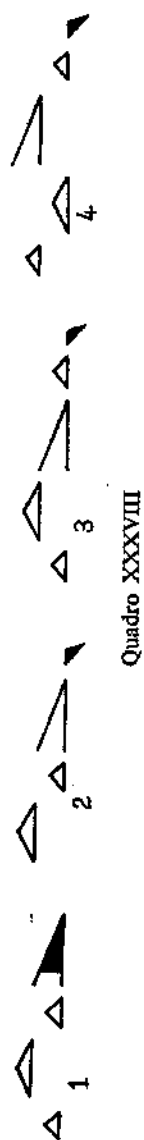
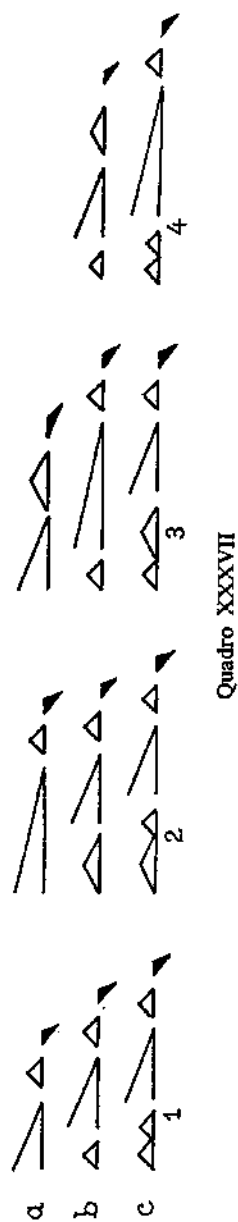
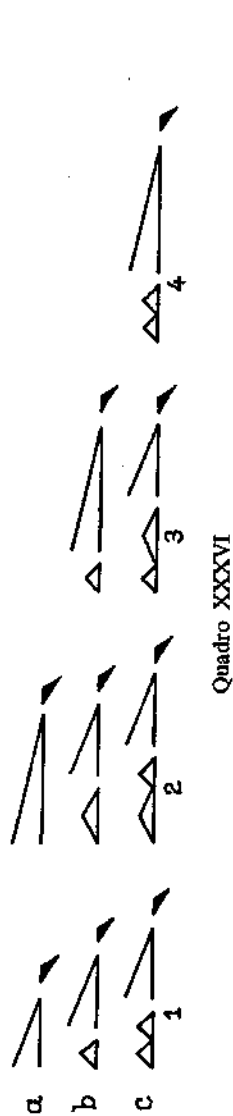
Um entoema monossilábico, poli-alofónico, como por ex. //CHÁ//, //FAZ//, é tensionalmente particularizado, se um ou mais do que um dos seus alofones componentes, ou todo o decurso da sua apresentação, forem experimentados como particularmente tensos ou particularmente frouxos / ou fizerem sentir uma variação tensional de magnitude particularizante.

Particulariza, tensionalmente, um entoema monovocabular polissilábico, um nível ou um decurso tensional, particularizante, de uma ou de mais do que uma das suas sílabas componentes, ou de toda a sua apresentação.

Quando se fala de «tensão particularizante» e não se especifica se é particularizante por ser particularmente elevada ou particularmente baixa, deve subentender-se o primeiro tipo de particularização tensional por ser esse o geralmente ocorrente. Particularização originada por uma tensão particularmente baixa é pouco frequente.

No Quadro XXXIX, figuram duas esquematizações silábicas — 1 e 2 — de dois entoemas tensionalmente particularizados. Assinala uma tensão particularmente elevada a duplicação do traço que traduz o decurso da tonalidade. Observa-se:

1 — Entoema tetrassilábico, oxítono, inconclusivo, com a sílaba inicial experimentada como particularmente tensa.



Particularize-se, por ex., //IMPRECISÃO, // conforme o assinalado pela fig. 1 do quadro mencionado.

2 — Entoema tetrassilábico, paroxítono, conclusivo, com a sílaba tónica experimentada como particularmente tensa.

Particularize-se, por ex., //RAPARIGA, // conforme o assinalado pela fig. 2 do Quadro XXXIX.



Quadro XXXIX

8.16 — *Particularização tonal-temporal-tensional de realce de um entoema monovocabular*

A particularização de um entoema monovocabular, monossilábico, mono ou poli-alofônico, é, muitas vezes, tonal, temporal e tensional. Ocorrem particularizações como a referida, de uma ou de mais do que uma sílaba de um entoema polissilábico, ou de toda a sua apresentação.

No Quadro XXXIX, as figuras 3 e 4 são esquematizações silábicas de dois entoemas conclusivos com particularização tonal-tensional e tonal-temporal-tensional, respectivamente, de uma das suas sílabas componentes. Observa-se:

3 — Entoema pentassilábico, paroxítono, conclusivo com a sílaba tónica experimentada como particularmente aguda e tensa.

Particularize-se, por ex., //FATALIDADE, // conforme o assinalado pela fig. 3 do quadro mencionado.

4 — Entoema pentassilábico, esdrúxulo, com a sílaba átona inicial experimentada como particularmente aguda, longa e tensa.

Particularize-se, por ex., ≠GENTILÍSSIMO, ≠ conforme o assinalado pela fig. 4 do Quadro XXXIX.

8.17 — *Particularização qualitativa, de realce, de um entoema monovocabular*

O «nível qualitativo» ou seja o grau de caracterização sonoro-articulatória de uma unidade distintiva ou de uma unidade significativa, é elevado na «fala cuidada» e é baixo na «fala descuidada». Esta ocorre com maior frequência no tipo «coloquial familiar» de elocução.

Um determinado entoema monossilábico mono-alofónico, como por exemplo $\neq \text{H}\bar{\text{A}} \neq$, pode distinguir-se pelo alto grau de clareza da sua apresentação. Clareza apresentativa no caso do entoema citado implica uma articulação de que resulte uma vogal prontamente reconhecível mediante aspectos originados que permitem classificá-la, articulatóriamente, como nitidamente anterior e aberta, e que se define com precisão no plano acústico, mediante os seus formantes vocálicos. Por outras palavras: clareza apresentativa implica, no caso apontado, a realização de um «articulema» (2.19) que origine um «qualitema» (3.8) perfeitamente opositivo, fonologicamente, ao contrário do que sucede com realizações de baixo nível qualitativo.

Se o grau de clareza apresentativa da vogal do entoema considerado é superior ao aceitável como normal *em circunstâncias análogas às verificadas no momento da sua actuação*, são ultrapassados os limites habituais, verificando-se uma particularização qualitativa. Resulta uma vogal particularmente clara, o que no caso considerado significa particularmente anterior e particularmente aberta.

Um entoema monossilábico, poli-alofónico, como por exemplo $//\text{J}\bar{\text{A}}//$ ou $//\text{COR.}//$, pode distinguir-se, qualitativamente, pelo elevado grau de caracterização fonética da sua vogal, ou da sua consoante, ou de uma ou mais das suas consoantes, ou de todo o seu decurso.

Tratando-se de um entoema monovocabular polissilábico, dir-se-á que este se pode destacar, qualitativamente, por um elevado grau de caracterização fonética de uma ou mais das suas sílabas componentes, ou de toda a sua apresentação.

O entoema $\neq \text{V}\bar{\text{ÍR}}\text{GULA} \neq$, sirva este de exemplo, é qualitativamente particularizado se a sua sílaba tónica é articulada de modo a resultar uma vogal experimentada como mais fechada e mais anterior do que normalmente ocorre em circunstâncias análogas; uma vogal muito próxima da cardinal que se distingue por apresentar um grau de abertura tão pequeno quanto possível e um grau máximo de anteriorização. Será visível um afastamento suficiente das comissuras labiais do locutor ao articulá-la a fim de que resulte uma abertura labial bem tipicamente «em fenda».

Acusticamente considerada, a vogal originada será classificável como nitidamente aguda-difusa.

Um outro entoema, vocabularmente idêntico ao anterior mas expressivamente diversos, é qualitativamente particularizado se a sua sílaba tónica é articulada de modo a resultar uma consoante inicial que se destaca por uma caracterização fonética de nível qualitativo superior ao que normalmente ocorre em circunstâncias análogas.

Ainda um outro entoema resultante de uma nova realização do vocábulo $\text{V}\bar{\text{ÍR}}\text{GULA}$ é qualitativamente particularizado — admitimos — porque o grau de caracterização fonética da consoante inicial e da vogal da sílaba tónica (3.18), ou de todos os alofones componentes da referida sílaba, é superior ao que habitualmente se experimenta em circunstâncias análogas.

Qualquer sílaba átona de um entoema monovocabular polissilábico pode ser qualitativamente particularizada, mas compreende-se — como vamos ver — que sejam mais frequentes as particularizações da sua sílaba tónica.

A sílaba estruturalmente acentuada de uma palavra polissilábica, ou de um entoema monovocabular, é a que se classifica como «tónica» segundo uma terminologia tradicional. Como o aspecto fundamental da referida sílaba é a sua maior duração relativa (2.24), é essa maior duração que a particulariza, a não ser que o condicionamento expressivo da palavra ou do entoema monovocabular polissilábico que se considera, determine que a sua sílaba tónica seja particularmente breve. E agora, dir-se-á: a maior duração relativa que geralmente particulariza uma sílaba tónica valoriza a qualidade que possivelmente a distinga.

8.18 — *Particularização tonal-temporal-tensional-qualitativa de realce de um entoema monovocabular*

A sílaba única que constitui a apresentação de um entoema monossilábico, mono ou poli-alofónico / ou uma, ou mais do que uma sílaba, ou todo o decurso de um entoema monovocabular polissilábico, é, frequentemente, tonal, temporal, tensional e qualitativamente particularizado.

Concretiza-se:

a) I pergunta a I' se o panorama que se avista de determinado lugar é bonito. I responde $\neq \underline{\text{E.}} \neq$.

A vogal que constitui a apresentação do entoema transcrito pode ter sido elocucionalmente particularizada (2.10; 2.14; 2.23) por I de modo a ser experimentada por I' como particularmente aguda, longa, tensa e clara.

b) Pergunta de I como no caso anterior, mas I' responde $\neq \overline{\text{BONITO.}} \neq$.

A sílaba inicial do entoema transcrito, ou qualquer outra, ou toda a sua apresentação pode ter sido proferida de forma a ser experimentada por I' como grave, longa, tensa e qualitativamente muito distinta.

8.19 — *Particularização expressiva simples e particularização expressiva conjunta, de realce*

Qualifica-se como «simples» uma particularização expressiva de realce, motivada pelo destaque de um só aspecto apresentativo-auditivo (3.4), e que se distingue, consequentemente, como tonal, temporal, tensional ou qualitativo (3.5).

Particularizações simultâneas de dois ou mais aspectos apresentativos-auditivos de espécie diversa, tais como tonais-temporais, tonais-temporais-tensionais, etc., originam uma «particularização conjunta». São conjuntas as particularizações descritas nos parágrafos 8.14, 8.16 e 8.18. Outros tipos de particularização conjunta:

tonal-tensional / tonal-qualitativa / tensional-temporal
tensional-qualitativa / temporal-qualitativa
tonal-qualitativa-tensional / tonal-temporal-tensional

Particularizações conjuntas são mais frequentes do que as simples, muito especialmente as tensionais-temporais, tonais-temporais e tonais-tensionais-temporais. Um destaque tensional implica, na maioria dos casos, maior duração, o que explica a frequente ocorrência da particularização conjunta do tipo tensional-temporal.

Deve notar-se que nas particularizações que se denominam conjuntas, predomina, geralmente, um dos aspectos particularizantes simultaneamente actuates.

8.20 — *Particularizações, de realce, sucessivas*

Um entoema que não seja mono-alofónico apresenta, muitas vezes, sucessivamente, particularizações simples, conjuntas, ou simples e conjuntas. Assim, por exemplo, $\neq \underline{L\dot{A}} \neq$, se bem que monossilábico e, apenas, com dois alofones, pode ter apresentado uma das cinco sequências de particularizações abaixo mencionadas:

Part. tensional da consoante e part. tonal da vogal
» temporal » » » qualitativa da vogal
» qualitativa » » » temporal da vogal
Part. tensional-temporal da consoante e part. qualitativa-tonal da vogal
» » » » » » » tonal da vogal

Tratando-se de um entoema polissilábico, maior é o número de possíveis particularizações sucessivas.

8.21 — *Particularização expressiva de realce e acentuação de um entoema monovocabular polissilábico*

Particularização expressiva de realce (8.7), predominantemente temporal, de um entoema monovocabular polissilábico, é uma particularização elocucional (2.10; 2.23) que lhe confere um ritmo silábico (3.47) mais ou

menos *contrastante* com o ritmo silábico do vocábulo que lhe corresponde. É, por outras palavras, uma acentuação *contrastante* com a estrutural que lhe corresponde, e, conseqüentemente, *expressiva*. Procuremos precisar o exposto, esclarecendo a diversidade entre acentuação estrutural (2.24), *expressiva* (2.24), e *estrutural-expressiva* (2.25), de um entoema monovocabular polissilábico:

— Acentuação estrutural do entoema considerado: é uma particularização, predominantemente temporal, que lhe confere um ritmo silábico análogo ao do vocábulo que lhe corresponde. É, conseqüentemente, *inexpressiva*.

É estrutural a acentuação do entoema $\neq \overline{\text{RAPAZ}} \neq$ se o seu ritmo silábico for análogo ao representado por 1-a, no Quadro XXXV. O mesmo se pode dizer a respeito do entoema $\neq \overline{\text{ACENDER}} \neq$ se tiver um ritmo silábico como o representado por 1-b, no quadro mencionado (8.12).

— Acentuação expressiva (2.24) do entoema considerado: é uma particularização, predominantemente temporal, que lhe confere um ritmo silábico *contrastante* com o do vocábulo que lhe corresponde, por apresentar no lugar de uma ou de mais do que uma sílaba átona, uma sílaba, ou mais do que uma sílaba, que é experimentada como particularmente longa.

É expressiva a acentuação do entoema $\neq \overline{\text{RAPAZ}} \neq$ se apresentar um ritmo silábico como o assinalado por 2-a, no Quadro XXXV. O mesmo se pode afirmar relativamente ao entoema $\neq \overline{\text{ACENDER}} \neq$ se o seu ritmo for análogo ao representado por 2-b no quadro anteriormente referido.

— Acentuação estrutural-expressiva (2.25) do entoema considerado: é uma particularização elocucional (2.23), predominantemente temporal, que lhe confere um ritmo silábico que contrasta com o ritmo do vocábulo que lhe corresponde, por apresentar no lugar da sílaba tónica, uma sílaba que é experimentada como particularmente longa.

É estrutural-expressiva a acentuação do entoema $\neq \overline{\text{RAPAZ}} \neq$ se o seu ritmo silábico for como o representado por 3-a, no Quadro XXXV. Pode dizer-se a mesma coisa, a respeito do entoema $\neq \overline{\text{ACENDER}} \neq$ se este apresentar um ritmo silábico como o representado por 4-b no quadro acima apontado.

Entender-se-á, agora, que particularizar, temporalmente, um entoema monovocabular, polissilábico, é acentuá-lo expressivamente, se dessa particularização resulta um ritmo silábico que contrasta com o ritmo estrutural do vocábulo que lhe corresponde (8.12).

8.22 — *Significado de particularizações expressivas, de realce, de entoemas monovocabulares*

O que se disse sobre particularização expressiva de realce, de um entoema monovocabular, evidencia plenamente, em especial no caso de o entoema ser polissilábico, a grande variabilidade do modo como ele pode ser realçado, total ou parcialmente, por uma particularização tonal, temporal, tensional, qualitativa (8.7), ou conjunta (8.19).

Uma particularização expressiva de realce, de um entoema monovocabular (8.22), *valoriza* a sua apresentação e, consequentemente, o que esse entoema significar lexicalmente, por si e mediante um contexto relevante (4.12) que sobre ele actue (4.16).

Procuremos concretizar o exposto, principiando por considerar o fragmento de diálogo, constituído por 4 entoemas, que seguidamente se ortografam:

I — Sabes o que fez o Júlio?	44
I' — Sei.	45
I — Que te parece, então, o seu procedimento?	46
I' — Censurável.	47

Admita-se: o entoema monovocabular, monossilábico, 45, foi temporalmente realçado por uma duração particularmente longa de toda a sua apresentação (8.11).

A referida particularização do entoema 45, proferido por I', *valorizou* perante I a sua apresentação e, consequentemente, o significado do vocábulo *sei*, ampliado pelo significado do entoema 44 que sobre ele actuou como seu contexto relevante (4.12) anterior não-adjunto (4.15).

Note-se que o entoema 44 foi um contexto motivante (4.12; 4.22) e, por conseguinte, relevante-actuante do entoema 45.

Supõe-se: o entoema monovocabular, polissilábico, 47, foi tonal-temporal-tensionalmente realçado mediante nível tonal, predominante, particularmente agudo / nível tensional particularmente elevado / duração particularmente longa / da sílaba inicial (8.16).

A referida particularização do entoema 47, proferido por I', *valorizou* perante I a sua apresentação e, consequentemente, o significado do vocábulo *CENSURÁVEL* contextualmente ampliado pelo significado dos entoemas 46 e 44.

Note-se que o entoema 46, que foi contexto motivante do 47, tornou esse entoema representativamente equivalente, ou semelhante, a qualquer outro representável pela notação seguinte:

//O PROCEDIMENTO DE JÚLIO PARECE-ME CENSURÁVEL.//

ou seja a qualquer outro entoema conclusivo, informativamente actuante, cujo texto vocacular inerente seja igual ao ortograficamente transcrito.

B)

8.23 — *Particularização expressiva sentimental*

Uma particularização expressiva sentimental de um entoema, mono ou polivocabular, associa ao que esse entoema significa lexicalmente, por si ou por si e mediante um contexto relevante que sobre ele actue, a expressão de um sentimento ou de um conjunto de sentimentos / ou de uma «sequência sentimental», que o locutor experimenta como sendo um aspecto ou um conjunto de aspectos ou uma sequência de aspectos, do objecto que verbaliza (2.44).

Consideremos um diálogo vocabularmente idêntico ao examinado anteriormente (8.22), mas expressivamente diverso, se bem que o primeiro e terceiro entoemas sejam, também, inconclusivos e actuem interrogativamente, e o segundo e quarto entoemas sejam, também, conclusivos e actuem informativamente. Ortografam-se, portanto, do mesmo modo, os quatro novos entoemas:

I — Sabes o que fez o Júlio?	48
I' — Sei.	49
I — Que te parece, então, o seu procedimento?	50
I' — Censurável.	51

Admite-se: o entoema 49, vocabularmente idêntico ao entoema 45 (8.22), foi particularizado por um brusco acréscimo-decréscimo tensional e por um contexto mimico-fisionómico classificável como «inverbal motivado» (4.24).

A referida particularização do entoema 49, proferido por I', denunciou a I um sentimento de *desagrado* originado em I' pelo que este sabe sobre o que Júlio fizera.

Classifica-se como sentimental a particularização descrita. Ao significado pelo vocábulo *sei*, por si e mediante o entoema 48, foi associada a expressão do desagrado experimentado por I'.

Supõe-se: o entoema 51, vocabularmente idêntico ao entoema 47 (8.22), foi apresentativamente particularizado por um constância tonal-qualitativa da sílaba tónica, em nível tonal predominantemente grave.

A referida particularização do entoema 51, proferido por I', denunciou a I um «conjunto sentimental», constituído pelos sentimentos de *inaceitação* e de *gravidade*, originados em I' pelo que este sabe sobre o procedimento de Júlio.

Classifica-se como sentimental a particularização descrita. Ao significado pelo vocábulo *CENSURÁVEL*, por si (4.2; 4.2-g) e mediante o entoema 48, foi associada a expressão do conjunto sentimental acima designado.

8.24 — *Particularização expressiva simultaneamente de realce e sentimental de um entoema monovocabular*

Em vez do entoema 45 (8.22), imaginemos um outro, vocabularmente idêntico, mas expressivamente diverso, embora igualmente conclusivo. Este outro entoema que designamos por 52, é ortografável do mesmo modo que o 45 ou o 49.

Admitimos que o entoema 45, além de ter sido realçado por uma duração particularmente longa de toda a sua apresentação (8.22), manifestou uma particularização qualitativa da consoante e do ditongo, de que resultou uma *clareza* sonoro-articulatória da apresentação que deu ao seu significado lexical o aspecto de *precisão*. Verifica-se uma particularização qualitativa que é classificável como expressiva de realce e expressiva sentimental. Valoriza a apresentação do entoema que a manifesta e, por conseguinte, o seu significado lexical, e exprime o sentimento de precisão experimentado pelo locutor que o proferiu.

Em vez do entoema 47, imaginemos um outro entoema vocabularmente idêntico mas expressivamente diverso, embora igualmente conclusivo. Este outro entoema que designamos por 53, é ortografável do mesmo modo que o 47 ou o 51.

Supõe-se que o entoema 53 manifestou uma particularização qualitativa que realçou, sucessivamente, cada uma das sílabas componentes da sua apresentação, o que valorizou o seu significado lexical e lhe conferiu a expressão de *precisão*. Verifica-se, portanto, como no caso anterior, uma particularização qualitativa que é, simultaneamente, de realce e sentimental.

Particularizações expressivas são, muitas vezes, discriminadas como simples particularizações de realce se bem que tivessem sido, de facto, de realce e sentimentais. E, inversamente, particularizações de realce e sentimentais são frequentemente discriminadas como simples particularizações de realce.

A suposta particularização tensional do entoema 49 (8.23) poderia ter sido discriminada por I como sendo de simples realce, se I não tivesse observado a expressão mimico-fisionómica de I' denunciando *desagrado*.

Uma determinada particularização tensional é interpretável pelo ouvinte como particularização de realce ou como particularização de realce e sentimental, conforme o grau de magnitude tensional. Um nível tensional cujo

grau de magnitude ultrapasse um limite mais ou menos variável segundo as circunstâncias, deixa de ser interpretável como simples particularização de realce. Será sentida como uma expressão do locutor que traduz *impetuosidade, animosidade, agressividade* ou outro sentimento, conforme o condicionamento contextual do entoema.

8.25 — *Condicionamento do significado de uma particularização apresentativa de um entoema monovocabular*

I) — a) Considera-se um fragmento de diálogo que possa ortografar-se do seguinte modo:

I — Ele é boa pessoa? 54
I' — É. 55

Supõe-se: — a apresentação do entoema 55, conclusiva e informativamente actuante, é qualitativamente particularizada por uma constância qualitativa com uma magnitude de actuação de grau elevado (3.21);

— toema conclusivo não particularizante,

— a tradução configurativa dos comportamentos auditivamente discriminados é semelhante à da fig. 5 (5.12).

Observa-se: — a *clareza* qualitativa vocálica que particulariza o entoema 55 é interpretável por I como expressão de *certeza*. O significado do entoema 54 que actua como contexto não adjunto, anterior, do entoema 55 é conciliável com essa interpretação. Concilia-se com uma actuação informativa que vale como afirmação, o sentimento de «certeza».

— b) Considere-se este outro fragmento de diálogo:

I — Ele é boa pessoa. 56
I' — É? 57

Supõe-se: — a apresentação do entoema 57, inconclusiva e interrogativamente actuante, é qualitativamente particularizada, como o entoema 55, por uma constância qualitativa com uma magnitude de actuação de grau elevado;

— toema inconclusivo não particularizante;

— a tradução configurativa dos comportamentos auditivamente discriminados é semelhante à da fig. 30 (5.12).

Observa-se: — a clareza qualitativa que particulariza o entoema 57 é interpretável por I como expressão de *precisão*. I' precisou aquilo que comunicou interrogativamente a I, isto é, o que o entoema 57 significou lexicalmente por si e mediante o entoema 56 que actuou como seu contexto verbal, não-adjunto, anterior.

O sentimento de «precisão» é conciliável com um entoema interrogativamente actuante, mas não se harmoniza com ele o sentimento de «certeza».

— c) Considere-se este outro fragmento de diálogo:

I — É isso que ele pretende? 58
I' — É. 59

Supõe-se: — a apresentação do entoema 59, conclusiva e informativamente actuante, é qualitativa e tonalmente particularizada por um predomínio de constância qualitativa em nível tensional elevado;

— o entoema 59 é acompanhado de um contexto inverbal gesticulado pelo locutor. Este afasta os braços que tinha pendentes e roda-os até tornar visíveis ao ouvinte que enfrenta, as palmas das mãos, erguendo um pouco os ombros, simultâneamente.

Observa-se: — a clareza qualitativa que particulariza o entoema 59 perante o contexto inverbal que condiciona o seu significado, é interpretado por I como expressão de *evidência*.

— o entoema 59, em virtude do aludido contexto inverbal, é lexicalmente equivalente ou semelhante a qualquer outro representável pela notação:

//EVIDENTEMENTE!//

O exposto nas alíneas a), b), c), diz-nos:

— o significado de clareza expresso pelo entoema 55 foi condicionado pelo entoema 54 que actuou como seu contexto verbal motivante.

— o significado de clareza expresso pelo entoema 57 foi condicionado pelo facto de este entoema actuar interrogativamente;

— o significado de clareza expresso pelo entoema 59 foi condicionado pelo seu contexto inverbal e pelo entoema 58 que actuou como seu contexto verbal motivante.

II) Considera-se uma nova série de trechos dialogados, ortografáveis como se vê, nas alíneas a), b), c), d):

a) I — Ela vai hoje? 60
I' — Vai. 61

Supõe-se: a apresentação do entoema 61, conclusiva e informativamente actuante, é qualitativa e tensionalmente realçada. Manifesta um alto grau de caracterização qualitativa, tanto consonântica como vocálica, e o toema conclusivo que a demarca, é «impulsivo» (6.1; 6.7).

Observa-se: a clareza qualitativa, em nível tensional elevado, que particulariza o entoema 61 é interpretável por I como expressão de viva *certeza*.

b) I — Vou ou fico? $\overline{62}$
I' — Vai. $\overline{63}$

Supõe-se: o entoema 63 é auditivamente igual ao entoema 61.

Observa-se: a clareza qualitativa, em nível tensional elevado, que particulariza o entoema 63, especialmente o carácter impulsivo do seu toema fundamental, é interpretável por I como expressão *imperativa*, como *ordem*.

O facto de o entoema 63 não diferir auditivamente do entoema 61 permite deduzir: a clareza particularizante de determinado entoema significa *certeza* se actuar como seu contexto verbal motivante o entoema 60, e significa *ordem* se actuar como seu contexto verbal motivante, o entoema 62.

c) I — Ela vai hoje? $\overline{64}$
I' — Vai. $\overline{65}$

Supõe-se: — o entoema 64 é auditivamente igual ou equivalente ao entoema 60;
— a apresentação do entoema 65, conclusiva e informativamente actuante manifesta os seguintes aspectos particularizantes: qualidade velar do ditongo e longo decurso conclusivo em nível tensional frouxo de todo o entoema.

Observa-se: a particularização manifestada pelo entoema 65 é interpretável por I como expressão de *pesar*, de *depressão*.

d) I — Eu não vou lá. $\overline{66}$
I' — Vai. $\overline{67}$

Supõe-se: o entoema 67 é auditivamente igual ou equivalente ao entoema 65.

Observa-se: a particularização manifestada pelo entoema 67 — igual à manifestada pelo entoema 65 — é interpretável por I como expressão de *pedido*.

O facto de o entoema 67 ser auditivamente igual ou equivalente ao entoema 65, permite deduzir: a particularização de determinado entoema significa *pesar*, se actuar como seu contexto verbal motivante o entoema 64, e significa *pedido*, se actuar como seu contexto verbal motivante o entoema 66.

O exposto nas alíneas *a)*, *b)*, *c)*, *d)*, imediatamente anteriores, diz-nos: — o significado de clareza qualitativa em nível tensional elevado, expresso pelo entoema 61, foi condicionado pelo entoema 60 que actuou como seu contexto verbal motivante, determinando que essa clareza significasse *certeza*;

— o significado de clareza qualitativa, em nível tensional elevado, expresso pelo entoema 63, foi condicionado pelo entoema 62 que actuou como seu contexto verbal motivante, determinando que essa clareza significasse *ordem*;

— o significado da particularização manifestada pelo entoema 65 foi condicionado pelo entoema 64 que actuou como seu contexto verbal motivante, determinando que essa particularização significasse *pesar*, e foi condicionado pelo entoema 66 que actuou como seu contexto verbal motivante, determinando que essa particularização significasse *pedido*.

III) Outros casos de condicionamento:

a) I — Depois te contarei. $\overline{68}$
I' — Contas... $\overline{69}$

Supõe-se: — a apresentação do entoema 69, conclusiva e informativamente actuante, manifesta os seguintes aspectos particularizantes: brusca distensão da consoante inicial / vogal da sílaba tónica com longo decurso, lentamente regressivo, agudo-grave, e com terminal constituído por sopro nasal vozeado / nível tensional elevado com lento decréscimo tensional; sílaba final sem particularização expressiva.

Observa-se: — a particularização do entoema 69 é interpretável por I como expressão de *dúvida*. I pode ter razões para admitir que I' ponha em dúvida que ele lhe conte mais alguma coisa; ou para admitir que I' ponha em dúvida que I não lhe conte mais nada.

No primeiro caso, o entoema 69 pode motivar o seguinte prosseguimento do diálogo:

I — Conto. Não penses que é segredo. $\overline{70}$; $\overline{71}$

No segundo caso poderá prosseguir do seguinte modo:

I — Conto. Mas não julgues que tenha de o fazer. $\overline{72}$; $\overline{73}$

Se I não tiver razões para interpretar de um ou de outro modo, a dúvida expressa pelo entoema 69, o diálogo poderá prosseguir da seguinte forma:

I — De que duvidas? Não acreditas que te conte... ou parece-te que terei mesmo de te contar? $\overline{74}$; $\overline{75}$; $\overline{76}$

O motivo da dúvida expressa pelo entoema 69 tornar-se-ia claro se I' acrescentasse «Não acredito.» ou «Não tens outro remédio.».

- b) I — Não te conto mais nada. $\overline{77}$
I' — Contas. $\overline{78}$

Supõe-se: — o entoema 78 é auditivamente igual ao entoema 69.

Observa-se: — a particularização do entoema 69 é interpretável por I como expressão de dúvida, como no caso do diálogo da alínea a). Mas ao passo que nesse caso I' podia pôr em dúvida que I lhe contasse mais alguma coisa, ou que I nada mais lhe contasse, no presente caso, em virtude do entoema 78, só é aceitável que I' ponha em dúvida que I não faça o que disse, isto é, que não lhe conte mais nada.

Sucede que a particularização do entoema 78 — auditivamente igual à do entoema 69 — é interpretável por I como expressão de pedido, em virtude do entoema 77 que actua como seu contexto motivante. Compreende-se que I, perante o entoema 77 peça a I para contar mais alguma coisa e que perante o entoema 68 o não faça.

- c) I — Que faz o João? $\overline{79}$
I' — Estuda. $\overline{80}$
I — Estuda?! $\overline{81}$
I' — Estuda! $\overline{82}$

Supõe-se: a apresentação do entoema 81, inconclusiva e interrogativamente actuante, manifesta uma particularização de realce de grande magnitude. Destaque tonal agudo da sílaba tónica e tonal grave da sílaba final. Elevado nível tensional de toda a apresentação e elevado nível qualitativo da sílaba acentuada. Grande duração da vogal desta sílaba.

Observa-se: uma particularização de realce em tão elevado grau, é interpretável por I', do seguinte modo: I realçou muito o que interrogou por ter julgado impossível João estudar. É uma valorização que traduz *admiração*.

Supõe-se que o entoema 82 só difere do entoema 81 por apresentar um breve toema conclusivo. É, também, breve, mas inconclusivo, de tipo constante, o toema fundamental do entoema 81. Verifica-se, portanto: brevíssimo terminal de tonalidade constante do entoema 81 e brevíssimo terminal de tonalidade descendente do entoema 82.

Observa-se: — uma particularização de realce, de elevado grau, do entoema 82, é interpretável por I, do seguinte modo: I' valorizou muito a resposta para exprimir *afirmação* com um grau de magnitude semelhante ao manifestado pela pergunta, de modo a resultar efeito opositivo.

Importa notar: — o ponto-de-exclamação, antecedido de ponto-de-interrogação que figura na transcrição ortográfica do entoema 81, traduz aspecto exclamativo e modalidade

comunicativa-interrogativa (2.42; 7.42). Assinala um condicionamento sentimental da segunda pergunta de I, mas não o particulariza, não diz que o sentimento experimentado foi o de *admiração*.

— o ponto-de-exclamação que figura na transcrição ortográfica do entoema 82 assinala que a sua expressão foi, predominantemente, sentimental, mas não a particulariza, não diz que o sentimento experimentado foi o de *afirmação*.

d) I — Que está a fazer o Luís? 83
I' — Estuda! 84

Supõe-se: — o entoema 84 é auditivamente igual (2.43) ao entoema 82.

Observa-se: — Uma particularização de realce de elevado grau, é, neste caso, interpretável por I do seguinte modo: I' realçou o que respondeu por achar admirável que o Luís esteja a estudar. É uma valorização que traduz *admiração*.

A igualdade dos entoemas 82 e 84 no plano auditivo, permite deduzir: o entoema 82 exprime «afirmação» se actuar como seu contexto verbal motivante, o entoema 81; e exprime «admiração» se actuar como tal o entoema 83.

Desenvolve-se no capítulo 12, o assunto versado neste parágrafo.

8.26 — *Particularização sentimental independente*

Distingue-se como «independente» uma particularização sentimental de um entoema que é originada por um «estado de ânimo» do locutor ao proferí-lo, e não por um sentimento experimentado pelo locutor ao compreender o que verbalizou elocucionalmente (2.47). Verificou-se uma particularização expressiva independente do acto de compreensão (2.3) que motivou o entoema que a manifesta.

Um indivíduo quando fala, pode exprimir tristeza, satisfação, inquietação ou aborrecimento, porque está triste, satisfeito, inquieto, ou aborrecido, independentemente do que vocabularmente comunica / ou porque experimenta com tristeza, satisfação, inquietação ou aborrecimento, o que comunica lexicalmente. Neste último caso, trata-se de uma particularização sentimental (8.23) *dependente*. Distingue-se como «sentimental independente» a particularização ocorrente no caso anterior.

Considere-se para concretizar, um trecho dialogado ortografável do seguinte modo:

I — Correu-te bem o negócio? 85
I' — Felizmente. 86

Supõe-se: a apresentação do entoema 86, conclusiva e informativamente actuante, manifesta, como particularização apresentativa, baixo nível tonal-qualitativo-tensional com andamento lento durante todo o decurso.

Observa-se: a referida particularização apresentativa exprime *tristeza*.

Verifica-se que o sentimento expresso pelo entoema não se harmoniza com o que significa lexicalmente, o que não se estranha desde que se perceba que se trata de uma particularização sentimental «independente».

Entoemas com particularização sentimental «dependente» só em casos muito especiais ou de anormalidade, têm um significado expressivo sentimental que se opõe, em maior ou menor grau, ao seu significado lexical. Ocorrem tais entoemas em elocuições com intuitos cómicos ou irónicos ou em elocuições resultantes de verbalizações que denunciam originalidade, àquem ou além de limites conciliáveis com os da normalidade mental.

8.27 — *Frequente incompreensão ou ambiguidade do significado elocucional de entoemas monovocabulares com particularização sentimental «independente»*

O entoema 86 (8.26) denuncia, lexicalmente, ter sido originado por um acto de compreensão (3.3) experimentado pelo locutor com «agrado». Todavia, o referido entoema exprime «tristeza», sentimento este que não se unifica com o de «agrado». Sucede que a tristeza expressa teve um motivo diverso daquele que originou o sentimento vocabularmente denunciado por I' e que o seu interlocutor desconhecia.

A não-existência de um contexto que informasse I — assim se imagina — sobre o estado de ânimo de I', poderia provocar o seguinte prosseguimento do diálogo:

I — Dizes isso dum modo como se tivesse corrido mal. 87

I' — Entristecem-me outras coisas mais importantes. 88

O que provocou a ocorrência do entoema 87 foi o facto de I não entender que I' lhe dissesse com tristeza que o «negócio» lhe tinha corrido bem. E não entendeu por não ser elucidativo o contexto global (4.12) actuante sobre I quando procurou compreender o texto elocucional (2.40) que constituiu o entoema 86, quer porque fosse irrelevante-latente quer irrelevante-actuante.

Se I admitisse que a tristeza expressa por I' no entoema 86 fora originada pelo facto de lhe ter corrido bem o negócio, admitiria, implicitamente, que o seu interlocutor se comportara anormalmente.

O entoema 87 actuou, por sua vez, como contexto motivante do entoema 88 e este informou I de que a tristeza expressa por I' fora originada por «outras coisas mais importantes» do que o bom decurso do «negócio». I disse-lhe com tristeza o que lhe agradara, o que lhe dera satisfação, pelo simples facto de não ter deixado de estar triste quando o disse.

Passemos a considerar o fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — Gostas de trabalhar comigo? $\overline{89}$

I' — Gosto. $\underline{90}$

Supõe-se: a apresentação do entoema 90, conclusiva e informativamente actuante, manifesta a seguinte particularização: tensão e qualidade denunciando constrangimento glotal durante um longo decurso da vogal tónica.

Observa-se: a referida particularização apresentativa exprime confrangimento, o que não se harmoniza com o que o entoema significa lexicalmente.

Verifica-se uma particularização sentimental independente (8.26) que torna ambíguo o significado elocucional (5.2) do entoema 90. Segundo o contexto global relevante-actuante, I não pode deduzir se o confrangimento expresso foi motivado pelo facto de I' «ter dito gosto e não gostar» ou se foi uma consequência do aborrecimento experimentado por I' pelo facto de já ter respondido a muitas perguntas semelhantes de I, afirmando-lhe gostar da colaboração.

8.28 — *Entoemas monovocabulares cuja particularização tem um significado expressivo semelhante ao seu significado lexical*

- a) I pergunta a I': — É grande ou pequeno o teu apartamento?
I' responde: — Grande.

Admitindo que a resposta de I' constituiu um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por uma grande duração da sua apresentação, especialmente da sílaba tónica, observa-se: o referido entoema teve um significado expressivo semelhante ao seu significado lexical. Significou expressiva e lexicalmente, elevado grau de magnitude.

Um longo decurso apresentativo exprimiu um elevado grau de magnitude. Depreendeu-se do contexto verbal anterior do entoema que se tratava de magnitude espacial.

b) Se I' tivesse respondido: «Pequeno.» de modo a constituir um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por uma breve duração da sua apresentação, especialmente da sílaba tónica, observava-se: o referido entoema significou expressiva e lexicalmente, pequeno grau de magnitude.

Pequeno decurso apresentativo exprimiu pequenez. Depreendeu-se do contexto verbal anterior, como em a), que se tratava de magnitude espacial.

- c) I pergunta a I': — É vagaroso ou rápido esse comboio?
I' responde: — Vagaroso.

Admitindo que a resposta de I' constituiu um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por um lento decurso articulatório, especialmente da sílaba tónica, observa-se: o entoema referido significa expressiva e lexicalmente, elevado grau de lentidão.

Decurso apresentativo lento exprimiu lentidão. Depreendeu-se do contexto verbal anterior do entoema que se trata de grau de velocidade.

d) Se I' tivesse respondido: «Rápido.» de modo a constituir um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por um rápido decurso articulatório, especialmente da sílaba tónica, observava-se: o referido entoema significava, expressiva e lexicalmente, elevado grau de rapidez.

Decurso apresentativo rápido exprimiu rapidez. Depreendeu-se do contexto verbal anterior, como em c) que se tratava de grau de velocidade.

Importa notar que um contexto verbal posterior como o seguinte: — Adeus. Vou atrasado. proferido por I' com um rápido gesto de despedida constituindo um contexto inverbal complementar, denunciaria que a rapidez do decurso apresentativo exprimia pressa do locutor, independentemente do que I' comunicara lexicalmente (10.21).

- e) I pergunta a I': — Que te fez sentir o seu aperto de mão?
I' responde: — Força!

Supondo que a resposta de I' constituiu um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por um nível tensional muito elevado de toda a sua apresentação, muito especialmente da consoante inicial da sílaba tónica e da consoante inicial da sílaba átona, observa-se: o referido entoema teve um significado expressivo sentimental, semelhante ao seu significado lexical. Exprimiu e significou lexicalmente «força».

Decurso apresentativo particularmente tenso exprimiu «força». Depreendeu-se do contexto verbal anterior que se trata de força física.

- f) I perguntou a I': — Como disseste que o achavas?
I' responde: — Saltitante.

Admitindo que a resposta de I' constituiu um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por um rápida sequência de níveis tonais silábicos do tipo agudo-grave-agudo-grave, dir-se-á que o referido entoema teve um significado expressivo semelhante ao seu significado lexical.

Um decurso apresentativo com repetida e rápida mudança de nível tonal agudo ou grave para um nível respectivamente grave ou agudo, exprimiu o que o vocábulo inerente ao entoema significa.

8.29 — *Entoemas monovocabulares cuja particularização tem um significado expressivo semelhante a um aspecto do seu significado lexical*

- I pergunta a I': — Ele é rico?
I' responde: — Riquíssimo!

Admitindo que a resposta de I' constituiu um entoema monovocabular conclusivo, particularizado por um longo decurso apresentativo, observa-se: o entoema considerado significou expressivamente elevado grau de magnitude e significou lexicalmente «ser rico» e «em grau muitíssimo elevado». Este aspecto do significado lexical da resposta de I', foi comunicado expressiva e lexicalmente.

Longo decurso apresentativo exprimiu elevado grau de magnitude. Tanto o contexto verbal anterior do entoema como o seu texto vocabular indicaram tratar-se de grau de riqueza.

Não se deduza do exposto que um decurso apresentativo, particularmente breve, exprimiria pequeno grau de magnitude. Se I' tivesse respondido: «— Riquíssimo!», proferindo um entoema vocabularmente análogo ao da resposta anterior, mas particularizado pela brevidade do seu decurso apresentativo, não teria deixado de exprimir elevado grau de magnitude.

Em qualquer dos dois casos considerados, trata-se de uma particularização temporal de realce que valoriza o significado e a expressão lexicais (8.30) do vocábulo RÍQUÍSSIMO.

O respectivo entoema *significa* lexicalmente «ser rico» e *exprime* lexicalmente grau muito elevado de magnitude. É esse aspecto de elevada magnitude que é expressivamente realçado mediante duração particularmente longa ou particularmente breve da sua apresentação.

O referido aspecto de elevada magnitude poderia ser expresso de um outro modo, como, por exemplo, mediante realce tonal particularmente agudo ou particularmente grave / ou agudo-grave ou grave-agudo / da apresentação do entoema.

Além de uma expressão de realce era possível esta ou aquela expressão sentimental, verificando-se: significado e expressão lexicais do vocábulo RIQUÍSSIMO, temporalmente valorizados mediante realce tonal agudo-grave; expressão simultânea de *admiração*, mediante longo declive tonal e predomínio de constância qualitativa a partir do início da sílaba tônica, e até *indeterminação* final manifestada por um longo toema fundamental, conclusivo, de brando declive tonal e frouxo decréscimo tensional.

Nesta outra ocorrência, com o seguinte fragmento de diálogo:

I — É um quarto pequeno?

I' — Pequeníssimo!

é admissível que I' tenha proferido um entoema conclusivo com uma duração particularmente longa que realça o significado e a expressão lexicais do vocábulo «PEQUENÍSSIMO».

O entoema respectivo significa lexicalmente «pequenez», e exprime lexicalmente (8.30), como qualquer outro superlativo, elevado grau de magnitude.

Por consequência, significa e exprime lexicalmente «grande pequenez», e essa «grande pequenez» é fonicamente expressa pelo realce da apresentação que a representa.

8.30 — *Particularização e expressão elocucional de um entoema monovocabular*

A expressão (1.5-e) de uma palavra (2.14), originada pela particularização elocucional (2.23) da sua apresentação (2.10), classifica-se como *fônica* (1.5-e), de preferência como *apresentativa*. Classifica-se como *lexical*, a expressão que uma palavra manifeste mediante o significado do seu vocábulo inerente.

Ocorrem palavras que são expressivas, independentemente da sua particularização elocucional. São expressivas mediante o que significam lexicalmente.

//CAIXEIROTE//, isto é, qualquer palavra resultante de qualquer realização com aspecto exclamativo, do vocábulo "CAIXEIROTE" (1.7), exprime *desdém* pelo que significa lexicalmente, além do que possa exprimir apresentativamente.

//ABOMINÁVEL// exprime *repulsa* mediante o que significa lexicalmente, além do que possa exprimir a particularização elocucional da sua apresentação.

//TRISTÍSSIMO// ou qualquer outro superlativo, exprime, lexicalmente, elevado grau de magnitude, além do que possa exprimir apresentativamente.

Acaba de se dizer a respeito de uma palavra o que pode dizer-se a respeito de um entoema (7.1) monovocabular, ou seja de uma palavra resultante de uma realização toemática de um vocábulo (2.21).

Distingue-se da expressão, verbal, *apresentativa* de um entoema, uma expressão, verbal ou in verbal, que lhe seja *associada*.

Uma *expressão verbal associada* a um entoema, é, geralmente, originada por uma interjeição que o antecede ou se lhe segue, ao passo que a *in verbal* resulta de um jogo fisiológico, de um gesto, desta ou daquela atitude do locutor, antes, depois ou durante o entoema que profere.

A *expressão elocucional* de um entoema é uma resultante da sua expressão apresentativa e da sua expressão lexical, ou identifica-se com a apresentativa se a lexical for inexpressiva.

No caso de //DISSE//, ou seja de qualquer entoema cujo texto vocabular inerente seja «DISSE», a expressão elocucional é somente apresentativa. É inexpressivo o que o vocábulo «DISSE» significa.

No caso de //SENHORECA// a expressão elocucional do entoema é uma resultante da sua expressão lexical e da sua expressão apresentativa. A lexical exprime *desdém*, e a apresentativa pode ser de realce (8.7) ou sentimental (8.23), ou simultaneamente de realce e sentimental (8.24).

A discriminação do «significado elocucional» do entoema considerado no Cap. 12 (12.4) é, em grande parte, uma concretização do exposto neste parágrafo.

É oportuno sublinhar-se que o *significado elocucional* de um entoema é uma resultante do seu significado lexical e do seu significado expressivo, ao passo que a sua *expressão elocucional* significa a sua expressão apresentativa / ou uma resultante da sua expressão apresentativa e da sua expressão lexical, se o seu significado vocabular lhe conferir expressividade.

9 — ENTOEMAS POLIVOCABULARES

9.1 — *Entoemas polivocabulares e sua extensão*

A entoemas que apresentam duas ou mais palavras, correspondem, respectivamente, dois ou mais vocábulos. São, conseqüentemente, classificáveis como polivocabulares, ou, mais precisamente, como elocucionais-polivocabulares (1.5-c).

A extensão de um entoema, como a de qualquer outro texto elocucional vocabular, pode ser considerada no plano lexical e no plano alofônico (2.41).

É mínima a extensão lexical do entoema polivocabular se este apresenta somente duas palavras. Servem de exemplo os entoemas 92, 93, 94 da fig. 79. O entoema 99, com oito palavras componentes, é o entoema de máxima extensão lexical que ocorre na mencionada figura.

É mínima a extensão alofônica do entoema polivocabular, se este apresenta, somente, dois alofones. Servem de exemplo os entoemas 92 e 94.

A extensão de um entoema polivocabular é mínima nos planos lexical e alofônico, se apresentar duas palavras monossilábicas, mono-alofônicas. Voltam a servir de exemplo os entoemas 92 e 94.

Ainda no plano apresentativo, pode ser considerada a extensão de um entoema polivocabular segundo o seu número de sílabas. É mínima a *extensão silábica* de um entoema polivocabular que apresente só duas sílabas. Mais uma vez servem de exemplo os entoemas 92 e 94.

Mencione-se, também, a *extensão temporal* do entoema polivocabular, ou seja a duração, real ou perceptual (3.41), do seu decurso.

9.2 — *Continuidade apresentativa do entoema polivocabular*

São coarticuladas fonicamente (4.9), as palavras componentes de um entoema polivocabular, o que significa que a sílaba final, ou única, de uma palavra é coarticulada com a sílaba inicial, ou única, da palavra seguinte.

Apresentativamente considerado, um entoema polivocabular é, como o monovocabular poli-alofônico, uma sequência de alofones coarticulados.

9.3 — Grau de coarticulação fônica e grau de unificação apresentativa de um entoema polivocabular

O grau de coarticulação fônica (4.9) de um entoema polivocabular pode ser grande ou pequeno, mas por muito pequeno que seja, é sempre suficiente para que não se verifique, auditivamente, solução de continuidade apresentativa.

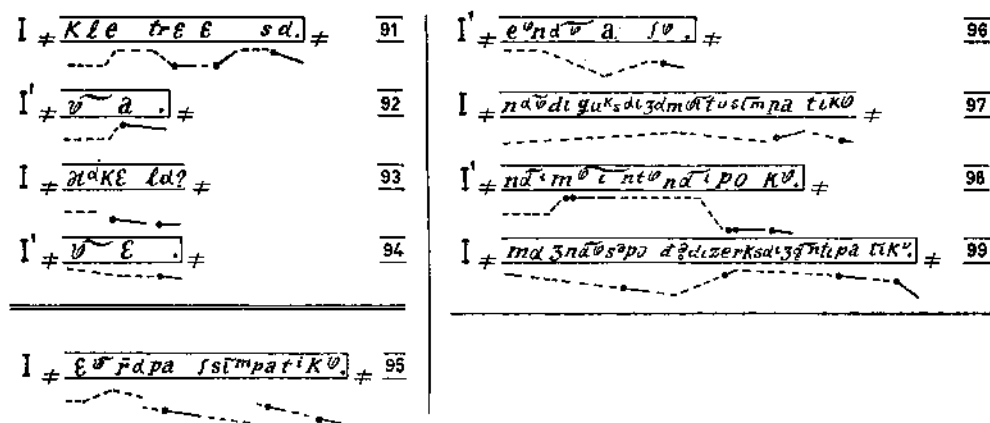


Fig. 79

A sílaba única da palavra inicial do entoema 91, fig. 79, pode ser coarticulada com a sílaba inicial da palavra seguinte com maior ou menor redução da vogal *central*, interconsonântica, ou com supressão dessa vogal, de modo a resultar o agregado «kl».

A sílaba final da segunda palavra do mesmo entoema, pode ser coarticulada com a vogal que constitui a palavra seguinte, com maior ou menor redução da sua vogal *central* final, ou sua supressão, de modo a resultar, unicamente, a vogal que constitui a palavra seguinte.

A vogal que constitui a terceira palavra do entoema 91, pode ser coarticulada com a vogal que constitui a sílaba inicial da palavra seguinte, de forma a verificar-se um maior ou menor «recorte silábico» (6.1).

A sílaba final, ou única, de uma palavra seguida de outra palavra, num entoema polivocabular, pode manifestar um maior ou menor recorte silábico, mas não manifesta solução de continuidade.

Um ouvinte experimenta descontinuidade apresentativa entre uma palavra e a seguinte, se a sílaba final, ou única, da primeira palavra lhe fizer sentir um toema. O decréscimo tensional que a ocorrência do toema implica,

impede uma coarticulação unificante, pelo facto de fazer sentir completitude apresentativa (2.11) da palavra que o manifesta.

Se houver uma pausa entre o final da apresentação de uma palavra e o início da apresentação da palavra seguinte, a primeira apresenta, geralmente, um toema. Em tal caso verifica-se *segmentação* apresentativa. O texto elocucional «Essa tua gravata é bonita.» anteriormente examinado (3.50-III) teve uma pausa que foi representada pelo espaço em branco que separa a terceira palavra da quarta. A palavra que antecede a pausa só excepcionalmente não apresentaria um toema, e se o apresenta, conforme admitimos, esse toema demarca um entoema. É o seu toema fundamental.

O grau de unificação apresentativa de uma sequência de palavras, depende da particularização estrutural dessas palavras e da particularização elocucional, sobretudo expressiva, que for conferida à sequência. É muito grande o grau de unificação, quando a articulação das palavras origina sílabas diversas das que ocorreriam se não fosse tão elevado o grau de coarticulação. Experimente-se, por exemplo, a sequência silábica resultante da coarticulação de //SOL// com //ARDENTE//; ou de //MAR// com //E TERRA// (1.7), muito especialmente na fala de tipo coloquial.

9.4 — *Acentuação final do entoema polivocabular*

Um entoema polivocabular é uma unificação de «unidades significativas», isto é, uma unidade significativa composta.

O facto de as palavras componentes de um entoema polivocabular actuarem como uma só palavra de maior complexidade, explica que o lugar do acento estrutural (2.24) da sua palavra final, possa ser tomado como base de classificação. Como no caso dos entoemas monovocabulares (7.17) distribuem-se os entoemas polivocabulares, em 3 grupos: oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos.

Entoemas polivocabulares terminados por uma palavra monossilábica, mono ou poli-alofónica, comportam-se como oxítonos, e, por isso, se classificam como tais.

Como o toema fundamental de um entoema polivocabular é o manifestado pela sua última palavra, compreende-se o interesse da referida classificação.

São oxítonos os entoemas 92 e 94; são esdrúxulos (ou proparoxítonos) os entoemas 95, 97 e 99; são paroxítonos os restantes entoemas.

9.5 — *Modalidade delimitativa de um entoema polivocabular*

É a que lhe confere o seu toema fundamental, ou seja o toema que assinala o final da sua apresentação e, consequentemente, delimita conclusiva ou inconclusivamente, o respectivo entoema.

Segundo a sua modalidade delimitativa, distribuem-se os entoemas polivocabulares, como os monovocabulares, em dois grupos: conclusivos e inconclusivos. É inconclusivo o entoema 93 da fig. 79, e são conclusivos todos os outros.

9.6 — *Entoemas polivocabulares mono e politoemáticos*

Entoemas polivocabulares são distribuíveis, como os monovocabulares, em mono e politoemáticos (7.3). Um entoema polivocabular é monotoemático se apresenta, apenas, um toema fundamental, ou seja o toema que determina a sua modalidade delimitativa (9.5); é politoemático se além do toema fundamental apresenta um ou mais toemas secundários.

São monotoemáticos os entoemas 92, 94 e 96, representados na fig. 79, e são politoemáticos todos os outros. Observe-se:

- 91 — apresenta um toema secundário e uma sequência primacial conclusiva do tipo ascendente-descendente (6.14). É tritoemático.
- 93 — apresenta uma sequência primacial inconclusiva do tipo descendente-constante (6.15). É ditoemático.
- 95 — apresenta um toema secundário e uma sequência primacial conclusiva cumulativa (6.14). É tritoemático.
- 97 — apresenta uma sequência primacial conclusiva do tipo ascendente-descendente. É ditoemático.
- 98 — apresenta um toema secundário, impulsivo, e uma sequência primacial, impulsiva, conclusiva, do tipo constante-descendente. É tritoemático.
- 99 — apresenta dois toemas secundários e uma sequência primacial conclusiva-cumulativa. É tetratoemático.

9.7 — *Modalidade comunicativa de um entoema polivocabular conclusivo*

a) Os entoemas 95, 96, 97, 98, 99, representados na Fig. 79, todos eles conclusivos, actuam informativamente, como se pode verificar, prontamente, ouvindo-os um por um, independentemente de um contexto.

b) O entoema 91 também é conclusivo, mas actua interrogativamente porque o seu texto vocabular é inversivo (7.45).

c) O entoema 92 é conclusivo, mas actuará interrogativamente se o seu contexto for inversivo. Se I' admitir como natural a pergunta que lhe é feita mediante o entoema 91 e tomar uma atitude expectante (7.47) ao realizar o entoema 92 ou depois de o realizar, ocorrerá um contexto inversivo. Este fará com que o entoema 92 actue interrogativamente.

Está no mesmo caso o entoema 94.

Audições de muitos entoemas polivocabulares conclusivos permitem generalizar: um entoema polivocabular conclusivo actua informativamente se o seu texto ou o seu contexto não for inversivo / ou se não forem inversivos o seu texto e contexto. Chegou-se a conclusão idêntica relativamente ao entoema monovocabular conclusivo (7.45).

9.8 — Modalidade comunicativa de um entoema polivocabular inconclusivo

Considere-se, independentemente de qualquer contexto, um entoema inconclusivo como o designado por 100, fig. 80. A notação diz qual foi

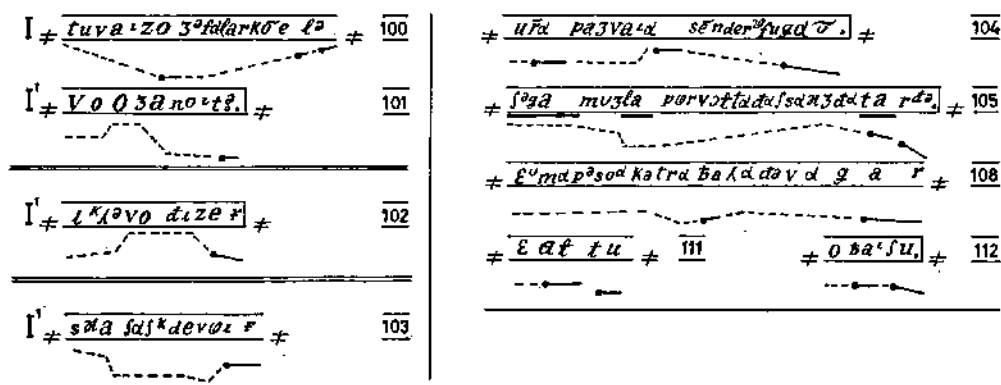


Fig. 80

o seu texto vocabular e que este foi realizado por um indivíduo I de um modo que traduz verbalização elocucional (2.46) de um acto de compreensão não concluído (2.3). A notação assinala que o entoema manifestou um toema secundário e uma sequência primacial ditoemática (6.14), inconclusiva-cumulativa ascendente (6.15).

Procurando saber se o entoema 100 actua sobre um ouvinte informativa ou interrogativamente, observemos, primeiramente, que não é ortografável do seguinte modo: «Tu vais hoje falar com ele.», porque um *ponto-final* assinala conclusão de um acto de compreensão (2.42), e o entoema considerado é inconclusivo. Verifica-se que lhe corresponde «Tu vais hoje falar com ele?», texto este que traduz actuação interrogativa mediante um ponto-de-interrogação.

Admitindo que o entoema 100, realizado por I, motivou o entoema 101, realizado por I', aceita-se que o entoema motivante tenha actuado interrogativamente sobre I'. Diga-se, todavia, que o entoema 100, independentemente de um contexto, poderia ter motivado o entoema 102, um entoema inconciliável com uma actuação interrogativa do entoema 100. Note-se que o entoema 102 é conclusivo, mas que actua interrogativamente por ser inversivo o seu texto vocabular inerente.

Deduz-se que um entoema polivocabular, inconclusivo, pode actuar informativa ou interrogativamente se não houver um contexto que determine que a sua modalidade comunicativa seja uma ou outra.

Os entoemas 101 e 102 denunciam que I' experimentou um contexto diverso em cada um dos dois casos apontados. Segundo o contexto denunciado pelo entoema 101, o entoema inconclusivo designado pelo número 100, foi interrogativamente actuante, ao passo que segundo o contexto denunciado pelo entoema 102, foi informativa a sua modalidade comunicativa.

Imaginando que o entoema 100 foi seguido de uma pausa expectante (7.48; 7.49), comenta-se: a inconclusão expressa e a expectativa exteriorizada por I durante a pausa — fisionòmicamente ou de um outro modo inverbal — revelam a I' que I lhe solicita uma resposta.

Supondo que o entoema 100 foi seguido de uma pausa ponderativa (7.49), comenta-se: a inconclusão expressa e a reflexão exteriorizada por I — fisionòmicamente ou de um outro modo inverbal — revelam a I' que I procura concluir, reflectindo, um acto de compreensão.

I deixou de informar I' a partir do momento em que teve de reflectir para poder concluir a sua informação. I não se dirigiu a I' para o consultar. A inconclusão expressa pelo entoema 100 e o seu suposto contexto mímico denunciam a I' que I pretende concluir a informação iniciada. Porém, o que já foi dito inconclusivamente por I, induz I' a proferir o entoema 102. O significado lexical deste entoema e a sua modalidade comunicativa revelam que o entoema 100 não actuou interrogativamente sobre I.

Uma verbalização de um decurso mental (2.2) resultante de reflexão, origina, frequentemente, uma elocução com andamento lento e constância ou subida de tonalidade até um momento a partir do qual o andamento elocucional se acelera e a tonalidade desce, revelando que o respectivo acto de com-

preensão vai ser concluído / ou até ao momento inicial de uma pausa ponderativa. Verifica-se em qualquer das duas ocorrências uma particularização apresentativa que traduz uma atitude indagadora do locutor.

Imagine-se, agora, que o entoema inconclusivo designado pelo número 100, seguido de pausa expectante (7.49) e, por conseguinte, interrogativamente actuante, motivou o aparecimento do entoema 103, e que este também inconclusivo (fig. 80), foi seguido de uma pausa interlocutiva (3.52).

Se o entoema 100 fosse seguido de uma pausa ponderativa (7.48) exteriorizando reflexão de I, actuaria informativamente sobre I'. Isso não impediria que o entoema motivado fosse o 103, o que significa que este entoema não permite deduzir se o entoema 100 actuou sobre I' informativa ou interrogativamente. Ortografando os dois entoemas em causa, pode dizer-se que o texto «Se achas que devo ir...» tanto se harmoniza com a pergunta «Tu vais hoje falar com ele?», como com a informação «Tu vais hoje falar com ele.» É aceitável qualquer dos dois seguintes fragmentos de diálogo:

1) I — Tu vais hoje falar com ele?	100
I' — Se achas que devo ir...	103
2) I — Tu vais hoje falar com ele.	100,
I' — Se achas que devo ir...	103

O significado elocucional (9.10) do entoema 103 depende da sua expressão, e esta, quer se trate do fragmento 1 ou do fragmento 2, pode denunciar que I' anuirá em ir falar com a pessoa subentendida no diálogo, se I achar que ele o deve fazer.

Mas em qualquer dos dois casos apontados, ocorre, ainda, a possibilidade de I' tomar uma atitude expectante ao proferir o entoema 103. É uma atitude que constitui um contexto inverbal cujo significado equivale ao de um entoema que se ortografa «Achas que devo ir?». E sendo assim, o entoema 103 denuncia a atitude de anuência de I, mediante o que exprime, e equivale a «Achas que devo ir?» mediante o seu contexto inverbal. Equivale a uma interrogação se bem que seja o seu contexto inverbal e não o entoema, o que actua interrogativamente.

Se o entoema 97, fig. 79, fosse inconclusivo, também não actuaria interrogativamente. O seu texto só se conciliaria com a modalidade interrogativa, mediante contextos de tipo muito pouco frequente.

Admite-se que I fez uma pausa depois de ter proferido o entoema 97. Ignora-se, porém, o que a motivou (3.50). Não se sabe se I suspendeu a sua elocução por não poder completá-la, se por não querer completá-la com o fim de destacar o que acabara de dizer, se pelo facto de I' ter iniciado o entoema 98. Fosse qual fosse o motivo da pausa, esta não teria sido expectante (7.49)

por não ser harmonizável com o significado do entoema 97. Este, ainda que fosse inconclusivo, segundo o seu texto actuaria informativamente.

Importa observar: um entoema polivocabular, inconclusivo, actua interrogativamente se não for inversivo o seu texto ou o seu contexto / ou o seu texto e contexto.

9.9 — *Determinantes da modalidade comunicativa de um entoema*

Vimos que a modalidade comunicativa de um entoema (7.38, 7.45, 7.46; 9.7, 9.8) depende da sua modalidade delimitativa (7.43; 7.44) e do significado do seu texto, ou do seu contexto, ou do seu texto e contexto.

Verificaram-se as seguintes actuações:

a) de um entoema mono ou polivocabular, *conclusivo*:

actuação informativa se não for inversivo o seu texto ou o seu contexto / ou o seu texto e contexto;

actuação interrogativa se for inversivo o seu texto ou o seu contexto / ou o seu texto e contexto.

b) de um entoema mono ou polivocabular *inconclusivo*:

actuação interrogativa se não for inversivo o seu texto ou o seu contexto / ou o seu texto e contexto;

actuação informativa se for inversivo o seu texto ou o seu contexto / ou o seu texto e contexto;

actuação informativa se for seguido de um entoema conclusivo / ou de uma sequência conclusiva, informativamente actuante com que se unifique, que amplie, conclusivamente, o seu significado.

Recorda-se:

— um texto ou um contexto de um entoema conclusivo é inversivo se determina, mediante o que significa, que esse entoema actue interrogativamente;

— um texto ou um contexto de um entoema inconclusivo é inversivo se determina, mediante o que significa, ou por ser elocucionalmente defectivo (9.11), que esse entoema actue informativamente.

9.10 — *Distinção de um entoema polivocabular, conclusivo, informativamente actuante, segundo o que significa elocucionalmente*

Um entoema polivocabular, conclusivo, informativamente actuante, segundo o que significa lexical e expressivamente, isto é, segundo o que significa elocucionalmente, pode constituir, como no caso do entoema monovocabular (7.39) uma «invocação», um «chamamento», uma «ordem», um «pedido»; ou uma «afirmação», uma «negação», uma «dúvida», uma «suposição», etc.

Servem, respectivamente, de exemplo, entoemas ortografáveis do seguinte modo: «Valei-me, Senhor!» / «Ouça lá!» / «Sai já daqui!» / «Peço-te que fiques.»; «É esse o livro.» / «Não é esse o livro.» / «Não sei se ele virá.» / «Julgo que sim.»

9.11 — *Entoema defectivo*

Um entoema resulta, como se disse (7.40), de uma verbalização real-mentalmente actuante de uma compreensão conclusiva ou inconclusivamente experimentada.

Uma suspensão voluntária ou involuntária da verbalização elocucional (2.45) de uma compreensão (2.3;7.40) ou a sua interrupção accidental, origina um *entoema defectivo*, um entoema que manifesta «incompletitude» de significado. Distinguem-se duas espécies de entoema defectivo:

a) entoema informativamente actuante cujo texto vocabular inerente traduz incompletitude de significado.

Exemplifica-se: o entoema inconclusivo, informativamente actuante —

≠ ENTRE O QUE ME CONTAS E O QUE, ≠

traduz, vocabularmente, incompletitude de significado. Também a traduziria se fosse apresentativamente conclusivo. Em qualquer dos casos, o entoema ocorrente era defectivo.

b) entoema informativamente actuante cujo texto vocabular inerente traduz completitude de significado, exprimindo, porém, inconclusão de uma compreensão que não é conclusivamente ampliada por um contexto.

Exemplifica-se: o entoema inconclusivo, informativamente actuante —

≠ TU SABES QUE ELE VAI LÁ AMANHÃ, ≠

traduz, vocabularmente, completitude de significado, mas actuando informativamente sobre o ouvinte, é defectivo. Exprime inconclusão de uma compreensão que não é conclusivamente ampliada por um contexto.

Não traduziria uma informação incompleta, não seria classificável como defectivo, se fosse seguido do entoema conclusivo, informativamente actuante que se transcreve:

≠ MAS ESTÁS A FINGIR QUE NÃO SABES. ≠, proferido pelo mesmo locutor; ou deste outro, também conclusivo e informativamente actuante que se assinala:

≠ NÃO PRETENDAS INSINUAR O CONTRÁRIO. ≠

Qualquer destes dois entoemas constituía um contexto que ampliava, conclusivamente, a inconclusão manifestada.

O resultado seria idêntico se um dos dois entoemas ou qualquer outro equivalente, fosse imaginado pelo ouvinte como se tivesse sido experimentado mentalmente, sem verbalização elocucional, pelo seu interlocutor (2.45).

De uma ou outra forma, o entoema não era defectivo. Também o não era se actuasse interrogativamente (9.9).

10 — PARTICULARIZAÇÃO APRESENTATIVA DO ENTOEMA POLIVOCABULAR

10.1 — *Aspectos apresentativos-auditivos particularizantes do entoema polivocabular*

Aspectos apresentativos-auditivos (3.4) que ocorrem como particularizantes de um entoema polivocabular são, como no caso do entoema monovocabular, tensionais, tonais, qualitativos ou temporais (3.5), ou sequências de dois ou mais dos referidos aspectos; mas além de particularizações semelhantes às ocorrentes no entoema monovocabular, há outras que só podem ser manifestadas por apresentações constituídas por duas ou mais palavras.

A particularização de um entoema polivocabular pode ser, como a do monovocabular, idiofónica, idiofonética, circunstancial, ou expressiva (8.1).

10.2 — *Particularização idiofónica*

O número provável de aspectos idiofónicos que um entoema polivocabular manifesta é tanto maior quanto maior for a sua extensão no plano lexical e no plano alofónico (9.1).

Entoemas polivocabulares de grande extensão lexical manifestam, muitas vezes, repetições de particularidades idiofónicas. Estas, repetindo-se, tornam-se mais sensíveis ao ouvinte, muito especialmente se ele procura discriminá-las.

10.3 — *Particularização idiofonética*

As particularidades de «pronúncia» e de «dicção» que constituem os aspectos idiofonéticos de um entoema (8.3) são, como os idiofónicos, tanto mais prováveis quanto maior for a sua extensão.

Entre as particularidades que só podem ocorrer em entoemas polivocabulares, figuram certas coarticulações de palavras. As transcrições [*di*o:ʒ^a], [*toðoði*.α] (de hoje), (todo o dia) assinalam coarticulações particularizantes.

10.4 — *Particularização circunstancial*

O que se disse sobre particularização circunstancial do entoema monovocabular (8.4), pode igualmente dizer-se a respeito do entoema polivocabular.

10.5 — *Particularização expressiva-delimitativa*

De forma semelhante ao que se verifica com o entoema monovocabular, particulariza delimitativamente um entoema, exprimindo conclusão (6.10) ou inconclusão (6.11) do acto de compreensão que o originou, o seu toema fundamental (6.3; 6.4).

10.6 — *Particularização expressiva de realce*

A particularização expressiva que põe em destaque, que *realça* um entoema monovocabular, valoriza toda a apresentação de uma palavra ou parte dela (8.7). Se o entoema tem duas ou mais palavras, valoriza totalmente uma palavra ou parte dela, ou valoriza a apresentação de duas ou mais palavras ou parte dessa apresentação.

Quando todas as palavras componentes de um entoema são apresentativamente realçadas, resulta uma valorização do representado pelo entoema, sem discriminação de qualquer dos aspectos que figuram no conjunto.

Se é valorizada uma ou mais do que uma das palavras componentes de um entoema e não cada uma de todas elas, o representado pelas palavras valorizadas destaca-se do representado por todo o entoema.

Os dois ou mais objectos que se unificam mediante um acto de compreensão (2.3) que motiva a ocorrência de um entoema, podem actuar, ou não, como igualmente importantes. Se um desses objectos actua como mais importante, é valorizada a palavra que o representa no entoema motivado. Se são dois ou mais objectos que se destacam como predominantes, serão duas ou mais, respectivamente, as palavras valorizadas.

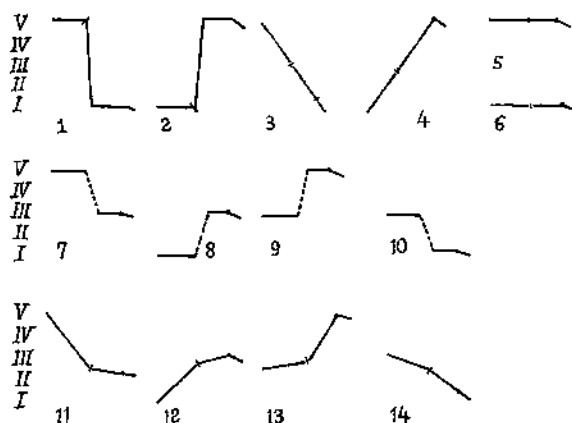
O representado por uma ou mais palavras particularizadas de um entoema, destaca-se do representado por uma ou mais palavras não particularizadas desse mesmo entoema.

No acto de compreensão que motivou a ocorrência do entoema conclusivo ≠VI LÁ TRÊS LIVROS. ≠, informativamente actuante, proferido por um indivíduo I, pode ter interessado «particularmente» ao citado indivíduo, o facto de serem 3 os livros que viu em determinado lugar. Verbalizando a com-

preensão experimentada, I valorizou, conseqüentemente, a terceira palavra do entoema que proferiu, «particularizando-a» — por exemplo tonal-temporalmente — de modo a realçá-la. Teve lugar uma *valorização discriminativa*. Seria *indiscriminativa* uma valorização de cada uma de todas as palavras componentes do entoema.

10.7 — *Particularização tonal, de realce, de um entoema polivocabular*

a) Supõe-se que o texto vocabular (2.40) «EU VOU», constituído por dois vocábulos monossilábicos, foi realizado (2.21) catorze vezes, originando catorze entoemas conclusivos. Esquematzam-se no Quadro XL os respectivos níveis tonais silábicos (7.31) e decursos (3.37). Deslizes tonais silábicos são assinalados como no quadro XXII (7.29).



Quadro XL

Tradução das figuras:

1 — Realce agudo de //EU/ e realce grave de /VOU/, nas faixas V e I, respectivamente. Consequente valorização indiscriminativa (10.6) do entoema.

A notação //EU/ significa, convencionalmente, qualquer palavra correspondente ao vocábulo «EU» (ao vocábulo que nela se transcreve ortográfica ou foneticamente), coarticulada com outra que se lhe segue.

A notação /VOU/ significa qualquer palavra correspondente ao vocábulo «VOU» (ao vocábulo que nela se transcreve ortográfica ou foneticamente), coarticulada com outra que a antecede.

- 2 — Realce grave de //EU/ e realce agudo de /VOU//, nas faixas I e V, respectivamente. Consequente valorização total do entoema, como no caso 1.

Qualquer das duas esquematizações traduz: níveis tonais silábicos predominantemente constantes, em faixas marginais opostas; deslize tonal momentâneo. Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado*.

- 3 — Entoema totalmente valorizado por descida contínua do nível tonal, da faixa V à faixa I.
4 — Como em 3 mas no sentido ascendente, de I a V.

Qualquer das duas esquematizações traduz: variação contínua do nível tonal silábico. Decurso tonal do entoema: de tipo *deslizante*.

- 5 — Realce agudo de //EU VOU//, na faixa V. Valorização indiscriminativa do entoema.
6 — Como em 5 mas com realce grave, na faixa I.

Qualquer das duas esquematizações traduz: níveis tonais silábicos iguais e constantes, numa mesma faixa marginal (abstrai-se do breve trecho toemático final). Decurso tonal do entoema: de tipo *insistente*.

- 7 — Realce agudo de //EU/, ao passo que /VOU// decorre em nível tonal não particularizante, na faixa III.
Consequente valorização parcial do entoema.
8 — Como em 7 mas com realce grave de //EU/.
9 — Realce agudo de /VOU//, ao passo que //EU/ decorre em nível tonal não particularizante, na faixa III.
Consequente valorização parcial do entoema.
10 — Como em 9 mas com realce grave de /VOU//.

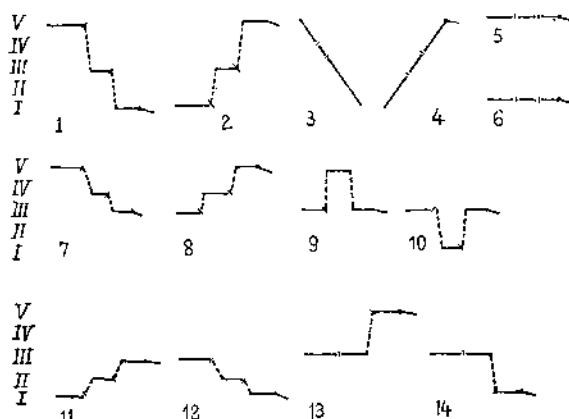
Qualquer das quatro esquematizações traduz: níveis tonais silábicos constantes, decorrendo um deles em faixa marginal. Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado*.

- 11 — Realce predominantemente agudo de //EU/, mediante contínua descida tonal de V para III.
/VOU// decorre em nível tonal não particularizante, na faixa III. Consequente valorização discriminativa do entoema.
12 — Como em 11 mas com realce predominantemente grave de //EU/, mediante contínua subida tonal de I para III.
13 — Realce predominantemente agudo de /VOU//, mediante contínua subida tonal de III para V.
//EU/ decorre em nível tonal não particularizante, na faixa III. Consequente valorização discriminativa do entoema.
14 — Como em 13 mas com realce predominantemente grave de /VOU//, mediante contínua descida tonal de III para I.

Qualquer das quatro esquematizações traduz: variação contínua dos níveis tonais silábicos, partindo um deles de uma faixa marginal, ou atingindo-a. Decurso tonal do entoema: de tipo *deslizante*.

O nível tonal da palavra não valorizada podia ter sido constante e, nesse caso, o decurso teria sido de tipo *deslizante-constante* ou *constante-deslizante*.

b) Supõe-se que o texto vocabular «ELA VAI» constituído por um vocábulo dissilábico seguido de um vocábulo monossilábico, foi realizado catorze vezes, originando catorze entoemas conclusivos. Esquematizam-se no Quadro XLI os respectivos níveis tonais silábicos e decursos.



Quadro XLI

Tradução das figuras:

- 1 — Realce agudo da 1.ª sílaba de //ELA/ e realce grave de /VAI/. Valorização de cada uma das palavras componentes do entoema e, consequentemente, de todo o entoema. Abstrai-se de uma possível actuação de uma diversidade de grau de magnitude de valorização de uma sílaba relativamente a outra.
- 2 — Como em 1 mas com realce grave da 1.ª sílaba de //ELA/ e realce agudo de /VAI/.

Qualquer das duas esquematizações traduz: níveis tonais silábicos constantes, decorrendo o primeiro e o último em faixas marginais opostas. Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado-descendente* e de tipo *escalonado-ascendente*, respectivamente.

- 3 — Valorização total do entoema, mediante contínua descida do nível tonal, de V a I.
- 4 — Como em 3 mas no sentido ascendente, de I a V.

Qualquer das duas esquematizações traduz: variação contínua do nível tonal silábico, a partir de uma faixa marginal, até à faixa marginal oposta. Decurso tonal do entoema: de tipo *deslizante*.

5 — Realce agudo de //ELA VAI//, na faixa V. Valorização indiscriminativa do entoema.

6 — Como em 5 mas com realce grave, na faixa I.

Qualquer das duas esquematizações traduz: níveis tonais silábicos iguais e constantes, numa faixa marginal. Decurso tonal do entoema: de tipo *insistente*.

7 — Realce agudo da 1.ª sílaba de //ELA/. /VAI// decorre em nível tonal não particularizante. Consequente valorização da primeira palavra.

A 2.ª sílaba de //ELA/ ocorre na faixa IV.

Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado-descendente*.

8 — //ELA/ decorre em níveis tonais não particularizantes.

Realce agudo de /VAI//.

Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado-ascendente*.

9 — Realce agudo da 2.ª sílaba de //ELA/. /VAI// decorre em nível tonal não particularizante. Consequente valorização da primeira palavra.

A 1.ª sílaba de //ELA/ decorre na faixa III, a mesma em que decorre /VAI//.

Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado ascendente-descendente*.

10 — Como em 9 mas com realce grave de 2.ª sílaba de //ELA/.

Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado descendente-ascendente*.

11 — Realce grave da 1.ª sílaba de //ELA/. /VAI// decorre em nível tonal não particularizante. Consequente valorização da primeira palavra.

A 2.ª sílaba de //ELA/ decorre na faixa II.

Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado-ascendente*.

12 — //ELA/ decorre em níveis tonais não particularizantes. Realce grave de /VAI//.

Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado-descendente*.

Qualquer das seis últimas esquematizações traduz: níveis tonais silábicos diversos, de sílaba para sílaba, e constantes em cada sílaba. Não se consideram as variações que constituem os «deslizes tonais». Decurso tonal do entoema: de tipo *escalonado*.

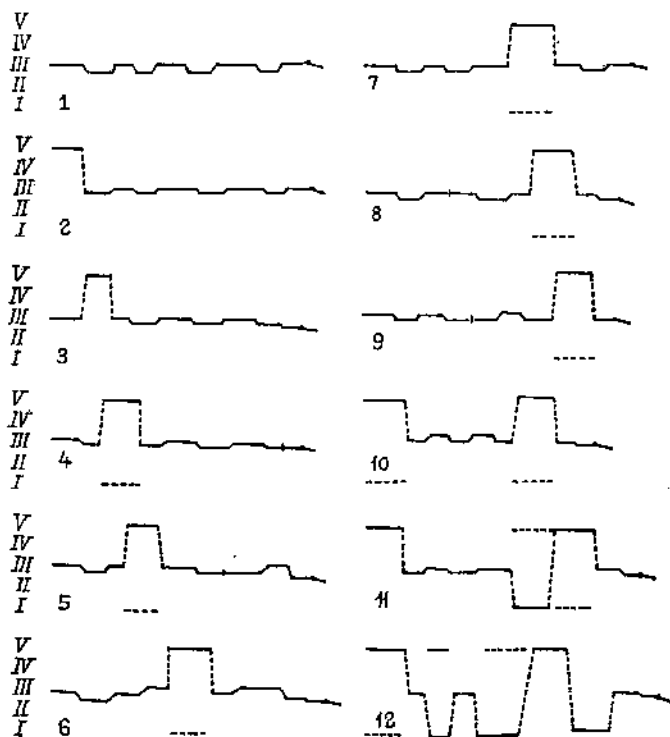
13 — Realce agudo de /VAI//. As duas sílabas de //ELA/ manifestam um mesmo nível, não particularizante.

Decurso tonal do entoema: de tipo *insistente com escalão final, particularizante, ascendente*.

14 — Como em 13 mas com realce grave de /VAI//. Decurso tonal do entoema: de tipo *insistente com escalão final, particularizante, descendente*.

Qualquer das duas esquematizações traduz: níveis tonais silábicos constantes, sendo os dois primeiros iguais e o último diverso. Valorização da última palavra do entoema.

c) Supõe-se que o texto vocabular «ELA VAI COMPRAR TRÊS FÁBRICAS», constituído por vocábulos mono e polissilábicos, foi realizado doze vezes, originando doze entoemas conclusivos. Esquematizam-se no Quadro XLII os respectivos níveis tonais silábicos e decursos.



Quadro XLII

Tradução das figuras:

- 1 — Flutuação não particularizante de níveis tonais silábicos. Nenhuma palavra do entoema foi valorizada.
 Todo o entoema seria valorizado se a flutuação decorresse na faixa marginal aguda ou na faixa marginal grave.
 Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, em faixa tonal não particularizante.
- 2 — Realce agudo (ou grave) da 1.ª sílaba de //ELA/. Consequente valorização da primeira palavra do texto.
 Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante neutro, com escalão inicial descendente (ou ascendente) particularizante.
- 3 — Realce agudo (ou grave) da 2.ª sílaba de //ELA/. Consequente valorização da primeira palavra do texto.

Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na 2.^a sílaba.

- 4 — Realce agudo (ou grave) de /VAI/. É assim valorizada a segunda palavra do texto.
Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na segunda palavra.
A notação /VAI/ significa, convencionalmente, qualquer palavra correspondente (ao vocábulo que nela se transcreve ortográfica ou foneticamente), coarticulada com outra que a antecede e outra que se lhe segue.
- 5 — Realce agudo (ou grave) da 1.^a sílaba de /COMPRAR/. Consequente valorização da terceira palavra do texto.
Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na 1.^a sílaba da terceira palavra (quarta sílaba do texto).
- 6 — Realce agudo (ou grave) da 2.^a sílaba de /COMPRAR/. Consequente valorização da terceira palavra do texto, como no caso anterior.
Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na 2.^a sílaba da terceira palavra (quinta sílaba do texto).
- 7 — Realce agudo (ou grave) de /TRÊS/. É assim valorizada a quarta palavra do texto.
Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na quarta palavra (sexta sílaba do texto).
- 8 — Realce agudo (ou grave) da 1.^a sílaba de /FÁBRICAS//. Consequente valorização da quinta e última palavra do texto.
Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na 1.^a sílaba da quinta palavra (sétima sílaba do texto).
- 9 — Realce agudo (ou grave) da 2.^a sílaba de /FÁBRICAS//. Consequente valorização da quinta e última palavra do texto, como no caso anterior.
Decurso tonal do entoema: de tipo flutuante, neutro, com escalão particularizante, ascendente (ou descendente) na 2.^a sílaba da quinta palavra (oitava sílaba do texto).

Qualquer das oito últimas esquematizações assinala valorização particularizante de uma só palavra do entoema, o que não acontece com as três seguintes. A esquematização (10) assinala a valorização de //ELA/ mediante particularização aguda (ou grave) da sua 1.^a sílaba, e a valorização de /FÁBRICAS// mediante particularização aguda (ou grave) da sua 1.^a sílaba. A esquematização (11) assinala a valorização de //ELA/ mediante particularização aguda da sua 1.^a sílaba; a valorização de /TRÊS/ mediante particularização grave (ou aguda) e a valorização de /FÁBRICAS/ mediante particularização aguda (ou grave) da sua 1.^a sílaba. A esquematização (12) assinala valorização de todas as palavras componentes do entoema.

Particularização aguda ou grave da 1.ª sílaba de //ELA/, do monossílabo /VAI/, e da 2.ª sílaba de /COMPRAR/; particularização aguda do monossílabo /TRÊS/, e grave da 1.ª sílaba de /FÁBRICAS/.

10.8 — *Particularização temporal de realce de um entoema polivocabular.*

Um entoema polivocabular, temporalmente particularizado, distingue-se pelo seu *ritmo silábico* ou pelo seu *andamento*, ou por uma e outra coisa.

A sucessão de duas ou mais sílabas origina uma sucessão de durações e, conseqüentemente, um ritmo. A sucessão de duas ou mais palavras de um entoema polivocabular implica uma sucessão de sílabas e, conseqüentemente, um ritmo silábico.

A *figura rítmica* de um entoema polivocabular, ou seja o seu *ritmo silábico elocucional* (8.12; 3.47), depende do *ritmo silábico estrutural* (8.12; 2.23) dos vocábulos correspondentes às palavras que nela figuram e da sua ordenação; bem como dos aspectos, muito especialmente temporais, que elocucionalmente o particularizem (3.46).

A maior ou menor rapidez com que as sílabas de um entoema se sucedem, depende do *andamento* (3.43) da sua realização, ou seja da velocidade com que o locutor vai articulando e coarticulando as sílabas átonas e acentuadas da sequência de palavras que o constituem.

10.9 — *Ritmo particularizante (de realce) de um entoema polivocabular*

Um entoema polivocabular com duas ou mais palavras, manifesta um ritmo silábico particularizante, se uma ou mais do que uma das suas sílabas for temporalmente particularizada.

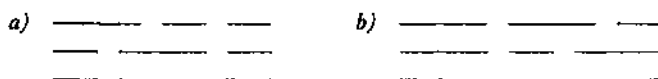
O número de figuras rítmicas diversas que podem corresponder a um entoema polivocabular, constituído por palavras monossilábicas, depende do número das suas sílabas componentes e do número de palavras temporalmente particularizadas que manifesta.

Ao entoema $\neq$ DOIS NÓS $\neq$ ou a qualquer outro dissilábico com duas palavras componentes, pode corresponder qualquer dos 2 ritmos seguidamente esquematizados:

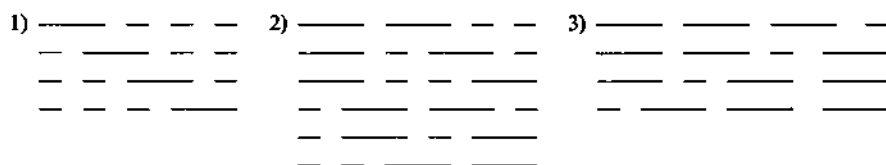
— — — / — — —

Ao entoema $\neq$ SÃO DOIS NÓS $\neq$ ou a qualquer outro, trissilábico, com três palavras componentes, pode corresponder qualquer das 3 figuras rítmicas do grupo a) se for

valorizada uma só palavra / ou qualquer das 3 figuras rítmicas do grupo b) se forem valorizadas duas palavras.



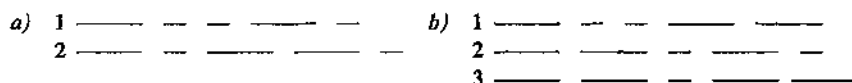
Ao entoema $\neq$ só são dois nós $\neq$ ou a qualquer outro entoema tetrassilábico de quatro palavras, pode corresponder qualquer das 4 figuras rítmicas do grupo 1), ou qualquer das 6 figuras rítmicas do grupo 2), ou qualquer das 4 figuras rítmicas do grupo 3), se o número de palavras valorizadas for, respectivamente, igual a 1, a 2, e a 3.



Quando todas as palavras componentes de um entoema polivocabular são temporalmente particularizadas, resulta uma valorização do representado pelo entoema. Se é temporalmente particularizada uma ou mais do que uma das palavras componentes do entoema, e uma ou mais do que uma o não é, o representado pela palavra ou pelas palavras que a particularização valorizou, destaca-se do representado por todo o entoema (10.6).

Serviram de exemplo entoemas polivocabulares constituídos por palavras monossilábicas. O seu número de sílabas foi, portanto, igual ao seu número de palavras. Mas considere-se o entoema $\neq$ SETE RAPAZES $\neq$. Este é constituído por duas palavras polissilábicas — um dissílabo e um trissílabo. Verificam-se, neste caso, duas palavras e cinco sílabas.

O número de figuras rítmicas que podem corresponder a um entoema polivocabular constituído por palavras mono ou polissilábicas, depende do número das suas sílabas componentes, do número de palavras temporalmente particularizadas que manifeste, e, ainda, do número de ritmos inconciliáveis com as palavras ocorrentes, no plano da norma. Ao entoema acima considerado, pode corresponder qualquer das figuras rítmicas do grupo a) e nenhuma das do grupo b):



a — 1 esquematiza um ritmo igual ao estrutural e, por conseguinte, não particularizante.

a — 2 esquematiza um ritmo particularizante por alongamento da sílaba inicial da última palavra.

- b* — 1 esquematiza um ritmo inconciliável com a última palavra do entoema, por alongamento da sua última sílaba.
- b* — 2 esquematiza um ritmo inconciliável com a primeira palavra do entoema, por alongamento da sua última sílaba.
- b* — 3 esquematiza um ritmo inconciliável com a primeira e a segunda palavra do entoema pelos motivos apontados relativamente a *b*-1 e a *b*-2.

Qualquer das duas palavras componentes do entoema considerado é temporalmente particularizada, se o seu ritmo silábico elocucional (8.12) se distinguir como diverso do ritmo estrutural (8.12;2.23) do vocábulo que lhe corresponde; mas um ritmo silábico pode ser ou não inaceitável no plano da norma.

10.10 — *Andamento particularizante de realce, de um entoema polivocabular*

O decurso de um entoema pode distinguir-se pelo número de sílabas que apresenta por unidade de tempo, geralmente o segundo, se esse número for particularmente grande ou particularmente pequeno, o que equivale a dizer-se que o andamento de um entoema pode ser particularmente rápido ou particularmente lento. Mas quer seja rápido quer lento, pode não ser uniforme, e, nesse caso, será acelerado ou retardado.

Entoemas suficientemente extensos para que seja sensível a velocidade do seu decurso apresentativo, manifestam, frequentemente, um ou mais trechos com andamento uniforme, ou acelerado, ou retardado. Constância e variação ou variação e constância do andamento, origina os seguintes tipos: uniforme-acelerado / acelerado-uniforme / uniforme-retardado / retardado-uniforme / acelerado-retardado / retardado-acelerado /; acelerado-uniforme-retardado / retardado-uniforme-acelerado / etc.

Qualquer andamento que se distinga pela sua uniformidade, lentidão ou rapidez, ou pela sua uniformidade e lentidão, ou uniformidade e rapidez, ou ainda, pelo seu acréscimo ou decréscimo, ou acréscimo-decrécimo, decréscimo-acréscimo, etc., de velocidade, particulariza o entoema que o manifesta.

10.11 — *Particularização tonal-temporal de um entoema polivocabular*

a-1) Supõe-se o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{EU VOU}} \neq$ com um comportamento tonal silábico semelhante ao indicado por qualquer das seis primeiras esquematizações do Quadro XL. Admitindo que a 1.^a ou a 2.^a palavra do

entoema foi particularmente longa, verifica-se: particularização tonal total e particularização tonal-temporal, parcial, do entoema.

Se ambas as palavras manifestaram uma duração particularizante, tem lugar uma particularização tonal-temporal de todo o entoema.

a-2) Supõe-se uma variante do entoema acima referido com um comportamento tonal silábico semelhante ao assinalado pela esquematização (7) do Quadro XL. Admitindo que a 1.^a e a 2.^a palavras do entoema foram particularmente longas, observa-se: particularização tonal-temporal da primeira palavra e particularização temporal da segunda, ou seja uma particularização parcialmente tonal-temporal e parcialmente temporal do entoema.

b) Supõe-se o entoema conclusivo ≠ELA VAI ≠ com um comportamento tonal silábico semelhante ao indicado pela esquematização 1 do Quadro XLI. Admitindo que a 1.^a sílaba da primeira palavra teve uma duração particularizante, ocorre uma particularização tonal-temporal da 1.^a sílaba da primeira palavra, e particularização tonal da segunda palavra.

Se a sílaba com duração particularizante fosse a 2.^a, e não a 1.^a, teríamos: — particularização tonal da 1.^a e temporal da 2.^a sílaba da palavra inicial do entoema / — particularização tonal da palavra final.

c-1) Supõe-se o entoema conclusivo ≠ELA VAI COMPRAR TRÊS FÁBRICAS ≠ com um comportamento tonal silábico semelhante ao indicado pela esquematização 1 do Quadro XLIII. Esta esquematização, além do comportamento tonal silábico do entoema realizado, assinala, simultaneamente, as durações relativas, perceptuais, atribuídas às suas sílabas componentes.



Quadro LXIII

— valorização tonal de //ELA/ por particularização aguda da sua 1.^a sílaba; valorização tonal de /TRÊS/ por particularização aguda da sua apresentação.

— valorização temporal de /FÁBRICAS// mediante duração particularizante da sua sílaba acentuada.

A particularização do entoema foi tonal-temporal não simultânea.

c-2) Supõe-se uma variante de realização do entoema considerado anteriormente, com um comportamento tonal silábico semelhante ao indicado pela esquematização 2 do Quadro XLIII. Observa-se:

- valorização tonal de //ELA/ por particularização aguda da sua 1.^a sílaba e valorização temporal da mesma sílaba, por particularização longa;
- valorização tonal aguda de /TRÊS/ e temporal longa da mesma palavra;
- valorização temporal de /FÁBRICAS//, semelhante à indicada pela esquematização 1.

Evidenciou-se a possibilidade de ocorrência de variados modos de particularização tonal-temporal de um entoema, possibilidade tanto mais ampla quanto maior for o número das suas sílabas componentes.

A particularização do entoema pode ser parcialmente tonal e parcialmente temporal, ou, simultaneamente, tonal e temporal em toda a sua extensão, ou só durante um trecho ou mais do que um trecho da sua totalidade. Diz-se, em qualquer dos casos, que a particularização do entoema é tonal-temporal.

Nas esquematizações que figuram no Quadro XLIII, distinguem-se segundo a extensão dos respectivos segmentos, as seguintes durações silábicas relativas:

- sílaba acentuada particularmente longa — duração tripla de uma sil. átona;
- » » normalmente » — » dupla » » » »
- » átona part. » » de uma sílaba acentuada.

Deve notar-se que o processo de particularização tonal-temporal de um entoema polivocabular com N sílabas e determinado tipo de acentuação, é semelhante ao que se verifica com um entoema monovocabular de N sílabas e o mesmo tipo de acentuação (8.14). Assim, por exemplo, ao entoema tetrassilábico agudo $\neq$ EU VOU COMPRAR $\neq$ pode corresponder a esquematização do entoema $\neq$ TRIANGULAR $\neq$ que figura no Quadro XXXVIII, sob o número 1 e que assinala particularização tonal-aguda e temporal-longa da 2.^a sílaba.

10.12 — *Particularização tensional de um entoema polivocabular*

Supõe-se o entoema conclusivo $\neq$ ELA VAI COMPRAR TRÊS FÁBRICAS $\neq$ com um comportamento tonal-tensional-temporal, silábico, semelhante ao indicado pela esquematização 3 do Quadro XLIII. Verifica-se:

- flutuação tonal não particularizante
- valorização de //ELA/ por particularização tensional da sua 1.^a sílaba;
- » » /TRÊS/ » » temporal da sua sílaba única.

Consequente valorização tensional, parcial, do entoema. A sua valorização tensional seria total se cada uma das palavras componentes manifestasse durante toda a sua apresentação ou parte dela, um nível tensional particularizante.

10.13 — *Particularização tonal-tensional-temporal de um entoema polivocabular*

Profere-se um entoema conclusivo vocabularmente idêntico ao considerado no parágrafo anterior, mas com um comportamento tonal-tensional-temporal, silábico, semelhante ao indicado pela esquematização 4 do Quadro LXIII.

A apresentação do entoema manifesta:

- valorização de //ELA/ por particularização tonal-grave, tensional-forte e temporal-longa, da sua sílaba inicial;
- valorização de /TRÊS/ por particularização tonal-aguda, tensional-forte e temporal longa da sua apresentação.
- valorização de /FÁBRICAS// por particularização tensional-forte da sua 1.ª sílaba.

Ocorreram as seguintes particularizações sucessivas: tríplice particularização conjunta, parcial, de //ELA/ e total de /TRÊS/; particularização parcial de uma só espécie (tensional) de /FÁBRICAS//.

10.14 — *Particularização qualitativa de um entoema polivocabular*

Realiza-se um entoema conclusivo, vocabularmente idêntico ao considerado no parágrafo 10.12, mas com um comportamento tonal-qualitativo-temporal silábico, semelhante ao indicado pela esquematização 5 do Quadro XLIII.

A apresentação do entoema manifesta:

- flutuação tonal-temporal silábica não particularizante;
- valorização de //ELA/ por particularização qualitativa da 1.ª sílaba;
- valorização qualitativa total de /TRÊS/ e qualitativa, parcial, de /FÁBRICAS// por particularização da 1.ª sílaba.

Ocorreram particularizações sucessivas de uma só espécie, a qualitativa, que valorizaram parcialmente o entoema.

10.15 — *Particularização tonal-tensional-qualitativa-temporal de um entoema polivocabular*

Supõe-se um entoema conclusivo vocabularmente idêntico ao considerado no parágrafo 10.12 mas com um comportamento tonal-tensional-qualitativo-temporal, semelhante ao indicado pela esquematização 6 do Quadro XLIII.

Valorizações ocorrentes:

- valorização de //ELA/ por particularização qualitativa de toda a sua apresentação;
- valorização de /COMPRAR/ por particularização tensional das suas duas sílabas;
- valorização tonal-tensional-qualitativa-temporal de /TRÊS/
- valorização de /FÁBRICAS// por particularização temporal da sua sílaba tónica, e particularização qualitativa das suas duas sílabas átonas.

O entoema manifestou, sucessivamente, as seguintes particularizações silábicas: qualitativa / qualitativa / tensional / tensional / tonal-tensional-qualitativa-temporal / temporal / qualitativa / qualitativa.

10.16 — *Confronta-se o processo de particularização apresentativa do entoema polivocabular com o do entoema monovocabular*

O processo de particularização tonal (10.7), temporal (10.8), tonal-temporal (10.11), tensional (10.12), ou tonal-tensional-temporal (10.13), ou qualitativo (10.14), ou tonal-tensional-qualitativo-temporal (10.15), de realce, de um entoema polivocabular com N sílabas e determinado tipo de acentuação, é semelhante ao processo de particularização tonal (8.9), temporal (8.11), tonal-temporal (8.14), tensional (8.15), ou tonal-tensional-temporal (8.16), ou qualitativo (8.17), ou tonal-temporal-tensional-qualitativo (8.18), de realce, de um entoema monovocabular de N sílabas e um mesmo tipo de acentuação. Assim:

- ao entoema conclusivo, polivocabular, trissilábico paroxítono $\neq$ EU CHAMO $\neq$ pode corresponder a esquematização do entoema conclusivo, monovocabular, trissilábico paroxítono $\neq$ GAIVOTA $\neq$ que figura no Quadro XXXVI sob o número 2-b e que assinala particularização temporal-longa da 1.^a sílaba;
- ao entoema inconclusivo, polivocabular, tetrassilábico oxítono $\neq$ VOU COMPRAR $\neq$ pode corresponder a esquematização do entoema inconclusivo,

monovocabular, tetrassilábico oxítono, $\neq$ TRIANGULAR $\neq$ que figura no Quadro XXXV sob o número 2-c, e que assinala particularização temporal-longa da 1.^a sílaba.

O processo de particularização é o mesmo, mas ao passo que uma particularização parcial de um entoema monovocabular valoriza todo o entoema, uma particularização parcial de um entoema polivocabular não o valoriza ou pode não o valorizar totalmente. Exemplifica-se:

— se a 1.^a sílaba do entoema monovocabular $\neq$ GAIVOTA $\neq$ for realçada, verifica-se uma valorização do representado por todo o entoema;

— se a 1.^a sílaba do entoema polivocabular $\neq$ EU CHAMO $\neq$ for realçada, verifica-se uma valorização do representado pela primeira palavra do entoema, ou seja por uma sua parte e não por todo ele.

10.17 — *Particularizações expressivas simples e particularizações expressivas conjuntas, de realce*

Entoemas polivocabulares apresentam, muitas vezes, particularizações expressivas simples e/ou conjuntas como sucede com os entoemas monovocabulares polissilábicos (8.19), se bem que menos frequentemente.

Duas ou mais particularizações, simples ou conjuntas, manifestadas por um único entoema, são, necessariamente, sucessivas, quer se trate de um entoema monovocabular (8.20) ou polivocabular.

O comportamento apresentativo assinalado pela esquematização 4 do Quadro XLIII manifestou, sucessivamente, como vimos (10.13), duas particularizações conjuntas e uma particularização simples.

10.18 — *Particularização expressiva de realce e acentuação*

Uma ou mais do que uma palavra de um entoema polivocabular com acentuação expressiva (2.24;8.21) ou estrutural-expressiva (2.25;8.21), bem como uma ou mais do que uma palavra com acentuação expressiva, e uma ou mais do que uma palavra com acentuação estrutural-expressiva, conferem ao respectivo entoema, uma particularização expressiva de realce que é classificável como *acentual*.

Imagine-se, para exemplificar, que determinado entoema conclusivo, informativamente actuante, ≠O RAPAZ VAI ACENDER O FOGÃO. ≠ que se designa por 104, fig. 80 (9.8), manifestou as características que se apontam:

- acentuação expressiva de /RAPAZ/ mediante um ritmo silábico como o assinalado por 2-a no Quadro XXXV (8.12);
- acentuação expressiva de /ACENDER/ mediante um ritmo silábico como o assinalado por 2-b no quadro mencionado;
- acentuação estrutural-expressiva de /FOGÃO// mediante um ritmo silábico como o representado por 3-a no Quadro XXXV.

Verifica-se particularização acentual expressiva da 2.^a e 3.^a palavra do entoema 104 e estrutural-expressiva da última.

10.19 — *Particularizações expressivas de realce, de entoemas polivocabulares*

O modo como um entoema monovocabular pode ser expressivamente realçado, total ou parcialmente, mediante particularização tonal, temporal, tensional, qualitativa (8.7), ou conjunta (8.19), é muito variável (8.22), tanto mais quanto maior for o seu número de sílabas. O grau de variabilidade é extraordinariamente elevado no caso de entoemas polivocabulares de grande extensão silábica (9.1).

10.20 — *Particularização expressiva-sentimental, de um entoema polivocabular*

Admite-se que a particularização elocucional (2.23) perceptual (3.46) de um determinado entoema conclusivo, informativamente actuante, que se transcreve ≠CHEGAMOS LÁ POR VOLTA DAS SEIS DA TARDE. ≠ e se designa por 105, fig. 80, manifestou sentimento de *tristeza*. Foi expressiva-sentimental (8.23) a particularização ocorrente.

Exprimem tristeza, tonalidades velares decorrentes em andamento lento e em nível tensional frouxo / ou comportamentos vocálicos de sílabas tónicas que se assemelham aos de interjeições vocálicas que manifestem tal sentimento (2.38) mediante um ímpeto tensional inicial e regressão qualitativa em nível tonal grave / etc. etc.

Um contexto anterior ou posterior ao entoema, ou possivelmente simultâneo, se for inverbal (4.12;4.24) distingue a particularização sentimental como «independente» e, nesse

caso, significa *tristeza* do locutor independentemente do que lexicalmente comunica (8.26), ou como «dependente», e, sendo assim, significa «*pesar*» por «terem chegado à hora que chegaram». Um contexto verbal, anterior ou posterior, poderá dar a saber que seria lamentável não se chegar antes das cinco da tarde.

10.21 — *Frequente incompreensão ou ambiguidade do significado elocucional de entoemas polivocabulares com particularização sentimental «independente»*

À semelhança do que sucede com entoemas monovocabulares com particularização expressiva independente do acto de compreensão que os motivou (8.26), ocorrem, frequentemente, entoemas polivocabulares com particularização sentimental «independente» que têm um significado ambíguo, ou que originam interpretações erróneas. Assim, por exemplo, a tristeza manifestada pelo entoema 105, conforme se admitiu (10.20) será interpretada por um ouvinte como resultante de um estado de ânimo do locutor, independentemente do que lexicalmente comunica, se não actuar um contexto mediante o qual deduza que o sentimento de tristeza foi experimentado pelo locutor ao compreender o que verbalizou elocucionalmente.

10.22 — *Particularização expressiva simultaneamente de realce e sentimental de um entoema polivocabular*

Admita-se que a particularização elocucional do entoema 105 (10.20), além de ter manifestado tristeza, como manifestou, denunciou as seguintes valorizações (fig. 80):

- tensional da sílaba inicial e tensional-temporal longa da sílaba tónica de ≠CHEGAMOS≠, em nível tonal particularmente agudo;
- temporal-longa e tensional com ímpeto inicial, de ≠LÁ≠, em nível tonal constante grave;
- temporal-longa e tonal-aguda de ≠SEIS≠;
- temporal-longa e tensional com ímpeto inicial, da sílaba tónica de ≠TARDE≠ com variação tonal-descendente de grande magnitude a partir de um nível tonal médio.

A ocorrência de qualquer das referidas particularizações seria suficiente para que se verificasse uma particularização expressiva classificável como sentimental e de realce.

10.23 — *Entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao significado lexical de uma ou de mais do que uma das suas palavras componentes*

a) Considere-se um entoema conclusivo ortografável do seguinte modo: «— É uma pessoa que trabalha devagar.» e que designamos por 106.

Supondo que o entoema considerado é particularizado, durante todo o seu decurso, por um andamento lento, verifica-se: o seu significado expressivo-sentimental, foi semelhante ao significado lexical da sua última palavra.

b) Considere-se um entoema conclusivo ortografável do seguinte modo: «— É uma pessoa que trabalha muito devagar.» e que designamos por 107.

Supondo que o entoema considerado é particularizado, durante todo o seu decurso, por um andamento muito lento, verifica-se: o seu significado expressivo-sentimental, foi semelhante ao significado lexical das suas duas últimas palavras.

10.24 — *Entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao significado lexical de uma ou de mais do que uma das suas palavras componentes, durante parte do decurso*

a) Considere-se o entoema conclusivo 108, fig. 80, vocabularmente idêntico ao 106 mas com um andamento normal durante o trecho «É uma pessoa» e particularmente lento durante o trecho «que trabalha devagar.»

Verifica-se: o significado expressivo-sentimental do entoema considerado, durante as suas 3 últimas palavras, foi semelhante ao significado lexical da sua palavra final.

b) Considere-se um entoema conclusivo que designamos por 109, vocabularmente idêntico ao designado por 107 mas com um andamento normal durante o trecho «É uma pessoa» e particularmente muito lento durante o trecho «que trabalha muito devagar.»

Verifica-se: o significado expressivo sentimental do entoema considerado, durante as suas 4 últimas palavras, foi semelhante ao significado lexical das suas duas palavras finais.

10.25 — *Entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao seu significado lexical*

I pergunta a I': — Foste depressa ou devagar?

I' responde: — Muito devagar.

Admitindo que a resposta de I' constituiu um entoema polivocabular conclusivo, particularizado por um decurso apresentativo muito lento, observa-se: o entoema referido significa, expressiva e lexicalmente, *lentidão* de grande magnitude.

Supondo que a resposta fora «— Muito depressa,» e que o entoema conclusivo, referido por I' se distinguira pela rapidez do seu decurso, observava-se: o entoema mencionado significava, expressiva e lexicalmente, *rapidez* de grande magnitude.

11 — ENTOEMAS ASSOCIADOS

A)

11.1 — *Entoemas sucessivos*

Entoemas sucessivamente ocorrentes podem ser proferidos por um mesmo locutor ou por locutores diversos. Quando proferidos por um mesmo locutor, apresentam uma pausa intercalar ou são fonicamente coarticulados. Neste último caso, o alofone final do entoema anterior é coarticulado com o alofone inicial do entoema posterior.

O trecho toemático (6.17) de um entoema imediatamente seguido de outro entoema proferido por um mesmo locutor, manifesta uma regressão qualitativa vocálica (3.23) ou consonântica, de que resulta um *recorte* (6.1) da apresentação que destaca mais ou menos sensivelmente a sílaba final do primeiro entoema da sequência, da sílaba inicial do segundo. Destaca sem segmentar. Em vez de *recorte* verifica-se *segmentação* se entre os dois toemas sucessivos tiver lugar uma pausa elocutiva (3.48). A maior ou menor duração dessa pausa intercalar torna mais ou menos sensível a segmentação que motiva.

11.2 — *Associação de entoemas*

Entoemas são objectos reais-mentais real-mentalmente actuantes, ou recordados (2.1), que se associam, se ocorrem sucessivamente sem que nenhum deles deixe de actuar mediante a memória, depois de ter ocorrido. É uma *associação por sequência de actuações* (2.5).

Se ouvirmos ou recordarmos um entoema A e depois um entoema B sem que A tenha deixado de actuar memorialmente, A e B são associados.

Experimenta-se em qualquer dos dois casos apontados, uma *associação por proximidade temporal*.

11.3 — *Unificação de entoemas*

Não se confunda associação de entoemas com unificação de entoemas (2.5).
Observa-se:

1) Dois ou mais entoemas sucessivos, podem ser, ou não, unificáveis *segundo o que significam lexicalmente*.

Um entoema é lexicalmente unificável com outro entoema que se lhe siga, proferido pelo mesmo locutor, se ambos os entoemas significarem, depois de lexicalmente unificados, aspectos de um mesmo objecto (2.46; 2.47; 4.9).

Quando se fala do significado lexical de um entoema, e sobre ele actua um contexto, pode subentender-se que se trata do seu significado lexical contextualmente ampliado.

2) Dois ou mais entoemas sucessivos, podem ser, ou não, unificáveis *segundo a sua modalidade delimitativa* (7.43).

Um entoema inconclusivo é unificável, segundo a sua modalidade delimitativa, com outro entoema que se lhe siga, inconclusivo ou conclusivo, proferido pelo mesmo locutor. Se os dois entoemas se unificam, o primeiro é ampliado inconclusivamente pelo segundo se este for inconclusivo, e é ampliado conclusivamente pelo segundo, se este é conclusivo.

3) Dois ou mais entoemas, sucessivos, podem ser, ou não, unificáveis *segundo a sua modalidade comunicativa* (7.38).

Dois ou mais entoemas são unificáveis segundo a sua modalidade comunicativa, se todos eles actuarem informativa ou interrogativamente. Se dois entoemas se unificam e são ambos informativamente actuantes, resulta uma informação ampliada. No caso de serem interrogativamente actuantes, resulta uma interrogação ampliada.

4) Dois ou mais entoemas unificáveis segundo o expresso nas alíneas 1), 2), 3), são *elocucionalmente unificáveis*. Entoemas elocucionalmente unificáveis que se unificam, originam unificações integrais. São parciais todas as outras, predominando a lexical pela sua importância.

Importa precisar que não são os entoemas unificáveis, real-mentalmente actuantes (2.1) que podem unificar-se, ou se unificam. É o ouvinte que voluntária ou involuntariamente os experimenta unificados, se os unifica, mentalmente, à medida que os vai ouvindo ou os vai recordando depois de os ter ouvido.

Exemplificações e comentários:

I)

— o entoema inconclusivo, informativamente actuante $\neq \text{VOU AMANHÃ} \neq$ e o entoema conclusivo, também informativamente actuante, $\neq \text{SEM FALTA} \neq$, sucessivamente proferidos por um mesmo locutor, sem pausa ou com breve pausa intercalar, são objectos associados por «sequência de actuação» (2.5-A) que podem motivar no ouvinte um acto de compreensão que os unifica. Unificados, significam aspectos de um mesmo objecto, do objecto verbalizado pelo entoema conclusivo informativamente actuante, $\neq \text{VOU AMANHÃ SEM FALTA} \neq$. São, por conseguinte, semânticamente unificáveis.

— o primeiro dos dois entoemas considerados é inconclusivo; é conclusivo o que se lhe segue. São, portanto, também unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. Se os dois entoemas se unificam, a inconclusão expressa pelo primeiro entoema é conclusivamente ampliada pelo segundo.

— os dois entoemas considerados são informativamente actuantes, e como tais, são, também, unificáveis segundo a sua modalidade comunicativa. Se os dois entoemas se unificam, a informação comunicada pelo primeiro é ampliada pela informação comunicada pelo segundo. Resulta um só entoema conclusivo informativamente actuante.

Conclui-se que o entoema $\neq \text{VOU AMANHÃ} \neq$ é *elocucionalmente unificável* com o entoema $\neq \text{SEM FALTA} \neq$ desde que sejam ambos — como se supõe e se assinala —, informativamente actuantes. Originam, unificando-se, o entoema conclusivo, informativamente actuante $\neq \text{VOU AMANHÃ SEM FALTA} \neq$.

II)

a) o entoema conclusivo $\neq \text{VOU AMANHÃ} \neq$ e o entoema $\neq \text{SEM FALTA} \neq$, também conclusivo, sucessivamente proferidos por uma mesma pessoa, são lexicalmente unificáveis se o significado vocabular do segundo for uma ampliação do significado vocabular do primeiro. À falta de um contexto que o negue, admite-se que assim é.

b) os dois entoemas mencionados podiam ter respondido às duas perguntas que seguidamente se ortografam: «Vais amanhã?» «E fazes o que te pedi?» e se assim tivesse sucedido, teria ocorrido um contexto a denunciar que o entoema $\neq \text{SEM FALTA} \neq$ não era uma ampliação, no plano vocabular, do significado pelo entoema $\neq \text{VOU AMANHÃ} \neq$. O contexto ocorrente tornava os dois entoemas não-unificáveis segundo o que significavam lexicalmente. Não significariam, unificando-se, aspectos de um mesmo objecto, de uma mesma compreensão.

No caso apontado na alínea a) figuram dois entoemas lexicalmente unificáveis. Também o são segundo a sua modalidade comunicativa porque são ambos informativamente actuantes. Admitimos que não actuou nenhum contexto inversivo (7.45-II-2). Não são, porém, unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa, visto que são ambos conclusivos.

No caso apontado na alínea b), os dois entoemas considerados, além de não serem unificáveis, lexicalmente, por determinação do respectivo contexto relevante-actuante, também o não são segundo a sua modalidade delimitativa.

III)

a) o entoema inconclusivo $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq$ e o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{VAI}} \neq$, sucessivamente proferidos por um mesmo locutor, com ou sem breve pausa intercalar, significam aspectos de um mesmo objecto, do objecto verbalizado pelo entoema conclusivo $\neq \overline{\text{NÃO VAI}} \neq$. São unificáveis segundo o que significam lexicalmente e segundo as suas modalidades delimitativa e comunicativa. O primeiro entoema da sequência é inconclusivo, e ambos os entoemas — assim se admite — são informativamente actantes. Deduz-se que os dois entoemas considerados, são «elocucionalmente unificáveis».

b) o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq$ e o entoema $\neq \overline{\text{VAI}} \neq$, também conclusivo, sucessivamente proferidos por um mesmo locutor, não significam aspectos do objecto verbalizado pelo entoema conclusivo $\neq \overline{\text{NÃO VAI}} \neq$.

À falta de um contexto que o negue, supõe-se que o significado por $\neq \overline{\text{VAI}} \neq$, no plano vocacular, não seja uma ampliação do significado por $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq$ nesse mesmo plano. Os dois entoemas examinados não são unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa, nem semânticamente. Só são unificáveis segundo a sua modalidade comunicativa. À falta de um contexto inversivamente actuante, supõe-se que ambos os entoemas actuam informativamente.

Notemos que se a sequência $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq \neq \overline{\text{VAI}} \neq$ respondesse à pergunta ortografável por «Ele fica?» ocorria um contexto verbal que tornava o entoema $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq$ representativamente equivalente ao entoema $\neq \overline{\text{NÃO FICA}} \neq$, e, desse modo, o segundo entoema da sequência, valia no plano lexical, como uma repetição do primeiro. A sequência $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq \neq \overline{\text{VAI}} \neq$ equivalia à sequência $\neq \overline{\text{NÃO FICA}} \neq \neq \overline{\text{NÃO FICA}} \neq$ ou a esta outra: $\neq \overline{\text{VAI}} \neq \neq \overline{\text{VAI}} \neq$.

Verifica-se que os dois entoemas da sequência $\neq \overline{\text{NÃO}} \neq \neq \overline{\text{VAI}} \neq$, não se unificam, semânticamente. Repetem-se.

IV)

— o entoema inconclusivo $\neq \overline{\text{VOU AMANHÃ}} \neq$ e o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{MEDE DEZ CENTÍMETROS}} \neq$, sucessivamente proferidos por uma mesma pessoa, com ou sem breve pausa intercalar, são objectos associados por «sequência de actuação» mas não originam no ouvinte um acto de compreensão de que resulte a sua unificação. Não o originam no plano da representação porque não são representativamente unificáveis. São unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa, e, podemos admiti-lo, segundo a sua modalidade comunicativa; mas, como lexicalmente não significam aspectos de uma mesma compreensão, não se unificam no plano da representação. Da sucessão dos dois entoemas considerados, pode resultar uma sequência de palavras fonicamente coarticuladas, mas como não são, todas elas, coarticuláveis segundo o que significam vocabularmente (7.1), *apresentam-se* como se constituíssem um entoema (7.40), mas não o constituem. Formam uma elocução conclusiva representável pelo texto escrito «Vou amanhã mede dez centímetros.»

Tanto a audição da elocução apontada, como a leitura do texto escrito correspondente, provocaria, respectivamente, no ouvinte ou no leitor, um sentimento consequente de *inacei-*

tação, a não ser que actuasse um contexto de significado oposto, como o que se deduz do fragmento de diálogo seguidamente descrito e transcrito:

P1 dirige o olhar para P3 e interroga: «— Quando vais embora?»

P2 » » » » P3 » » » «— Que altura mede a mala?»

P3 responde a P1, dizendo-lhe, inconclusivamente: «— Vou amanhã»

P3 » » P2, » » conclusivamente: «— Mede dez centímetros.»

Diga-se que P3 responde a P1 inconclusivamente, porque P2 o interrogou antes que ele tivesse podido concluir a sua resposta a P1.

11.4 — Sequências de entoemas

a) Dois ou mais entoemas, sucessivos, com breve pausa intercalar ou sem ela, constituem uma *sequência*. Diz-se *sequência de entoemas* ou *par de entoemas*, se o número destes é igual a dois.

Os entoemas componentes de uma sequência podem ter sido proferidos por um mesmo locutor ou por locutores diversos. Quando se considera uma sequência gráficamente representada e não se especifica, deve subentender-se que os seus entoemas foram proferidos por uma mesma pessoa.

Os entoemas componentes de uma sequência podem ser ou não, elocucionalmente unificáveis. Se o não são elocucionalmente, podem sê-lo segundo o que significam lexicalmente, ou segundo a sua modalidade delimitativa (7.43), ou, ainda, segundo a sua modalidade comunicativa (7.38; 11.3).

Textos que se assinalam para exemplificação:

S-A $\neq$ LI ONTEM $\neq$ ESSE LIVRO $\neq$ S-B $\neq$ A CANÇÃO $\neq$ ERA BONITA $\neq$
 S-A' $\neq$ LI ONTEM $\neq$ ESSE LIVRO $\neq$ S-C $\neq$ GOSTEI DE $\neq$ NÃO INTERESSA $\neq$
 Ent. A $\neq$ LI ONTEM ESSE LIVRO $\neq$

A sequência S-A é constituída por dois entoemas com breve pausa intercalar. Traduz a ocorrência da pausa, a repetição do sinal $\neq$.

S-A' apresenta dois entoemas vocabularmente idênticos aos de S-A, mas sem pausa intercalar. O sinal $\neq$ não é repetido. Também o não é em S-C.

Os entoemas componentes de S-A, ou de S-A', são elocucionalmente unificáveis. Da sua unificação resulta o entoema conclusivo A. Note-se que a sequência S-A, mercê da sua pausa intercalar, manifesta um aspecto de *precisão* que o entoema A não faz sentir.

Os entoemas componentes de S-B não são elocucionalmente unificáveis porque são ambos conclusivos (11.5). São, porém, unificáveis segundo a sua modalidade comunicativa e lexicalmente. Ambos actuam informativamente e o significado vocabular do primeiro entoema é ampliado, conclusivamente, pelo significado vocabular do segundo.

Corresponde-lhe ortograficamente: «A canção. Era bonita.» — um texto escrito que um leitor aceita dificilmente, se bem que não seja rara a ocorrência de uma sequência do tipo S-B, com dois entoemas conclusivos.

A sequência S-C, contrariamente ao que sucede com as três sequências anteriores, apresenta dois entoemas que não são lexicalmente unificáveis. O significado lexical do primeiro entoema é defectivo; não é ampliado pelo significado vocabular do segundo.

b) Apresenta-se um entoema, uma sequência de entoemas, ou qualquer objecto elocucional, fazendo ouvir, respectivamente, um entoema, uma sequência de entoemas ou qualquer outro objecto elocucional. Faz-se ouvir um objecto elocucional, seja este um entoema, proferindo-o ou reproduzindo o seu fonograma perante um ouvinte.

Um outro modo de apresentar um objecto elocucional é representar a sua «apresentação» ortográfica ou foneticamente, o que significa em qualquer dos casos representá-la, respectivamente, com menor ou maior pormenor, mediante um texto escrito (2.42).

Falámos, já, da diversidade entre determinado texto elocucional e um outro resultante de uma leitura do texto escrito que lhe corresponde. Não vamos repetir neste lugar o que noutro trabalho dissemos sobre «transcrição indirecta de aspectos fonéticos particularizantes» para se evidenciar como é difícil simbolizar e traduzir simbolizações de modo a não haver uma diversidade entre a elocução original e a elocução resultante da leitura da sua transcrição, que seja incompatível com o grau de semelhança que se pretende, dentro de limites que não podem deixar de ser restritos.

Representar aspectos sonoros mediante aspectos visuais, como se verifica numa transcrição fonética, é, sobretudo, procurar sugerir-lhes ao leitor da transcrição. O processo de tradução é tanto mais falível quanto maior for o grau de pormenorização exigido.

Importa saber interpretar certas frases que ocorrem quando se apresentam notações de entoemas ou de sequências de entoemas que o Leitor é convidado a examinar e a confrontar. Assim, por exemplo, a frase «Confrontem-se as seguintes sequências:» (11.7), ou outra semelhante, antecedendo as correspondentes simbolizações, é um modo abreviado de se dizer: «Confrontem-se as sequências resultantes da realização dos textos vocabulares transcritos, particularizando essa realização de forma que os entoemas originados apresentem a modalidade delimitativa indicada e a presença de uma pausa intercalar, se esta for assinalada, além de outros pormenores que figurem na notação. E não se esqueça que realizar um vocábulo, ou um texto monovocabular, significa, de facto, realizar qualquer palavra que no plano fonémico o origine (2.21).

Um indivíduo só pode experimentar a sequência designada por S-A, ou qualquer outra representada, ouvindo uma reprodução do seu fonograma. Pode experimentá-la memorialmente, no caso de ter ouvido o locutor proferi-la, mas o que recorda é, já, mais ou menos diverso da sequência original.

Se o indivíduo considerado não tiver ouvido a sequência original ou a tiver esquecido, experimentará, apenas, mediante a notação S-A: um entoema, por ele ou por outrém inconclusivamente realizado, e cujo texto vocabular inerente é idêntico ao representado / uma pausa / um segundo entoema, por ele ou por outrém conclusivamente realizado, e cujo texto vocabular inerente é idêntico ao representado.

B)

11.5 — *Unificação ou não-unificação de entoemas sucessivos, segundo a sua modalidade delimitativa e a sua mod. comunicativa*

Entoemas conclusivos, sucessivos, informativamente actuates, não são unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. Os entoemas lexicalmente unificáveis que constituem a sequência S-B, anteriormente mencionada (11.4) e à qual corresponde o texto escrito «A canção. Era bonita.», não podem unificar-se num entoema, segundo a sua modalidade delimitativa.

Também os dois entoemas que se ortografam «É difícil atravessar o rio. Na época das chuvas.», lexicalmente unificáveis, não podem unificar-se segundo a sua modalidade delimitativa, porque são ambos conclusivos.

Sequências de entoemas conclusivos, informativamente actuates, são, geralmente, pouco aceitáveis, tanto por quem as ouve como por quem as lê.

O ouvinte ou leitor, depois de ter lido ou ouvido, uma tal sequência, só excepcionalmente a não substitui, voluntária ou involuntariamente, por uma outra vocabularmente idêntica, mas cujos entoemas são unificáveis e consequentemente se unificam originando um só entoema conclusivo. Este ortografa-se no caso do primeiro exemplo: «A canção era bonita.», e no caso do segundo: «É difícil atravessar o rio na época das chuvas.»

Sequências de entoemas conclusivos, informativamente actuates, são, porém, naturalmente aceites por quem, ao ouvi-las, perceber ou julgar que esses entoemas resultam de verbalizações sucessivas.

No caso do segundo exemplo, podemos admitir que o locutor recordou ou imaginou, primeiramente, a dificuldade de atravessar o rio — o que verbalizou proferindo o entoema ortograficamente transcrito por «É difícil atravessar o rio.» / O locutor recordou ou imaginou, depois, a travessia na época das chuvas — o que verbalizou, parcialmente, proferindo o entoema ortograficamente representado por «Na época das chuvas.»

Sendo assim, compreende-se que seja natural a ocorrência de dois entoemas conclusivos unificáveis lexicalmente e segundo a sua modalidade comunicativa, em vez de um só, conclusivo, de extensão relativamente pequena.

Quando o contexto de dois entoemas conclusivos, sucessivos, informativamente actuates, não justifica a sua ocorrência, o ouvinte tende a unificá-los, esquecendo, momentaneamente, o complexo delimitativo do entoema inicial da sequência.

Os dois entoemas conclusivos, sucessivos, informativamente actuates, que se ortografam: «É difícil atravessar o rio. Gosto dessa casa.», não são unificáveis segundo a sua

modalidade comunicativa, nem lexicalmente. O seu ouvinte, neste caso, não tende a substituí-los por um só entoema, como no caso anterior.

Proferidos por um mesmo locutor — como se deve supor se nada se especifica a tal respeito (11.4) — e dirigidos a um só ouvinte, são pouco aceitáveis, a não ser que esse ouvinte perceba que são entoemas resultantes de verbalizações sucessivas de compreensões independentes.

Pode, por exemplo, admitir-se: o locutor recordou ou imaginou, primeiramente, a dificuldade de atravessar o rio — o que verbalizou proferindo o entoema ortograficamente representável por «É difícil atravessar o rio» / O locutor viu, um instante depois, ocasionalmente, um desenho de uma casa que o seu ouvinte lhe mostrara horas antes, e verbalizou a impressão originada, proferindo o entoema a que pode corresponder, ortograficamente: «Gosto dessa casa.»

Um entoema conclusivo, interrogativamente actuante, ou uma série de entoemas conclusivos que actuem interrogativamente, é unificável segundo a sua modalidade delimitativa, com um entoema inconclusivo ou conclusivo, posterior, que actue, interrogativamente. Exemplificações:

1.ª sequência examinada: $\neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{VAI LÁ?}} \neq$

O entoema inicial é conclusivo e o final é inconclusivo e interrogativamente actuante. Por consequência qualquer dos entoemas bem como a sua sequência, na ordem assinalada, actuam interrogativamente (11.15).

Verificam-se, portanto, dois entoemas unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. Da sua unificação resulta um só entoema inconclusivo, interrogativamente actuante que se transcreve: $\neq \overline{\text{O MIGUEL VAI LÁ?}} \neq$

Corresponde-lhe, ortograficamente: «O Miguel vai lá?»

Ausência de pausa intercalar e em vez do toema fundamental que delimitava o primeiro entoema, pode ocorrer um toema secundário de tonalidade descendente, ascendente ou constante.

2.ª seq.: $\neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{O ARTUR}} \neq \neq \overline{\text{E O PAULO}} \neq \neq \overline{\text{VÃO LÁ?}} \neq$

A sequência é constituída por três entoemas conclusivos que antecedem um entoema final inconclusivo e interrogativamente actuante. Por consequência qualquer dos entoemas bem como a sequência na ordem assinalada, actuam interrogativamente (11.21).

Ocorreram, portanto, quatro entoemas unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. Da sua unificação resulta um só entoema inconclusivo, interrogativamente actuante, que se transcreve:

$\neq \overline{\text{O MIGUEL O ARTUR E O PAULO VÃO LÁ?}} \neq$ Corresponde-lhe, ortograficamente:

«O Miguel, o Artur, e o Paulo, vão lá?»

Ausência de pausas intercalares e em vez de qualquer dos três toemas fundamentais que delimitavam os três primeiros entoemas, pode ocorrer um toema secundário de tonalidade descendente, ascendente ou constante.

3.^a sequência examinada: $\neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{QUANDO VAI}} \neq$

O entoema inicial é conclusivo e o final também o é. Este actua interrogativamente mercê do seu texto vocabular e do seu contexto verbal anterior. Por consequência qualquer dos entoemas bem como a sua sequência, na ordem assinalada, são interrogativamente actuates (11. 15).

Verificam-se, portanto, dois entoemas unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. Da sua unificação resulta um só entoema conclusivo, interrogativamente actuate, que se transcreve: $\neq \overline{\text{O MIGUEL QUANDO VAI?}} \neq$

Corresponde-lhe, ortograficamente: «O Miguel quando vai?»

Ausência de pausa intercalar e em vez do toema fundamental que delimitava o primeiro entoema, pode ocorrer um toema secundário de tonalidade descendente, ascendente, ou constante.

4.^a seq.: $\neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{O ARTUR}} \neq \neq \overline{\text{E O PAULO}} \neq \neq \overline{\text{QUANDO VÃO}} \neq$

Série de três entoemas, conclusivos, antecedendo um entoema final conclusivo. Este actua interrogativamente mercê do seu texto vocabular e do seu contexto verbal anterior. Por consequência, qualquer dos entoemas bem como a sua sequência, na ordem assinalada, são interrogativamente actuates (11.21).

Ocorrem, portanto, quatro entoemas unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. Da sua unificação resulta um só entoema conclusivo, interrogativamente actuate, que se transcreve:

$\neq \overline{\text{O MIGUEL E O ARTUR E O PAULO QUANDO VÃO?}} \neq$ Corresponde-lhe, ortograficamente: «O Miguel, e o Artur, e o Paulo, quando vão?»

Ausência de pausas intercalares e em vez de qualquer dos três toemas fundamentais que delimitavam os três primeiros entoemas, pode ocorrer um toema secundário de tonalidade descendente, ascendente ou constante.

Entoemas inconclusivos, sucessivos, interrogativamente actuates, e lexicalmente unificáveis, como os que formam a sequência que se ortografa: «É difícil? Atravessar o rio?», originam, unificando-se, um só entoema inconclusivo. Pode corresponder-lhe, ortograficamente: «É difícil atravessar o rio?»

Entoemas inconclusivos, sucessivos, interrogativamente actuates, como os que formam a sequência que se ortografa: «Esse lápis verde? Estava a nevar?» são unificáveis segundo as suas modalidades delimitativa e comunicativa, mas não se unificam integralmente porque não são lexicalmente unificáveis.

Sucessivamente proferidos por um mesmo locutor, os dois referidos entoemas são dificilmente aceitáveis segundo o que significam lexicalmente, a não ser que o ouvinte veja ou perceba de qualquer outro modo, que o locutor dirigiu a primeira pergunta a determinada pessoa P1 e a segunda a uma outra pessoa P2.

Um entoema inconclusivo, informativamente actuante, ou uma série de entoemas inconclusivos, informativamente actuantes, é unificável segundo a sua modalidade delimitativa, com um entoema conclusivo, posterior, que actue, também, informativamente. Concretizações:

A sequência $\neq \overline{\text{À TARDE}} \neq \neq \overline{\text{FOMOS PASSEAR}} \neq$ que se designa por S-D, é constituída por um entoema inconclusivo seguido de um entoema conclusivo.

Ambos os entoemas actuam informativamente. São unificáveis segundo as suas modalidades delimitativa e comunicativa, além de o serem, também, lexicalmente.

Da sua unificação integral resulta um entoema conclusivo e informativamente actuante que se designa por B e se ortografa: «À tarde fomos passear.»

A sequência $\neq \overline{\text{À TARDE}} \neq \neq \overline{\text{DEPOIS DO ALMOÇO}} \neq \neq \overline{\text{FOMOS PASSEAR}} \neq$ que se designa por S-D', é composta por dois entoemas inconclusivos, informativamente actuantes e um entoema conclusivo que se lhes segue, também informativamente actuante. São unificáveis segundo as suas modalidades delimitativa e comunicativa, além de o serem, também, lexicalmente.

Da sua unificação integral resulta um entoema conclusivo e informativamente actuante que se designa por B' e se ortografa: «À tarde depois do almoço fomos passear.»

11.6 — *Unificação e Cisão de entoemas*

A sequência S, abaixo representada, é composta por dois entoemas elocucionalmente unificáveis (11.3). Da sua unificação integral resulta o entoema conclusivo que se designa por 110. Este entoema é, por sua vez, cindível em dois entoemas semelhantes aos que o originaram, unificando-se. Esquematiza-se: $S \neq \overline{\text{VAI LÁ}} \neq \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq 110 \neq \overline{\text{VAI LÁ O MIGUEL}} \neq$

Entoemas semelhantes aos que podem ter originado determinado entoema, unificando-se, são distribuíveis em 3 grupos: a) únicos possíveis; b) prováveis; c) eventuais.

O entoema $\neq \overline{\text{É}} \neq$ e o entoema $\neq \overline{\text{FÁCIL}} \neq$ são os únicos entoemas semelhantes aos que podem ter originado, unificando-se, na ordem por que foram mencionados, o entoema $\neq \overline{\text{É FÁCIL}} \neq$.

O entoema $\neq \overline{\text{VAI LÁ}} \neq$ e o entoema $\neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq$ são os entoemas semelhantes aos que mais provavelmente podem ter originado, unificando-se, na ordem por que foram mencionados, o entoema $\neq \overline{\text{VAI LÁ O MIGUEL}} \neq$.

Os entoemas $\neq \overline{\text{VAI}} \neq / \neq \overline{\text{LÁ}} \neq / \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq /$ ou: $\neq \overline{\text{VAI}} \neq / \neq \overline{\text{LÁ}} \neq / \neq \overline{\text{O}} \neq / \neq \overline{\text{MIGUEL}} \neq$, são os entoemas semelhantes aos que eventualmente podem ter originado, unificando-se, na ordem por que foram mencionados, o entoema $\neq \overline{\text{VAI LÁ O MIGUEL}} \neq$.

Como um entoema pode ser constituído por uma só palavra, ocorrem entoemas de N palavras que podem ter sido eventualmente originados por N entoemas, mesmo que N seja um número relativamente elevado. Nos textos elocucionais resultantes de um «ditado» são frequentes as segmentações de entoemas longos, em tantos entoemas quantas as palavras que neles figuram.

Um entoema suficientemente extenso é sempre cindível em entoemas semelhantes aos que o originaram ou o poderiam ter originado. Por isso, entoemas motivados por uma cisão, ou são «os únicos possíveis», ou «os prováveis», ou os «eventuais».

Os entoemas semelhantes aos que podem ter originado determinado entoema / ou aos resultantes da cisão de um entoema — que se classificam como «prováveis» podem ser estes ou aqueles, são variáveis.

Os entoemas prováveis em que pode cindir-se um entoema representável pela notação $\neq \text{À TARDE DEPOIS DO ALMOÇO FOMOS PASSEAR} \neq$ são os representáveis pelas notações seguintes:

$$\begin{aligned} & \neq \text{À TARDE} \neq \neq \text{DEPOIS DO ALMOÇO FOMOS PASSEAR} \neq \\ & \neq \text{À TARDE DEPOIS DO ALMOÇO} \neq \neq \text{FOMOS PASSEAR} \neq \\ & \neq \text{À TARDE} \neq \neq \text{DEPOIS DO ALMOÇO} \neq \neq \text{FOMOS PASSEAR} \neq \end{aligned}$$

Por sua vez, são representáveis pela 1.^a, ou pela 2.^a, ou pela 3.^a sequência acima transcrita, e classificáveis como «prováveis», os entoemas semelhantes aos que podem ter originado, unificando-se, um entoema único, representável pela notação anteriormente apresentada.

Os entoemas prováveis em que pode cindir-se um entoema interrogativamente actuante, representado pela notação —

$\neq \text{À TARDE DEPOIS DO ALMOÇO FORAM PASSEAR?} \neq$, são os representáveis pelas notações seguintes:

$$\begin{aligned} & \neq \text{À TARDE?} \neq \neq \text{DEPOIS DO ALMOÇO FORAM PASSEAR?} \neq \\ & \neq \text{À TARDE DEPOIS DE ALMOÇO?} \neq \neq \text{FORAM PASSEAR?} \neq \\ & \neq \text{À TARDE?} \neq \neq \text{DEPOIS DO ALMOÇO?} \neq \neq \text{FORAM PASSEAR?} \neq \end{aligned}$$

Por sua vez, são entoemas representáveis pela 1.^a, ou pela 2.^a, ou pela 3.^a sequência acima transcrita, e classificáveis como «prováveis», os entoemas semelhantes que podem ter originado, unificando-se, um entoema único, representável pela notação acima apresentada.

Importa precisar: não é um entoema que pode cindir-se, ou se cinde, em entoemas de menor extensão. É o ouvinte que voluntária ou involuntà-

riamente — à medida que vai ouvindo um entoema ou o vai recordando depois de o ter ouvido — experimenta entoemas semelhantes aos que o originaram ou poderiam ter originado.

11.7 — *Sequências de 2 entoemas que não mudam de significado lexical, nem de modalidade comunicativa, mediante inversão da sua ordem de sucessão*

Confrontem-se as seguintes sequências (11.4-b):

$$S1 \neq \overline{\text{VAI LÁ}} \neq \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \quad S1' \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{VAI LÁ}} \neq$$

Observa-se que da inversão da ordem de sucessão dos entoemas que formam S1, ambos conclusivos, resulta S1' com o mesmo significado lexical.

Outras sequências que se confrontam:

$$S2 \neq \overline{\text{VAI LÁ}} \neq \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \quad S2' \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{VAI LÁ}} \neq$$

Qualquer das sequências representadas é constituída por dois entoemas inconclusivos, cuja ordem de sucessão pode ser invertida sem que dessa inversão resulte mudança de significado lexical, se ambos actuarem informativa ou interrogativamente.

Admitindo que o contexto das sequências determinava que os respectivos entoemas actuassem informativamente, uma possibilidade, discutível, de as traduzir ortograficamente, seria:

$$S2 \text{ — Vai lá, o Miguel, } / \quad S2' \text{ — O Miguel, vai lá,}$$

As pausas que as vírgulas assinalam implicam a ocorrência de toemas fundamentais inconclusivos. Sucede que o segundo entoema de qualquer das sequências amplia inconclusivamente a informação não concluída que foi comunicada pelo primeiro.

Um outro contexto poderia determinar uma actuação interrogativa dos dois entoemas componentes de cada sequência, e, se assim fosse, corresponder-lhes-ia: S2 — Vai lá? O Miguel? / S2' — O Miguel? Vai lá?

Em qualquer dos casos, a inversão da ordem de sucessão dos entoemas da sequência, não implicava mudança de significado lexical.

Novo confronto:

$$S3 \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq \neq \overline{\text{QUANDO VAI}} \neq \quad S3' \neq \overline{\text{QUANDO VAI}} \neq \neq \overline{\text{O MIGUEL}} \neq$$

Qualquer das sequências representadas é constituída por dois entoemas conclusivos, interrogativamente actuantes. O segundo entoema de S3 amplia interrogativamente o significado do primeiro; o primeiro entoema de S3' amplia interrogativamente o significado do segundo.

O significado lexical de S3 é equivalente ao de S3', observando-se que da inversão da ordem de sucessão dos entoemas de qualquer das duas sequências representadas, não resulta mudança do seu significado lexical.

11.8 — *Sequências de 2 entoemas cuja modalidade comunicativa se inverte, possivelmente, se for invertida a sua ordem de sucessão*

Sequências que se confrontam:

S4 $\neq$ VAI LÁ $\neq$ O MIGUEL $\neq$ S4' $\neq$ O MIGUEL $\neq$ VAI LÁ $\neq$

Invertendo a ordem de sucessão dos entoemas que constituem S4, uma sequência informativamente actuante, resulta uma sequência S4' cuja actuação pode ser interrogativa. Se o for, verifica-se inversão da modalidade comunicativa. O segundo entoema de S2' (11.7) pode actuar com igual frequência, informativa ou interrogativamente, o que não sucede com o segundo entoema de S4' porque o entoema que o antecede, sendo conclusivo, e não inconclusivo como em S2', faz com que só raramente possa ocorrer um contexto complementar que determine uma actuação informativa do entoema final de S4'.

11.9 — *Sequências de 2 entoemas elocucionalmente unificáveis numa dada ordem de sucessão e não-unificáveis na ordem inversa*

Considerem-se os dois pares de entoemas representados:

S5 $\neq$ VAI LÁ $\neq$ O MIGUEL $\neq$ S5' $\neq$ O MIGUEL $\neq$ VAI LÁ $\neq$

Os entoemas de S5 não são unificáveis elocucionalmente se o último actuar informativamente. São, pelo contrário, unificáveis, elocucionalmente, os entoemas componentes de S5' quer o entoema final actue informativa quer interrogativamente. No primeiro caso, o segundo entoema amplia infor-

mativamente o significado do primeiro; no segundo caso amplia o significado do primeiro interrogativamente. Deve notar-se que o segundo entoema de S5' sendo conclusivo, só pode actuar interrogativamente mediante um contexto inversivo, seja, por exemplo, uma atitude expectante (7.47) do locutor.

Outras sequências que se confrontam:

S6 $\neq$ O MIGUEL $\neq$ QUE FAZ ELE $\neq$ S6' $\neq$ QUE FAZ ELE $\neq$ O MIGUEL $\neq$

Os entoemas componentes de S6 motivam no ouvinte um acto de compreensão que os unifica, o que se não dá se os referidos entoemas se sucederem na ordem inversa, originando S6'. O entoema inicial desta sequência é conclusivo, mas actua interrogativamente porque o seu texto é lexicalmente interrogativo (7.45; 9.7), e o seu entoema final, inconclusivo, pode actuar como um princípio de uma informação que não se completa, constituindo um entoema defectivo (9.11), ou actuar interrogativamente. Em nenhum destes casos, os dois entoemas são unificáveis num só entoema.

Observe-se que S6' só seria aceitável se o seu primeiro entoema tivesse sido proferido por um locutor I, e o segundo por um seu interlocutor I', correspondendo-lhe ortograficamente:

I — Que faz ele?

I' — O Miguel?

Admitimos que o entoema inconclusivo $\neq$ O MIGUEL $\neq$ proferido por I' actuou interrogativamente sobre outrem. Teria, porém, actuado informativamente se fosse seguido de uma pausa ponderativa presenciada pelo ouvinte, ou fosse seguido dessa pausa e, depois dela, I' proferisse um entoema conclusivo ortograficamente representável por «diverte-se.» Resultava a sequência que se designa por S7 e se assinala:

S7 $\neq$ O MIGUEL $\neq$ DIVERTI-SE $\neq$ S7' $\neq$ DIVERTI-SE $\neq$ O MIGUEL $\neq$

Invertendo a ordem de sucessão dos entoemas componentes de S7, originamos a sequência S7', cujos entoemas, contrariamente ao que sucede com S7, não são elocucionalmente unificáveis.

11.10 — *Sequências de 2 entoemas que são ou não lexicalmente unificáveis conforme o seu contexto actuante*

a) O entoema inconclusivo $\neq \overline{\text{É ALTO}} \neq$ que designamos pelo número 111, fig. 80, não é lexicalmente unificável com o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{OU BAIXO}} \neq$ a que atribuímos o número 112 (9.8), se os dois entoemas forem proferidos, sucessivamente, por I' a respeito da altura de uma pessoa. À interrogação «É alto ou baixo esse sujeito?» I' responderá «É alto.» ou: «É baixo». A resposta «É alto ou baixo.» seria inaceitável.

Admitamos, agora, o seguinte trecho de diálogo:

I — É alto ou baixo o nível de água nesse depósito?

I' — É alto ou baixo. É alto ao amanhecer e baixo quando anoitece.

Vê-se que o contexto verbal posterior da sequência examinada, tornou admissível a unificação lexical do entoema 111 com o entoema 112.

b) O entoema inconclusivo $\neq \overline{\text{É DIFÍCIL}} \neq$ que designamos pelo número 113 não é lexicalmente unificável com o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{OU FÁCIL}} \neq$ que designamos por 114, se os dois entoemas forem proferidos, sucessivamente, por I' a respeito de uma mesma coisa, por exemplo, da aprendizagem da pronúncia de uma certa língua. À pergunta: «É difícil ou fácil a pronúncia dessa língua?» I' responderá: «É fácil.» ou: «É difícil.» mas nunca dirá «É fácil ou difícil.». Tal resposta seria inaceitável a não ser que um contexto a tornasse admissível, denunciando que não se tratava de uma mesma coisa. Se I' depois de ter dito «É difícil ou fácil.» acrescentasse: «Depende das possibilidades de aprendizagem do aluno.», a mencionada resposta não motivaria incompreensão.

A dificuldade de aprendizagem da pronúncia de uma língua, relativamente a um aluno A, não é a mesma coisa que a dificuldade de aprendizagem da pronúncia dessa mesma língua, relativamente a um outro aluno B, muito especialmente se A se distingue de B por uma maior possibilidade de aquisição dos necessários conhecimentos sonoro-articulatórios. I' verbalizou *uma coisa*, uma coisa que resultou de ter pensado sobre a dificuldade de aprendizagem de pronúncia de determinada língua, considerando um aluno A com boas possibilidades — acuidade auditiva de grau elevado, interesse em aprender, disponibilidade de bons métodos pedagógicos, etc. etc. — mediante «É fácil», e verbalizou *outra coisa*, outra coisa que resultou de ter pensado sobre a mencionada dificuldade, considerando um aluno B com fracas possibilidades, mediante «ou difícil.»

Verificou-se: um contexto verbal posterior que tornou unificável o entoema 113 com o entoema 114.

c) O entoema inconclusivo $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq$ acima designado por 113 não é unificável com o entoema conclusivo $\neq \underline{\text{É FÁCIL}} \neq$ que designámos por 115, se os dois entoemas forem proferidos, sucessivamente, por I' e não houver um contexto a elucidar que os dois entoemas não se referem a uma mesma coisa. São ainda menos unificáveis, lexicalmente, os entoemas componentes da sequência $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq \neq \underline{\text{É FÁCIL}} \neq$ do que os componentes da sequência examinada na alínea b): $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq \neq \underline{\text{OU FÁCIL}} \neq$, se qualquer das sequências for desprovida de um contexto actuante que a torne compreensível.

À interrogação: «É difícil ou fácil de aprender essa língua?» ninguém responderá: «É difícil e fácil.» sem acrescentar uma elucidação que torne a resposta admissível. Se o interrogado responder: «É difícil e fácil. É difícil a sua pronúncia e o seu vocabulário; é fácil a sua sintaxe.», ocorreu um contexto verbal que anulou o que havia de contraditório em: «É difícil e fácil.» e tornou unificável o entoema 113 com o entoema 115.

À citada pergunta «É difícil de aprender essa língua?» o interrogado poderia ter respondido proferindo a sequência que se designa por S8 ou a designada por S9:

S8 $\neq \underline{\text{É}} \neq \neq \underline{\text{E NÃO É}} \neq$ S9 $\neq \underline{\text{É}} \neq \neq \underline{\text{E NÃO É}} \neq$

Estas duas sequências são vocabularmente idênticas, mas o entoema inicial de S8 é inconclusivo ao passo que o entoema correspondente de S9 é conclusivo. Nem os entoemas componentes de S8 nem os de S9 são lexicalmente unificáveis, se não ocorrer um contexto que torne admissível a unificação, como, por exemplo, o que se ortografa: «É difícil a sua pronúncia e o seu vocabulário, mas não o é a sua sintaxe.

Uma outra resposta poderia ter sido constituída por uma das seguintes sequências:

S10 $\neq \underline{\text{SIM}} \neq \neq \underline{\text{E NÃO}} \neq$ S11 $\neq \underline{\text{SIM}} \neq \neq \underline{\text{E NÃO}} \neq$

ampliada por um contexto verbal posterior como o que se transcreve ortograficamente: «Digo *sim* por ser difícil a sua pronúncia e o seu vocabulário; digo *não* por ser fácil a sua sintaxe.

d) A sequência $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq \neq \underline{\text{PERGUNTO EU}} \neq$ é composta por dois entoemas que não são unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa, porque são ambos conclusivos. Também o não são segundo o seu significado lexical, se o primeiro entoema actuar informativamente, como sucederá se não ocorrer um contexto inversivo que torne interrogativa a sua actuação. Experimenta-se uma sequência incoerente se ambos os seus entoemas actuarem informativamente, porque se assim for, o locutor afirma que é difícil e diz depois que pergunta se o é, o que não é compreensível (11.11-a).

Mas supondo que ocorre um contexto inversivo — seja, por exemplo, um contexto inverbal constituído por um jogo fisionómico interrogativo do locutor e percebido pelo interlocutor, durante o entoema conclusivo $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq$ este torna-se interrogativamente actuante e, por conseguinte, unificável com o entoema, também conclusivo, $\neq \underline{\text{PERGUNTO EU}} \neq$

11.11 — *Pares de entoemas predominantemente particularizados pelo seu entoema final*

a) O entoema final determina pelo que significa lexicalmente, a modalidade comunicativa do inicial.

O primeiro entoema da sequência S12, abaixo transcrita, é inconclusivo e actua interrogativamente, se bem que o segundo seja conclusivo e actue informativamente.

S12 $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq \neq \underline{\text{PERGUNTO EU}} \neq$ S13 $\neq \underline{\text{É DIFÍCIL}} \neq \neq \underline{\text{AFIRMO EU}} \neq$

Vejamos, agora, que o primeiro entoema da sequência S13, acima transcrita, vocabularmente idêntico ao primeiro entoema de S12 e com a mesma modalidade delimitativa — actua informativamente. Deduz-se que a modalidade comunicativa do primeiro entoema de qualquer das duas sequências foi determinada pelo significado lexical do segundo.

Comenta-se: o entoema inicial de S12, inconclusivo, pode actuar informativa ou interrogativamente, mas o entoema final, mercê do que significa mediante o seu texto vocabular inerente, faz com que actue interrogativamente. Uma actuação informativa do entoema inicial de S12 tornava a sequência incompreensível (11-10-d). O locutor afirma que é difícil e diz depois que pergunta se o é. Correspondia-lhe, ortograficamente: «É difícil. Pergunto eu.» — um texto que traduz incoerência. Porém, como o primeiro entoema actua interrogativamente, corresponde-lhe: «É difícil? Pergunto eu.».

Passando a considerar S13, diremos que o seu entoema final determina que o inicial actue informativamente. Neste caso, contrariamente ao que sucede com S12, uma actuação interrogativa do seu entoema inicial tornava a sequência inaceitável. O locutor perguntava se era difícil e afirmava, depois, que o era. Correspondia-lhe ortograficamente: «É difícil? Afirmo eu.» — um texto que não é compreensível. Porém, como o primeiro entoema actua informativamente, corresponde-lhe: «É difícil. Afirmo eu.».

- b) O entoema final é vocabularmente idêntico ao inicial, conferindo por isso à sequência, um efeito de repetição que a particulariza

O entoema final de qualquer das sequências transcritas, tem um texto vocabular inerente, idêntico ao do respectivo entoema inicial, o que implica que os dois entoemas componentes de cada par, tenham um mesmo significado lexical, e sejam, apresentativamente, mais ou menos semelhantes. Resulta um efeito de *repetição* tanto mais sensível quanto maior for o grau de semelhança das apresentações dos dois entoemas vocabularmente idênticos.

O seu grau de semelhança será máximo para um ouvinte que experimente as duas apresentações como auditivamente equivalentes.

S-E ≠FOI ESSE MESMO ≠ ≠FOI ESSE MESMO ≠

S-E' ≠NÃO DIGO QUE NÃO ≠ ≠NÃO DIGO QUE NÃO ≠

Ambos os entoemas de S-E', poderiam ter sido conclusivos, como o foram os entoemas componentes de S-E, e nesse caso maior seria a sua semelhança apresentativa.

- c) O entoema final é elocucionalmente idêntico ao inicial

Identidade elocucional implica identidade no plano vocabular e no plano expressivo, o que só é possível se os dois entoemas forem apresentativamente iguais. É mínima a probabilidade de ocorrência de entoemas *proferidos*, realmente iguais. Entoemas experimentados como auditivamente equivalentes são, realmente, mais ou menos semelhantes, mas não são iguais.

Provoca-se a ocorrência de entoemas sucessivos, realmente iguais, mediante repetição de um fonograma de um entoema. Resulta um efeito de repetição demasiado perfeito para não motivar estranheza no ouvinte.

O que se disse sobre *repetição* de um texto elocucional — quer este seja ou não um entoema (2.43), apoia-se no que se disse sobre repetição de um alofone ou de uma sequência alofónica (1.5-a).

11.12 — *Modalidade comunicativa de dois entoemas sucessivos e da sua sequência*

A sistematização do estudo da *modalidade comunicativa* do entoema (7.38) levou, naturalmente, a considerar-se em primeiro lugar o entoema monovocabular conclusivo (7.45) e em seguida o monovocabular inconclusivo (7.46). Examinou-se mais tarde, logo que foi oportuno, a modalidade comunicativa do entoema polivocabular conclusivo (9.7) e, seguidamente, a do polivocabular inconclusivo (9.8).

Discrimina-se, agora, a modalidade comunicativa de entoemas lexicalmente unificáveis, componentes de seqüências, assim como a modalidade comunicativa das seqüências constituídas por esses entoemas.

Ordenaram-se as discriminações distribuindo as seqüências segundo a *modalidade delimitativa* (7.43;7.44) dos seus entoemas componentes, o seu significado lexical, etc., como mostram as divisões e subdivisões que figuram nos próximos parágrafos.

11.13 — *Modalidade comunicativa de dois entoemas lexicalmente unificáveis e da sua seqüência conclusiva*

I) Seqüências duplamente conclusivas.

a) Os dois entoemas são conclusivos e lexicalmente informativos.

Examine-se uma seqüência semelhante (vocabular e delimitativamente) à que se assinala:

S14 $\neq$ É DIFÍCIL | $\neq$ $\neq$ E PERIGOSO | $\neq$

Verifica-se: qualquer dos entoemas actua informativamente, assim como a seqüência, se não houver interferência de um contexto inversivo (7.45).

Distinga-se, claramente, entre «entoema lexicalmente informativo» e «entoema informativamente actuante». Este actua informativamente, ao passo que um entoema lexicalmente informativo actua informativa ou interrogativamente, conforme o respectivo contexto determinar.

b) Os dois entoemas são conclusivos e um deles é lexicalmente interrogativo.

Examinem-se seqüências semelhantes às designadas por S15 e S16:

S15 $\neq$ QUE FAZES TU | $\neq$ $\neq$ A ESSA HORA | $\neq$ S16 $\neq$ A ESSA HORA | $\neq$ $\neq$ QUE FAZES TU | $\neq$

Verifica-se: o entoema final de S15 amplia a interrogação comunicada pelo entoema inicial, ao passo que o entoema inicial de S16 amplia a interrogação comunicada pelo entoema final.

Consequentemente, qualquer dos entoemas e qualquer das seqüências actua interrogativamente.

c) Os dois entoemas são conclusivos e lexicalmente interrogativos.

Considere-se uma seqüência semelhante à que se assinala:

S17 $\neq$ QUE FAZES TU | $\neq$ $\neq$ QUE FAZ ELE | $\neq$

Verifica-se: qualquer dos entoemas bem como a sequência, actuam interrogativamente.

II) Sequências de tipo inconclusivo-conclusivo.

a) É inconclusivo o entoema inicial e conclusivo o final. Ambos os entoemas são lexicalmente informativos.

Examine-se uma sequência semelhante à que se assinala:

S18 ≠É DIFÍCIL ≠ ≠E PERIGOSO ≠

Verifica-se: qualquer dos entoemas actua informativamente, assim como a sequência, se não houver interferência de um contexto inversivo.

Se S18 fosse acompanhada ou seguida, ou acompanhada e seguida de uma atitude interrogativa do locutor para com o seu interlocutor, qualquer dos entoemas, assim como a sequência, actuariam interrogativamente.

Mas examine-se, seguidamente, uma sequência semelhante à que se assinala:

S19 ≠É DIFÍCIL ≠ ≠OU PERIGOSO ≠. Descubrem-se duas possibilidades:

- 1.^a — Actuação informativa do entoema inconclusivo inicial e do entoema conclusivo final / Actuação informativa da sequência.
- 2.^a — Actuação interrogativa do entoema inconclusivo inicial e do entoema conclusivo final / Actuação interrogativa da sequência.

Do exame comparativo das sequências S18 e S19, deduz-se:

- //E//, ocorrente no entoema final de S18, mediante o seu significado vocabular, *impede* uma actuação interrogativa do entoema inconclusivo inicial e, consequentemente, da sequência;
- //OU//, ocorrente no entoema final de S19, mediante o que significa vocabularmente, *torna admissível* uma actuação interrogativa ou informativa do entoema inconclusivo inicial e, consequentemente, da sequência.

Comenta-se: — mediante o que significa vocabularmente, //E// unifica informações ou interrogações se da unificação resultar, respectivamente, ampliação de uma informação ou de uma interrogação. No caso de S18 resulta ampliação da informação comunicada pelo entoema inicial.

— mediante o seu significado vocabular, //OU// não unifica informações ou interrogações, admitindo, por conseguinte, que o entoema inicial de S19 actue interrogativa ou informativamente.

- b) É inconclusivo o entoema inicial e conclusivo o final. Um dos entoemas é lexicalmente interrogativo.

Examinem-se sequências semelhantes às designadas por S20 e S21:

S20 $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ $\neq$ A ESSA HORA $\neq$ S21 $\neq$ A ESSA HORA $\neq$ $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$

Verifica-se: o entoema final de S20 amplia a interrogação comunicada pelo seu entoema inicial, ao passo que o entoema inicial de S21 amplia a interrogação comunicada pelo seu entoema final.

Por consequência e análogamente ao observado com S15 e S16, qualquer dos entoemas de S20 e de S21 e qualquer dessas sequências actua interrogativamente.

- c) É inconclusivo o entoema inicial e conclusivo o final. Ambos os entoemas são lexicalmente interrogativos.

Considere-se uma sequência semelhante (vocabular e delimitativamente) à que se assinala:

S22 $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ $\neq$ E O QUE FAZ ELE $\neq$

Depois de se ter observado que //E//, ocorrente no início do entoema final, mediante o que significa vocabularmente, unifica os dois entoemas componentes de S22, discrimina-se actuação interrogativa de qualquer dos entoemas assim como da sequência por eles constituída.

11.14 — *Modalidade comunicativa de dois entoemas lexicalmente unificáveis e da sua sequência inconclusiva*

- 1) Sequências duplamente inconclusivas.
a) Os dois entoemas são inconclusivos e lexicalmente informativos.

Examine-se uma sequência semelhante (com texto vocabular idêntico e delimitativamente análoga) à que se assinala:

S23 $\neq$ É DIFÍCIL $\neq$ $\neq$ É PERIGOSO $\neq$

Observa-se: actuação interrogativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência, se não houver interferência de um contexto inversivo (9.9).

Se imaginarmos, por exemplo, que a sequência S23 foi seguida de $\neq$ COMO SABEM $\neq$ imaginamos um terceiro entoema que actuando como contexto posterior de S23, torna esta sequência ou qualquer dos seus entoemas componentes, informativamente actuante.

b) Os dois entoemas são inconclusivos e um deles é lexicalmente interrogativo.

Considerem-se sequências semelhantes às designadas por S24 e S25:

S24 $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ $\neq$ A ESSA HORA $\neq$

S25 $\neq$ A ESSA HORA $\neq$ $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$

Observa-se que os dois entoemas de qualquer das sequências assinaladas são unificáveis lexicalmente (11.3-1).

O entoema final de S24 amplia a interrogação comunicada pelo entoema inicial, e como é inconclusivo, actua também, por si, interrogativamente, tornando-se enfático.

O entoema inicial de S25 amplia a interrogação comunicada pelo entoema final. Este actua interrogativamente mediante o seu significado vocabular e pelo facto de ser inconclusivo, o que lhe confere o aspecto enfático.

Qualquer dos entoemas e qualquer das sequências actua interrogativamente como no caso de S20 ou de S21.

c) Os dois entoemas são inconclusivos e lexicalmente interrogativos.

Examine-se uma sequência semelhante à que se assinala:

S26 $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ $\neq$ E QUE FAZ ELE $\neq$ Observa-se:

- os dois entoemas unificam-se mediante o que //E// significa vocabularmente;
- qualquer dos entoemas da sequência exprime enfaticamente interrogação por ser inconclusivo e lexicalmente interrogativo.

II) Sequências do tipo conclusivo-inconclusivo.

a) É conclusivo o toema inicial e inconclusivo o final. Ambos os entoemas são lexicalmente informativos.

Considere-se uma sequência semelhante à que se assinala:

S27 $\neq$ É DIFÍCIL $\neq$ $\neq$ E PERIGOSO $\neq$ Observa-se:

- actuação interrogativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência, se não houver interferência de um contexto inversivo. Podemos imaginar, como no caso de S23, um entoema conclusivo, informativamente actuante,

que, figurando como contexto posterior de S27, torne esta sequência informativa.

- b) É conclusivo o entoema inicial e inconclusivo o final. Um dos entoemas é lexicalmente interrogativo.

Examinem-se sequências semelhantes às designadas por S28 e S29:

S28 $\neq$ A ESSA HORA $\neq$ $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ S29 $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ A ESSA HORA $\neq$

Verifica-se que o entoema inicial de uma sequência similar de S28, amplia a interrogação comunicada pelo entoema final e que o entoema final de uma sequência similar de S29, amplia a interrogação comunicada pelo entoema inicial.

Qualquer dos entoemas e qualquer das sequências actua, por conseguinte, interrogativamente.

Actuações análogas das sequências S15 e S16; S20 e S21, bem como dos seus entoemas componentes.

- c) É conclusivo o entoema inicial e inconclusivo o final. Ambos os entoemas são lexicalmente interrogativos.

Considere-se uma sequência semelhante (com texto vocabular idêntico e delimitativamente análoga) à que se assinala:

S30 $\neq$ QUE FAZES TU $\neq$ E QUE FAZ ELE $\neq$ Observa-se:

- os dois entoemas unificam-se mediante o que //E// significa vocabularmente;
- actuação interrogativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência por eles constituída.
- expressão interrogativa enfática do entoema final por ser inconclusivo e lexicalmente interrogativo.

11.15 — *Determinantes da modalidade comunicativa de dois entoemas sucessivos, lexicalmente unificáveis, e da sua sequência*

A modalidade delimitativa e o significado lexical do texto e do contexto (actuante) dos referidos entoemas determinam a modalidade comunicativa de cada um deles e a da sequência por eles originada.

Do exposto nos dois parágrafos anteriores, e admitindo não ter ocorrido um contexto inversivo, deduz-se:

Actuação informativa dos entoemas e da sequência nos casos seguintes:

- a) sequência conclusiva-conclusiva
significado lexical informativo de ambos os entoemas. Exemplo: S14.
- b) sequência inconclusiva-conclusiva
significado lexical do entoema final, inconciliável com uma actuação interrogativa do entoema inicial e, consequentemente, da sequência. Exemplo: S18.

Actuação interrogativa:

- a) sequência conclusiva-conclusiva
significado lexical interrogativo de um dos entoemas ou de ambos. S15, S16; S17.
- b) sequência inconclusiva-conclusiva
significado lexical interrogativo de um dos entoemas ou de ambos. S20, S21; S22.
- c) sequência inconclusiva-inconclusiva
significado lexical informativo ou interrogativo de ambos os entoemas, como em S23 e S26, respectivamente / ou interrogativo de um deles, como em S24 ou S25.
- d) sequência conclusiva-inconclusiva
significado lexical informativo ou interrogativo de ambos os entoemas, como em S27 e S30, respectivamente / ou interrogativo de um deles, como em S28 ou S29.

Actuação informativa ou interrogativa:

sequência inconclusiva-conclusiva.

significado lexical do entoema final, conciliável com uma actuação interrogativa ou informativa do entoema inicial e, consequentemente, da sequência.

Actua informativamente se o segundo entoema for, lexicalmente, uma ampliação do primeiro, e interrogativamente no caso contrário. S19 (11.13-II).

Relativamente a S14 importa lembrar que entoemas conclusivos, informativamente actuates, não se unificam segundo a sua modalidade delimitativa (11.5). À acção dissociante do entoema conclusivo inicial opõe-se, porém, o significado vocabular, associante, de //ε//. Por outro lado, sucede que dois entoemas conclusivos sucessivos, podem ser bem aceites pelo ouvinte, se este perceber ou julgar que são resultantes de verbalizações sucessivas (11.5).

C)

11.16 — *Sequência de três entoemas elocucionalmente unificáveis e entoema resultante da sua unificação*

Três entoemas sucessivos, elocucionalmente unificáveis (11.5), constituem uma sequência (11.4) cujos entoemas componentes são substituíveis por um só entoema, sem alteração sensível de significado. Esquematiza-se:

S31 $\neq$ É DIFÍCIL, $\neq$ $\neq$ É PERIGOSO, $\neq$ $\neq$ ATRAVESSAR O RIO, $\neq$
119 $\neq$ É DIFÍCIL E PERIGOSO ATRAVESSAR O RIO.

Elucida-se: a sequência S31 é constituída por três entoemas unificáveis num entoema único, conclusivo, semelhante ao que se designa pelo número 119, acima representado.

Interessa notar: os entoemas componentes de S31 são unificáveis lexicalmente, segundo a sua modalidade delimitativa e a sua modalidade comunicativa. Os dois primeiros são inconclusivos e o último é conclusivo. Actuam todos eles, pode admitir-se, informativamente. São, portanto, elocucionalmente unificáveis (11.3-4).

11.17 — *Cisão de um entoema em entoemas semelhantes aos que o originaram unificando-se*

Qualquer entoema resultante de uma unificação de três entoemas componentes de uma sequência é cindível em três entoemas semelhantes aos que o originaram unificando-se. Estes, ocorrendo sucessivamente, constituem, por sua vez, uma sequência.

O entoema 119, resultante da unificação de três entoemas semelhantes aos componentes de S31 — sem alteração da sua ordem de sucessão —, é cindível em três entoemas similares aos que, ocorrendo sucessivamente, originaram a referida sequência.

11.18 — *Sequências de três entoemas que não mudam de significado e sequências que mudam, alterando a sua ordem de sucessão*

Considerem-se sequências ortograficamente representáveis como se segue:

(1)

S32	VAI LÁ. O MIGUEL. AMANHÃ À NOITE.	S35	O MIGUEL. AMANHÃ À NOITE. VAI LÁ.
S33	VAI LÁ. AMANHÃ À NOITE. O MIGUEL.	S36	AMANHÃ À NOITE. VAI LÁ. O MIGUEL.
S34	O MIGUEL. VAI LÁ. AMANHÃ À NOITE.	S37	AMANHÃ À NOITE. O MIGUEL. VAI LÁ.

Figuram em qualquer das sequências, os mesmos três entoemas conclusivos, mas a ordem de sucessão difere de cada sequência para a seguinte. Não se verifica, todavia, mudança sensível de significado.

Também não apresentam diversidade sensível de significado, sequências como as ortograficamente representáveis do seguinte modo:

(2)

S38 VAI LÁ? O MIGUEL? AMANHÃ À NOITE? S41 O MIGUEL? AMANHÃ À NOITE? VAI LÁ?
S39 VAI LÁ? AMANHÃ À NOITE? O MIGUEL? S42 AMANHÃ À NOITE? VAI LÁ? O MIGUEL?
S40 O MIGUEL? VAI LÁ? AMANHÃ À NOITE? S43 AMANHÃ À NOITE? O MIGUEL? VAI LÁ?

Todos os entoemas componentes deste grupo 2 são inconclusivos e admite-se que actuam interrogativamente (9.8), ao passo que os componentes do grupo 1 são conclusivos e actuam informativamente.

Num terceiro grupo de sequências similares às que vão ser transcritas, observa-se: um dos entoemas é inconclusivo e não ocorre em posição final; são conclusivos os dois entoemas restantes.

(3)

S44 VAI LÁ, O MIGUEL. AMANHÃ À NOITE. S46 O MIGUEL. VAI LÁ, AMANHÃ À NOITE.
S45 VAI LÁ, AMANHÃ À NOITE. O MIGUEL. S47 AMANHÃ À NOITE. VAI LÁ, O MIGUEL.

Verifica-se: são informativamente actantes os entoemas componentes de cada sequência deste grupo; são sensivelmente equivalentes pelo que significam, as quatro sequências representadas.

Num quarto grupo de sequências similares às que se transcrevem, figura um entoema inconclusivo que ocorre em posição final:

(4)

S48 AMANHÃ À NOITE. O MIGUEL. VAI LÁ? S49 O MIGUEL. AMANHÃ À NOITE. VAI LÁ?

Qualquer das duas sequências representadas bem como qualquer dos três entoemas componentes de cada uma delas, é interrogativamente actuante (9.8).

Verifica-se: são sensivelmente equivalentes, pelo que significam, S48 e S49, mas qualquer destas sequências tem um significado diverso do experimentado mediante qualquer das sequências do grupo 3). Da alteração da ordem de sucessão dos seus entoemas, resultou mudança da modalidade comunicativa da sequência.

11.19 — *Sequências de três entoemas que só são unificáveis com determinado significado, numa determinada ordem de sucessão*

Examine-se uma sequência vocabularmente idêntica e delimitativamente semelhante à que se transcreve:

S50 ≠ É MAIS DIFÍCIL ≠ ≠ É MAIS PERIGOSO ≠ ≠ ATRAVESSAR AGORA O RIO. ≠

O texto de S50 não é inversivo (9.9;9.11) e admite-se que também o não é o seu contexto actuante. Sendo assim, S50 actua informativamente, conforme a notação assinala, verificando-se que a sua ordem de sucessão é a única que pode originar uma unificação com igual significado. Qualquer outra ordenação admissível origina um significado diferente.

Se o primeiro entoema, ou o segundo, figurar em posição final, ocorre uma sequência que não actua informativamente. Qualquer desses dois entoemas é inconclusivo; actua, por conseguinte, interrogativa ou defectivamente, e faz actuar a sequência do mesmo modo.

Importa, ainda, dizer-se que o segundo entoema de S50 não pode ocorrer em posição inicial, porque o significado vocabular da sua primeira palavra não o admite. Não motiva uma compreensão com um consequente sentimento de «aceitação» (7.41), a sequência que se transcreve:

S51 $\neq$ E MAIS PERIGOSO $\neq$ ATRAVessar AGORA O RIO $\neq$ É MAIS DIFÍCIL $\neq$

Os três entoemas que a constituem são unificáveis na ordem de sucessão que esta outra sequência manifesta:

S52 $\neq$ ATRAVessar AGORA O RIO $\neq$ É MAIS DIFÍCIL $\neq$ E MAIS PERIGOSO $\neq$

Mas esta sequência é inconclusiva, podendo, portanto, actuar interrogativa ou defectivamente, ao passo que S50 tem uma actuação informativa. O seu significado é diverso em qualquer dos casos apontados.

Pode comentar-se de forma semelhante a sequência que se assinala:

S53 $\neq$ É MAIS DIFÍCIL $\neq$ ATRAVessar AGORA O RIO $\neq$ E MAIS PERIGOSO $\neq$

11.20 — Sequências de 4 ou mais entoemas lexicalmente unificáveis

Examinem-se sequências ortograficamente representáveis como se segue:

S54 É DIFÍCIL. ATRAVessar O RIO. PRÓXIMO DA POVOAÇÃO. NA ÉPOCA DAS CHUVAS.

S55 É DIFÍCIL. ATRAVessar O RIO. PRÓXIMO DA POVOAÇÃO. NA ÉPOCA DAS CHUVAS.
NUMA DESSAS EMBARCAÇÕES MUITO ESGUIAS.

S56 É DIFÍCIL. ATRAVessar O RIO. PRÓXIMO DA POVOAÇÃO. NA ÉPOCA DAS CHUVAS.
NUMA DESSAS EMBARCAÇÕES MUITO ESGUIAS. QUE SÓ NÃO VIRAM.
NAS MÃOS DE REMADORES MUITO HÁBEIS.

Qualquer das sequências consideradas é substituível por um entoema único, conclusivo (11.5), sem alteração sensível de significado. Todavia, um entoema como o resultante dos 5 entoemas componentes de S55 não é frequente, e menos, ainda, um entoema como o resultante da unificação dos 7 entoemas componentes de S56. Qualquer deles fará experimentar uma continuidade coarticulatória (9.2) demasiado longa para ser aceitável sem um possível contexto que a justifique.

O número de entoemas componentes de uma sequência, e a extensão de cada um desses entoemas, dependem da extensão e rapidez do decurso real-mental ou mental (2.2) que o locutor verbaliza, da velocidade de verbalização (2.44; 2.45), do maior ou menor número de pausas elocutivas ocorrentes (3.48), etc.

Qualquer entoema resultante de uma unificação de 4 ou mais entoemas componentes de uma sequência, é cindível nos referidos entoemas, análogamente ao que sucede com os entoemas originados por unificação de 3 entoemas (11.17).

Também análogamente ao que se passa com sequências de 3 entoemas (11.18), ocorrem sequências de 4 ou mais entoemas que não mudam sensivelmente de significado, mediante alteração da sua ordem de sucessão, e outras que mudam de significado quando da alteração resulta mudança da modalidade comunicativa.

O significado de qualquer sequência constituída pelos entoemas componentes de S55, é sensivelmente igual, seja qual for a sua ordem de sucessão.

Se o último entoema de qualquer outra sequência constituída pelos entoemas componentes de S56, mas com uma ordem de sucessão diversa, for inconclusivo, essa outra sequência tem um significado diferente do significado de S56.

Observe-se que a unificação lexical dos entoemas componentes de S56 não é possível com qualquer ordem de sucessão. Assim, por exemplo, o entoema ≠QUE SÓ NÃO VIRAM ≠ só é lexicalmente unificável com o entoema ≠NUMA DESSAS EMBARCAÇÕES MUITO ESGUIAS ≠ e com o entoema ≠NAS MÃOS DE REMADORES MUITO HÁBEIS ≠, na posição que ocupa em S56.

11.21 — *Modalidade comunicativa de uma sequência de três ou mais entoemas e de cada um deles*

I) O entoema final é conclusivo

- a) todos os entoemas são lexicalmente informativos
ausência de um contexto inversivamente actuante (9.9)

Considerem-se sequências semelhantes a sequências representáveis pelas seguintes notações:

S.57 ≠É DIFÍCIL ≠ ≠É PERIGOSO ≠ ≠ATRAVESSAR O RIO ≠

S.58 ≠É DIFÍCIL ≠ ≠É PERIGOSO ≠ ≠ATRAVESSAR O RIO ≠

S.59 ≠É DIFÍCIL ≠ ≠É PERIGOSO ≠ ≠ATRAVESSAR O RIO ≠ ≠NA ÉPOCA DAS CHUVAS ≠

S.60 ≠É DIFÍCIL≠ ≠E PERIGOSO|≠ ≠ATRAVessar O RIO≠
≠NA ÉPOCA DAS CHUVAS|≠ ≠PRINCIPALMENTE QUANDO HÁ VENTO|≠

Verifica-se: actuação informativa de qualquer das seqüências e de qualquer dos respectivos entoemas componentes.

- b) todos os entoemas são lexicalmente informativos
actuação de um contexto inversivo.

Admita-se que S57 é seguida de um contexto inverbal de significado equivalente ao de uma frase que se ortografa «Não é verdade?»

Verifica-se: actuação interrogativa da seqüência considerada e de qualquer dos respectivos entoemas componentes.

- c) um ou mais do que um dos entoemas componentes da seqüência é lexicalmente interrogativo

Examinem-se seqüências semelhantes a seqüências representáveis pelas seguintes notações:

S.61 ≠QUE FAZES TU|≠ ≠A ESSA HORA|≠ ≠QUANDO CHOVE|≠

S.62 ≠QUE FAZES TU|≠ ≠QUE FAZ ELE|≠ ≠E QUANTO GANHAM|≠

S.63 ≠QUE FAZES TU≠ ≠A ESSA HORA|≠ ≠NOS DIAS DE FOLGA≠ ≠QUANDO CHOVE|≠

Verifica-se: actuação interrogativa de qualquer das seqüências e de qualquer dos respectivos entoemas componentes.

Do exposto em a), b) e c), deduz-se: uma seqüência com entoema final conclusivo actua informativamente se não for inversivo o seu texto ou contexto, seja qual for a modalidade delimitativa de cada um dos seus restantes entoemas componentes.

II) O entoema final é inconclusivo.

- a) todos os entoemas são lexicalmente informativos
ausência de um contexto inversivamente actuante

Considerem-se seqüências semelhantes a seqüências representáveis pelas notações seguintes:

S64 ≠É DIFÍCIL≠ ≠E PERIGOSO≠ ≠ATRAVessar O RIO≠

S65 ≠ É DIFÍCIL ≠ ≠ E PERIGOSO ≠ ≠ ATRAVESSAR O RIO ≠

S66 ≠ É DIFÍCIL ≠ ≠ E PERIGOSO ≠ ≠ ATRAVESSAR O RIO ≠ ≠ NA ÉPOCA DAS CHUVAS ≠

Verifica-se: actuação interrogativa de qualquer das sequências e de qualquer dos respectivos entoemas componentes (9.8).

b) todos os entoemas são lexicalmente informativos
actuação de um contexto inversivo

Admita-se que a sequência S65 foi seguida de um contexto inverbal com um significado equivalente ao da frase «Como sabem.».

Verifica-se: actuação informativa da sequência e de qualquer dos seus entoemas componentes.

c) todos os entoemas são lexicalmente informativos
um dos entoemas é lexicalmente defectivo

Examinem-se sequências semelhantes às que seguidamente se assinalam:

S67 ≠ SE VAIS LÁ ≠ ≠ FALAR COM ELE ≠ ≠ E NÃO LEVAS O DINHEIRO ≠

S68 ≠ FALASTE COM ELE ≠ ≠ CLARAMENTE ≠ ≠ BEM SEI ≠ ≠ MAS ≠

Verifica-se: actuação informativa de qualquer das sequências e dos seus entoemas componentes.

d) um ou mais do que um dos entoemas componentes da sequência é lexicalmente interrogativo

Considerem-se sequências semelhantes às que a seguir se transcrevem:

S69 ≠ QUE FAZES TU ≠ ≠ A ESSA HORA ≠ ≠ QUANDO CHOVE ≠

S70 ≠ QUE FAZES TU ≠ ≠ QUE FAZ ELE ≠ ≠ E QUANTO GANHAM ≠

S71 ≠ NOS DIAS DE FOLGA ≠ ≠ À TARDE ≠ ≠ QUE FAZES TU ≠ ≠ QUANDO CHOVE ≠

Verifica-se: actuação interrogativa de qualquer das sequências e de qualquer dos seus entoemas componentes.

Do exposto em a), b), c), d), deduz-se: uma sequência com entoema final inconclusivo actua interrogativamente se não for inversivo o seu texto ou contexto, seja qual for a modalidade delimitativa de cada um dos seus restantes entoemas componentes.

11.22 — *O que se deduz do exposto sobre a modalidade comunicativa de uma sequência de entoemas lexicalmente unificáveis*

O observado relativamente à modalidade comunicativa de sequências de dois entoemas (11.13; 11.14) ou de três ou mais entoemas lexicalmente

unificáveis permite formular conclusões que se distribuem da seguinte forma:

1) Se a sequência de dois ou mais entoemas é conclusiva:

Actuação informativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência, seja qual for a modalidade delimitativa do entoema inicial / ou dos restantes entoemas, se um ou mais dos seus entoemas componentes ou o seu contexto não forem inversivos.

Actuação interrogativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência, seja qual for a modalidade delimitativa do entoema inicial / ou dos restantes entoemas, se um ou mais dos seus entoemas, ou o seu contexto for inversivo.

2) Se a sequência de dois ou mais entoemas é inconclusiva:

Actuação interrogativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência, seja qual for a modalidade delimitativa do entoema inicial / ou dos restantes entoemas, se não for inversivo nenhum dos entoemas nem o seu contexto.

Actuação informativa de qualquer dos entoemas bem como da sequência, seja qual for a modalidade delimitativa do entoema inicial / ou dos restantes entoemas, se for inversivo qualquer dos seus entoemas, ou o seu contexto.

D)

11.23 — Entoema e Frase elocucional

Constitui o que se denomina «uma frase elocucional» qualquer dos seguintes textos:

— um entoema conclusivo, informativa ou interrogativamente actuante, por exemplo, e respectivamente, um entoema representável pela primeira e um entoema representável pela segunda das duas notações que se seguem:

$\overline{C} \neq \overline{\text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO.}} \neq \neq \overline{C'} \neq \overline{\text{QUE FAZES TU.}} \neq$

— um entoema inconclusivo, interrogativamente actuante, seja, por exemplo um entoema D representável pela notação: $\neq \text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO?} \neq$

— uma sequência conclusiva de entoemas lexicalmente unificáveis, informativa ou interrogativamente actuante, por exemplo, e respectivamente, uma sequência representável pela primeira e outra representável pela segunda das notações que se seguem:

$\overline{SE} \neq \overline{\text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO}} \neq \neq \overline{NA ÉPOCA DAS CHUVAS.} \neq$
 $\overline{SE'} \neq \overline{\text{DEPOIS DO JANTAR}} \neq \neq \overline{\text{QUE FAZES TU.}} \neq$

— uma sequência inconclusiva de entoemas lexicalmente unificáveis, interrogativamente actuante, seja, por exemplo, uma sequência representável pela notação:

$\overline{SE} \neq \overline{\text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO}} \neq \neq \overline{\text{NA ÉPOCA DAS CHUVAS?}} \neq$

Quando se fala de «frase elocucional» e não se especifica, subentenda-se «frase elocucional-vocabular toemática». Conforme adiante se informa (11.29), uma frase elocucional-vocabular pode ser atoemática.

Mediante uma frase elocucional comunica-se informativamente, como em C ou em SE, ou comunica-se interrogativamente, como em C', D, SE' ou SF.

Uma frase elocucional distingue-se como «simples» ou «monotoemática», se apresenta um só toema fundamental e, portanto um só entoema; distingue-se como «composta» ou «politoemática» se apresenta dois ou mais toemas fundamentais e, portanto, uma sequência de dois ou mais entoemas.

Uma «frase elocucional» «simples» ou «composta» torna-se uma «frase vocabular» se não se discrimina a sua expressão ou dela se abstrai. Pelo facto de não valer pela sua «expressão apresentativa» (8.30), não deixará uma frase vocabular de actuar interrogativamente, se ela for vocabularmente interrogativa.

Uma frase elocucional é *defectiva* no plano da representação ou vocabular, se o entoema ou a sequência de entoemas que a constitui manifestar incompletitude no referido plano.

O entoema inconclusivo representável pela notação $\neq$ QUEM TE DISSE QUE ELE $\neq$, actuando interrogativamente, ou a sequência inconclusiva representável pela notação $\neq$ FALASTE COM ELE, $\neq$ $\neq$ MAS, $\neq$, actuando informativamente, constitui uma «frase elocucional defectiva». Observe-se, ainda:

- C é uma frase elocucional simples, informativamente actuante
- C' e D são frases elocucionais simples interrogativamente actuantes
- SE é uma frase elocucional composta, informativamente actuante
- SE' e SF são frases elocucionais compostas interrogativamente actuantes

Interessa notar que um só entoema não pode constituir mais do que uma frase elocucional, ao passo que uma frase elocucional pode ser constituída por um, dois, ou mais entoemas.

11.24 — *Unificação e cisão de frases elocucionais*

a)

O que se disse sobre unificação e cisão de entoemas (11.3; 11.5; 11.6), é aplicável, na sua grande parte, a respeito de unificação e cisão de frases elocucionais, visto que estas são constituídas por entoemas ou por sequências de entoemas, informativa ou interrogativamente actuantes.

Segundo o exposto no parágrafo anterior, não são classificáveis como frases elocucionais, entoemas inconclusivos e sequências inconclusivas de entoemas informativamente actuantes.

Um entoema inconclusivo que actue informativamente, representável pela notação $\neq$ É DIFÍCIL ATRAVERSSAR O RIO, $\neq$, ou uma sequência inconclusiva que não actue interrogativamente, representável pela notação:

$\neq$ É DIFÍCIL ATRAVERSSAR O RIO $\neq$ $\neq$ NA ÉPOCA DAS CHUVAS, $\neq$, pode valer como um segmento iniciante de uma frase elocucional, mas não constitui uma frase elocucional. Não se condena, todavia, que se designe um tal segmento por uma «frase elocucional suspensa».

Uma frase elocucional suspensa pode ser ou não *defectiva* no plano vocabular, mas uma frase elocucional defectiva é sempre incompleta nesse plano.

O texto vocabular inerente à frase elocucional suspensa, representável pela notação $\neq \text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO} \neq$, não faz experimentar incompletitude, contrariamente ao que sucede com o texto vocabular inerente à «frase elocucional defectiva» que a notação $\neq \text{QUEM TE DISSE QUE ELE} \neq$ pode representar.

Frases elocucionais que se unificam são elocucionalmente unificáveis (11.3-4). Frases lexicalmente unificáveis, mas que o não são elocucionalmente, são substituídas, com frequência, voluntária ou involuntariamente, pelo ouvinte, por outras vocabularmente idênticas, que são unificáveis e se unificam elocucionalmente (11.3;11.5).

Importa precisar, como se precisou de modo correspondente, a propósito de unificação de entoemas (11.3): não são as frases elocucionais unificáveis, real-mentalmente actuates (2.1), que podem unificar-se ou se unificam. É o ouvinte que voluntária ou involuntariamente as experimenta unificadas, se as unifica, mentalmente, ao passo que as vai ouvindo ou as vai recordando depois de as ter ouvido.

b)

Uma frase elocucional informativamente actuate, não é cindível, seja qual for a sua extensão, em duas ou mais frases elocucionais. Da sua cisão resultam: um entoema inconclusivo ou uma sequência inconclusiva, informativamente actuate, e um entoema conclusivo. Este entoema, também informativamente actuate, constitui uma frase elocucional. Concretizações:

— a frase elocucional ditoemática, informativamente actuate, representável pela notação $\neq \text{É DIFÍCIL} \neq \neq \text{ATRAVESSAR O RIO} \neq$ é cindível no entoema inconclusivo, informativamente actuate, $\neq \text{É DIFÍCIL} \neq$, e no entoema conclusivo $\neq \text{ATRAVESSAR O RIO} \neq$. Este entoema actua, também, informativamente, constituindo uma frase elocucional.

— a frase elocucional monotoemática, informativamente actuate, representável pela notação $\neq \text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO NA ÉPOCA DAS CHUVAS} \neq$, é cindível no entoema inconclusivo $\neq \text{É DIFÍCIL} \neq$, informativamente actuate e no entoema conclusivo $\neq \text{ATRAVESSAR O RIO NA ÉPOCA DAS CHUVAS} \neq$. Este entoema actua, também, informativamente, constituindo uma frase elocucional.

Outras possibilidades: — é cindível no entoema inconclusivo, informativamente actuate, $\neq \text{É DIFÍCIL ATRAVESSAR O RIO} \neq$, e no entoema conclusivo $\neq \text{NA ÉPOCA DAS CHUVAS} \neq$;

— é cindível na sequência inconclusiva, informativamente actuante, ≠É DIFÍCIL≠ ≠ATRAVESSAR O RIO,≠ e no entoema conclusivo ≠NA ÉPOCA DAS CHUVAS.

O entoema conclusivo final, também informativamente actuante, constitui em qualquer dos dois casos referidos, uma frase elocucional.

Uma frase elocucional, interrogativamente actuante, é cindível em frases elocucionais semelhantes às que a originaram ou a poderiam ter originado, unificando-se, e que são distribuíveis — como sucede com os entoemas resultantes de uma cisão (11.6) — em 3 grupos: a) únicas possíveis; b) prováveis; c) eventuais. Concretização;

— são frases elocucionais mais ou menos «prováveis», conforme as circunstâncias, em que pode cindir-se uma frase elocucional, monotoemática, interrogativamente actuante, representável pela notação ≠É DIFÍCIL ATRA- VESSAR O RIO NA ÉPOCA DAS CHUVAS?≠, as representáveis pelas notações que se seguem:

≠É DIFÍCIL?≠ ≠ATRAVESSAR O RIO NA ÉPOCA DAS CHUVAS?≠

≠É DIFÍCIL ATRAVERSSAR O RIO?≠ ≠NA ÉPOCA DAS CHUVAS?≠

≠É DIFÍCIL?≠ ≠ATRAVESSAR O RIO?≠ NA ÉPOCA DAS CHUVAS?≠

≠É?≠ ≠DIFÍCIL?≠ ≠ATRAVESSAR O RIO?≠ ≠NA ÉPOCA DAS CHUVAS?≠

O grau de probabilidade de ocorrência de qualquer das sequências representadas, depende de variadas circunstâncias. Assim, por exemplo, a última sequência implica que se verifiquem determinantes da ocorrência de ≠É?≠ ≠DIFÍCIL?≠ em vez de ≠É DIFÍCIL?≠ que tornam a sequência menos provável do que qualquer das outras, tornando-a menos frequente.

11.25 — *Frase elocucional e espécie de elocução que lhe corresponde*

Segundo a espécie de elocução (2.48, 2.49, 2.50) que lhe corresponde, uma frase elocucional (11.23) é *recordada*, ou *lida*, ou resulta de uma *verbalização*.

Frases elocucionais semelhantes às que seguidamente se assinalam: ≠BRANCO É≠ ≠GALINHA O PÔE.≠ // ≠NOVE VEZES NOVE≠ ≠OITENTA E UM.≠ são, normalmente, «recordadas».

A leitura «em voz alta» de uma notícia de jornal que ainda se não lera nem ouvira ler, origina, geralmente, uma ou mais do que uma frase elocucional «lida».

Uma pessoa que perante a rápida passagem de um automóvel, exclama: «Vai a toda a velocidade!» profere uma frase elocucional resultante de uma verbalização.

Simula-se, muitas vezes, esta ou aquela espécie de elocução. O leitor de um diálogo procura, quando é bom interprete, conferir ao que lê, características de uma elocução *improvisada*. Pode, mesmo, pretender sugerir ao ouvinte, a actuação de dois interlocutores, realizando a parte de cada um dos supostos dialogantes, de modo a conferir-lhe aspectos idiofónicos e idiofonéticos (8.2; 8.3) distintos.

Um actor não «recita o papel» que sabe de cor; procura dizê-lo como o diria se o que profere resultasse de uma verbalização.

O grau de espontaneidade de uma elocução é muito variável. Saudações trocadas, habitualmente, no convívio quotidiano — Viva! / Como vai essa saúde? / Venha de lá um abraço! / — ou formas de admirar, estranhar, ou reprovar, etc., etc., — Que linda coisa! / Essa é boa! / É uma vergonha! / e tantas outras «frases feitas» denunciam uma espontaneidade mais aparente do que real.

Finge-se, muitas vezes, uma elocução resultante de uma verbalização, como no caso do actor, e procura-se, outras vezes, dar a impressão ao ouvinte de que se está, de facto, a reproduzir o que se decorou.

11.26 — *Frase elocucional recordada*

A elocução ≠ CRIA FAMA E DEITA-TE A DORMIR. ≠, mencionada no parágrafo 2.50, constitui uma frase elocucional, conclusiva, classificável, na generalidade, como «recordada».

Analogamente ao que se passa com qualquer outra frase elocucional recordada, pode ser considerada como um caso particular de verbalização. O locutor profere uma frase elocucional memorialmente latente que o experimentado por ele, inverbamente, tornou actuante. Uma elocução recordada é uma elocução memorialmente latente que se recordou mentalmente, ou real-mentalmente (2.50). Uma elocução real-mentalmente recordada por um locutor perante o que experimenta, inverbamente, é, na verdade, um caso particular de verbalização.

Uma frase elocucional que se decorou, seja qualquer uma que possa ortografar-se «Nove vezes nove oitenta e um.» tornou-se uma frase memorialmente latente. Origina, quando actuante, uma *frase elocucional decorada* que se distingue como um caso particular da *recordada* (11.25).

11.27 — *Frase elocucional lida*

Um texto escrito (2.42) é uma representação visual, mais geralmente ortográfica — manuscrita, dactilografada, impressa, ou doutro tipo — de um texto elocucional. Se este é elocucional-vocabular (2.40), é uma representação visual de um texto elocucional desprovido de expressão, excepto a que a sua «pontuação» (2.42) assinala. Sem essa expressão seria um texto vocabular (2.40).

O texto escrito «O Fernando aprendeu a nadar, no verão passado.» é uma representação visual, ortográfica, impressa, de um texto elocucional-vocabular, mental ou real-mentalmente experimentado pelo seu redactor, com uma expressão que, por muito significativa que tenha sido, ficou reduzida ao que a vírgula e o ponto final possam traduzir a um leitor. Traduzem, apenas, no presente caso, que «nadar» exprimiu inconclusão e «passado» exprimiu conclusão.

Um texto escrito que represente um texto elocucional-vocabular pode ser lido de modo a originar uma frase elocucional, mental ou real-mentalmente actuante (2.49); ou mais do que uma, se a extensão do texto e o significado dos seus vocábulos o permitir ou o reclamar.

O texto escrito «O Fernando aprendeu a nadar, no verão passado.» origina, se for lido, um texto elocucional constituído por oito palavras. É, portanto, elocucional-vocabular. Pode ser lido de modo a resultar a frase elocucional representável pela notação:

$\neq$ O FERNANDO APRENDEU A NADAR $\neq$ NO VERÃO PASSADO. $\neq$, frase essa que será mentalmente actuante se for experimentada por um leitor que a pensou mas não a proferiu. Será real-mentalmente actuante se for proferida «em voz alta» perante um ou mais ouvintes.

O mencionado texto escrito também pode ser lido de modo a originar duas frases elocucionais, conclusivas, representáveis como se segue:

$\neq$ O FERNANDO APRENDEU A NADAR. $\neq$ $\neq$ NO VERÃO PASSADO. $\neq$

Revelam que não foi respeitado pelo leitor o assinalado, ortograficamente, pela vírgula (2.42), o que não afectou o significado lexical pretendido. O significado lexical das duas frases elocucionais conclusivas, é equivalente ao da frase elocucional única, anteriormente considerada.

Compreende-se que a vírgula que figura no texto escrito «O Fernando aprendeu a nadar, no verão passado.» não seja exigida pela gramática. Só pode interessar ao decurso expressivo.

A chamada «leitura silenciosa» origina frases elocucionais mentalmente actuantes, ao passo que as resultantes de uma «leitura em voz alta» são real-mentalmente actuantes.

A expressão que um leitor confere à frase elocucional resultante de uma sua leitura, depende, como no caso de qualquer outro texto elocucional (2.40) do respectivo «contexto global» relevante-actuante (4.12), isto é, da actuação do comunicado, como seu complemento, e da actuação do comunicado como motivo da sua ocorrência.

Admita-se, para concretizar, o episódio seguinte: um senhor P, pede a seu filho para o ouvir ler uma carta que acaba de receber. Antes de a abrir, esclarece ter visto pela letra de quem escreveu o envelope, que se trata de uma resposta de uma pessoa da sua confiança a quem pedira informações sobre o companheiro que ele (seu filho) preferia. Iniciou, então, a leitura do texto escrito na carta e que terminava desta forma: «Já sabes agora o suficiente para poderes dizer a teu filho, quem é esse senhor por quem ele tanto se interessa. É um fingido, muito astucioso, que não merece a menor confiança.»

A expressão conferida pelo senhor P, à última frase elocucional resultante da leitura da carta, foi, muito provavelmente, condicionada por um contexto global, relevante actuante, em que predominaram dois factos: a) como complemento da frase considerada foi comunicada ao leitor da carta, uma informação conciliável com «repulsa» e cambiantes deste sentimento; b) como motivo da sua ocorrência foi-lhe comunicada *suspeita*.

Compreende-se, por consequência, que a frase elocucional considerada, assinalável do seguinte modo:

≠ É UM FINGIDO ≠ ≠ MUITO ASTUCIOSO ≠ ≠ QUE NÃO MERECE A MENOR CONFIANÇA. ≠
possa ter apresentado, entre outros, estes aspectos:

- Um ímpeto tensional, inicial, denunciando *animosidade* distingue a palavra inicial.
- Rápida descida de tonalidade com brusca regressão qualitativa em nível tensional elevado, da 1.ª e 2.ª sílabas de ≠ FINGIDO ≠ e da vogal da sílaba acentuada de ≠ ASTUCIOSO ≠ denunciando *repulsa*.
- Constricção laríngea em nível tonal-tensional elevado, manifestada pela vogal acentuada e pela vogal átona final de ≠ MERECE ≠ denunciando *desagrado*.
- Valorização tonal aguda da vogal tónica de ≠ MENOR ≠, e nasalidade dessa mesma vogal exprimindo *suspeita*;
- Valorização temporal-longa e tonal-grave da sílaba tónica e da átona final de ≠ CONFIANÇA ≠

Importa notar que de uma análise de expressões sonoras da compreensão (1.1) se deduziu que um aspecto ou mais do que um aspecto sonoro-articulatório que vale como exteriorização de *desagrado* num certo contexto, pode valer como exteriorização de *irritação*, *animosidade*, *hostilidade*, *aversão*, *rancor*, *ódio*, *oposição*, *recriminação*, *reprovação*, *censura*, ou *agressividade*, noutro contexto.

Por outro lado, importa lembrar a variabilidade do que geralmente denominam e geralmente significam os vocábulos disponíveis para a verbalização de sentimentos (4.4), bem como a variabilidade de actuação de um texto elocucional-polivocabular (4.23).

Presume-se este outro episódio: dois amigos, I e I', sentam-se a uma mesa de um café. Ao sentar-se, I descobriu um papel sobre a cadeira, com o seguinte texto dactilografado: «É um fingido, muito astucioso, que não merece a menor confiança.», texto este que leu em voz alta.

Distinguem-se três possibilidades:

1) Não actua qualquer contexto sobre I', e, por conseguinte, da sua leitura resulta uma frase elocucional sem qualquer particularização sensível.

2) Actuou como contexto o facto de I' ter estranhado o achado. A frase elocucional resultante apresenta, consequentemente, uma particularização sentimental *independente* (8.26) que revela uma incompreensão que traduz «estraneza».

3) Actuou como contexto o facto de I ter olhado interrogativamente para I', por não ter percebido o significado elocucional do que ouvira ler. Perante a atitude de I, I' lê o texto uma segunda vez, de modo a resultar uma frase elocucional exageradamente dramática. I' simula, como faz qualquer actor, verbalizar.

11.28 — *Frase elocucional resultante de uma verbalização*

Considerem-se trechos de diálogo semelhantes aos que se designam por a), por b) e por c), e seguidamente se transcrevem:

a)	c)
I <u>≠VAIS HOJE LÁ?</u> ≠	I <u>≠SEI QUE VAIS HOJE LÁ.</u> ≠
I' <u>≠NÃO.</u> ≠	I' <u>≠É AMANHÃ ≠ ≠QUE EU VOU.</u> ≠
b)	
I <u>≠VAIS HOJE LÁ.</u> ≠	
I' <u>≠É AMANHÃ QUE EU VOU.</u> ≠	

No caso a) a frase elocucional conclusiva simples, informativamente actuante, proferida por I', foi motivada pela frase elocucional inconclusiva simples, proferida por I, e que actuou sobre I' interrogativamente.

Perante o que lhe foi comunicado, I' experimentou algo inverbal que verbalizou, total ou parcialmente, mediante a frase elocucional que proferiu.

Possivelmente, I' imaginou-se caminhando para o lugar que I designou por «LÁ», experimentando um sentimento de oposição que verbalizou proferindo um entoema que vocabularmente traduz «negação» e que, apresentativamente — assim o admitimos — exprimiu *desagrado*.

No caso b), perante o que lhe foi comunicado, I' experimentou algo inverbal que verbalizou, total ou parcialmente, mediante a frase elocucional, conclusiva, simples, que proferiu e que actuou sobre I, informativamente.

Uma particularização tonal, tensional, ou qualquer outra, manifestada pela palavra ≠AMANHÃ≠, valorizou-a apresentativamente, e, consequentemente, o seu significado vocabular, pondo-a em contraste com a palavra ≠HOJE≠ que figurou na frase elocucional anteriormente proferida por I.

Possivelmente, I' experimentou uma sequência sentimental em que figuraram os aspectos de *animosidade* e de *rejeição*, ao ouvir dizer $\neq$ HOJE $\neq$, mercê do significado contextualmente ampliado da referida palavra.

No caso c), perante o que lhe foi comunicado, I' experimentou algo inverbal que verbalizou, total ou parcialmente, mediante a frase elocucional conclusiva, composta, que proferiu e que actuou sobre I, informativamente.

A palavra $\neq$ AMANHÃ $\neq$ é destacada pela pausa ocorrente entre os dois entoemas (11.4). Além desta particularização de realce que valoriza o seu significado vocabular, contextualmente ampliado (12.4), particulariza sentimentalmente a mesma palavra — admite-se — o seu toema fundamental, que se distingue como impulsivo (6.1;6.7).

No expresso por $\neq$ AMANHÃ $\neq$ discriminam-se dois aspectos que os vocábulos «EVIDÊNCIA» e «IMPETUOSIDADE» podem traduzir, e que segundo um suposto contexto global da frase proferida por I' são interpretáveis por I, do seguinte modo:

I desejava teimosamente que I' «fosse hoje lá» e admitiu como certa a sua ida, dizendo «Sei que vais hoje lá.» Perante a atitude de I, o seu interlocutor I' reage impetuosamente, evidenciando, vocabular e expressivamente, «ser amanhã» a sua ida.

Em qualquer dos casos apontados — a), b) ou c) — a frase elocucional proferida por I' resultou de uma verbalização de algo inverbal por ele experimentado perante o que lhe foi comunicado por I.

Foram «motivantes» as frases elocucionais proferidas por I, e «motivadas» as proferidas por I'. Cada frase motivante originou um objecto inverbal que I' verbalizou. Cada frase motivada resultou de uma verbalização de um objecto inverbal originado por uma frase motivante.

O espaço de tempo que decorre entre a frase motivante e a frase motivada, é, frequentemente, tão breve que a última parece ter surgido automaticamente. Hesita-se, então, em admitir-se que se trata de uma verbalização, isto é, de uma passagem do inverbal para o verbal. De facto, em vez de um objecto inverbal — elocucionalmente ou não elocucionalmente motivado — experimenta-se um seu substituto verbal (2.44).

Na ocorrência a), examinada no parágrafo 2.46, sucede que um indivíduo I abre um cartuxo e ao ver o que está dentro verbaliza esse algo inverbal, dizendo $\neq$ AÇÚCAR $\neq$, ou seja experimentando um seu substituto verbal. Observe-se que neste caso, o algo inverbal verbalizado não foi elocucionalmente motivado.

Fácilmente se é induzido a pensar que uma frase elocucional que não seja *recordada* ou *lida*, resulta de uma verbalização. Só assim é, porém, se a frase considerada não tiver sido *apresentativamente motivada*, como no parágrafo 11.31 se esclarece.

11.29 — *Frase elocucional-vocabular, atoemática*

Além do toema (6.1) fundamental (6.3), ocorre na elocução um outro complexo sonoro-articulatório, delimitativamente actuante, que se denomina *terminal atoemático*. Delimita conclusiva ou inconclusivamente, como um

toema fundamental, mas difere dele por apresentar um acréscimo tensional, em vez de um decréscimo, a partir do momento em que a tonalidade (3.30) se mantém constante, ascendente ou descendente. Actua delimitativamente por desaparecimento momentânea da sua presença. Se não cessasse momentaneamente de actuar, manifestaria um decréscimo tensional, constituindo, consequentemente, um «toema» em vez de um «terminal atoemático».

O acréscimo tensional, por vezes acelerado (6.5), ou a constância de tensão (3.10) de um terminal atoemático, decorre, geralmente, em nível elevado ou muito elevado. Qualitativamente considerado, vê-se que pode manifestar constância, progressão ou regressão (3.17) / ou constância-regressão, ou progressão-regressão, durante o seu decurso.

Uma frase elocucional «simples» (11.23) é atoemática se em lugar de um toema fundamental (6.1; 6.3) apresenta um «terminal atoemático».

Quando a tonalidade do terminal é ascendente, a frase elocucional que o manifesta é inconclusiva, actuando interrogativamente desde que o seu texto ou contexto não seja inversivo, como sucede com a frase elocucional toemática inconclusiva (11.23). No caso de apresentar uma tonalidade descendente, a frase elocucional que manifesta o terminal atoemático é conclusiva, podendo actuar informativa ou interrogativamente, segundo o seu texto e contexto, conforme se verifica quando a frase elocucional é toemática.

Para concretizar, considerem-se 4 frases elocucionais, simples, atoemáticas, representadas pelas seguintes notações:

1 // É // 2 // É // 3 // ELE VAI LÁ // 4 // ELE VAI LÁ //

Supõe-se:

- é tensionalmente crescente o terminal atoemático de qualquer das frases representadas;
- é tonalmente ascendente o terminal atoemático das frases representadas pelas notações 1 e 3, e tonalmente descendente o das frases correspondentes às notações 2 e 4.

Para se abreviar a exposição, não se consideram ocorrências de terminais atoemáticos, tensional ou/e tonalmente constantes.

Prossegue-se:

- a notação 1 representa qualquer frase monovocabular atoemática, inconclusiva, cujo texto vocabular inerente seja «É»;
- actua interrogativamente a frase representada, porque o seu texto não é inversivo e admite-se que o seu contexto também o não é;
- actua, também, interrogativamente, e pelo mesmo motivo, uma frase polivocabular representável pela notação 3;
- a notação 2 representa qualquer frase monovocabular atoemática, conclusiva, cujo texto vocabular inerente seja «É»;
- actua informativamente a frase representada, porque o seu texto não é inversivo e admite-se que o seu contexto também o não é;
- actua, também, informativamente, e pelo mesmo motivo, uma frase polivocabular representável pela notação 4.

As frases atoemáticas consideradas, podiam ter figurado nos trechos de diálogo A) e B) que ortograficamente se representam:

A) I — Este documento é falso!	B) Sei que ele vai lá!
I' — É?!	I' — Ele vai lá?!
I — É!	I — Ele vai lá!

Palavras isoladas ou ocorrentes em posição final de sequências de palavras coarticuladas e que se distinguem por um comportamento tensional crescente, por vezes acelerado, constituem ou demarcam, respectivamente, frases elocucionais atoemáticas.

Uma frase elocucional «composta» (11.23) é atoemática se apresenta no seu final um «terminal atoemático» em vez de um toema fundamental. Concretizações:

- a notação //SÓ VOLTO LÁ, // SE TU VOLTARES CÁ, // representa qualquer frase elocucional, composta, atoemática, constituída por um entoema inconclusivo, informativamente actuante, cujo texto vocabular inerente seja «SÓ VOLTO LÁ», seguido de um segmento atoemático conclusivo, informativamente actuante cujo texto vocabular inerente seja «SE TU VOLTARES CÁ».
- esta outra notação, //SÓ VOLTO LÁ, // SE TU VOLTARES CÁ, // representa qualquer frase elocucional, composta, atoemática, constituída por uma sucessão de dois segmentos atoemáticos — o primeiro inconclusivo, informativamente actuante, e o segundo, conclusivo, informativamente actuante — cujos textos vocabulares inerentes sejam os que ortograficamente se transcrevem.

Outras composições de frases elocucionais atoemáticas: um segmento final com terminal atoemático, inconclusivo, antecedido de um ou mais do que um entoema inconclusivo / de um ou mais do que um segmento atoemático inconclusivo, etc.

A frase elocucional atoemática é um caso particular da frase elocucional. Quando se falar de uma «frase elocucional» e não se especificar, subentenda-se que se trata de uma «frase elocucional toemática».

11.30 — *Frase elocucional parcialmente resultante de uma verbalização*

Uma frase elocucional que não seja totalmente resultante de uma verbalização, é parcialmente recordada ou parcialmente lida, ou uma e outra coisa, desde que não tenha sido apresentativamente motivada (11.28; 11.31). Concretiza-se:

- A) Imagine-se um trecho de diálogo ortografável como se segue:
- I — Perguntaste ao José o que significou aquela teimosia do seu primo?
I' — Perguntei. Mas ele respondeu-me, secamente: «Não sei.»

Suponha-se que à resposta de I' corresponde a notação —

≠ PERGUNTEI. ≠ ≠ MAS ELE RESPONDEU-ME ≠ ≠ SECAMENTE ≠ ≠ NÃO SEL. ≠

Observa-se: uma frase elocucional-vocabular, simples, conclusiva, informativamente actuante, seguida de uma frase elocucional, composta, constituída por uma sequência conclusiva, informativamente actuante, formada por três entoemas.

A frase inicial assim como os dois primeiros entoemas na frase elocucional composta, resultam de uma verbalização, ao passo que o entoema final, podemos admiti-lo, foi recordado.

I' recordou mais ou menos precisa / ou vagamente, o que José respondera. O grau de semelhança apresentativa, entre

≠ NÃO SEL. ≠ proferido por I', e ≠ NÃO SEL. ≠, proferido por José, pode ter sido maior ou menor, mas no plano vocabular os dois entoemas foram idênticos.

I' pode ter recordado, imitando com maior ou menor fidelidade, o entoema proferido por José. Pode ter-se limitado a sugerir a expressão conferida por José, mediante o significado vocabular de

≠ SECAMENTE ≠, ou além de a sugerir ter proferido ≠ NÃO SEL. ≠ de modo a conferir-lhe a expressão que o vocábulo «SECAMENTE» traduz, depois de ter actuado como seu contexto adjunto, o entoema:

≠ MAS ELE RESPONDEU-ME ≠. De um ou de outro modo, a referida frase elocucional, composta, foi parcialmente verbalizada e parcialmente recordada.

Com maior ou menor precisão, ou apenas vagamente, I' recordou o que José respondera. Recordando o diálogo travado com I e o respectivo contexto global (4.12), I' verbalizou parte do que recordou do diálogo, e recordou real-mentalmente a resposta de José.

I' poderia ter respondido conforme se assinala:

± PERGUNTEI. ≠ ≠ MAS ELE RESPONDEU-ME ≠ ≠ SECAMENTE ≠ ≠ QUE NÃO SABIA. ≠

Teríamos, neste caso, uma frase elocucional composta, totalmente verbalizada.

I' pode ter recordado mentalmente uma resposta de I, mas não a recordou real-mentalmente.

B) Imagine-se que I abre um telegrama na presença de uma pessoa de família, vê de relance quem o assina, e profere em voz alta o que se transcreve do seguinte modo:

≠ É DA LUÍSA A DIZER ≠ ≠ CHEGO PARA JANTAR. ≠

I proferiu uma frase elocucional composta por um entoema inicial, inconclusivo, resultante de uma verbalização, e um entoema final, conclusivo, originado por uma leitura, em voz alta, e que pode ter sido antecedida, ou não, de uma «leitura silenciosa» do texto escrito que motivou o entoema considerado.

Verificou-se a ocorrência de uma frase elocucional, composta, parcialmente verbalizada e parcialmente lida.

11.31 — *Frase elocucional apresentativamente motivada*

Ocorrem frases elocucionais que se distinguem como «apresentativamente motivadas». Estas diferem das «recordadas» porque o não são no seu início ou na sua totalidade.

Qualquer pessoa experimenta, com maior ou menor frequência, voluntária ou involuntariamente, articulações fônicas que constituem frases elocucionais ou inícios de frases elocucionais, se proferir as articulações referidas, tornando-as audíveis.

Se a articulação experimentada constituir o início de uma frase, por exemplo a consoante inicial de «Vou.», pode ter lugar, como que automaticamente, um prosseguimento sonoro-articulatório de que resulta «Vou.» ou «Vai.» ou «Vê-se bem.», ou qualquer outra frase elocucional provocada pela referida consoante.

Pormenoriza-se: uma pessoa que se designa pela letra P, convidada a «falar a esmo», sem qualquer propósito comunicativo distinto, sem procurar ser coerente ou incoerente, apenas interessada na apresentação da sua elocução, experimentou involuntariamente $\neq v \neq$. Admitimos que o aparelho fonador de P estivesse, casualmente, na posição exigida pelo articulema (2.19) da consoante transcrita, e que um aumento de tensão da respectiva restrição lábio-dental, provocada pelo intuito de falar, tivesse feito sentir a referida posição articulatória.

P experimentou $\neq v \neq$ e o som experimentado, juntamente com o seu propósito de falar, fê-lo proferir a frase que se ortografa «Vê-se bem.» ou qualquer outra provocável pela articulação fricativa lábio-dental, juntamente com o desejo de falar, etc., etc.

A frase provocada pode motivar, como que automaticamente, o seu próprio prosseguimento, ou uma nova frase, conforme a actuação do seu contexto. Por sua vez, o seu prosseguimento ou a nova frase, pode motivar novo prosseguimento ou mais uma outra frase, conforme o contexto actuante, etc., etc. Dir-se-á, mais simplesmente: uma 1.ª apresentação motiva uma 2.ª, e esta, por sua vez, motiva uma 3.ª, e assim por diante, até que a sequência fica suspensa, voltando ou não a prosseguir-se depois de uma pausa mais ou menos longa.

Actuando apenas sonoro-articulatoriamente, independentemente do que representa, compreende-se que uma apresentação motive a ocorrência de uma outra com que não seja lexicalmente unificável.

11.32 — *Composição de um texto elocucional e respectiva espécie de elocução*

A)

Como possíveis componentes de um texto elocucional (2.40), distinguem-se: — frases elocucionais, simples ou compostas (11.23), toemáticas ou atoemáticas (11.29); onomatopeias (2.27), interjeições (2.28), locuções

interjectivas (2.36); pausas elocutivas respiratórias (3.49) e de verbalização elocucional (3.50).

Os componentes mais frequentes são as frases elocucionais toemáticas.

B)

Uma frase elocucional que não seja totalmente resultante de uma verbalização (11.30), nem tenha sido *apresentativamente motivada* (11.31), pode incluir, como vimos, duas espécies sucessivas de elocução: *verbalizada e recordada*, ou *verbalizada e lida*, na ordem mencionada ou na ordem inversa. Raramente será verbalizada, memorizada e lida, nesta ou noutra ordem, como por exemplo: *lida, verbalizada e memorizada*. Mas textos elocucionais de grande extensão, apresentam, frequentemente, as três espécies apontadas.

Um professor que na sua aula de literatura, diga de cor um soneto, leia, depois, um outro, e passe no fim da leitura a comentar o que recitou e leu, profere um texto elocucional com as três referidas espécies de elocução, na ordem seguinte: *recordada, lida e verbalizada*.

Entre os textos elocucionais de grande extensão figuram os resultantes de uma leitura ou de uma recitação de «textos redigidos», isto é, de textos escritos que constituem «redacções».

Redacção ou significa o acto de redigir ou um texto escrito dele proveniente. Na generalidade o texto mencionado resulta de uma série de verbalizações mentais ou elocucionais (2.45), ou de umas e de outras que se vão substituindo até originarem um texto escrito cuja leitura manifeste uma determinada *configuração* em prosa, com estes ou aqueles requisitos de clareza, de elegância, etc., / ou em verso branco ou rimado; uma determinada *conformação* — dialogada ou soliloquial-narrativa, soliloquial-didáctica; uma determinada *ordenação* — natural ou artificiosa. Etc., etc.

Textos redigidos evidenciam, normalmente, uma «*formação aperfeiçoada*» que se distingue mais ou menos claramente da «*inaperfeiçoada*» ou espontânea.

12 — SIGNIFICADO DE UM TEXTO ELOCUCIONAL E SUAS DETERMINANTES

12.1 — *Textos elocucionais que se examinam para se prosseguir no estudo do condicionamento do seu significado*

Nos parágrafos 5.12, 5.13 e 5.14, examinou-se instrumental e auditivamente, a formação do significado elocucional (5.9) de «apresentações» mono-alofônicas, poli-alofônicas monossilábicas e polissilábicas monovocabulares (5.11). Consideraram-se «apresentações» de palavras ou de interjeições, porque não se definira, ainda, o que se discriminou como «entoema» e como «frase elocucional». Estudou-se a formação do seu significado segundo contextos supostos, como já se fizera na «análise de expressões sonoras da compreensão» (1.1).

Examinou-se no parágrafo 8.25, o condicionamento do significado de entoemas monovocabulares distribuíveis em dois grupos: *a)* monossilábicos, mono e poli-alofônicos; *b)* dissilábicos e trissilábicos paroxítonos.

Orientando diversamente o decurso analítico, volta a examinar-se, agora, o condicionamento do significado de entoemas como os do grupo *a)*. Prossegue-se, depois, na pesquisa, analisando textos elocucionais diversamente constituídos.

A variedade que se observa na sua constituição e o espaço que o seu exame reclama, explicam que se considere neste capítulo, a fim de limitar convenientemente a sua extensão, apenas um reduzido número de elocuições representativas dos seguintes tipos de texto elocucional:

frase elocucional simples // frase elocucional composta (11.23; 12.3)

uma interjeição // uma sequência de interjeições

uma interjeição seguida ou antecedida de uma frase elocucional

Seja qual for a constituição do texto, atende-se, na sua apreciação, à respectiva espécie de elocução (11.25). Elocuições resultantes de verbalizações são seguidas de elocuições resultantes de leituras.

12.2 — *Ordenação dos textos elocucionais considerados para exame do seu significado*

De harmonia com o exposto no parágrafo anterior, e observada a conveniência em se principiar pelo estudo de uma frase elocucional de máxima simplicidade apresentativa, examina-se, primeiramente, a formação do significado de uma frase elocucional *simples*. Constituída por um só entoema (11.23), a sua extensão (2.41) no plano lexical e no plano alofónico é mínima se a referida frase for monovocabular e mono-alofónica. É, consequentemente, a partir deste tipo de texto que vai ser discriminado o significado elocucional de uma série de textos de complexidade crescente.

12.3 — *O significado de uma frase elocucional simples é o significado do entoema que a constitui*

Uma frase elocucional *simples*, conforme foi definida (11.23), é constituída por um entoema conclusivo, informativa ou interrogativamente actuante, ou por um entoema inconclusivo interrogativamente actuante.

Uma frase elocucional, *simples*, constitui um entoema, ao passo que um entoema pode constituir, ou não, uma frase elocucional *simples*. Um entoema inconclusivo, informativamente actuante, pode fazer parte de uma frase elocucional composta (11.23), mas não pode constituir uma frase elocucional *simples*.

12.4 — *Significado elocucional e aspecto de aceitação ou de inaceitação de um entoema*

1)

Para se designar o significado de um entoema, importa distinguir-se entre entoema independentemente actuante e entoema dependentemente actuante de um contexto (4.12).

O significado elocucional de um entoema independentemente actuante de qualquer contexto, é o seu *significado elocucional inerente*. No caso de ser contextualmente dependente, é o seu significado elocucional inerente, modificado por uma sua integração no que significar, elocucionalmente, o respectivo contexto. A modificação a que se alude, é, geralmente, uma ampliação do significado elocucional inerente do entoema.

Um entoema pode actuar independentemente de um contexto — global ou parcial, verbal ou in verbal, etc. — quer pelo facto de não ter sido experimentado pelo ouvinte qualquer contexto, quer porque o ouvinte tenha esquecido a sua actuação ou dela tenha abstraído.

Na realidade não há texto sem contexto actuante, mas este é parcial ou totalmente *indiscriminável*, o que significa que possa ser parcialmente *discriminado*, ou totalmente *indiscriminado*. Por outro lado, confirma a experiência verbal que o grau de actuação de um contexto, discriminado ou indiscriminado (4.22) (7.50), é variável, podendo ser de grau muito elevado ou quase nulo.

Conclui-se, em última análise, que um texto sem contexto actuante não é admissível, se bem que um contexto possa ser indiscriminável e a sua actuação possa ser praticamente nula, ou anulada por esquecimento ou por abstracção. Há sempre um contexto actuante indiscriminado que condiciona, parcial ou totalmente, a realização verbal, sem que o locutor saiba *porquê* ou *como*, já por não ser discriminável, já por o não ter discriminado, quer pelo facto de o ter experimentado e logo esquecido, quer porque dele abstraiu.

Distingue-se como especial o seguinte caso: o ouvinte conhece um texto por ter ouvido uma reprodução do seu fonograma, mas desconhece inteiramente o seu contexto. Imagina-o experimentando a particularização elocucional do texto ouvido, ou esquece o texto sem ter imaginado um contexto.

O designado por «significado elocucional de um entoema» — ou de qualquer outro texto elocucional-vocabular que não seja um entoema — é o significado resultante de uma actuação do seu «significado elocucional inerente» e do significado elocucional do seu «contexto global *incidente*» (7.50). Desenvolve-se:

— *significado elocucional inerente*: o resultante de uma conjugação do significado vocabular e do significado expressivo do respectivo texto elocucional-vocabular (1.5-c).

O significado expressivo do texto é o resultante da particularização da sua apresentação e da possível expressividade do seu texto vocabular (8.30).

— *significado elocucional do contexto global incidente*: o resultante de uma conjugação do significado vocabular e do significado expressivo do contexto global incidente.

— *contexto global*: o que se discrimina como complemento de um texto e o discriminado ou imaginado como motivo da sua ocorrência (4.12).

— *contexto global incidente*: o que incide sobre a percepção do ouvinte como relevante-actuante.

O significado expressivo do contexto global incidente é o resultante da particularização elocucional (2.23) da sua apresentação / da possível expressividade do seu significado vocabular / do significado de uma *expressão verbal* ou de uma *expressão in verbal* que lhe seja associada (8.30), ou de uma e de outra se forem ambas ocorrentes.

Resume-se, dizendo que se designa por «significado elocucional de um entoema» o seu significado elocucional inerente, particularizado por acção do significado elocucional do seu contexto global incidente.

Imagine-se, para concretizar, o seguinte episódio: um indivíduo I, estranhando determinada atitude do seu interlocutor I', proferiu a frase que se ortografa — «Mas tu disseste que me ajudavas, e afinal...» — com uma expressão apresentativa inicialmente conciliável com o significado de uma *acusação* que se abrande inconclusivamente.

Suposta reacção de I':

— lento jogo fisionómico com simultâneo encolher de ombros, a exteriorizar «resignação», durante uma pausa interlocutiva. É uma «expressão in verbal associada» ao entoema que I' vai proferir, por sequência de actuações (2.5);

— o entoema $\neq$ DISSE.| $\neq$ é proferido por I com particularização temporal-longa de toda a apresentação, mas em maior grau na sílaba tónica; com particularização tensional de todo o entoema, mas em especial do trecho consonântico da sílaba final; com restrição consonântica da saída do sopro fónico e ruído de fricção muito audível.

A expressão apresentativa do entoema proferido por I' realça a sua apresentação e, consequentemente, o seu significado lexical, além de exteriorizar um sentimento de *restrição*.

— durante o entoema, I' exprime *evidência* mediante afastamento dos braços e exibição das palmas das mãos. É uma «expressão in verbal associada» por simultaneidade da actuações (2.5).

O significado lexical do entoema, verbal e in verbalmente posto em evidência, equivale a «É claro que disse!», e mediante a restrição expressa, torna-se equivalente a «É claro que disse, mas...». Por acção do significado elocucional do contexto global incidente, passa a equivaler a «É claro que disse que te ajudava, mas...»

A seguir ao entoema que profere, I' exprime *constrangimento* emitindo uma interjeição originada por uma fricção audível de sopro fónico áfono bilabialmente restringido e com tensão decrescente em nível elevado. É uma «expressão verbal associada» por sequência de actuações (2.5).

Esquematiza-se a suposta reacção de I':

I' exprime in verbalmente *resignação* durante a pausa interlocutiva

I' profere $\neq$ DISSE.| $\neq$ com expressão in verbal, simultânea, de *evidência* e expressão apresentativa de *realce* com *restrição conclusiva*.

I' profere uma interjeição que exprime *constrangimento*

O «contexto global incidente» torna o entoema equivalente a uma frase elocucional que se ortografa «É claro que disse que te ajudava, mas...»

Descreve-se interpretativamente: I' perante a acusação inconclusivamente expressa por I, com abrandamento final, exterioriza *resignação* e afirma

seguidamente que disse, realçando o facto de ter dito e exprimindo ser evidente ter dito o que por acção do contexto global incidente, equivaleu a «É claro que disse que te ajudava, mas...». Ao concluir a sua afirmação, I' exprime, apresentativamente, *restrição*. Manifesta depois, verbalmente, *constrangimento*

Falta um contexto que explique o motivo do constrangimento interjeccionalmente manifestado por I'. Mas pode, por exemplo, supor-se que foi motivado pelo esforço que ele fez para reprimir o seu desejo de acrescentar, recriminativamente: «Soube a tempo que não merecias nenhuma ajuda!...»

II)

Conforme já se disse (7.41), uma pessoa *aceita* um entoema (ou outro texto elocucional-vocabular) informativamente actuante que ouve proferir a outrem, se o significado elocucional desse entoema for conciliável com o seu saber; ou porque, simplesmente *aceita* o que lhe seja dito por quem falou.

Mas *aceita*, de facto o entoema e manifesta a sua adesão, se o compreende; e compreende-o se ele tiver, vocabular e expressivamente, um significado que não colida com o que ele sabe, que não levante dúvidas, dificuldade de compreensão ou incompreensão.

A realização de um entoema, informativamente actuante, quer este resulte de uma verbalização elocucional (2.45) quer de uma leitura (2.49), quer seja recordado (2.50), implica que o locutor que o realiza tenha compreendido o que verbalizou, ou o que leu, ou o que decorou. Normalmente, exprime em qualquer dos casos, *aceitação*.

Quando o locutor não compreende e fala sobre o que não compreende, ou nega ou contradiz, ou diz que não compreende, ou interroga. Se contradiz ou diz que não compreendeu, exprime, apresentativamente, *aceitação*. Não compreender é compreender que não se compreendeu.

Imagine-se que I diz a I', exprimindo um elevado grau de *aceitação*: «— O Afonso está no Algarve.» Distinguem-se dois casos:

a) I' compreende, porque o que I lhe diz é conciliável com o que I' sabe a respeito do Afonso.

Verifica-se que I exprime *aceitação* e que I' a experimenta.

b) I' não compreende, porque o que I lhe diz, não é conciliável com o que I' sabe a respeito do Afonso. I' está longe do Algarve e viu o Afonso uns momentos antes.

I' experimenta *inaceitação*. I' pode reagir, verbalmente, de uma das seguintes maneiras:

1. Exprimindo *aceitação*, I' nega o que I disse, dizendo: «— O Afonso não está no Algarve.»

2. Exprimindo *aceitação*, I' diz a I: «— Não compreendo o que disseste porque vi há pouco o Afonso.

3. Exprimindo *admiração* e *suspeita*, I' pergunta a I: «— O Afonso está no Algarve!?

Comenta-se:

No caso 1., I' exprimiu *aceitação* por ter compreendido o que disse, e compreendeu o que disse por ter visto o que viu.

O entoema proferido por I' não exprimiu *inaceitação*, mas o seu significado vocabular denunciou que foi a *inaceitação* experimentada por I' perante o que I lhe disse, o que o motivou.

No caso 2., I' exprimiu *aceitação* por ter compreendido que não compreendera o que I lhe disse. E não o compreendeu por ser inconciliável com o que vira, tê-lo compreendido.

O significado vocabular do entoema denunciou, como no caso anterior, que o seu contexto motivante foi a *inaceitação* experimentada por I' perante o que I lhe disse.

No caso 3., I' comunica a I, interrogativamente, o que supôs como resposta ao que pretendeu saber, para verificar se o que supõe é experimentado por I com um consequente sentimento de *aceitação* ou de *inaceitação* (7.41; 7.42).

I' comunica a I, interrogativamente, o que I comunicou a I' informativamente, o que revela que I' não aceitou o que I lhe disse. E não aceitou porque vira Afonso momentos antes.

I' exprimiu *admiração* por I ter dito que «o Afonso estava no Algarve», mediante descida lenta de tonalidade e consequente duração longa da sílaba tónica da 2.^a palavra do entoema; e exprimiu *suspeita* por desconfiar que I bem sabia que «o Afonso já não estava no Algarve», mediante nasalidade particularizante de todo o entoema, especialmente do seu toema fundamental.

O aspecto de *aceitação* pode ser expresso verbalmente por um entoema, mediante particularização de sua apresentação, ou inverbalmente, como seja, por exemplo, mediante um aceno afirmativo de cabeça; ou verbal e inverbalmente.

A particularização apresentativa de um entoema que exprime verbalmente *aceitação*, é um *aspecto componente* do entoema. O aceno que a exprime inverbalmente, é um *aspecto componente* do seu contexto (2.5-C).

O aspecto de *inaceitação* se esta for «perceptual» não pode ser expresso verbalmente, por um entoema mediante particularização da sua apresentação; só pode sê-lo inverbalmente, seja, por exemplo, mediante um aceno negativo de cabeça, que ocorre antes, ou depois, ou durante o entoema. Se é «afectiva» pode ser expresso verbalmente por um entoema, mediante particularização da sua apresentação; ou inverbalmente, ou de ambos os modos (12.10).

Distingue-se como «perceptual» uma *inaceitação* originada por não compreensão, e como *afectiva* a que resulta de um sentimento de *repúdio* perante o compreendido.

O aspecto de *aceitação* ou o de *inaceitação* experimentado pelo ouvinte de um entoema que o origina, é um *aspecto consequente* do significado elocucional desse entoema e do «saber» do ouvinte (7.41).

São *consequentes* (2.5-C) os aspectos de *afirmação, confirmação, concordância*, etc., bem como os de *negação, contradição, discordância*, etc., respectivamente assumidos por aspectos de *aceitação* ou de *inaceitação perceptual*, segundo o texto, ou o contexto, ou o texto e o contexto do entoema actuante.

Considerou-se o entoema lexicalmente actuante, isto é, o entoema que significa no plano lexical o que a respectiva *língua* determina que signifique mediante o texto vocabular nele implícito (4.2; 4.4; 4.7; 4.8).

Foi, também, considerado lexicalmente actuante, o contexto verbal do entoema.

Passa-se ao exame do significado de um texto elocucional.

A) Elocuções resultantes de uma verbalização (2.48).

12.5 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular mono-alofônica*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I': «HÁ»

1.ª suposição

Apresentação: — Entoema totalmente toemático (7.4) e modalidade delimitativa (7.43) expressa por um toema conclusivo, regressivo, conforme a notação 1 do Quadro XVII (7.12) assinala;

— faixa tonal (3.32) particularmente aguda.

Contexto verbal: — o que motivou o entoema proferido por I', no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — Há uma grande diferença entre uma coisa e a outra? //Pausa interlocutiva.//

I' — Há. //Período não elocucional// (3.54).

Foi o contexto verbal motivante (4.22); de uma verbalização elocucional (2.44; 2.45) de I'. Dela resultou a sua resposta à pergunta de I.

Supõe-se que I' ouviu a interrogação de I e que o analista só teve conhecimento do respectivo texto escrito (2.42), ignorando, portanto, a sua particularização expressiva (8.5). Apenas pôde deduzir do ponto-de-interrogação ocorrente no referido texto escrito, que a modalidade comunicativa do proferido por I, foi interrogativa.

Significado vocabular do contexto verbal da frase proferida por I': o resultante da sua actuação lexical, como foi suposto.

Significado vocabular da frase proferida por I', independentemente de um contexto: o resultante da sua actuação lexical, como se presumiu.

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': da conjugação do significado vocabular do seu contexto verbal com o do seu texto, resulta uma ampliação do significado vocabular da frase mencionada. Esta torna-se equivalente, no plano lexical, a «HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE UMA COISA E A OUTRA».

Significado expressivo da frase proferida por I: sabe-se, apenas, como acima se disse que actuou interrogativamente. Ignora-se a sua particularização expressiva. Poderia

ter sido imaginada ao ser lida a frase escrita, mas abstraiu-se da expressão que o leitor lhe poderia ter conferido.

Significado expressivo da frase proferida por I': a valorização do seu significado vocabular contextualmente ampliado mediante a suposta particularização tonal de realce (8.8) da sua apresentação, traduz uma *vivacidade* que sugere *certeza*. A valorização da sua modalidade conclusiva, mediante a mesma particularização de realce, confere-lhe o aspecto de *afirmação*.

Significado expressivo do contexto inverbal da frase proferida por I': supõe-se que o contexto inverbal foi inactuante.

Supõe-se, implicitamente, que a pausa interlocutiva ocorrente entre o final da elocução de I e o início da elocução de I', foi, simplesmente, temporal (7.49). Durante ela não actuou um contexto mimico ou qualquer outro contexto inverbal. Também não actuou durante o período não elocucional ocorrente depois da elocução de I'.

De uma conjugação do significado elocucional inerente e do significado do contexto global incidente (12.4) do entoema proferido por I', resultou que o seu significado elocucional contextualmente ampliado (12.4-I) admite a seguinte descrição: frase elocucional conclusiva $\neq \text{HA.} \neq$, equivalente, no plano vocabular, a «HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE UMA COISA E A OUTRA» e exprimindo, no plano apresentativo, uma *informação* que sugere *certeza* e vale como *afirmação* (7.39-b).

O aspecto de *certeza* é uma consequência do grau de *aceitação* da compreensão (7.41) experimentada por I'. Segundo a particularização expressiva do entoema que proferiu, foi de grau elevado.

2.ª suposição

Difere da primeira por se admitir um contexto verbal diverso. Supõe-se agora que o respectivo fragmento de diálogo, escrito, foi:

I — Há uma grande diferença entre uma coisa e a outra. //Pausa interlocutiva//

I' — HÁ. //Período não elocucional//

Em virtude da actuação informativa do contexto verbal agora suposto, a *afirmação* elocucionalmente comunicada por I', significa, por seu turno, *concordância*, *confirmação*. Se o fragmento de diálogo, escrito, tivesse sido:

I — Não há uma grande diferença entre uma coisa e a outra. //Pausa interlocutiva//

I' — HÁ. //Período não elocucional//

a *afirmação* elocucionalmente comunicada por I', significaria, por sua vez, *discordância*, *contradição*.

Observe-se que o aspecto de *concordância* ou o de *discordância*, não foi elocucionalmente comunicado por I'; nem vocabular nem expressivamente, nem de um e de outro modo. O aspecto de «concordância» é uma consequência do aspecto de *afirmação* elocucionalmente comunicado por I' e do mesmo aspecto, vocabularmente comunicado por I; o de «discordância» é uma consequência do aspecto de «afirmação» elocucionalmente comunicado por I' e do aspecto de *negação* vocabularmente comunicado por I.

3.ª suposição

Difere da primeira por se admitir que a qualidade da vogal e a lentidão do seu decurso exteriorizaram *mágoa*.

Da conjugação das actuações significativas postas em jogo, resulta uma frase elocucional que só difere da que lhe corresponde na 1.ª suposição, pelo facto de exprimir *pesar* além de *certeza* na *afirmação*.

Teve lugar uma particularização expressiva, simultaneamente de realce e sentimental, de um entoema monovocabular (8.24).

4.ª suposição

Apresentação: — Entoema totalmente toemático e modalidade delimitativa expressa por um toema inconclusivo ascendente, progressivo-constante-regressivo, conforme a notação 6 do Quadro XVII (7.12) assinala.

— faixa tonal particularmente aguda.

Contexto verbal: — o que motivou o entoema proferido por I', no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — Há uma grande diferença entre uma coisa e a outra. //Pausa interlocutiva//

I' — Há? //Pausa interlocutiva.//

A pergunta de I' constitui uma frase elocucional simples, resultante da verbalização de uma compreensão motivada pela informação de I.

Como no caso da primeira suposição, supõe-se que o analista ignora a particularização expressiva do proferido por I. Apenas pôde deduzir do ponto-final que figura no contexto escrito que a modalidade comunicativa do proferido por I, foi informativa.

Significado vocabular da frase proferida por I: o resultante da sua actuação lexical, como foi suposto.

Significado vocabular da frase proferida por I' (independentemente de um contexto): o resultante da sua actuação lexical, como se presumiu.

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': da conjugação do significado vocabular do seu contexto verbal com o do seu texto, resulta uma ampliação do significado vocabular da referida frase. Esta torna-se equivalente, no plano lexical, a «HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE UMA COISA E A OUTRA».

Significado expressivo do contexto verbal da frase proferida por I': sabe-se, apenas, como atrás se disse, que actuou informativamente sobre I.

Significado expressivo da frase proferida por I': valorização do seu significado vocabular e da sua actuação interrogativa (7.42), mediante a particularização tonal de realce da sua apresentação.

Exprime uma vivacidade que confere à interrogação o aspecto de *curiosidade*.

Significado expressivo do contexto inverbal: supõe-se que a pausa interlocutiva ocorrente depois da frase proferida por I' constituiu um «contexto inverbal expectante» (7.47; 7.48) que exprimiu *atenção* além de *interrogação*.

Da conjugação das actuações significativas referidas resulta uma frase elocucional inconclusiva $\neq \text{HÁ} \neq$, vocabularmente equivalente a «HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE UMA COISA E A OUTRA», que actua na modalidade

interrogativa (7.46), constituindo uma interrogação que denuncia curiosidade indagadoramente insistente.

Observa-se: se a modalidade delimitativa tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática inconclusiva-cumulativa de tipo ascendente (6.15), como a notação 4 do Quadro XIX (7.12) assinala, não teria diferido de modo apreciável, o significado elocucional da frase.

O mesmo não sucederia, se a modalidade delimitativa tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática inconclusiva de tipo constante-ascendente ou de tipo descendente-ascendente, como as notações 5 e 6 do referido quadro, respectivamente, traduzem. Admitindo que a constância qualitativa do toema secundário, se fez sentir em qualquer dos casos, verificou-se em qualquer das duas elocuições um aspecto de *clareza* que salientou o significado vocabular da interrogação.

5.ª suposição

Difere da primeira por se admitir que a modalidade delimitativa da frase proferida por I', foi expressa por uma sequência ditoemática conclusiva-cumulativa (6.14) conforme a notação 1 do Quadro XIX assinala.

Verifica-se: a mencionada diversidade do trecho toemático pode não motivar uma diversidade apreciável do significado expressivo.

Se a modalidade delimitativa tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática conclusiva, de tipo constante-descendente, como a notação 2 do Quadro XIX indica, ou do tipo ascendente-descendente, conforme a notação 3 do mesmo quadro traduz, verificar-se-ia em qualquer das elocuições, uma valorização do significado vocabular respectivo, a exprimir *clareza*, desde que a constância qualitativa do toema secundário se fizesse sentir pelo seu nível temporal ou tensional, ou qualitativo, quer por actuação conjunta de dois dos factores apontados, ou de todos eles.

6.ª suposição

Difere da primeira por se admitir que o proferido por I' apresenta um toema conclusivo antecedido de um trecho atoemático, regressivo, de tonalidade descendente, conforme a notação 1 do Quadro XVIII (7.12) assinala.

Verifica-se: a diversidade apontada não motiva diversidade expressiva normalmente discriminável. Quer isto dizer que da substituição de um toema semelhante ao assinalado pela notação 1 do Quadro XVII por um toema semelhante ao que a notação 1 do Quadro XVIII traduz, antecedido do mencionado trecho atoemático, não resulta diversidade normalmente apreciável de significado expressivo.

Também não resultaria alteração sensível de expressão, da substituição de um toema semelhante ao transcrito pela notação 1 do Quadro XVII, ou ao simbolizado pela notação 1 do Quadro XVIII, por um trecho ditoemático semelhante ao assinalado pela notação 1 do Quadro XIX.

Considerando os quadros XVII, XVIII e XIX, pode afirmar-se que, de um modo geral, trechos representativos semelhantes aos designados por 1, 4 e 7, do primeiro quadro, são substituíveis por trechos semelhantes aos designados por 1, 4 e 7, respectivamente, do segundo quadro ou do terceiro, sem alteração apreciável de significado expressivo.

7.ª suposição

Difere da quarta por se admitir que a modalidade delimitativa da frase proferida por I' foi expressa por um toema inconclusivo, regressivo, de tonalidade constante, como a notação 7

do Quadro XVII indica, em vez de um toema inconclusivo, regressivo, de tonalidade ascendente, como a notação 4 do mesmo quadro traduz.

Observa-se: a modalidade comunicativa do entoema proferido por I' é ambígua. Pode actuar informativa ou interrogativamente sobre I, se o seu contexto não determinar que actue de um ou de outro modo.

Admitiu-se que o contexto verbal motivante do entoema proferido por I', foi deduzido do fragmento de diálogo ortografável como se segue:

I — Há uma grande diferença entre uma coisa e a outra.

I' — Há?

Admitiu-se que o significado expressivo do respectivo contexto inverbal foi inactuante.

Para que o contexto global (4.12) incidente (12.4-1) determine que o proferido por I' actue interrogativamente sobre I, justificando o ponto-de-interrogação que figura na transcrição ortográfica, terá de abranger, por exemplo, um contexto inverbal (4.24) que denuncie ao ouvinte mediante expressão fisionómica, atitude expectante, ou outra actuação inverbal, que o seu interlocutor o interroga.

Importa notar que o contexto verbal suposto, só seria conciliável como uma actuação informativa de I', se a expressão por ele conferida à sua frase, traduzisse *confirmação*. Perante o comunicado informativamente, I' confirmava ou interrogava.

Mas um contexto verbal ou inverbal, latente, recordado por I, poderia determinar que o proferido por I' actuasse interrogativamente. Assim aconteceria se I recordasse que I' gostava de ter conhecimento da diferença a que se aludiu no diálogo.

Diga-se, ainda, que o decurso do entoema examinado, em nível tonal particularmente agudo, como foi suposto, confere-lhe maior possibilidade de actuação interrogativa.

Um toema de tonalidade constante como o representado pela notação 7 do Quadro XVII, ou uma sequência cujo toema fundamental a manifesta — notações 7, 8 e 9 do Quadro XVIII — actua, muitas vezes, delimitativamente, de modo ambíguo. Pode actuar, com frequência, conclusiva ou inconclusivamente, porque a sua tonalidade é muitas vezes experimentada como ascendente e muitas vezes, também, como descendente, se bem que em pequeno grau.

O que se disse sobre tonalidade e linha tonal (3.30) e o exposto sobre a possível ambiguidade resultante do efeito auditivo de uma tonalidade que varia em sentido diverso do manifestado pela sua linha tonal (3.40), tornam mais compreensível o facto de uma tonalidade constante poder ser, facilmente, sentida pelo ouvinte como ascendente ou como descendente.

É oportuno recordar as observações formuladas nos parágrafos 5.15, 5.16 e 5.17 sobre a tonalidade de uma apresentação.

12.6 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, monossilábica, poli-alofónica*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I': «VAD»

1.ª suposição

Apresentação: — entoema monotoemático (7.3) sem trecho atoemático (7.4) inicial, e modalidade delimitativa expressa por um toema conclusivo conforme a notação 1 do Quadro XVII assinala;

— particularização tonal-temporal-tensional-qualitativa (8.18), mediante declive tonal, duração longa, elevado nível tensional, e qualidade regressiva nasalada do primeiro e do segundo elemento do ditongo.

Contexto verbal: — o que motivou o entoema proferido por I', no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — O Miguel irá ao próximo concurso? //Pausa interlocutiva//

I' — Vai. //Pausa interlocutiva//

A pergunta de I provocou a ocorrência em I' de um panorama mental que deu lugar a um decurso de uma compreensão (2.2). A verbalização da compreensão originada constituiu a resposta de I'.

Significado vocabular do contexto verbal: — o resultante — supõe-se — da sua actuação lexical.

Significado vocabular da frase proferida por I, independentemente de um contexto: o resultante — supõe-se — da sua actuação lexical.

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': — equivalente, no plano lexical, a «O MIGUEL VAI AO PRÓXIMO CONCURSO». Ampliação resultante da conjugação do significado vocabular do contexto verbal do entoema com o do seu texto.

Significado expressivo do contexto verbal: — a frase proferida por I, exprimiu *admiração, estranheza e inconclusão*.

Significado expressivo da frase proferida por I': valorização do seu significado vocabular, contextualmente ampliado, e do grau de *aceitação* da compreensão verbalizada (7.41). Exteriorização de *suspeita*.

Significado expressivo do contexto inverbal da frase proferida por I': supõe-se que a pausa interlocutiva ocorrente depois da frase proferida por I, foi *ponderativa* (7.49). Gesticulação de I' durante esta pausa e durante o entoema por ele proferido, interpretável como exteriorização de um *decurso mental muito extenso*. Expressão fisionómica de I' durante o entoema que profere, interpretável como exteriorização de *perscrutação*.

Da conjugação das referidas actuações significativas resultou que o proferido por I' constituiu uma frase elocucional conclusiva $\neq \boxed{\text{VAI}} \neq$, vocabularmente equivalente a «O MIGUEL VAI AO PRÓXIMO CONCURSO» que actuou sobre I na modalidade informativa como uma afirmação ponderada que

se deduz perscrutando, subtilmente, o possível significado global incidente (12.4) do entoema proferido por I.

I interrogou I' exteriorizando admiração perante uma possibilidade que admitia com estranheza «a de Miguel ir ao próximo concurso».

I', mediante pausa ponderativa e gesticulação traduzindo complexidade, e uma expressão fisionómica denunciando indagação suspeitosa, tornou a sua resposta equivalente a esta outra que ortograficamente se assinala: «Pensando nas muitas coisas que sei a respeito do Miguel e do concurso, desconfio bem que ele vai.»

Considerando a particularização apresentativa do proferido por I', acrescenta-se: — qualidade regressiva e nasalada do entoema, exprime desconfiança;

— o grau de declive tonal e o elevado nível tonal-tensional-temporal significaram que foi grande o grau de desconfiança exteriorizado;

— o grau de declive tonal e elevado nível tonal-tensional-temporal concomitante, manifestaram um alto grau de aceitação da desconfiança expressa, o que corresponde a dizer-se que a desconfiança foi manifestada num sentido muito afirmativo;

— o carácter particularmente agudo do nível tonal inicial do entoema, confere-lhe o significado de *subtileza*.

Comentários: — se a modalidade delimitativa do entoema tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática conclusiva de tipo ascendente-descendente como a notação 3 do Quadro XIX, assinala, ou de tipo constante-descendente como a notação 2 traduz, não seria diferente o seu significado elocucional. Também não seria diferente se a modalidade delimitativa tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática, conclusiva-cumulativa, do tipo descendente (notação 1 do Quadro XIX).

— a substituição de uma sequência ditoemática conclusiva do tipo constante-descendente (notação 2 do Quadro XIX) por um toema conclusivo, antecedido de um trecho atoemático de tonalidade constante, como a notação 2 do Quadro XVIII traduz, também não originava mudança de significado elocucional do respectivo entoema. O mesmo sucederia se fosse descendente ou ascendente a tonalidade do trecho atoemático, como indicam, respectivamente, as notações 1 e 3 do Quadro XVIII.

2.ª suposição

Difere da primeira por se admitir que a modalidade delimitativa da frase proferida por I', foi expressa por um toema inconclusivo regressivo, de tonalidade constante, como a notação 7 do Quadro XVII traduz, e não por um toema conclusivo, regressivo, como a notação 1 do mesmo quadro, simboliza.

Observa-se, como no caso considerado na 7.ª suposição do parágrafo anterior, que o entoema pode actuar, delimitativamente, de modo ambíguo. No presente caso, o proferido por I, mercê do significado vocabular de «irá» e da sua actuação interrogativa, impede que a frase de I' actue, também, interrogativamente. Coaduna-se com uma actuação interrogativa, o decurso do entoema em nível tonal particularmente agudo; concilia-se, pelo contrário, com uma actuação informativa, a particularização temporal-tensional que esse decurso manifesta. Mas o facto de não exprimir *aceitação* confere ao entoema realizado por I' maior possibilidade de actuar interrogativamente, possibilidade essa que é contrariada, como dissemos, pelo contexto verbal que motivou a sua ocorrência.

Se a modalidade delimitativa tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática, inconclusiva, de tipo constante-cumulativo, como a notação 7 do Quadro XIX indica, ou do tipo ascendente-constante como a notação 9 do mesmo quadro traduz, ou, ainda,

de tipo descendente-constante como a notação 8 simboliza, não se verificaria diversidade apreciável de significado elocucional.

3.^a suposição

Difere da 1.^a por se admitir que a frase elocucional, proferida por I, exprime conclusão e que o vocábulo correspondente à sua terceira palavra é «VAI» em vez de «IRÁ» o que lhe confere um significado lexical menos restritivo. É ortografável do seguinte modo:

I — O Miguel vai ao próximo concurso. //Pausa interlocutiva//

Difere, também, porque se supõe:

— a modalidade delimitativa da frase proferida por I' é expressa por um toema inconclusivo, regressivo, de tonalidade constante — como no caso da 2.^a suposição — e que a notação 7 do Quadro XVII traduz;

— o contexto inverbal do proferido por I', ou o do proferido por I, foi constituído por uma pausa simplesmente temporal, não particularizante (7.49).

Sendo assim, o entoema proferido por I' pode actuar interrogativamente. A frase proferida por I — seu contexto verbal motivante — não impede que a elocução de I' actue interrogativamente, mediante o seu toema fundamental inconclusivo. Pode, portanto ortografar-se:

I' — Vai?

Mas também não impede que a frase proferida por I' actue informativamente, se bem que muito obscuramente, por não exprimir *aceitação* (7.41) nem, consequentemente, traduzir *afirmação* ou *confirmação* (7.39, 7.41, 12.5).

Se a modalidade delimitativa fosse expressa por uma sequência ditoemática, inconclusiva, de tipo constante-cumulativo, conforme a notação 7 do Quadro XIX e não por um toema inconclusivo conforme a notação 7 do Quadro XVII, não se verificaria diversidade de significado elocucional.

Observa-se, porém, que uma modalidade delimitativa inconclusiva, expressa conforme a notação 9 do Quadro XIX, se concilia mais dificilmente com uma actuação informativa. Concilia-se mais dificilmente com uma actuação interrogativa se for expressa conforme a notação 8 do Quadro XIX.

12.7 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, dissilábica, aguda*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I':
«ANZOL»

1.^a suposição

Apresentação: — entoema com trecho atoemático inicial e modalidade delimitativa expressa por uma sequência primacial ditoemática conclusiva de tipo ascendente-descendente, como a notação 1 da fig. 81 representa;

— particularização tonal-temporal-tensional (8.16) da sílaba tónica, mediante grande acento tonal do toema secundário / grande declive tonal e duração longa do toema fundamental / elevado nível tensional a partir do seu início e até final do seu toema secundário;

- particularização qualitativa da sílaba tónica mediante decurso em nível elevado, sem velarização, durante o toema secundário, por *acção modificadora* da lateral final;
- particularização temporal-longa da sílaba átona;
- constrição predorso-palatal do sopro fónico durante a fase de tensão da consoante e constrição glotal durante a vogal da sílaba tónica.

Contexto verbal da frase proferida por I': o proferido por I no fragmento de diálogo que se ortografa (contexto não-adjunto mais próximo (4.15)):

I — Isto como se chama? //Pausa expectante// (7.49)

I' — Anzol. //Pausa interlocutiva// (3.52).

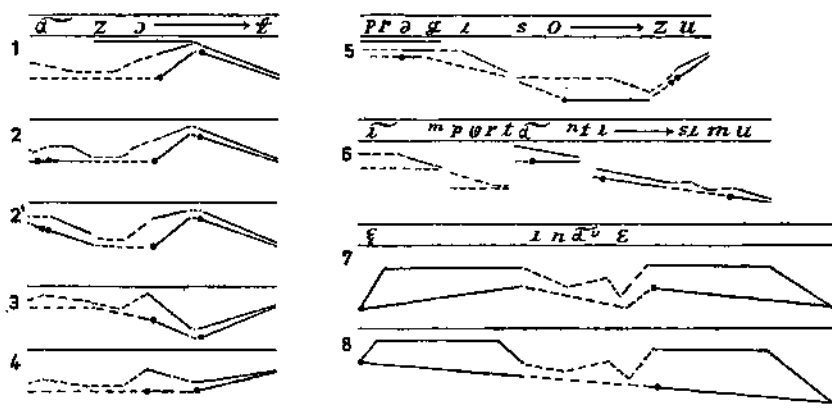


Fig. 81

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': — equivale no plano lexical a «ISSO CHAMA-SE ANZOL»

Seu significado expressivo: — exteriorização fónica de *desagrado* mediante constrangimento glotal do sopro fónico durante todo o decurso da sílaba tónica, isto é, da sílaba estruturalmente acentuada (2.24);

— exteriorização de *concisão* da compreensão conclusiva que originou o objecto verbalizado pelo entoema, mediante a particularização, atrás referida, do seu toema secundário.

Seu contexto inverbal: — exteriorização fisionómica de *desagrado*, durante toda a elocução, mediante constrangimento facial;

— exteriorização que evidencia uma compreensão mediante o conhecido gesto de abertura e rotação dos braços para exibição das palmas das mãos, durante a sílaba tónica e a pausa interlocutiva iniciada por I'.

Significado expressivo contextualmente ampliado da frase proferida por I': — expressão de *desagrado*, fónica e fisionomicamente manifestado, e, inverbalmente, de *evidência*.

Da conjugação das referidas actuações significativas resultou que o proferido por I', constituiu uma frase elocucional conclusiva $\neq \text{ANZOL} \neq$, vocabularmente equivalente a «ISSO CHAMA-SE ANZOL» que actuou sobre I

na modalidade informativa, exprimindo *desagrado* e *evidência*, aspectos estes que são interpretáveis pelo ouvinte do seguinte modo: desagradou a I' o facto de I não ter reconhecido o objecto que designou por «isto» e que, evidentemente, não podia ser senão o designado pelo texto vocabular inerente ao entoema que proferiu. De modo a justificar a interpretação do entoema no plano expressivo, ortografa-se um possível prosseguimento do diálogo:

- I — Parece-me que a pergunta te aborreceu.
I' — Vê-se bem que é um anzol!
I — Nunca tinha visto anzois tão bem disfarçados!

O ponto-de-exclamação traduz uma expressão predominantemente sentimental, mas não a particulariza (2.42). Procurou-se redigir e ortografar um possível prosseguimento do diálogo, com um mínimo de probabilidade de ser expressivamente alterado de forma inconveniente, pelo leitor, o que se pretendeu que ele significasse.

2.ª suposição

Difere da 1.ª por se admitir que durante a sílaba átona, temporalmente particularizada por longa duração, ocorreu um toema secundário de tonalidade constante, antecedido de um trecho atoemático (6.38) com breve ímpeto tensional, de tonalidade também constante. Corresponde-lhe a notação 2-81.

A frase elocucional proferida por I' manifestou, portanto, um acento expressivo, parcialmente toemático (6.34), de que resultou um destaque do seu significado lexical.

Se lhe fivesse correspondido a notação 2', teríamos ainda maior realce do que no caso anterior, do significado vocabular do entoema, relativamente ao correspondente à notação 1-81.

A ocorrência de um acento toemático secundário (6.35) particulariza expressivamente a palavra que o manifesta, realçando-a de uma forma muito sensível. Origina sempre o seu destaque, embora em maior ou menor grau, conforme a respectiva magnitude de actuação apresentativa, sobretudo a tensional (3.14) e a de sonoridade.

3.ª suposição

Apresentação: — entoema com longo trecho atoemático inicial e modalidade delimitativa expressa por uma sequência inconclusiva de tipo descendente-ascendente, como a notação 3-81 representa;

— particularização tonal-temporal-tensional da sílaba tónica mediante grande declive tonal / duração longa / e elevado nível tensional do toema secundário. Grande acento e duração longa do toema fundamental;

— qualidade nasal particularizante do toema secundário;

— particularização tonal aguda e temporal longa, em baixo nível tensional, da sílaba átona, inicial.

Contexto verbal da frase proferida por I': o proferido por I, no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa (contexto não-adjunto mais próximo):

- I — Isso que estás a ver é um anzol. //Pausa interlocutiva//
I' — Anzol? //Pausa interlocutiva// (3.52)

O ponto-de-exclamação seguido de ponto-de-interrogação traduz aspecto exclamativo e modalidade comunicativa-interrogativa (2.42). Neste caso procurou-se ortografar com um mínimo de probabilidade de ser expressivamente alterado, de forma inconveniente, pelo leitor, o que se pretendeu que a respectiva frase significasse.

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': — equivale, no plano lexical, a «ISTO QUE ESTOU A VER É UM ANZOL».

Seu *significado expressivo*: — exteriorização fónica de *estranheza* mediante nasalidade do toema secundário, e em grau elevado, mediante o seu elevado grau de actuação.

Seu *contexto inverbal*: — I' olha interrogativamente para I durante a pausa interlocutiva por este iniciada, e denuncia *inaceitação* mediante um jogo mimico-fisionómico.

Significado expressivo contextualmente ampliado da frase proferida por I': — expressão fónica de *estranheza* em grau elevado, motivada por *inaceitação* do que lhe foi comunicado por I.

Da conjugação das referidas actuações significativas resulta que o proferido por I' constituiu uma frase elocucional inconclusiva $\neq$ ANZOL $\neq$ vocabularmente equivalente a «ISTO CHAMA-SE ANZOL» que actuou sobre I, interrogativamente, exprimindo *estranheza* e *inaceitação*, aspectos estes que são interpretáveis pelo ouvinte do seguinte modo: I' estranhou a informação de I por não aceitar que o objecto designado por «ISTO» fosse o designado pelo texto vocabular inerente ao entoema que proferiu.

Se a modalidade delimitativa tivesse sido expressa por uma sequência ditoemática de tipo constante-ascendente como a notação 4.81 assinala, seria menor o realce do significado elocucional do entoema.

12.8 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional, monovocabular, tetrassilábica aguda*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I': «TRIANGULAR»

1.ª suposição

Apresentação: — entoema com a modalidade delimitativa expressa por um toema inconclusivo;

— 2.ª sílaba experimentada como particularmente aguda e particularmente longa, conforme se esquematiza na fig. 1 do Quadro XXXVIII (8.15);

— tonalidade dolente e andamento lento de todo o decurso;

— baixo nível tensional.

Contexto verbal da frase proferida por I': — o que foi dito por I, no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — O terreno é triangular. //Pausa interlocutiva//

I' — Triangular ... //Pausa interlocutiva//

Utilizamos, neste caso, as reticências — sinal de pontuação a que não aludimos quando falámos de «texto escrito» (2.42) a fim de evitar longos comentários sobre a variabilidade do seu significado. Assinala que, a partir do momento que lhe corresponde na elocução, o locutor ampliou, conclusiva ou inconclusivamente, sem verbalização elocucional do seu pensamento, o que verbalizara inconclusivamente, falando.

Depois de ter proferido o entoema $\neq$ TRIANGULAR $\neq$, I' pode ter experimentado um decurso mental de que teria resultado o seguinte prosseguimento da sua elocução: «...O pior possível para o que se pretendia construir... É pena!» no caso de ter continuado a verbalizar real-mentalmente (2.45) o seu pensamento.

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': — equivale, no plano lexical, a «O TERRENO É TRIANGULAR».

Seu significado expressivo: — manifestação fónica do sentimento de *pesar* mediante a particularização da tonalidade, do andamento e do nível tensional, e exteriorização do sentimento de *precisão* mediante a particularização tonal-temporal da 2.ª sílaba.

Seu contexto inverbal: — atitude ponderativa de I' durante a sua elocução e durante as pausas que a delimitam.

Significado expressivo contextualmente ampliado da frase proferida por I': — manifestação fónica de *pesar* e de *precisão* e expressão fónica e fisionómica de *ponderação*.

Da conjugação das referidas actuações significativas resultou que o proferido por I' constituiu uma frase elocucional inconclusiva, $\neq$ TRIANGULAR, $\neq$, vocabularmente equivalente a «O TERRENO É TRIANGULAR» e que actuou sobre I na modalidade informativa, exprimindo *pesar*, *precisão* e *ponderação*, aspectos estes que se conciliam com a seguinte interpretação: I', perante a informação de I, distingue ponderada e pesadamente o facto de ser triangular o terreno em causa, um facto que verbalizou manifestando reflexão pesarosa e distinguindo-o, isto é, precisando-o, com particularização de realce. O facto foi verbalizado inconclusivamente, mas exteriorizando prosseguimento do decurso da compreensão não concluída, se bem que esse prosseguimento não fosse verbalizado real-mentalmente, o que explica (7.46) que o proferido por I' actuasse informativamente.

Se o entoema proferido por I' tivesse manifestado uma particularização tensional da sílaba inicial, como a figura 1 do Quadro XXXIX (8.15) assinala, em vez de uma particularização tonal-temporal da segunda sílaba, conforme indica a figura 1 do Quadro XXXVIII, o seu significado elocucional seria, possivelmente, menos preciso.

2.ª suposição

Difere da 1.ª por se admitir um contexto verbal diverso. Supõe-se, agora, que o respectivo fragmento de diálogo, escrito, foi:

I — O terreno é quadrado. //Pausa interlocutiva//

I' — Triangular... //Pausa interlocutiva//

Pode, neste caso, imaginar-se que I' ampliou conclusivamente, sem verbalização elocucional do seu pensamento, o que verbalizou, inconclusivamente, proferindo $\neq$ TRIANGULAR $\neq$, e que se tivesse verbalizado o prosseguimento do seu acto de compreensão teria dito, conclusivamente: $\neq$ TRIANGULAR É QUE É. $\neq$

Da conjugação das actuações significativas postas em jogo resulta que o proferido por I' actuou sobre I, como no caso anterior, informativamente, exprimindo *pesar, precisão e ponderação*. São interpretáveis de forma semelhante, estes aspectos, mas o facto de I ter dito que o terreno era quadrado confere à «precisão» expressa por $\neq$ TRIANGULAR $\neq$ um aspecto consequente de *oposição*, que traduz *discordância*.

Comenta-se: I' opõe, vocabularmente, à informação de que *é quadrado*, a informação de que *é triangular*, e valoriza a oposição conferindo à apresentação do seu entoema uma expressão de *precisão*, mediante particularização tonal-temporal da sua segunda sílaba (Fig. 1 do Quadro XXXVIII).

12.9 — *Discrimina-se o significado de uma frase
elocucional monovocabular, dissilábica,
grave*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I': «LINDO»

Suposição

Apresentação: — entoema desprovido de trecho atoemático inicial e modalidade delimitativa expressa por uma sequência primacial ditoemática, conclusiva-cumulativa, conforme a notação 2 do Quadro XXX (7.33);

— particularização tonal-temporal-tensional do toema secundário, mediante longo decurso com grande declive da tonalidade oral-nasal da sílaba tónica, em nível tensional elevado;

— toema fundamental breve e tenso.

Contexto verbal da frase proferida por I': o proferido por I no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — Esse lugar é bonito. //Pausa interlocutiva//

I' — Lindo! //Pausa interlocutiva//

O ponto de exclamação traduz uma expressão predominantemente sentimental, mas, como se disse (2.42), sem a particularizar.

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': equivale no plano lexical a «ESSE LUGAR É LINDO».

Seu significado expressivo: reacção tensa e prolongada perante o que se experimenta, exteriorizada pela referida particularização do toema secundário do entoema. Elevado grau de *aceleração* manifestado pela sequência primacial, ditoemática, conclusiva-cumulativa (6.8; 6.26).

Seu contexto inverbal: olhar distante e sorriso denunciando *evocação* e *agrado*, ou seja «evocação agradável».

Significado expressivo contextualmente ampliado da frase proferida por I': expressão fónica e fisionómica de contemplação admirativa de algo, algo agradável que foi um aspecto consequente (2.5-C) do discriminado por I' e que por dissociação (2.2) se tornou o objecto que I' verbalizou elocucionalmente (2.45) proferindo o entoema $\neq$ LINDO! $\neq$

Da conjugação das referidas actuações significativas resultou que o entoema proferido por I' constituiu uma frase elocucional conclusiva, vocabularmente equivalente a «ESSE LUGAR É LINDO», que actuou sobre I, informativamente (7.45), exprimindo *admiração*, *contemplação*, *evocação*, *agrado*, *aceitação*, aspectos estes que se conciliam com esta interpretação: I', perante o que disse I, evocou com agrado um lugar conhecido pelos dois interlocutores e, contemplativa e admirativamente, verbalizou um aspecto consequente do objecto evocado, proferindo o entoema $\neq$ LINDO! $\neq$.

A semelhança ou igualdade de significado dos vocábulos «BONITO» e «LINDO» torna o aspecto de *aceitação* do entoema proferido por I' equivalente ao de *confirmação*.

Os vocábulos «BONITO» e «LINDO» são abrangidos pelo Grupo C (4.4). Qualquer deles denomina um objecto (2.1) que sem deixar de ser distinto de qualquer outro objecto denominado por qualquer outro vocábulo não actuante como sinónimo, é composto por este ou por aquele conjunto de aspectos, consoante a «personalidade» do indivíduo da comunidade C sobre o qual actuar. Fazem parte da comunidade C, os indivíduos designados por I e por I'.

Acontece que o significado lexical actuante (4.6) de $\neq$ BONITO $\neq$, proferido por I, pode ter sido semelhante ou igual ao significado lexical actuante de $\neq$ LINDO $\neq$, proferido por I', relativamente a qualquer dos dois dialogantes.

É grande a probabilidade de semelhança ou de igualdade de significado das duas apresentações no plano vocabular, e maior será se elas tiverem um mesmo significado expressivo, mediante uma particularização elocucional equivalente, e esse significado expressivo predominar sobre o lexical, reduzindo, implicitamente, a sua actuação como vocábulos.

Pode admitir-se que tanto $\neq$ BONITO $\neq$ como $\neq$ LINDO $\neq$ manifestaram *admiração*, mediante particularizações expressivas equivalentes, e que actuaram predominantemente como expressões, mal se distinguindo no plano vocabular.

O aspecto de *admiração*, se não é discriminável como um «aspecto formante» do significado lexical de «BONITO» ou de «LINDO», destaca-se, pelo menos, como um dos aspectos *consequentes* (2.5-C) mais frequentes, do objecto verbalizado por qualquer palavra cujo vocábulo inerente seja «BONITO» ou «LINDO».

Se o contexto inverbal do entoema proferido por I', atrás descrito, não tivesse actuado sobre I, o entoema $\neq$ LINDO $\neq$ só por si, ter-lhe-la, provavelmente sugerido os aspectos de *agrado* e de *contemplação*.

O que acima se disse a respeito do aspecto de *admiração* pode dizer-se relativamente ao aspecto de *agrado*. Experimenta-se, normalmente, agrado perante o que se distingue como lindo.

Normalmente, o aspecto *agrado* é um aspecto consequente de um objecto que se distingue como LINDO, contrariamente ao que sucede com *desagrado*, ao passo que se pode experimentar «agrado» ou «desagrado» e *admiração*, conforme o que se admira.

Aceita-se que o texto vocabular «ADMIRO QUE ELA SE TENHA PORTADO TÃO MAL», seja o inerente a uma frase elocucional que exprime «admiração» e «desagrado».

Aceita-se que uma frase que se ortografa «Admiro que ela se tenha portado tão mal!» exprima «desagrado» além de «admiração», e que esta outra, que se ortografa «Admiro a generosidade dessa criatura!» tenha expresso «agrado» e «admiração».

Voltando a considerar o entoema proferido por I', note-se que a particularização da sílaba tónica e o significado do seu texto vocabular inerente, sugerem, facilmente, o aspecto de *contemplação* de um decurso real-mental, que se experimenta real-mentalmente ou se recorda (2.1).

O aspecto de *aceitação* expresso por I', assim como o expresso por I, anteriormente, no referido fragmento de diálogo, equivale ao de *afirmação*. Mas, por sua vez, o aspecto de *afirmação*, expresso por I', pode equivaler ao de *confirmação* (7.41). Se $\neq \text{LINDO!} \neq$ actuar como sinónimo de $\neq \text{BONITO!} \neq$, I' confirma o que o seu interlocutor afirmou.

É evidente que o aspecto de *aceitação* expresso por I', não seria equivalente ao de *confirmação*, se o contexto verbal motivante de $\neq \text{LINDO!} \neq$ tivesse sido $\neq \text{ESSE LUGAR É FEIO!} \neq$. Em tal caso seria equivalente ao aspecto de *contradição* ou ao de *discordância*, conforme o respectivo contexto global incidente (12.4-1). Dizendo $\neq \text{LINDO!} \neq$, I' contradizia o que fora dito por I, discordando do que ele afirmara.

12.10 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional, monovocabular, tetrassilábica grave.*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I': «PREGUIÇOSO». Supõe-se:

Apresentação: — sílaba inicial bruscamente ocorrente em nível tensional elevado e manifestando um toema secundário de tonalidade constante em nível agudo;

— modalidade delimitativa expressa por uma sequência ditoemática inconclusiva, de tipo constante-ascendente. Trecho atoemático intercalar, como a notação 5 da fig. 81 assinala;

— 2.ª sílaba particularmente longa e com grande declive tonal.

— sílaba tónica marcada por um aperto glosso-palatal e glótico durante a consoante. Desaperto glótico com expulsão audível de sopro fónico, e longo toema secundário tonalmente constante em nível particularmente grave e com predomínio de constância qualitativa, em alto nível de caracterização da vogal;

— toema fundamental impulsivo, de grande aclave e nível tonal final muito agudo.

Contexto verbal da frase proferida por I': o entoema proferido por I no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — Preguiçoso é que ele é! //Pausa interlocutiva//

I' — Preguiçoso!? //Pausa expectante (7.48, 7.49)//

Significado vocabular, contextualmente ampliado, da frase proferida por I': equivale no plano lexical a «ELE É SIMPLEMENTE PREGUIÇOSO».

Seu significado expressivo: — brusca e tensa reacção verbal do ouvinte, denunciada pelo comportamento da 1.ª sílaba;

— exteriorização fónica de *inaceitação*, de *repulsa*, mediante a particularização acima descrita da sílaba tónica e carácter impulsivo do toema fundamental em nível tensional elevado;

— persistência tonal-qualitativa do trecho toemático da sílaba tónica e consequente destaque do significado vocabular do entoema;

— destaque do aspecto inconclusivo do entoema, mediante grande acentuação tonal e alto nível tensional da sílaba final.

Seu contexto inverbal: breve e vigoroso movimento de cabeça e jogo fisionómico concomitante, de I', a exprimir rejeição;

— atitude expectante de I' que torna interrogativamente actuante o entoema inconclusivo por ele proferido.

Significado expressivo contextualmente ampliado da frase proferida por I': expressão fónica de intensa *reacção* e expressão fónica e mimico-fisionómica de *inaceitação* do representado vocabularmente pelo entoema.

Da conjugação das referidas actuações significativas resultou que o entoema proferido por I' constituiu uma frase elocucional inconclusiva, vocabularmente equivalente a «ELE É SIMPLEMENTE PREGUIÇOSO» que actuou sobre I interrogativamente (7.46), exprimindo pronta *reacção* e *inaceitação*, aspectos estes que são harmonizáveis com a interpretação seguinte: I', perante o entoema proferido por I, reage bruscamente, fazendo actuar interrogativamente, sobre o seu interlocutor, um entoema, mediante o qual evidencia *rejeitar* o que I disse a respeito do indivíduo que designou por «ELE».

I' exprimiu *inaceitação* «afectiva» (12.4-II) do proferido por I, inverbal e verbalmente. Exprimiu-a, inverbalmente, mediante o contexto inverbal acima mencionado. Exprimiu verbalmente *inaceitação*, *repelindo* o trecho vocálico ocorrente na sílaba tónica e o ocorrente na sílaba final do entoema com que procurou induzir I a confirmar o que dissera. E admitindo que I o confirmou, admitir-se-á, também, que o diálogo prosseguiu de forma ortogafável como se segue:

I — Sim! Preguiçoso! Volto a dizê-lo!

A palavra ≠PREGUIÇOSO≠ dita por I ao iniciar o diálogo pode ter sido particularizada de forma a exprimir *inaceitação* do mesmo modo que a manifestou o entoema proferido por I'. Ter-lhe-ia correspondido uma notação que só diferia da designada por 5 na fig. 81, pelo facto de apresentar um toema fundamental conclusivo. Mas deve notar-se:

— I exprimiu *inaceitação* perante um indivíduo, por este ser preguiçoso, ao passo que I' exprimiu *inaceitação* ao proferir ≠PREGUIÇOSO≠ por sentir que o significado lexical dessa palavra não se conciliava com o que sabe a respeito da pessoa de quem se fala.

O indivíduo que figurou no decurso ou no panorama mental de I, e que o induziu a proferir ≠PREGUIÇOSO≠ apresentou o aspecto que a palavra proferida verbalizou; um aspecto que teve perante I, como consequência, o subaspecto de *inaceitação*.

No caso de I', o que originou o sentimento de *inaceitação* foi a palavra ≠PREGUIÇOSO≠ dita por I a respeito da pessoa de quem se falava.

12.11 — *Discrimina-se o significado de uma frase
elocucional monovocabular, hexassilábica, esdrúxula*

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I':
«IMPORTANTÍSSIMO»

Suposição

Apresentação: — Entoema com modalidade delimitativa expressa por uma sequência ditoeimática conclusiva como a notação 6 da fig. 81 assinala;

— acento expressivo toemático (6.35) da sílaba que antecede a tónica, manifestando tonalidade constante em nível tensional particularmente elevado;

— sílaba tónica com acento toemático de tonalidade descendente;

— andamento muito retardado a partir da sílaba tónica, com decréscimo tensional e descida tonal de grande magnitude;

— sílaba toemática fundamental (6.39) em nível tonal muito grave e tensional muito frouxo.

Contexto verbal da frase proferida por I': — é constituído pelo que I disse, no fragmento de diálogo que seguidamente se ortografa:

I — O gerente manda dizer-lhe que lamenta não poder recebê-lo. Era assunto importante? //Pausa expectante.//

I' — Importantíssimo. //Pausa interlocutiva.//

Significado vocabular contextualmente ampliado da frase proferida por I': — equivale, no plano lexical, a «O ASSUNTO ERA IMPORTANTÍSSIMO».

Seu significado expressivo: — exteriorização fónica de uma reacção tensa e breve, mediante a particularização acima descrita da sílaba inicial do entoema;

— realce apresentativo e consequentemente do seu significado vocabular, em virtude da acentuação toemática da sílaba que antecede a tónica, acentuação toemática da sílaba tónica e grande extensão temporal do entoema;

— decurso apresentativo a partir de 3.^a sílaba, evidenciando quebra *grave* de vivacidade, *decepção*.

— aspecto conclusivo fracamente audível.

Seu contexto inverbal: — sentimento de decepção experimentado por I' e motivado pelo primeiro entoema proferido por I.

Verifica-se, portanto, um contexto verbal motivante (4.22) constituído por dois entoemas sucessivos, o primeiro dos quais actua no plano expressivo, provocando a quebra de vivacidade. O segundo entoema actua no plano expressivo, provocando a forte reacção inicial, além de ter actuado no plano vocabular.

Significado expressivo contextualmente ampliado, da frase proferida por I': — expressão fónica, inicial, de grande *magnitude* do representado pelo seu vocábulo inerente e que um momento depois já se afirma com frouxidão crescente.

Da conjugação das referidas actuações significativas, resulta que o entoema proferido por I' constituiu uma frase elocucional conclusiva vocabularmente equivalente a «O ASSUNTO ERA IMPORTANTÍSSIMO» que actuou

informativamente sobre I, exprimindo uma *viva reacção* inicial de *afirmação*, seguida de *grave desânimo*, aspectos esses que são harmonizáveis com esta interpretação: I' experimenta decepção, desapontamento, ao ouvir o primeiro entoema proferido por I, e reage verbalmente perante o segundo, conferindo, com veemência e depois desanimada e gravemente, o aspecto de afirmação ao que vocabularmente comunicou.

A particularização sentimental do entoema proferido por I' é classificável como «independente» (8.26). Foi originada pelo sentimento de desapontamento que I' sofreu ao saber que não ia ser recebido. O sentimento que I' experimenta ao compreender o que verbalizou elocucionalmente (2.45) foi o que motivou a valorização inicial do entoema. No seu início, I' experimenta o que vocabularmente comunica, ou seja «importância de grande magnitude» mas um momento depois é vencido pelo grave desânimo que a sua elocução exprime.

B)

12.12 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional, simples, polivocabular*

1)

A frase é constituída por uma sequência de 4 palavras coarticuladas, monossilábicas.

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I': «É E NÃO É»

Suposição

Apresentação: — decurso tonal-qualitativo conforme a notação 7 da fig. 81, esquematicamente assinala. Particularizações:

— particularização tonal-tensional que origina o toema secundário de tipo ascendente que ocorre durante a palavra inicial da frase, e o toema fundamental conclusivo;

— particularização qualitativa-tensional do contoema (6.2) do toema secundário e do contoema do toema fundamental. Qualquer deles é regressivo com um momento de plenitude (3.23) inicial, de elevado grau de caracterização vocálica (3.24), e qualquer deles decorre em nível tensional particularmente forte;

— particularização temporal-longa de grande magnitude, da palavra inicial e da palavra final, a contrastar com a brevidade do trecho atoemático intercalar.

Contexto verbal da frase proferida por I': — o que se deduz do fragmento do diálogo que se ortografa como se segue:

I --- É uma renda barata? //Pausa interlocutiva//

I' --- É e não é.

Durante a pausa interlocutiva iniciada por I, o interlocutor I' denuncia um momento de reflexão. Resulta uma pausa ponderativa (7.49).

Significado vocabular, contextualmente ampliado, da frase proferida por I': — equivale, no plano lexical, a «É UMA RENDA BARATA E NÃO É UMA RENDA BARATA».

Seu significado expressivo: — exteriorização fónica de elevado grau de *aceitação* e de *clareza* do compreendido, conclusivamente, mediante a particularização tensional-temporal do toema fundamental e tensional-qualitativa-temporal do seu contoema;

— exteriorização fônica de *clareza* do compreendido, inconclusivamente, mediante a particularização tensional-temporal do entoema secundário, e tensional-qualitativa-temporal do seu contoema.

Seu contexto inverbal: — expressão fisionômica de I' durante a pausa interlocutiva iniciada por I, denunciando *ponderação*.

Significado expressivo, contextualmente ampliado, da frase proferida por I': — a expressão fisionômica traduzindo ponderação perante a interrogação de I, antecede o expresso pela referida frase, anteriormente descrita.

Da conjugação das referidas actuações significativas resulta que o entoema proferido por I' constituiu uma frase elocucional conclusiva ≠É E NÃO É. ≠ vocabularmente equivalente a «É E NÃO É UMA RENDA BARATA» que actuou sobre I informativamente (9.7), exprimindo *clareza* e *aceitação*, aspectos estes que são conciliáveis com a interpretação seguinte: — I', perante a pergunta de I, experimentou, ponderando, um decurso mental recordado (2.2) em que teve lugar a informação sobre o valor da renda, e uma revivência do facto de a ter achado cara, seguindo-se um fluir de aspectos da casa cuja renda foi convidado a julgar se era barata. Recordou divisões em que predominaram janelas, pavimentos, portas, tectos, etc., que por sua vez o fizeram sentir verbalizações mentais (2.45), experimentando frases como estas: ≠QUARTOS AMPLOS. ≠ / ≠BONS ACABAMENTOS. ≠ ≠BONS MATERIAIS. ≠ / ≠LINDAS VISTAS. ≠ ≠BOA EXPOSIÇÃO. ≠ ≠BOM LOCAL. ≠ / Etc.

O que I' primeiramente sentiu recordando, foi, em parte, o contexto motivante da afirmação que iniciou o entoema por ele proferido, e o que experimentou depois, foi, em parte, o contexto motivante da negação do que primeiramente dissera.

Compreende-se que I' achasse a renda cara em relação às suas possibilidades financeiras, mas que a achasse barata, considerando o que a casa oferecia de bom.

Profundando a análise do entoema, deduz-se:

— o interlocutor I supõe a resposta «É uma renda barata.» e fá-la actuar interrogativamente sobre I' proferindo o entoema inconclusivo ≠É UMA RENDA BARATA. ≠ e exprimindo, fisionômicamente, interrogação. Corresponde-lhe, ortograficamente: «É uma renda barata?»

— o interrogado I' interroga-se experimentando a resposta suposta por I e que este lhe comunicou interrogativamente, como se tivesse sido suposta por ele próprio.

I' experimenta, portanto, mental ou elocucionalmente, o que se ortografa: «É uma renda barata.» e que lhe oferece a seguinte sequência de sentimentos: *aceitação* — *restrição* — *inaceitação*.

Vimos o que motivou o aspecto de «aceitação» e o de «inaceitação». O de «restrição» ocorreu, transicionalmente, do primeiro para o segundo.

Da conjugação das actuações discriminadas resultou um entoema conclusivo proferido por I', ortograficamente representável por: «É e não é.».

O aspecto de *aceitação* foi manifestado pela primeira palavra; o de *restrição* pela segunda, principalmente, e o de *inaceitação* pela terceira e a quarta. Mercê do texto e contexto, *aceitação* valeu como *afirmação* e *inaceitação* como *negação*.

Podemos admitir que I' já tinha experimentado, mentalmente, a sua resposta antes de a proferir ou que a resposta por ele proferida, não foi antecedida dessa experiência.

Observa-se, ainda: — I' poderia ter proferido como resposta, o que seria ortografável por «É. E não é.»; dois entoemas conclusivos com um pausa ponderativa intercalar.

— I' poderia ter experimentado um sentimento inicial de *inaceitação* e um final de *aceitação*, e neste caso ao entoema elocucionalmente proferido pelo interrogado, corresponderia, ortograficamente, «Não é e é.» Se a resposta fosse constituída por dois entoemas conclusivos com uma pausa ponderativa intercalar, seria ortograficamente representada por «Não é. E é.»

Se o decurso da tonalidade do trecho atoemático do entoema proferido por I' tivesse diferido do assinalado pela notação 7 da fig. 81, por ser constante com breve inicial e breve final ascendente, em vez de descendente, não seria diverso o significado expresso.

Também não seria diverso, se ao entoema proferido por I' correspondesse a notação 8 da fig. 81, em vez da notação 7 da mesma figura.

Observe-se que as notações referidas assinalam particularizações elocucionais diversas a par de outras mais ou menos semelhantes:

— segundo a notação 8 da fig. 81, a tonalidade de todo o decurso elocucional foi continuamente descendente com um mesmo grau de declive. O nível tonal predominante do toema fundamental contrastou com o nível tonal predominante do toema secundário, como mais grave;

— segundo a notação 7 da fig. 81, a longa descida de tonalidade do toema fundamental contrastou com a longa subida de tonalidade do toema secundário;

— o decurso qualitativo do entoema fundamental assinalado pela notação 8 da fig. 81, é muito semelhante ao do entoema correspondente, simbolizado pela notação 7 da mesma figura. Traduz, todavia, maior distinção qualitativa.

2)

A frase é constituída por uma sequência de 10 palavras coarticuladas, três das quais são monossilábicas.

Texto vocabular inerente da frase considerada, proferida por I: «HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE UMA COISA E A OUTRA».

Imagina-se que o texto elocucional respectivo é experimentado por um analista A, independentemente de um contexto verbal, mediante audição do seu magnetograma.

Suposição

Apresentação: — decurso tonal-qualitativo conforme a notação 1 da fig. 82 esquematicamente assinala. Particularizações:

— particularização tonal-tensional que origina as sequências de toemas secundários, manifestadas pelas palavras $\neq$ GRANDE $\neq$ e $\neq$ DIFERENÇA $\neq$ assim como a sequência primacial inconclusiva, manifestada pela palavra $\neq$ OUTRA $\neq$;

— particularização qualitativa-temporal dos contoemas de todos os temas ocorrentes. Qualquer deles apresenta um momento ou um trecho de plenitude qualitativa de elevado grau de caracterização, e uma duração particularmente longa;

— andamento (3.43) conciliável com o tipo de «fala cuidada».

Contexto verbal: — admite-se que o analista o ignora por só ter ouvido o magnetograma do texto elocucional cujo texto vocabular inerente foi o anteriormente transcrito.

Significado vocabular: — a não existência de um contexto verbal actuante sobre o analista, explica que não se verifique uma ampliação contextual do significado vocabular do texto elocucional por esse indivíduo experimentado.

Significado expressivo: — exteriorização fónica de elevado grau de *clareza* e de *magnitude* do compreendido, *inconclusivamente*, mercê das mencionadas particularizações toemáticas.

Contexto inverbal: — pausa interlocutiva (3.52) ocorrente no final do texto elocucional e que é interpretada pelo analista como «pausa expectante» (7.49).

Significado expressivo, contextualmente ampliado, da frase considerada: — actuação interrogativa.

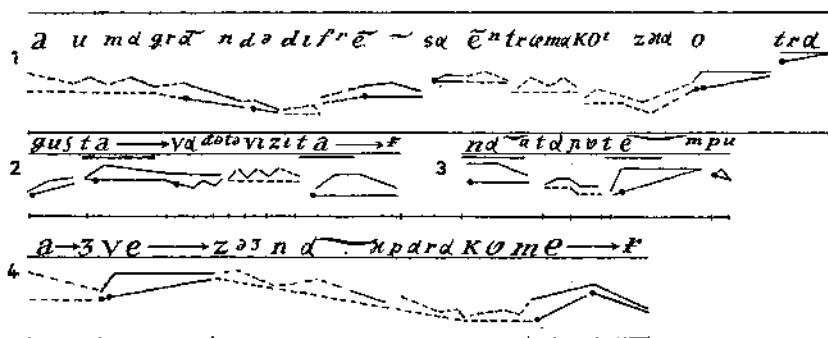


Fig. 82

Note-se que o andamento lento dos trechos toemáticos contrasta com o andamento rápido dos trechos atoemáticos, dando maior realce à particularização temporal de qualquer deles (10.9, 10.10).

O ouvinte, além de experimentar a velocidade do andamento da frase segundo escalas de valores de que dispõe memorialmente, experimenta, também, a lentidão deste ou daquele trecho toemático do texto elocucional, relativamente à rapidez deste ou daquele trecho atoemático do mesmo texto (3.47).

Da conjugação das actuações significativas discriminadas, resulta que o texto elocucional ocorrente constituiu uma frase elocucional inconclusiva, simples (11.23), correspondente à notação:

≠ HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE UMA COISA E A OUTRA? ≠

que actua interrogativamente (9.8) exprimindo *clareza* e *magnitude* de grau elevado, do vocabularmente significado por ≠ GRANDE DIFERENÇA ≠ e do

vocabularmente significado e delimitativamente expresso por $\neq$ OUTRA $\neq$, o que se concilia com esta interpretação: o locutor comunica, interrogativamente, ao seu interlocutor, admitir claramente que é muito grande a diferença entre o verbalizado por «uma coisa» e o verbalizado por «a outra».

O significado elocucional não seria diverso se a apresentação só diferisse da assinalada pela notação 1 da fig. 82, por manifestar um toema conclusivo, desde que a suposta pausa expectante constituísse um contexto inverbal inversivo (7.45). Tal sucederia se o significado desse contexto fosse, por exemplo, equivalente ao de uma interrogação ortográfica-mente representável por «Não há?» ou «Não é verdade?» ou «Não é assim?» (7.45-II-2; 9.7).

Aproveita-se o ensejo para se notar que *interrogar é*, no presente caso, como em muitos outros (7.42), comunicar a outrem algo suposto para saber se o suposto é experimentado pelo interrogado, com um consequente sentimento de *aceitação* ou de *inaceitação*.

O locutor I que proferiu a frase elocucional correspondente à notação 1 da fig. 82, comunicou ao seu interlocutor I', mediante o texto vocabular inerente a essa frase, e a expressão que lhe conferiu, um conhecimento por ele suposto como mais ou menos provável.

Se fosse um conhecimento experimentado como mais ou menos certo, I comunicá-lo-ia conclusivamente com um maior ou menor grau de «aceitação», de modo que a frase proferida actuasse informativamente.

Tratando-se de um conhecimento suposto por I, este comunica-o de forma que a frase actue interrogativamente, isto é, mediante uma informação que não exprime «aceitação», visto ser inconclusiva (7.41), e que actua interrogativamente, por ser seguida de pausa expectante.

I', perante a frase inconclusiva, interrogativamente actuante, proferida por I, reage inverbal ou verbalmente, ou de um e de outro modo, com estes ou aqueles aspectos, conforme o respectivo «contexto relevante actuante» (4.12) e outras determinantes da reacção do locutor. Destaca-se entre essas determinantes a sua personalidade.

Considerou-se, anteriormente, como ouvinte da frase, uma pessoa com um conhecimento mínimo do respectivo contexto global (4.12) da frase e um completo desconhecimento do seu contexto verbal. Passa-se, agora, a considerar, como ouvinte, o interlocutor de I, um indivíduo que se designou por I' e que teve conhecimento de um contexto verbal que ampliou o significado vocabular da frase. I' soube:

— as duas coisas que motivaram, pelo seu aspecto consequente (2.5-C) de diversidade, o entoema considerado, foram «o que uma terceira pessoa conta» e «o que se passou».

O significado vocabular, contextualmente ampliado, da frase ouvida por I', equivale no plano lexical, a «HÁ UMA GRANDE DIFERENÇA ENTRE O QUE ELA CONTA E O QUE SE PASSOU».

Acontece, porém, que um locutor pode perguntar o que sabe, simulando, com este ou aquele propósito, que o não sabe / ou julgar o ouvinte, erradamente ou não, que o locutor simula ignorar o que pergunta.

Um interrogado quando experimenta uma pergunta como mais ou menos inconciliável com o seu contexto relevante-actuante (4.12) estranha ou repele o que, respectivamente, compreende mal ou não compreende.

Reagindo, elocucionalmente, a uma pergunta que lhe é dirigida, o interrogado poderá exprimir *estranheza* ou *repulsa*, como vimos, ou uma e outra coisa, sucessiva ou quase simultaneamente. São muito variados os casos que se apresentam. Importa considerar a seguinte ocorrência:

I pergunta a I' se há uma grande diferença entre o que ela (uma terceira pessoa) conta e o que se passou.

Condicionamento contextual da reacção do interrogado: I' tem a certeza de que o seu interlocutor I sabe que «ela» deturpara a história do que se passara.

Consequentemente, o interrogado compreende mal ou não compreende a interrogação de I, visto que este lhe comunica, interrogativamente, como *suposto*, um conhecimento, um saber que I experimenta como *certo* — saber que há uma grande diferença entre uma coisa e a outra.

Constituiu-se um contexto que motivou — admitimos — uma expressão fisionómica de I' que manifestou estranheza e foi seguida de uma reacção elocucional que originou o entoema conclusivo proferido pelo interrogado:

I' ≠ BEM SABES QUE HÁ ≠

Exprimiui: *repulsa* — mediante um entoema secundário (6.3), impulsivo (6.1; 6.7), apresentado pela palavra inicial, que denuncia expiração forçada, e mediante o entoema fundamental, também impulsivo e manifestando, igualmente, expiração forçada;

desagrado — mediante regressão qualitativa final, lenta e tensa, da 1.ª, 2.ª e última sílabas.

aborrecimento — mediante expressão mímico-fisionómica durante todo o entoema e parte da pausa elocutiva iniciada por I'.

Os aspectos expressivos discriminados conciliam-se com uma interpretação que se resume desta forma: Não compreendendo que I lhe perguntasse se havia uma grande diferença, visto I ter conhecimento dessa diferença, o interrogado manifestou inverbalmente *estranheza* durante a pausa elocutiva que antecedeu a frase por ele proferida, e exprimiui, fonicamente, *repulsa* e *desagrado* pelo que ouvira e julgara, erroneamente ou não, inconciliável com o respectivo contexto.

Verifica-se uma particularização sentimental dependente (8.26) do texto proferido por I' (10.21). O interrogado experimentou, aborrecidamente, com simultânea repulsa inicial e desagrado final, o que verbalizou proferindo o entoema examinado.

12.13 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional composta*

1) Frase constituída por uma sequência conclusiva de 2 entoemas com pausa ponderativa intercalar.

Texto vocabular inerente do 1. entoema: «GOSTAVA DE TE VISITAR»

» » » do 2. entoema: «NÃO TENHO TEMPO»

Apresentação, suposta, do 1. entoema: decurso da tonalidade conforme a notação 2 da fig. 82 esquematicamente assinala. Particularizações:

— part. tonal-tensional que origina: acento toemático, secundário, de tonalidade ascendente, da sílaba inicial do entoema / sequência ditoemática de tonalidade constante

e descendente / toema fundamental inconclusivo de tipo tonalmente constante com elevado nível qualitativo do seu contoema;

— constrangimento glotal do sopro fónico no início das vogais tónicas da primeira palavra e da última;

— part. tensional-forte e temporal-longa, das sílabas tónicas. Os traços horizontais sotopostos que figuram na notação alofónica assinalam a referida particularização tensional.

Apresentação, suposta, do 2. entoema: decurso da tonalidade conforme a notação 3 da fig. 82 esquematicamente assinala. Particularizações:

— part. tonal-tensional que origina: acento toemático secundário, de tonalidade constante, da sílaba inicial do entoema / sequência primacial, ditoemática, conclusiva, de tipo ascendente-descendente;

— elevado nível tensional — assinalado pelos traços horizontais sotopostos — da 1.ª e da 4.ª sílabas, muito especialmente no início de cada uma delas;

— elevado nível qualitativo e temporal do toema secundário da sequência primacial conclusiva (6.8,6.14).

Contexto verbal da frase considerada: o que se deduz do fragmento do diálogo que seguidamente se ortografa:

I — Afinal não apareceste!

I' — Gostava de te visitar... (Pausa) Não tenho tempo!

Durante a pausa, I' reflecte, interrogando-se inverbalmente (7.42) e verbaliza, depois, o que experimentou como resposta, ao que pretendeu saber, com um consequente sentimento de *aceitação* (7.41).

Ter-se recordado e, em parte, imaginado com muitos afazeres, numa grande azáfama, foi o que I', possivelmente, experimentou inverbalmente, como resposta, com um consequente sentimento de aceitação ao que pretendeu saber, proferindo um entoema que se ortografa: «Não tenho tempo!»

Aspectos expressivos resultantes da particularização apresentativa:

1. entoema — realce do significado lexical da palavra inicial e expressão de vivo interesse;

— destaque do significado da palavra final e insistência da sua constância inconclusiva;

— constrangimento do locutor.

2. entoema — grande realce do seu significado lexical.

Contraste entre os dois entoemas: — nível tonal mais elevado e andamento (3.43) muito mais rápido do segundo entoema / nível tensional predominante do segundo entoema, inferior ao do primeiro.

As notações — 2 e 3 da fig. 82 — não traduzem o contraste descrito. Encontra-se, porém, em qualquer delas uma horizontal, sotoposta, com a demarcação da sequência de «durações perceptuais silábicas» que originou o aspecto fundamental da particularização temporal do respectivo entoema, ou seja o seu *ritmo silábico* (3.46,3.47;10.9).

Significado expressivo resultante: os aspectos contrastantes entre os dois entoemas e a actuação da pausa ponderativa intercalar, exprimem com constrangimento, uma informação precisa mas inconclusiva, a que se opõe, após um esforço de reflexão do locutor, uma rápida informação conclusiva.

Da conjugação das actuações significativas discriminadas, resultou uma frase elocucional composta (11.23), assinalável pela notação $\neq$ GOSTAVA DE TE VISITAR, $\neq$ $\neq$ NÃO TENHO TEMPO.]. Interpreta-se:

— o proferido por I, exclamativamente (2.37), envolveu *censura*. I' opõe-lhe um entoema que constitui uma informação inconciliável com a ideia de que ele não tenha visitado o amigo por isso não lhe interessar.

O alto nível de actuação do entoema considerado confere-lhe força opositiva e o destaque do seu aspecto inconclusivo traduz um esforço de reflexão que culmina durante a pausa, originando o entoema conclusivo final.

O constrangimento manifestado é independente do que o entoema vocabularmente comunica. Trata-se de uma «particularização sentimental independente» (8.26). I' exprime constrangimento porque o contrariou pensar que não cumprira a promessa de visitar o seu interlocutor.

O segundo entoema informa por que motivo I' não visitou I, constituindo uma «justificação» (9.10).

2) Frase resultante de uma sequência conclusiva de 3 entoemas, com pausa ponderativa entre cada entoema componente e o seguinte.

Texto vocabular inerente do 1. entoema: «GOSTAVA DE TE VISITAR»

» » » do 2. » «NÃO TENHO TEMPO»

» » » do 3. » «ÀS VEZES NEM PARA COMER»

Apresentação suposta dos dois primeiros entoemas: semelhante ou auditivamente equivalente à dos entoemas componentes da frase anteriormente examinada, exceptuando o toema fundamental do segundo entoema. Este é inconclusivo, de tipo tonalmente constante, em vez de conclusivo.

Apresentação suposta do 3. entoema: decurso da tonalidade conforme a notação 4 da fig. 82 esquematicamente traduz. Manifesta, além de outras, as particularizações seguintes:

— part. tonal-tensional que origina o toema secundário, impulsivo, de tipo tonalmente ascendente, da sílaba tónica de $\neq$ VEZES $\neq$ e a sequência primacial conclusiva da sílaba tónica da palavra final (6.8-b).

— destaque tonal-agudo e temporal-longo da 2.ª sílaba.

— destaque temporal-longo de $\neq$ NEM $\neq$ e do toema fundamental

— elevado nível de caracterização qualitativa de todo o entoema com especial realce dos trechos toemáticos.

Contexto verbal — semelhante ou análogo ao da frase anteriormente considerada.

Admite-se que durante a segunda pausa o locutor pensou que ainda não almoçara, por falta de tempo.

Aspectos expressivos resultantes da particularização apresentativa do 3. entoema em contraste com a dos dois outros entoemas componentes da frase: nível superior de actuação no plano vocabular.

A maior distinção gráfica dos símbolos fonéticos da notação 4 da fig. 82, relativamente à dos que aparecem nas notações 2 e 3 da mesma figura, é uma forma de traduzir maior distinção qualitativa (3.18).

O texto proferido constitui uma frase elocucional conclusiva, informativamente actuante, composta por 3 entoemas. É assinalável pela notação:

≠GOSTAVA DE TE VISITAR≠ ≠NÃO TENHO TEMPO≠
≠ ÀS VEZES NEM PARA COMER!!≠

Contrastes apresentativos: Aos contrastes discriminados entre o primeiro e o segundo entoema, juntam-se, agora os motivados pela ocorrência de um terceiro.

O nível tensional predominante deste terceiro entoema, foi possivelmente, superior a qualquer dos outros dois e no caso de o ter sido, valorizou a actuação do segundo, reforçando-o apresentativa e vocabularmente, como justificação do facto de I' não ter visitado I.

É oportuno observar-se que o número de contrastes apresentativos, possíveis, de uma frase elocucional composta, depende do número dos seus entoemas componentes.

Foram apontados contrastes de andamento, tensionais e qualitativos; mas poderiam ter ocorrido diversidades contrastantes de outra espécie, como, por exemplo, tonais, acentuais, etc.

12.14 — *Discrimina-se o significado de um texto elocucional constituído por uma interjeição*

Uma apresentação que só actue expressivamente constitui uma interjeição (2.28). É, geralmente, só expressivo, o significado de um texto elocucional formado por uma só interjeição (2.30).

Designa-se por «significado de uma interjeição» o conjunto de aspectos expressivos que constituem a sua *Expressão* (2.32). Uma interjeição como, por exemplo ≠Pst!≠ (2.29), independentemente da particularização elocucional que a individualiza (2.31) exprime unicamente, ou quase unicamente, *Apelo*, mas mediante particularização elocucional e condicionamento contextual do seu significado, pode exprimir outros aspectos expressivos, tais como *Impetuosidade* e *Sobresalto*, além de *Apelo*.

Relembra-se que o significado predominante ou não-predominante de uma interjeição, depende fundamentalmente da sua apresentação, ou da sua apresentação e da forma como o ouvinte a interpreta em face do respectivo contexto (2.32).

Imagine-se, agora, o seguinte episódio: I explica algo ao seu interlocutor I'. Este, após uns momentos de esforço de compreensão, profere ≠AH!≠.

O contexto suposto, inconciliável com a ocorrência de uma variante de realização do vocábulo «HÁ», determina que o proferido por I' actue sobre I como interjeição.

O contexto e a apresentação da interjeição que se admitem como ocorrentes, determinam que o expresso seja equivalente ao significado do texto vocabular «COMPREENDO».

Se a interjeição é toemática (6.6) conclusiva, a sua expressão equivale ao significado pelo entoema ≠COMPREENDO!!≠

Admitindo que o toema conclusivo manifestado pela interjeição tivesse sido finalizante (6.12), a sua expressão teria sido equivalente ao significado pelo entoema ≠COMPREENDI!!≠.

12.15 — *Discrimina-se o significado de um texto elocucional constituído por uma sequência de duas interjeições*

Perante um esclarecimento do seu interlocutor, I' proferiu um texto elocucional que se ortografa: «Ah! Ih!» Formado por duas interjeições sucessivamente proferidas por um mesmo locutor, com ou sem pausa intercalar, significa o expresso pela interjeição inicial e o expresso pela interjeição final, segundo a respectiva particularização elocucional e o respectivo contexto.

Supõe-se que o contexto e a particularização elocucional do texto determinem que o expresso pela 1.ª interjeição tenha, como no caso anterior, um significado equivalente ao do entoema $\neq$ COMPREENDI! $\neq$; e que o expresso pela 2.ª interjeição signifique «estranheza» (2.31).

Interpretação admissível: — I' exprimiu, sucessivamente, ter compreendido e depois estranhado o que lhe foi comunicado por I. Exprimiu mediante a primeira interjeição, compreensão sem particularização sentimental sensível; e mediante a segunda, compreensão sentimentalmente particularizada de modo a exprimir *estranheza*.

12.16 — *Discrimina-se o significado de um texto elocucional constituído por uma interjeição e uma frase elocucional que se lhe segue ou a antecede*

Em vez de um texto elocucional semelhante ao anteriormente considerado (12.15) e que se ortografa «Ah! Ih!», I' pode ter proferido uma elocução conforme uma das anotações que se seguem:

a) $\neq$ Ah! $\neq$ $\neq$ É ESTRANHO! $\neq$ b) $\neq$ COMPREENDI! $\neq$ $\neq$ Ih! $\neq$

O significado do texto elocucional considerado no caso a) ou no caso b), com ou sem pausa intercalar, é equivalente ao do que se ortografa «Ah! Ih!».

12.17 — *Determinantes do significado elocucional de um texto elocucional-vocabular*

Segundo o que se afirmou no parágrafo 12.4 e seguidamente se confirmou relativamente ao significado elocucional de um texto elocucional-vocabular, distinguem-se como suas principais determinantes:

- o *texto* considerado, mediante o seu significado elocucional inerente;
- o *contexto* global incidente, respectivo;
- o *ouvinte* como perceptor do referido texto e contexto.

O significado elocucional do respectivo «contexto global incidente», ou seja o «significado elocucional contextual actuante», amplia e particulariza o significado elocucional, inerente, do texto (12.4).

Relativamente ao *significado lexical* dos textos e contextos vocabulares que se considerem, devem ser ponderados os seguintes factos:

— um texto vocabular pode actuar lexicalmente ou não-lexicalmente (4.7; 4.8). A sua actuação não-lexical, sobretudo pelo que sugere, assume a maior importância em textos literários, especialmente nos domínios da poesia. Examinaram-se, somente, textos e contextos vocabulares «lexicalmente actuantes» para simplificar a exposição.

— a variabilidade do significado lexical de um texto ou contexto vocabular (4.4), conforme os seus vocábulos componentes e conforme o ouvinte — sua personalidade, seu saber, sua experiência linguística, etc.

Relativamente ao *significado expressivo* dos textos e contextos elocucionais examinados, importa sublinhar:

— discriminou-se o significado expressivo resultante das particularizações *delimitativa*, *de realce*, e *sentimental* (8.6; 8.7; 8.23), mas excluiu-se, tanto quanto possível, do estudo da particularização expressiva (8.5), a particularização circunstancial (8.4);

— a variabilidade do significado expressivo de um texto ou contexto elocucional, conforme a particularização apresentativa do texto ou contexto, respectivamente, e conforme o ouvinte — sua capacidade discriminativa, amplitude de compreensão, etc.

Diga-se, ainda: — *texto*, *contexto*, *ouvinte*, são determinantes primaciais do significado elocucional de um texto elocucional-vocabular, o que não impede que ocorram:

- actuações de um texto independentemente de um contexto;
- actuações de um texto dependentemente de um contexto in verbal, verbal ou misto / real ou imaginado, ou em parte real e em parte imaginado.

12.18 — *Determinantes do significado de um texto
elocucional constituído por uma interjeição*

São, como no caso de um texto elocucional-vocabular, o *texto*, o *contexto* e o *ouvinte*, mas tratando-se de uma interjeição, considera-se o texto por ela constituído, mediante o seu significado expressivo (12.14). Este, repetimos, resulta da sua apresentação, ou da sua apresentação e da forma como o ouvinte a interpreta, dependente ou independentemente de um contexto.

B) ELOCUÇÕES RESULTANTES DE UMA LEITURA (2.49).

12.19 — *Discrimina-se o significado de uma frase
elocucional (lida), monovocabular, mono-
-alofónica*

Frase elocucional resultante de uma leitura do texto escrito «Há.».

I convidou I' a ler o texto referido, depois de lhe ter explicado o seu propósito de obter um fonograma para estudo do comportamento elocucional.

Teve conhecimento do episódio, uma terceira pessoa que se designa pela letra P. Distinguem-se como prováveis, entre muitas outras, as seguintes ocorrências:

a) Da leitura feita por I' resultou o entoema conclusivo $\neq \overline{\text{HÁ}} \neq$, informativamente actuante, sem particularização expressiva de realce (10.6) ou sentimental (10.20).

O texto escrito assinalou ao leitor que se tratava de uma palavra e não de uma interjeição perceptual (2.38) ortografável por «Ah!». O ponto-final fez com que I' exprimisse conclusão.

A não actuação de um contexto inversivo (7.45) determina que o entoema (reproduzido) actue informativamente.

P é convidado a ouvir uma reprodução do entoema resultante da leitura feita por I'. Interrogado sobre o seu significado, P responde: «Significa que há, simplesmente.»

P não discriminou qualquer expressão além da delimitativa, porque I' não realçou nem sentimentalizou, total ou parcialmente, a sua elocução. O texto escrito que foi convidado a ler determinava, apenas, no plano expressivo, delimitação conclusiva.

b) Entoema resultante como em a), mas exprimindo *deferência*, apresentativa e inverbalmente, mediante articulação frouxa e lenta e eufonia, além de um sorriso concomitante a traduzir *gentileza*.

Interrogado sobre o significado do entoema, perante a sua reprodução, P responde: «Significa lexicalmente que há e a sua expressão sugere *gentileza*.

Observe-se que P ouviu um fonograma do entoema; não viu o sorriso concomitante da elocução original.

c) Entoema resultante como em a), mas exprimindo *desagrado*, apresentativa e inverbalmente mediante constrangimento glótico e jogo fisionómico, respectivamente.

Interrogado sobre o significado do entoema, perante a sua reprodução, P responde: «Significa lexicalmente que há e a sua expressão sugere mal-estar».

Note-se que P não viu o jogo fisionómico de I' a manifestar «desagrado».

I, o interlocutor de I', pode ter compreendido que I' acedeu contrafeito, ao seu convite, pelo facto de estar mal disposto ou por qualquer outra razão de que teve conhecimento e que P ignora. Se assim foi, ocorreu uma particularização expressiva *independente* (8.26) do acto de compreensão (2.3) que motivou o entoema proferido por I' e o tornou expressivamente ambíguo (10.21).

12.20 — *Discrimina-se o significado de uma frase elocucional, composta, resultante de uma leitura*

Texto escrito motivante: «Gostava de te visitar... Não tenho tempo.».

Observa-se: é um texto ortografável do mesmo modo que o examinado em 12.13, e que resultou de uma verbalização.

Condicionamento da leitura: um indivíduo A pede a um seu interlocutor B, que leia ao microfone um cartão onde se encontra escrito o referido texto.

B sabe que se trata de uma gravação para estudo do comportamento elocucional. Desconhece o texto vocabularmente idêntico a que se refere o parágrafo 12.13. Foi devidamente informado de que devia fazer uma leitura «à primeira vista», isto é, sem que primeiramente tivesse lido o texto «só para si», insonoramente.

Note-se que o texto escrito considerado, além da composição vocabular assinala, apenas, um primeiro entoema inconclusivo seguido de um outro conclusivo.

Admite-se que a reticência traduza uma pausa verbalizável por uma realização do vocábulo MAS, tornando o texto ortografável da seguinte forma: «Gostava de te visitar, mas não tenho tempo.»

Experimenta-se, lendo, uma actuação informativa do texto.

Da leitura feita por B, *segundo o que o texto escrito assinala*, resulta uma frase elocucional, composta, sem qualquer expressão particularizante de realce ou sentimental, que significa actuação informativa do que vocabularmente traduz e nada mais.

Uma leitura prévia do texto, insonora, antecedendo a definitiva, possivelmente por indicação de A, poderia fazer com que B, voluntária ou involuntariamente imaginasse um contexto que originava uma ampliação particularizante do significado do texto. Em vez de significar «Gostava de te visitar, mas não tenho tempo.», significaria, por exemplo, «Podes ter a certeza de que bem gostava de te visitar, mas embora te custe a acreditar, afirmo-te que não tenho tempo.»

12.21 — *Discrimina-se o significado de uma interjeição resultante de uma leitura*

I convidou I' a ler o texto «Ah!». Da leitura feita por I' resultou ≠Ah!≠, ou seja determinada apresentação de uma interjeição ortografável por «Ah!» (1.7).

A interjeição proferida será muito provavelmente experimentada por um ouvinte como uma exteriorização de «Pesar» se a sua particularização apresentativa manifestar: velaridade crescente em nível elevado / regressão vocálica contínua / tensão decrescente / tonalidade descendente em nível grave / longa duração (2.32-1).

Uma outra particularização traduziria «Agrado» ou «Admiração», ou «Surpreza» / ou «Admiração, Pesar e Suspeita» / ou «Surpreza, Reflexão e Aceitação», etc. (2.30).

Ainda uma outra particularização teria este ou aquele significado expressivo se não actuasse um contexto, real ou imaginado, que o determinasse (2.32-2).

Se I' tivesse sido convidado a ler o texto «Ih!», resultava uma interjeição com determinado aspecto expressivo — o de «Estranheza» — além do que pudesse significar a sua particularização elocucional. Qualquer interjeição ortografável por «Ih!» traduz «Estranheza». Interjeições ortografáveis por «Irra!», «Safa!», «Apre!» oferecem um aspecto expressivo comum, verbalizável pelo vocábulo INACEITAÇÃO (2.31).

12.22 — *Determinantes de diversidade do significado elocucional de dois entoemas*

Os dois entoemas confrontados são proferidos por um mesmo locutor ou por dois locutores. Abstrai-se, neste último caso, de particularizações idiofónicas e idiofonéticas discrimináveis.

Convém notar que um «entoema proferido» origina tantos «entoemas ouvidos» quantos forem os ouvintes sobre os quais actuar.

Nas alíneas I), II) e III) apontam-se e exemplificam-se diferentes determinantes de uma diversidade de significado elocucional entre dois entoemas.

I) Diversidade de significado vocabular independentemente de um contexto.

a)

P2, a convite de P1, faz uma leitura que origina dois entoemas sucessivos, E-a, E-b, ortografáveis do seguinte modo: «Fui ontem a Braga.» / «Fui ontem a Viseu.»

Perante a reprodução dos dois entoemas, independentemente de um contexto e admitindo identidade de significado expressivo, um ouvinte P3 experimenta uma diversidade de significado elocucional resultante da diversidade do vocábulo inerente à última palavra de cada um dos dois entoemas confrontados.

b)

O entoema que se ortografa «É uma pessoa inteligente.» tem para um ouvinte O1 um significado elocucional diferente do que tem para um ouvinte O2, se O1 distinguir entre o que denomina «inteligência» e o que denomina «esperteza», e O2 não experimentar essa mesma distinção (4.3; 4.4).

II) Diversidade de significado vocabular por diversidade de condicionamento contextual.

P1, dialogando com P2, profere, sucessivamente, dois entoemas, E-c e E-d, ortografáveis como se segue:

E-c — Estive no Algarve. / E-d — Passei lá uns bons dias.

P3, dialogando com P4, proferiu, sucessivamente, dois entoemas, E-e e E-f, que se ortografam:

E-e — Estive no Minho. / E-f — Passei lá uns bons dias.

Para o interlocutor P2, o significado vocabular da segunda palavra do entoema E-d foi equivalente ao da palavra Algarve do entoema antecedente, ao passo que para o interlocutor P4, a segunda palavra do entoema E-f teve um significado equivalente ao da palavra Minho, no plano vocabular.

III) Diversidade de significado elocucional por diversidade expressiva, independentemente de um contexto.

No final de uma visita de estudo a uma fábrica, o professor perguntou a um dos seus alunos se gostara de ver como funcionava determinada secção, e ouvido o aluno fez-lhe uma nova pergunta. Resultaram duas respostas que constituíram dois entoemas monovocabulares ortografáveis do seguinte modo: «— Gostei.» / «— Gostei.»

Verificou-se, unicamente, diversidade expressiva. A expressão, suposta, do primeiro entoema valorizou o seu significado vocabular tornando-o equivalente ao de «Gostei muito.» no plano lexical, ao passo que a expressão, suposta, do segundo o restringiu.

Tratando-se de um só ouvinte, a diversidade de significado elocucional (5.9) entre dois entoemas é determinada pela diversidade que esse ouvinte experimentar entre as actuações dos respectivos textos segundo os seus «contextos globais incidentes» (12.4).

Se o ouvinte não experimenta um contexto global incidente ou dele abstrai, a diversidade de significado elocucional é determinada pela diversidade que esse ouvinte experimentar entre os respectivos textos.

Supondo que os dois entoemas confrontados, que se designam pelos números I e II, são vocabularmente idênticos, e pondo de parte possíveis particularizações idiofónicas (8.2, 10.2), idiofonéticas (8.3, 10.3), ou circunstanciais (8.4, 10.4), dir-se-á que a maior ou menor diversidade (ou semelhança) experimentada, depende da maior ou menor diversidade (ou semelhança) entre as particularizações apresentativas expressivas que, nas alíneas A), B), C) e D), seguidamente se apontam:

A) Diversidade expressiva delimitativa (8.6, 10.5). Possíveis ocorrências:

a) — Diversidade de modalidade (6.9)

O entoema I exprime conclusão e o entoema II inconclusão.

b) — Diversidade de grau expressivo

Qualquer dos dois entoemas exprime conclusão / ou inconclusão / mas a expressão do entoema II distingue-se pelo seu maior realce.

B) Diversidade expressiva de realce

Diversidade de grau expressivo. Possíveis ocorrências:

Qualquer dos dois entoemas exprime tonalmente / ou qualitativa, ou tensional, ou temporalmente / ou tonal-temporalmente, etc., / realce; mas a expressão do entoema II, ou do entoema I, destaca-se pelo seu maior relevo.

Particularizações expressivas de realce (8.7, 10.6) são, apresentativamente, mais ou menos diversas, mas por muito diferentes que sejam — por exemplo, tonais em vez de tensionais, ou qualitativas, ou temporais / ou tensionais-qualitativas em vez de tensionais-temporais, etc. /, o significado expressivo de qualquer delas só pode diferir do significado expressivo de qualquer outra, no grau de magnitude do realce expresso.

C) Diversidade expressiva sentimental (8.23, 10.20). Possíveis ocorrências:

a) — Diversidade do sentimento expresso.

O entoema I exprime pesar / ou restrição, etc. / e o entoema II exprime, respectivamente, satisfação / ou certeza, etc. /.

b) — Diversidade de grau expressivo.

Qualquer dos dois entoemas exprime o mesmo sentimento, mas a expressão do entoema II destaca-se pelo seu maior realce.

Particularizações expressivas sentimentais podem ser como as de realce, mais ou menos diversas, apresentativamente, mas tanto podem diferir umas das outras por ser diverso o sentimento expresso, como por ser diferente o seu grau de magnitude, como, ainda, por ambas as coisas.

D) Diversidade expressiva de realce e sentimental. Possíveis ocorrências:

a) — Diversidade do sentimento realçado.

Expressão realçada de pesar do entoema I; expressão realçada de satisfação do entoema II.

b) — Diversidade de grau expressivo.

Expressão realçada de pesar / ou de satisfação ou de um outro sentimento por qualquer dos dois entoemas, mas a expressão do entoema II ou do entoema I distingue-se pelo seu maior realce.

Particularizações expressivas de realce, parcialmente sentimentais, e expressivas sentimentais, parcialmente de realce, ocorrem frequentemente. Nas primeiras predomina, em maior ou menor grau, uma expressão de

realce, e, nas segundas, uma expressão sentimental. Tanto numas como noutras podem ser sucessivas ou simultâneas (8.24, 10.22), a expressão de realce e a sentimental.

Importa observar que uma diversidade de particularização elocucional (2.23) pode determinar ou não, diversidade de «significado elocucional» (5.9). Independentemente de um contexto, determina ou não determina, conforme o grau e espécie da particularização actuante, a acuidade discriminativa do ouvinte, o seu maior ou menor interesse em interpretar o que ouve. Pode interessar vivamente o perceptor se determinada particularização delimitativa é conclusiva ou inconclusiva, e ser-lhe indiferente o sentimento expresso por esta ou aquela particularização sentimental independente (8.26). Etc., etc.

Um certo contexto global incidente pode implicar que uma diversidade de particularização elocucional determine este ou aquele significado expressivo. Assim, por exemplo, um «a» particularmente aberto e longo exprime *admiração* se o seu contexto fizer com que actue como uma interjeição ortografável por «Ah!»; exprime *certeza* se o seu contexto fizer com que actue como uma palavra (5.8) ortografável por «Há.» e constituindo uma «afirmação» (7.39).

12.23 — *Grau de expressividade elocucional*

A particularização elocucional, ou seja a coexistente com a particularização estrutural (2.23) origina expressividade em maior ou menor grau, conforme variadíssimas circunstâncias, desde a que se distingue como «predominantemente inexpressiva» até à que se destaca como «predominantemente expressiva». Quando predominantemente inexpressiva é vulgarmente classificada como monótona, se bem que não seja apenas tonalmente que ela é inexpressiva. Além de o ser tonalmente, é-o também qualitativa, tensional e temporalmente.

Pela designação «particularização predominantemente inexpressiva» deve entender-se uma particularização apresentativa que não realce nem sentimentalize significativamente a elocução. Observe-se que uma elocução sem expressão, por mínima que seja, só teoricamente é admissível, e que um mínimo de expressividade é, muitas vezes, expressivo. Um texto elocucional sem expressão não é elocucional; constitui um texto dificilmente imaginável que se classifica como vocabular (2.21, 2.40).

Elocuções resultantes de leituras sem interesse espontâneo ou forçado do locutor, são predominantemente inexpressivas. As predominantemente expressivas ocorrem em diálogos, principalmente quando envolvem transes emocionais.

13 — CONFIGURAÇÃO ELOCUCIONAL E ENTOAÇÃO

I)

13.1 — *Configuração elocucional*

Os aspectos apresentativos auditivamente discrimináveis em qualquer elocução, são distribuíveis, como vimos, em tensionais, tonais, qualitativos e temporais (3.5).

São aspectos que *figuram* na percepção da elocução se o perceptor, examinando-a, os dissocia, e que se *configuram* se o perceptor os experimenta conjuntamente, originando o que se designa por *configuração elocucional*.

Importa distinguir-se, criteriosamente, entre configuração elocucional geneticamente considerada, isto é, no plano da sua formação mediante um locutor segundo o que ele verbaliza (2.48; 11.28), diz de cor (2.50; 11.26) ou lê, em voz alta (2.49; 11.27), nestas ou naquelas circunstâncias — e configuração elocucional considerada genêmicamente, ou seja no plano da sua actuação sobre um ouvinte, nestas ou naquelas condições.

13.2 — *Configuração elocucional e «figurações» componentes elementares*

Um ou mais do que um aspecto de cada uma das quatro espécies auditivamente discrimináveis em qualquer elocução, actuando como elemento da sua configuração elocucional, constitui uma das suas 4 «figurações componentes elementares».

Todas elas coexistem em qualquer trecho ou segmento elocutivo, mas a magnitude de actuação de qualquer das figurações difere em maior ou menor grau da magnitude de actuação de qualquer das restantes. Qualquer delas pode actuar de modo predominante ou quase indistintamente.

13.3 — *Figurações e configurações elocucionais e seus decursos*

Figurações e configurações elocucionais, globais ou parciais (13.4), apresentam um decurso de uma *constância* ou um decurso de uma *variação* ou uma e outra coisa, nesta ou naquela ordem, sucessivamente. São decorrentes. E se bem que sejam evanescentes como *presenças*, não deixam de persistir memorialmente de modo a originarem, mentalmente, um decurso.

— Na figuração qualitativa, tensional, ou tonal, *decorre* a percepção de uma *constância* ou de uma *variação*, respectivamente qualitativa, tensional, ou tonal / ou decorre a percepção de uma constância e a percepção de uma variação, que se sucedem na ordem indicada ou em ordem inversa.

Uma constância qualitativa, tensional, ou tonal, decorre persistindo.

— Na figuração temporal o que decorre é a percepção de uma duração ou de uma sequência de durações, sequência essa que pode originar, ou não, uma consequência rítmica (8.11, 8-12; 10.8).

Tratando-se de uma configuração global ou parcial, observa-se que esta decorre *persistindo* sem variação, ou que decorre *variando* por diferenciação de uma ou de mais do que uma das suas figurações componentes.

No decorrer da elocução representada na Fig. 83 — repetição da Fig. 2 (3.57) — o ouvinte pode experimentar:

- figuração qualitativa com regressão na 1.^a sílaba, progressão na 2.^a, e progressão-regressão na última;
- figuração tensional com acréscimo-decrécimo em qualquer das 3 sílabas;
- figuração tonal com tonalidade descendente nas duas primeiras sílabas e ascendente-descendente na última;
- figuração temporal com destaque da sílaba final.

13.4 — *Configuração global e « configurações parciais »*

Uma configuração resultante da conjugação (composição) das actuações das 4 figurações componentes elementares (13.2), distingue-se como *global*.

Configurações originadas por duas ou mais figurações dissociadas de uma configuração global, mercê de um maior ou menor predomínio da sua actuação conjunta, distinguem-se como *parciais*.

No decorrer da elocução representada na Fig. 83, o ouvinte pode experimentar:

- configuração tonal-tensional com tonalidade descendente nas duas primeiras sílabas e tensão crescente-decrescente em cada uma delas / tonalidade ascendente-descendente e tensão crescente-decrescente na sílaba final;

— configuração qualitativa-tensional com regressão na 1.^a sílaba, progressão na 2.^a, e progressão-regressão na última / tensão crescente-decrescente em qualquer das sílabas;

— configuração qualitativa-temporal com regressão na 1.^a sílaba, progressão na 2.^a e progressão-regressão na última / e, respectivamente, as seguintes durações relativas: regressão da 1.^a sílaba, menos longa do que a progressão da 2.^a e sensivelmente igual à da progressão da sílaba final.

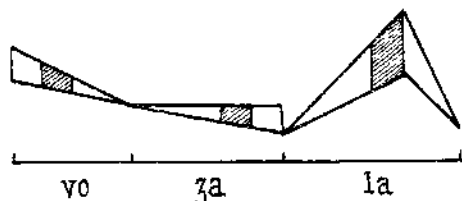


Fig. 83

Segundo as suas figurações componentes, uma configuração parcial é tonal-tensional / qualitativa-tensional / qualitativa-temporal / tensional-temporal, etc.; ou qualitativa-tonal-tensional / qualitativa-tonal-temporal, etc.

13.5 — *Figurações, configurações, e particularização elocucional*

É a particularização elocucional (2.23) de um texto que origina as figurações elementares e as configurações parciais da sua configuração global (13.4).

Segundo a espécie de particularização voluntária (8.1, 8.2; 8.4), destacam-se os seguintes tipos de configuração: «circunstancial» facultativa / «expressiva-delimitativa» / «expressiva de realce» / «expressiva-sentimental» (8.5) / «expressiva sentimental e de realce» (8.24).

Exemplificações:

— uma configuração tonal-tensional-temporal que denuncia uma grande distância entre o locutor e o ouvinte (8.4), mediante elevado nível de actuação de qualquer das 3 figurações designadas, é «circunstancial parcial»;

— uma configuração tonal-tensional como a que constitui um toema fundamental (6.1; 6.3), é «expressiva-delimitativa». É, neste ou noutro caso, «parcial»;

— uma configuração tonal-tensional-temporal que salienta uma palavra para valorizar o seu significado, como no caso assinalado pela fig. 4 do Quadro XXXIX (8.16), é «expressiva de realce» e «parcial»;

— uma configuração tonal-qualitativa que exprime um «conjunto sentimental» como sucede com o entoema 51 (8.23), mediante constância das duas figurações designadas, é «expressiva-sentimental» e «parcial».

Qualquer das configurações consideradas foi parcial, mas, exceptuando a expressiva-delimitativa, podia ter sido global.

13.6 — *Figurações ou configurações auditivas e sua representação gráfica*

Figurações e configurações elocucionais são imagens auditivas — ou falando com maior rigor, «sonoro-articulatórias» — respectivamente, do comportamento de um componente elementar de uma elocução ou dos comportamentos conjugados de dois ou mais dos seus componentes elementares.

O estudo de figurações e configurações auditivas impõe representá-las por meio de figurações e configurações gráficas que possam sugerí-las, realmente.

Representações gráficas de comportamentos tensionais (3.15), qualitativos (3.28) e tonais (3.37), ocorrentes na percepção de apresentações mono-alofônicas vocálicas, foram reproduzidas nos quadros A e B, C e D, e, novamente, nos quadros A e B.

Qualquer dos gráficos representou uma «figuração» (13.3), e qualquer deles poderia representar uma «configuração», respectivamente, tensional-temporal / qualitativa-temporal / ou tonal-temporal / se traduzisse a sua duração global, ou as durações parciais sucessivamente discriminadas no decorrer da figuração.

Unificando as figuras gráficamente representativas dos 4 comportamentos auditivamente discrimináveis de uma «apresentação» (2.9, 2.10), de forma a provocar a sua actuação conjunta no plano visual e sugerir, consequentemente, a sua actuação no plano auditivo, representa-se uma configuração elocucional mediante uma configuração gráfica. A primeira é auditiva, mais precisamente «sonoro-articulatória», e a segunda é visual.

Reproduziu-se na Fig. 2 (3.57) e repetiu-se na Fig. 83 (13.3, 13.4) uma tradução gráfica da configuração elocucional de uma frase que pode ortografar-se: «Vou já lá!».

Se forem consideradas as durações perceptuais (3.41) demarcadas na linha horizontal de referência, classifica-se a configuração citada como «global».

13.7 — *Representar uma figuração ou uma configuração auditiva, implica representar o seu decurso*

Figurações ou configurações auditivas são, como se disse (13.3) decorrentes. São, por consequência, representáveis na medida em que são representáveis os seus decursos.

Representar, porém, um decurso auditivo, impõe que se represente um decurso visual que o motive. A imposição envolve maiores ou menores

difficuldades conforme o que se entender por «representação visual de um decurso auditivo» e conforme o grau de pormenorização exigido.

Uma das duas dificuldades que mais se destacam, consiste em motivar o *decorrer* de uma figuração ou configuração visual; a outra grande dificuldade consiste em motivar um decurso sonoro mediante um decurso visual, ou seja, no presente caso, mediante o *decorrer* de uma figuração ou configuração gráfica.

13.8 — *Motiva-se o decorrer de uma configuração visual*

Uma representação gráfica, como, por exemplo, a configuração reproduzida na Fig. 83, pode ser percorrida pelo olhar de um indivíduo, de modo a fazê-lo sentir, mais ou menos imperfeitamente, um decurso, um *decorrer* visual.

Procede-se frequentemente da forma indicada, quando se examina uma representação gráfica de uma elocução. O processo é rudimentar e reclama uma determinada direcção inicial do olhar do perceptor e uma mudança progressiva dessa direcção para que seja experimentado um decurso decorrente e não um decurso decorrido.

Note-se que é o olhar do perceptor que percorre a figura — a figura propriamente dita —, desde o seu início até ao seu final, com uma velocidade uniforme e não «aos lances» como sucede na leitura de uma linha de um texto escrito, muito especialmente se for impresso.

A velocidade conveniente depende da extensão temporal e do andamento (3.43; 10.10) da elocução gráficamente representada e, ainda, da extensão da representação, que tem por vezes de ser reduzida ou ampliada.

Motiva-se um perfeito *decorrer* de configurações gráficas, apropriadas ao fim em vista (13.13), com auxílio de um aparelho a que se fez referência no parágrafo 3.57, e que se denominou «tradutor de configurações sonoras em configurações luminosas».

13.9 — *Dinamização de representações gráficas, estáticas, de decursos elocucionais*

O mencionado «tradutor» (3.57; 13.8) é, essencialmente, um dinamizador de representações gráficas, sem movimento, de decursos elocucionais.

As configurações gráficas, colocadas no «tradutor» (Fig. 84) que as ilumina e faz deslizar com uma velocidade uniforme — mercê de um disco rotativo (Fig. 85) em que são fixadas — por detrás de duas superfícies opacas, móveis, separadas uma da outra de modo

a formar uma ranhura (Fig. 84) de largura regulável, originam um «segmento» luminoso que traduz a constância ou a variação qualitativa e tonal da respectiva configuração sonora, bem como os correspondentes aspectos temporais.

As configurações são recortadas em folhas de cartolina do mesmo tamanho, e cujo formato permite a sua fácil fixação no disco rotativo e a sua rápida substituição.

Cada uma delas apresenta uma série de hastes opacas que interceptam, periodicamente, a luz, durante a sua passagem por detrás da «ranhura» e pela frente de uma fonte luminosa, tornando mais impressivo o efeito dinamizante. Veja-se, por ex. a Fig. 86.

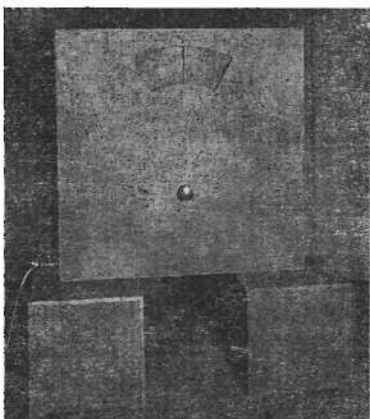


Fig. 84

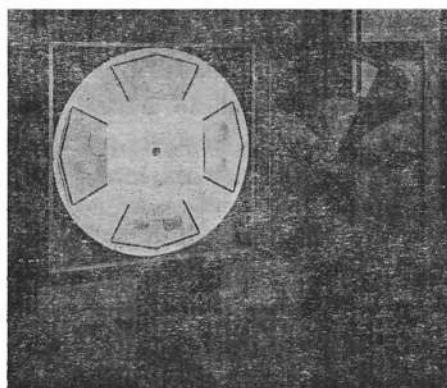


Fig. 85

A configuração é aberta em cartolina que é opaca e o recorte praticado é tapado por uma folha de material translúcido que deixa passar mais ou menos luz conforme o seu grau de espessura.

As configurações reproduzidas no Quadro XLIV (13.13) e mais adiante, não traduzem o comportamento tensional. Todavia, a constância ou variação tensional pode ser, respectivamente, traduzida por uma constância ou variação da intensidade luminosa do segmento. E, por sua vez, essa constância ou variação pode ser respectivamente produzida por uma constância ou variação do grau de espessura do material translúcido da configuração. Se é constante, a constância do grau de luminosidade resultante, do «segmento», traduz constância de nível tensional. Se é crescente ou decrescente, resulta, respectivamente, acréscimo ou decréscimo de luminosidade, traduzindo acréscimo ou decréscimo de tensão articulatória (3.10).

O extremo inferior do «segmento» sobe ou desce na ranhura, ou mantém-se estacionário, conforme o decorrer do contorno inferior da configuração gráfica o determinar; o extremo superior desloca-se para cima ou para baixo, ou mantém-se imóvel, segundo o decurso do contorno que lhe corresponde.

Constância, subida, ou descida do extremo inferior do «segmento» traduz, respectivamente, constância, subida, ou descida tonal.

Constância, acréscimo ou decréscimo da distância entre os extremos, superior e inferior, do «segmento», traduzem, respectivamente, constância, acréscimo, ou decréscimo do grau de caracterização qualitativa — vocálica, sonântica ou consonântica.

Deve esclarecer-se que o efeito da actuação dinamizante do «segmento», provocado pela passagem da configuração luminosa por detrás da «ranhura», só é experimentável com auxílio do «tradutor» ou reproduzindo essa actuação cinematograficamente.

O aparelho utilizado comporta a colocação de 4 configurações gráficas, facilmente substituíveis por outras do mesmo tipo, com o «tradutor» aberto (Fig. 85).

Cada configuração é, geralmente, repetida de forma que as 4 configurações se possam suceder segundo o esquema A1 — A2 — B1 — B2, N vezes. Faculta-se, assim, poder experimentar-se, depois, duas vezes seguidas, o efeito da dinamização de cada uma delas, tornando-o, dessa maneira, mais preciso e persistente.

13.10 — *Motiva-se o decorrer de uma elocução mediante o decorrer de uma configuração visual*

Qualquer texto resultante de uma leitura (2.49) é um decurso elocucional provocado por um decurso visual. Se a «extensão alofónica» (2.41) do texto elocucional provocado for mínima, como no caso de um texto ortografável por uma só vogal — por exemplo «É.» — dificilmente o ouvinte distinguirá o seu «decorrer». A sua extensão temporal (2.41) tem de ser relativamente grande para que o ouvinte sobre o qual actua não o experimente momentaneamente.

O decorrer de uma configuração visual como o da fig. 83, motiva um decurso sonoro-articulatório, possivelmente um decurso conciliável com a transcrição fonética sotoposta, se o indivíduo sobre o qual actuar real-mentalmente o decurso visual, o tiver experimentado juntamente com o decurso sonoro-articulatório referido e de modo que este se tenha tornado parte de um conjunto visual-sonoro, ou, mais precisamente, visual-sonoro-articulatório, memorialmente latente.

13.11 — *Comenta-se o significado de uma representação gráfica de um decurso elocucional*

O decorrer de uma configuração visual como o da fig. 83, desprovido de uma transcrição fonética ou ortográfica do respectivo texto elocucional, e sem qualquer outra informação equivalente, não pode fazer experimentar um decorrer sonoro mais ou menos semelhante ao que se pretendeu representar, se não tiver actuado um processo associativo que faculte a substituição do visual pelo auditivo ou, inversamente, do auditivo pelo visual.

O decurso elocucional que uma pessoa P experimenta perante uma representação gráfica RG de um decurso elocucional DE1, é um decurso DE2, designando DE2 o decurso DE1 recordado por P. Isto, admitindo que P

ouviu o decurso que ele ou outrem proferiu e não o esqueceu, e que ele ou outrem *pretendeu* representar mediante RG.

Compreende-se que se diga *pretendeu* representar, quando se considera o que seria uma representação ideal, uma representação que facultasse experimentar e, consequentemente, proferir uma elocução que, não sendo recordada ou decorada (11.26), e abstraindo de particularizações idiofónicas e idiofonéticas (8.2, 8.3; 10.2, 10.3), não diferisse sensivelmente da elocução original.

Na generalidade, uma representação gráfica de um elocução provoca a sua recordação ou faculta que se imagine uma outra elocução com um mesmo texto vocabular inerente e uma expressão com particularidades comuns, a par de outras mais ou menos semelhantes ou diversas (13.15).

Se o intérprete da representação gráfica conheceu bem o decurso elocucional que se representa, por ter ouvido atenta e repetidamente o seu fonograma, a semelhança entre o decurso elocucional original e o recordado perante a representação, pode ser muito grande no caso de a audição repetida do fonograma ter sido muito recente.

13.12 — *Representação gráfica e fonograma de uma elocução*

A diversidade entre um decurso elocucional resultante da audição de um texto e o resultante da audição do seu fonograma, é, praticamente indiscriminável, desde que se tenha utilizado uma aparelhagem de gravação de alta fidelidade. É, pelo contrário, bem marcada, a diversidade existente entre um decurso de uma elocução e um decurso inferido da sua representação gráfica, ou por ela sugerido, se não se ouviu, recentemente, a elocução original ou o seu fonograma (13.11).

Além de constituir um documento quase sempre indispensável ao estudo da elocução, o fonograma torna possível diversos processos auxiliares do exame auditivo (3.16) e, muito especialmente, no sector da objectividade, o exame espectrográfico.

A grande dificuldade está em se poder representar graficamente, a «particularização elocucional» (2.23), dificuldade tanto maior quanto mais elevado for o nível de pormenorização exigido. A solução é reduzir a exigência, de harmonia com as possibilidades. Transcrições ortográficas ou fonéticas complementares, facilitam o problema no concernente à «particularização estrutural» (2.23).

Representações gráficas de elocuições, constituem, sobretudo, registos que assinalam, mais ou menos sugestivamente, aspectos sonoro-articulatórios

particularizantes, revelados pelo exame auditivo dos seus fonogramas, ou pela sua análise instrumental, ou subjectiva e objectivamente, de um e de outro modo.

13.13 — *Examinam-se representações luminosas dinamizáveis, de configurações mono-alofónicas*

Encontram-se no Quadro XLIV configurações gráficas (13.6) iluminadas pelo aparelho que as dinamiza (13.9), tornando-as decorrentes se as faz passar por detrás da «ranhura de actuação» (Fig. 84).

Representam, visual e estacionariamente, no caso presente, 4 configurações parciais (13.4) auditivas. Qualquer delas representa uma configuração parcial — qualitativa-tonal-temporal (13.4) —, de uma apresentação mono-alofónica, vocálica. Seria «global» qualquer das representações, se não faltasse (13.9) a figuração tensional.

Tratando-se de configurações gráficas dinamizáveis pelo «tradutor» (13.12), mas que se encontram «estacionadas», esclarece-se:

— o contorno inferior traduz, respectivamente, constância ou variação tonal, se é paralelo a um arco de referência ou se dele se distancia subindo, ou dele se aproxima descendo;

— o contorno superior, juntamente com o inferior, traduz constância qualitativa se é paralelo ao contorno inferior; traduz variação progressiva se dele se distancia subindo, e variação regressiva se dele se aproxima descendo.

Ao *ponto* ou ao *trecho* de maior distância entre os dois contornos, corresponde, respectivamente, um *momento* ou um *persistir* de plenitude.

A maior ou menor distância entre o contorno superior e o contorno inferior, significa, respectivamente, um maior ou um menor grau de caracterização qualitativa vocálica (3.20) ou consonântica, segundo uma escala subjectiva (3.47) convencional.

Examinam-se as configurações do Quadro XLIV:

Configuração 1 — Corresponde-lhe uma palavra conclusiva, informativamente actuante, ortografável por «Há.». Observa-se:

— o contorno inferior traduz uma linha tonal ascendente de pequeno aclave e descendente com terminal longo de grande declive;

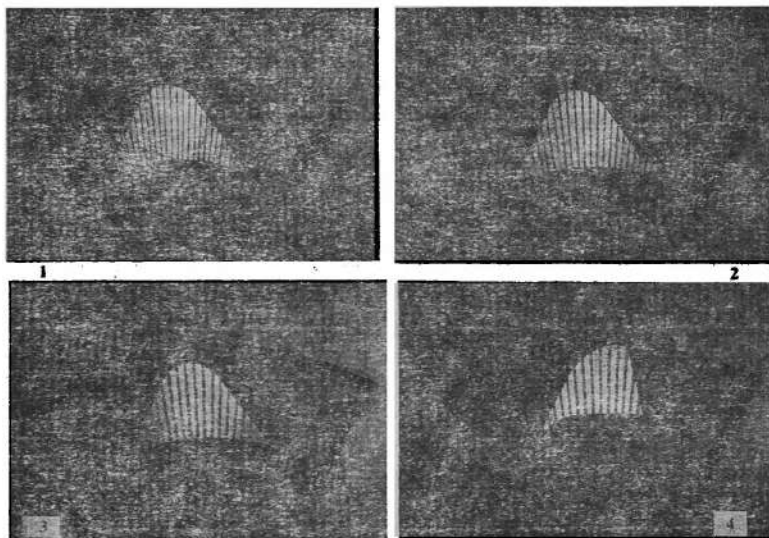
— o contorno superior, juntamente com o inferior, traduzem rápida progressão-regressão com breve trecho intercalar de plenitude com elevado grau de caracterização e um trecho final qualitativamente descaracterizado.

Admitindo que a tensão foi crescente-decrescente, podemos dizer que a configuração traduziu um entoema (7.1) que constituiu uma frase elocucional (11.23) toemática, conclusiva.

Admitindo que a tensão foi crescente durante toda a vogal ou no seu final, verificou-se um «terminal atoemático» conclusivo (11.29) e, por conseguinte, uma frase elocucional-vocabular, atoemática, conclusiva.

A frase elocucional ocorrente em qualquer dos casos apontados, distingue-se como conclusiva com destacado grau de «aceitação» (7.41). Foi informativamente actuante por não ter interferido um contexto inversivo (9.9).

A configuração 1 ou outra semelhante, podia ter sido motivada por uma interjeição toemática (6.6) perceptual-sentimental (2.38) ortografável por «Ah!» e traduzindo com-



Quadro XLIV

preensão admirativa, mercê da sua apresentação e de um contexto (2.32; 4.12, 4.13, 7.50, 12.4; 12.18) mímico-fisionómico (4.24).

Configuração 2 — Corresponde-lhe uma palavra inconclusiva, interrogativamente actuante, ortografável por «Há?». Observa-se:

— o contorno inferior traduz uma linha tonal constante com terminal ascendente de grande aclave;

— o contorno superior, juntamente com o inferior, traduzem rápida progressão-regressão com breve trecho intercalar de plenitude de elevado grau de caracterização e longo terminal qualitativamente descaracterizado (5.12, Fig. 19 e Fig. 30).

Admitindo que a tensão foi crescente-decrescente, pode dizer-se que a configuração traduz ocorrência de um entoema que constituiu uma frase elocucional-vocabular toemática, inconclusiva.

Admitindo que a tensão foi crescente durante toda a vogal ou no seu final, verificou-se um «terminal atoemático» inconclusivo, e, por conseguinte, uma frase elocucional-vocabular atoemática inconclusiva.

Toemática ou atoemática, a frase elocucional ocorrida foi interrogativamente actuante por ser inconclusiva, e por não ter interferido um contexto inversivo (9.9).

Configuração 3 — Corresponde-lhe uma palavra cujo vocábulo inerente foi «HÁ» como nas duas configurações anteriores, mas com uma modalidade delimitativa (6.9) ambígua (3.39, 3.40), que tanto pode fazer experimentar conclusão como inconclusão.

Se traduz conclusão e actua informativamente, embora com um grau de aceitação muito pequeno, constitui uma frase elocucional ortografável por «HÁ». No caso de traduzir inconclusão e actuar informativamente, a frase elocucional que constitui é «defectiva» (11.23) e ortografável, muito precariamente, por «Há» ou por «Há...».

Uma outra possibilidade é traduzir inconclusão e actuar interrogativamente, correspondendo-lhe, ortograficamente, «Há?».

O contorno inferior traduz uma linha tonal constante. É, sensivelmente, paralelo ao «arco de referência» (13.13).

O contorno superior, juntamente com o inferior, traduzem rápida progressão-regressão com breve trecho intercalar de plenitude com elevado grau de caracterização qualitativa.

A partir do trecho de plenitude, a «tonalidade» foi descendente com «linha tonal» constante (3.30; 3.31), podendo, por consequência, ser experimentada uma vogal de tonalidade constante / ou uma vogal com linha tonal descendente (3.40-a).

Admitindo que a tensão foi crescente-decrescente, pode dizer-se que a configuração traduziu um entoema conclusivo ou um entoema inconclusivo de tonalidade constante (6.13).

Presume-se que não actuou um contexto inversivo da modalidade comunicativa.

Configuração 4 — Corresponde-lhe uma palavra inconclusiva, interrogativamente actuante, ortografável por «Há?». Observa-se:

— o contorno inferior traduz uma linha tonal constante com inicial de grande aclave;

— o contorno superior, juntamente com o inferior, traduzem rápida progressão seguida de breve plenitude com elevado grau de caracterização qualitativa e de regressão momentânea.

Admitindo que a tensão foi crescente durante toda a vogal ou no seu final, verificou-se um «terminal atoemático» inconclusivo (11.29) e, por conseguinte, uma frase elocucional-vocabular, atoemática, inconclusiva.

Foi interrogativamente actuante por não ter interferido, assim se presume, um contexto inversivo.

A configuração 4, ou outra semelhante, podia ter sido motivada por uma interjeição atoemática, perceptual-sentimental, ortografável por «Ah!» e traduzindo compreensão «sobressaltada», seguida de «confrangimento» e «suspensão», mercê da sua apresentação e de um contexto (2.32; 12.14; 12.18) predominantemente inverbal, cujo significado foi sobretudo expresso fisionomicamente pelo locutor.

13.14 — *Examinam-se representações luminosas, dinimizáveis, de configurações monovocabulares polissilábicas*

Foram examinadas no parágrafo antecedente, representações de configurações monovocabulares mono-alofónicas. Examinam-se neste parágrafo representações de configurações monovocabulares polissilábicas.

São configurações visuais, dinamizáveis, como as reproduzidas no Quadro XLIV (13.13). Não animadas de um movimento que as torne *decorrentes* são configurações gráficas estáticas de configurações elocucionais *decorridas*.

Examinam-se representações de configurações de dissílabos oxítonos / dissílabos paroxítonos / trissílabos paroxítonos / conclusivos e inconclusivos. Correspondem-lhes, respectivamente, as figuras 86, 87 / 88, 89 / 90, 91. São configurações parciais, como as do Quadro XLIV; não traduzem a figuração do comportamento tensional.

Fig. 86 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo «Avó» (2.21). Observa-se:

— caracterização e descaracterização qualitativa, momentânea, tanto da vogal que constitui a sílaba átona, como da vogal da sílaba tônica;

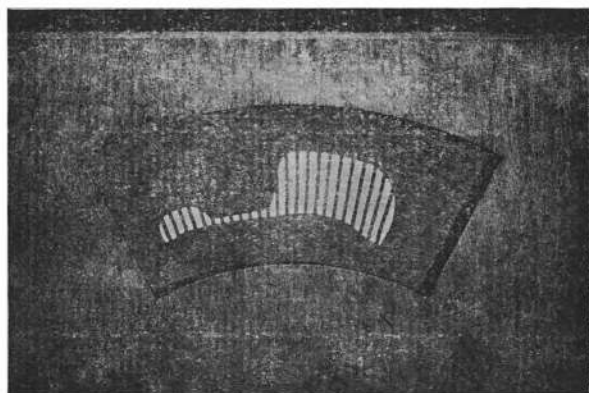


Fig. 86

— predomínio de constância qualitativa vocálica de qualquer das vogais e de constância qualitativa consonântica da fricativa lábio-dental;

— destaque qualitativo-temporal da vogal da sílaba tônica.

Admitindo que a 1.ª sílaba não manifestou um decréscimo tensional, final, sensível (6.1) e que o decurso tensional da última sílaba originou, juntamente com a descida tonal, um toema conclusivo (6.10), verifica-se a ocorrência de um entoema dissilábico, oxítono, monotomático, conclusivo. É semelhante ao representado pela notação 3 do Quadro XX (7.18). Traduz elevado grau de «aceitação» (7.41).

— duração e tensão particularizantes da sílaba átona conferem-lhe um acento expressivo atoemático (6.34);

— duração, tensão e qualidade particularizantes da sílaba acentuada, conferem-lhe um relevo que juntamente com o referido acento expressivo da sílaba átona, valorizam o significado vocabular inerente da palavra proferida.

Se não houver interferência de um contexto inversivo, o entoema conclusivo proferido, actua informativamente (7.45), e é, por conseguinte, ortografável por «Avó.»

Supondo, porém, que actuou um contexto inversivo (9.9), por exemplo um contexto inverbal, mimico-fisionómico, posposto (7.45-II), com um significado equivalente ao de «Não é?», admitimos que o entoema conclusivo ocorrente actuará interrogativamente.

Fig. 87 — Representação de uma configuração originada por uma realização inconclusiva do vocábulo «Avó» (2.21). Traduz:

— caracterização e descaracterização vocálica / predomínio de constância qualitativa vocálica e consonântica / destaque qualitativo-temporal, da sílaba tónica, como no caso anterior (Fig. 86).

A linha tonal foi, porém, sempre ascendente, excepto durante um breve momento final, o que não impediu que a tonalidade fosse ascendente, exprimindo inconclusão.

Admitindo que a 1.^a sílaba se comportou tensionalmente como na configuração representada na Fig. 86, e que o decurso terminal da última sílaba, originou, conjuntamente com a subida de tonalidade, um toema inconclusivo (6.11), verificou-se um entoema dissi-

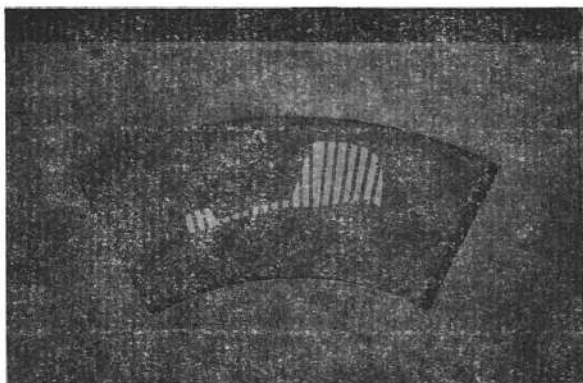


Fig. 87

lábico, oxítono, monotoemático inconclusivo. É semelhante ao representado pela notação 6 do Quadro XX (7.18). Traduz elevado grau de inconclusão.

— duração e tensão da sílaba átona, não particularizantes;

— duração, tensão e qualidade da sílaba acentuada, conferem-lhe um destaque que valoriza o significado vocabular inerente da palavra proferida.

Se não actuar um contexto inversivo sobre o entoema inconclusivo proferido, este actua interrogativamente (7.46; 9.9), e é, por conseguinte, ortografável por «Avó?». Caso contrário, admitindo, por exemplo, que sobre o entoema inconclusivo proferido, actuou um contexto inversivo, constituído por uma pausa ponderativa do locutor, denunciando reflexão, e um entoema conclusivo ortografável por «materna», teremos uma actuação informativa do entoema inconclusivo, sendo este, então, ortografável por «Avó».

Fig. 88 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo «ASA». Traduz:

— progressão-regressão da vogal que constitui a sílaba tónica, com momento central de plenitude em nível qualitativo elevado;

— progressão-regressão momentânea da vogal final da sílaba átona, em nível qualitativo muito baixo;

— destaque qualitativo-temporal da sílaba tónica e destaque temporal da consoante da sílaba átona;

— deslize tonal silábico consonântico semelhante ao do tipo 8 do Quadro XXII (7.29).

Admitindo que foi decrescente o decurso tensional, este originou conjuntamente com o decurso da tonalidade — descendente com inicial ascendente — um toema conclusivo.



Fig. 88



Fig. 89

Verificou-se um entoema dissilábico, paroxítono, monotoemático (7.21) conclusivo.

O entoema conclusivo proferido actua informativamente com destacado grau de aceitação (7.41), e é ortografável por «Asa.», desde que não actue um contexto inversivo.

Fig. 89 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo «ATA». Traduz:

— progressão preponderante com momento de plenitude quase final em nível qualitativo elevado, da vogal que constitui a sílaba tónica;

- progressão-regressão em baixo nível qualitativo, da sílaba átona;
- deslize tonal vocálico, ascendente, seguido de *lacuna de variação tonal* descendente (7.30).

Presume-se que foi crescente o decurso tensional da vogal que constitui a sílaba tónica.

Admitindo que foi decrescente o decurso tensional final da sílaba átona, verifica-se, conjuntamente com o decurso da tonalidade — descendente com grande declive — um toema conclusivo com elevado grau de «aceitação», se bem que muito breve.

Verificou-se um entoema dissilábico, paroxítono, monotemático, conclusivo. Este entoema actua informativamente, com particularização qualitativa de realce (8.17)



Fig. 90

da 1.^a sílaba, e é ortografável por «Ata.», desde que não interceda um contexto inversivo. Se intercede, ocorre um entoema ortografável por «Ata?» com realce expressivo da sílaba inicial.

Seria ortografável por «Asa?», se em vez de uma lacuna tonal originada por uma oclusiva alveolar áfona, tivesse lugar um deslize tonal vocálico motivado por uma fricativa predorso velar vozeada, e representada na configuração por um segmento tracejado, luminoso, semelhante ao da figura 88. Supõe-se um contexto inversivo.

Fig. 90 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo «DÁDIVA».

Sabendo-se que se trata de uma realização do vocábulo «DÁDIVA», deduz-se que a configuração denuncie a sequência (3.9) que se aponta:

- «acção própria» de //d// instantânea — breve acção modificadora de //d// sobre //a//
- acção própria de //a// — acção modificadora de //d// sobre //a// — acção própria de //d//
- acção modificadora de //d// sobre //i// — acção própria de //i// — acção modificadora de //v// sobre //i//
- acção própria de //v// — acção modificadora de //v// sobre //a//
- acção própria de //a//.

Observa-se:

- progressão-regressão da vogal da sílaba tónica, com momento central de plenitude em nível qualitativo elevado;

- rápida progressão-regressão de qualquer das vogais átonas;
- destaque qualitativo da vogal da sílaba tónica e temporal das sílabas átonas valorizam o significado vocabular inerente da palavra.
- entre o nível tonal da 1.ª sílaba e o da 2.ª, ocorre um «deslize tonal» (7.29) consonântico descendente com breve inicial vocálico ascendente; entre o nível tonal da 2.ª sílaba e o da 3.ª, ocorre um deslize tonal consonântico descendente com breve inicial vocálico, também descendente.

Admitindo que o decurso tensional determinou a formação de um toema secundário na sílaba tónica, um toema secundário na 1.ª sílaba átona, e um toema fundamental de tonalidade descendente na sílaba final, verifica-se a ocorrência de uma «sequência primacial de toemas» (6.8) e, por consequência, de uma frase elocucional tritoemática conclusiva.

A frase elocucional proferida, se não actuar um contexto inversivo, actua informativamente. Sendo assim, é ortografável por «DÁDIVA».

Fig. 91 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo «DÁDIVA». Trata-se de uma realização distinta da anterior, embora dum mesmo vocábulo.

Confrontando a configuração correspondente à Fig. 90 com a correspondente à Fig. 91, destacam-se nesta, as diferenças seguintes:

sílaba tónica — trecho de plenitude vocálica em vez de um momento / regressão qualitativa instantânea, em vez de rápida / nível tonal mais agudo;

sílabas átonas — maior declive da linha tonal (3.5; 3.30) / maior duração da consoante da sílaba átona final.

Admite-se que o decurso tensional determinou, juntamente com o tonal, a formação de um toema único, um toema fundamental de tonalidade descendente, e, por conseguinte, a ocorrência de uma frase elocucional, toemática, conclusiva, que actua informativamente e é ortografável por «DÁDIVA», como no caso anterior, se não interferir um contexto inversivo.

Se actuar um contexto inversivo, possivelmente «inverbal fisionómico» (4.22; 4.24), simultâneo, ou posterior, ou em parte simultâneo e em parte posterior, traduzindo curiosidade, a frase elocucional considerada, toemática conclusiva, torna-se interrogativa.

O entoema correspondente à fig. 91, manifesta «aceitação» (7.41; 12.4-II) se for informativamente actuante. Porém, actuando interrogativamente, mercê de um contexto inversivo, a descida de tonalidade do seu toema fundamental (7.41) não deixa de traduzir «aceitação». Explica-se:

— *interrogar* é, no caso presente, comunicar a outrem algo suposto como resposta ao que se pretende saber, para se verificar se o interrogado o experimenta ou não com um consequente sentimento de «aceitação» (7.42). Se a resposta suposta é aceite pelo interrogado e manifesta «aceitação», este aspecto vale como «confirmação». O interrogado, no caso considerado, confirma; confirma, por exemplo, que em certo passo de um determinado testamento, o vocábulo que figura, de facto, é «DÁDIVA». Não é «DOAÇÃO» ou qualquer outro, pensou o interrogado, e isso conferiu à sua «confirmação» o sub-aspecto de «discordância» (12.5-2.ª suposição).

É oportuno notar-se que um entoema como o correspondente à fig. 91 é mais facilmente compatível com uma actuação interrogativa do que um entoema como o correspondente à fig. 90, se actuar sobre um ouvinte mediante

um fonograma, sem qualquer indicação sobre o contexto motivante do entoema considerado. Atribui-se a maior compatibilidade apontada, ao alto grau de magnitude tonal aguda que particulariza a sílaba tónica do entoema correspondente à fig. 91.

Observou-se anteriormente (5.21): «palavras interrogativamente actuantes apresentam, frequentemente, um decurso tonal que se distingue pela sua 'altura' como agudo, ou por se tornar distintamente agudo». Sucede que o nível tonal da sílaba tónica da pala-

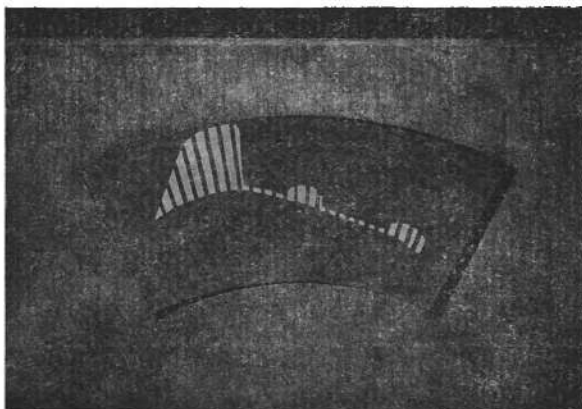


Fig. 91

vra correspondente à fig. 91 apresentou um nível tonal mais agudo do que a sílaba tónica da palavra correspondente à fig. 90.

A probabilidade de uma actuação interrogativa é muito grande no caso de a sílaba tónica ter sido particularizada por um alto grau de tensão e de sonoridade (3.33). Se não distinguiu a sílaba considerada um maior grau de tensão, distinguiu-a, como se disse, um trecho de plenitude tonalmente agudo, e, por consequência, um elevado grau de sonoridade.

Se, apesar da particularização referida, actuar informativamente sobre o ouvinte, este experimentará uma informação expressivamente enfática.

13.15 — *Volta a ponderar-se o significado de uma
representação gráfica de um decurso elo-
cucional*

O que se disse sobre representação gráfica da elocução, em capítulos anteriores e o exposto em alguns parágrafos do presente capítulo, sobre dificuldades da representação (13.7), sobre o seu significado (13.11) e o seu valor em face

do respectivo fonograma (13.12), deve ser pacientemente ponderado, duvidando-se, sistematicamente, do que se experimenta como evidente.

Destrinçar entre o que uma representação gráfica representa, de facto, e o que pode julgar-se que ela represente, reclama criteriosa reflexão.

Importa ponderar as possíveis ocorrências que se apontam nas alíneas *a)*, *b)*, *c)*, *d)* e *e)*:

a) Uma configuração gráfica *representa*, mais ou menos pormenorizadamente, a configuração sonora de *qualquer* elocução ortografável de determinado modo — complementariamente indicado —, que manifeste aspectos apresentativos semelhantes aos que a configuração gráfica assinala, além de outros coexistentes, incluindo os individualizantes, que em face do propósito e das possibilidades de representação, não se consideraram ou não foram assinalados.

Concretiza-se: — a configuração gráfica N.º 1 do Quadro XLIV — admitindo que a tensão foi crescente-decrescente — representa, pouco pormenorizadamente, a configuração sonora de qualquer elocução ortografável por «Há» ou por «É» — conforme indicação complementar — que manifeste aspectos apresentativos semelhantes aos que assinala (13.13), além de outros coexistentes, como acima se disse, se o intérprete da representação, que assim a pode interpretar, assim a interprete.

Aspectos considerados mas que não foram assinalados numa configuração, são, muitas vezes, indicados verbalmente. É o que se passa com os aspectos tensionais concernentes às configurações luminosas reproduzidas neste capítulo. Assim, por exemplo, no concernente à configuração N.º 1 do Quadro XLIV, indicou-se, verbalmente (13.13), ter-se admitido numa primeira suposição, que a sua tensão foi crescente-decrescente, e numa segunda suposição, que foi crescente durante toda a vogal ou no seu final.

b) Uma configuração gráfica *representa*, mais ou menos pormenorizadamente, a configuração sonora de uma *determinada* elocução, quando o intérprete da representação considera a elocução de cujo exame essa representação resultou — uma elocução que pode ser ouvida mercê do seu fonograma — e não qualquer elocução ortografável do mesmo modo.

Concretiza-se: — a configuração gráfica N.º 1, a mesma que figurou como exemplo em *a)*, representa, com pequeno pormenor, a configuração sonora de uma elocução determinada, aquela de cujo exame resultou a configuração gráfica N.º 1, e não qualquer outra como ela ortografável, se o intérprete da representação que assim a pode interpretar, assim a interprete.

Interessa deduzir: no caso *a)* o intérprete considera qualquer representante de uma determinada classe de semelhança, ao passo que no caso *b)*, o intérprete considera um determinado representante de uma determinada classe de semelhança.

Pode dizer-se: a configuração N.º 1 traduz a configuração sonora de qualquer representante, ou de um determinado representante de uma classe de semelhança que abrange qualquer elocução ortografável por «Há», ou por «É», que manifeste aspectos apresentativos semelhantes aos que assinala (13.13), além de outros coexistentes... etc., etc., conforme o intérprete da representação, que de um ou do outro modo a pode interpretar, a interprete.

Prossegue-se:

c) Uma configuração gráfica — serve novamente de exemplo a configuração N.º 1 — induz o intérprete a *recordar*, mais ou menos fielmente, a configuração sonora da elocução de cujo exame resultou a configuração mencionada, se essa elocução tiver sido ouvida

mediante o seu fonograma de modo a estar latente na memória do ouvinte. Tornar-se-á memorialmente actuante nesse mesmo ouvinte, perante a configuração N.º 1.

d) Uma configuração gráfica — volta a servir de exemplo a configuração N.º 1 — induz o intérprete, que saiba tratar-se de uma representação da configuração sonora de qualquer elocução ortografável por «Há» ou por «É», a *imaginar* uma elocução ortografável por «Há» ou por «É» e que manifeste aspectos apresentativos semelhantes aos assinalados, além de outros possivelmente coexistentes.

e) Uma configuração gráfica — mais uma vez se exemplifica com a configuração N.º 1 — pode actuar perante o intérprete, se este ouviu o respectivo fonograma, em parte como em c) e em parte como em d), induzindo-o a *recordar* em parte, e em parte a *imaginar* a elocução representada.

Os aspectos apresentativos que a representação lhe assinala, poderão, simplesmente, precisar a recordação visualmente provocada e condicionar a parte imaginada.

A possibilidade de uma configuração gráfica representar uma configuração sonora é tanto mais restrita quanto mais limitada for a possibilidade de discriminação e de tradução gráfica dos aspectos apresentativos da respectiva elocução que devem ser discriminados e assinalados.

Diminuem as dificuldades na medida em que se reduza o grau de pormenorização que se pretende atingir, simplificando-se a representação, quando ao seu propósito interesse um pequeno número de aspectos sonoros.

Facilita-se ou amplia-se uma representação gráfica, associando ao figurado pelo desenho, a transcrição fonética ou a ortográfica, do respectivo texto elocucional.

Designam-se, verbalmente, aspectos apresentativos que não foram traduzidos ou que não são traduzíveis, gráficamente, ou que só podem sê-lo de forma inconveniente ou ambígua.

Qualquer das configurações do Quadro XLIV assinala o comportamento da linha tonal e o decurso da caracterização qualitativa. Designaram-se, verbalmente, comportamentos tensionais, e ortografaram-se os respectivos textos elocucionais.

13.16 — *Semelhança e «classes de semelhança» apresentativa*

I)

Confrontando apresentações de elocuições vocabularmente idênticas e expressivamente mais ou menos semelhantes ou diversas, experimenta-se *semelhança global*, isto é, de todos os seus aspectos apresentativos, ou *semelhança parcial*, e neste caso, verifica-se semelhança de alguns aspectos apresentativos e dissemelhança de outros.

Simplifica-se a pesquisa confrontando elocuições proferidas por um mesmo locutor, evitando-se, assim, diversidades idiofónicas (8.2; 10.2) e idiofonéticas (8.3; 10.3) que muito dificultam um confronto.

A semelhança pode ser *subjectiva* ou *objectiva*, ou seja, respectivamente, discriminada pelo ouvido ou detectada instrumentalmente.

Subjectiva e globalmente consideradas, são semelhantes as apresentações que não se distinguem, auditivamente, umas das outras. Supõe-se um ouvinte comum e que as apresentações figuram num idiolecto semelhante ao seu.

Subjectiva e parcialmente consideradas, são semelhantes as apresentações que manifestam, auditivamente, um ou mais do que um aspecto comum e um ou mais do que um aspecto diverso.

II)

Estabelecem-se classes de semelhança parcial, subjectiva, para cada espécie de aspectos auditivamente discrimináveis.

Mencionam-se e definem-se:

Classe de semelhança qualitativa — reúne como semelhantes (parcialmente), as apresentações que manifestem um grau ou um decurso qualitativo semelhante.

Classe de semelhança tensional — reúne como semelhantes as apresentações que manifestem um grau ou um decurso tensional semelhante.

Classe de semelhança tonal — reúne como semelhantes as apresentações que manifestem um nível ou um decurso tonal semelhante.

Classe de semelhança temporal — reúne como semelhantes as apresentações que manifestem uma duração total ou uma sequência de durações parciais, semelhante.

Estabelecem-se gradações, escalas subjectivas, de modo a facultar classificações segundo o grau qualitativo, tensional, tonal ou temporal.

As indicações de grau qualitativo — grau de abertura, de palatalidade, de velaridade, de nasalidade, etc. — que figuram nas transcrições fonéticas pormenorizadas, traduzem o estabelecimento de escalas de valores perceptuais, harmonizáveis com a capacidade discriminativa auditiva. Assim, por exemplo: vogal pouco aberta, normalmente aberta, particularmente aberta. O mesmo sucede com as indicações de grau tensional, tonal ou temporal.

Objectiva e globalmente consideradas, distinguem-se apresentações classificáveis como semelhantes segundo um critério baseado na análise das elocuições como objectos *realmente* actuaes.

Objectiva e parcialmente consideradas, são semelhantes as apresentações cujo exame objectivo revela um ou mais aspectos representativos classificáveis como semelhantes e um ou mais aspectos classificáveis como distintos.

Estabelecem-se gradações, escalas objectivas de modo a serem agrupados como semelhantes, valores, magnitudes, cuja diversidade é irrelevante em face do objectivo de pesquisa.

A divisão da «banda tonal» em «faixas de frequências» com determinados intervalos tonais, como seja, por exemplo, de 50 a 100/ de 100 a 200/ de 200 a 300 c.p.s., ou a

distribuição de durações medidas em milissegundos em grupos, segundo os seus valores temporais em centissegundos, servem como exemplos.

Auxilia a compreensão do Leitor, recordar o que se disse sobre «particularização apresentativa», em especial o expresso nos parágrafos 3.46 e 3.47.

III)

No estudo de textos elocucionais (11.32) são, naturalmente, os entoemas que constituem frases elocucionais simples (11.23) os textos que mais frequentemente se agrupam em classes de semelhança.

Estabelecem-se classes de semelhança de entoemas ortografáveis conforme se indicar, e que são conclusivos ou inconclusivos, com esta ou aquela particularização de realce ou sentimental, ou uma e outra, ou nenhuma.

A classe ou uma das classes que se estabelece, reúne, por exemplo, como semelhantes, entoemas cujo texto vocabular inerente seja «É UM LIVRO DIFÍCIL DE COMPREENDER» e que se distingam como conclusivos com uma particularização de realce, temporal-longa, da 1.ª palavra, e temporal-longa, tonal-aguda, e tensional-forte, da sílaba tónica da 4.ª palavra.

Note-se que na tradução ortográfica dum texto elocucional, também, não se admite ponto-final, ponto-de-interrogação ou vírgula, desde que se não saiba se actua, ou não, um contexto inversivo e se ignore, portanto, se resulta actuação informativa ou interrogativa.

Um maior grau de pormenorização comunicaria, presume-se, a ocorrência de uma sequência primacial ditomática conclusiva-cumulativa (6.14) ou a ocorrência de uma particularização de realce da sílaba inicial da 4.ª palavra, mediante acento toemático impulsivo (6.35) de tonalidade ascendente.

Etc.

IV)

Classes de semelhança, estabelecidas para o estudo de figurações (13.3), são tensionais, qualitativas, tonais ou temporais.

São de espécie conjunta — tensional-temporal, qualitativa-temporal, etc., para o estudo de configurações parciais (13.4); ou tensional-temporal-qualitativa-temporal, tratando-se de configurações globais (13.4).

Figurações tensionais são examinadas auditivamente (3.16). Todas as outras podem ser examinadas auditivamente e analisadas instrumentalmente.

V)

A factura das configurações luminosas, dinamizáveis, reproduzidas neste estudo, baseou-se numa apreciação subjectiva do comportamento tonal, qualitativo, tensional e temporal dos respectivos fonogramas, recorrendo-se ao «processo de repetição» (5.2), e a uma análise instrumental. Traduziram-se os fonogramas em cromogramas mediante os quais se analisou o comportamento vocálico e o correspondente decurso da linha tonal (5.2), além de se terem medido durações cujo valor real interessou conhecer, sempre que foram delimitáveis os correspondentes trechos cromográficos.

Designaram-se, verbalmente, os decursos tensionais, reais ou supostos, e ortografaram-se os respectivos textos elocucionais.

VI)

Aceita-se que duas ou mais apresentações — dois ou mais entoemas, por exemplo — sejam representados por uma só representação gráfica, se a sua diversidade, no plano auditivo, for indistinguível ou insignificante.

Se assim não for, uma mesma representação só será aceitável desde que sejam considerados, somente, aspectos comuns às duas ou mais apresentações em causa, e se abstraia de todos os outros possivelmente coexistentes no referido plano auditivo. É o que forçosamente se verifica no caso da ocorrência apontada na alínea *a*) do parágrafo anterior.

O que se afirmou a respeito de diversidade ou de igualdade, apresentativa, real ou auditiva, de alofones (1.5-a), afirma-se, agora, *mutatis mutandis*, a respeito da apresentação de elocuições, ou seja do alofone ou da sequência alofónica que a constitui:

— apresentações de duas ou mais elocuições, ou são auditivamente iguais e realmente diferentes / ou auditiva e realmente diversas. O grau de probabilidade de ocorrência de elocuições proferidas, mono ou poli-alofónicas, com apresentações realmente iguais, é, praticamente, nulo. Elocuições auditiva e realmente iguais, só as resultantes de reproduções de um fonograma, porque só essas são, de facto, *repetições*.

13.17 — *Sonorização do decurso de uma configuração global, visual dinamizada de uma apresentação*

O decorrer de uma configuração como a que se designou, iluminada e dinamizada (13.9) com auxílio de um «tradutor» (13.8), pode ser sonorizado mediante reprodução simultânea, devidamente sincronizada, do correspondente magnetograma, registo optofónico, ou fonograma de outra espécie.

A sonorização de uma configuração global, visual, dinamizada, de uma só vogal é suficiente para evidenciar de modo impressionante, figurações decorrentes, tensionais, qualitativas, tonais e temporais, unificando-se numa palavra ou numa interjeição.

Configurações gráficas estáticas ou dinamizadas, *silenciosas*, isto é, não sonorizadas, representativas de configurações elocucionais, actuando sobre um indivíduo P, que as experimente independentemente do que souber e recorde, ou do que imaginar que elas representem sonoramente, serão, apenas, visualmente actuates.

Percorrendo com o olhar a configuração gráfica reproduzida na fig. 90, por exemplo, provocam-se efeitos apresentativos visuais que seriam, simultaneamente, auditivos se a configuração fosse dinamizada e sonorizada.

Configurações gráficas representativas de configurações elocucionais suficientemente extensas ou especiais como as dos textos em verso, actuando unicamente, no domínio da visão, originam efeitos apresentativos, visuais, sistemáticos ou assistemáticos, de *aparição*, de *reaparição*, de *igualdade*, contígua ou distanciada, de *diversidade*, de *constância* ou de *variação*, etc., paralelamente ao que se passa com os efeitos apresentativos sonoros que se distinguem auditivamente, perante o decorrer de uma elocução.

A sonorização de uma configuração global, visual, dinamizada, faculta:

— experimentar-se, auditivamente, constância, acréscimo, ou decréscimo de tensão fónica (3.10, 3.16) durante mais ou menos tempo e em nível mais ou menos elevado de constância ou de variação tensional (3.12, 3.16), e experiência visual, simultânea, de constância, acréscimo, ou decréscimo de tensão luminosa durante mais ou menos tempo e em nível de constância ou de variação de luminosidade mais ou menos elevado;

— experimentar-se, auditivamente, constância, progressão, ou regressão qualitativa vocálica (3.23), ou consonântica, durante mais ou menos tempo e em nível mais ou menos elevado de constância ou de variação qualitativa vocálica (3.19, 3.20) ou consonântica, e experiência visual simultânea, de constância, acréscimo ou decréscimo de extensão do segmento luminoso, durante mais ou menos tempo e em nível de constância ou de variação da sua extensão mais ou menos elevado;

— experimentar-se, auditivamente, constância, subida, ou descida de tonalidade — ou de linha tonal — (3.30; 3.39), durante mais ou menos tempo e em nível mais ou menos elevado de constância ou de variação tonal, e experiência visual, simultânea, de constância, subida ou descida do segmento luminoso — ou do seu extremo inferior —, durante mais ou menos tempo e em nível de constância ou de variação mais ou menos elevado;

— experimentar-se, auditivamente, constância, aumento ou diminuição da velocidade de andamento, durante mais ou menos tempo, do decorrer sonoro, e experiência, simultânea, de constância, aumento ou diminuição da velocidade de andamento, durante mais ou menos tempo, do decorrer visual.

13.18 — *Configuração elocucional geneticamente considerada*

Considerar, geneticamente, a configuração elocucional (13.1), é considerar a formação das figuras componentes (13.2) que a originam, quando conjuntamente actuaes na percepção da elocução.

É, por sua vez, a particularização elocucional (2.23) que origina as figuras componentes (13.5). E, portanto: considerar geneticamente a configuração elocucional, é considerar a formação dos aspectos representativos que a distinguem, que a particularizam.

Como uma elocução, ou parte de uma elocução, resulta de uma verbalização (2.48), ou de uma leitura (2.49), ou do facto de ter sido recordada (2.50), considerá-la, geneticamente, implica que se principie por distinguir qual desses três casos se apresenta, e se tome a correspondente atitude interpretativa.

A particularização elocucional (2.10; 2.23), de um texto elocucional-vocabular (2.40), lexicalmente actuante (4.7), pode considerar-se como uma modificação *significativa* da particularização estrutural (2.10; 2.23) coexistente, do texto mencionado.

Se é expressivamente significativa, classifica-se como «particularização elocucional expressiva» e subdivide-se em expressiva-delimitativa, expressiva de realce, expressiva-sentimental e expressiva-circunstancial (8.5).

Dissemos (13.5) que é a particularização elocucional de um texto que origina as figurações e as configurações parciais da sua configuração global. Dizemos agora que é a «particularização elocucional *expressiva*» de um texto que origina a sua configuração expressivamente actuante.

13.19 — *Considera-se, geneticamente, uma configuração expressiva de uma elocução real-mental, resultante de uma verbalização*

Dois interlocutores — I e I' —, conversam a respeito de uma terceira pessoa P. A certa altura do diálogo, I' estranha que P não vá a casa de S para lhe falar em determinado assunto.

A partir de um momento M1, no decorrer mental de I', predominam os seguintes factos, verbal e inverbalmente actuantes:

— I' julga P um «finório», e, portanto, *esperto e simulado*;
— julgá-lo esperto e simulado — dois formantes lexicais (4.7) do vocábulo *FINÓRIO*, induz I' a não acreditar que P deixe escapar uma boa oportunidade de ser agradável a S, e a pensar que P fingiu perante I não ter interesse em falar com S.

— I' depois de ter pensado, verbalmente, na esperteza e simulação de P, experimentando, mentalmente, um entoema ortografável por «Tem tanto de esperto como de fingido!» / e depois de ter pensado, inverbalmente, nessa esperteza e fingimento, imaginando rápidos e furtivos olhares de P para I, *suspeitou* que P vai lá, isto é, que P vai a casa de S.

Ocorre, assim, no panorama mental de I', um objecto OB que I' verbaliza parcialmente, proferindo um entoema conclusivo cuja particularização apresentativa exprime *suspeita*, *agudeza*, *clareza*, *aceitação*, e cujo texto é ortografável por «Ele vai lá». O ponto-final denuncia actuação informativa, o que pressupõe não se verificar interferência de um contexto inversivo.

Da verbalização de OB, resulta:

- 1) I' comunica a I, o que o entoema ortografável por «Ele vai lá.» significa lexicalmente e segundo o respectivo contexto global incidente (12.4, 12.17);
- 2) I' exprime simultânea ou quase simultaneamente:
 - a) *suspeita* — mediante nasalização particularizante do entoema proferido;
 - b) *agudeza* — mediante particularização tonal-aguda, temporal-longa e tensional-forte, da 1.ª palavra do entoema;
 - c) *clareza* — mediante realce tensional-temporal-qualitativo da 2.ª palavra;
 - d) *aceitação* — mediante descida de tonalidade com declive sensível, do toema fundamental.

Poderia ter-se dito: a) *desconfiança*; b) *subtileza*; c) *certeza*; d) *afirmação* (7.39).

Entre os aspectos de OB — o objecto experimentado por I' e de cuja verbalização resultou o entoema ortografável por «Ele vai lá.» — figurou, verbal ou inverbalmente, ou de um e de outro modo, o de *P indo lá*. Por seu turno, entre os aspectos de P, figuraram verbal ou inverbalmente, ou de um e de outro modo, os seguintes:

suspeita de que P vai lá / *subtileza de P* / *clareza* traduzindo «*certeza*» de *que P vai lá* / *aceitação* valendo como *afirmação de que P vai lá*.

I' experimentando OB, experimentou inverbalmente — além de outras coisas possíveis —, *P indo lá*, imaginando, por exemplo, P a dirigir-se para casa de S, e, simultânea ou quase simultâneamente, experimentou os sentimentos que figuraram em OB como aspectos de P.

Experimentando OB, I, podia ter experimentado *P indo lá* mediante um entoema mentalmente actuante com significado vocabular equivalente e expressão apresentativa dos sentimentos que figuraram em OB como aspectos de P. Dir-se-ia, então, que a verbalização elocucional de que resultou o entoema real-mentalmente actuante, ortografável por «Ele vai lá.», fora antecedida por uma verbalização mental (2.45).

I' podia ter verbalizado OB, ou um objecto OB1, semelhante a OB, proferindo um entoema ortografável por «Suspeito que ele vai lá.», exprimindo, ou não, *suspeita*, mediante particularização apresentativa, e exprimindo, ou não, também apresentativamente, os aspectos de *agudeza* valendo como *subtileza*, e de *clareza* valendo como *certeza*. O aspecto de *aceitação* valendo como *afirmação* mantinha-se, por ser conclusivo o entoema suposto.

Outra possível ocorrência: I' verbaliza um objecto OB2, semelhante a OB, proferindo um entoema ortografável do seguinte modo:

«Afirmo suspeitar que é quase certo esse finório ir lá.» sem qualquer particularização sentimental da respectiva apresentação (2.10; 10.20).

E sendo assim, nenhum dos sentimentos experimentados por I' é expresso apresentativamente.

Procurando saber em que difere um contexto motivante de um entoema ortografável por «Ele vai lá.» com nasalidade particularizante exprimindo *suspeita* e o motivante de um entoema ortografável por «Suspeito que ele vai lá.», comunicando, lexicalmente, *suspeita*, observa-se:

— No primeiro caso, I' comunica «Ele vai lá.» e exprime *suspeita* porque suspeitou que ele vai lá. E como o não diz mediante o respectivo texto vocabular inerente, exprime-o mediante nasalidade particularizante;

— no segundo caso, I' comunica «Suspeito que ele vai lá.». I' diz que *suspeita* mediante o respectivo texto vocabular inerente, e por isso não exprime o sentimento de *suspeita*, a não ser que I' ao verbalizar o que verbalizou, o experimente, ou que deseje traduzir, expressiva e lexicalmente o significado de //SUSPEITO// (10.24).

13.20 — *Determinantes da configuração expressiva de uma elocução real-mental resultante de uma verbalização*

A configuração de uma elocução, real-mental, resultante de uma verbalização (2.48; 11.28), depende do objecto experimentado pelo indivíduo que o verbaliza — *objecto que foi verbalizado* —, desse mesmo indivíduo como locutor, ao proferir a elocução originada, e do condicionamento circunstancial.

A configuração da elocução ortografável por «Ele vai lá.» anteriormente comentada (13.19) foi determinada pelo objecto *or'm1*, experimentado por *I'* que o verbalizou, bem como por *I'* como realizador da elocução originada, no momento *m1*, pela sua verbalização.

O objecto verbalizado *OI'M1* é a única determinante da configuração elocucional *expressiva* do entoema resultante da verbalização respectiva, visto essa configuração não abranger aspectos circunstanciais (8.4; 10.4) involuntários (8.5, 13.27), nem aspectos idiofónicos ou idiofonéticos respectivamente provenientes de *I'* como *locutor-instrumento* e de *I'* como *locutor-executante* (8.2, 8.3; 10.2, 10.3).

O objecto *OI'M1* foi discriminado por *I'* perante um panorama ou um decurso mental no momento *M1*. Num momento *M2*, ou *M3*, ou *M4*, mais ou menos próximo de *M1*, pode ter sido, respectivamente, experimentado por *I'*, um objecto *OI'M2*, *OI'M3*, *OI'M4*... mais ou menos semelhante a *OI'M1*. Designam-se por *EI'1*, *EI'2*, *EI'3*, *EI'4*..... os entoemas resultantes das correspondentes verbalizações de *I'*. Admitindo que todos eles foram vocabularmente idênticos, e que todos eles exprimiram conclusão, qualquer desses entoemas é ortografável por «Ele vai lá.»

OI'M1 é um objecto experimentado por *I'* no momento *M1* e que verbalizado por *I'*, quase simultaneamente, ou num momento mais ou menos distante, originou um entoema *EI'1*. A substituição de *OI'M1* por *EI'1*, isto é, a passagem do inverbal para o verbal (2.6) é, na maioria das vezes, instantânea, como que automática, e por tal motivo indistinta.

Importa precisar: *or'm1* depende de *I'* porque é um objecto por ele experimentado, ao passo que a configuração elocucional do entoema *ei'1* depende de *I'* pelo motivo referido e pelo facto de *ei'1* ser proferido por *I'*. Tratando-se, porém, da configuração expressiva de *ei'1*, deixam de valer particularizações involuntárias (8.5, 13.27), deduzindo-se que *or'm1* é a única determinante da configuração elocucional *expressiva* do entoema considerado.

13.21 — *Actuação do objecto que se verbaliza, como determinante da configuração elocucional expressiva resultante*

O objecto que um indivíduo experimenta e simultânea ou quase simultâneamente ou num momento mais ou menos posterior, verbaliza, mental ou real-mentalmente (2.45), pode ser real-mental real-mentalmente actuante, ou real-mental recordado, ou mental (2.1).

O objecto que um indivíduo verbaliza é constituído, em qualquer dos casos mencionados, por aspectos componentes, ou componentes e consequentes (2.5-C), com ou sem predomínio de um ou mais do que um dos referidos aspectos.

Experimentando um objecto, um indivíduo experimenta uma unificação dos aspectos que o constituem, ou aspectos que se dissociam do conjunto, sobretudo os que nele predominavam, ou experimenta uma e outra coisa.

O objecto inverbal que um indivíduo experimenta ao verbalizá-lo, determina a configuração da elocução originada, quer seja mental quer seja real-mentalmente actuante (2.45).

O objecto OB, que I' verbalizou parcialmente (13.19), determinou que a configuração do entoema originado, ortografável por «Ele vai lá.» exprimisse *suspeita, agudeza, clareza, aceitação*, conforme se pormenorizou.

São os aspectos particularizantes do objecto que um indivíduo verbaliza, que particularizam a elocução resultante da respectiva verbalização.

Não se confunda «objecto que se verbaliza» ou «objecto verbalizado», com elocução resultante da respectiva verbalização. Não se confunda OI'M1, um objecto que I' verbalizou, com o entoema EI'1, resultante dessa verbalização (13.20).

Quando se deseja comunicar verbalmente a outrem o que se experimenta inverbalmente, *verbaliza-se* real-mentalmente o objecto inverbal experimentado. No caso de se desejar comunicar «verbalmente» a outrem o que se experimenta «verbalmente» profere-se o texto elocucional mentalmente experimentado, ocorrente num decurso ou panorama mental do locutor.

Objectos inverbaes e objectos verbais (2.6) que podem substituir os primeiros, ocorrem simultânea ou quase simultâneamente (?) nos decursos e panoramas mentais (2.2) de quem está a pensar falando, real-mentalmente ou mentalmente.

Ocorrem objectos inverbaes que não se verbalizam, e objectos inverbaes que se verbalizam originando as «elocuições resultantes de uma verbalização».

Ocorrem objectos verbais (mentais) resultantes de verbalizações pretéritas, anteriores à sua prolação, que se tornam real-mentalmente actuantes,

com expressão reduzida ou mínima, originando «elocuções resultantes de uma preverbalização».

Verbalizam-se objectos inverbais e tornam-se real-mentalmente actuaes objectos verbais, em virtude do propósito do locutor de os comunicar elocucionalmente.

Uma verbalização mental (2.45) constitui, frequentemente, uma preverbalização, podendo esta ser real-mental insonora, isto é, reduzida a uma articulação ou a uma coarticulação desprovida de som.

Movimentos labiais, involuntários, de um locutor *A*, enquanto o seu interlocutor *B* lhe fala, denunciam, muitas vezes, preverbalizações insonoras, parciais ou totais, do texto que *A* profere depois de *B* lhe ter falado, ou antes disso, se não domina por mais tempo a sua vontade de replicar.

Uma preverbalização implica uma *preconfiguração* que o respectivo locutor modifica, ou não, em maior ou menor grau, ao proferir a elocução correspondente.

13.22 — *O que pode comunicar a configuração elocucional expressiva de um texto elocucional-vocabular*

A discriminação do significado elocucional de textos anteriormente examinados, evidenciou vários dos aspectos que a «configuração elocucional expressiva» (13.18) de um texto elocucional-vocabular (2.40), lexicalmente actuante (4.7) pode comunicar, dependente e independentemente de um contexto. Anota-se:

a) — mediante a sua particularização expressiva-delimitativa (8.6; 10.5) pode manifestar *conclusão* ou *inconclusão* de um acto de compreensão (2.3), e, consequentemente, delimitar o texto, conclusiva ou inconclusivamente;

b) — mediante a sua particularização expressiva de realce (8.7; 10.6), pode pôr em relevo esta ou aquela palavra, ou sequência de palavras de um texto, ou todas as suas palavras componentes, e, consequentemente, o respectivo significado lexical ou elocucional;

c) — mediante a sua particularização expressiva sentimental (8.23; 10.20), pode exprimir este ou aquele sentimento, esta ou aquela sequência sentimental.

Relativamente ao exposto em cada alínea, comenta-se:

a) — O aspecto «conclusão» de um acto de compreensão, é sempre expresso, como já se disse (2.14-a) por um determinado comportamento fónico, seja qual for o significado vocabular da palavra que o manifesta, e seja qual for o contexto. Tal facto não impede, porém, que o aspecto «conclusão» por acção do texto ou do contexto, ou do texto e do

contexto, ofereça um *aspecto consequente* (2.5-C) de «aceitação» e este aspecto traduza convicção / certeza / afirmação / confirmação / concordância / discordância / etc. (7.41; 12.4-II).

b) — Uma particularização expressiva de realce, pode, como a de qualquer outra espécie, originar aspectos consequentes.

Relembra-se, para exemplificar, que o realce de uma interrogação exprimindo «vivacidade» conferiu à pergunta o aspecto consequente de «curiosidade» (12.5-4.* suposição).

c) — Contrariamente ao que sucede com o aspecto de *conclusão* de um acto de compreensão — sempre expresso por um determinado comportamento fónico, seja qual for o texto e o contexto — como também com o de *inconclusão*, e, de certo modo, com os sentimentos de *pesar* e de *satisfação* — aspectos como os de *suspeita* e de *desagrado* são expressos por um mesmo comportamento fónico, dependendo do texto ou do contexto, ou do texto e do contexto, que o aspecto expresso seja um ou o outro.

Exemplifica-se: nasalidade particularizante exprime «suspeita» se for manifestada por //TALVEZ//, e exprime «desagrado» se for manifestada por //FEIO// (2.14-b).

Exemplifica-se: um outro comportamento sonoro-articulatório que vale como exteriorização de «desagrado» num certo contexto, pode valer, conforme já se disse (11.27), como exteriorização de *irritação*, *animosidade*, *hostilidade*, *aversão*, *rancor*, *ódio*, *oposição*, *recriminação*, *reprovação*, *censura*, ou *agressividade*, noutro contexto.

Exemplifica-se: o aspecto de «desagrado» expresso por nasalidade particularizante, em //PODRE//, traduz «repugnância» (5.3). Note-se que «desagrado» é um sub-aspecto de «repugnância».

Exceptuando um número restrito de casos entre os quais se destacam os aspectos de «conclusão» e de «inconclusão» de um acto de compreensão (2.3), no sector da particularização expressiva delimitativa, e os de «pesar» e de «satisfação» no sector da particularização expressiva sentimental, verifica-se que o significado de uma particularização expressiva depende, em maior ou menor grau, do texto ou do contexto ou de uma e doutra coisa, o que dificulta a sua discriminação. Esta dependência, o que há de precário na verbalização de sentimentos (4.4), e a variabilidade de actuação de um texto elocucional polivocabular (4.23), tornam muito complexo o estudo da expressão elocucional e, por consequência, o da sua configuração. A ocorrência simultânea ou quase simultânea de dois ou mais aspectos expressivos, a que já se aludiu (2.14-b; 5.3), mais complica o seu estudo.

13.23 — *Determinantes da configuração expressiva
de uma elocução, real-mental, resultante
de uma leitura*

A configuração expressiva de uma elocução real-mentalmente actuante, originada por uma «leitura em voz alta» (2.49; 11.27) — menos difícil de interpretar do que a «leitura silenciosa» —, depende, sobretudo, do experimentado por quem lê, mediante o que lê, e como locutor ao proferir a elocução originada. A sua principal determinante é o respectivo texto escrito (2.42), pelo menos na maioria dos casos.

Observe-se, porém, que um texto escrito pode actuar sobre o seu leitor de variadas maneiras. Considerando o texto escrito «Estava uma manhã fria e triste.», apontam-se duas das suas possibilidades de actuação:

I — Pode actuar de forma a motivar no leitor uma compreensão predominantemente apresentativa (7.40-I).

O leitor experimenta sonoro-articulatòriamente uma «apresentação» que distingue como conclusiva, em virtude do ponto final que figura no texto escrito. Experimenta, também, lendo, algo indefinido, algo de coexistente na memória com a sua estrutura fonémica (4.8-A), algo que constitui uma vaga e momentânea *derivada evanescente*.

Da leitura do texto com a referida actuação resulta um entoema sem expressão sentimentalizante, se bem que uma ou mais das suas palavras componentes possam ser realçadas de modo a evitar-se uma monotonia apresentativa, que é interpretável como prova de desinteresse do leitor por aquilo que lê ou como falta de deferência para com quem o ouve.

II — Em vez de uma «actuação sincrética» (4.8-A) que motiva no leitor uma compreensão predominantemente apresentativa, pode ocorrer uma «actuação por equivalência parcial» (4.8-C). Se assim for, o texto considerado actua sobre o leitor de modo parcialmente equivalente ao que significa lexicalmente, fazendo-lhe sentir, mais ou menos vaga e momentâneamente, um amanhecer imaginado que o confrange pela sua frialdade e lhe infunde tristeza pela sua desolação, originando um entoema que exprime «confrangimento», mediante a particularização de //FRIA// e «pesar» mediante a particularização de //TRISTE//.

Como no caso anterior, o entoema originado é conclusivo em virtude do ponto-final ocorrente no texto escrito.

13.24 — *Determinantes da configuração expressiva
de uma elocução real-mental, recordada*

Elocuções recordadas (2.50) são distribuíveis nos dois grupos, seguidamente mencionados:

A) Vocabular e expressivamente recordadas ao serem proferidas. Figuram neste grupo: elocuições *decoradas, imitativas e repetidas*.

B) Vocabularmente recordadas, e proferidas com expressão espontânea. Figuram neste grupo: elocuições *decoradas* e outras não resultantes de verbalizações ou de leituras.

Grupo A

Quando uma pessoa P decora (memoriza) uma elocução E1, pode obedecer ao seguinte propósito:

— tornar E1 memorialmente latente, para mais tarde poder proferir uma elocução E1', vocabularmente idêntica e expressivamente semelhante a E1. Tratar-se-á, por exemplo, de uma poesia ou de um passo de uma obra teatral.

O grau de semelhança expressiva que se pretende, assim como o grau de semelhança expressiva que se atinge, dependem de múltiplas circunstâncias.

Se P memorizou E1, ouvindo repetida e atentamente, o respectivo fonograma, a semelhança atingida pode ser muito grande, admitindo que P é um ouvinte normal e que E1 não foi excessivamente extenso.

A semelhança será máxima, o que significa não se verificar diversidade auditivamente sensível, se E1 e E1' forem proferidas pela mesma pessoa.

A memorização, quando se não dispõe do respectivo fonograma, é facilitada pela leitura atenta e repetida do respectivo texto escrito, procurando o leitor conferir-lhe sempre a mesma expressão.

Considerou-se, anteriormente (2.50) uma elocução E2, vocabularmente idêntica e expressivamente semelhante a E1, mentalmente experimentada ao recordar E1. Note-se, agora, que E1' designa uma elocução proferida ao passo que E2 designou uma elocução mentalmente recordada.

Como determinantes da configuração expressiva de E1', classificável como elocução decorada, e vocabular e expressivamente recordada ao ser proferida, apontam-se:

- a configuração expressiva da elocução E1, a elocução «modelo»;
- a capacidade de memorização de quem decora e profere E1';
- o propósito com que o locutor profere E1'

Distinga-se entre «propósito com que se memoriza» e «propósito com que se recorda uma elocução memorizada» — lúdico, estético, pedagógico, moralista, etc.

Grupo B

O propósito com que P decora uma elocução E1, pode ser este outro:

— tornar E1 memorialmente latente, para mais tarde poder proferir uma elocução E3, vocabularmente idêntica a E1, mas expressivamente espontânea e por conseguinte mais ou menos diversa de E1, embora sem modificação expressiva-delimitativa capaz de originar uma significado vocabular diverso do inerente a E1.

A uma modificação expressiva-delimitativa, corresponde no plano ortográfico, uma modificação da pontuação, e ninguém ignora como uma vírgula a mais ou a menos, pode, por vezes, alterar o significado de um texto.

A elocução E3 será conclusiva ou inconclusiva se a elocução E1 for, respectivamente, conclusiva ou inconclusiva, seja qual for a variante do toema delimitante (6.12; 6.13).

A elocução E1 poderá ser, como no caso do Grupo A, uma poesia ou um passo de uma obra teatral. Imagine-se, porém, que se trata de um provérbio, por este ou aquele motivo, recordado por P, e que se ortografa:

«Quem me avisa meu amigo é!»

Podemos supor que o provérbio que P recorda é vocabularmente análogo a um outro, latente na sua memória, e que ocorreu num seu decurso mental, perante o que ouviu a um seu interlocutor. Se P o profere, podemos admitir que o configura expressivamente conforme o propósito com que o profere (8.4; 13.25), o seu estado de ânimo (8.26), etc., etc.

O referido provérbio não se harmoniza segundo o que significa lexicalmente com uma expressão sentimental «dependente» (8.26). Só é harmonizável como uma expressão de realce que destaque o seu significado ou parte do seu significado vocabular.

Ocorre mentalmente com um mínimo de expressividade (12.23) ou realçado, em parte ou na totalidade da sua apresentação, sem qualquer aspecto sentimental que não seja independente do que significa lexicalmente.

Se o provérbio proferido por P manifestasse exaltação, isso só denunciava que P estava exaltado quando o proferiu.

Como determinantes da configuração expressiva de elocuições *imitativas* e de elocuições *repetidas* (2.50), distinguem-se:

- a configuração expressiva da elocução imitada / ou repetida;
- a capacidade imitativa do locutor que a imita / ou a repete;
- o propósito com que o locutor profere a imitação / ou a repetição.

13.25 — *O «estado de ânimo» do locutor, como uma das determinantes da configuração expressiva da elocução*

A expressão de qualquer elocução depende, naturalmente, do «estado de ânimo» do locutor que a profere. É, porém, compreensível que no sector da comunicação verbal só se considere o «estado de ânimo» do locutor, no caso de esse estado originar uma particularização elocucional auditivamente discriminável. Quando se fale de «estado de ânimo» e não se especifique, deve ter-se presente a restrição apontada.

A designação «estado de ânimo», difícil de definir, envolve, na generalidade, o aspecto de «permanência», de «estabilidade». Quando se diz que alguém está bem ou mal disposto, indiferente ou interessado, calmo ou excitado, ... atribui-se ao estado designado, uma certa continuidade, uma duração apreciável, um aspecto de «permanência». Todavia, no domínio da elocução, um *estado de ânimo* tanto pode apresentar o aspecto de *permanência* como o de *momentaneidade*.

Estados de ânimo de um locutor, provocados pelo que vê ou ouve, são, frequentemente, de breve duração ou de duração momentânea. O facto de serem passageiros não impede que particularizem uma elocução ou parte dela, como particularizariam se persistissem longamente, depois de terminada essa elocução.

Estados de ânimo, momentâneos, de natureza ou de grau diversos, sucedem-se, por vezes, mais ou menos distanciadamente.

Um estado de ânimo origina uma particularização sentimental *independente*, se for independente do acto de compreensão (2.2) que motivou a elocução que o manifesta. Diz-se, assim, de modo mais claro, o que se afirmou no início do parágrafo 8.26. Note-se, no entanto, que o discriminável como contexto motivante (4.12, 4.22) desta ou daquela elocução, relaciona-se, ou não, real ou aparentemente, com o estado de ânimo do locutor ao proferi-la.

Interessa ter conhecimento da ocorrência de elocuições que manifestam uma particularização sentimental independente, PSI, originada por um estado de ânimo independente do acto de compreensão que as motiva, e uma particularização sentimental dependente, PSD, originada por um estado de ânimo dependente do referido acto.

Concretiza-se: perante a hesitação de um seu interlocutor em escrever o resultado da multiplicação «nove vezes oito», uma pessoa P — de ânimo magoado por um recente infortúnio — profere a frase ortografável por «Nove vezes oito setenta e dois!...», exprimindo durante toda ela, um sentimento de «pesar» que não foi originado pelo acto de compreensão motivante da frase proferida, e, exprimindo no seu final, um sentimento de «estranheza» provocado pelo referido acto.

O locutor P, sem deixar de estar pesaroso, estranhou a hesitação do seu interlocutor.

O sentimento de pesar — pode supor-se — tornou a voz gemida durante toda a frase, ao passo que o sentimento de estranheza foi manifestado por um alongamento da sua sílaba final, com breve subida tonal no início do ditongo, denunciando pelo seu fraco declive e baixo nível tensional, frouxa «aceitação». Um contexto inverbal, mímico-fisionómico, terá, possivelmente, acentuado o aspecto de «pesar»; um leve encolher de ombros terá sublinhado o aspecto de «estranheza».

A configuração expressiva de qualquer elocução resultante de uma verbalização ou de uma leitura ou de uma memorização, depende, forçosamente, de quem a profere e, por conseguinte, do estado de ânimo, real ou simulado, do seu locutor.

Sem ultrapassar os limites da normalidade, um estado de ânimo pode motivar a ocorrência de configurações elocucionais muito especiais. Estão neste caso as que surgem se o locutor ri ou abafa o riso; ou chora e reprime o choro, soluçando, enquanto fala.

13.26 — *A expressão delimitativa, toemática, como uma das determinantes da configuração expressiva da elocução*

As variantes de realização do toema conclusivo (6.12) e do toema inconclusivo (6.13), assim como as variantes de sequências primaciais conclusivas (6.14) ou inconclusivas (6.15) são, todas elas, casos diversos da expressão delimitativa toemática que actua em qualquer deles como uma das determinantes da configuração expressiva da elocução.

É oportuno dizer-se que um toema ou uma sequência primacial toemática que exprime conclusão ou inconclusão, pode exprimir, simultaneamente, um sentimento — por exemplo o de estranheza — constituindo, se o manifesta, uma particularização expressiva delimitativa que é, simultaneamente, sentimental.

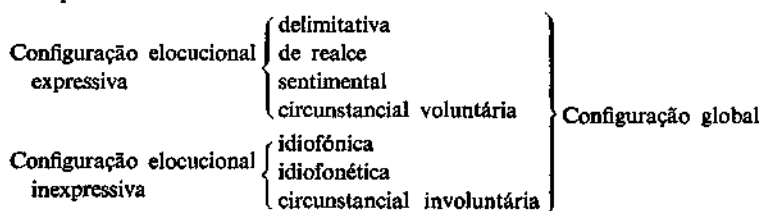
13.27 — *Aspectos não-expressivos da configuração elocucional*

Particularizações apresentativas involuntárias (8.5) originam aspectos não-expressivos da configuração elocucional. São particularizações alheias ao propósito comunicativo do locutor. Significativas, como quaisquer outras, neste ou naquele plano, não são, porém, expressivas (8.5).

Aspectos idiofónicos, idiofonéticos, e circunstanciais involuntários são inexpressivos. Ocorrem, todos eles, independentemente da vontade do locutor.

À comunicação verbal interessa, sobretudo, a *configuração elocucional expressiva*, o que até certo ponto explica que tenham sido considerados, muito superficialmente, tanto os aspectos idiofónicos como os idiofonéticos, e se tenha excluído do estudo da particularização expressiva, tanto quanto possível, a particularização circunstancial involuntária (8.4, 12.17).

Aspectos expressivos e inexpressivos de uma elocução constituem a sua configuração global. Esquematiza-se:



13.28 — *Configuração elocucional e tonalidade*

Segundo o exposto anteriormente (3.5; 3.30; 3.39), *tonalidade* de um alofone, ou de uma sequência de alofones isolados ou coarticulados (3.9), ou de qualquer outro texto elocucional, designa o efeito auditivo resultante da actuação das frequências componentes do seu espectro acústico, mediante a sua *altura*.

Denominou-se *linha tonal* (3.30) o aspecto mais ou menos predominante que a «tonalidade» oferece, mediante constância ou/e variação do efeito de «altura», respectivamente motivado pela constância ou/e variação da sua frequência fundamental.

É a percepção de constância ou/e de variação da tonalidade de um decurso de uma configuração elocucional que constitui a sua *figuração tonal* (13.3).

Observe-se que uma figuração tonal pode actuar no plano alofónico pelo sentimento que exprime — por exemplo o de pesar — ou pelo realce que motiva o espectro acústico, globalmente actuante, do texto elocucional respectivo.

13.29 — *Configuração elocucional e qualidade*

Quando se fala da *qualidade* — de uma vogal ou de uma consoante, ou de qualquer outro texto elocucional — designa-se o efeito auditivo resultante de determinadas características da composição do seu espectro acústico. Frequências «formantes» conferem qualidade no plano fonémico (3.8) originando uma «particularização estrutural» (2.23). Essas e outras, ou só outras frequências, conferem qualidade no plano alofónico (3.7) e, consequentemente, uma «particularização elocucional» (2.10; 2.14; 2.23).

É a percepção da constância ou/e da variação da qualidade de um decurso de uma configuração elocucional que constitui a sua *figuração qualitativa* (13.3).

13.30 — *Configuração elocucional e tensão*

Numa elocução foneticamente considerada, distinguem-se como aspectos fundamentais, os qualitativos, os tensionais, os tonais e os temporais. Se é acusticamente considerada, em vez de aspectos tensionais distinguem-se os de «intensidade»

Muito dificilmente se poderá estabelecer uma correlação entre os aspectos tensionais e os de «intensidade física». Note-se que um alofone ou sequência

de alofones pode apresentar um nível tensional muito elevado, com um nível de «sonoridade» relativamente muito baixo. É o que sucede quando o som elocucional é emitido com restrição glótica, glóssica ou labial, muito tensa, do sopro fónico e este é fortemente comprimido a partir dos pulmões e até ao ponto de restrição da sua passagem. Ocorrem frequentemente no diálogo, vogais e consoantes muito tensas e de fraca intensidade física.

Tratando-se de sons elocucionais e, portanto, complexos, é muito vaga a correspondência entre uma maior ou menor energia vibratória e uma maior ou menor «intensidade fisiológica».

A constância ou/e variação de nível de intensidade acústica tem no domínio da comunicação verbal, um interesse muito restrito, ao passo que o comportamento da tensão articulatória se distingue como um dos elementos fundamentais da expressão.

É a percepção da constância ou/e da variação da tensão (3.10) de um decurso de uma configuração elocucional que constitui a sua «figuração tensional» (13.3).

13.31 — *Configuração elocucional e duração*

Constituem a «figuração temporal» (13.2, 13.3) de uma configuração elocucional, a duração total dessa configuração ou as durações parciais que nela se discriminem, tais como:

- duração de determinada constância ou/e de determinada variação da figuração tonal, ou da figuração tensional, ou da figuração qualitativa;
- duração da constância ou da subida ou da descida de nível tonal, tensional ou qualitativo.

É a percepção da duração total de uma configuração elocucional ou/e de durações parciais que nela se discriminem, que constitui a sua figuração temporal. São perceptuais as durações consideradas (3.41) e qualquer delas se correlaciona com a velocidade de realização do respectivo texto elocucional segundo o número de alofones, de sílabas ou de palavras ocorrentes por unidade de tempo, isto é, com o seu «andamento» (3.42; 3.43).

13.32 — *Configuração elocucional e pausas elocutivas*

Pausas elocutivas (3.48), respiratórias (3.49) ou de verbalização (2.44; 3.50), segmentam a elocução e, implicitamente, o decurso da sua configuração, originando descontinuidades elocutivas que se distinguem de «perío-

dos não-elocucionais» (3.54) se não ultrapassarem limites de duração que variam segundo diversas circunstâncias.

A cada descontinuidade elocutiva pode corresponder descontinuidade ou continuidade comunicativa. Ocorre inactividade fónica durante uma pausa elocutiva de verbalização, mas análogamente ao que sucede com as pausas respiratórias, pode verificar-se durante essa pausa fonatória, uma gesticulação ou uma actividade mimico-fisionómica de locutor, que constitui, para o ouvinte que a discrimine, um contexto inverbal (3.50; 4.24) com este ou aquele significado expressivo.

É oportuno esclarecer que a definição que se deu de «pausa elocutiva» (3.48) nem sempre é válida, se não se tratar de uma «pausa elocutiva temporal» (7.49), isto é, de uma pausa elocutiva durante a qual não actue contexto inverbal, como se admitiu relativamente à pausa ocorrente na frase ≠ É uma mulher rica. ≠ (3.50-IV).

O locutor suspendeu a elocução depois de ter proferido a terceira palavra da frase, e até ao momento em que principiou a proferir a última, motivando, assim, um destaque significativo.

Quando a pausa é classificável como ponderativa, ou indutiva ou expectante, o locutor suspende a fonação em determinado momento, mas pode ou não, depois da suspensão, continuá-la.

Suspende-a para reflectir, ou para sugerir algo ao ouvinte, podendo, depois, continuar a elocução ou ficar silencioso; pode suspendê-la para manifestar uma atitude expectante e continuar a falar depois da suspensão, ou nada dizer.

Uma pausa ponderativa, indutiva ou expectante, não é, propriamente, uma pausa elocutiva, tal como foi definida, se o locutor não continuar a elocução depois de a ter suspenso. No que respeita à pausa expectante diga-se, ainda, que é elocutiva se o locutor que manifesta a pergunta, inverbalmente, é quem responde; e que é interlocutiva (3.52), se quem respondeu não foi quem interrogou.

Anotam-se, ortograficamente, e comentam-se duas séries de ocorrências:

I)

a) É difícil atravessar o rio. /Pausa temporal/ Na época das chuvas.

Observa-se: a pausa *separa* a configuração (elocucional) de uma frase elocucional simples (11.23), informativamente actuante, da configuração de uma segunda frase elocucional simples, também informativamente actuante.

b) É difícil atravessar o rio / P. expectante / Na época das chuvas? / P. exp./

b') É difícil atravessar o rio /P. temporal/ Na época das chuvas? / P. exp./

Observa-se: — a primeira pausa, expectante ou temporal, *separa* a configuração de uma frase elocucional simples, interrogativamente actuante da configuração de uma segunda frase elocucional simples, também interrogativamente actuante.

— a pausa expectante final pode ser elocutiva ou interlocutiva (3.52).

c) Será difícil atravessar o rio? / P. expectante / Parece-me que sim. / P. exp./

Observa-se: — foi informativamente actuante a segunda frase elocucional simples ao passo que em *b)* e em *b')* actuou interrogativamente.

d) Deve ser difícil atravessar o rio. / P. ponderativa / Não achas? / P. exp./

Observa-se: — a pausa ponderativa *separa* a configuração de uma frase elocucional simples, informativamente actuante, da configuração de uma segunda frase elocucional simples, interrogativamente actuante.

— a pausa expectante final pode ser elocutiva ou interlocutiva.

Em qualquer dos casos anotados, verifica-se: a pausa, não final, *separa* duas configurações elocucionais, ou, mais precisamente, o decurso de uma configuração anterior, do decurso de uma configuração posterior.

II)

a) É difícil atravessar o rio /Pausa temporal/ na época das chuvas.

Observa-se: a pausa *separa* um trecho inconclusivo, informativamente actuante, de um trecho conclusivo, também informativamente actuante, de uma só configuração elocucional.

b) É difícil atravessar o rio / Pausa temporal / na época das chuvas? / P. exp./

Observa-se: a primeira pausa separa um trecho inconclusivo, interrogativamente actuante, de um segundo trecho inconclusivo, também interrogativamente actuante, de uma só configuração elocucional.

— é admissível que a segunda pausa seja interlocutiva, que separe o segundo trecho inconclusivo, interrogativamente actuante, de uma actuação elocucional dum outro locutor.

c) É difícil atravessar o rio / P. temporal / na época das chuvas / P. temporal / ao pé da ponte.

Observa-se: — a primeira pausa separa um primeiro trecho inconclusivo, informativamente actuante, de um segundo trecho inconclusivo, também informativamente actuante, de uma só configuração elocucional C.E.1

— a segunda pausa separa o segundo trecho inconclusivo, informativamente actuante, de um trecho conclusivo final, também informativamente actuante, da configuração elocucional C.E.1.

d) É difícil atravessar o rio / P. temporal / na época das chuvas / P. temporal / ao pé da ponte? / P. expectante /

Observa-se: — a primeira pausa separa um primeiro trecho inconclusivo, interrogativamente actuante, de um segundo trecho inconclusivo, também interrogativamente actuante, de uma só configuração elocucional C.E.2;

— a segunda pausa separa o segundo trecho inconclusivo, interrogativamente actuante, de um trecho inconclusivo final também interrogativamente actuante, da mesma configuração elocucional C.E.2.

— é admissível que a pausa final seja interlocutiva.

Em qualquer dos casos anotados, verifica-se: a pausa não final — casos *a)* e *b)* —, ou cada uma das pausas não finais — casos *c)* e *d)* —, *separa* dois trechos de uma só configuração, ou, mais precisamente, um decurso anterior, de um decurso posterior, de uma só configuração elocucional.

É evidente que uma pausa elocutiva suspende o decorrer de uma configuração elocucional, segmentando-a, quer essa pausa constitua, ou não, um contexto inverbal. Se a segmenta em dois trechos elocucionais que verbalizam dois trechos de uma só compreensão, actua como elemento da configuração segmentada.

Uma pausa elocutiva ocorrente entre duas configurações elocucionais de dois trechos que verbalizam duas compreensões conclusivas, não actua como elemento da configuração de nenhuma delas, o que não impede a sua possível actuação como elemento de configuração da sua sequência.

13.33 — *Aspectos actuates da configuração elocucional expressiva de um texto elocucional-vocabular*

Os aspectos a que se alude, abstraindo dos circunstanciais voluntários (8.4, 8.5), são distribuíveis nos seguintes grupos: *a)* delimitativos, *b)* de realce, e *c)* sentimentais. E como dois ou mais aspectos de grupos diversos, actuam, frequentemente, em parte ou na sua totalidade, simultaneamente (8.24, 10.22; 12.22-D), distribuem-se esses «aspectos conjuntos» noutros grupos, assim designados: *a-b)* delimitativos e de realce; *a-c)* de realce e sentimentais; *a-b-c)* delimitativos, de realce, e sentimentais.

O grau de magnitude de actuação de qualquer deles depende do grau de magnitude da respectiva particularização apresentativa e do interesse que possa merecer ao ouvinte essa particularização, mediante o que para ele signifique. Se é grande esse interesse, grande será, também, a acuidade discriminativa do ouvinte. Na maior parte dos casos é muito grande a acuidade auditiva perante os aspectos expressivos-delimitativos. Distinguem-se aspectos conclusivos de inconclusivos cuja diversidade expressiva-delimitativa é pequeníssima.

Realces de grande magnitude só excepcionalmente não serão experimentados pelo ouvinte ainda que o significado do realce não tenha para ele um interesse apreciável.

Dois ou mais aspectos que se discriminam numa elocução como factores da sua configuração expressiva, são sucessivos ou simultâneos. A simultaneidade pode ser total ou parcial (5.3). Do estudo, já citado, «Análise de expressões sonoras da compreensão» (p. 134, Nota 1) transcreve-se: «... em

vez da sucessão Pesar / Admiração / Clareza / Reflexão / Aceitação / Restrição/, podemos ter:

/Pesar / Reflexão — / Restrição /
/Admiração / — Aceitação /
/Clareza /

Ou seja: simultaneidade total dos três primeiros aspectos, parcial dos dois segundos, e actuação isolada do último.».

Deve notar-se que a configuração expressiva sentimental de uma elocução que manifesta dois ou mais sentimentos que não actuam simultaneamente, é determinada por esses sentimentos segundo a sua ordem de sucessão.

Compreende-se que uma determinada configuração elocucional expressiva de um determinado texto, possa actuar sobre um ouvinte O2, de uma forma mais ou menos diversa da que se tenha verificado com um outro ouvinte O1, tomado como termo de confronto. Para que tal possibilidade não se verifique, não basta admitir-se a actuação de um mesmo contexto global incidente (12.4) sobre qualquer dos dois ouvintes; terá de se admitir, também, que os ouvintes considerados reagiram de igual modo como perceptores (12.17).

Relacionando o observado neste parágrafo com o que se disse nos parágrafos 12.22 e 13.22, evidencia-se a possível variabilidade do comunicado por uma determinada configuração elocucional expressiva, quando se consideram dois ou mais ouvintes.

Admite-se, para concretizar, que o aspecto delimitativo conclusivo de uma configuração expressiva CE, foi experimentado por O1 como seu aspecto predominante, e por O2 como um seu vago aspecto, ao passo que o aspecto expressivo, simultâneo, de «satisfação» foi experimentado vagamente por O1 e como predominante por O2.

II)

13.34 — *Entoação*

Procurando conhecer o que se desconhecia sob o nome de entoação (1.1, 1.2, 1.3), adquiriu-se um «saber» que fundamenta a possibilidade de a definir da seguinte forma: decurso da tonalidade elocucional com predomínio (perceptual ou real-perceptual) da sua acção sobre a dos aspectos qualitativos, tensionais e temporais co-actuates que a particularizam.

A definição formulada é esclarecida por esta outra versão: decurso da configuração elocucional com predomínio (perceptual ou real-perceptual) da figuração tonal sobre as figurações de qualidade, tensão e duração, co-actuates que a particularizam.

13.35 — *Entoação e Configuração elocucional*

São necessariamente coexistentes as quatro figurações componentes da configuração elocucional. Só por abstracção se admite uma figuração tonal, tensional, qualitativa ou temporal sem co-actuação das três figurações restantes. Qualquer das figurações pode predominar ou ser percebida como predominante relativamente a qualquer das outras ou actuar quase indistintamente.

Como a percepção da «tonalidade» no decorrer da configuração elocucional constitui uma «figuração tonal» (13.28), aceita-se esta outra variante de definição de entoação: decurso da configuração elocucional com predomínio da sua figuração tonal sobre as figurações que a particularizam.

Predomínio da figuração tonal ou de qualquer outra não implica a sua *dissociação* da respectiva configuração elocucional. Dissociada (2.2) dessa configuração constituiria o que se denomina «tonalidade» (3.30).

Quando se alude ao decurso da configuração elocucional ou ao decurso da sua tonalidade, subentenda-se «percepção do respectivo decurso».

Discriminou-se o significado de entoação no plano genémico. Genéticamente considerada, significa «entoar» — abstraia-se do caso particular da «palavra cantada». Significa, por conseguinte, configurar a elocução mediante uma tonalidade decorrente, que a particulariza e é tensional, qualitativa e temporalmente particularizada, de forma a resultar um texto com este ou aquele significado elocucional (5.9; 12.4).

13.36 — *Entoação de uma elocução*

No domínio do abstracto pode considerar-se «entoação *da* elocução», ao passo que no domínio do concreto se considera «entoação *de uma* elocução». O termo «elocução» significa no primeiro caso a actuação verbal de qualquer «ser falante» em qualquer espaço de tempo, e designa, no segundo, o realizado verbalmente por um determinado locutor em determinado espaço de tempo.

O critério de selecção de elocuições para estudo da entoação é muito variável, mas seja qual for o preferido, interessa, que seja coadunável com o tipo de texto elocucional, como já anteriormente foi observado com um propósito diverso (12.1). Seleccionaram-se, portanto, elocuições com os seguintes tipos de texto:

frase elocucional simples, ou seja o entoema que a constitui (11.20; 12.3)

frase elocucional composta, ou seja os seus dois ou mais entoemas componentes

texto constituído por uma interjeição ou por uma sequência de interjeições

texto constituído por uma interjeição seguida ou antecedida de uma frase elocucional.

Conforme se disse no início desta obra (1.1), só depois de muitas tentativas de sistematização se compreendeu que o elemento orientador que faltava, era o conhecimento do «complexo fónico» que se denominou «toema», a marca da unidade elocucional designada pelo termo «entoema» — unidade motivada por um acto de compreensão que, mediante uma palavra ou uma sequência de palavras que a constitui, representa ou substitui a compreensão resultante e exprime a sua conclusão ou inconclusão, além de outros aspectos de realce e sentimentais que a particularizam. Traduz uma compreensão mediante o que vocabularmente significa e apresentativamente exprime.

Entende-se, portanto, que no estudo da entoação se destaque o entoema como unidade elocucional de máximo interesse. Quanto à «frase elocucional atoemática», deve ser considerada como caso particular que é (11.29) da frase elocucional.

13.37 — *Representação gráfica da entoação*

Na generalidade, o decurso da entoação de um texto é gráficamente representado por uma linha. Esta sobe ou desce ou decorre paralelamente a uma horizontal de referência, para traduzir assim e, respectivamente, uma entoação ascendente, descendente, ou sem variação de nível tonal.

Sucede, todavia, que uma linha pode traduzir a *linha tonal* de um texto, mas não pode traduzir a sua *entoação*. A linha reproduzida na fig. 28 (5.12) — sirva esta de exemplo — representa a linha tonal de determinada vogal, mas a sua entoação só pode ser traduzida mediante uma configuração dos comportamentos auditivos discriminados, como a reproduzida na fig. 27, ou por uma outra equivalente. A configuração a que se alude traduz uma tonalidade constante-ascendente, particularizada por uma qualidade constante-regressiva com terminal qualitativamente descaracterizado / tensão constante-decrescente e determinada duração. Traduz, por consequência, a entoação da vogal que constitui a apresentação do texto elocucional examinado.

Pretensas representações da entoação de textos elocucionais como são as lineares, denunciam que os seus autores desconhecem ou acham irrelevante a diversidade entre comportamento da tonalidade e comportamento da linha tonal, além de revelarem um conceito inaceitável de entoação (3.30; 3.39).

Diga-se, agora, que uma representação gráfica da configuração elocucional, *global*, de um texto (13.6), representa, gráficamente, a entoação desse texto, se o respectivo leitor da configuração experimenta a figuração tonal — a tonalidade (13.28), como elemento predominante, e as figurações tensional, qualitativa e temporal, como aspectos que a particularizam (13.35).

13.38 — *Descrição verbal da entoação de um texto*

A entoação de um texto pode ser descrita verbalmente, sem qualquer representação gráfica — descrição totalmente verbal; ou verbal e gráficamente traduzida — descrição parcialmente verbal. Procede-se de um ou do outro modo e com um maior ou menor grau de pormenorização, conforme as circunstâncias.

Deduz-se do exposto no parágrafo anterior que a representação gráfica da entoação de um texto, não difere da representação gráfica da sua configuração elocucional. Só assim não seria se as figurações componentes da configuração não fossem gráficamente traduzidas segundo as mesmas normas, no caso de se tratar da entoação de um texto.

O facto de a representação gráfica ser a mesma nos dois casos, não impede que seja interpretada diversamente em cada um deles. Tratando-se de entoação, o perceptor reagirá de uma forma diferente da verificada, quando se trata da configuração, experimentando a figuração tonal como predominante, quer esta o seja, gráficamente considerada, quer não. O que é percebido num objecto por um indivíduo como predominante, depende da sua composição e do que nessa composição mais o interessa.

A mencionada diversidade de reacção do perceptor perante uma configuração elocucional, explica que a descrição verbal da entoação de um texto seja diversa da descrição verbal da configuração desse mesmo texto.

Concretiza-se:

A configuração N.º 1 do Quadro XLIV representa, gráficamente, a *configuração* elocucional de determinado texto se o perceptor experimenta as figurações componentes como aspectos da totalidade resultante das suas actuações. Representa, porém, a *entoação* desse mesmo texto, se o perceptor experimenta a figuração tonal como predominante e as figurações restantes como seus aspectos particularizantes.

13.39 — *Redacção da descrição verbal da entoação de um texto*

Redige-se a descrição verbal da entoação de um texto, desta ou daquela maneira, consoante a espécie de texto, o fim em vista, e muitas outras determinantes, mas interessando, sempre, que a forma dada à redacção da descrição se concilie perfeitamente com a forma como se definiu entoação.

A descrição verbal de entoação é muito facilitada quando acompanhada de uma tradução gráfica auxiliar. Dá-se, a título de exemplo, uma descrição

da entoação do entoema conclusivo correspondente à configuração 1 do Quadro XLIV:

— entoação de *tonalidade* de rápida transição aguda-grave e linha tonal ascendente-descendente, com terminal de grande declive / particularizada por uma *tensão* (suposta) (13.13) crescente-decrescente / por uma rápida progressão-regressão *qualitativa* com breve trecho intercalar de plenitude vocálica do tipo (a) de elevado grau de caracterização / e por durações, parciais e total, sem efeito apreciável de contraste.

Tonalidade e sua particularização sem significado sentimental apreciável.

Observe-se que a descrição se harmoniza com a seguinte definição de entoação de um entoema: decurso da actuação da sua tonalidade, por si e mediante os aspectos tensionais, qualitativos e temporais, coexistentes, que a particularizam.

A indicação que a plenitude vocálica foi do tipo (a), informa o Leitor sobre a estrutura fonémica que constitui a particularização estrutural do entoema considerado. Esta particularização e a da tonalidade conferem ao texto o seu «significado elocucional inerente» (12.4-I), ou seja o significado resultante de uma conjugação do seu significado vocabular e do seu significado expressivo, independentemente de qualquer contexto.

Verifica-se dificuldade de compreensão da descrição verbal, se a sua leitura não for esclarecida pela visão da configuração referida; dificuldade tanto maior quanto mais elevado for o grau de pormenorização descritiva.

14 — VERSÃO RESUMIDA DO ESTUDO EFECTUADO. CONCLUSÕES E COMENTÁRIOS

14.1 — *Objectivo deste capítulo*

A redacção do último capítulo deste trabalho, foi subordinada, sobretudo, aos propósitos seguintes:

1) — Auxiliar o Interessado a relacionar, convenientemente, os conhecimentos que lhe foram comunicados, de modo a distinguir com toda a possível clareza, os elementos fundamentais da sua compreensão.

Eliminando ou abreviando pormenorizações, reduziu-se ao essencial o que foi expresso anteriormente. Todavia, se o Leitor pretender profundar este ou aquele ponto, relembrando ou reconsiderando o que a tal respeito desenvolvidamente se disse, facilmente encontrará o correspondente parágrafo elucidativo, com auxílio do índice discriminativo.

2 — Formular conclusões que se distinguiram como mais importantes.

3) — Fazer comentários que possam valer como elementos de uma apreciação crítica dos conhecimentos adquiridos.

1)

14.2 — *Domínios do inverbais e do verbais. Verbalização*

Distinguem-se dois grandes domínios no mundo das vivências humanas: o inverbais e o verbais. Figuram no primeiro domínio os objectos inverbais, e no segundo os objectos verbais, ou seja, os que traduzem sonoro-articulatòriamente, os inverbais. Na generalidade são, porém, verbais-inverbais os objectos classificados como verbais. O que torna possível passar-se do plano inverbais para o verbais quando se fala, isto é, quando se *verbaliza*, e inversamente, do verbais para o inverbais quando se ouve falar, é, precisamente, o facto de a palavra ser um objecto parcialmente verbal, mediante a sua «apresentação» — aquilo que a constitui sonoro-articulatòriamente; e ser parcialmente inverbais, mediante aquilo a que a sua apresentação foi

sistemáticamente associada. Todavia, para evitar confusões terminológicas, continua a classificar-se a palavra como um objecto verbal, se bem que só o seja parcialmente.

Considerando uma cadeira que eu vejo e essa mesma cadeira que depois recordo e não vejo nem experimento sensorialmente de qualquer outro modo, digo que o primeiro objecto considerado foi «inverbal real-mental recordado». Um objecto como o designável por «Bondade» ou qualquer outro que não possa actuar real-mentalmente sobre um indivíduo, que só existiu nele, sem realidade externa, classifica-se como «inverbal mental».

Entre os objectos reais-mentais real-mentalmente actuantes e os objectos classificáveis como mentais, ocupam posição intermédia os «reais-mentais recordados».

São verbais os objectos ocorrentes na elocução. Se não são recordados, resultam de uma verbalização ou de uma leitura, podendo actuar mentalmente ou real-mentalmente. Entre os objectos verbais destacam-se pela sua importância na comunicação, elocucional, a *interjeição* e a *palavra*.

A interjeição é um objecto verbal predominantemente expressivo. Exprime apelo, interrogação ou compreensão, com ou sem particularização sentimental, ou exprime um sentimento, ao passo que uma palavra, além de exprimir mediante a particularização expressiva da sua apresentação, significa (ou denomina) mediante o vocábulo que lhe é inerente. Mas nem sempre se observa claramente a distinção apontada. Se, por um lado, se verifica que uma interjeição é predominantemente expressiva, e não totalmente, observa-se por outro lado a ocorrência de palavras que actuam como interjeições, e que, por isso, se denominam «palavras interjeccionais».

Uma compreensão resultante da unificação de uma estrutura fonémica com o objecto (ou um dos objectos) que lhe foi associado de modo que essa estrutura o possa representar (ou substituir), denominou-se *vocábulo*.

Uma compreensão resultante da unificação de uma apresentação alofónica com o representado (ou substituído) pela sua estrutura fonémica (segundo o respectivo contexto se essa estrutura for polissemântica), e o expresso pela sua particularização elocucional, é uma *palavra*.

Estabeleceu-se uma distinção entre «palavra» e «vocábulo» e a cada um dos dois termos foi atribuído um determinado significado, o que não sucede na linguagem corrente onde figuram, geralmente, como sinónimos.

Substituir, voluntária ou involuntariamente, um objecto inverbal por um objecto verbal é *verbalizar*. Passa-se do plano inverbal para o verbal quando se experimenta um objecto inverbal, mental ou real-mental, realmente actuante ou recordado, e, quase simultaneamente ou em seguida, se experimenta um objecto sonoro-articulatório que o substitui ou representa.

Interjeições ou palavras ocorrentes na verbalização, são proferidas — verbalização real-mental ou elocucional; ou são experimentadas mentalmente — verbalização mental. Verbalizações reais-mentais são frequentemente antecedidas de verbalizações mentais.

A par de elocuições resultantes de verbalizações, aparecem outras que o não são, que resultam de leituras ou que são recordadas.

Falando e ouvindo falar, passa-se tão frequentemente do inverbal para o verbal e inversamente do verbal para o inverbal, que o inverbal e o verbal se substituem, dependente ou independentemente da vontade de quem fala ou de quem ouve.

14.3 — *Aspectos apresentativos da elocução*

Os aspectos dissociados do objecto sonoro-articulatório que constitui uma «apresentação» que se analisa, são distribuíveis em *articulatórios*, *acústicos* e *auditivos*. Distinguem-se estes como *tensionais*, *tonais* e *qualitativos*. Durações relativas ou absolutas, de aspectos desta ou daquela classe, originam os designados como *temporais*.

Qualidade e aspectos qualitativos são considerados no plano alofónico e no plano fonémico. Examina-se a apresentação de um som elocucional isolado e a de dois ou mais sons coarticulados. No primeiro caso, simplifica-se a exposição, examinando um som contínuo vocálico.

Poder entender-se o processo de particularização apresentativa de um texto elocucional, reclama um conhecimento muito pormenorizado dos aspectos particularizantes auditivamente discrimináveis, mais significativos, e impõe um longo treino analítico.

Elucidou-se o Leitor sobre o que devia entender por «aspectos tensionais de nível» e de «curso», assim como por «magnitude de actuação» de uma permanência ou de uma variação tensional. Aludiu-se à representação gráfica do comportamento tensional e aos processos auxiliares do seu exame auditivo.

No concernente aos aspectos qualitativos, foram também considerados os correspondentes aspectos de nível e de curso, assim como a magnitude de actuação de uma permanência ou de uma variação de grau qualitativo, etc. Interessou, sobretudo, explicar o significado de *progressão*, *plenitude* e *regressão* qualitativa de uma vogal oral e considerar o lugar do momento ou do trecho de máxima caracterização vocálica. Aludiu-se à representação gráfica do comportamento qualitativo e aos processos auxiliares de seu exame auditivo.

Relativamente aos aspectos tonais de nível e de decurso, principiou-se por pôr em relevo a distinção entre *tonalidade* e o seu aspecto, mais ou menos predominante, que se chamou *linha tonal*.

Saber-se que o maior ou menor predomínio da linha tonal de uma tonalidade experimentada por um ouvinte perante o decurso de um som elocucional — imagine-se o decurso de uma vogal anterior, aberta — depende das restantes frequências componentes dessa tonalidade, torna compreensível a possível ambiguidade resultante do efeito auditivo de uma tonalidade que varia em sentido diverso do manifestado pela respectiva linha tonal.

Importou sublinhar que o sentido de variação da tonalidade desempenha um papel primordial na formação de aspectos expressivos-delimitativos. Quando importa, que não seja ambíguo o significado de um desses aspectos, o respectivo locutor actua de modo a originar uma tonalidade que varie no mesmo sentido de variação da linha tonal que manifesta.

14.4 — *Pensar e compreender*

A vida que se vive e o interesse em se viver, compelem o individuo, já mais ou menos distante da fase infantil, a passar continuamente do sensorial para o perceptual, experimentando discriminações cada vez mais complexas, e do perceptual para o sensorial. Múltiplos estímulos induzem-no a distinguir o *igual* do *diverso*, o *permanente* do *transicional*, o *particular* do *geral*, levando-o a *discernir*, a *discorrer*, a *pensar*.

Pensa-se inverbamente, verbalmente, ou de um e de outro modo, sucessiva ou quase simultâneamente.

Um acto de pensamento, no plano verbal ou in verbal, que motiva uma unificação de dois ou mais objectos, inverbais ou verbais, ou de dois ou mais aspectos de um ou mais objectos, inverbais ou verbais, ou, ainda, de um ou mais objectos e de um ou mais aspectos de um ou mais objectos, inverbais ou verbais, é um *acto de compreensão* e a unificação resultante, uma *compreensão*. Esta surge no momento em que se dá a unificação que torna a compreensão o *objecto compreendido*.

Como caso particular da compreensão, apontou-se o *reconhecimento*. Este torna a compreensão o *objecto reconhecido*.

A um acto de compreensão opõe-se um *acto de dissociação*. Um ou mais aspectos de um só objecto, in verbal ou verbal, dele dissociados, são experimentados, respectivamente, como um ou mais objectos. São compreendidos como aspectos de um só objecto, objectos unificados.

Quando um individuo experimenta um acto de compreensão, ou se unificam todos os objectos que procurou compreender como aspectos de um

só objecto, ou se unificam alguns deles. A compreensão é sentida no primeiro caso como *concluída* e no segundo como *não-concluída*. Uma compreensão não-concluída pode ser concluída mediante um ou mais *actos complementares de compreensão*.

Quando um indivíduo experimenta um objecto, experimenta, ou não, *consequentemente*, um ou mais do que um aspecto que se classifica como *consequente*. Ora *compreender* é experimentar uma unificação dos aspectos componentes do objecto compreendido, com um consequente sentimento de *aceitação*.

Compreender implica *aceitar*. Compreende-se conclusiva ou inconclusivamente, o que significa, respectivamente, experimentar-se uma compreensão ou parte de uma compreensão.

Ao aspecto de aceitação que se experimenta ao ouvir-se dizer «Dois e dois são quatro.», opõe-se o de *inaceitação* perante a frase «Dois e dois são três.».

14.5 — *Recorte e segmentação do decurso elocucional. Toema, entoema e compreensão. Frase elocucional*

Ouvindo, atentamente, o decorrer de uma elocução proferida em andamento lento e com uma dicção cuidada, distingue-se, se o texto for suficientemente extenso, uma sucessão de decréscimos tensionais silábicos que *recortam* o decurso sonoro-articulatório, se o não cortam completamente, e que o *segmentam* se o corte é completo, motivando descontinuidade.

Cada decréscimo tensional silábico e concomitante subida, descida ou constância de tonalidade, constitui um *toema* — uma entidade sonoro-articulatória que manifesta *completitude apresentativa* se marca o final de uma apresentação. Tratando-se da apresentação de uma interjeição, ou de uma palavra, ou de uma sequência de palavras coarticuladas, o toema que manifesta confere-lhe um aspecto conclusivo ou inconclusivo, conforme o comportamento de nível da *tonalidade*. Um toema como o referido que tem uma actuação delimitativa, classifica-se como *fundamental*. Um toema que não ocorrendo em posição final de uma apresentação a não delimita conclusiva ou inconclusivamente, classifica-se como *secundário*.

Um toema fundamental antecedido, na palavra ou na interjeição que o manifesta, de um ou de mais do que um toema secundário não pretónico, torna-se uma «sequência primacial de toemas».

Além do toema fundamental aparece na elocução um outro complexo delimitativo — o *terminal atoemático*. Delimita conclusiva ou inconclusivamente como um toema fundamental, mas difere dele por manifestar um *acrêscimo tensional* em vez de um *decrêscimo*, a partir do momento em que a tonalidade se mantém constante, ascendente ou descendente.

Toemas e terminais atoemáticos delimitam mas não segmentam. Porém uns e outros são, frequentemente, seguidos de uma *pausa elocutiva*, ou seja de um lapso de tempo que decorre a partir do momento em que um locutor suspende a sua elocução e até ao momento em que a continua, a fim de renovar a sua reserva de ar pulmonar e depois prosseguir — *pausa respiratória* — ou porque a verbalização implicou a sua ocorrência — *pausa de verbalização*.

Uma actuação mímico-fisionómica do locutor, ou qualquer outra inverbal, com este ou aquele significado, tem, muitas vezes, lugar durante uma pausa de verbalização ou antes dela.

Na elocução dialogada, entre os finais dos textos proferidos por um dos interlocutores e os inícios dos proferidos pelo outro, aparecem, normalmente, as chamadas *pausas interlocutivas*.

Uma elocução é segmentada, sempre que o respectivo locutor deixa de verbalizar elocucionalmente o que está a pensar ou o que pensou inverbalmente / ou o que verbaliza mentalmente e *continua* depois a verbalizar elocucionalmente, isto é, real-mentalmente.

Uma verbalização real-mentalmente efectuada de uma compreensão conclusiva ou inconclusivamente experimentada origina um trecho elocucional que constitui um *entoema* e se distingue, respectivamente, como *conclusivo* ou como *inconclusivo*. A um acto de compreensão no plano inverbal, corresponde no plano verbal um acto elocucional que o manifeste.

Quando se verbaliza é um entoema ou uma sequência de entoemas elocucionalmente unificáveis que substitui, respectivamente, uma compreensão ou uma sequência de compreensões unificáveis. Inversamente, quando se passa do verbal para o inverbal (quando se *inverbaliza*), é uma compreensão ou uma sequência de compreensões inverbais, unificáveis, que substitui, respectivamente, um entoema ou uma sequência de entoemas elocucionalmente unificáveis.

Por sua vez, um entoema ou uma sequência de entoemas, pode motivar num ouvinte uma *compreensão apresentativa*, isto é, sem *derivada* verbal ou inverbal / ou parcialmente apresentativa e parcialmente verbal ou inverbal, etc.

Da verbalização de uma compreensão resulta um entoema. Ocorrem, porém, entoemas que não resultam de uma tal verbalização. Estão neste caso os entoemas que segundo o seu texto vocabular inerente só podem actuar interrogativamente seja qual for o seu contexto.

A par de toemas claramente delimitativos, embora não seguidos de pausa elocutiva, ocorrem outros com uma acção delimitativa mais ou menos obscura, como que apenas esboçada. Muitos há que são aparentemente delimitativos. Por seu turno também as pausas elocutivas podem ser «virtuais».

Um entoema conclusivo, informativa ou interrogativamente actuante, ou um entoema inconclusivo interrogativamente actuante, constitui uma «frase elocucional» «simples» ou «monotoemática». Se é constituída por uma sequência conclusiva de entoemas elocucionalmente unificáveis, informativa ou interrogativamente actuante / ou por uma sequência inconclusiva de entoemas elocucionalmente unificáveis, interrogativamente actuante, diz-se que a frase elocucional é «composta» ou «politoemática».

A diversidade entre o significado de «frase» no plano elocucional e o de «frase» no plano vocabular, impõe a distinção entre uma e outra. A imprecisão do conceito de frase provém de se considerar uma ou outra sem se precisar de qual se trata. No plano elocucional, define-se «frase» como um texto que mediante o que significa, vocabular e expressivamente, verbaliza uma compreensão conclusiva, informativa ou interrogativamente actuante, ou uma compreensão inconclusiva que actue interrogativamente.

Como caso particular da «frase elocucional» apontou-se a «elocucional atoemática» que em vez de um toema fundamental apresenta um «terminal atoemático» se é «simples» e mais do que um se é «composta».

Segundo a espécie de elocução que lhe corresponde, uma frase elocucional é *recordada* ou *lida*, ou *resultante de uma verbalização*. A par de elocuições, vocabular e expressivamente recordadas, ao serem proferidas, e distinguem-se nesse caso como *decoradas*, *imitativas*, ou *repetidas*, ocorrem outras que sendo vocabularmente recordadas são proferidas com expressão espontânea.

14.6 — *Modalidade comunicativa*

Fala-se para se comunicar e o que se comunica pode constituir, segundo o que significa lexical e expressivamente, uma invocação, um chamamento, uma ordem, etc., (Jesus! / Pedro! / Sai!, etc.).

Além de elocuições que constituem comunicações propriamente ditas — dirigidas por um locutor a um ou mais ouvintes — actuam outras de modo especial, como, por exemplo, as originadas por verbalizações mentais ou vagamente reais-mentais com que um indivíduo comunica a si próprio «falando com os seus botões», como se diz popularmente.

Quando se comunica a outrem, verbalmente, e aquilo que se diz resulta de uma verbalização de uma compreensão experimentada com um conse-

quente sentimento de «aceitação», comunica-se informativamente; informa-se mediante um entoema conclusivo informativamente actuante. Se não se entende e se quer entender o que se ouve ou o que se lê; ou quando se ignora aquilo de que outrem fala ou escreve, e se pretende sabê-lo, etc., etc., comunica-se interrogativamente; interroga-se mediante um entoema interrogativamente actuante, conclusivo ou inconclusivo, conforme o significado do texto ou do contexto, ou o de uma e o de outra coisa.

Ocorrem na elocução entoemas cuja *modalidade delimitativa*, ou toemática, é conclusiva por ser conclusivo o toema fundamental que os delimita, a par de outros cuja modalidade delimitativa é inconclusiva porque o toema fundamental que os delimita é inconclusivo.

Ocorrem na elocução entoemas informativamente actuantes e entoemas que actuam interrogativamente. É informativa no primeiro caso e interrogativa no segundo, a sua *modalidade comunicativa*.

Um texto elocucional-vocabular, resultante de uma verbalização real-mentalmente actuante de uma compreensão conclusiva ou inconclusivamente experimentada, constitui um entoema informativamente actuante que se distingue, respectivamente, como conclusivo ou como inconclusivo.

Entoemas que segundo o seu texto vocabular inerente só podem actuar interrogativamente, seja qual for o contexto, são entoemas mediante os quais o interrogante não comunica ao interrogado, quando o interroga, uma resposta suposta sobre o que lhe pergunta.

Interrogar pode ser, ou não, comunicar a outrem, interrogativamente, algo *suposto*, pelo interrogante, como resposta ao que pretendeu saber, para ver se o interrogado o experimenta, ou não, com um consequente sentimento de aceitação. *Interrogar* é, por vezes, comunicar a outrem, interrogativamente, duas ou mais respostas *supostas*, para verificar qual delas o interrogado experimenta como aceitável ou como mais aceitável. O que revela ao ouvinte tratar-se de uma ou mais do que uma resposta *suposta*, é o facto de ser interrogativa a modalidade da comunicação que lhe é dirigida.

Interrogar não é comunicar a outrem, interrogativamente, uma ou mais do que uma resposta suposta, quando o interrogante nada supõe, porque não sabe nem imagina o que seja aquilo que pergunta, ou porque pretende simular ignorância.

Actuações de entoemas conclusivos e de entoemas inconclusivos, ou de (dois) entoemas sucessivos, lexicalmente unificáveis, e das respectivas sequências, mostram que as determinantes da sua *modalidade comunicativa* são a sua *modalidade delimitativa*, o seu texto e o seu contexto. Um entoema

conclusivo ou uma sequência inconclusiva de entoemas, actua informativamente se não for *inverso* o seu texto, ou o seu contexto ou uma e outra coisa. No caso de *inversão* será interrogativa a sua actuação. Tratando-se de um entoema inconclusivo, ou de uma sequência inconclusiva de entoemas, verificar-se-á actuação interrogativa desde que não haja inversão.

14.7 — *Particularização elocucional*

Qualquer texto elocucional-vocabular, constituído por uma ou mais palavras, distingue-se de qualquer outro vocabularmente diferente, tanto pela diversidade da sua particularização elocucional como pela diversidade da sua particularização estrutural. Distingue-se de qualquer outro vocabularmente análogo, apenas pela diversidade da sua particularização elocucional.

Particularização estrutural e particularização elocucional são coexistentes, podendo a elocucional ser classificável como *idifónica*, *idifonética*, *circunstancial* ou como *expressiva*.

Aspectos particularizantes idifónicos, provenientes da actuação do locutor como instrumento, são *involuntários*. Os resultantes da actuação do locutor como executante, podem ser involuntários, como são os idifonéticos, ou voluntários, como são os delimitativos, os de realce, os sentimentais, e, de certo modo, os circunstanciais.

Todos os aspectos particularizantes voluntários são classificáveis como *expressivos*; são eles que conferem à elocução a sua *expressão* (fónica).

Prestou-se especial atenção à particularização expressiva. Consideraram-se, marginalmente, as particularizações idifónicas, idifonéticas e circunstanciais, pelo facto de ser a expressão uma determinante do significado elocucional. Examinou-se, sucessivamente, a particularização apresentativa do entoema monovocabular e a do entoema polivocabular.

No sector da particularização expressiva-delimitativa destaca-se a actuação dos toemas classificáveis como fundamentais bem como a actuação das sequências de toemas classificáveis como *primaciais*. Múltiplas variantes de realização de toemas fundamentais e secundários facultam múltiplas possibilidades expressivas.

Distinguem-se: — variantes finalizantes e não-finalizantes de toemas conclusivos; variantes de tonalidade ascendente e de tonalidade constante, de toemas inconclusivos;

— variantes de sequências primaciais ditoemáticas e tritoemáticas conclusivas e inconclusivas, destacando-se, sobretudo as «cumulativas»

— variantes originadas por contraste particularizante do nível tonal inicial do toema fundamental de sequências conclusivas e inconclusivas de vários tipos.

No sector da particularização expressiva de realce, verifica-se que esta se distingue como *tonal* / *temporal* / *tensional* / *qualitativa*, se é «simples», e como *tonal-tensional* / *tonal-qualitativa* / *tonal-qualitativa-tensional*, etc., etc., se é «complexa», abrangendo particularizações simultâneas de dois ou mais aspectos apresentativos-auditivos de espécie diversa. Particularizações simples, conjuntas, ou simples e conjuntas, são, frequentemente, manifestadas por entoemas polissilábicos.

Relativamente ao entoema monovocabular, observou-se que a particularização expressiva que o destaca, valoriza toda a apresentação da palavra que o constitui, ou parte dessa palavra. Se o entoema é polivocabular, a sua particularização valoriza, total ou parcialmente, uma das suas palavras componentes, ou duas ou mais das palavras que o constituem.

Os dois ou mais objectos cuja verbalização motivou a ocorrência de um entoema, podem actuar com importância igual ou diversa. Se um deles é experimentado como mais importante, é valorizada a palavra que o substitui no entoema motivado. Serão duas ou mais, respectivamente, as palavras realçadas, se foram dois ou mais, os objectos experimentados pelo locutor como predominantes.

Análises de entoemas polivocabulares evidenciaram múltiplas possibilidades de uma particularização tonal de realce. Ocorreram «valorizações indiscriminativas», o que significa que todas as palavras do entoema foram igualmente valorizadas. Ocorreram decursos tonais de tipo «escalonado», «flutuante», «deslizante» e «insistente». Os de tipo escalonado e os de tipo deslizante, foram ascendentes ou descendentes ou mistos, ao passo que os insistentes apresentaram um escalão final, particularizante, ascendente ou descendente. Entoemas com cinco palavras apresentaram uma flutuação de níveis tonais silábicos, não particularizante.

Um entoema monovocabular, mono-alofónico, *temporalmente* particularizado é apresentativamente constituído por uma vogal experimentada como particularmente longa ou particularmente breve. Verifica-se uma duração particularizante de qualquer dos seus alofones componentes, ou deste e daquele alofone, ou do seu conjunto se o entoema é monossilábico poli-alofónico.

Um entoema monovocabular, polissilábico, apresenta um «ritmo silábico elocucional» mais ou menos diverso do ritmo do vocábulo que lhe corresponde, ou seja o seu «ritmo silábico estrutural». Quanto maior for o grau dessa diversidade, maior será o grau de particularização temporal expressiva.

Um entoema monovocabular que apresente um ritmo silábico elocucional, perceptualmente análogo ao seu ritmo silábico estrutural, é, temporalmente, particularizável pela lentidão ou pela rapidez do seu andamento.

O tipo de particularização temporal do entoema monovocabular polissilábico indicado como sendo, provavelmente, o mais frequente, foi o que apresenta uma sílaba tónica que é experimentada como particularmente longa.

Contrariamente ao que se passa com sílabas átonas, muito especialmente em posição não inicial, a sílaba tónica de uma palavra pode ser muito alongada sem que a apresentação dessa palavra seja sentida como «desfigurada».

O tipo de particularização temporal que ocupa o segundo lugar em frequência, é, muito possivelmente, o que manifesta uma sílaba átona, inicial, particularmente longa.

Viu-se que uma particularização expressiva de realce, predominantemente temporal, de um entoema monovocabular polissilábico, é a que lhe confere um ritmo silábico *contrastante* com o ritmo silábico do vocábulo que lhe corresponde, e, consequentemente, expressivo. Uma *acentuação estrutural* do entoema considerado, é uma particularização predominantemente temporal que lhe confere um ritmo silábico análogo ao do vocábulo que lhe corresponde, e, consequentemente, inexpressivo.

Se a acentuação do entoema considerado é classificável como estrutural-expressiva, verifica-se uma particularização elocucional predominantemente temporal que lhe confere um ritmo silábico que contrasta com o ritmo do vocábulo correspondente, por apresentar, uma sílaba tónica que é experimentada como particularmente longa.

Compreende-se que particularizar, temporalmente, um entoema monovocabular, polissilábico, é acentuá-lo expressivamente, se dessa particularização, classificável como «acentual», resulta um ritmo que contrasta com o ritmo estrutural do vocábulo que lhe corresponde.

Um entoema polivocabular com duas ou mais palavras, manifesta um ritmo silábico particularizante, se uma ou mais do que uma das suas sílabas for, temporalmente, particularizada. O número de «figuras rítmicas» diversas que podem corresponder a um entoema polivocabular constituído por palavras mono e polissilábicas depende do número das suas sílabas, do número de palavras temporalmente particularizadas que manifesta, e, ainda, do número de ritmos inconciliáveis com as palavras ocorrentes, no «plano da norma».

Um entoema polivocabular temporalmente particularizado, distingue-se pelo seu «ritmo silábico» ou pelo seu «andamento», ou por uma e outra coisa.

A figura rítmica de um entoema polivocabular, ou seja o seu «ritmo silábico elocucional» depende do «ritmo silábico estrutural» do texto vocabular que lhe corresponde, e dos aspectos, muito especialmente temporais, que elocucionalmente o particularizam.

Qualquer andamento que se distinga pela sua uniformidade, lentidão ou rapidez / ou pela sua uniformidade e lentidão, ou uniformidade e rapidez / ou, ainda, pelo seu acréscimo ou decréscimo, etc., de velocidade, particulariza, temporalmente, o entoema que o manifesta.

Quando se fala de *tensão* particularizante e não se especifica, deve subentender-se nível tensional particularmente elevado por ser este o tipo de particularização tensional geralmente ocorrente.

Tratando-se de um entoema monossilábico mono-alofónico como o constituído por uma só vogal, esta pode apresentar uma tensão articulatória particularmente elevada ou particularmente baixa ou uma variação tensional no sentido decrescente ou crescente-decrescente. Se o entoema é poli-alofónico, é tensionalmente particularizado se um ou mais do que um dos seus alofones, for experimentado como particularmente tenso ou particularmente frouxo, ou manifestar uma variação tensional particularizante. Particulariza tensionalmente um entoema monovocabular polissilábico, um nível ou um decurso tensional particularizante de uma ou de mais do que uma das suas sílabas componentes. Pode ser «parcial» ou «total» a particularização tensional de um entoema polivocabular. É total se cada uma das suas palavras manifestar durante toda a sua apresentação ou parte dela, um nível ou uma variação de nível tensional particularizante.

Um entoema monossilábico, mono-alofónico, pode distinguir-se *qualitativamente* pelo elevado grau de caracterização fonética da vogal que o constitui. O respectivo «articulema» é realizado de modo a originar um «qualitema» particularmente opositivo no plano fonológico. Verifica-se uma particularização qualitativa se o grau de caracterização da apresentação é superior ao aceitável como normal *em circunstâncias análogas* às verificadas no momento da sua actuação.

Um entoema monossilábico poli-alofónico pode distinguir-se qualitativamente, pelo elevado grau de caracterização fonética da sua vogal, ou da sua consoante, ou de uma ou mais das suas consoantes / ou de todo o seu decurso. Se o entoema é polissilábico pode destacar-se por um elevado grau de caracterização fonética de uma ou mais das suas sílabas, ou de toda a sua apresentação. Tratando-se de um entoema polivocabular pode ter lugar um destaque qualitativo total ou parcial de uma ou mais do que uma das suas palavras componentes, ou de toda a sua apresentação.

Particularizações expressivas de realce, classificáveis como «simples» distinguem-se, segundo a sua espécie, como tonais, tensionais, qualitativas, ou como temporais. Quando manifestam, simultaneamente, ou sucessivamente, dois ou mais aspectos de espécie diversa, classificam-se como «conjuntas», distinguindo-se como tonais-temporais / tonais-temporais-tensionais / ou como qualitativas-temporais / qualitativas-tonais-temporais, etc.

Particularizações simples, ou conjuntas, ou simples e conjuntas, são frequentemente sucessivas.

A *particularização expressiva de realce*, destaca ou realça um entoema, valorizando toda a sua apresentação ou parte dela, e, conseqüentemente, o que esse entoema significa lexicalmente, por si e mediante um contexto relevante que sobre ele actue. A *particularização expressiva sentimental* de um entoema associa ao que esse entoema significa lexicalmente, por si e mediante o respectivo contexto, a expressão de um sentimento ou de um conjunto de sentimentos / ou de uma «sequência sentimental».

Particularizações expressivas de entoemas, mono e polivocabulares, são, muitas vezes, simultaneamente de realce e sentimentais.

Uma particularização sentimental de um entoema distingue-se como *independente* se é originada por um «estado de ânimo» do locutor ao proferi-lo, e não por um sentimento experimentado pelo locutor ao compreender o que verbalizou elocucionalmente. Verifica-se uma particularização expressiva independente do acto de compreensão que motivou o entoema que a manifesta.

Observou-se a frequente incompreensão ou ambigüidade do significado elocucional de entoemas com particularização sentimental independente.

Distingue-se entre *expressão fónica* ou apresentativa, e *expressão lexical* de uma palavra ou de um entoema monovocabular. A apresentativa é originada pela particularização elocucional da sua apresentação, ao passo que a lexical é a manifestada mediante o que significa lexicalmente. Um locutor pode ser muito expressivo, não só pelo modo como profere uma palavra ou uma sequência de palavras, mas também pelo que essa palavra ou sequência de palavras significar lexicalmente.

14.8 — *Unificação e Cisão de entoemas sucessivos.* *Sequências especiais de entoemas*

Apontou-se a diferença existente entre «associação» e «unificação» de entoemas. Dois ou mais entoemas sucessivos são ou não unificáveis segundo: 1 — o seu significado lexical / 2 — a sua modalidade delimitativa / 3 — a sua modalidade comunicativa. Entoemas unificáveis segundo 1, 2 e 3, são «elocucionalmente unificáveis». Originam «unificações integrais» quando se

unificam. Entoemas que não são elocucionalmente unificáveis originam unificações parciais, distinguindo-se as unificações segundo o que significam lexicalmente, como predominantes.

Importa precisar que não são os entoemas unificáveis, real-mentalmente actuantes, que podem unificar-se, ou se unificam. É o ouvinte que, voluntária ou involuntariamente, os experimenta unificados, se os unifica mentalmente, à medida que os vai ouvindo ou que os vai recordando depois de os ter ouvido.

Considerando a unificação ou não unificação de entoemas sucessivos segundo a sua modalidade delimitativa e a sua modalidade comunicativa, observa-se: entoemas conclusivos sucessivos, informativamente actuantes, não são unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa, embora o sejam lexicalmente, a não ser que o ouvinte perceba ou julgue que esses entoemas resultam de verbalizações sucessivas. Acontece, porém, que se o contexto de dois entoemas sucessivos, informativamente actuantes, não justifica a sua dissociação, o ouvinte tende a unificá-los, esquecendo, momentâneamente, o complexo delimitativo do entoema inicial da sequência.

Um entoema conclusivo, interrogativamente actuante, ou uma série de entoemas conclusivos que actuem interrogativamente, é unificável segundo a sua modalidade delimitativa, com um entoema inconclusivo ou conclusivo que actue interrogativamente.

Entoemas inconclusivos, sucessivos, interrogativamente actuantes, e lexicalmente unificáveis, originam, unificando-se, um só entoema inconclusivo. Se forem unificáveis segundo as suas modalidades delimitativa e comunicativa, não se unificam integralmente se não forem lexicalmente unificáveis.

Um entoema inconclusivo informativamente actuante, ou uma série de entoemas inconclusivos que actuem informativamente, é unificável segundo a sua modalidade delimitativa, com um entoema conclusivo, posterior, que actue também informativamente.

Um entoema suficientemente extenso é sempre cindível em entoemas semelhantes aos que o originaram ou o poderiam ter originado. Por isso, entoemas motivados por uma cisão, ou são os «únicos possíveis», ou os «prováveis», ou os «eventuais».

Importa precisar que não é um entoema que pode cindir-se ou se cinde em entoemas de menor extensão. É o ouvinte que voluntária ou involuntariamente — à medida que vai ouvindo um entoema ou que o vai recordando depois de o ter ouvido — experimenta entoemas semelhantes aos que o originaram ou o poderiam ter originado.

Foram apontados como casos especiais de entoemas sucessivos: sequências de 2 entoemas que não mudam de significado lexical nem de modalidade comunicativa, mediante inversão da sua ordem de sucessão / sequências de 2 entoemas cuja modalidade comunicativa se inverte, possivelmente, se for invertida a sua ordem de sucessão / sequências de 2 entoemas elocucionalmente unificáveis numa dada ordem de sucessão e não unificáveis na ordem inversa / sequências de 2 entoemas que são ou não lexicalmente unificáveis conforme o seu contexto actuante / sequências de 2 entoemas, predominantemente particularizada pelo seu entoema final // sequências de 3 entoemas que não mudam de significado e sequências que mudam, alterando a sua ordem de sucessão / sequências de 3 entoemas que só são unificáveis com determinado significado numa determinada ordem de sucessão // sequências de 4 ou mais entoemas lexicalmente unificáveis.

14.9 — *Significado lexical e Significado elocucional, independentemente de um contexto*

Uma palavra pode actuar, ou não, mediante o que significa lexicalmente, além de actuar mediante o que exprime e o que possivelmente sugere. Como o significado lexical de uma palavra é o significado do vocábulo nela implícito, é indiferente dizer-se «significado lexical» ou «significado vocabular».

Uma palavra mediante o vocábulo nela implícito, *denomina* um objecto e *significa*, relativamente a um indivíduo, o conhecimento que esse indivíduo tiver — aquilo que ele souber — do objecto denominado.

Distinguiram-se as seguintes modalidades de actuação lexical:

1 — há palavras, como por exemplo $\neq$ DURAÇÃO $\neq$, que significam, lexicalmente, o que denominam, e o que denominam pode considerar-se invariável seja qual for o indivíduo (duma comunidade linguística) sobre o qual actuar;

2 — há palavras que podem significar, lexicalmente, o que denominam, ou um conhecimento pessoal, variável, de indivíduo para indivíduo, do objecto denominado. O denominado por uma palavra deste tipo é um determinado objecto, ou é um objecto mais ou menos imprecisamente determinado. No primeiro caso serve de exemplo $\neq$ GRANITO $\neq$ e no segundo caso $\neq$ RAPAZ $\neq$.

3 — há palavras que significam, lexicalmente, o que denominam, mas o que denominam, além de ser vago e instável, é variável de indivíduo para indivíduo. Serve de exemplo $\neq$ BONDADE $\neq$.

Tanto as palavras do tipo indicado em 2 como as do tipo indicado em 3, foram consideradas relativamente à comunidade constituída pelos indivíduos em cuja língua-mãe figuram os vocábulos correspondentes a essas palavras, e relativamente a um indivíduo da mencionada comunidade.

Actuações vocabulares mostram que o *denominado* por um vocábulo (monossemântico), é *constante* ou *variável*. É constante o que o vocábulo DURAÇÃO denomina; é constante se bem que imprecisamente determinado o denominado pelo vocábulo ADOLESCÊNCIA. É variável o que o vocábulo BONDADE denomina.

Actuações vocabulares mostram que o *significado* por um vocábulo (monossemântico), é constante ou variável.

Se admitirmos: qualquer componente de um conjunto de N indivíduos tem um conhecimento do objecto que um determinado vocábulo denomina, igual ou equivalente ao conhecimento que tem do mesmo objecto qualquer outro componente do citado conjunto, admitimos, implicitamente, que o vocábulo considerado tem um significado constante para qualquer desses N indivíduos. Se não admitirmos igualdade ou equivalência de conhecimento, admitimos, implicitamente, variabilidade do significado do vocábulo considerado.

Relativamente a uma comunidade C, constituída por todos os indivíduos adultos e normais cuja língua-mãe é o português, distribuem-se os vocábulos inerentes às palavras ocorrentes na dita comunidade, em 3 grupos que se designam pelas letras A, B e C.

Cada vocábulo do grupo A — SIM, MAS, TALVEZ, DOIS, etc. — significa um objecto de que tem um conhecimento igual ou equivalente, qualquer indivíduo de C. Aquilo que se experimenta, aquilo que se sente quando se discrimina um vocábulo deste grupo ou se é induzido a realizá-lo mediante uma palavra quando se fala, além de ser *simples* é prontamente discriminado e reconhecido por qualquer pessoa da comunidade C.

Há vocábulos do grupo A — qualquer dos mencionados — que figuram, muito provavelmente, no «vocabulário individual» de qualquer representante de C (Sector 1), a par de outros, como por exemplo PORTANTO, que são ignorados ou erroneamente conhecidos, por N indivíduos da aludida comunidade (Sector 2).

Observa-se que é invariável o que *denomina* e invariável o que *significa* qualquer vocábulo do Grupo A.

Cada vocábulo do grupo B denomina um objecto de que tem um conhecimento, qualquer indivíduo de C, que é, ou não, diverso do conhecimento que um outro indivíduo dessa comunidade tem do mesmo objecto.

Analogamente ao que se passa no grupo A, há vocábulos do grupo B que figuram, muito possivelmente, no vocabulário individual de qualquer componente de C — como por exemplo ÁGUA —, a par de outros por exemplo GRANITO que são ignorados ou mal conhecidos por N pessoas da comunidade

citada. Consideram-se como no grupo anterior, os sectores 1 e 2. Subdivide-se este último em tantos subsectores quantas as variantes de significado que se distingam em cada vocábulo do sector 2.

Observa-se que é invariável *o que denomina* e variável *o que significa* um vocábulo do grupo B.

Cada vocábulo do grupo C — BONDADE, BELEZA, etc., — significa o que denomina, ou seja um objecto que sem deixar de ser distinto de qualquer objecto denominado por qualquer outro vocábulo (não actuante como sinónimo), é composto por estes ou aqueles aspectos conforme o indivíduo da comunidade C sobre o qual actuar.

Observa-se que é variável *o que denomina* e variável *o que significa* um vocábulo do grupo C.

Relativamente à constância ou à variabilidade do significado por um vocábulo monossemântico, conforme o que denomina, deduziu-se: é variável o seu significado, se for variável o que denomina. Se for constante o que denomina, é variável ou constante o seu significado.

Os aspectos componentes das variantes de significado de um vocábulo monossemântico, como por exemplo BELEZA, podem ser abrangidos por um só acto de compreensão, o que não acontece com as aspectos componentes dos diversos significados de um vocábulo polissemântico, como por exemplo, CADEIRA.

Constitui o significado elocucional de uma apresentação *avocabular*, como é uma interjeição, o que essa apresentação significa mediante o que exprimir. O significado de uma interjeição depende da sua apresentação, ou da sua apresentação e da forma como o ouvinte a interpreta, o que, por sua vez depende do contexto da interjeição.

Segundo a função que desempenham, distribuem-se as interjeições em várias classes de semelhança, destacando-se as seguintes: apelativas / imperativas / interrogativas / interrogativas-sentimentais / perceptuais / perceptuais-sentimentais.

Constitui o significado de uma apresentação que actue vocabular e expressivamente, por exemplo um entoema, o que essa apresentação significar mediante o texto vocabular que lhe é inerente e mediante o que exprimir, se for considerada independentemente de um contexto.

14.10 — *Condicionamento contextual do significado elocucional*

Não há, na realidade, texto sem contexto actuante, se bem que um contexto possa ser indiscriminável e a sua actuação possa ser praticamente nula, ou anulada por esquecimento ou por abstracção.

O designado por «significado elocucional de um entoema» (ou de qualquer outro texto elocucional-vocabular) é o significado resultante de uma actuação do seu «significado elocucional inerente» e do significado elocucional do seu «contexto global incidente».

A variedade e importância dos contextos, impõe distinções. O discriminado como complemento de um texto elocucional é o seu *contexto motivado*; o discriminado ou imaginado como motivo da sua ocorrência é o seu *contexto motivante*. Contexto motivado e contexto motivante de um texto elocucional são contextos parciais componentes do seu *contexto global*. Este distingue-se como «contexto global incidente» se incide sobre a percepção do ouvinte como relevante-actuante.

Distribuem-se os contextos ocorrentes, em *verbais* e *inverbais*, subdividindo-se os primeiros em *adjuntos* ou *não-adjuntos* a uma palavra ou a uma sequência de duas ou mais palavras, etc. São mímico-gesticulados, mímico-fisionómicos, etc., os contextos inverbais. Podem ser mímicos os contextos classificáveis como «ponderativos», «indutivos» ou como «expectantes». Estes últimos desempenham um papel muito importante na determinação da modalidade comunicativa-interrogativa de um entoema.

14.11 — *Configuração elocucional. Sua representação e dinamização.*

Qualquer texto elocucional, ainda que seja mínima a sua extensão alofónica, manifesta aspectos tonais, tensionais, qualitativos e temporais — 4 espécies de aspectos apresentativos auditivamente discrimináveis, que *figuram* na percepção da elocução se o ouvinte, o perceptor, analisa a sua apresentação; e que se *configuram* se o ouvinte os experimenta globalmente, sentindo o que se denomina uma *configuração elocucional*.

Um ou mais do que um aspecto de cada um dos quatro aspectos auditivamente discrimináveis, actua como elemento da configuração, constituindo uma das suas quatro «figurações componentes elementares».

Uma configuração tonal-tensional-qualitativa-temporal é *global*, ao passo que uma configuração tonal-tensional, ou tonal-qualitativa, ou tonal-tensional-qualitativa, etc., é *parcial*.

Configurações parciais são originadas por duas ou mais figurações dissociadas de uma configuração global, mercê de um maior ou menor domínio da sua actuação conjunta.

Figurações e configurações elocucionais globais ou parciais, apresentam um *curso* de uma *constância* ou um *curso* de uma *variação* ou uma e outra coisa, nesta ou naquela ordem de sucessão. São *presenças* decorrentes, evanescentes, que originam um curso mental se persistem memorialmente. Uma configuração global ou parcial decorre persistindo sem variação, ou decorre variando, por diferenciação de uma ou de mais do que uma das suas figurações componentes.

É a particularização elocucional de um texto que origina figurações elementares e figurações parciais da respectiva configuração global.

Representa-se uma configuração elocucional mediante uma configuração gráfica. A primeira é audível, ou, mais precisamente, sonoro-articulatóriamente experimentável; a segunda é visualmente sensível.

Figurações e configurações auditivas são decorrentes e, portanto, representáveis na medida em que o são os seus cursos. Representar um curso auditivo impõe que se represente um curso visual que o motive. Tal imposição envolve dificuldades, a maior das quais consiste em originar o *decorrer* de uma figuração ou configuração visual. Oferece outra grande dificuldade motivar-se um curso sonoro mediante um curso visual. Provoca-se um perfeito decorrer de configurações gráficas, apropriadas ao fim em vista, com auxílio de um «tradutor de configurações sonoras em configurações luminosas». Este tradutor é, essencialmente, um dinamizador de representações gráficas, estáticas, de cursos elocucionais.

Uma leitura motiva um decorrer elocucional mediante um curso visual, um texto escrito, se este tiver sido sistematicamente associado ao decorrer de uma estrutura fonémica que lhe corresponda de modo a tê-lo tornado parte integrante de um conjunto visual-sonoro-articulatório, memorialmente latente.

O que uma representação gráfica representa, de facto, e o que pode julgar-se que ela represente, reclama muita ponderação. Figuram nas conclusões (14.16) as actuações mais frequentes de uma configuração gráfica.

A semelhança que se experimenta quando se confrontam apresentações de elocuições vocabularmente idênticas, e expressivamente mais ou menos semelhantes, ou diversas, pode ser parcial ou global. Uma semelhança, ou diversidade auditivamente discriminada classifica-se como «subjectiva»; se é detectada instrumentalmente, é classificável como «objectiva».

O confronto de elocuições impõe o estabelecimento de *classes de semelhança* para cada espécie de aspectos apresentativos subjectivamente discrimináveis. Distinguem-se, portanto, classes de semelhança qualitativa, tensional, tonal ou temporal.

Escalas subjectivas de valores perceptuais harmonizáveis com a capacidade discriminativa auditiva, normal, facultam classificações segundo o grau qualitativo, tensional, tonal ou temporal. Estabelecem-se escalas objectivas que abrangem como semelhantes, valores cuja diversidade é irrelevante em face do objectivo da pesquisa.

Os textos que mais frequentemente se distribuem em classes de semelhança são, naturalmente, os *entoemas* que constituem *frases elocucionais* simples.

Estabelecem-se classes de semelhança de entoemas ortografáveis deste ou daquele modo e que são conclusivos ou inconclusivos, com esta ou aquela particularização de realce ou sentimental, ou com uma e outra, ou nenhuma.

Estabelecem-se classes de semelhança para estudo de figurações e de configurações parciais ou globais.

O decorrer de uma configuração global de uma apresentação visual dinamizada, com auxílio de um «tradutor» pode ser sonorizado mediante reprodução simultânea, devidamente sincronizada, do correspondente fonograma.

A sonorização de uma configuração global, visual dinamizada, evidencia de modo impressionante, figurações decorrentes, tensionais, qualitativas, tonais e temporais, unificando-se num texto elocucional.

Faculta:

experimentar-se, auditiva e visualmente, constância, acréscimo ou decréscimo de tensão fónica / constância, progressão ou regressão qualitativa vocálica ou consonântica / constância, subida ou descida de tonalidade ou de linha tonal / constância, aumento ou diminuição da velocidade de andamento — durante mais ou menos tempo e em nível de actuação mais ou menos elevado.

14.12 — *Determinantes da configuração expressiva de uma elocução real-mental, resultante de uma verbalização*

O objecto que um indivíduo verbaliza e que, implicitamente, depende da personalidade, etc., etc. desse indivíduo, no momento da verbalização, é a determinante da configuração elocucional, *expressiva*, do entoema resultante da verbalização ocorrida.

São os aspectos particularizantes do objecto que um indivíduo verbaliza, que particularizam a elocução resultante dessa verbalização. O objecto que uma pessoa verbaliza

é constituído por aspectos componentes, ou componentes e consequentes, e determina que a configuração do texto elocucional resultante da verbalização, manifeste conclusão ou inconclusão de um acto de compreensão / realce esta ou aquela palavra ou sequência de palavras do texto e, consequentemente, o respectivo significado lexical ou elocucional / *exprima* este ou aquele sentimento, esta ou aquela sequência sentimental.

Distingue-se como delimitativa / de realce / sentimental / ou como circunstancial voluntária, a configuração expressiva de uma elocução. Distingue-se como idiofónica / idiofonética / ou como circunstancial involuntária, a sua configuração inexpressiva.

Aspectos expressivos e inexpressivos constituem a configuração global de uma elocução.

A configuração expressiva de qualquer texto é condicionada pelo estado de ânimo, real ou simulado, de quem o profere, quer ela resulte de uma verbalização ou de uma leitura ou de uma memorização.

A principal determinante da configuração expressiva de uma elocução real-mentalmente actuante, originada por uma leitura em voz alta, é, na maioria dos casos, o correspondente *texto escrito*, texto este que pode actuar sobre o seu leitor de variadas maneiras.

A configuração expressiva de um texto classificável como *decorado*, e que é vocabular e expressivamente recordado ao ser proferido, tem como determinantes: a configuração expressiva da «elocução modelo» / a capacidade de memorização de quem decora e profere o texto / o propósito com que o locutor decorou o texto e o propósito com que o profere.

Na elocução *decorada* pode ser determinativo principal da configuração expressiva, o texto vocabular que se decora e se profere, depois, de modo mais ou menos diverso em cada repetição, conforme as circunstâncias actuantes — particularização sentimental independente, particularização segundo a categoria social do locutor em relação à do ouvinte, etc.

Como determinantes da configuração expressiva de uma elocução classificável como *imitativa*, ou como *repetida*, distinguem-se:

- a configuração expressiva da elocução imitada / ou repetida;
- a capacidade imitativa do locutor que imita ou repete;
- o propósito com que o locutor profere a imitação / ou a repetição.

14.13 — *Entoação*

No conjunto de aspectos que um objecto oferece ao indivíduo que o experimenta, distingue-se, frequentemente, um deles como predominante ou que se torna predominante. Assim sucede quando este ou aquele aspecto do objecto considerado, lhe interessa mais, ou passa a interessar mais, do que qualquer outro.

Tratando-se de uma vogal e se o ouvinte se interessar predominantemente pelo seu aspecto temporal, essa vogal passa a valer de modo preponderante,

pelo seu aspecto de *duração*. Mas qualquer dos outros aspectos componentes da respectiva configuração elocucional pode tornar-se predominante. Se predomina a figuração tonal, ocorre o que se denomina *entoação*.

Entoação é um aspecto consequente do decorrer de uma configuração elocucional, quando o ouvinte experimenta a sua figuração tonal, particularizada pelas outras figurações concomitantes, como elemento predominante.

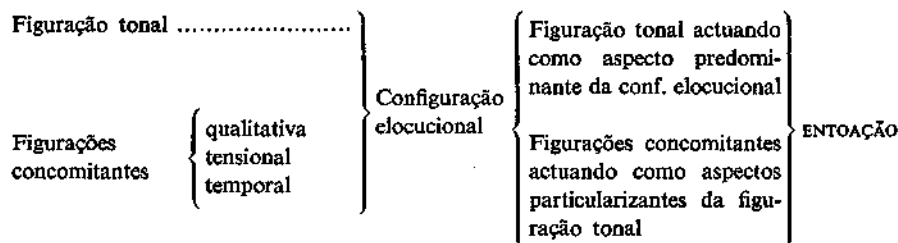
Como é a percepção de constância ou de variação da tonalidade do decorrer de uma configuração elocucional que constitui a sua «figuração tonal», particularizada pelas outras figurações co-actuates, pode dizer-se que a entoação é um aspecto consequente do decorrer de uma configuração elocucional, quando o ouvinte experimenta o decurso da sua tonalidade — particularizada pelos decursos simultaneamente actuates — como seu elemento predominante.

Decurso da *tonalidade* de uma elocução identifica-se com entoação dessa elocução quando se experimenta esse decurso, que outros decursos concomitantes particularizam, como elemento predominante da configuração elocucional correspondente. Por sua vez, a tonalidade predominantemente actuate ou a entoação com que se identifica, oferece a sua linha tonal como um seu aspecto mais ou menos preponderante.

Não se verifica a referida identificação se a figuração predominante for a qualitativa, ou a tensional, ou a temporal, ou se predominar uma configuração parcial.

Diga-se, ainda, que se denomina «entoação» o efeito motivado pelo decorrer de uma configuração elocucional sobre um ouvinte predominantemente interessado no decurso da respectiva figuração tonal, e que, por consequência, experimenta as figurações (e configurações) co-actuates como seus aspectos particularizantes.

Esquematiza-se:



Pretendendo simplificar e observando que uma figuração tonal é o decorrer da tonalidade de uma configuração elocucional, diz-se que entoação de uma elocução é o decorrer da sua tonalidade, actuando por si e mediante

os aspectos tensionais, qualitativos e temporais, coexistentes, que a particularizam.

Falar-se do «decorrer da tonalidade de uma configuração elocucional» ou do «decorrer da tonalidade de uma elocução» pode motivar confusão se o texto considerado for poli-alofónico. Evitam-se incompreensões, esclarecendo que em qualquer das frases mencionadas, «decorrer da tonalidade» significa «decorrer de uma tonalidade» se o texto considerado for mono-alofónico. Se é poli-alofónico, significa «decorrer de uma sequência de tonalidades mais ou menos distintas», podendo predominar em qualquer dos casos a respectiva linha tonal.

De forma análoga se deve entender o texto «curso da tonalidade elocucional» que apareceu na definição primeiramente formulada de entoação.

O parágrafo seguinte, intercalado entre a versão resumida e as conclusões, amplia o exposto sobre entoação.

14.14 — *Características da entoação de um texto e características da entoação de uma língua*

I)

A particularização elocucional e a particularização estrutural de um texto, originam as características da sua entoação.

Distingue-se a particularização elocucional *expressiva*, segundo a função por ela exercida, como *delimitativa*, de *realce*, *sentimental*, ou *circunstancial voluntária*. Distingue-se a particularização elocucional *inexpressiva* como *idiofónica*, *idiofónica*, ou como *circunstancial involuntária*.

A particularização estrutural de um texto, se este é mono-alofónico — considere-se, por exemplo, uma frase portuguesa ortografável por «É.» —, implica que o alofone que a constitui seja uma variante de realização de um fonema de uma determinada língua, no caso apontado a portuguesa. Ocorre, por conseguinte, uma tonalidade, a tonalidade do alofone considerado, ou seja a tonalidade do texto por ele constituído. Essa tonalidade mediante a composição acústica que a identifica no plano fonémico, caracteriza a entoação da frase que constitui. Caracteriza-a, no exemplo dado, em maior ou menor grau, como sendo portuguesa. O grau de caracterização da entoação de um alofone, *originado pela sua particularização estrutural inerente*, varia, sobretudo, conforme o fonema que lhe corresponde e consoante a modificação imposta à sua estrutura fonémica pela particularização elocucional co-actuante.

Se o texto elocucional é poli-alofónico — considere-se, por exemplo, uma frase portuguesa ortografável por «É difícil de entender.», a sua parti-

cularização estrutural implica que os alofones ou sequências de alofones coarticulados que a constituem, sejam variantes de realização de fonemas isolados ou de sequências de fonemas de uma determinada língua, no exemplo dado, a portuguesa. Ocorrem, por conseguinte, tonalidades dos alofones considerados que mediante a composição acústica que os identifica no plano fonémico, caracterizam, em maior ou menor grau, a entoação da frase que constituem, como sendo portuguesa.

A particularização estrutural de um texto elocucional, não determina, somente, que os alofones que nele figuram sejam variantes de realização de fonemas ocorrentes na respectiva língua. É uma particularização condicionada pela estrutura fonémica do texto considerado. Se este for suficientemente extenso aparecem com maior ou menor frequência: certos tipos de agrupamento alofónico, quer na formação de sílabas, quer na formação de unidades significativas, mono ou polissilábicas / certas consoantes em posição final de palavras não coarticuladas com outra palavra posterior / certos grupos em posição inicial de palavra ou de sílaba interna, etc., etc.

As particularizações mencionadas são, além de outras mais, elementos de caracterização da entoação do texto que as manifesta.

Aspectos conferidos a um texto mono ou poli-alofónico, pela sua *particularização elocucional expressiva*, principalmente a delimitativa e a de realce, são outros elementos de caracterização da entoação do texto considerado.

Caracterizam, também, a entoação de um texto, aspectos resultantes da sua *particularização inexpressiva*, destacando-se os idiofónicos e os idiofonéticos. Motivados pela actuação do locutor como instrumento e como executante, caracterizam a entoação do texto que os manifesta, individualizando-o, sobretudo idiofonicamente.

Pode interessar a entoação de qualquer texto. Dissemos, que o critério de selecção de elocuições para o estudo da entoação é muito variável. Seleccionámos com certo propósito os seguintes tipos de texto: frase elocucional simples / frase elocucional composta / texto constituído por uma interjeição ou por uma sequência de interjeições / texto constituído por uma interjeição, seguida ou antecedida de uma frase elocucional. Entende-se, porém, que ofereçam, geralmente, um maior interesse, os textos que constituem frases elocucionais resultantes de uma verbalização.

Tratando-se de uma frase elocucional resultante de uma verbalização, importa saber se a verbalização ocorrente é, ou não, a de uma compreensão. Neste último caso, depara-se com uma frase elocucional lexicalmente interrogativa, constituída, mais frequentemente, por um entoema único, conclusivo ou inconclusivo.

É oportuno notar-se que é admissível dizer-se, conforme se disse anteriormente (13.36), que um entoema é uma unidade elocucional motivada por uma compreensão, desde que se entenda que uma verbalização que não resulta de uma compreensão, resulta de se ter compreendido que não se compreende ou que não se compreendeu, ou seja de uma compreensão de uma não-compreensão. Em vez de «entoema», poderia ter-se dito «frase elocucional».

II)

Na busca de particularidades entoacionais de uma língua, atende-se, naturalmente, à diversidade de formas de realização de fonemas e de sequências de fonemas actuates nessa língua, distinguindo as originadas pela diversidade que se verifica de locutor para locutor, no domínio de uma mesma comunidade linguística. Principiar-se-á, por exemplo, pela discriminação de aspectos entoacionais da língua considerada, tal como ela é falada, quando examinada, por locutores normais, adultos, de nível social médio, etc., etc., e com uma pronúncia isenta de regionalismo sensível.

Analogamente ao que noutro trabalho se disse, relativamente às características do «falar do Rio de Janeiro», pode agora formular-se a respeito de características da entoação, observando-se:

— há particularidades (elocucionais) que são manifestadas por todos os locutores ou por uma grande parte de locutores duma dada comunidade, ao passo que outras o não são;

— para se poder falar com rigor da frequência de ocorrência desta ou daquela variante particularizante, teriam de ser examinados longos textos de todos os locutores da comunidade considerada, o que só é praticável nos casos especiais em que se consideram pequenos agrupamentos de indivíduos.

— considerar representativas, apenas, as particularidades comuns a todos os locutores duma dada comunidade é pressupor um conhecimento de que só excepcionalmente se dispõe.

— na maioria dos casos também não é possível saber-se com segurança quais são as particularidades que ocorrem com maior ou menor frequência.

Parece que a atitude a tomar deverá ser considerar todas as particularidades entoacionais de um locutor de uma dada comunidade — depois de excluídas as que possam ser classificadas como individualizantes e, consequentemente, não constituem elementos de caracterização colectiva — como variantes da entoação dessa comunidade. Estas variantes serão tanto mais representativas quanto maior for o número de locutores examinados, da comunidade determinada, que as realizem.

Além das variantes mais representativas por serem mais comuns, interessa discriminar as mais distintivas pelo seu valor sonoro, articulatório, sonoro-articulatório, funcional, etc.

Características da entoação de uma determinada língua são originadas pela estrutura fonémica dessa língua e pelos aspectos que definem complexos fónicos ocorrentes na língua considerada, com determinada função expressiva.

Aspectos idiofónicos ou idiofonéticos ou quaisquer outros, individualizantes, originam características da entoação de um texto. Variáveis de locutor para locutor, não podem, porém, actuar como elementos de caracterização da entoação de uma língua.

O facto de a caracterização elocucional motivar maior ou menor diversidade entre um alofone ou uma sequência alofónica e, respectivamente, qualquer outro alofone ou qualquer outra sequência alofónica, auditivamente

diferente, quer os alofones considerados sejam fonêmicamente equivalentes, quer não sejam, não significa que só possam verificar-se características da entoação em um *determinado texto*, proferido numa determinada língua, e não sejam discrimináveis características da entoação, admissíveis como ocorrentes em *qualquer texto* dessa língua.

Audições repetidas de numerosos textos elocucionais, proferidos na língua-mãe do ouvinte e dos locutores, um e outros, adultos, — convenientemente seleccionados segundo a sua extensão, o seu tema, a sua espécie de elocução, etc., proferidos por N locutores, mostram que a particularização elocucional origina certos complexos fónicos, definidos por certos aspectos, que se repetem em circunstâncias análogas, actuando como elementos de caracterização da entoação. O experimentado pelo ouvinte adulto e o conhecimento que ele tem da sua língua, fá-lo-á sentir as características da entoação, originadas pelos referidos complexos fónicos, como características da entoação de uma língua que é a sua língua.

Complexos fónicos delimitativos, toemáticos, apresentam aspectos que são comuns a qualquer frase com a mesma modalidade delimitativa. Os aspectos tensionais e tonais que definem os toemas fundamentais conclusivos são sempre: tensão decrescente e tonalidade concomitante descendente; os que definem os toemas fundamentais inconclusivos são, em qualquer caso: tensão decrescente e tonalidade concomitante não-descendente (constante ou ascendente). O que se passa com os complexos toemáticos mencionados, sucede de modo análogo com os «terminais atoemáticos».

Complexos fónicos de realce tonal, tensional, qualitativo ou temporal ou de espécie conjunta, especialmente os de realce qualitativo-temporal, distinguem-se como elementos de caracterização da entoação de uma língua actuando mediante a estrutura fonémica inerente de alofones realçados.

Durações silábicas percebidas como breves, relativamente a outras percebidas como longas, decorrentes em elocuções polivocabulares suficientemente extensas, originam figuras rítmicas segundo a particularização estrutural, acentual, da língua em que são manifestadas, mais ou menos modificadas pela particularização elocucional co-actuante. Porém, essa maior ou menor modificação não impede, respectivamente, um menor ou maior predomínio de ritmos silábicos estruturais. E se a particularização elocucional for de realce temporal sem alteração sensível da relação das durações perceptuais actuates, serão, consequentemente, realçadas as figuras rítmicas particularizadas. Realçadas, ou não, são elementos de caracterização da língua em que se apresentam.

Alofones (ou sequências alofónicas) ocorrentes num texto de uma língua A, exprimindo um sentimento S — por exemplo o de pesar — e alofones

(ou sequências alofónicas) ocorrentes num texto de uma outra língua *B*, exprimindo um mesmo sentimento *S* — se bem que possam manifestar comportamentos expressivos análogos — apresentam, conjuntamente, elementos de caracterização acústica que são elementos de caracterização da entoação do texto da língua *A* ou do texto da língua *B*, porque os alofones ocorrentes no texto da língua *A*, resultam de realizações de fonemas segundo um sistema fonológico diverso daquele que se verifica na língua *B*.

2)

14.15 — *Primeira série de conclusões seleccionadas
como mais importantes*

A fim de se não estranhar a forma como se apresentam as conclusões seleccionadas, justifica-se:

— algumas das conclusões são acompanhadas de contextos cujo propósito foi auxiliar a interpretação dos respectivos textos, embora com prejuízo formal da exposição;

— transcreveram-se trechos anteriormente ocorrentes, com pequena ou sem qualquer modificação, quando se julgou preferível repetir em vez de se redigir mais abreviadamente, mas com possível prejuízo da clareza;

— o que se disse no parágrafo 1.4, amplia, de certo modo, algumas das conclusões componentes da 1.^a série.

Enumeração:

Uma actuação real-mental, ou mental, experimentada por um indivíduo como uma unidade, constitui um *objecto*.

Se é *simples* não se decompõe em dois ou mais aspectos; se é complexo decompõe-se quando se analisa, em tantos aspectos quantas as discriminações que motiva, aspectos esses que deixando de actuar como elementos de um conjunto se dele se dissociam, passam a valer como *objectos*.

Uma actuação real pode ser considerada independentemente de um indivíduo. Torna-se um *objecto* classificável como real-mental, se é sensorial e perceptualmente experimentada por um indivíduo como uma unidade.

Um *objecto* real-mental pode ser recordado ou real-mentalmente actuante.

Uma discriminação mental experimentada como uma unidade, constitui um *objecto* classificável como mental.

Objectos reais-mentais inverbais, sucessivos, real-mentalmente actuantes ou recordados, originam um *curso mental* inverbal.

Um conjunto de *objectos* reais-mentais, inverbais, real-mentalmente actuantes ou recordados, originam um *panorama mental*.

Objectos ou aspectos de objectos, ou uns e outros, quando associados, são experimentados como um só objecto por um indivíduo se este os *unifica*, isto é, se os *compreende* como aspectos de um só objecto.

Um acto de pensamento de que resulta uma unificação de dois ou mais objectos, ou de dois ou mais aspectos de um ou mais objectos, ou ainda, de um ou mais objectos e de um ou mais aspectos de um ou mais objectos, é um *acto de compreensão*, e a unificação resultante uma *compreensão*.

Um acto de compreensão vai-se tornando uma *compreensão* enquanto se unificam os objectos que a originam quando unificados. A compreensão surge no momento em que se unificam.

De um acto de compreensão pode resultar um objecto conhecido pelo indivíduo que o experimenta, ou um novo objecto. Se o objecto resultante é já conhecido, verifica-se um *reconhecimento*.

Um indivíduo que procure compreender estes ou aqueles objectos como aspectos de um só objecto, experimentará, ou não, um acto de compreensão. Se experimenta um acto da compreensão, ou se unificam todos os objectos que procurou compreender como aspectos de um só objecto, resultando uma compreensão que é sentida como *concluída*, ou só se unificam alguns deles, e neste caso a compreensão resultante pode ser sentida como *não-concluída*. Esta, por seu turno, pode ser concluída por um ou por mais do que um novo acto de compreensão complementar.

São *associações* por sequência de actuações de objectos reais-mentais audíveis as que ocorrem na elocução de um só indivíduo. Só elocuições simultâneas de dois ou mais indivíduos podem originar associações por simultaneidade.

Há objectos que motivam e há objectos que não motivam um acto de compreensão que os unifica quando associados. Há objectos que podem motivar, ou não, um acto de compreensão que os unifique quando associados.

Uma unificação de objectos associados implica, naturalmente, que esses objectos sejam unificáveis.

São unificáveis os objectos associados que podem ser compreendidos como aspectos de uma mesma unidade. Se os objectos associados são palavras, dir-se-á que são unificáveis as que puderem ser compreendidas como aspectos de uma mesma unidade que se denomina *frase elocucional*.

Ocorrem objectos que são uma consequência de uma unificação / objectos que são uma consequência de uma associação / objectos que são uma consequência de uma dissociação / objectos que podem ser uma consequência de uma associação ou de uma dissociação.

Um alofone ou uma sequência alofónica, coarticulada, representando um só objecto — que no caso de polissemia será este ou aquele, conforme o respectivo contexto — constitui uma *palavra*.

Dizer-se que uma palavra representa um só objecto, não significa, implicitamente, que o objecto representado por uma palavra com esta ou aquela estrutura fonémica, seja sempre um mesmo objecto. Significa, simplesmente, que uma palavra quando actua lexicalmente, sobre um indivíduo representa um só objecto.

Se o objecto representado por uma palavra oferece o aspecto de «pluralidade» (/maças/, /livros/, etc.), esse objecto dissocia-se, quando analisado, em dois ou mais objectos que são experimentados como iguais ou como equivalentes, mas o que a respectiva palavra representa, só por si, sem qualquer contexto, é o objecto resultante da unificação dos dois ou mais objectos que foram experimentados como iguais ou como equivalentes, e não os dois ou mais objectos que se unificaram.

Se bem que a palavra seja um objecto sonoro-articulatório que se classifica como verbal, de facto é parcialmente verbal e parcialmente inverbal. E é, precisamente, essa dualidade que torna possível passar-se do plano inverbal para o verbal quando se fala, e, inversamente, do verbal para o inverbal quando se ouve falar.

Apresentação, Representação e Expressão são 3 objectos em que uma palavra é dissociável quando analisada.

Abstraindo do que uma palavra representa, fica a sua «apresentação», e o que esta exprime constitui a sua «expressão».

Dissociando a apresentação de uma palavra destituída de representação e do que ela possa sugerir, da expressão que manifesta, reduz-se essa apresentação a simples matéria fónica.

Apresentações de palavras mono ou poli-alofónicas com um mesmo significado lexical — ou com os mesmos dois ou mais significados lexicais no caso de apresentações de palavras polissemânticas — revelam uma mesma *particularização estrutural*. É a estrutura fonémica da respectiva língua que a determina.

A particularização estrutural da apresentação de uma palavra, distingue-a, apresentativamente, de qualquer outra palavra resultante da realização de um outro vocábulo.

Apresentações de palavras, sejam elas quais forem, quando consideradas alofónica ou lexicalmente, manifestam uma *particularização elocucional* que individualiza cada uma delas tornando-a apresentativamente diversa de qualquer outra.

É a particularização elocucional da apresentação de uma palavra, que a distingue apresentativamente de qualquer outra, quer esta outra resulte da realização de um vocábulo diverso, quer resulte da realização de um mesmo vocábulo.

Cóexiste com a particularização estrutural de uma palavra ou de uma sequência de palavras, a que se classifica como elocucional.

O facto de a particularização elocucional conferir a uma palavra ou a uma sequência de palavras, uma expressão que a individualiza, não impede que o ouvinte possa abstrair dessa expressão ou não a discrimine, experimentando, consequentemente, um «vocábulo».

Vocábulo é uma compreensão resultante da unificação de uma estrutura fonémica com o objecto (ou um dos objectos) que foi associado a essa estrutura.

A estrutura fonémica de um vocábulo monofonémico é um determinado «fone» que só pode constituir uma sílaba única. Se o vocábulo é polifonémico, é uma sequência de determinados fones, coarticulados, que originam um determinado número de sílabas, apresentando cada uma dessas sílabas um determinado número de determinados fones. No caso do vocábulo ser polissilábico, é acentuada uma determinada sílaba (acento estrutural) das suas sílabas componentes.

Palavra é uma compreensão resultante da unificação de uma apresentação alofónica com o representado pela sua estrutura fonémica (segundo o contexto se a palavra for polissemântica) e o expresso pela sua particularização elocucional.

Denomina-se, muitas vezes, *onomatopeia* o que devia designar-se por «palavra onomatopáica», isto é, uma palavra cuja apresentação tem alguns aspectos semelhantes a alguns aspectos do objecto que essa palavra representa (//RONRONAR//).

Uma *palavra onomatopáica* actua como palavra mediante o que representa e exprime, e actua como onomatopeia mediante a sua semelhança apresentativa (sonoro-articulatória) com o representado.

Entre «palavra» e «onomatopeia», situa-se, em posição intermédia, «palavra onomatopáica».

Uma apresentação que só actue expressivamente, constitui uma *interjeição*. Uma palavra vale, essencialmente, pelo que representa e pelo que exprime, ao passo que uma interjeição vale, somente, pelo que exprime. Mas tal distinção nem sempre se verifica. Entre palavra e interjeição, situa-se, em posição intermédia, a «palavra interjeccional» bem como a «locução interjectiva» e a «palavra exclamativa».

Quando se experimenta um objecto inverbal, real-mental real-mentalmente actuante, ou recordado, ou um objecto inverbal-mental, e quase simultaneamente ou em seguida se experimenta um objecto sonoro-articulatório que o substitui ou representa, passa-se do plano inverbal para o plano verbal. Opera-se uma substituição involuntária ou voluntária, de um objecto inverbal por um substituto verbal, verificando-se o que se denominou *verbalização*.

Objectos verbais resultantes de uma verbalização, ou são proferidos — «verbalização real-mental» (ou elocucional) — ou se recordam e não se proferem, dando lugar a uma «verbalização mental».

Uma elocução, se não é recordada nem lida, resulta de uma verbalização.

O objecto sonoro-articulatório que constitui uma «apresentação» pode ser considerado articulatória, acústica, ou auditivamente. Discriminam-se por isso, os seguintes aspectos representativos: *articulatórios, acústicos e auditivos*.

Os articulatórios são momentâneos, de permanência (quase permanência), ou de variação. E como estes aspectos são os que originam os acústicos e os auditivos, qualquer aspecto representativo pode ser momentâneo, de permanência, ou de variação.

Aspectos representativos auditivos são, por seu turno, distribuíveis em classes. São tensionais, tonais, qualitativos ou temporais.

Em última análise são qualitativos todos os aspectos de uma apresentação, o que torna aceitável a seguinte distribuição dos aspectos representativos auditivos: qualitativos tensionais / qualitativos tonais / qualitativos temporais / qualitativos não-tensionais, não-tonais e não-temporais. Todavia, para não contrariar, inconvenientemente, a terminologia habitual, estabelecem-se as quatro classes anteriormente mencionadas: tensionais / tonais / qualitativos / temporais, e convencionam-se denominar «qualitativos» os representativos não-tensionais, não-tonais e não-temporais.

Utilizando o termo «alofone» para designar qualquer som elocucional como objecto sonoro-articulatório *particular*, individualizado pelos seus aspectos representativos particularizantes, pode dizer-se que um alofone se distingue de qualquer outro alofone pela sua *qualidade*. Corresponde-lhe uma determinada caracterização articulatória que motiva uma determinada particularização acústica e, consequentemente, origina no ouvinte a percepção de uma determinada qualidade. A diversidade de qualidade que distingue qualquer alofone, que o singulariza — qualidade no plano alofónico — pode ser predominantemente tensional, tonal, qualitativa ou temporal.

No plano fonémico, «qualidade» tem um significado diverso. Não é aquilo que distingue um alofone de qualquer outro alofone auditivamente não equivalente; distingue um «fone» de qualquer outro fone, fonemicamente não equivalente.

A um fone corresponde um «*articulema*» e não uma determinada articulação como sucede no caso do alofone. N variantes de realização de um mesmo articulema originam N alofones fonemicamente equivalentes. Qualquer desses alofones apresenta um mesmo *qualitema*, isto é, um mesmo conjunto de determinados aspectos qualitativos que o tornam fonologicamente relevante e que por isso se classificam como qualitativos-fonémicos.

Aspectos apresentativos, desta ou daquela espécie, distinguem-se como *aspectos de nível* ou como *aspectos de decurso*.

Um som momentâneo manifesta um maior ou menor grau de tensão articulatória, ou seja um «nível tensional». A tensão articulatória sentida por um indivíduo quando profere um som (considere-se um som não coarticulado com outro ou outros sons) ou quando o ouve, depende da tensão infraglótica que origina o sopro fónico, e da tensão dos órgãos glóticos ou supraglóticos que condicionam o seu percurso inter e supraglotal.

Se o som é contínuo, manifesta um *decurso tensional* e este, por sua vez, apresenta um *nível de constância* ou um *nível de variação*.

Como a tensão articulatória é sensorialmente experimentada, cada grau da escala estabelecida admite valores diferentes dentro de limites mais ou menos amplos.

O grau «tenso» abrange qualquer nível tensional que seja experimentado como particularmente tenso, e o grau «frouxo» admite qualquer nível tensional que seja experimentado como particularmente frouxo. Classifica-se como «normal» qualquer nível tensional que não se distinga como particularizante.

Considera-se um nível de variação tensional como frouxo se a tensão, inicialmente frouxa, se tornar mais ou menos frouxa sem deixar de ser experimentada como particularmente frouxa. Quando a variação abrange dois níveis, qualifica-se com *tensa-frouxa*, ou *frouxa-tensa*, conforme o sentido da variação experimentada.

A magnitude de actuação de uma *permanência* tensional é tanto mais sensível quanto mais elevado for o seu nível e maior for a sua duração.

A magnitude de actuação de uma variação tensional — crescente ou decrescente — depende do nível em que decorre, do grau de variação e da sua extensão temporal.

Aspectos apresentativos acústicos convencionalmente classificados como qualitativos, podem ser consonânticos, sonânticos ou vocálicos.

Subdividem-se os consonânticos e sonânticos segundo a sua continuidade ou não-continuidade, em contínuos e momentâneos, respectivamente. A continuidade dos aspectos vocálicos e a sua *labilidade*, explicam a sua importância no domínio da expressão.

O grau de caracterização de uma vogal, ou seja o seu nível qualitativo, depende, essencialmente, do seu «grau de abertura» e do seu «grau de localização». Depende, também, como qualquer outro som elocucional, do nível tensional da sua realização. Sucede que o nível qualitativo de qualquer vogal — admita-se para simplificar que se trata de uma vogal isolada — só é sensivelmente constante se o articulema que a origina for propositadamente mantido com um mínimo de variação, e não se considerar o início e o final da emissão. Se assim não é, verifica-se um «decurso de nível qualitativo» que manifesta constância, ou variação, ou uma e outra coisa.

O nível qualitativo quando é constante, classifica-se, geralmente, segundo uma escala subjectiva que abrange 3 graus: elevado / baixo / e / normal / . Este ou aquele nível qualitativo — paralelamente ao que se passa como o nível tensional — actuará, ou não, como normal, conforme o seu grau e segundo o contexto.

O grau de caracterização de uma vogal pode aumentar ou diminuir sem que o seu decurso qualitativo deixe de ser qualificável como elevado ou como baixo, desde que a variação experimentada ocorra dentro dos limites que uma escala sensorial naturalmente permite para cada grau. Quando a variação ultrapassa os referidos limites, abrange dois ou três níveis e é classificável como elevado-baixo, ou elevado-normal-baixo, etc.

A magnitude de actuação de uma «permanência de grau qualitativo», depende do nível da qualidade que manifesta e da sua extensão temporal.

A magnitude de actuação de uma «variação de grau qualitativo» depende do nível da qualidade em que decorre a variação, do grau de variação e da sua extensão temporal.

Observa-se que uma variação de grau qualitativo pode ser mais sensível pelo facto de ser muito breve ou por ser muito lenta (extensa).

A qualidade que caracteriza esta ou aquela vogal *oral* num dado momento ou durante um lapso de tempo apreciável, em maior ou menor grau, pode variar, sensivelmente, no sentido de uma maior caracterização — caso particular da variação qualitativa que se denomina *progressão* — ou variar no sentido de uma descaracterização — caso particular denominado *regressão*.

O momento ou trecho de máxima caracterização qualitativa, denomina-se, respectivamente, momento ou trecho de *plenitude*. É inicial nas vogais regressivas, final nas progressivas e intermédio nas vogais cujo decurso vocálico é progressivo-regressivo, ou progressivo-constante-regressivo.

A vogal nasal ocorrente no português normal, apresenta, regularmente, um segmento inicial, mais ou menos breve, cujo grau de nasalidade é nulo ou praticamente nulo. Manifesta, por isso, o seguinte decurso qualitativo: progressão sensivelmente nasal, momento ou trecho de máxima caracterização qualitativa oral-nasal, regressão vocálica até se tornar um sopro nasal vozeado, não identificável como parte final de uma determinada vogal nasal.

Tratando-se de um ditongo oral, tem lugar a seguinte sequência: progressão, momento ou trecho de plenitude, mutação vocálica, momento ou trecho de plenitude, regressão.

O ditongo nasal ocorrente no português normal, apresenta, como a vogal nasal, um segmento inicial mais ou menos breve, cujo grau de nasalidade é nulo ou praticamente nulo. Manifesta, como o ditongo oral, dois momentos ou dois trechos de máxima caracterização de qualidade vocálica diversa. Actua o seguinte decurso: progressão qualitativa vocálica oral, inicial, até se tornar sensivelmente nasal, momento ou trecho de máxima caracterização qualitativa oral-nasal que se identifica com determinada vogal, mutação vocálica oral-nasal, momento ou trecho de máxima caracterização qualitativa oral-nasal que se identifica com uma vogal diferente da identificada anteriormente, regressão vocálica até se tornar um sopro nasal vozeado.

Considerando os aspectos tonais de nível e de decurso, interessou, sobretudo, chamar a atenção para a distinção entre *tonalidade* e *linha tonal*, esclarecendo-a. Tonalidade designa o efeito auditivo resultante da actuação das frequências componentes de um som complexo, mediante a sua *altura*.

A tonalidade de um som contínuo, vozeado ou áfono, oferece um aspecto mais ou menos predominante que é originado pela frequência da onda complexa que a motiva e se denomina «linha tonal». Se o som é contínuo, vozeado, a sua linha tonal é motivada pela frequência fundamental da vibração laringea.

A designação «linha tonal» tanto pode significar a que um ouvinte discrimina ou experimenta sem procurar discriminá-la — correspondendo-lhe um tonograma classificável como «subjectivo» — como a obtida por uma análise instrumental — correspondendo-lhe, neste caso, um tonograma classificável como «objectivo» — se não se convencionar que a designação em causa sem qualquer especificação, signifique a linha tonal auditivamente percebida.

O grau de actuação de uma linha tonal de nível constante, depende da sua altura, do seu grau de tensão e de sonoridade, e da sua duração. Se a linha tonal é de nível variável, depende do nível da faixa tonal de variação, do grau de variação, bem como do seu grau de tensão e de sonoridade, e da sua duração.

A possibilidade de serem divergentes ou convergentes os efeitos resultantes do comportamento da tonalidade e os resultantes do comportamento da linha tonal, tem como consequências:

— um indivíduo interessado em discriminar, auditivamente, o comportamento tonal global de um som, isto é, o comportamento da sua tonalidade — admita-se para maior clareza, que o som examinado é uma vogal isolada —, discrimina, frequentemente, o comportamento da sua linha tonal e não o comportamento da sua tonalidade;

— um ouvinte previamente elucidado sobre o significado de tonalidade e de linha tonal, interessado em discriminar o comportamento da linha tonal de um som — admita-se a referida vogal —, discrimina, frequentemente, o comportamento da sua tonalidade e não o da sua linha tonal.

A possível ambiguidade resultante do efeito auditivo de uma tonalidade que varia em sentido diverso do manifestado pela sua linha tonal, motiva ocorrências como as descritas no respectivo parágrafo, cujo conhecimento tem a maior importância para a compreensão da «figuração tonal». Transcreve-se a descrição de uma dessas ocorrências: — «uma vogal de tonalidade ascendente com linha tonal constante é anotada pelo ouvinte como sendo uma vogal de tonalidade constante / ou como sendo uma vogal com linha tonal ascendente;».

A determinante principal da «duração real», ou objectiva, de uma apresentação, é a sua particularização elocucional, muito especialmente o seu *andamento*. A duração perceptual, ou subjectiva, de uma apresentação ou é determinada pelo andamento da sua realização ou depende da sua duração real.

Designa-se por «andamento elocucional», ou mais simplesmente por «andamento», a velocidade de realização de um texto elocucional segundo o número de alofones, ou de sílabas, ou de palavras ocorrentes por unidade de tempo. A unidade elocucional considerada depende da extensão do texto.

Pretender-se saber qual foi a duração real de um alofone, ou de uma palavra, ou de uma sequência de palavras coarticuladas, só é admissível se esse alofone ou essa palavra ou essa sequência de palavras coarticuladas ocorrer isoladamente ou entre pausas elocutivas. O mesmo se pode dizer a respeito da interjeição. Mas no plano subjectivo, qualquer apresentação ocorrente na elocução pode facultar um estudo dos seus aspectos temporais, fundamentado no conhecimento das respectivas durações perceptuais.

No concernente a particularizações elocucionais reais e a particularizações elocucionais perceptuais, dir-se-á que as primeiras são distribuíveis em classes de semelhança, considerando-se como semelhante o que é diverso dentro de limites convencionalmente estabelecidos. As perceptuais são também distribuíveis em classes de semelhança, mas o número de classes é fisiologicamente determinado, dependendo da espécie de particularização — tensional, qualitativa, tonal, temporal, de sonoridade, etc. —, e de outros factores, muito especialmente do «termo de confronto» se a particularização for de grau.

Nas distinções de grau de particularização perceptual, aferimos grandezas segundo escalas estabelecidas pelas nossas vivências, escalas de valores de que dispomos memorialmente e que nos facultam avaliar a magnitude desta ou daquela espécie de actuação.

O número de graus de cada escala é, raramente, superior a cinco.

São aspectos temporais particularizantes da elocução, as *pausas elocutivas*. Distribuem-se em duas grandes classes: respiratórias e de verbalização.

Como motivos de ocorrência de pausas de verbalização, foram apontados:

— o locutor suspende a elocução para se lembrar do substituto verbal que depois recorda;

— o locutor altera o que ia dizer, perante interferência de uma actuação mental ou real-mental;

— o locutor suspende a elocução para reflectir, ou para ver; verbalizando, depois de ter reflectido, ou visto, o que, respectivamente, pensou ou viu;

— o locutor particulariza a elocução suspendendo-a para destacar um aspecto do objecto de que fazia parte, ou parte de uma compreensão do seu complemento;

— verbalização de objectos unificáveis não unificados.

Verifica-se inactividade elocucional durante a pausa elocutiva, mas anàlogamente ao que se passa com as pausas respiratórias, pode observar-se actividade mímica ou ocorrência de sons fónicos não elocucionais.

Uma palavra além de actuar mediante o que exprime, pode actuar, ou não, lexicalmente, mediante o seu significado lexical.

Reflexões sistemáticas sobre o significado de «significado lexical» de vocábulos monosssemânticos, independentemente de um contexto, reclamaram que se distinguisse entre *significar* e *denominar*.

Um vocábulo (monosssemântico) «denomina» um objecto e «significa», relativamente a um indivíduo (adulto, normal, etc.), o conhecimento que esse indivíduo tiver — aquilo que ele souber — do objecto denominado.

Denominar um objecto inverbal é associar-lhe um articulema, ou um coarticulema, de modo a originar um vocábulo que o designe verbalmente.

Designa-se, verbalmente, um objecto inverbal, real-mentalmente actuante, verbalizando-o elocucionalmente; designa-se, inverbalmente, se é visível, apontando ou olhando para ele, ou por meio deste ou daquele gesto indicativo. Um objecto que só possa ser experimentado olfactivamente, pode ser designado por uma expressão fisionómica que denuncie o acto de procurar, ou o de reagir, cheirando. Etc., etc.

Há vocábulos que significam o que denominam, e em tais casos, *significar* identifica-se com *denominar*.

O significado do vocábulo «UM» como equivalente de «singularidade», ou do vocábulo «UNS», ou do vocábulo «DURAÇÃO», identifica-se com o objecto que denomina. Qualquer dos mencionados vocábulos denomina um objecto claramente discriminável e qualquer deles significa, relativamente a um indivíduo, um conhecimento que além de constituir o objecto denominado, é igual ou equivalente ao conhecimento que significa para qualquer outro indivíduo de uma mesma comunidade que se designou por C.

Há vocábulos que denominam um objecto imprecisamente constituído, e que podem significar o que denominam ou significar, relativamente a um indivíduo, o conhecimento que esse indivíduo tiver do objecto denominado. Aponta-se como exemplo o vocábulo «RAPAZ». Este vocábulo denomina um objecto decomponível nos aspectos «adolescência», «sexo masculino», «singularidade», o que permite defini-lo como «um ser humano do sexo masculino na adolescência», ou, mais resumidamente, como «um adolescente». Examinando os aspectos componentes do objecto denominado, observa-se que é inconfundível o de «singularidade», e que pode ser definido com precisão suficientemente distintiva, o aspecto «sexo masculino», contrariamente ao que sucede com o aspecto «adolescência».

Há vocábulos que admitem como no caso anterior, duas modalidades quanto ao que significam, mas que denominam um determinado objecto. Servem de exemplos os vocá-

bulos «ALUMÍNIO», «HIDROGÉNIO», «GRANITO», «VISEU». Qualquer deles pode significar o objecto real-mental que denomina, ou significar o conhecimento que um indivíduo tiver desse determinado objecto real-mental, se actuar independentemente de um contexto elucidativo.

O elevado número de aspectos componentes do objecto que o vocábulo «BONDADE» denomina, relativamente a um indivíduo, além da imprecisão de cada um deles, e apesar da ocorrência de «variantes de menor extensão», explica que seja muito vago e variável o que o vocábulo mencionado denomina e significa, ainda que se trate de um único indivíduo.

Dizer-se que o significado lexical de uma palavra (monossemântica) é o que essa palavra significa mediante o vocábulo nela inerente, é aceitável mas não é suficiente. Importa ir mais além, com o intuito de se esclarecer o que é que uma palavra mediante o vocábulo nela implícito pode significar. Das observações efectuadas deduziu-se:

— há palavras, como por exemplo $\neq \text{DURAÇÃO} \neq$, que significam lexicalmente o que denominam, e o que denominam pode considerar-se invariável, seja qual for o indivíduo sobre o qual actue;

— há palavras que podem significar, lexicalmente, o que denominam, ou significar um conhecimento pessoal, variável de indivíduo para indivíduo, do objecto denominado. Este ou é um determinado objecto ou um objecto mais ou menos imprecisamente determinado. No primeiro caso serve de exemplo $\neq \text{GRANITO} \neq$, e no segundo caso $\neq \text{RAPAZ} \neq$.

— há palavras que significam, lexicalmente, o que denominam, mas o que denominam, além de ser vago e instável, é variável de indivíduo para indivíduo. Serve de exemplo $\neq \text{BONDADE} \neq$.

Devido à diversidade de indivíduo para indivíduo, ainda que só se considerem indivíduos da comunidade C, — constituída por todos os indivíduos adultos e normais cuja língua-mãe é a portuguesa — e devido à possível variação individual, de momento para momento, distinguem-se, como por outras palavras se disse, os seguintes grupos:

Grupo A — Cada vocábulo deste grupo denomina um objecto de que tem um conhecimento igual ou equivalente, qualquer indivíduo da comunidade C.

Grupo B — Cada vocábulo deste grupo denomina um objecto de que tem um conhecimento qualquer indivíduo da comunidade C, que é, ou não, diverso do conhecimento que um outro indivíduo dessa comunidade tem do mesmo objecto.

Grupo C — Cada vocábulo deste grupo denomina um objecto que sem deixar de ser distinto de qualquer outro objecto denominado por qualquer outro vocábulo (não actuante como sinónimo), é composto por estes ou aqueles aspectos conforme o indivíduo da comunidade C, sobre o qual actuar.

Há vocábulos do grupo A, como por exemplo «SLM» que figuram, muito provavelmente, no vocabulário individual de qualquer componente, normal, da comunidade C, a par de outros, como por exemplo «PORTANTO» que não serão conhecidos por um ou mais indivíduos da citada comunidade. Neste último caso, distinguem-se dois sectores relativamente a cada vocábulo do grupo: o sector 1 que abrange todos os indivíduos em cujo vocabulário individual figura o vocábulo considerado, e o sector 2 que abrange todos os indivíduos que desconhecem esse vocábulo ou o conhecem erroneamente.

Analogamente ao que se passa com os vocábulos do grupo A, há vocábulos do grupo B, como, por exemplo «Água» que figuram, certamente, no vocabulário individual de qualquer componente da comunidade C, a par de outros, como por exemplo «GRANITO» que não são conhecidos por um ou mais indivíduos da referida comunidade. Relativamente a cada vocábulo do grupo B, também se distinguem, portanto, um sector 1 e um sector 2.

Uma palavra actua lexicalmente quando significa o que a respectiva língua determina que signifique mediante o vocábulo nela implícito. Actua não-lexicalmente se assim não for.

Actuações lexicais, não-lexicais, ou lexicais e não-lexicais das palavras, originam modalidades de actuação mediante o que significam lexicalmente. A sua actuação pode ser *sincrética*, *por identidade*, *por equivalência parcial*, ou *por equivalência total*. Em muitos casos é primeiramente *sincrética* e depois por identidade se puder actuar deste último modo.

Qualquer palavra pode actuar *sincréticamente*, mas depende do seu significado lexical poder actuar desta ou de uma outra maneira.

Passando a estudar-se a actuação de palavras não-isoladas, examinaram-se palavras fónicamente coarticuladas. No plano sonoro-articulatório quaisquer dois ou mais vocábulos podem originar duas ou mais palavras coarticuladas, mas no plano lexical só são coarticuláveis as palavras cujos significados lexicais sejam unificáveis mediante um acto de compreensão.

Palavras lexicalmente unificáveis podem provocar, ou não, um acto de compreensão do ouvinte, conforme a expressão que essas palavras lhe manifestarem mediante a forma como tiverem sido particularizadas elocucionalmente.

O significado lexical de uma sequência de palavras lexicalmente unificáveis é condicionado pelo significado lexical de cada uma delas e pode depender, em maior ou menor grau, da sua ordenação.

É grande a importância e a variedade dos contextos, distinguindo-se entre *contexto motivante*, *contexto motivado*, e *contexto global* / entre *contexto verbal adjunto* ou *não-adjunto* e *contexto-inverbal* / etc., etc.

Classificou-se como «inverbal» qualquer contexto que não seja vocabular nem elocucional.

Um contexto é «relevante latente» se pode condicionar o significado de um texto elocucional; é «relevante actuante» se o condiciona. Neste caso amplia ou particulariza, ou amplia e particulariza a sua compreensão.

No decurso da análise da conformação expressiva da elocução distinguiram-se três fases. Uma vez prestados os indispensáveis esclarecimentos sobre a maneira como foram motivadas e analisadas umas dezenas de apresentações mono-alofónicas — 64 interjeições e 2 palavras — mencionaram-se resultados da 1.^a fase analítica, fase esta que abrangeu os trabalhos de que foram tiradas as conclusões publicadas em 1950. Foram apontadas, além de outras, observações sobre a correspondência verificada entre particularização sonoro-articulatória e significado expressivo. Observou-se, por exemplo, que «bafejamento» denuncia *inaceitação* ou *admiração* conforme o decurso que manifestar e o respectivo contexto. E compreende-se, agora, que determinado bafejamento possa denunciar uma ou outra coisa, se não houver um contexto que determine um desses dois significados. É que um dos aspectos de «admiração» se esta ultrapassar certo grau, pode ser o de «inaceitação» ou de «repulsa». Não se aceita ou aceita-se dificilmente, o que for experimentado como demasiado extraordinário para se poder aceitar.

Durante uma segunda fase, iniciada em 1962, ponderaram-se e conjugaram-se conhecimentos adquiridos na fase antecedente.

Revedo formas de realização de interjeições notou-se que nas elocuições sem significado lexical ocorrem aspectos expressivos que revelam se o acto de compreensão que as motivou foi realizado completa ou incompletamente.

Admitiu-se que sejam conciliáveis com a expressão de «incompletitude» os seguintes comportamentos: progressão vocálica final / tensão final crescente / linha tonal final, ascendente ou constante.

Só nesta segunda fase se precisa a distinção entre *tonalidade* e *linha tonal*, e se avalia como é reduzida a possibilidade de se interpretar a expressão de uma elocução «avocabular» se não se tiver conhecimento do contexto que a motivou.

Discriminam-se aspectos apresentativos de palavras que traduzem conclusão ou inconclusão de um acto de compreensão / que valorizam ou sentimentalizam o respectivo significado lexical / que tornam a realização de um texto vocabular, interrogativamente actuante, seja qual for o contexto.

Na terceira fase analítica, iniciada por volta de 1964, conjugaram-se velhas e novas observações. Processos instrumentais, não-instrumentais, e mistos, foram imaginados ou ampliados.

Estudaram-se comportamentos globais configurativamente transcritos, assim como os resultantes de múltiplas substituições. Substituiu-se, por exemplo, um comportamento tensional crescente-decrescente por um outro decrescente-crescente, ou substituiu-se um comportamento qualitativo progressivo-regressivo, por um outro progressivo-constante-regressivo, etc., etc., provocando, assim, diversidades de particularização elocucional que elucidaram sobre o seu possível significado.

Procurou-se, depois, proferir uma vogal de modo que ela manifestasse este ou aquele tipo de comportamento global, isto é, este ou aquele tipo de comportamento tensional, conjugado com este ou aquele tipo de comportamento qualitativo, com este ou aquele tipo de comportamento de tonalidade e com estes ou aqueles aspectos temporais.

Considerando a actuação de uma vogal, observou-se: — qualquer vogal actua como vogal ou como interjeição ou como palavra, por determinação do seu contexto, ou do seu comportamento, ou do seu contexto e do seu comportamento; — uma vogal que actuar simplesmente como vogal, vale pelo que é sonoro-articulatòriamente e pelo que exprime, ao passo que uma interjeição vale pelo que exprime, e uma palavra vale pelo que significa vocabularmente e pela expressão que manifestar apresentativamente. Abstrai-se, aqui, do que possa valer pelo que possa sugerir.

Pretendendo-se descobrir uma correspondência entre a constância ou o sentido de variação da tonalidade final de uma apresentação e a sua modalidade de actuação, verificou-se: ocorrência de apresentações (mono-alofónicas) com tonalidade final descendente e de apresentações com tonalidade final ascendente, que podem actuar como palavras, informativa ou interrogativamente, conforme determinação do contexto.

Tentando encontrar outras correspondências, fizeram-se, além de algumas mais, as seguintes observações: — possível harmonização de constância ou de regressão qualitativa, final, com expressão conclusiva ou inconclusiva.

14.16 — *Segunda série de conclusões seleccionadas como mais importantes*

Cada decréscimo tensional silábico e concomitante subida, descida ou constância de tonalidade, a partir do momento em que esta se mantém ascendente, descendente ou constante, constitui um complexo sonoro articulatório denominado *toema*, que recorta o decurso da elocução ou o *segmenta*, manifestando *completitude apresentativa*, se marca o final de uma apresentação.

Um toema que marque o final da apresentação de uma interjeição ou de uma palavra, ou de uma sequência de palavras coarticuladas, confere-lhe um aspecto conclusivo ou um aspecto inconclusivo, conforme o comportamento de nível da sua tonalidade. O toema exerce, neste caso, uma acção delimitativa que o distingue como *fundamental*.

Um toema que não exerça uma acção delimitativa, conclusiva ou inconclusiva, distingue-se como *secundário*, se bem que particularize a apresentação que o manifeste.

Um ou mais do que um toema secundário não pretónico, antecedendo um toema fundamental ocorrente na mesma palavra (ou interjeição) origina uma *sequência toemática primacial*.

Ocorre na elocução, embora em circunstâncias especiais, um complexo sonoro-articulatório que delimita conclusiva ou inconclusivamente, como se fosse um toema fundamental, mas que difere dele por manifestar um *acréscimo tensional* em vez de um decréscimo, a partir do momento em que a tonalidade se mantém ascendente, descendente ou constante, até ao seu momento final.

Um toema fundamental actua delimitativamente no plano sonoro-articulatório, porque *assinala* o final da apresentação de uma palavra ou de uma interjeição, e *exprime* uma modalidade de compreensão no plano elocucional, porque traduz pelo modo como delimita, se a respectiva apresentação foi motivada por um *acto de compreensão* concluído ou não-concluído.

Decréscimo tensional e tonalidade descendente, são os dois aspectos fónicos simultaneamente actuantes que definem um *toema conclusivo*; decréscimo tensional e não-descida de tonalidade, isto é, tonalidade ascendente ou constante, são os dois aspectos fónicos simultaneamente actuantes que definem um *toema inconclusivo*.

Decréscimo tensional e consequente decréscimo de sonoridade de um toema, traduzem uma completitude apresentativa que exprime «uma compreensão concluída» se a sua tonalidade for descendente. Se é constante ou ascendente a sua tonalidade, exprime «uma compreensão não concluída».

São aspectos constantes do toema conclusivo, decréscimo tensional e tonalidade descendente; figuram entre os seus aspectos variáveis, o seu nível tensional e grau de decréscimo / grau de declive da tonalidade / sua duração, etc.

Toemas conclusivos são distribuíveis em dois grupos: *finalizantes* e *não-finalizantes*.

São aspectos constantes do toema inconclusivo, decréscimo tensional e não-descida de tonalidade; figuram entre os seus aspectos variáveis, o seu nível tensional e grau de acréscimo / grau de aclave ou de constância de tonalidade / sua duração, etc.

Toemas inconclusivos são distribuíveis em dois grupos: os de tonalidade ascendente e os de tonalidade constante.

— Os aspectos apresentativos-auditivos que necessariamente coexistem com um toema, ou seja com os aspectos tensional e tonal que o definem, constituem o seu *contoema*.

Contoemas de toemas conclusivos não-finalizantes, são, geralmente, regressivos, ao passo que os dos toemas conclusivos finalizantes, são, sempre regressivos.

Contoemas de toemas inconclusivos de tonalidade ascendente ou de tonalidade constante, podem ser regressivos ou progressivos.

Toemas de sílabas contíguas são mais ou menos próximos, mas nunca são contíguos. Entre cada toema de uma sequência de toemas e o próximo, tem lugar um trecho atoemático transicional ou intercalar, que manifesta um acréscimo tensional, acréscimo que origina um «toema impulsivo» a partir do seu cume, se o distinguir um «ímpeto tensional».

O toema secundário de uma sequência primacial ditoemática pode manifestar uma tonalidade descendente, ascendente, ou constante, o que motiva três tipos de variante conclusiva: conclusiva-cumulativa (descendente-descendente) / conclusiva ascendente-descendente / conclusiva constante-descendente.

São discrimináveis muitos tipos de variante quando a sequência primacial é tritoemática, porque pode ser de tonalidade descendente, ascendente ou constante, qualquer dos seus dois toemas secundários.

Distinguem-se 6 tipos de sequência primacial inconclusiva, ditoemática: cumulativa ascendente / cumulativa constante / ascendente constante, etc., e 8 tipos de sequência primacial inconclusiva, tritoemática: cumulativa-ascendente / descendente-ascendente cumulativa / constante-ascendente cumulativa / descendente-cumulativa-ascendente, etc.

Variantes do comportamento tonal do trecho atoemático transicional ocorrente entre um toema fundamental e um toema secundário que o precede, originam, por seu turno, mais variantes.

A unidade elocucional que se denominou «entoema», resultante de uma verbalização de uma compreensão — a não ser que o seu texto seja interrogativo — é demarcada, inicialmente, pelo momento final de um período não-elocucional ou por uma pausa interlocutiva ou elocutiva / ou pelo momento final do primeiro de dois toemas fundamentais sucessivos no caso de não ser seguido de pausa ou de um período não-elocucional / ou, ainda, pelo momento final de um terminal atoemático. Marca o seu final, o momento final do toema fundamental ou do terminal atoemático que o delimita conclusiva ou inconclusivamente.

Um entoema *comunica* ao ouvinte o que para este significa, lexical e expressivamente, o seu texto e o seu contexto actuante. Comunica informativa ou interrogativamente, conforme a sua modalidade delimitativa e o que o entoema significar textual e contextualmente.

Considerando o entoema informativamente actuante, discriminam-se quatro possibilidades da sua compreensão: o entoema é compreendido mediante uma «derivada verbal» por ele originada / mediante uma «derivada inverbal» por ele originada / mediante uma derivada verbal e uma derivada inverbal, por ele sucessivamente originadas, na ordem indicada ou na ordem inversa / ou é compreendido dum modo predominantemente representativo.

Um locutor compreende, conclusivamente, na medida em que «aceita» a unificação resultante do respectivo acto de compreensão. Um ouvinte ou um leitor «aceita» um entoema informativamente actuante que ouviu ou leu, se o significado elocucional (lexical + expressivo) desse entoema se harmonizar com o seu saber (caso mais geral). Compreender, conclusivamente, implica «aceitar». Compreender, inconclusivamente, um entoema informativamente actuante, implica, também, «aceitar». Aceita-se compreendendo-o como parte de uma compreensão.

Só uma verbalização completa (integral) de uma compreensão experimentada como concluída, origina um entoema que traduz aceitação mediante a sua particularização apresentativa, ou seja mediante um maior ou menor grau de actuação da descida de tonalidade do toema fundamental ou da sequência primacial por ele apresentada.

O aspecto de *aceitação*, ou de *inaceitação*, experimentado pelo ouvinte de um entoema, é um sentimento consequente do significado elocucional desse entoema, muito especialmente do seu significado vocacular, a não ser que a compreensão do entoema seja predominantemente apresentativa. Neste caso é um sentimento principalmente provocado pela

descida de tonalidade apresentada pelo seu toema fundamental ou pela sua sequência primacial.

O aspecto de *aceitação* pode ser expresso por um entoema, verbalmente, mediante particularização da sua apresentação, ou inverbalmente, seja, por exemplo, mediante um aceno afirmativo de cabeça, ou verbal e inverbalmente.

O aspecto de *inaceitação*, se esta for «perceptual», originada por não-compreensão, não pode ser expresso verbalmente por um entoema, mediante particularização apresentativa; só pode sê-lo inverbalmente, como por exemplo, mediante um aceno negativo de cabeça, que ocorre antes, ou depois, ou durante o entoema. Se é «afectiva», originada por um sentimento de repúdio perante o compreendido, a inaceitação pode ser expressa verbalmente por um entoema, mediante particularização (expressiva) da sua apresentação, ou inverbalmente, ou de ambas as formas.

Considerando o entoema interrogativamente actuante e a compreensão de cuja verbalização pode resultar, discriminam-se três formas de uma pessoa interrogar elocucionalmente: *a* — mediante um entoema *inconclusivo* cujo significado vocabular, independentemente de um contexto, ou contextualmente ampliado, comunica o que se pretende saber e cuja expressão e contexto o tornam interrogativamente actuante; *b* — mediante um entoema *conclusivo* cujo significado vocabular, independentemente de um contexto, ou contextualmente ampliado, comunica o que se pretende saber e traduz que a sua actuação é interrogativa; *c* — como em *b*), mas mediante um entoema *inconclusivo*, o que valoriza a sua acção interrogativa.

A modalidade comunicativa de um entoema *conclusivo* é informativa se o seu texto ou o seu contexto não for inversivo. No caso de inversão o entoema actuará interrogativamente.

A modalidade comunicativa de um entoema *inconclusivo* é interrogativa se não for inversivo o seu texto ou o seu contexto. É informativa nos casos seguintes:

— quando seguido de um entoema *conclusivo*, com ou sem pausa intercalar, informativamente actuante, com o qual é elocucionalmente unificável, e que foi proferido por um mesmo locutor;

— quando seguido de uma sequência *conclusiva* de entoemas, informativamente actuante, com o qual é elocucionalmente unificável e que foi proferida por um mesmo locutor, quer tenha ocorrido, ou não, uma pausa entre o entoema *inconclusivo* e a referida sequência.

É inversivo um texto ou um contexto de um entoema *conclusivo*, ou de uma sequência *conclusiva* de entoemas lexicalmente unificáveis, se o que significa esse entoema ou essa sequência actuar interrogativamente.

É inversivo um texto ou um contexto de um entoema *inconclusivo*, ou de uma sequência *inconclusiva* de entoemas lexicalmente unificáveis, se o que significa, ou o facto de ser elocucionalmente defectivo, determinar que esse entoema ou essa sequência actue informativamente.

Uma *atitude expectante* de um locutor, actuando como contexto in verbal de um entoema por ele proferido, constitui um «contexto in verbal» inversivo desse entoema se for equivalente a uma interrogação do tipo «Não é verdade?».

Um entoema *conclusivo* elocucionalmente inconciliável com uma pergunta do tipo «Não é verdade?», associado a uma atitude expectante do locutor, não actua interrogativamente; denuncia ou sugere que o locutor observa a reacção do ouvinte perante o que lhe disse sem lhe solicitar uma resposta, não constituindo um contexto inversivo, a não ser que

a compreensão do entoema seja predominantemente «apresentativa». Neste caso, o sentimento de aceitação experimentado pelo ouvinte é uma consequência da descida de tonalidade manifestada pelo entoema sobre ele actuante.

Do estudo da «particularização tonal de realce» resultaram múltiplas discriminações. Distinguiram-se «níveis» e «faixas tonais» de entoemas monovocabulares, mono e polissilábicos, que, por seu turno, reclamaram o conhecimento do designado por «nível tonal predominante» de uma sílaba tónica ou de uma sílaba átona.

Observou-se:

— o nível tonal de um entoema monossilábico, mono-alofónico, é o nível tonal da vogal que o constitui. Se é poli-alofónico, é, essencialmente, o nível tonal da vogal que nele figura.

Aceita-se como muito provável que o nível tonal de um entoema monossilábico, poli-alofónico, seja sentido como particularmente agudo / agudo / normal / grave / ou particularmente grave, se o nível predominante da sua vogal for, respectivamente, experimentado como particularmente agudo / agudo / etc.

— considera-se o nível tonal de uma sílaba constituída por uma vogal se esse nível for constante. No caso de ser variável durante uma parte ou durante a totalidade do seu decurso, considera-se o «nível tonal silábico predominante» ou a faixa tonal de variação da sua tonalidade, ou a sequência de faixas tonais por ela abrangidas.

— qualquer nível tonal sentido como particularmente grave é abrangido pela faixa I — uma das 5 faixas tonais auditivamente discrimináveis —. À faixa II, III, IV, ou V, corresponde, respectivamente, qualquer nível tonal sentido como grave / normal / agudo / ou particularmente agudo.

Do exame de níveis tonais silábicos, relativos, concluiu-se:

— o nível tonal «predominante» ou «constante» de qualquer sílaba tónica, ou átona, de um entoema monovocabular, polissilábico, pode ser qualquer dos cinco níveis da escala I-V, seja qual for a acentuação estrutural do entoema examinado.

— um entoema monossilábico é tonalmente particularizado se o nível tonal constante ou predominante, da sua sílaba única for I ou V, ou se a referida sílaba manifestar uma variação tonal de I a V ou de V a I.

— a sequência de níveis tonais silábicos de qualquer entoema monovocabular polissilábico é particularizante se apresentar uma ou mais sílabas em nível I ou V, ou se manifestar, uma ou mais vezes, uma variação tonal de I a V ou de V a I.

Recorde-se que uma particularização expressiva de realce, tonal ou de outra espécie, é uma particularização perceptual de grau. Os níveis tonais classificados como expressivamente particularizantes e designados pelos números I a V, são grandezas aferidas segundo escalas sensoriais resultantes de vivências verbais do indivíduo que as experimenta.

No sector «aspectos temporais» admitiu-se como principal determinante da «duração real» ou objectiva de uma apresentação, a sua particularização elocucional, muito especialmente o «andamento» por ela conferido à particularização estrutural respectiva.

Designou-se por «andamento» a velocidade de realização de um texto elocucional segundo o número de alofones ou de sílabas ou de palavras ocorrentes por unidade de tempo, dependendo a unidade elocucional considerada, da extensão do texto.

Notou-se que só era admissível pretender saber-se qual foi a duração real de um alofone ou de uma palavra ou de uma sequência de palavras coarticuladas, se esse alofone,

ou essa palavra ou essa sequência de palavras coarticuladas tiver ocorrido isoladamente ou entre pausas elocutivas. Mas no plano subjectivo qualquer apresentação ocorrente na elocução pode facultar um estudo dos seus aspectos temporais, fundamentado no conhecimento das respectivas durações perceptuais.

No que se refere à duração perceptual de uma apresentação, deduziu-se que ela é determinada pelo andamento da sua realização ou depende da sua duração real, admitindo-se neste caso as seguintes possibilidades:

— durações reais iguais, de duas palavras com a mesma particularização estrutural, podem motivar durações perceptuais diferentes, em virtude desta ou daquela diversidade da sua particularização elocucional;

— durações reais diversas, de duas palavras com a mesma particularização estrutural, podem motivar durações perceptuais iguais, em virtude desta ou daquela diversidade da sua particularização elocucional.

No concernente à particularização temporal de realce de um entoema, observou-se:

— um entoema monossilábico, mono-alofónico com realce temporal, é apresentativamente constituído por uma vogal que é experimentada como particularmente longa ou particularmente breve. Se o entoema é poli-alofónico verifica-se uma duração particularizante de um ou mais do que um dos seus alofones componentes.

— um entoema monovocabular polissilábico, manifesta um «ritmo silábico elocucional» mais ou menos diverso do ritmo do vocábulo que lhe corresponde, ritmo esse que actua como termo de confronto e se denomina «ritmo silábico estrutural».

O grau de particularização temporal expressiva de um entoema depende do grau de diversidade entre o seu ritmo silábico elocucional e o correspondente ritmo silábico estrutural.

— o tipo de particularização temporal, provavelmente, mais frequente de entoemas polissilábicos é o que apresenta uma sílaba tónica (a sílaba estruturalmente acentuada) que é experimentada como particularmente longa. Sílaba átona, inicial, particularmente longa, ocupa, possivelmente, o segundo lugar em frequência.

É, certamente, rara a ocorrência de entoemas monovocabulares com uma sílaba átona final particularizada por uma duração longa. É, consequentemente, muito grande a sua acção particularizante.

— particularização expressiva de realce, predominantemente temporal, de um entoema monovocabular polissilábico, é uma particularização elocucional que lhe confere um ritmo silábico mais ou menos contrastante com o ritmo silábico do vocábulo que lhe corresponde.

Particularizar, temporalmente, um entoema monovocabular, polissilábico, é acentuá-lo expressivamente. Dessa particularização resulta um ritmo silábico que contrasta com o ritmo silábico do vocábulo correspondente.

Particularizações expressivas de realce, de entoemas monovocabulares evidenciam a variabilidade do modo como podem ser realçados, total ou parcialmente, por uma particularização tonal, temporal, tensional, qualitativa, ou conjunta.

A referida particularização valoriza a apresentação do entoema considerado e, por consequência, o que esse entoema significa lexicalmente, por si e mediante um contexto relevante que sobre ele actue.

Relativamente à particularização tensional de realce, verificou-se:

— um entoema monossilábico, mono-alofónico, é tensionalmente particularizado se for proferido de modo a manifestar uma tensão articulatória particularmente elevada

ou particularmente baixa, ou de modo a manifestar uma variação tensional particularizante no sentido decrescente ou crescente-decrescente.

— um entoema monossilábico, poli-alofónico, é tensionalmente particularizado se um ou mais do que um dos seus alofones componentes, ou todo o decurso da sua apresentação for experimentado como particularmente tenso ou como particularmente frouxo / ou fizer sentir uma variação tensional de magnitude particularizante.

— particulariza, tensionalmente, um entoema monovocabular, polissilábico, um nível ou um decurso tensional particularizante de uma ou de mais do que uma das suas sílabas componentes, ou de toda a sua apresentação.

No que diz respeito à particularização *qualitativa* de realce, observou-se:

— tratando-se de um entoema monossilábico, mono-alofónico, a particularização qualitativa implica uma articulação de que resulta uma vogal com um «artículo» que origina um «qualitativo» perfeitamente opositivo no plano fonológico.

— um entoema monossilábico poli-alofónico pode distinguir-se, qualitativamente, pelo elevado grau de caracterização fonética da sua vogal, ou da sua consoante, ou de uma ou mais das suas consoantes, ou de todo o seu decurso.

— um entoema monovocabular, polissilábico, pode destacar-se, qualitativamente, por um elevado grau de caracterização fonética de uma ou mais do que uma das suas sílabas componentes, ou de toda a sua apresentação.

Considerando particularizações conjuntas, viu-se que estas, muito especialmente as tensionais-temporais, tonais-temporais e tonais-tensionais-temporais, são mais frequentes do que as simples, e que manifestam, geralmente, predomínio de um dos seus aspectos particularizantes, simultaneamente actuaes.

Observações relativas à particularização expressiva sentimental:

— uma particularização de um entoema, classificável como particularização sentimental, associa ao que o entoema considerado significa lexicalmente, por si e mediante um contexto relevante que sobre ele actue, a expressão de um sentimento / ou de um conjunto de sentimentos / ou de uma «sequência sentimental», que o locutor experimenta como sendo, respectivamente, um aspecto / ou um conjunto de aspectos / ou uma sequência de aspectos do objecto que verbaliza.

— o significado de uma particularização apresentativa, sentimental, de um entoema, é condicionado pelo seu contexto verbal motivante, ou pelo facto de actuar interrogativamente, ou por um contexto inverbal, etc. Resulta, por exemplo, que a clareza qualitativa que particulariza um entoema possa ser interpretável como expressão de «certeza» / de «precisão» / de «evidência» / de «pesar» / de «comando» / etc.

— uma particularização sentimental de um entoema pode ser *independente* do acto de compreensão que o motivou. É originada por um «estado de ânimo» do locutor ao proferi-lo, e não por um sentimento experimentado pelo locutor ao compreender o que verbalizou elocucionalmente.

— o significado elocucional de entoemas, mono ou polivocabulares, com particularização sentimental «independente» é, frequentemente, incompreensível ou ambíguo.

— ocorrem entoemas, mono e polivocabulares, cuja particularização tem um significado expressivo semelhante ao seu significado lexical.

— ocorrem entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao significado lexical de uma ou de mais do que uma das palavras componentes do seu decurso ou de uma parte do seu decurso.

Unificação de entoemas associados:

— entoemas real-mentalmente actuantes, ou recordados, são objectos que se associam, se ocorrem sucessivamente sem que nenhum deles deixe de actuar, memorialmente, depois de ter ocorrido.

— dois ou mais entoemas sucessivos podem ser, ou não, unificáveis segundo o que significam lexicalmente / ou segundo a sua modalidade delimitativa / ou segundo a sua modalidade comunicativa.

— dois ou mais entoemas unificáveis segundo o que significam lexicalmente e segundo as suas modalidades delimitativa e comunicativa, são elocucionalmente unificáveis. Originam unificações integrais quando se unificam.

— entoemas conclusivos, sucessivos, informativamente actuantes, não são unificáveis segundo a sua modalidade delimitativa. São, porém, naturalmente aceites pelo ouvinte que percebe ou julga que esses entoemas resultam de verbalizações sucessivas.

Se o contexto de dois entoemas conclusivos, sucessivos, informativamente actuantes, não justifica a sua ocorrência, o ouvinte tende a unificá-los, esquecendo, momentaneamente, o complexo delimitativo do entoema inicial da sequência.

— um entoema conclusivo, interrogativamente actuante, ou uma série de entoemas conclusivos que actuem interrogativamente, é unificável segundo a sua modalidade delimitativa, com um entoema inconclusivo ou conclusivo, posterior, que actue interrogativamente.

— entoemas inconclusivos, sucessivos, interrogativamente actuantes e lexicalmente unificáveis, originam, unificando-se, um só entoema inconclusivo (unificação integral).

— um entoema inconclusivo, informativamente actuante, ou uma série de entoemas inconclusivos, informativamente actuantes, é unificável segundo a sua modalidade delimitativa, com um entoema conclusivo, posterior, que actue, também, informativamente.

Importou precisar que não são os entoemas unificáveis, real-mentalmente actuantes, que podem unificar-se, que se unificam. É o ouvinte que voluntária ou involuntariamente os experimenta unificados, se os unifica mentalmente, à medida que os vai ouvindo ou que os vai recordando depois de os ter ouvido.

Cisão de entoemas unificados:

— da unificação integral de dois entoemas elocucionalmente unificáveis resulta um entoema que é, por sua vez, cindível em dois entoemas semelhantes aos que o originaram, unificando-se.

— um entoema suficientemente extenso é sempre cindível em entoemas semelhantes aos que o originaram ou poderiam tê-lo originado. Por isso, entoemas motivados por uma cisão, ou são «os únicos possíveis» ou «os prováveis» ou «os eventuais».

Importou precisar que não é um entoema que pode cindir-se, ou se cinde em entoemas de menor extensão. É o ouvinte que voluntária ou involuntariamente — à medida que vai ouvindo um entoema ou que o vai recordando depois de o ter ouvido — experimenta entoemas semelhantes aos que o originaram ou poderiam ter originado.

Ouvindo sucessões de 2 entoemas, distinguem-se:

— sequências que não mudam de significado lexical, nem de modalidade comunicativa, por inversão da sua ordem de sucessão;

— sequências cuja modalidade comunicativa se inverte, possivelmente, se for invertida a sua ordem de sucessão;

— seqüências elocucionalmente unificáveis numa dada ordem de sucessão, e não-unificáveis na ordem inversa;

— seqüências que são, ou não, lexicalmente unificáveis conforme o respectivo contexto actuante.

Relativamente à modalidade comunicativa de seqüências de dois ou mais entoemas lexicalmente unificáveis, tiraram-se conclusões que se formularam do seguinte modo:

Se a seqüência é conclusiva, verifica-se: *actuação informativa* de qualquer dos entoemas bem como da seqüência, seja qual for a modalidade delimitativa do entoema inicial / ou dos restantes entoemas, se um ou mais dos seus entoemas componentes ou o seu contexto não for inversivo. No caso de inversão verifica-se *actuação interrogativa*.

Se a seqüência é inconclusiva observa-se: *actuação interrogativa* de qualquer dos entoemas bem como da seqüência, seja qual for a modalidade delimitativa do entoema inicial / ou dos restantes entoemas, se não for inversivo nenhum dos entoemas nem o seu contexto. No caso de inversão observa-se: *actuação informativa*.

Relativamente à «frase elocucional» verifica-se:

— constitui uma frase elocucional, qualquer dos seguintes textos: — um entoema conclusivo, informativa ou interrogativamente actuante / um entoema inconclusivo, interrogativamente actuante // uma seqüência conclusiva de entoemas lexicalmente unificáveis, informativa ou interrogativamente actuante / uma seqüência inconclusiva de entoemas lexicalmente unificáveis, interrogativamente actuante.

— não são classificáveis como frases elocucionais, propriamente ditas, entoemas inconclusivos e seqüências inconclusivas, informativamente actuantes. Admite-se, porém, que se denominem «frases elocucionais suspensas».

— frases lexicalmente unificáveis, mas que o não são elocucionalmente, são frequentemente substituídas pelo ouvinte, voluntária ou involuntariamente, por outras frases vocabularmente idênticas que são unificáveis e se unificam elocucionalmente.

Paralelamente ao que foi notado a propósito de unificação de entoemas, importou precisar que não são as frases elocucionais unificáveis, real-mentalmente actuantes, que podem unificar-se ou se unificam. É o ouvinte que voluntária ou involuntariamente as experimenta unificadas, se as unifica, mentalmente, ao passo que as vai ouvindo ou que as vai recordando depois de as ter ouvido.

Uma frase elocucional *informativamente actuante* não é cindível, seja qual for a sua extensão, em duas ou mais frases elocucionais. Da sua cisão, resultam: um entoema inconclusivo ou uma seqüência inconclusiva, informativamente actuante, e um entoema conclusivo. Este entoema, também informativamente actuante, constitui uma frase elocucional.

Uma frase elocucional *interrogativamente actuante*, é cindível em frases elocucionais semelhantes às que a originaram ou a poderiam ter originado, unificando-se.

Segundo a espécie de elocução que lhe corresponde, uma frase elocucional é «recordada», ou «lida», ou «resulta de uma verbalização».

Uma elocução recordada é uma elocução memorialmente latente que se recorda mentalmente ou real-mentalmente. Distingue-se a frase elocucional *decorada*, como um caso particular da *recordada*.

A expressão que um leitor confere à frase elocucional resultante de uma leitura, depende, como no caso de qualquer outro texto elocucional, do respectivo «contexto global» relevante-actuante, isto é, da actuação do comunicado como seu complemento, e da actuação do comunicado como motivo da sua ocorrência.

Uma frase elocucional que não seja recordada ou lida, resulta de uma verbalização, se não tiver sido apresentativamente motivada. Frases «apresentativamente motivadas» diferem das «recordadas» porque o não são no seu início ou na sua totalidade.

Sobre o significado de um texto elocucional e suas determinantes, observou-se:

— o estudo do significado elocucional de um entoema, ou de qualquer outro texto, implica distinguir-se entre entoema independentemente actuante e entoema dependentemente actuante de um contexto;

— o significado elocucional de um entoema, independentemente de qualquer contexto, é o seu *significado elocucional inerente*, ou seja o significado resultante de uma conjugação do significado vocabular e do significado expressivo do respectivo texto elocucional-vocabular;

— o significado expressivo do texto é o resultante da particularização da sua apresentação e da possível expressividade do seu texto vocabular inerente.

Passando a considerar o *contexto global*, ou seja o que se discrimina como complemento de um texto e o discriminado ou imaginado como motivo da sua ocorrência, distingue-se o referido contexto como *incidente* se ele incide sobre a percepção do ouvinte como relevante-actuante.

O significado expressivo do *contexto global incidente* é o resultante da particularização elocucional da sua apresentação / da possível expressividade do seu significado vocabular / do significado de uma expressão verbal ou de uma expressão inverbal que lhe seja associada, ou de uma e de outra, se forem ambas ocorrentes.

Resumiu-se, dizendo que se designa por «significado elocucional de um entoema» o seu significado elocucional inerente, particularizado por acção do significado elocucional do seu contexto global incidente.

Como determinantes do significado elocucional de um texto elocucional-vocabular, foram apontados os seguintes elementos:

— o *texto*, considerado este mediante o seu «significado elocucional inerente», isto é, o que o texto significa, lexical e expressivamente, independentemente de qualquer contexto.

— o *contexto global incidente*, respectivo.

— o *ouvinte*, como perceptor do referido texto e contexto, segundo a sua maior ou menor capacidade discriminativa, amplitude de compreensão, experiência linguística, etc.

Texto, contexto e ouvinte são determinantes primaciais do significado elocucional de um texto elocucional-vocabular, mas observa-se que podem ocorrer actuações de um texto independentemente de um contexto (discriminável), bem como actuações de um texto dependentemente de um contexto inverbal, verbal ou misto / real ou imaginado, ou em parte real e em parte imaginado.

Tratando-se de um texto elocucional constituído por uma interjeição, foram apontadas como determinantes do seu significado elocucional, as que se apontaram relativamente a um texto elocucional-vocabular — *texto, contexto, ouvinte* — mas interessa neste caso, o significado expressivo que resulta da sua apresentação, ou da sua apresentação e da forma como o ouvinte a interpreta, dependente ou independentemente de um contexto.

Relativamente ao «significado elocucional» de um texto (ou de um contexto), importa considerar a sua possibilidade de actuação lexical ou não-lexical, bem como a variabilidade do referido significado conforme os vocábulos que são inerentes ao texto, e conforme a personalidade do ouvinte, seu saber, etc.

Como determinantes de diversidade do significado elocucional de dois entoemas, proferidos por um mesmo locutor ou por dois locutores, e abstraindo neste último caso de particularizações idiofônicas e idiofonéticas discrimináveis, apontaram-se:

- a diversidade de significado vocabular, independentemente de um contexto;
- a diversidade de significado vocabular por diversidade de condicionamento contextual;
- a diversidade de significado elocucional por diversidade expressiva, independentemente de um contexto.

A diversidade de significado elocucional entre dois entoemas relativamente a um só ouvinte, é determinada pela diversidade que esse ouvinte experimentar entre as actuações dos respectivos textos segundo os seus «contextos globais incidentes». Se o ouvinte não discrimina um contexto global incidente ou dele abstrai, a diversidade de significado elocucional é determinada pela diversidade que esse ouvinte experimentar entre os respectivos textos, diversidade essa que depende da maior ou menor diversidade (ou semelhança) entre as particularizações apresentativas-expressivas que seguidamente se mencionam:

A) — Diversidade expressiva delimitativa. Pode ser diversidade de modalidade ou de grau expressivo.

B) — Diversidade expressiva de realce. É uma diversidade de grau. Qualquer dos dois entoemas considerados exprime tonalmente, ou qualitativa, ou tensionalmente... etc. mas a expressão de um deles distingue-se da do outro pelo seu maior relevo.

Importou precisar: por muito diferentes que sejam as particularizações expressivas de realce, o significado expressivo de qualquer delas só pode diferir no grau de magnitude do realce expresso.

C) — Diversidade expressiva sentimental. Pode ser uma diversidade do sentimento expresso ou uma diversidade de grau.

Importou precisar: particularizações expressivas sentimentais podem diferir umas das outras por ser diverso o sentimento expresso ou por ser diferente o seu grau de magnitude, ou por ambas as coisas.

D) — Diversidade expressiva de realce e sentimental, com maior ou menor predomínio da expressão de realce ou da expressão sentimental.

Importou precisar: são frequentes as particularizações expressivas de realce, parcialmente sentimentais.

Aspectos tensionais, tonais, qualitativos e temporais *figuram* na percepção da elocução se o perceptor, examinando-a, os dissocia; configuram-se se o perceptor os experimenta conjuntamente, originando o que se denominou «configuração elocucional».

Figuras e configurações elocucionais, globais ou parciais, apresentam um *curso* de uma *constância* ou um *curso* de uma *variação*.

O estudo de figurações e configurações auditivas, elocucionais, reclama a sua representação por meio de figurações e configurações gráficas que possam sugerir-las real-mentalmente.

Representar uma figuração ou uma configuração auditiva implica representar o seu curso, o que, por seu turno, impõe que se represente um decorrer visual que o motive.

Percorrendo com o olhar uma configuração gráfica apropriada ao fim em vista, experimenta-se o decorrer da referida configuração. Motiva-se, realmente, o decorrer da configuração com auxílio de um «tradutor» de configurações sonoras em configurações luminosas. Este tradutor é, essencialmente, um dinamizador de representações gráficas sem movimento, de cursos elocucionais.

Chamou-se a atenção para o facto de que o decorrer de uma configuração visual desprovida de uma transcrição fonética ou ortográfica do correspondente texto elocucional, e sem qualquer outra informação equivalente, não pode fazer experimentar um decorrer sonoro mais ou menos semelhante ao que se pretendeu representar, se não tiver actuado um processo associativo que faculte a substituição do visual pelo auditivo, ou, inversamente, do auditivo pelo visual.

Observou-se que na generalidade uma representação gráfica de uma elocução provoca a sua recordação ou faz com que se imagine uma outra elocução com um mesmo texto vocabular inerente e uma expressão com particularidades comuns a par de outras mais ou menos semelhantes ou diversas.

A semelhança entre um decurso elocucional original e o recordado perante a representação, pode ser muito grande no caso de ter sido ouvido, há pouco tempo, repetidamente, um fonograma do texto que se recordou. É, porém, bem marcada a diversidade existente entre um decurso de uma elocução e um decurso inferido da sua representação gráfica, ou por ela sugerido, se não se ouviu, recentemente, a elocução original ou o seu fonograma.

Representar, gráficamente, a particularização elocucional oferece uma dificuldade tanto maior quanto mais elevado for o nível de pormenorização requerido. Transcrições ortográficas ou fonéticas complementares, facilitam o problema no que diz respeito à particularização estrutural.

Depois de examinadas representações luminosas, dinamizáveis, de configurações mono-alofónicas e de configurações monovocabulares polissilábicas, o que deu lugar a uma pormenorizada análise de algumas elocuções, voltou a ponderar-se o significado de uma representação gráfica de um decurso elocucional.

Verificara-se que representações gráficas de elocuções constituíam, sobretudo, registos que assinalavam, mais ou menos sugestivamente, aspectos sonoro-articulatórios particularizantes, revelados pelo exame auditivo dos seus fonogramas, ou pela sua análise instrumental, ou de um e de outro modo.

E procurando, novamente, destriçar entre o que representação gráfica representa, de facto, e o que pode julgar-se que ela represente, concluiu-se:

— *representa*, mais ou menos pormenorizadamente, a configuração sonora de *qualquer* elocução ortografável de determinado modo — complementarmente indicado —, que manifeste aspectos apresentativos semelhantes aos que a configuração gráfica assinala, além de outros coexistentes, incluindo os individualizantes, que em face do propósito e das possibilidades de representação, não se consideraram ou não foram assinalados.

— *representa*, mais ou menos pormenorizadamente, a configuração sonora de uma *determinada* elocução, quando o intérprete da representação considera a elocução de cujo exame essa representação resultou — uma elocução que pode ser ouvida mercê do seu fonograma — e não qualquer elocução ortografável de determinado modo.

— *induz* o intérprete a *recordar*, mais ou menos fielmente, a configuração sonora da elocução de cujo exame resultou a configuração mencionada, se essa elocução tiver sido ouvida mediante o seu fonograma de modo a estar latente na memória do ouvinte.

— *induz* o intérprete, que saiba tratar-se de uma representação da configuração sonora de qualquer elocução ortografável deste ou daquele modo, a *imaginar* uma elocução ortografável desse ou daquele outro modo, e que manifeste aspectos apresentativos semelhantes aos assinalados, além de outros possivelmente coexistentes.

— *pode actuar* perante o intérprete, se este ouviu o respectivo fonograma, *induzindo-o a recordar*, em parte, e em parte a *imaginar* a elocução representada.

A semelhança que se experimenta confrontando elocuições vocabularmente idênticas pode ser global ou parcial. No primeiro caso abrange todos os aspectos apresentativos, ao passo que no segundo caso verifica-se semelhança de alguns aspectos e dissemelhança de outros.

Subjectiva e globalmente consideradas, são semelhantes as apresentações que se não distinguem, auditivamente, uma das outras.

Estabelecem-se classes de semelhança parcial, subjectiva, para cada espécie de aspectos auditivamente discrimináveis.

Estabelecem-se gradações, escalas subjectivas, de modo a facultar classificações segundo o grau qualitativo, tensional, etc.

Objectiva e globalmente consideradas, distinguem-se apresentações classificáveis como semelhantes segundo um critério baseado na análise das elocuições como objectos realmente actuantes.

Objectiva e parcialmente consideradas, são semelhantes as apresentações cujo exame objectivo revela um ou mais aspectos apresentativos classificáveis como semelhantes e um ou mais aspectos classificáveis como distintos.

Estabelecem-se gradações, escalas objectivas de modo a serem agrupados como semelhantes, valores, magnitudes, cuja diversidade é irrelevante em face do objectivo de pesquisa.

Estabelecem-se classes de semelhança, para o estudo de textos elocucionais, sobretudo de entoemas; para o estudo de figurações e de configurações elocucionais, etc., etc.

O decorrer de uma configuração, além de iluminado e dinamizado por um «tradutor», pode ser sonorizado mediante reprodução simultânea, sincronizada, do correspondente magnetograma, ou fonograma de outra espécie.

A sonorização de uma configuração global, visual, dinamizada, faculta uma viva compreensão da configuração elocucional, conforme se esclareceu com a devida minúcia.

Considerar, geneticamente, a configuração elocucional, é considerar a formação das figurações componentes que a originam quando conjuntamente actuantes na percepção da elocução. E como é a particularização elocucional que origina as figurações componentes, considerar, geneticamente, a configuração elocucional, é considerar a formação dos aspectos apresentativos que a distinguem, que a particularizam.

Uma elocução, ou parte dela, resulta de uma «verbalização», ou de uma «leitura», ou do facto de ter sido «recordada». Considerá-la geneticamente, reclama que se principie por distinguir qual desses três casos se apresenta, e se tome a correspondente atitude interpretativa.

Prosseguindo numa mesma ordem de ideias, considera-se, geneticamente, uma configuração expressiva de uma elocução real-mental, resultante de uma verbalização, procurando-se, depois, saber quais são as determinantes da referida configuração expressiva.

Compreende-se que o «objecto verbalizado» (objecto que se verbaliza) seja a única determinante da configuração expressiva do entoema resultante da verbalização respectiva, porque tratando-se de uma configuração expressiva, deixam de valer particularizações involuntárias.

Precisou-se, porém, que o objecto verbalizado depende de quem o verbaliza, de quem o experimenta.

São os aspectos particularizantes do objecto que um indivíduo verbaliza, que particularizam a elocução resultante da respectiva verbalização.

Não foi considerado o estado de ânimo do locutor por se ter admitido que não motivou uma particularização auditivamente discriminável.

Como principal determinante da configuração expressiva de uma elocução real-mental, resultante de uma leitura, e admitindo um estado de ânimo irrelevante, do locutor, foi apontado o respectivo «texto escrito».

Considerando a configuração expressiva de uma elocução, real-mental «recordada» observou-se, primeiramente, que «elocuições recordadas» são distribuíveis em dois grupos:

A) — vocabular e expressivamente recordadas ao serem proferidas. Figuram neste grupo elocuições *decoradas, imitativas e repetidas*.

B) — vocabularmente recordadas, e proferidas com expressão espontânea. Figuram neste grupo elocuições decoradas e outras não resultantes de verbalizações ou de leituras.

Como determinantes da configuração expressiva de uma elocução decorada, do primeiro grupo, foram apontadas:

— a configuração expressiva da elocução «modelo» / a capacidade de memorização de quem decora a elocução / o propósito com que o locutor profere a elocução.

Como determinantes da configuração expressiva de «elocuições imitativas» e de «elocuições repetidas», distinguem-se:

— a configuração expressiva da elocução imitada ou repetida / a capacidade imitativa do locutor que a imita ou a repete / o propósito com que o locutor profere a imitação ou a repetição.

Particularizações apresentativas involuntárias originam aspectos não-expressivos da configuração elocucional. Interessam pouco estes aspectos à comunicação verbal, propriamente dita, o que explica que tenham sido tratados superficialmente.

Relacionando, sucessivamente, a configuração elocucional com a tonalidade / a qualidade / a tensão / e a duração, observou-se:

— é a percepção da constância ou / e da variação da tonalidade de um decurso de uma configuração elocucional que constitui a sua «figuração tonal»;

— é a percepção da constância ou / e da variação da qualidade de um decurso de uma configuração elocucional que constitui a sua «figuração qualitativa»;

— é a percepção da constância ou / e da variação da tensão de um decurso de uma configuração elocucional que constitui a sua «figuração tensional»;

— é a percepção da duração total da configuração elocucional ou / e das durações parciais que nela se discriminem, que constitui a sua «figuração temporal».

São perceptuais as durações apreciadas neste sector e correlacionam-se todas com a velocidade de realização do respectivo texto elocucional segundo o número de alofones, de sílabas ou de palavras ocorrentes por unidade de tempo, isto é, com o seu «andamento».

Pausas elocutivas voltaram a ser consideradas de modo a evidenciar-se a sua importância como elementos de configurações elocucionais ou como elementos de configuração das suas seqüências.

Observou-se que a uma descontinuidade elocutiva pode corresponder descontinuidade ou continuidade comunicativa.

Os aspectos actuates da configuração elocucional expressiva de um texto elocucional-vocabular, abstraindo dos circunstanciais voluntários, são distribuíveis em delimitativos / de realce / e sentimentais.

Como dois ou mais aspectos de grupos diversos actuam com frequência, em parte ou na sua totalidade, simultaneamente, distribuem-se esses «aspectos conjuntos» noutros

grupos, tais como delimitativos e de realce / de realce e sentimentais / delimitativos, de realce, e sentimentais.

Foram feitas, além de outras as seguintes observações:

— realces de grande magnitude só excepcionalmente não são experimentados pelo ouvinte, mesmo que o significado do realce não tenha para ele um interesse apreciável.

— uma determinada configuração elocucional expressiva de um determinado texto, pode actuar sobre um ouvinte de uma forma mais ou menos diversa da que se tenha verificado com outro ouvinte. Para que tal possibilidade não se verifique, não basta admitir-se a actuação de um mesmo contexto global incidente sobre qualquer dos dois ouvintes; terá de se admitir, também, que os ouvintes considerados reagirão de igual modo como perceptores.

— é extraordinária a possível variabilidade do comunicado por uma determinada configuração elocucional expressiva, quando se consideram dois ou mais ouvintes.

Adquirido um «saber» que facultou uma ampla compreensão da «configuração elocucional», foi possível definir o que se desconhecia ou vagamente se compreendia sob o nome de «entoação». Formularam-se definições, que sendo, naturalmente, equivalentes, foram diversamente redigidas de modo a auxiliar o Leitor a perceber, mais clara e facilmente, o objecto definido.

Segundo uma das formas mais compreensivas de o definir, diz-se que entoação é «o persistir ou o variar da configuração da elocução, quando esta actua sobre o ouvinte com predomínio da sua figuração tonal».

Relacionou-se «configuração elocucional» com «entoação» e distinguiu-se entre «entoação da elocução» e «entoação de uma elocução».

Uma vez sublinhada a importância da representação gráfica da entoação, apontaram-se as dificuldades que ela levanta.

O facto de que a representação gráfica da entoação de um texto, não difere da representação gráfica da sua configuração elocucional, foi posto em evidência. É, ou pode ser, uma mesma coisa, mas é, ou pode ser, uma ou outra coisa, conforme a atitude interpretativa do analista. Representa, graficamente, a entoação do texto considerado se o analista experimentar a figuração tonal como elemento predominante e as figurações tensional, qualitativa e temporal, como aspectos que particularizam a referida figuração tonal.

Observou-se que representações da entoação de textos elocucionais, como são as «lineares» denunciam que os seus autores — não distinguiram entre comportamento da «tonalidade» e comportamento da «linha tonal».

Descreve-se *verbalmente* a entoação de um texto, mas a descrição é redigida conforme a espécie de texto, o fim em vista, etc., interessando, em qualquer caso, que a forma dada à redacção da descrição se harmonize com a forma como se definiu entoação.

Facilita-se, muito, a descrição verbal da entoação de um texto, — tanto mais difícil quanto mais elevado for o grau de pormenorização requerido — mediante uma tradução gráfica auxiliar.

3)

COMENTÁRIOS

Terminam esta obra alguns comentários que vão ao encontro de objecções possivelmente experimentadas por alguns dos seus leitores. O principal intuito é auxiliar uma apreciação crítica dos conhecimentos que discriminámos e procurámos transmitir com toda a possível clareza e exactidão.

Considerar a *elocução* — esse *objecto* extraordinariamente complexo —, admitindo como certo que só excepcionalmente o «saber» do Leitor sobre o comportamento elocucional dispensaria longos e difíceis esclarecimentos, — fez com que se iniciasse o seu estudo, após breves informações preliminares, falando sobre *objectos* e a sua *classificação*. E daí se passou, naturalmente, a tratar de *decursos* e de *panoramas mentais* / de *actos de compreensão* e de *compreensão*, etc., etc., até se poder precisar o *objecto* sonoro-articulatório que se denominou *palavra*, termo este já bem conhecido, mas a que foi atribuído um significado que o distingue daquele que foi dado a *vocabulo*. Deixaram, assim, os dois termos referidos de valer como sinónimos como, geralmente, valem.

Definir-se o *objecto* sonoro-articulatório que se chamou «palavra» como «um alofone ou uma sequência de alofones coarticulados que representa um só *objecto*» implicou que se atribuisse determinado significado ao termo *alofone*. Utilizámo-lo para designar qualquer som elocucional integralmente considerado no *plano apresentativo*, isto é, somente como *apresentação*.

Explicou-se o motivo por que se empregou o termo «apresentação» em vez de «significante» e o termo «representação» em vez de «significado».

Mas não vamos prosseguir sem tomar outro rumo de modo a evitar, tanto quanto possível, repetições. Quisemos, porém, mostrar como é difícil dar unidade à exposição de um assunto cuja compreensão abrange uma extraordinária diversidade de conhecimentos. Considerem-se, por exemplo, as necessárias discriminações para se poder entender, concretamente, o significado de *toema*. Perceber-se que constitui um *toema*, um *decréscimo tensional*, *silábico*, e concomitante subida, descida ou constância de *tonalidade*, é, *aparentemente* simples. Que poderia um leitor entender por «decréscimo tensional silábico» e, muito especialmente, por «tonalidade» se não tivesse sido previamente elucidado sobre comportamentos tensionais e comportamentos tonais?

Os parágrafos mencionados (4.9, 3.52, 3.54, 3.48, 6.3, 6.7) quando se alude, pela primeira vez, à constituição da unidade elocucional chamada *entoema* (7.1), traduzem a multiplicidade de conhecimentos requeridos para que se possa defini-lo, admitindo que não se ignora o que significa *texto elocucional* / *palavra* / e / *toema* /.

O que se disse sobre «a compreensão denominada vocabulo», rematado pela fórmula «vocabulo é uma compreensão resultante da unificação de uma estrutura fonémica com o *objecto* (ou um dos *objectos*) que foi associado a essa estrutura» exige para ser percebido, conhecimentos resultantes de abstrações inacessíveis ao leitor insuficientemente treinado em dissociá-las de modo a poder passar — conforme se informou, noutra obra, a respeito de «fonética funcional» — de uma domínio da compreensão que é predominantemente sensorial, para um outro essencialmente intelectual.

Oferece dificuldades análogas o significado de *articulema* (ou de *coarticulema*) de um vocabulo. Dizer-se que «articulações que originem alofones que no plano fonémico

se identifiquem num mesmo fone, apresentam determinados aspectos comuns que constituem um determinado «artícuema», é comunicar, claramente, um conhecimento, desde que o ouvinte saiba, claramente, o que significa *fonemização*.

O que se disse sobre «a compreensão denominada palavra» rematado pela fórmula — palavra é uma compreensão resultante da unificação de uma apresentação alofônica com o representado pela sua estrutura fonémica (segundo um contexto se a palavra for polissemântica) e o expresso pela sua particularização elocucional, implica, para que se possa entender, conhecimentos muito precisos sobre *estrutura fonémica / contexto / particularização elocucional*. Etc., etc.

Uma grande dificuldade, além da motivada pela inevitável introdução de termos novos para traduzir novas discriminações, ou pela ambiguidade ou pela imprecisão do significado de termos antigos, surge quando se deseja comunicar a outrem, concisamente, aspectos sonoro-articulatórios, de forma a serem percebidos sonora e articulatoriamente, tal como foram experimentados. Nenhum dos variados processos auxiliares a que se recorre no exame auditivo é satisfatório desde que se pretenda precisão e um elevado grau de pormenorização.

Convidando um indivíduo a imitar um alofone ou uma sequência alofônica coarticulada, que se profere ou se reproduz magnetofonicamente para esse indivíduo ouvir, pode conseguir-se que ele profira e, conseqüentemente, experimente um som ou uma sequência de sons, muito semelhante ao som, ou à sequência de sons, que actuou como modelo.

Traduzir, porém, a outrem, um texto elocucional mediante descrição verbal auxiliada por transcrição fonética e por configuração gráfica, *mas sem* o proferir, só é possível muito limitada e precariamente.

Fazer com que uma pessoa experimente uma elocução sem que ela a ouça, mediante uma descrição verbal dessa elocução, é tão impossível como fazer com que um indivíduo experimente uma expressão fisionómica que lhe foi descrita mas não lhe foi exibida. O que se observou sobre «representação gráfica» mostrou a limitação das suas possibilidades. São exemplos frisantes dessa limitação, as representações gráficas que se fizeram dos contrastes de nível tonal, inicial, do tom fundamental de sequências toemáticas conclusivas e inconclusivas (Quadros V, VI, VII).

Representações ortográficas de textos elocucionais oferecem a vantagem de estar ao alcance de todos quantos sabem ler e escrever, mas não traduzem outros aspectos expressivamente particularizantes, além dos indicados pelos «sinais de pontuação». São, essencialmente, representações dos textos vocabulares inerentes aos textos elocucionais considerados. Se não interessa, unicamente, representar o texto vocabular respectivo, recorre-se a um sistema de «transcrição fonética» conciliável com um elevado grau de pormenorização.

Depende do nível de pormenorização que se pretende, que se utilize este ou aquele tipo de notação. No caso de se desejar traduzir o decurso elocucional conjuga-se um sistema de transcrição fonética com uma simbolização gráfica mais ou menos ampla.

Novas notações, imaginadas segundo normas convencionalmente estabelecidas, tiveram de ser introduzidas no início do presente trabalho. Importou, sobretudo, poder representar *qualquer* variante, ou *determinada* variante de realização de determinado fone, bem como qualquer palavra resultante da realização de determinado vocábulo, ou uma palavra resultante de determinada realização de determinado vocábulo, com ou sem aspecto exclamativo.

Outras notações foram apresentadas na segunda parte desta obra, para assinalar, ortograficamente, o texto vocabular de um determinado entoema e simbolizar gráfica e con-

vencionalmente se o entoema é conclusivo ou é inconclusivo, e se actua informativa ou interrogativamente.

Variantes destas últimas notações facultaram assinalar qualquer entoema conclusivo ou inconclusivo, informativa ou interrogativamente actuante, com determinado texto vocabular inerente / bem como qualquer entoema conclusivo ou inconclusivo, informativamente actuante, com determinado texto vocabular inerente / etc., etc.

No tipo de notação que aparece nas figuras 81 e 82, conjuga-se um sistema de transcrição fonética com uma simbolização gráfica do decurso elocucional, sobretudo tonal-qualitativo.

No sector da representação gráfica da elocução, faz-se sentir, muito, a falta de um processo relativamente simples e prático de se traduzir a tonalidade de uma constância ou de uma variação qualitativa, com a respectiva linha tonal, além dos aspectos tensionais concomitantes.

O recurso a esta ou àquela cor para traduzir esta ou aquela tonalidade vocálica, e à variação da intensidade desta ou daquela cor para traduzir variação progressiva da tonalidade que representa, no sentido da sua plenitude, ou para traduzir variação regressiva da tonalidade que representa, no sentido da sua descaracterização, pode ampliar, grandemente, a possibilidade da representação gráfica da figuração tonal, de uma configuração elocucional, global, estática ou dinâmica.

Procurando relacionar a expressão de um sentimento, como, por exemplo, o de «pesar» ou o de «satisfação» com a tonalidade de uma vogal que manifeste o sentimento considerado, deduz-se como muito provável a ocorrência de tonalidades que exprimem este ou aquele sentimento entre dois ou mais sentimentos possíveis, conforme o significado dos respectivos contextos globais incidentes.

A composição acústica, o espectro sonoro do momento ou do trecho de plenitude de //Ah!//, antecedida a interjeição de um contexto inverbal mimico-fisionómico que traduziu reflexão, exprime um sentimento de compreensão, ao passo que o sentimento expresso pode ser o de satisfação se tiver actuado, um contexto verbal ortografável por «Eu sei quanto gostas disso!»

No sector do estudo comparativo das apresentações observa-se que a semelhança ou dissemelhança entre elocuições vocabularmente análogas, é experimentada globalmente, procurando-se rara e assistematicamente distinguir os aspectos em que se parecem e aqueles em que diferem, elocuições com um mesmo texto vocabular inerente. Tratando-se de um confronto auditivo, não estão em causa elocuições auditivamente equivalentes.

Facilita o estudo da dissemelhança apresentativa de textos proferidos por um mesmo locutor ou por locutores diversos, mas todos eles normais, adultos, e sem regionalismo sensível de pronúncia, principiar-se por confrontar entoemas mono-alofónicos, vocabularmente análogos, totalmente toemáticos, com a mesma modalidade delimitativa e sem aspecto sentimental apreciável.

No que se refere à particularização expressiva-delimitativa e admitindo que esta é conclusiva, pôde verificar-se:

- diversidade na «variante de realização» do toema conclusivo;
- diversidade de comportamento qualitativo do respectivo «contoema»;
- decréscimo tensional de um dos entoemas, de magnitude particularizante. Etc.

No concernente à particularização expressiva de realce:

— nível tonal particularizante agudo de um dos entoemas e particularizante grave do outro entoema;

- destaque tonal-temporal num dos casos e tonal-qualitativo-temporal no outro. Etc.

Entoemas proferidos por indivíduos convidados a imitar os reproduzidos mediante um gravador, denunciavam, frequentemente, um «estado de ânimo» que lhes confere os aspectos de «facilidade», de «estranheza» e de «desagrado».

Os locutores, ignorando as dificuldades que a imitação pedida, envolve, modificam a elocução-modelo para exprimir, mais ou menos involuntariamente, «desagrado» perante uma solicitação que acham estranha pelo facto de lhes parecer muito fácil fazer o que lhes foi pedido. Verifica-se pronto e amplo realce tonal-qualitativo-tensional e rapidez de andamento interpretáveis como exteriorização de facilidade / nasalidade revelando estranheza / constrangimento laringeo denunciando desagrado.

Um estudo comparativo de apresentações elocutivas, sistemático e com um grau de pormenorização adequado ao fim em vista, não pode deixar de interessar à «fonética funcional». Dificulta, grandemente, o ensino de um idioma estrangeiro, a falta de conhecimentos resultantes de confrontos dos aspectos elocucionais, auditivamente discrimináveis, ocorrentes na língua-mãe do aluno e na língua que este pretende aprender.

Como ensinar a um aluno de língua-mãe inglesa, o comportamento de uma vogal nasal portuguesa, se não se souber em que difere uma vogal oral, ou uma vogal nasalizada inglesa, de uma vogal nasal portuguesa? O facto, possível, de se saber pronunciar qualquer das referidas vogais, não significa que se saiba explicar em que diferem. Em vez de explicar mediante os exemplos que repete, o professor repete-os sem nada explicar.

* * *

Logo no primeiro parágrafo do presente estudo se aludiu a uma série de artigos subordinados ao título «*Características da Entoação Portuguesa*», artigos esses que foram reunidos em dois volumes; o primeiro em 1941 e o segundo em 1947. Publica-se, agora, vinte e oito anos mais tarde, este estudo, um trabalho que poderia ter constituído um terceiro e penúltimo volume de *Características...* Um quarto e último volume remataria o assunto com o devido desenvolvimento. Variadas circunstâncias, durante tão longo espaço de tempo, determinaram que assim não acontecesse.

No final do segundo volume, acima mencionado, escreveu-se: «Conhecer as características predominantes da entoação portuguesa, foi e continua a ser o nosso propósito. Sabemos, agora, o bastante para verificar que o nosso intento foi mais ousado do que então poderíamos imaginar. O problema da entoação envolve todos os problemas da fala. Assim se explica que tenhamos terminado o segundo volume desta obra sem ainda termos penetrado nos domínios da palavra»....

A verdade é que foi sobretudo o exposto em «*Características...*» e em «*Análise de Expressões sonoras da Compreensão*» que facultou o aparecimento do presente trabalho, orientando-o em muitos dos seus múltiplos sectores.

Aberto o caminho para os domínios da palavra, após os da interjeição, distinguíram-se unidades elocucionais entre as quais se destacaram o «entoema» e a «frase elocucional».

Dada e comentada a definição de *entoação*, ponderou-se o significado de características da entoação de um texto e de características da entoação de uma língua. O que se disse sobre características da entoação de uma língua, pode dizer-se a respeito de características da entoação do português.

Sucede que um dos temas dominantes deste estudo, foi o *entoema ocorrente em português*, e sabemos que é a entoação do entoema que ocupa o lugar mais importante no

estudo da entoação da respectiva língua, pelo facto de ser um entoema ou uma sequência de entoemas que constitui uma frase elocucional.

O exame de entoemas resultantes de verbalizações, ou de leituras, ou de memorizações, com o propósito de descobrir características de entoação da frase elocucional, em português, implica que se analise a sua *entoação delimitativa*, de *realce* e *sentimental*, o que, por sua vez, reclama que depois de agrupados os entoemas segundo o número de alofones, de sílabas, de palavras, sejam distribuídos segundo a sua modalidade delimitativa / a sua particularização de realce / a sua particularização sentimental, etc., etc.

Mas ainda mesmo que se estudem apenas entoemas proferidos em português continental, por locutores normais, adultos, com uma pronúncia isenta de regionalismo sensível, se esses entoemas forem suficientemente extensos, terão de ser estudados, separadamente, segundo a sua *formação*, *configuração*, *conformação*, *ordenação*, etc., etc.

Interessa, finalmente, ir ao encontro da interrogação «Quais são as características da entoação portuguesa?» Principie-se por notar que não foi o objectivo desta contribuição, descobrir «características da entoação portuguesa». Sucede, porém, que a discriminação e análise de toemas e entoemas, e o propósito de definir «entoação» examinando textos elocucionais proferidos em português, exigiu um conhecimento da particularização elocucional que motivou a distinção de muitas características da entoação portuguesa, especialmente nos sectores da expressão delimitativa e da expressão de realce.

A interrogação acima formulada envolve as características, isto é, todas as características. Ora pretender-se um conhecimento de todas as características da entoação portuguesa não faz sentido. Pode pretender-se, quando muito, saber quais são as suas características mais representativas.

Limitado o âmbito da pergunta, e considerando que ela acode, naturalmente, ao espírito do Leitor, informa-se que a resposta, actualmente possível, se encontra, em grande parte, em muitas das conclusões apuradas nesta obra.

Para se concretizar o que se disse, vão ser apontadas algumas das conclusões que constituem características da entoação portuguesa, depois de se ter esclarecido, uma vez mais, a sua origem. Nesta ordem de ideias, prossegue-se:

O decurso da tonalidade da elocução identifica-se, como se disse, com «entoação», se esse decurso, particularizado pelos decursos concomitantes — tensional, qualitativo e temporal — actuar sobre o ouvinte como elemento preponderante.

Características da entoação portuguesa, são, por conseguinte, originadas pela particularização elocucional e pela particularização estrutural co-actuante, dos sons ocorrentes em português, dependendo do modo como se coarticulam, quer na formação de sílabas poli-alofónicas, quer na formação de sequências polissilábicas.

Os textos de interesse mais geral para o estudo da entoação são as interjeições, sobretudo as perceptuais e as perceptuais-sentimentais, e os entoemas componentes de frases elocucionais compostas ou constituindo frases elocucionais simples.

Tanto no sector das interjeições, se estas são toemáticas, como no sector dos entoemas, considera-se, principalmente: a) A entoação toemática; b) A entoação de realce; c) A entoação sentimental.

Algumas concretizações elucidativas, relativamente aos entoemas:

a) A entoação toemática do entoema, isto é, a entoação que manifesta o seu toema fundamental, apresenta uma figuração tonal-tensional que se caracteriza por um decréscimo tensional e por uma tonalidade descendente se o toema é conclusivo, e por uma tonalidade não-descendente — ascendente ou constante — se o toema é inconclusivo.

Pode objectar-se: toemas fundamentais possivelmente ocorrentes noutras línguas, se forem definidos como na portuguesa, não constituem características que distingam a entoação do português da entoação de qualquer outra língua.

Contesta-se: a referida caracterização é manifestada por alofones ou por sequências alofónicas que são realizações de fonemas portugueses. Como tais se distinguem, normalmente, mesmo que sejam perceptualmente idênticos os seus comportamentos.

De modo semelhante se contestam objecções análogas, nos sectores da entoação de realce e da entoação sentimental.

Outras características da entoação toemática:

— a entoação da variante conclusiva do toema não-finalizante, é, geralmente, particularizada por uma qualidade regressiva, ao passo que a da variante conclusiva do toema finalizante apresenta, sempre, regressão;

— a entoação da variante inconclusiva do toema de tonalidade ascendente ou constante pode manifestar regressão ou progressão qualitativa;

— a entoação de uma sequência primacial ditoemática *conclusiva*, distingue-se, consequentemente, como conclusiva-cumulativa / ascendente-descendente / constante-descendente / ao passo que a tritoemática *conclusiva* se distingue como conclusiva-cumulativa / ascendente-descendente-descendente /, etc.

— a entoação de uma sequência primacial ditoemática *inconclusiva*, distingue-se como inconclusiva-cumulativa ascendente / inconclusiva-cumulativa-constante / inconclusiva constante-ascendente /, etc., ao passo que a entoação de uma sequência primacial tritoemática *inconclusiva* ascendente se distingue como inconclusiva-cumulativa / descendente-ascendente-ascendente /, etc., e a de uma sequência primacial tritoemática *inconclusiva* constante se distingue como inconclusiva-cumulativa constante / constante-constante-ascendente /, etc., etc.

Constituem outras características da entoação toemática, as originadas pelo contraste de nível tonal inicial de toemas fundamentais.

b) A entoação de realce do entoema, isto é, a entoação que valoriza toda a sua apresentação ou parte dela, destacando-o de um ou do outro modo, distingue-se —

— pelo nível tonal ou pela variação de nível tonal da sua sílaba única, se o entoema é monossilábico, ou pelos níveis tonais ou pelas variações de níveis tonais das suas sílabas componentes, quando se trata de um entoema polissilábico;

— pelos aspectos temporais, tensionais e qualitativos que particularizam o persistir ou o variar de nível ou de níveis tonais silábicos manifestados pelo entoema.

Uma entoação que realce o trecho toemático de um entoema, ou um entoema totalmente toemático, é, simultaneamente, entoação de realce e entoação toemática realçada.

c) A entoação sentimental do entoema, só por si, ou por si e contextualmente, exprime um sentimento, ou um conjunto de sentimentos, ou uma sequência sentimental, quer se trate de uma particularização expressiva *dependente* do acto de compreensão que motiva o entoema (resultante de uma verbalização) que a manifesta, quer se trate de uma particularização expressiva *independente* do referido acto, originada por um estado de ânimo do locutor ao proferir o entoema (resultante de uma verbalização ou de uma leitura, ou recordado).

Na «Análise de expressões sonoras da compreensão» examinou-se uma centena de particularizações expressivas de interjeições que traduziram sentimentos diversos ou sequên-

cias de sentimentos. Estudaram-se, nesta obra, particularizações expressivas de entoemas mono e polivocabulares, informativa e interrogativamente actuaes que traduziram, também, diferentes sentimentos ou sequências sentimentais.

Comparando o que observámos, pormenorizadamente, nos estudos mencionados, com o que posteriormente observámos, ouvindo, simplesmente, textos em línguas estrangeiras, fomos levados a admitir como muito provável que expressões em português, de sentimentos tais como os de pesar, de alegria, de admiração, de estranheza, de suspeita, ou de confrangimento, etc., ofereçam aspectos semelhantes de entoação, por vezes muito sensíveis, se bem que sejam apresentados por alofones ou por sequências de alofones que são realizações de fonemas ou de sequências de fonemas portugueses, e por isso mais ou menos diversos das realizações expressivas, sentimentalmente correspondentes, ocorrentes numa outra língua.

Pouco mais se poderia acrescentar ao que se disse sobre características da entoação sentimental portuguesa. Faltam trabalhos complementares que ampliem o pouco que se sabe sobre a particularização expressiva elocucional, de sentimentos, em português.

Faltam, por outro lado, relativamente a outras línguas, estudos de expressão elocucional, desta ou daquela espécie — expressiva-sentimental, expressiva-delimitativa, expressiva de realce, etc., — sistematicamente orientados de modo a facultarem confrontos em nível científico.

Gostaríamos de poder imaginar que serão possíveis estudos comparativos com elevado grau de pormenorização, da particularização elocutiva e, consequentemente, da entoação, mediante confronto de textos devidamente organizados, em línguas diferentes, num futuro pouco distante.

Observa-se, embora tardiamente, que foi considerada apenas auditivamente, e em baixo nível de pormenorização, a entoação da «elocução segredada» bem como a de trechos áfonos da elocução normal.

Desprovida de linha tonal, tal elocução motiva, todavia, no ouvinte, percepções de constância ou de variação de «altura» que reclamam pesquisas instrumentais difíceis de programar e de efectuar.

Estas e outras lacunas, sobretudo no sector da entoação sentimental, só poderão ser preenchidas mediante morosas pesquisas complementares.

Relativamente à falta de uma bibliografia, explicou-se no décimo parágrafo do primeiro capítulo, que esta obra assentava em discriminações que não se verificavam em trabalhos de outrem que fossem do nosso conhecimento. Acentua-se:

Foi nova a distinção estabelecida entre «vocábulo» e «palavra»; também o foi, consequentemente, a observada entre «frase vocabular» e «frase elocucional». Distinguiu-se entre «linha tonal» e «tonalidade»; introduziram-se os novos conceitos de «toema» e de «entoema». Provou-se a inexistência de frases alofonicamente interrogativas, considerando-se diversamente o possível significado contextual. Compreendeu-se a importância do comportamento tensional como elemento da particularização expressiva-

-delimitativa e da expressiva-sentimental. A par da expressão sentimental «apresentativa» ou «alofónica» considerou-se a sentimental «lexical» ou «vocabular». Tomou-se uma atitude fundamentalmente diversa da geral, perante o que se deve entender por «entoação».

Excepcionalmente se faz, agora, referência ao livro «Der Ausdruck der Sprechstimme» de Felix Trojan (Verlag für medizinische Wissenschaften, Wilhelm Maudrich Wien-Düsseldorf, 1952) e ao artigo «Les sons du Langage et leurs informations» de Dr. L. Kaiser (Librairie Maloine, S. A., Paris, 1953). Destes trabalhos só recentemente tivemos conhecimento. Em qualquer deles, assim como na nossa «Análise de Expressões Sonoras da Compreensão» se estudou a «expressão da voz», mas foi diferente o modo como a considerámos. A semelhança do tema motivou, naturalmente, a semelhança de algumas deduções. Ao encontro de possíveis conjecturas informa-se que a citada «Análise» foi publicada em 1950.

Trojan procurou descobrir e descobriu certas articulações que denominou «acuemas» («Akueme») e que traduzem certos sentimentos. Poderíamos denominar essas articulações «articulemas sentimentais». Servem de exemplo «aperto de faringe» para manifestar «repulsa» e seu «alargamento» para exprimir, possivelmente, admiração ou entusiasmo.

Importa dizer que o trabalho de Trojan não pode deixar de ser estudado pelo investigador interessado em desenvolver o exposto sobre a particularização expressiva-sentimental.

Devem-se a L. Kaiser observações muito curiosas sobre os três seguintes pares de sentimentos: alegria-tristeza do indivíduo perante si próprio / entusiasmo-repulsão como reacção perante uma coisa ou uma abstracção / amabilidade-cólera como reacção perante um outro indivíduo.

Estudos espectrográficos de vogais exprimindo alegria, repulsão, amabilidade, entusiasmo cólera, ou tristeza, facultaram-lhe interessantes observações sobre a constituição dos respectivos espectros. Entre muitas outras coisas verificou-se que as vogais «a», «o», «e», traduzindo alegria, apresentam um espectro com uma considerável extensão de componentes de alta frequência, o que não sucede no caso de traduzirem tristeza, excepto tratando-se da vogal «e» que tem essas frequências como «formantes».

São muitas as dificuldades que oferece o estudo da particularização expressiva, e uma delas, no domínio da particularização sentimental, é a impossibilidade de se proferir um texto, ainda que seja de mínima extensão alofónica, que exteriorize um só sentimento.

A terminar e porque é oportuno fazê-lo, transcrevem-se algumas das afirmações que figuram na referida «Análise» e aqui se confirmam:

«A grande variedade de elementos expressivos e a sua plasticidade, bem como a diversidade no modo como se conjugam, evidenciam a extrema mobilidade da forma de compreensão, ainda que não saíamos do domínio da expressão avocabular. Desde a compreensão obscura até à compreensão clara, são inúmeras as variantes. Estas diferem conforme a espécie, o número, a ordenação e o grau de intensidade dos aspectos envolvidos.

O ponto de partida de uma compreensão é, geralmente, um elemento de uma compreensão anterior ou a sua totalidade. Verifica-se um contínuo fluir de aspectos resultantes da sensibilidade que se unificam em subcom-

preensões instáveis de uma compreensão permanentemente modificada conforme o mundo exterior-interior de cada indivíduo o determina.»

Em outro trabalho («Facteurs de la variation élocutive,») se disse e aqui se sublinha:

«L'investigateur trouvera des variantes de la forme élocutive qui lui permettront l'établissement d'un système expressif scientifiquement déterminé tant qu'il ne dépassera pas les limites imposées par une compréhension claire. Dès qu'il franchira ces limites, il entrera dans le domaine de l'expression instable et imprécise, domaine qui réfléchit l'instabilité et l'imprécision de la compréhension qui lui correspond.»

E quantas vezes se experimenta a impossibilidade de se verbalizar o que se pensa ou sente. Experimentou essa impossibilidade o Poeta (Campos de Figueiredo, *Navio na Montanha*), compreendendo-a, integralmente, quando escreveu:

*«Anda comigo
Uma palavra que não digo,
Porque é só pensamento.»*

ARMANDO DE LACERDA

*Director, aposentado, do Laboratório de Fónica Experimental
da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*

ÍNDICE DOS CAPÍTULOS E DOS RESPECTIVOS PARÁGRAFOS

	Págs.
6 — <i>Toemas e textos elocucionais toemáticos e atoemáticos</i>	1
6.1 — Toema	1
6.2 — Toema e Contoema	4
6.3 — Toemas fundamentais e toemas secundários	4
6.4 — Actuação delimitativa-expressiva de um toema fundamental . .	5
6.5 — Palavras toemáticas e palavras atoemáticas	5
6.6 — Interjeições toemáticas e interjeições atoemáticas	6
6.7 — Sequências de toemas e <i>trechos atoemáticos transicionais</i> . . .	7
6.8 — <i>Sequências primaciais</i> de toemas	7
6.9 — Modalidades delimitativas e toemas fundamentais correspon- dentes	9
6.10 — Constituição e significado do toema conclusivo	9
6.11 — Constituição e significado do toema inconclusivo	9
6.12 — Variantes de realização do toema conclusivo	10
6.13 — Variantes de realização do toema inconclusivo	10
6.14 — Variantes de sequências primaciais ditoemáticas e tritoemáticas conclusivas	11
6.15 — Variantes de sequências primaciais ditoemáticas e tritoemáticas inconclusivas	11
6.16 — Representações de toemas e de sequências de toemas	12
6.17 — Trecho toemático e trecho atoemático	13
6.18 — Texto elocucional toemático e texto elocucional atoemático . .	13
6.19 — Palavras mono-alofónicas que manifestam um toema funda- mental	13
6.20 — Palavras mono-alofónicas que manifestam uma sequência con- clusiva, de toemas	15
6.21 — Palavras mono-alofónicas que manifestam uma sequência, inconclusiva, de toemas.	16
6.22 — Particularização do toema fundamental de uma sequência de dois toemas, originada pelo comportamento tonal do trecho atoemático transicional	16
6.23 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência conclusiva cumulativa	17
6.24 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência conclusiva de tipo ascendente-descendente	18
6.25 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência conclusiva de tipo constante-descendente	18

	Págs.
6.26 — Variantes de realização de uma sequência ditoemática conclusiva.	19
6.27 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva cumulativa de tipo ascendente	19
6.28 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva, cumulativa, de tipo constante	20
6.29 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo ascendente-constante	20
6.30 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo constante-ascendente	21
6.31 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo descendente-ascendente	21
6.32 — Contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência inconclusiva de tipo descendente-constante	22
6.33 — Variantes de realização de uma sequência ditoemática, inconclusiva	22
6.34 — Acento toemático e Acento atoemático	24
6.35 — Acento toemático fundamental e Acento toemático secundário. Acento toemático impulsivo	24
6.36 — Sílabas que não comportam mais do que um toema	24
6.37 — Sílabas que podem apresentar um só toema ou uma sequência de dois toemas	25
6.38 — Sílaba toemática	25
6.39 — Sílaba toemática fundamental	25
6.40 — Sílaba toemática impulsiva	26
 7 — Entoemas	 27
I) Entoema e variantes da sua realização	27
7.1 — Entoema	27
7.2 — Momentos delimitativos de um entoema	32
7.3 — Entoema monotoemático e Entoema politoemático	33
7.4 — Trechos toemáticos e atoemáticos de entoemas	34
7.5 — Notação de um entoema	34
7.6 — Notações de entoemas com um reduzido grau de pormenorização do seu comportamento tonal	36
II) Entoemas mono e poli-alofônicos, monossilábicos, monovocabulares	37
7.7 — Entoema mono-alofônico monotoemático	37
7.8 — Comportamento qualitativo do entoema mono-alofônico monotoemático	37
7.9 — Entoema mono-alofônico ditoemático	38
7.10 — Comportamento qualitativo do entoema mono-alofônico ditoemático	38
7.11 — O comportamento qualitativo final de um entoema mono-alofônico é, normalmente, regressivo.	41

	Págs
7.12 — Representações de comportamentos tonais-qualitativos de entoemas	42
7.13 — Realização de um entoema monossilábico, poli-alofónico, monotoemático	43
7.14 — Níveis e faixas tonais de entoemas monovocabulares monossilábicos	46
7.15 — Nível tonal de um entoema monossilábico mono-alofónico	46
7.16 — Nível tonal de um entoema monossilábico poli-alofónico	47
III) Entoemas monovocabulares polissilábicos	47
7.17 — Classes de entoemas monovocabulares polissilábicos	47
7.18 — Entoemas monovocabulares, agudos, monotoemáticos	48
7.19 — Entoemas monovocabulares, agudos, ditoemáticos	49
7.20 — Entoemas monovocabulares, agudos, tritoemáticos	50
7.21 — Entoemas monovocabulares, graves, monotoemáticos	50
7.22 — Entoemas monovocabulares, graves, ditoemáticos e tritoemáticos	50
7.23 — Entoemas monovocabulares, esdrúxulos, monotoemáticos	51
7.24 — Entoemas monovocabulares, esdrúxulos, com dois ou três toemas	51
7.25 — Níveis e faixas tonais de entoemas monovocabulares polissilábicos	52
7.26 — Nível tonal predominante de uma sílaba tónica	52
7.27 — Nível tonal predominante de uma sílaba átona	53
7.28 — Sucessão de níveis tonais silábicos no decorrer de um entoema polissilábico	53
7.29 — Deslizes tonais silábicos	53
7.30 — Lacunas tonais	56
7.31 — Níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular polissilábico	57
7.32 — Níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular, polissilábico, oxítono	57
7.33 — Níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular, (polissilábico) paroxítono	60
7.34 — Níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular proparoxítono	63
7.35 — Níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular, polissilábico, oxítono, ou paroxítono, ou proparoxítono	65
7.36 — Sequências possíveis e sequências particularizantes de níveis tonais silábicos de entoemas monovocabulares polissilábicos	65
IV) Modalidade comunicativa do entoema	66
7.37 — Entoema e Comunicação	66
7.38 — Modalidade comunicativa de um entoema	67
7.39 — Distinção de um entoema monovocabular, conclusivo, informativamente actuante, segundo o que significa elocucionalmente	68
7.40 — Entoema informativamente actuante e compreensão	68
7.41 — Aceitação e grau de aceitação de uma compreensão expressa por um entoema conclusivo, informativamente actuante	71

	Págs.
7.42 — Entoema interrogativamente actuante e compreensão	74
7.43 — Modalidade delimitativa ou toemática do entoema e toemas delimitativos	80
7.44 — Relaciona-se a modalidade comunicativa do entoema com a sua modalidade delimitativa ou toemática	81
7.45 — Modalidade comunicativa de um entoema monovocabular conclusivo	82
7.46 — Modalidade comunicativa de um entoema monovocabular inconclusivo	86
7.47 — Atitude expectante e condicionamento da sua actuação . . .	88
7.48 — Contexto mímico de um entoema	90
7.49 — Pausa elocutiva e contexto mínimo	91
7.50 — <i>Contexto global</i> de um entoema	91
8 — <i>Particularização apresentativa do entoema monovocabular</i>	93
8.1 — Aspectos apresentativos-auditivos particularizantes do entoema monovocabular	93
8.2 — Particularização idiofónica	93
8.3 — Particularização idiofonética	94
8.4 — Particularização circunstancial	94
8.5 — Particularização expressiva	95
8.6 — Particularização expressiva-delimitativa	96
8.7 — Particularização expressiva de realce	96
A)	
8.8 — Particularização tonal de realce de um entoema monossilábico. .	97
8.9 — Particularização tonal de realce de um entoema monovocabular polissilábico	97
8.10 — Sequências particularizantes de níveis tonais silábicos de entoemas monovocabulares, polissilábicos, oxítonos, paroxítonos ou proparoxítonos	100
8.11 — Particularização temporal de realce de um entoema monossilábico	100
8.12 — Particularização temporal de realce de um entoema monovocabular polissilábico	101
8.13 — Tipos de particularização temporal mais ou menos frequentes e de maior ou menor realce	103
8.14 — Particularização tonal-temporal, de realce, de um entoema monovocabular	104
8.15 — Particularização tensional, de realce, de um entoema monovocabular	105
8.16 — Particularização tona-temporal-tensional de realce de um entoema monovocabular	107
8.17 — Particularização <i>qualitativa</i> , de realce, de um entoema monovocabular	107
8.18 — Particularização tonal-temporal-tensional-qualitativa de realce de um entoema monovocabular	109

	Págs.
8.19 — Particularização expressiva <i>simples</i> e particularização expressiva <i>conjunta</i> , de realce	109
8.20 — Particularizações, de realce, sucessivas	110
8.21 — Particularização expressiva de realce e <i>acentuação</i> de um entoema monovocabular polissilábico	110
8.22 — Significado de particularizações expressivas, de realce, de entoemas monovocabulares	112
B)	
8.23 — Particularização expressiva sentimental	113
8.24 — Particularização expressiva simultaneamente de realce e sentimental de um entoema monovocabular	114
8.25 — Condicionamento do significado de uma particularização apresentativa de um entoema monovocabular	115
8.26 — Particularização sentimental <i>independente</i>	120
8.27 — Frequente incompreensão ou ambiguidade do significado elocucional de entoemas monovocabulares com particularização sentimental "independente"	121
8.28 — Entoemas monovocabulares cuja particularização tem um significado expressivo semelhante ao seu significado lexical	122
8.29 — Entoemas monovocabulares cuja particularização tem um significado expressivo semelhante a um aspecto do seu significado lexical	124
8.30 — Particularização e <i>expressão elocucional</i> de um entoema monovocabular	125
9 — Entoemas Polivocabulares	127
9.1 — Entoemas polivocabulares e sua <i>extensão</i>	127
9.2 — Continuidade apresentativa do entoema polivocabular	127
9.3 — Grau de coarticulação fônica e grau de unificação apresentativa de um entoema polivocabular.	128
9.4 — Acentuação final do entoema polivocabular	129
9.5 — Modalidade delimitativa de um entoema polivocabular	130
9.6 — Entoemas polivocabulares mono e politoemáticos	130
9.7 — Modalidade comunicativa de um entoema polivocabular conclusivo	130
9.8 — Mod. comunicativa de um entoema polivocabular inconclusivo.	131
9.9 — Determinantes da mod. comunicativa de um entoema	134
9.10 — Distinção de um entoema poliv., conclusivo, informativamente actuante, segundo o que significa elocucionalmente	135
9.11 — Entoema <i>defectivo</i>	135
10 — Particularização apresentativa do entoema polivocabular	137
10.1 — Aspectos apresentativos-auditivos, particularizantes, do entoema polivocabular	137
10.2 — Particularização idiofônica.	137
10.3 — Particularização idiofonética	137
10.4 — Particularização circunstancial	138

	Págs.
10.5 — Particularização expressiva-delimitativa	138
10.6 — Particularização expressiva de realce	138
10.7 — Particularização tonal, de realce, de um entoema poliv.	139
10.8 — Particularização temporal, de realce, de um entoema poliv.	145
10.9 — Ritmo particularizante (de realce) de um entoema poliv.	145
10.10 — Andamento particularizante, de realce, de um entoema polivocabular	147
10.11 — Particularização tonal-temporal de um entoema poliv.	147
10.12 — Particularização tensional de um entoema poliv.	149
10.13 — Particularização tonal-tensional-temporal de um entoema poliv.	150
10.14 — Particularização qualitativa de um entoema poliv.	150
10.15 — Particularização tonal-tensional-qualitativa-temporal de um entoema poliv.	151
10.16 — Confronta-se o processo de particularização apresentativa do entoema poliv. com o do entoema monov.	151
10.17 — Particularizações expressivas <i>simples</i> e particularizações expressivas <i>conjuntas</i> , de realce	152
10.18 — Particularização expressiva de realce e <i>acentuação</i>	152
10.19 — Particularizações expressivas, de realce, de entoemas polivocabulares	153
10.20 — Particularização expressiva-sentimental de um entoema polivocabular	153
10.21 — Frequente incompreensão ou ambiguidade do significado elocucional de entoemas polivocabulares com particularização sentimental “independente”	154
10.22 — Particularização expressiva simultaneamente de realce e sentimental de um entoema poliv.	154
10.23 — Entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao significado lexical de uma ou de mais do que uma das suas palavras componentes	155
10.24 — Entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao significado lexical de uma ou de mais do que uma das suas palavras componentes, durante parte do decurso.	155
10.25 — Entoemas polivocabulares com significado expressivo, sentimental, semelhante ao seu significado lexical	156
11 — <i>Entoemas associados</i>	157
A)	
11.1 — Entoemas sucessivos	157
11.2 — Associação de entoemas	157
11.3 — Unificação de entoemas	158
11.4 — Sequências de entoemas	161
B)	
11.5 — Unificação ou não-unificação de entoemas sucessivos, segundo a sua mod. delimitativa e a sua mod. comunicativa	163
11.6 — Unificação e Cisão de entoemas	166

	Págs.
11.7 — Sequências de 2 entoemas que não mudam de significado lexical nem de modalidade comunicativa, mediante inversão da sua ordem de sucessão	168
11.8 — Sequências de 2 entoemas cuja modalidade comunicativa se inverte, possivelmente, se for invertida a sua ordem de sucessão	169
11.9 — Sequências de 2 entoemas elocucionalmente unificáveis numa dada ordem de sucessão e não-unificáveis na ordem inversa	169
11.10 — Sequências de 2 entoemas que são ou não lexicalmente unificáveis conforme o seu contexto actuante	171
11.11 — Pares de entoemas predominantemente particularizados pelo seu entoema final	173
11.12 — Modalidade comunicativa de 2 entoemas sucessivos e da sua sequência	174
11.13 — Modalidade comunicativa de 2 entoemas lexicalmente unificáveis e da sua sequência conclusiva	175
11.14 — Modalidade comunicativa de dois entoemas lexicalmente unificáveis e da sua sequência inconclusiva	177
11.15 — Determinantes da modalidade comunicativa de dois entoemas sucessivos, lexicalmente unificáveis, e da sua sequência	179
C)	
11.16 — Sequência de 3 entoemas elocucionalmente unificáveis e entoema resultante da sua unificação	181
11.17 — Cisão de um entoema em entoemas semelhantes aos que o originaram unificando-se	181
11.18 — Sequências de 3 entoemas que não mudam de significado e sequências que mudam, alterando a sua ordem de sucessão	181
11.19 — Sequências de 3 entoemas que só são unificáveis com um determinado significado, numa determinada ordem de sucessão	182
11.20 — Sequências de 4 ou mais entoemas lexicalmente unificáveis	183
11.21 — Modalidade comunicativa de uma sequência de 3 ou mais entoemas e de cada um deles	184
11.22 — O que se deduz do exposto sobre a mod. comunicativa de uma sequência de entoemas lexicalmente unificáveis	186
D)	
11.23 — Entoema e Frase elocucional	187
11.24 — Unificação e cisão de frases elocucionais	188
11.25 — Frase elocucional e espécie de elocução que lhe corresponde	190
11.26 — Frase elocucional <i>recordada</i>	191
11.27 — Frase elocucional <i>lida</i>	192
11.28 — Frase elocucional resultante de uma verbalização	194
11.29 — Frase elocucional-vocabular, atoemática	195
11.30 — Frase elocucional parcialmente resultante de uma verbalização	197
11.31 — Frase elocucional <i>apresentativamente motivada</i>	199
11.32 — Composição de um texto elocucional e respectiva espécie de elocução	199

	Págs.
12 — Significado de um texto elocucional e suas determinantes	201
12.1 — Textos elocucionais que se examinam para se prosseguir no estudo do condicionamento do seu significado	201
12.2 — Ordenação dos textos elocucionais considerados para exame do seu significado	202
12.3 — O significado de uma frase elocucional simples é o significado do entoema que a constitui	202
12.4 — Significado elocucional e aspecto de <i>aceitação</i> ou de <i>inaceitação</i> , de um entoema	202
A) Elocuções resultantes de uma verbalização	207
12.5 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular mono-alofônica	207
12.6 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, monossilábica, poli-alofônica	212
12.7 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, dissilábica, aguda	214
12.8 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, tetrassilábica, aguda	217
12.9 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, dissilábica, grave	219
12.10 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, tetrassilábica grave.. . . .	221
12.11 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional monovocabular, hexassilábica, esdrúxula	223
12.12 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional, simples, polivocabular	224
12.13 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional composta.	229
12.14 — Discrimina-se o significado de um texto elocucional constituído por uma interjeição	232
12.15 — Discrimina-se o significado de um texto elocucional constituído por uma sequência de duas interjeições	233
12.16 — Discrimina-se o significado de um texto elocucional constituído por uma interjeição e uma frase elocucional que se lhe segue ou a antecede	233
12.17 — Determinantes do significado elocucional de um texto elocucional-vocabular	234
12.18 — Determinantes do significado de um texto elocucional constituído por uma interjeição	235
B) Elocuções resultantes de uma leitura	235
12.19 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional (lida), monovocabular, mono-alofônica	235
12.20 — Discrimina-se o significado de uma frase elocucional, composta, resultante de uma leitura	236
12.21 — Discrimina-se o significado de uma interjeição resultante de uma leitura	237

	Págs.
12.22 — Determinantes de diversidade do significado elocucional de dois entemas	237
12.23 — Grau de expressividade elocucional	240
13 — <i>Configuração elocucional e Entoação</i>	241
D)	
13.1 — Configuração elocucional	241
13.2 — Configuração elocucional e “figurações” componentes elementares	241
13.3 — Figurações e configurações elocucionais e seus decursos	242
13.4 — Configuração global e “configurações parciais”	242
13.5 — Figurações, configurações, e particularização elocucional	243
13.6 — Figurações ou configurações auditivas e sua representação gráfica	244
13.7 — Representar uma figuração ou uma configuração auditiva implica representar o seu decurso	244
13.8 — Motiva-se o decorrer de uma configuração visual	245
13.9 — Dinamização de representações gráficas, estáticas, de decursos elocucionais	245
13.10 — Motiva-se o decorrer de uma elocução mediante o decorrer de uma configuração visual	247
13.11 — Comenta-se o significado de uma representação gráfica de um decurso elocucional	247
13.12 — Representação gráfica e fonograma de uma elocução	248
13.13 — Examinam-se representações luminosas, dinamizáveis, de configurações mono-alofónicas	249
13.14 — Examinam-se representações luminosas, dinamizáveis, de configurações monovoculares polissilábicas	251
13.15 — Volta a ponderar-se o significado de uma representação gráfica de um decurso elocucional	257
13.16 — Semelhança e “classes de semelhança” apresentativa	259
13.17 — Sonorização do decurso de uma configuração global, visual dinamizada, de uma “apresentação”	262
13.18 — Configuração elocucional geneticamente considerada	263
13.19 — Considera-se, geneticamente, uma configuração de uma elocução real-mental, resultante de uma verbalização	264
13.20 — Determinantes da configuração expressiva de uma elocução real-mental resultante de uma verbalização	266
13.21 — Actuação do objecto que se verbaliza, como determinante da configuração elocucional expressiva resultante	267
13.22 — O que pode comunicar a configuração elocucional expressiva de um texto elocucional-vocabular	268
13.23 — Determinantes da configuração expressiva de uma elocução, real-mental, resultante de uma leitura	270
13.24 — Determinantes da configuração expressiva de uma elocução real-mental, recordada	270
13.25 — O “estado de ânimo”, do locutor, como uma das determinantes da configuração expressiva da elocução	272

	Págs.
13.26 — A expressão delimitativa, toemática, como uma das determinantes da configuração expressiva da elocução	274
13.27 — Aspectos não-expressivos da configuração elocucional	274
13.28 — Configuração elocucional e tonalidade	275
13.29 — Configuração elocucional e qualidade	275
13.30 — Configuração elocucional e tensão	275
13.31 — Configuração elocucional e duração	276
13.32 — Configuração elocucional e pausas elocutivas	276
13.33 — Aspectos actuaes da configuração elocucional expressiva de um texto elocucional-vocabular	279
II)	
13.34 — Entoação	280
13.35 — Entoação e Configuração elocucional	281
13.36 — Entoação de uma elocução	281
13.37 — Representação gráfica da entoação	282
13.38 — Descrição verbal da entoação de um texto	283
13.39 — Redacção da descrição verbal da entoação de um texto.	283
14 — <i>Versão resumida do estudo efectuado. Conclusões e comentários</i>	285
14.1 — Objectivo deste capítulo	285
1) 14.2 — Domínios do in verbal e do verbal. Verbalização	285
14.3 — Aspectos apresentativos da elocução	287
14.4 — Pensar e compreender	288
14.5 — Recorte e segmentação do decurso elocucional. Toema, entoema e compreensão. Frase elocucional	289
14.6 — Modalidade comunicativa	291
14.7 — Particularização elocucional	293
14.8 — Unificação e cisão de entoemas sucessivos. Sequências especiais de entoemas	297
14.9 — Significado lexical e Significado elocucional independentemente de um contexto	299
14.10 — Condicionamento contextual do significado elocucional.	302
14.11 — Configuração elocucional. Sua representação e dinamização	302
14.12 — Determinantes da configuração expressiva de uma elocução real-mental, resultante de uma verbalização	304
14.13 — Entoação	305
14.14 — Características da entoação de um texto e características da entoação de uma língua	307
2) 14.15 — Primeira série de conclusões seleccionadas como mais importantes	311
14.16 — Segunda série de conclusões seleccionadas como mais importantes	321
3) — Comentários	336

ÍNDICE DOS QUADROS

REVISTA, Vol. VII

	Págs.
Quadro A — Representação gráfica do comportamento tensional (ou tonal) . . .	83
Quadro B — Representação gráfica de formas muito frequentes de comportamento tensional (ou tonal) vocálico	84
Quadro C — Representação gráfica do comportamento qualitativo de uma vogal	91
Quadro D — Representação gráfica de formas frequentes de comportamento qualitativo	92
Quadro E — Representação gráfica de 11 tipos de comportamento tensional, 9 tipos de comportamento qualitativo, e 11 tipos de comportamento da tonalidade	153
Quadro F1 — Representação de 16 comportamentos (globais) tensionalmente constantes	155
Quadro F2 — Representação de 16 comportamentos (globais) tensionalmente decrescentes	155
Quadro F3 — Representação de 16 comportamentos (globais) tensionalmente crescentes	157
Quadro F4 — Representação de 16 comportamentos (globais) com tensão crescente-decrescente	157

REVISTA, Vol. VIII

Quadro I — Representação de variantes de realização do toema e de sequências de toemas	10
Quadro II — Representação de variantes de realização de sequências de toemas.	12
Quadros III e IV — Representações de decursos de toemas	14-15
Quadros V, VI e VII — Representações do contraste de nível tonal, inicial, do toema fundamental de uma sequência	17-20-21
Quadro VIII — Representação de variantes de realização de uma sequência ditoemática conclusiva.	22
Quadro IX — <i>Idem</i> de uma sequência ditoemática inconclusiva	23
Quadros X e XI — Representações gráficas para esclarecimento do conceito de "entoema"	30-32
Quadro XII — Notação de entoemas com reduzido grau de pormenorização do comportamento tonal	36
Quadros XIII e XIV — Representações do comportamento qualitativo de entoemas mono-alofônicos monotoemáticos e de entoemas mono-alofônicos ditoemáticos.	38-39
Quadros XV e XVI — Assinalam decursos de um entoema mono-alofônico ditoemático, sem trecho e com trecho atoemático inicial, respectivamente, além de um trecho atoemático transicional	40-41
Quadros XVII, XVIII e XIX — Representações de comportamentos tonais-qualitativos de entoemas, respectivamente, sem trecho atoemático inicial, com trecho atoemático inicial, com trecho atoemático transicional	42, 42-43
Quadros XX e XXI — Notações de entoemas monovocabulares, agudos, monotoemáticos e de monovocabulares, agudos, ditoemáticos . . .	48-49

	Págs.
Quadro XXII — Esquematização de 9 entoemas resultantes de 9 realizações monotomáticas do vocábulo "ASA" e <i>deslizes tonais originados</i> . . .	55
Quadro XXIII — Esquematização de 3 entoemas resultantes de 3 realizações monotomáticas do vocábulo "ATA" e <i>lacunas tonais originadas</i> . .	56
Quadro XXIV — Tradução gráfica de níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular, dissilábico, oxítono	57
Quadros XXV, XXVI e XXVII — Tradução gráfica de níveis tonais silábicos, relativos, do entoema monovocabular oxítono, respectivamente, trissilábico, tetrassilábico e pentassilábico.	58-59-60
Quadro XXVIII — Diagramas A, B, C e D, que traduzem níveis tonais, silábicos, respectivamente, com duas, três, quatro e cinco sílabas . . .	60
Quadros XXIX, XXX, XXXI — Tradução gráfica de níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular, dissilábico, paroxítono . .	61-62-62
Quadro XXXII — Diagramas A, B, C e D, que traduzem níveis tonais silábicos relativos, de um entoema paroxítono, respectivamente com duas, três, quatro e cinco sílabas	63
Quadro XXXIII — Tradução gráfica de níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema monovocabular proparoxítono, com 3 sílabas	64
Quadro XXXIV — Diagramas A, B, e C, que traduzem níveis tonais silábicos, relativos, de um entoema proparoxítono, respectivamente com 3,4 e 5 sílabas	65
Quadro XXXV — Representação de entoemas monovocabulares oxítonos, de 2,3 e 4 sílabas, com e sem particularização temporal	101
Quadro XXXVI — Representação de entoemas monovocabulares paroxítonos, de 2,3 e 4 sílabas, com e sem ritmo elocucional particularizante . . .	106
Quadro XXXVII — Representação de entoemas monovocabulares esdrúxulos, de 3,4 e 5 sílabas, com e sem ritmo elocucional particularizante . . .	106
Quadro XXXVIII — 4 esquematizações silábicas de 4 entoemas (um inconclusivo e conclusivos os três restantes) com particularização tonal-temporal	106
Quadro XXXIX — Duas esquematizações silábicas (1 e 2) de dois entoemas tensionalmente particularizados, e duas outras (3 e 4) de dois entoemas com particularização tonal-tensional, e tonal-temporal-tensional, respectivamente, de uma das suas sílabas componentes	107
Quadro XL — Esquematizações de níveis e de decursos tonais silábicos, de 14 realizações conclusivas do texto vocabular "EU VOU"	139
Quadro XLI — Esquematizações de níveis e de decursos tonais silábicos, de 14 realizações conclusivas do texto vocabular "ELA VAI"	141
Quadro XLII — Esquematizações de níveis e de decursos tonais silábicos, de 12 realizações conclusivas do texto vocabular "ELA VAI COMPRAR TRÊS FÁBRICAS"	143
Quadro XLIII — Esquematizações de seis entoemas conclusivos, vocabularmente iguais, para apreciação das valorizações seguintes: tonal-temporal (duas formas) / tensional / tonal-tensional-temporal / qualitativa / / tonal-tensional-qualitativa-temporal	148
Quadro XLIV — Representações luminosas, dinâmizáveis, de 4 configurações mono-alofônicas	250

ÍNDICE DAS FIGURAS

REVISTA, Vol. VII

	Págs.
Figura 1 — Indicação gráfica de pausas elocutivas e interlocutivas ocorrentes num breve diálogo	112
Figura 2 — Tradução configurativa do comportamento elocucional de uma realização de um texto	113
Figura 3 — Tonograma (objectivo) de uma interjeição vocálica	148
Figura 4 — Cromograma de uma interjeição	149

Traduções configurativas de comportamentos auditivamente discriminados:

— de apresentações mono-alofônicas

Figuras	5	7	9	11	13	15	17	19	21	24	27	30
Pág.	161	163	164	165	166	168	169	170	172	174	177	179

Tonogramas objectivos respectivamente correspondentes:

Figuras	6	8	10	12	14	16	18	20	22	25	28	31
Pág.	162	164	165	166	167	169	170	171	172	175	177	179
Figuras	23	26	29	32								
Pág.	173	176	178	180								

— de apresentações poli-alofônicas monossilábicas e tonogramas respectivos

Figuras	33 e 34	37 e 38	41 e 42	47 e 48	51 e 52	— Traduções configurativas
Pág.	181	182	184	186	188	
Figuras	35 e 36	39 e 40	43 e 44	49 e 50	53 e 54	— Tonogramas
Pág.	181-2	183	184-5	187	188	
Figuras	55 e 56	59 e 60	63 e 64	— Traduções configurativas		
Pág.	189	190	192			
Figuras	57 e 58	61 e 62	65 e 66	— Tonogramas		
Pág.	190	191	192-3			

Nota — Aos tonogramas 23, 26, 29 e 32, corresponderam traduções configurativas sensivelmente iguais às reproduzidas nas figuras 21, 24, 27 e 30.

— de apresentações polissilábicas e tonogramas respectivos

Figuras 67 69 71 — Traduções configurativas

Pág. 193 194 195

Figuras 68 70 72 — Tonogramas

Pág. 194 195 196

REVISTA, Vol. VIII

Figura 73 — Representação gráfica de decréscimos tensionais de um texto elocucional e dos recortes silábicos que originam	2
Figura 74 — Repetição da Fig. 17 (Vol. VII, pág. 169)	6
Figura 75 — Repetição da Fig. 21 (Vol. VII, pág. 172)	6
Figura 76 — Simbolização fonética, com pormenores expressivos, de um trecho de diálogo	28
Figura 77 — Representação dos comportamentos da tonalidade de 24 entoemas mediante novos sistemas de notação. Entoemas 11 a 24 . .	82
Figura 78 — Representação, como na fig. 77, de comportamentos da tonalidade de 16 entoemas, (25 a 40)	87
Figura 79 — Representação, como nas figuras 76 e 77, com pormenorização da coarticulação fônica e do grau de unificação apresentativa de 9 entoemas (91 a 99)	128
Figura 80 — Simbolização fonética semelhante à que se verifica nas figuras 77, 78 e 79, de 8 entoemas (100, 101, 102, 103, 104, 105, 108 e 112) .	131
Figura 81 — Notação fonética para apreciação do significado de frases elocucionais	215
Figura 82 — Notação fonética de frases elocucionais para estudo do seu significado	227
Figura 83 — Repetição da Fig. 2 (Vol. VII-pág. 113)	243
Figura 84 — Tradutor de configurações sonoras em configurações luminosas .	246
Figura 85 — Disco rotativo do "Tradutor" para iluminação e dinamização das configurações nele fixadas	246
Figura 86 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva de um vocábulo, dissilábico, agudo	252
Figura 87 — Representação de uma configuração originada por uma realização inconclusiva de um vocábulo, dissilábico, agudo	253
Figura 88 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo "ASA"	254
Figura 89 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo "ATA"	254
Figura 90 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo "DÁDIVA"	255
Figura 91 — Representação de uma configuração originada por uma realização conclusiva do vocábulo considerado na fig. anterior	257

ERRATA

REVISTA, Vol. VII

<i>Pág.</i>	<i>Linha</i>	<i>Onde se lê:</i>	<i>Leia-se:</i>
54	35	a palavra	essa estrutura
70	30	realmente	real-mentalmente
70	31	e quase	ou mental, e quase
90	19	speechstrecher	speech-stretcher
125	15	resultantes	resultante
130	21	ouve	discrimina
133	19	com	como
133	28	A;	A (Sector 1);
133	30	B;	B (Sector 1);
176	9	(I') (se não foi corrigido)	(I)

REVISTA, Vol. VIII

52	2	possilábico	polissilábico
78	32	de quem o	de quem a
79	10	ao	como resposta ao
88	6	inversivo	inverbal
90	19	tê-la	tê-lo
94	10	(7.52)	(8.2)
105	22	um ou mais do que um	algum ou alguns
148	24	Quadro LXIII	Quadro XLIII
164	16	actue, interrogativamente	actue interrogativamente
167	28	depois de	depois do
187	9	contexto for	contexto, for
196	14	ascendente,	ascendente ou constante,
207	25	(4.22); de	(4.22) de
224	13	B)	suprimir B)
231	32	tamporal-longo	temporal-longo
285	28	sua apresentação	estrutura fonémica do seu vocá- bulo inerente
336	40	uma	um

Nota — Continuou a escrever-se “rapidamente”, “possivelmente”, etc., em vez de “rapidamente”, “possivelmente”, etc., segundo a nova norma, para se evitar uma falta de uniformidade ortográfica entre o texto impresso antes e o texto impresso depois da modificação introduzida.

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA «IMPrensa DE COIMBRA»
LARGO DE S. SALVADOR, 1 A 5 — COIMBRA

